BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLVII)

HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME VIII)

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1905

MEMORAVEL RELAÇÃO

DA

PERDA DA NAO CONCEIÇÃO

Que os turcos queimaram á vista da barra de Lisboa, e varios successos das pessoas que nella cativaram. Com a nova descripção da Cidade de Argel, de seu governo, e cousas mui notaveis acontecidas nestes ultimos annos de 1621 até o de 626

POR

JOÃO CARVALHO MASCARENHAS

Que foi cativo na mesma nao

DEDICADA

A D. PEDRO DE MENEZES

Prior da Igrêja de Santa Maria de Obidos

Em Lisboa
Com todas as licenças necessarias
Na officina de Antonio Alvares
Anno de 1627

CARTA DEDICATORIA

A D. PEDRO DE MENEZES, Prior da Igreja de Santa Maria d'Obidos

POSTO, que a maior parte desta minha relação é fundada sobre uma materia de pouca estima, e baixo sogeito, por serem successos acontecidos entre escravos, e cativos: com tudo não deixa de ter algum espirito, e curiosidade, assim na descripção nova da cidade de Argel, como na peleja que tiveram dezasete naos de turcos com a nao Nossa Senhora da Conceição, com a qual pelejaram dous dias, e desesperados de a poderem render lhe puseram fogo, nem deixa de ser exemplar em historia, pois nella se vê que uns com martyrio ganharam o ceo, e outros deixando a fé o perderam, e muitos com industria se livraram de grandes trabalhos, outros que sofrendo-os

vieram em liberdade a gozar de suas patrias: além de que trabalhos não perde nada sabe-los, quem não os experimentou, e mais os desta qualidade, pelos quaes tem passado nas partes de Berberia, e Africa, condes, marquezes, e duques, e até as mesmas pessoas reaes: principalmente neste nosso reino de Portugal. Não se izentando ninguem por mais prospero que seja, de cuidar que não lhe póde acontecer, o que tem acontecido a tantos, e o que tem noticia de cousas semelhantes, já sabe como se ha de haver nellas.

E porque os antepassados de V. M. experimentaram isto tanto á sua custa, que o senhor D. João de Menezes, que está em gloria, avô de V. M. morreu em Africa, em poder de mouros, e o senhor D. Diogo seu pae, que está no ceu, ficou cativo delles. Ponho debaixo do amparo, e favor de V. M. esta minha relação: porque nella apresento tambem a V. M. meus trabalhos, pois todos os que conto passaram por mim, em todos os successos que relato me achei; tirando outros muitos que tive na India, de que não trato, e todos em serviço de sua Magestade, que por esta razão ficam sendo de mais qualidade, e merecimento, e V. M. com mais obrigação, pelo clarissimo sangue de Menezes, que tem de a amparar, e como eminente nas letras de a defender, e deste seu antigo criado aceitar este pequeno serviço, cuja pessoa, Nosso Senhor guarde, largos e felizes annos. Lisboa hoje 25 de agosto de 627.

Criado de V. M.

João Carvalho Mascarenhas.

AO LEITOR

NÃO foi presumção, nem confiança que tivesse. Sendo meu cabedal tão limitado, de cuidar que escritos meus pudessem sair a luz: dando á impressão a perda da nao Conceição, que os turcos queimaram á vista da Ericeira, e descripção nova da cidade de Argel, muralhas, fortalezas, numero de gente, artelharia, governo dos turcos, assim na cidade, como na guerra, o modo que hão de seguir os cativos para melhor livrar, como se conservam as egrejas, e sacerdotes, a perfeição com que os officios divinos se celebram entre estes infieis, dos martyres que nestes ultimos annos morreram pela fé, varios successos, que muitos cativos tiveram, fugidas que intentaram, e outras cousas dignas de se saberem.

Meu intento foi contar verdades (que em tudo o que escrevo como testemunha de vista poderei jurar) pelo

que me pareceu não ser necessario adorno de palavras, nem linguagem floreada, que esta muitas vezes serve mais de escurecer, e confundir a historia, que de a declarar, e dar gosto a quem a lê, e tambem foi dar a entender clara, e brevemente como pratico na milicia da India, e na de diversas partes, e como quem militou nellas: a valerosa peleja desta nao, e a força que nossos inimigos tem na cidade de Argel, e os trabalhos que em serviço desta coroa tenho passado.

Segundariamente foi ver, que sendo a cidade de Argel perseguição continua da christandade, donde tanto dinheiro, e fazenda se tem consumido parte por roubos, parte por resgates, e donde ha sómente deste nosso reino, mais cativos que de outro algum, e que havendo nelle tantos soldados, tantos letrados, tantas pessoas graves, e doutas: não houvesse quem escrevesse della algum tratado moderno em nossa lingua, occupando por ventura a sutileza de seus engenhos em livros de menos importancia.

Esta razão me persuadiu que não seria esta relação mal recebida, principalmente de muitos a quem sua sorte levou a esta terra: e de outros que por sua curiosidade desejam saber de seus presidios e governo, e posto que o contentamento de contar trabalhos passados me póde ficar por premio. O ser bem aceita o terei por tão grande, quanto é o gosto com que a offereço. Vale.

Relação da perda da nao Conceição, que os turcos queimaram á vista da barra de Lisboa no anno de 1621

CAPITULO I

Da partida de Goa, e mais successos até Santa Helena

PARTIU a nao Nossa Senhora da Conceição, feita na India, da barra de Goa o primeiro de Março de 621 da qual era capitão Jeronimo Correa Peixoto, que tinha ido por capitão da nao Guia, e como esta não fosse muito velha, mandou sua Magestade que a fabrica della, capitão, officiaes, e artelharia se passasse á nova, que estava no estaleiro em Goa, o que a gente della fez aquelle inverno com grande trabalho, e despeza, por haverem já invernado em Moçambique o anno atrás, que já parece que se iam aparelhando para os grandes trabalhos que lhe estavam guardados: mas o animo, e gosto com que os portuguezes que pasam á India servem a sua Magestade é tanto, que não reparam em grandes perigos, e nau-

fragios que acontecem á ida, e vinda, nem em enfermidades, e successos da guerra em que continuamente andam os que lá servem, levados mais da honra, e lealdade de servir a seu Rei, que do premio, e satisfação que se lhe dá a seus merecimentos.

A nao Conceição bem aparelhada, carregada, e rica, deu á vela uma segunda feira pela manhã, em companhia da nao Capitania Penha de França, de que era capitão mór Gaspar de Melo, e com prospero vento ambas, em cincoenta e tres dias de viagem foram dar vista de terra do Cabo de Boa Esperança em trinta e tres graus uma segunda feira pela manhã e com vento em popa, iam correndo as naos ambas a costa, e se á vista do Cabo se lhe não fizera o vento ponteiro, e roim fizeram uma brevissima e prospera viagem, e durando-lhe o vento que levavam mais algum espaço, o passavam; mas como por secretos divinos estava a nao guardada para tão triste successo, foi Deus servido dar-lhe tão rijo, e tempestuoso vento, que de dentro da nao levou um golpe de mar a um mancebo passageiro chamado João Cascão, e com as mais crueis tormentas que se viram andaram quarenta e quatro dias ao pairo sem se poder dobrar o Cabo de Boa Esperança. Não deixaram de ser estes dias de tormenta causa do que depois veio a succeder: porque aqui se perdeu a nao Capitania de vista, não por falta do capitão mór Gaspar de Melo, que sempre a acompanhou como muito grande servidor que é de sua Magestade, e sempre foi nas occasiões em que se achou na India, mas por culpa dos officiaes da nao Conceição, que sendo ella peor de vela, e de bolina, que a Capitania, traziam pensamento de chegar deante, com pretenção de os fazerem officiaes da nao Capitania neste reino o anno seguinte, e diziam muitas vezes, que sua honra, e credito estava em chegarem sós: por-

que acompanhados lhe diziam que o farol da Capitania os trazia, e os levava; pelo que se havia de atentar neste reino, e castigar rigorosamente inda que chegassem a salvamento, se partindo da India em conserva, por sua culpa se apartassem, e não fizessem as diligencias necessarias para se tornarem a ajuntar com a companhia.

Ao cabo de quarenta e quatro dias de pairo se passou o Cabo de Boa Esperança, sem vela, e sem vento, mas a força dos mares, e corrente das agoas, puzeram a nao fóra deste promontorio, que foi causa já mais vista, havendo já alguns dias que tinha perdido, e deixado a Capitania. Tanto que se passou o Cabo fez o capitão diligencia por saber se havia agoa bâstante para se chegar ao reino, e parecendo-lhe pouca, com o voto, e parecer dos officiaes, (dando-lhe lugar o Regimento que trazia do governador Fernão de Albuquerque, o qual dizia que tendo necessidade de agua a fosse fazer a Santa Helena, e por nenhum caso ao Brazil, nem a Angola) mandou ao piloto Gaspar Moreira, que tinha succedido a Sebastião Prestes, (que morreu aos tres dias de viagem depois de sair de Goa) que tomasse Santa Helena, e que a não errasse, sobre o que houve muitas discenções entre o capitão, e D. Luis de Souza, que vinha por passageiro com sua mulher, e casa, porque era de parecer que por nenhum caso se tomasse Santa Helena: por lhe parecer que achariam alli naos holandezas, e que a agoa que havia bastava para se fazer viagem até ás ilhas. Estas differenças duraram alguns dias entre um e outro com algumas desenquietações, e desgostos, os quaes são ordinarios nestas naos quando vão nellas por passageiros fidalgos poderosos, e os capitães dellas o não são: porque os officiaes, afeiçoados a uns, e mal obedientes a outros, não governam, ou não os deixam gover-

nar como entendem, e por esta causa se perdem, invernam, e arribam cada dia, como se vê por experiencia. O capitão tanto por sair com a sua, a respeito de D. Luiz que o encontrava, como por entender que havia falta d'agua: porque nos quarenta e quatro dias que se tinha andado ao pairo se tinha gastado, e arrombado algumas pipas, poz toda sua força e cuidado em que se tomasse Sânta Helena, não imaginando o infeliz sucesso que lhe estava alli guardado.

CAPITULO II

De como chegou a Santa Helena

Tanto que a nao chegou a Santa Helena, que foi uma segunda feira ao amanhecer muito bem aparelhada, enxaretada, com seus paveses vermelhos, e suas bandeiras largas com toda a artelharia fóra, todos com suas armas, e em seus lugares repartidos com determinação de fazer agua apezar dos inimigos, que achasse no porto, o tomou livremente sem achar nelle nao alguma, e dando fundo algum tanto desviada lhe foi necessario botar uma espia, e chegarse mais a terra: seria isto ao meio dia, e estando o capitão comendo, ouviu que laborava o cabrestante no convez, e deixando a mesa se levantou donde estava para ir ver o que faziam, ao que lhe disseram dous homens que com elle estavam, que acabasse de comer, e que depois iria ver o que faziam, que para um virador que se levava não era necessaria sua assistencia, que já a nao estava surta, e elle respondeu, que não lhe sofria o coração o não ir lá (que parece que a morte o estava chamando) porque tanto que

chegou ao convez arrebentou o virador, e desandou o cabrestante com tanta furia, que alcançando-o uma barra delle pelos peitos o matou sem dizer uma só palavra, não fazendo dano a nenhuma outra pessoa dos que estavam presentes, e assim acabou este capitão desestradamente sendo muito honrada pessoa, e muito bom christão, havendo-se o dia antes confessado, e feito seu testamento, parecendo-lhe que no porto acharia inimigos, e lhe aconteceria com elles, o que lhe aconteceu naquella infelice hora.

Tanto que morreu elegeram por capitão D. Luiz de Souza, o qual mandou logo enterrar o capitão Jeronimo Corrêa Peixoto á porta de uma ermida que está na ilha já mui desbaratada e destruida, sem portas nem altar, nem cousa que pareça que alli foi igreja: porque os holandezes e inglezes inimigos de nossa santa fé a destruiram, como fizeram ao mais que havia naquella ilha; sómente ensima da porta está um letreiro que diz estas palavras: — *Dae graças ao Senhor, por vos trazer a este logar, e vos livrar dos trabalhos passados.* Depois que o capitão foi enterrado, e se disse missa por sua alma em um altar que se levantou, entrando na igreja se achou uma taboa que dizia desta maneira: — *Aqui chegou Fan Fans capitão do Conde Mauricio com tres naos a 19 de Maio de* 1621. Pelas pedras da ilha, e figueiras, que ha algumas, estavam tambem postos muitos letreiros de particulares de toda a nação, conforme a tenção de cada um, e os da nao tambem puzeram os seus. Tratou-se logo de trazer a agoa á praia, alimpar, e abrir o caminho por onde era necessario vir, e botar pipas em terra, o que se fez brevemente, não faltando nos dias que alli se esteve muitas cabras e porcos que se tomam á mão, e infinito peixe em tanta abundancia, que causa admiração.

A fertilidade da ilha é muita, porque ha muitas laranjas, limas, limões, figueiras, e palmeiras, e em tempos antigos devia de ser cousa muito fresca. Mas nossos inimigos, nem ainda a estas cousas perdoaram. Gastou-se em fazer a agoada oito dias, e querendo partir mandou o capitão saber se estava toda a gente na nao, ou se por descuido ficava alguma pessoa em terra, feita esta diligencia, achou-se que faltava um ermitão que vinha na nao, homem virtuoso, e de boa vida, o qual tinha passado pelo mar do sul ás Felipinas, e vinha-se recolhendo para sua casa, havendo mais de trinaa annos, que andava fóra della: foram logo com o batel a terra a busca-lo sete, ou oito grumetes, e nunca puderam dar com elle, e vindo se para a nao lhe tiraram uma esmola muito boa de fardos de arroz, de biscoito, de muitas especiarias, e um machado, caldeirão, linhas de pescar, fuzil, e tudo o mais que era necessario para poder passar a vida, até virem outras naos que o trouxessem, e isto se deitou em terra á porta da ermida em lugar donde elle por força havia de acudir, e tornado o barco a terra, e começando a despejar o que levova houveram vista do ermitão, e pegando nelle o trouxeram por força para a nao, e perguntando-lhe qual era a razão, porque se queria ficar naquella ilha deserta, respondeu, que por não ver o triste fim que havia de ter aquella nao, e foi isto tanto assim, que chegando a nao á ilha Terceira foi o primeiro homem que della sahio, e em terra se ficou sem se tornar mais a embarcar; tudo isto foram prodigios do que depois lhe aconteceo.

Deu a nao á vela uma segunda feira com bom vento, e com elle navegou prosperamente até se pôr entre o Corvo, Fayal e São Jorge: aonde teve o mais rigoroso tempo, e terribel tempestade que já mais se vio: porque quebrando os penois da verga grande

um grandissimo pé de vento, levou juntamente todas as velas sem ficar mais que um pequeno de traquete, com que se desviou de dar na ponta do Fayal, onde esteve muito perto de fazer um miseravel naufragio, se o vento supitamente não fora correndo os rumos todos.

CAPITULO III

De como chegou á ilha Terceira

Passada esta tormenta aparelharam a nao de penois, velas, e o mais necessario, e por entre as ilhas se veio pôr com os papafigos grandes á vista da cidade de Angra, e atirando uma peça, e largando as bandeiras no mastro grande, e por quadra com as Armas Reaes de Portugal, acudiram logo muitos barcos com refresco em muita abundancia: escreveo logo o copitão D. Luiz de Souza, que lhe mandassem soldados e bombardeiros, que de tudo vinha a nao falta, e mantimento para a gente que vinha da India, e para os que da ilha viessem. Nos mantimentos, e refresco se houveram tão bem, e com tanta brevidade, como mal na gente que mandaram: porque todos eram rapazes, e velhos, que uns de moços não traziam espada, e outros de velhos não podiam com ella: de maneira que nenhum se embarcou com armas. Não deixando de ser culpa de quem lhos maudou, por lhe mandar tal soldadesca em tempo tão arriscado: chegaram logo duas caravelas de aviso, as quaes deram as cartas que traziam de sua Magestade ao capitão, as quaes abertas em sustancia diziam desta maneira: Tanto que vos derem esta carta vireis com a nao bem adarelhada em ordem de guerra por altura de trinta

e nove graos e meio, pela qual altura achareis a armada de D. Antonio de Atayde, que vos está esperando, e vinde com aviso, porque o tenho, que anda uma armada de turcos fora.

Esta carta mandou ler o capitão pelo escrivão da nao ao piloto, e mestre, para com seu parecer responder a sua Magestade, ao que disse o piloto, que os senhores do conselho queriam dizer, que cem legoas da costa se havia de ir demandar a barra de Lisboa, por altura de trinta e nove graos e meio, mas que das ilhas se havia de vir por altura de quarenta, e quarenta e um, e para mais se justificar pedio seo parecer ao mestre, o qual como lhe não tocava da-lo, e a carga ficava só sobre o piloto, e a gente do mar não se forra com ninguem, respondeo muito soberbo, essa noz haveis vós só piloto de roer; porque esta nao vem entregue a vós, e vós haveis de dar conta della. O piloto com grande ira, e em altas vozes lhe disse estas formais palavras: Pelos Santos Evangelhos, que não a hei de roer eu só, que todos a havemos de roer, e chamando pelo escrivão, disse: escreva a sua Magestade, que vou por trinta e nove graos e meio, como me mandam: dizendo isto como homem que ia contra o que entendia: disse mais um marinheiro no convez em alta voz: Nesta viagem todo o fato hade ser um, tanto hade ter o pobre como o rico (inda mal, porque assim foi) com esta resolução escreveo o capitão uma carta a sua Magestade, e outra a D. Antonio de Atayde seu primo, nas quaes dizia que elle ia por altura de trinta e nove graos e meio, e a D. Antonio de Atayde escrevia que viesse com a sua armada posta em uma ala de maneira, que de navio a navio houvesse despaço uma legoa: porque assim um grao mais, ou menos se não podiam perder de vista. Com estes avisos despedio a caravela de que era ca-

pitão um fulano de Souza, e a do capitão Estevão Scares ficou acompanhando a nao.

Partio a nao da ilha Terceira, com tão bom vento, que sem diminuir tres minutos para mais ou para menos da altura, veio por trinta e nove graos e meio a dar vista das Berlengas em sete dias pela meia noite, e no quarto dalva quasi rendido estava já perto da Ericeira, quando se ouvio um rumor de gente que falava como se estivera a nao surta no porto de alguma cidade, e cuidando que estavam metidos no meio da armada de D. Antonio de Atayde, alegres, e contentes começaram a ir tirando, e tilingando as amarras para dalli a duas horas irem surgir em Cascais: mas começando a romper a manhã foram descobrindo desasete naos grossas de trinta e cinco e quarenta canhões cada uma, que logo a gente da nao conheceo não ser a nossa armada, mas teve para si que eram navios carregados de sal, que vinham de Setuval.

CAPITULO IV

De como se brigou o primeiro dia com desasete naos de turcos

Eram estes navios de turcos, os quaes tanto que souberam que era carraca da India, como elles lhe chamam, informados dos nossos marinheiros christãos que com elles andam, fizeram conselho, e botaram as chalupas fora, a dar aviso de uns a outros, e largaram bandeiras de guerra, e todos empavesados, se puzeram em uma bem ordenada esquadra, e tiraram uma péça sem pelouro a gilavento: a nao como não tinha inda inteiro conhecimento do que era,

que não se desenganavam, nem lhe parecia que tanto á porta, e tão perto podiam estar tantos inimigos, amainou a bandeira, e mui depressa a issou outra vez, e na pouca cortesia que fizeram os dos navios, se conheceo que eram inimigos, e assim depressa se poz fogo á peça da mura com pelouro fazendo pontaria á sua Capitania, a qual tanto que vio que não tinham animo de mainar, tomou as velas grandes de alto, e perlongou as sevadeiras, ficando só com as gavias, e mezuras, e pela mesma ordem se foram pondo as mais, com determinação de invistir, e abalroar, e botar gente dentro, como fizeram.

O estado em que tomaram a nao foi o pior que podia ser, porque todos os sete dias que se gastaram das ilhas para a terra se não fez outra cousa mais que trazer fato, e fardos que estavam em baixo, para cima, porque nenhum homem vem na nao, que se traz alguma couza da India, consinta que lhe fique debaixo da escotilha: porque como hoje já todos trazem pouco, querem ver se podem passar no fato miudo, e escusar de pagar os excessivos direitos que pagam, ficando debaixo de cuberta: por onde os homens estavam cançados, e desapercebidos: a nao estava até o meio do mastro empachada, e abalumada; e o convez estava cheio das amarras, que se tiravam para se ir sorgir em Cascaes: os inimigos eram muitos, mas não bastantes todas estas cousas se houveram os nossos tão valerosamente, e com tanto animo, que em menos de um quarto de hora foi o convez despejado, e com muitas tinas de agoa nelle, botando tudo outra vez em baixo, e a nao enxaretada, e empavesada, todos em seus lugares repartidos, e com suas armas, ainda que muito ruins: porque como havia tres annos, que a nao tinha partido deste reino com duas invernadas tão rigorosas, como são as da India, os mos-

quetes estavam mui mal tratados, e eram demasiadamente grandes, e as lanças muito compridas, e todas podres, mas sobejou no coração dos que alli vinham, o que faltou na bondade das armas. Os bombardeiros se puzeram cada um a dous canhões, havendo mister cada canhão dous bombardeiros, e mais e milhor disciplinados do que andam os desta carreira : mas elles se houveram como os mais praticos do mundo. O capitão D. Luiz de Souza se poz no meio do convez, com uma rodela de aço embraçada, e com uma espada nua na mão esperando como valente capitão a bateria que havïa de dar o inimigo: porque a nao estava a pé quedo com pouco vento, mas desparando, e pondo fogo áquellas peças, cujos pelouros com mais effeito se podiam empregar nos baixeis dos inimigos.

Elles não se descuidando com muito boa ordem de peleja atracaram de romonia todos a um tempo á nao por todas as partes com todos os baixeis, do qual encontro feriram, e mataram muita gente nossa: porque os primeiros pelouros de canhão levaram uma perna ao Condestavel, do que logo morreo, que foi perda notavel : porque era muito valente, e muito pratico no exercicio da artelharia: levou tambem uma racha neste encontro a um mancebo que estava no castello da proa, que havia sido alcaide, e por não poder bolir-se, quando depois se poz o fogo á nao morreo nella queimado vivo, e outros muitos que passaram de vinte e cinco entre mortos, e feridos ; entre os quaes estando o capitão no convez lhe deu um pelouro de mosquete na espada que tinha com a ponta no chão, e lha quebrou pelo meio, e lhe fez uma ferida no singidouro da liga na perna direita, não muito grande, e em continente lhe deo outro pelouro da mesma sorte na propria perna, mais acima um palmo, que lhe atravessou o lagarto, de que foi enfraquecendo, e não se

podendo ter em pé se deitou á boca da escotilha sobre um caixão, donde ordenava o que lhe parecia.

O inimigo recebendo grande damno com a nossa artelharia, e com muitos pelouros de picão de cadea, e alguns pés de cabra se foi afastando com os mais dos baixeis destroçados, assim da peleja, como da roim visinhança que recebiam da nao: porque se dava algum balanço ao que colhia perto não perdoava, levando-lhe as entenas, e gorupeses, e desaparelhando-os. Uma destas naos a maior que jugava mais de quarenta peças de que era arraes calafate Açan, o mais valente turco de Argel, e bem conhecido por tal, vendo que tinha perdido o seu baixel, porque o tinham os pés de cabra todo desarvorado, e elle a pique de se ir ao fundo com muitas pelouradas que tinha recebido, fez da necessidade virtude (não deixando de ser valentia, e esforço o que fez.) Porque largando o seu baixel, e tirando-lhe da popa uma bandeira vermelha sobio com ella á nossa nao, e fazendo-se forte no castello de proa com quatrocentos turcos, e mouros que trazia comsigo, a mais valente e escolhida gente de Argel, e os mais delles renegados como elle: amarrou a bandeira ao pé do mastro de traquete, e começou com os seus a dar-nos uma gentil carga de frechas, e mosquetaria, e traz esta outras muitas, de que iamos recebendo grande damno.

Estando batalhando os nossos do convez, e da popa, e elles da proa, sobio um renegado de Setuval pelo traquete, e com uma machadinha foi desaparelhando o que pode, e chamando por uns marinheiros que alli vinham seus naturaes, cada um por seu nome lhe dizia, que amainassem; e senão que elle o faria com aquella machadinha, e cortando as ostagas da verga do traquete caio de supito com tanta furia, que matou a todos os turcos que apanhou debaixo; os nossos mosque-

tes não tiravam pelouro que não se empregasse nos inimigos, pelos muitos que eram, e muito juntos que estavam. Dous destes turcos animosamente sahiram da proa onde estavam, e com seus alfanges passaram por cima da xareta gritando, amaina, amaina canalha, e um foi subindo pela enxarcea do mastro grande, e estando já perto da gavea lhe deram com um pelouro, e cahio em baixo morto: o outro passou á popa, e chegou até a bitacula, aonde foi morto á espada: no meio desta tão travada briga, um negro jao cosinheiro se fez á mouca, como uzam na sua terra, que é uma deliberação de morrer, ou matar o inimigo, e subindo só por cima da xareta com uma espada nua na mão endereitou para todos os turcos que estavam no castello de proa, mas foram tantos os pelouros, e frechas sobre elle, que sem effeituar seu intento fõi logo morto. Neste tempo disse um soldado a Pero Mendes de Vasconcellos, que alli vinha com sua mulher, e filhos, e trazia quarenta mil cruzados de seu, que se desviasse um pouco, que dous turcos estavam fazendo pontaria, um com uma escopeta para elle, e outro para o mesmo soldado com uma frecha, as palavras não eram ditas, quando nos peitos de Pero Mendes deu o pelouro, de que depois veio a morrer, e a frecha quebrando a força nas cordas da xareta, deu com as penas nos olhos ao soldado sem receber damno algum.

Nesta briga pelejou valerosamente o capelão da nao chamado Frei Gregorio, da religião de S. Francisco, natural das ilhas, porque confessando e animando, descorrendo de uma parte a outra com um Christo nas mãos o fez de maneira, que não é possivel poder-se escrever o valeroso animo, e santo zêlo deste padre, sendo inda isto muito pouco para o que ao diante veio a fazer em Argel na occasião da peste, que depois houve naquella cidade. O padre Manoel Men-

des que vinha na náo, para ir a Roma, por procurador geral dos padres da Companhia de Jesus das partes da India o fez sempre excellente e maravilhosamente: porque no discurso da viagem não faltou nunca com sua doutrina e prégações, achando-o sempre mui prestes para tudo o que o occupavam, e principalmente nésta occasião da peleja se houve como um esforçado mancebo, sendo já de muita idade: confessava os feridos, exortava os são, e animava-os com seu exemplo: porque mandando-lhe dizer muitas vezes o capitão, que se metesse debaixo que lá confessaria os feridos, e estaria mais sem risco, respondeu que menos estimava sua vida, que qualquer das outras pessoas que pelejavam, e que feridos havia que não podiam vivos chegar abaixo, pelo que em cima estava bem: e assim o fez até a hora em que a nao se queimou.

O padre Mota seu companheiro leigo, o fez como soldado velho da India, ajudando a tudo aquillo que estava em sua mão, curando e consolando os feridos, cobrindo os mortos, para que os vivos não perdessem o animo vendo-os, e tudo com grande zelo christão, o qual depois mostrou bem no cativeiro, curando de peste até que morreu della. Vinham mais na nao dous clerigos, um delles castelhano, que vinha das Felipinas com uns avisos a sua Magestade, chamado D. Patricio; ambos o fizeram como muito bons sacerdotes, e bem se vio em D. Patricio, pois pelo tempo adeante veio a morrer em Argel queimado vivo a mãos de turcos, por defensa da Fé Catholica, e avizos que dava a sua Magestade contra esta barbara canalha.

A briga se foi continuando por todo o dia, havendo de nossa parte muitos mortos e feridos: mas os turcos estavam já tão arrependidos de se terem metido dentro na nao, como desanimados de poderem

fazer cousa alguma que fosse de proveito para elles: porque os mais eram já mortos, e a sua nao perdida, e assim começaram a capear as outras naos, que lhe acudissem ou os ajudassem com mais gente: as quaes estavam de fóra dando e recebendo muitas cargas de artelharia sem se descançar, nem de uma parte nem da outra; e por mais que os de dentro o chamaram não ousaram nunca de se acostar á nao, mas despedindo ás chalupas, determinaram tanto que elles se lançassem ao mar, de os recolherem; mas como os nossos entenderam sua determinação, não querendo fazer ao inimigo a ponte de prata: porque lhe tinha custado muito caro sua vinda, arremeteram todos em um corpo com elles, gritando Santiago com tanta furia, que a pezar seu subiram ao castello de prôa; mas elles com as fisgas dos nossos pescadores, que alli acharam nella, e com outras meas lanças suas botaram os nossos por tres vezes em baixo, mas a derradeira se investio de maneira, que dando com todos ao mar, e matando-os, ficaram os nossos senhores da prôa e de toda a nao, e os que saltaram ao mar, de cima com paos, e pedras, e fardos de arroz na agoa os acabaram de matar, e consumir, deixando vivo sómente um que se deu ao capitão; com isto ficou por este dia a vitoria por nós, e se deu fim á briga delle, que durou desde as sete da manhã até ás seis da tarde.

Ficaram mortos, e feridos nossos este dia trinta e tantas pessoas, entre as quaes mataram sete bombardeiros, dos inimigos não houve nao em que não houvesse de dez mortos, e feridos para cima, dos turcos que entraram na nao, não escaparam oito, entre os quaes escapou o traidor do calafate Açan, e se meteo na Capitania de Tabaco Arrais, que vinha por general daquella esquadra, e trazia nas desasete naos cinco mil homens de peleja para desembarcar em Galiza:

foi esta briga uma das assinaladas destes nossos tempos, e se acontecera em outra nação de gente, que não fora portugueza, houvera de haver mais livros, e mais relações espalhadas pelo mundo, e não havia de haver provincia, por remota que fosse, que não tivesse noticia della: porque uma só nao, com vinte e duas peças de artelharia, brigar com desasete naos grossas, de trinta e cinco, e quarenta peças cada uma, um dia todo sem soccorro, e sem se render, não sei onde aconteceo: e brigarem seis soldados, que vinham a requerer seus serviços, e oito passageiros, e noventa marinheiros, e grumetes, acabo de navegarem oito mezes, pelo mar, fracos, e sem forças, com cinco mil turcos tiradores, valentes, sahidos de quatorze dias de Argel, não li, nem sei, que em tempos antigos, nem modernos, em nenhuma nação acontecesse cousa semelhante; e assim foi esta uma só no mundo: assim pela valerosa briga, e peleja que teve, como pelo desestrado fim que veio a ter tão á vista de sua propria terra.

Acabou se a briga deste dia quasi noite, os inimigos se ajuntaram todos, e se foram afastando, a mais de tiro de pessa da nao, uns dando pendores, e botando pranchas nas portas, que lhe tinham feito nossos pelouros, que não eram pequenas, outros concertando vergas, e gorupezes, que se lhe tinham quebrado, quando abalroaram a nao, e outros tomando arrotaduras nas arvores, que os nossos pès de cabra, e pelouros de cadea lhe tinham desaparelhado.

A nossa nao ficou de maneira, que se tivera ventura de entrar ao outro dia, ou aquella noite em Lisboa, que com uma hora de vento o podia fazer, se Deus nosso Senhor o permetira, fora uma cousa a mais admiravel, que já mais se vio, porque as velas das muitas cargas de artelharia, e mosquetaria ficaram todas feitas uma rede, sem haver um palmo, que não recebes-

se pelourada, não ficou enxarcea, nem polé, nem corda que não ficasse despedaçada, rota, e quebrada: as obras mortas da popa todas voaram, a nao estava por fóra, que parecia uma calçada de pelouros (que pelos costados, muito poucos entraram dentro) e assim ficáram pregados na mesma nao.

Chegada a noite botaram os mortos ao mar, curáram os feridos, e só para descançar os sãos não houve lugar, porque logo se tratou de aparelhar a nao, assim de meter velas novas, como de atezar, e concertar a enxarcia, pôr ostagas no traquete que estava em baixo, remediar o ostai que estava roto, de maneira que não havia cousa com cousa: e assim acharam todos, que foi maior o trabalho desta noite, do que foi o que se teve na peleja de dia; porque nella se apparelhou a nao de tudo, como se aquella hora sahira da barra de Goa: e foi tanto assim, que o inimigo quando a vio ao outro dia tão differente do estado em que a tinha deixado á boca da noite, duvidou se era aquella.

Tanto que a nao esteve aparelhada, começou a ventar um pouco de vento favoravel: mas tão pouco que não servio de nada, ficando logo em uma grande calmaria, e cruel bochorno, o qual durou até pela manhã, que com a claridade della, os marinheiros vigiaram o mar, assim do convez, como do mastareo, sem descobrirem vela alguma, e não podendo a nao ir para Cascaes, por quanto o vento que começou a ventar, se fez logo fronteiro, e junto á Ericeira se descobria uma pequena praia de area, aonde mostrava haver bom surgidouro, e fazendo-se concelho foram de parecer que se fosse surgir em seis ou sete braças, porque se o inimigo aparecesse outra vez não nos cometeria tão perto de terra, e quando o fizesse, não poderia a nao deixar de ter soccorro: porque com a

gente que estava sómente, parecia cousa impossivel poder-se aturar outro dia de peleja; porque a gente principal estava já toda ferida: de quatorze bombardeiros, estavam mortos sete, e feridos quatro, de modo, que sómente havia tres que estavam sãos, e estando junto á terra, estavam despostos a receber o soccorro que lhe viesse, e com elle se brigaria com outras tantas naos: este conselho pareceo bem, e se poz por obra, inda que se o vento dera lugar, se houvera de ir a Peniche.

CAPITULO V

De como chegou um barco com avizo

Indo já tirando as amarras para surgirem, estando a tiro de peça da Ericeira, viram vir uma vela de terra para a nao, e cuidando que era soccorro, ou munições: e chegando perto da nao, se não vio mais que tres barqueiros, e um delles em alta voz, disse, que dizia (não me lembra quem) que se fizessem logo na volta do mar; porque a costa naquelle tempo era perigosa, e podia a nao nella perder-se, e ao mar achariam a armada de D. Antonio de Atayde que os andava esperando, e chamando pelo barco de mandado do capitão, para dentro lhe meter sua mulher, e as mais que alli vinham, e meninos, e outra gente inutil para a guerra com alguma pedraria: pois visto estava que naquella volta se ia demandar o inimigo, que não era possivel estar longe, pois não teve vento com que se desviar: o barqueiro meteo de lò quanto pode, e com o maior medo do mundo disse que trazia ordem, que com pena da vida não chegasse á nao, e

que assim o não queria fazer: O capitão mandou logo ao piloto que mareasse a nao na volta do mar, em que lhe mandavam, o que logo fez, que provera a Deos tal não fizera, nem tal barco á nao não chegára, porque nisto esteve a perdição desta nao, não deixando de haver um erro notavel naquelles que a governavam; porque por dito de um barqueiro, sem haver carta em que expressamente o mandassem, não tinham obrigação de fazer, se não o que lhe parecesse.

Finalmente a nao se poz na volta do mar, e como se fora buscar o inimigo de frecha, assim o descobrio, que seria pelas oito horas do dia, não estando a nao já em estado, que se pudesse tornar a chegar a terra como primeiro intentou: porque os navios contrarios eram muito ligeiros, e em tanto que lá se chegasse haviam de alcançar a nao, e assim pareceo melhor deixar ir na mesma volta, porque nella obedeciam, e não mostravam medo, e podiam dar vista da nossa armada: tornaram os nossos outra vez de novo a por-se em ordem de guerra, assim a nao, como artelharia, e a gente com o mesmo concerto, e animo que o dia atraz: mas todavia a falta da gente morta, e ferida se enxergava principalmente dos bombardeiros.

O capitão tanto que se descobriram os inimigos e soube que nos cometiam, mandou chamar o turco que tinha em seo poder, que ficára vivo do dia atraz, e lhe disse, que elle pagaria, o mal que os seus queriam outra vez fazer (o que certo foi crueldade, porque fóra da peleja, e com sangue frio se não mata ningum, e em guerra donde ha cativos de uma, e de outra parte) e chamando por um polaco que de Ormuz trouxera comsigo, o qual havia estado cativo de turcos muitos annos, lho entregou, e lhe disse, que o matasse antes que os seus baixeis chegassem aos nossos: o polaco lhe atou logo as mãos atraz, e tomando um alfan-

ge, lhe disse em sua lingoa, que fosse caminhando, que lhe queria cortar a cabeça por mandado do capitão, ao que o turco não replicou palavra, nem mostrou tristeza no rostro, antes caminhando com um animo, e coração de soldado valente (porque o que é turco de nação é esforçado desenganadamente) se foi assentar sobre as entenas com o rostro para o mar, e abaixou a cabeça para dar lugar a lhe darem com o alfange á vontade, sem nunca dizer nada, nem ser necessario dizerem-lho, que parece que não lhe dava da morte, nem estimava a vida: o polaco lhe deu dous golpes, dos quaes lhe levou a cabeça de todo fóra saltando no mar, e ficando o corpo por um espaço sem ella: lhe deu um couce, com que fez que o corpo fosse seguindo o caminho de sua cabeça: e sabendo os turcos depois de queimada a nao, que o polaco cortára a cabeça ao turco, nem por isso lhe fizeram mal.

CAPITULO VI

De como se pelejou o segundo dia com desaseis naos

Os navios do inimigo se vinham chegando todos em uma ala um atraz do outro, seguindo sua Capitania com todo o pano dado, e com suas bandeiras de guerra, e empavezados: e sómente a Capitania trazia bandeiras brancas, e tanto que se poz a tiro de pessa, tendo já o balravento ganhado, atirou uma peça sem pelouro, dando sinal assim nisto, como nas bandeiras que trazia, que nos entregassemos a partido: mas os nossos, que não estavam deste parecer, lhe responderam com uma pessa da mura com bala, e logo se foi pondo fogo ás mais. O inimigo tan-

to que conheceo a determinação dos nossos, se deixou ir na mesma volta com a mesma ordem, que levava, e virando sobre os nossos, tirando as bandeiras brancas, e pondo outras vermelhas, e tomando os papafigos grandes, e sevadeiras: e todos os mais baixeis fazendo o mesmo, veio perpassando pela nao um pouco ala larga, e lhe deu uma gentil carga de artelharia, e mosquetaria, a qual recebeo alegremente estimando-a, e tendo-a já em menos, que o primeiro dia, porque na peleja, os primeiros pelouros são os que se temem, e como os nossos tinham já o medo perdido, lhe responderam tambem, que os fizeram alargar mais um pouco, e ficando quasi uma legoa de nós, sua almirante os foi recolhendo lindamente, e como muito grande navio de vela que era, cujo arrais, ou capitão, que assim se chama, era Sara Mostafa.

Fizeram elles logo seu concelho, e segundo depois se soube, disse Tabaco arrais capitão mór daquella esquadra, que elle não queria nada daquella nao, e se queria ir na volta de Argel, e se contentava com desanove baixeis de inglezes, que tinha tomado, todos juntos em uma manhã, sem lhe custarem mais, que um tiro de polvora, com que todos lhe amainaram, e os mais dos inglezes traziam comsigo, e os navios tinham mandado diante havia dous dias.

A isto respondeu o perro do calafate Açan (o qual tinha escapado a nado) que elle tinha a sua nao perdida, e quatrocentos turcos, e mouros, que comsigo trazia, eram mortos, e que não era honra dos turcos de Argel, nem sua, ir com um baixel menos, e com todos os outros destroçados, e com tanta gente morta sem renderem, ou queimarem uma preza tão rica, e de tanto porte como era aquella, e que finalmente era uma só nao, e as suas eram desaseis, que lhe des sem baixel, que quando de outra carga que dessem á

nao, ella se não rendesse, que elle lhe queria pôr o fogo. Estas palavras deste grego renegado moveram outro da sua nação, e seu companheiro chamado Abibi arrais dos valentes de Argel, a persuadir a todos os outros, que acometessem, que elle só, ou havia de morrer, ou pôr fogo á nao, ou perder o seu baixel, e tudo lhe aconteceo.

CAPITULO VII

De como puzeram os turcos fogo á nao

O general Tabaco Arrais (ainda que com pouca vontade, porque é mais conhecido por venturoso que por valente) tornou a pôr sua esquadra na mesma ala, e pela mesma ordem, que primeiro a tinha posta, e fazendo outra vez sinaes, que amainassemos, foi passando a tiro de canhão, sem se atirar nenhum, em nnnhum dos navios, e depois de todos terem passado á nossa vista, com suas bandeiras largas, e pavezes vermelhos, e muitas trombetas bastardas, e conhecendo que na gente da nao, não havia fraqueza de animo de todo se desenganaram, e arribando a Capitania sobre a nao, e as mais seguindo-a pela mesma ordem, chegando-se muito perto, que quasi iam tocando as suas entenas com as nossas, foi cada um de por si dando sua carga de artelharia, uma de traz da outra sem descançar, e chegando-se a derradeira muito perto pela popa, que era a nao de Abibi Arrais, com determinação de pôr fogo, como fez, e estando chegado ao telhado da varanda, o qual como é costume, vem cuberto por causa das chuvas, com um pano alcatroado, tirou o turbante da cabeça,

que é uma peça de caça, e quebrando nelle um frasco de agoa ardente mesturada com olio de linhaça, enxofre, e polvora, que são materiaes, que assim misticos, o fogo delles se não apaga senão com vinagre, e pondo o turbante assim molhado, e ardendo em fogo na ponta de uma frecha, a pregou no pano breado da varanda, onde facilmente pegou o fogo com grande furia, e por mais diligencias que se fizeram logo com agoa, e os carpinteiros com machados rompendo, e botando ao mar a varanda, não foi possivel abrandar nada o fogo, o perro do cossairo passando mais adiante, até que com a sua nao emparelhou com a nossa, deitou outra vez fogo no convez, o qual se apagou logo, e juntamente do castello de proa, que estava bem guarnecido, porque outra vez não no-lo ganhassem, deram no inimigo de Abibi Arrais com um pelouro pelos peitos, com o qual ficou estirado na popa de sua nao, não dizendo mais senão que deixassem queimar todos os christãos daquella nao, pois elle morria, e com isto deu com a maldita alma no inferno, sucedendo-lhe tudo como disse, porque morreo, queimou a nao, e perdeo a sua.

A nossa artelharia com tanta furia se empregou neste navio, que todo ficou destroçado debaixo da nao, os mais dos turcos mortos, a nao vinha um pouco pela bolina, e para se apartar deste navio, que estava embaraçado com ella, se poz em popa, e como trazia já o fogo pegado, e muito forte na rabada se meteo todo com o vento por dentro da varanda e cameras do capitão, com que a nao se foi queimando muito á pressa, e com maior violencia dando em uns fardos de cravo, que estavam metidos em um camarote, que não parecia senão mui resinada polvora, e finalmente tudo quanto vem numa destas naos o é, porque drogas, roupas, canella, pimenta, que é senão vivo fogo.

Os nossos já neste tempo iam largando as armas, e acodindo todos ao fogo, sem haver esperança de se poder apagar, e chegando já quasi ao mastro grande, entraram alguns turcos do navio, que tinha apegado o fogo, o qual ficou perdido, e desarvorado junto á nao, dentro nella com seus alfanges, e machadinhas gritando, amaina, amaina, boa guerra, boa guerra, metendo-se por dentro da nao a furtar. Os nossos bem se deixa ver, que taes estariam metidos entre tres tão crueis inimigos, como era o fogo, a agoa, e os turcos, em fim achando, que os mais piadosos seriam os turcos, assim como elles foram entrando na nossa nao, foram os nossos entrando no seu navio, que se elle não fora, não escapava nenhum dos nossos com vida, e acodindo logo os turcos das mais naos com suas chalupas, foram tirando toda a gente deste baixel, e levando-a para os outros, e acodindo juntamente a ver se podiam salvar alguma fazenda da nao, não foi possivel tirarem, nem só um panc, e com isto deram lugar para se salvar quasi toda a gente da nao, tirando os mal feridos, que morreram queimados vivos, que iriam gozar do ceo, onde serão melhor premiados, do que o hão de ser neste reino os vivos, que escaparam: Morreram alguns turcos queimados, que sua cubiça os levou por dentro da nao, e quando se quizeram sahir, o fogo lhe empedio o caminho, mostrando-lho aberto para o inferno, onde estarão eternamente.

Finalmente, a nao se abrasou, e consumio em menos de uma hora, que não houve fumo, nem rastro della, sendo a mais rica, que havia muitos annos, que tinha partido da India; porque só de pimenta trazia seis mil e oitocentos quintaes, e de caixaria, e fardos vinha toda abarrotada, trazia o prezente d'el Rei da Persia para sua Magestade, trazia o capitão D. Luiz de Souza, que o acabava de ser na India, da fortaleza

de Ormuz, e trazia comsigo duzentos mil cruzados, e outros passageiros muito ricos, trazia muita quantidade de diamantes, com os quaes se fez rica toda a Italia, mercando-se em Argel por pouco preço: pelo pouco conhecimento que delles tinham os turcos.

Nesta peleja morreo alguma gente, um soldado chamado Antonio Caldeira, a quem estava entregue a artelharia do convez da parte de bombordo, que o tinha feito o dia antes, e aquelle valerosissimamente, e foi tão desgraçado, que o derradeiro pelouro de mosquete, que entrou na nao, esse o matou no meio da sua estancia, e no lugar, que lhe tinham entregue como valente, e honrado soldado: Os turcos quando entraram, acharam o escrivão da nao com uma rodela de aço embraçada, que havia sido do capitão, e com a espada nua na mão, que por inadvertencia não tinha largado as armas, como é usança nos rendidos: e chegando-se dous turcos a elle por diante, e um por detraz, lhe levaram a cabeça fóra com um alfanje, tendo elle brigado desde a primeira hora até á derradeira, em que o mataram tão esforçadamente, que não é possivel poder-se fazer mais.

E porque minha tenção não é falar, nem louvar os vivos, porque o que é tão notorio, e aconteceo tanto de portas a dentro deste reino, por si se louva: não digo tambem dos que se assinalaram, que bem publico é, por não aventejar a uns mais que a outros fazendo-o todos, e cada um em seu lugar tão excellentemente, como se deixa ver, pois dezasete naos grossas acabo de dous dias inteiros com cinco mil tiradores, e quinhentas e tantas pessas de artelharia, não poderam render uma só nao com vinte e duas pessas, e cento e tantos homens fracos, e doentes de oito mezes de viagem, e se o fogo a não queimára, não haviam de levar vitoria delles, pois já tinham perdido duas naos,

e muita gente, e nos nossos não faltava animo para brigarem, festejando que os mouros de Africa soubessem, como pelejavam os portuguezes na Azia, donde vinham.

Depois de partida a gente pelas naos dos turcos, a nao queimada, o navio perdido, tudo dentro em uma hora, que foi uma segunda feira em onze de Outubro de 621, fazendo desde a hora que amanhecemos entre os turcos uma calmaria, até o dia em que queimaram a nao, que parece que se abrazava o mundo, e tanto que a nao foi queimada, a gente della partida pelos navios inimigos, veio um tempo ponente tão rijo, que não sofria navegar com velas de gavia, que se nos dera duas horas antes: nem os turcos nos cativaram, nem deixaramos de entrar aquelle dia em nossas casas; mas das permições do Ceo, não ha quem se possa guardar.

Se houvera de contar por extenso, o que cada um passou no navio em que se vio cativo, nunca acabára: porque considerar, que havia dous dias que todos estavam contentes, e alvoroçados para entrar em suas casas, ver suas mulheres, e filhos, mães, e amigos, e que alguns havia mais de vinte annos, que não tinham visto, e todos traziam seu remedio, qual pouco, e qual muito, e em tão breve tempo uns se viram mortos, outros sem pernas, e braços, outros feridos, e todos pobres, rotos, e cativos, não havendo diferença entre os negros, de seus senhores, e o peior com pouca esperança de liberdade, porque a carreira da India não está como em tempos antigos, que possam os homens della deixar em sua casa, com que se valham em caso de necessidade. E justo fora que se mandara uma redempção a Argel, a tirar esta gente, pois tão honradamente tinha pelejado pela fé de Christo, e pela honra de sua nação, ainda que mais não fora, que por

exemplo para que outras, em semelhantes occasiões se animassem : vendo, que premiavam, e punham os olhos nos que se defendiam, e não deixarem-nos perecer, e morrer em cativeiro de peste, não sendo quinze, os que em cinco annos tiveram liberdade, e vieram a este reino.

CAPITULO VIII

Da morte do capitão D. Luiz de Souza, e outras pessoas

Ha se de notar, que em segunda feira partimos da India, em segunda feira descobrimos terra do Cabo de Boa Esperança, e em segunda feira sahimos delle, em segunda feira chegamos, e sahimos de Santa Helena, em segunda feira entramos, e sahimos das ilhas, em segunda feira nos cativaram, e em segunda feira entramos em Argel, e eu em segunda feira fui vendido, e em segunda feira, a Deus louvores, tive liberdade.

O capitão D. Luiz de Souza, ficou cativo na Capitania de Tabaco Arrais, o qual o mandou curar, e lhe deu uma manta para se cobrir, perguntando-lhe se queria alguma cousa, elle lhe pedio, que lhe mandasse vir sua mulher, e alguns criados seus, que lhe nomeou, que estavam todos espalhados por outros baixeis, para o acompanharem, e botando a chalupa fóra, buscaram todas as naos, e lhe trouxeram Dona Antonia sua mulher, e os criados, que pedio.

O pranto, e a lastima, que esta senhora fez, quando se encontrou com seu marido em tão triste estado, como foi velo ferido, pobre, e escravo : fazia compadecer até os mesmos turcos: porque D. Luiz de Sou-

za, trazia naquella nao duzentos mil cruzados, os quaes tinha grangeado, parte do dote, que lhe deram com sua mulher, parte de uma viagem da China, que fez, e o demais em capitão de Ormuz, donde tinha sahido o anno atraz. De todas estas partes trazia as mais ricas peças, que já mais se viram neste reino: porque como sempre teve intento de se vir para elle, da China trazia ricas camas, dourados, e borlados, de Ormuz riquissimas perolas, e as melhores peças, que a Persia dá de si, e de Goa a melhor pedraria que havia quando se embarcou: porque era o fidalgo mais rico, que então havia em Goa, as escravas chinas, e japoas, não havia mais que pintar, e ver-se logo em tanta miseria, que se uma manta bem roim lhe não deram, não tinha com que se cobrir, e sua mulher igual com suas negras tão pobre, e tão escrava como ellas. O grande sentimento, que este fidalgo teve de se ver neste miseravel estado com sua mulher moça, e fermosa, a quem queria muito, não deixou de fazer impressão nelle de maneira, que com a grande malencolia, e com uns tremores, que lhe deram na perna ferida, depois de andar tres dias embarcado nos baixeis dos turcos, foi Deus servido leva-lo desta vida a descançar na outra.

CAPITULO IX

Da morte de Pero Mendes de Vasconcelos

A Pero Mendes de Vasconcellos, que havia sido sargento mór do estado da India, homem nobre, e rico casado com uma das principaes mulheres da India, que com elle vinha, e

com uma filha fermosissima cega: mas com os olhos muito claros, e dous filhos de onze para doze annos, ambos mui lindos, e bem doutrinados, aconteceo o mesmo, que ao capitão, porque tambem lhe cahio a sorte meterem-no na Capitania dos turcos, e lhe mandaram buscar sua mulher, e filhos, e ajuntarem-nos todos, e no mesmo navio, e no mesmo dia em que D. Luiz de Souza morreo, morreo elle tambem da pelourada, que tinha pelos peitos: deixando a mulher moça, a filha, e meninos em poder daquelles barbaros, e perdendo com a vida, mais de quarenta mil cruzados, que trazia de seu, e seus filhos, e mulher a liberdade.

Os turcos nestes primeiros dias, não deixaram de dar busca nos cativos, e quanto mais achavam, mais buscavam, e mais diligencias faziam: porque naquella nao vinham infinitos diamantes, e todos muito bons, e os mais delles de roca velha, por razão, que se tinha na India aquelle anno descuberto uma mina tão grande delles, que se o Dialcam a não mandára depressa fechar, vieram a ser como cristaes, e perder o seu valor: E por este respeito de haver muitos, e os mais delles bons, empregaram os mercadores quanto dinheiro tinham nelles, mandando-os naquella nao, os quaes como vinham entregues aos officiaes, elles os cozeram comsigo cuidando de os escapar, e desta maneira deram os mouros com elles, tomando ao piloto muito grande quantia de bizalhos mais que a todos.

CAPITULO X

De como tiraram os diamantes aos cativos

A Gaspar Mimoso, que vinha de ser feitor de Malaqua, lhe tiraram dos çapatos doze mil cruzados de diamantes, e veio a morrer em Argel de peste, a pouccs dias de cativeiro, sem ter uns çapatos que calçar: Desta maneira foram tirando a todos o que traziam escondido, ou aneis, ou cadeas, ou outras peças de ouro, que cada um lhe parecia, que podia escapar: Até o embaixador da Persia com ser mouro, e os seus, foram buscados, e despojados de tudo o que traziam: Sómente os padres da companhia de Jesus não tiraram nada, porque não lho acharam, e elles foram tão prudentes, que podendo trazer muito, que o tinham, se não occuparam nisso, o que provera a Deus fizeram todos, que posto que os turcos não tiraram cousa alguma da nao, o que acharam nos nossos lhe deu infinito proveito.

A Dona Antonia mulher do capitão, e a Maria Ribeiro mulher de Pero Mendes de Vasconcelos, mandáram buscar com muito respeito por dous turcos graves, e velhos, e tirando a Dona Antonia algumas joias dentre o cabello, e apalpando-a por cima do fato pela sintura, ella deixou cahir aos pés uma fita, que trazia por baixo da saia, em que tinha ligado alguns bizalhos de diamantes, e peças suas, e de seu marido, em que entrava um transelim de muito valor, e assim os turcos não lhe achando nada a deixaram, e ella depressa se assentou sobre a fita, que tinha largado aos pés, e desta maneira a salvou, e repartindo logo as joias entre os christãos escravos velhos, que anda-

vam por marinheiros nos navios dos turcos, lhe entregaram tudo, dando ella a terça parte por lho haverem salvado.

A mulher de Pero Mendes todas as joias que trazia guardadas, e escondidas antes que sahisse da nao, deu logo ao primeiro turco, que achou, parecendo-lhe, que se o não fazia assim a matariam, tomando-lhe entre ellas um habito de Christo de ouro, guarnecido com algumas pedras, que seu marido trazia, para dar neste reino, o qual foi sua ruina, e destruição, porque a tiveram a ella, e a seus filhos em grande estima, parecendo-lhe, que era mulher de um grande cavaleiro do habito, sendo assim, que seu marido o não tinha.

A ordem que os turcos tiveram com a gente, que coube a cada nao, foi muito boa, e não como de barbaros cossairos, primeiramente a todos meteram embaixo no porão, e o primeiro, que entrava em cada navio (como é usança sua) o botavam de cabeça para baixo pela escotilha: sendo nisto mais piadosos, que os malavares e mouros da India, que nas prezas, que tomam de portuguezes degolam o primeiro, e untam com seu sangue a proa do paró, ou galeota, em que andam para correr bem. Depois de os terem debaixo, lhe vinham dizer, que nenhum se deixasse despir, nem tomar nada, e se algum mouro o quizesse fazer, que gritassem, e que logo o castigariam mui bem: puzeram as mulheres apartadas dos homens, requerendo aos cativos, que não chegassem uns aos outros, e que se o faziam lhe dariam muito açoute, e o botariam ao mar, e para evitar isto, estavam toda a noite em cada navio mais de doze alampadas acezas, com turcos de guarda: porque tem elles por gravissimo peccado qualquer peccado de carne, que se comete no mar, e a embarcação, em que se fez se não póde salvar, e se irá logo ao fundo: Davam ao comer o que elles co-

miam, que para todos se fazia uma grande caldeira, ou de arroz ou de trigo cozido, biscoito em muita abundancia, azeitonas, e queijo, que esta é a matalotagem, que trazem no mar, e como havia poucos dias, que tinham sahido de Argel, não faltava agoa, e muitos se compadeciam de nossos trabalhos, e se espantavam de haver tantos mezes, que andavamos pelo mar, e nos traziam algumas paças, e grãos, que é regalo entre elles.

CAPITULO XI

De como entraram os navios em Argel

Os navios todos juntos com mui boa ordem, embocaram o estreito de Gibraltar na metade da hora do dia, e foram os nossos cativos tão pouco venturosos, que estava a armada de D. Fadrique de Toledo no estreito, e tomou todos os navios da preza dos inglezes, que os turcos tinham mandado diante, e quando os nossos chegaram defronte de Malega, iam entrando para dentro os derradeiros navios da armada, com as prezas á toa, que se não foram aquellas prezas, não escapavamos de dar na armada de Hespanha, e termos ainda a sorte trocada: mas como estavamos sentenciados pela justiça divina a ser escravos, não havia ora boa para nós.

Os cossairos tanto que entraram o estreito, os seis marabutos tomaram uns carneiros (que para este efeito trazem sempre vivos comsigo) e partindo os peo meio assim vivos, botaram ametade, da parte da cabeça, para Hespanha, e a outra da parte do rabo para Berberia, e com esta feitiçaria, ou sacrificio, que fa-

zem ao diabo, cuidam os miseraveis enganados, que lhes dá vento, para passarem mais depressa o estreito, e sendo noite acendem em cada navio, mais de quinhentas candeinhas de cera, pondo em cada pessa de artelharia a dez, e a doze, e este é o ordinario costume, que tem todas as vezes, que passam o estreito de Gibraltar, por respeito do grande medo, com que sempre o passam: No meio delle topáram dous navios de trigo, que meteram no fundo tomando a gente, porque em Argel é tanto o trigo, e tão bom, que se algum vae de preza o estimam em tão pouco, que eu vi dar o saco a quatro vintens com saco, e tudo, porque o mais desta preza tomaram ensacado: Passando o estreito, dahi a tres dias, demos vista da Mala Muger, que é a sepultura da Cava, por quem se perdeo Hespanha, (que em mourisco cava, quer dizer roim mulher) na qual está uma grande cava, e não ha mouro, alarve, ou outra qualqner pessoa, que ouze a entrar dentro, e as que o quizeram cometer, dizem que acharam sombras, e visões, que os trataram mal.

Dalli a Argel é jornada de menos de meio dia, onde chegaram os navios uma segunda feira, no quarto dalva com tantas bandeiras, tantos pavezes, e tantas trombetas bastardas, desparando tanta artelharia, e fazendo tanta festa, como tristeza, pena, e desaventuras levavam os nossos cativos: Tabaco Arrais general daquella esquarda, tanto que desembarcou, foi logo dar conta ao Baxá, ou Rei, que tudo é uma cousa, da preza que trazia, assim dos christãos, como dos diamantes, e de como queimára a nao, e do mais que fizera; o Baxá lhe vestio logo um roupão de tela, em nome do gram turco, e o mandou com elle pelas ruas acompanhado com a sua guarda até sua casa, que a honra publica, que se dá ao que se aventaja em alguma couza, que seja de proveito, ou de honra, á sua

republica: Chegando Tabaco Arraes a casa, mandou ordem aos navios, que desembarcassem os cativos, e para que não estranhassem o cativeiro, em pondo os pés em terra sem terem ainda patrão, os fizeram a todos trabalhar acarretando ás costas, e levando a casa as amarras, e velas, e comonia, e todas mais vitualhas, e tirar a saborra, e lastre do baxel, em que cada um vinha: O dia em que chegaram a Argel, era vespera de sua pascoa dos carneiros, sendo a nossa má sorte causa de elles a festejarem com mais gosto: Tanto que nos desembarcaram dos navios, nos partiram por casa dos armadores daquella armada, para que nos dessem de comer, até que passasse a sua pascoa, que durava seis dias, para então nos venderem.

CAPITULO XII

De como os escravos nos vinham visitar

Nestes dias que estivemos por vender, nos vinham visitar muitos escravos velhos, e nos traziam de comer, e alguns nos davam dinheiro, com a maior caridade do mundo, e isto é ordinario naquella terra, tanto que chegam cativos de novo, e em quanto não tem patrão, os velhos na terra lhe acodem com todo o necessario, até que os vendem, que então seu patrão lho dá, ou bem, ou mal conforme a casa, em que cahe: Depois de passada a sua pascoa, nos foram buscar a todos pelas casas, por onde estavamos, e nos ajuntáram em um terreiro, e como negros novos, que vão do navio para a alfandega, assim nos levavam juntos para casa do Baxá, o qual tem das presas, que tomam de oito escravos um, e das

pessoas principaes uma, e assim escolheo o mestre Antonio da Costa.

Póde tambem depois de tomada a sua parte, tomar depois de vendidos os que quizer, pelo que derem por elles no leilão, pela qual razão, depois de arrematado todo o cativo, os porteiros o levam a sua casa outra vez, e lhe dizem o preço, em que se arrematou, e se lhe parece o toma, e se não o deixa ir para casa de quem o comprou, e o bom é não ficar em casa do Baxá: porque além de terem roim cativeiro, vende muitas vezes todos juntos para as galés de Tunes, ou os leva comsigo parà Constantinopla, e a suceder bem, são vendidos segunda vez, que tudo é mao: A aduana, ou republica, que tudo é uma mesma cousa, entrou tambem a tomar parte da preza da nao, cousa, que raramente faz, e assim dos diamantes tomou os milhores, donde entraram dous, que trazia D. Luiz de Souza, de doze quilates cada um, para duas arrecadas, e outras peças as mais curiosas.

Dos cativos tomou os filhos de Pero Mendes de Vasconcelos, que um era de onze annos, e o outro de doze, e a respeito dos meninos tomou tambem a mãe, e a irmã cega, assim por elles serem lindissimos, como pelos terem em grande conta a respeito do habito de Christo, que tinham achado a sua mãe: Tomou tambem a aduana, um menino da mesma idade dos outros, que vinha na nao entregue ao capitão; filho de D. Felipe de Souza um dos principaes fidalgos da India, e filho da mais honrada, e virtuosa senhora, que ha naquellas partes, o qual mandavam a este reino, a casa de seus parentes, para nelle estudar, e tomar a criação, e costumes da corte, mas por desgraça sua, e de seus pais, a foi tomar a Constantinopla, na corte do Grão Turco.

CAPITULO XIII

Dos que mandaram ao Grão Turco

Tomou tambem a aduana o embaixador da Persia com todos seus mouros, e tomáram tambem pela terra todos os meninos christãos piquenos, e bonitos, que havia, e com tudo isto assim junto armaram uma galé, e fizeram um presente ao Grão Turco, no qual foi por principal pessoa o filho de D. Felipe de Souza, e logo o de Pero Mendes o mais velho: porque o piqueno morreo de peste antes de partir, ainda christão nos braços de sua mãe, desejando ella, que do outro fizera Deus o mesmo antes, que levarem-lho a fazer turco.

Andou esta senhora desgraciadissima, e ainda o é: pois vindo da India com muita riqueza, deixando seus parentes, meter-se em uma nao, e o dia em que vio a terra, em que havia de descançar com seu marido, matarem-lho de uma pelourada, o filho mais velho, levarem-lho para Constantinopla a ser turco, o piqueno morrer-lhe nos braços de peste, ella ficar escrava, e ter ainda para maior grilhão, e trabalho comsigo uma filha cega, e fermosissima, em poder de barbaros, não sei, que mulher houve, que sofresse mais golpes de fortuna, e hoje os sofre vendo ella, e a filha escravas da aduana.

Todos os mais cativos levaram a vender ao Baptistam, que assim se chama o lugar onde se vendem todas as prezas, que se tomam assim de fazenda, como de escravos: daqui cada um seguio sua ventura, tendo-a boa ou má, conforme o patrão bom, ou máo, com que deu, que certo na vida não ha pior transe, do que é

esperar o cativo nesta hora o amo, que terá, porque um homem não póde chegar a maior desgraça, nem seus pecados o pódem trazer a maior miseria, que a ser escravo, mas se sua má fortuna o trouxe a ser escravo de roim patrão, não tem, que aguardar cousa boa de sua estrela, se não ter-se por desgraciadissimo, porque não ha pior inferno nesta vida.

CAPITULO XIV

Do que hão de fazer os cativos

Alguns ha, que por não se porem em mãos da fortuna buscam algum mourisco, ou turco conhecido por bom homem, que não dá muito trabalho a seus escravos, para que os merquem com condição ordinaria, que é, darem lhe cincoenta por cento, de ganho de aquillo que o escravo custa no leilão (vindo o dinheiro em menos de anno) e se chegar, ou passar de anno, dará a cento por cento: Este contrato não é bom faze lo senão pessoa, que tivêr o seu dinheiro tão certo, que tanto, que souberem, que está cativo lhe acudam logo com seu resgate: porque tardando-lhe vem a levar pior vida, e mais trabalho, que os que se deixam vender a ventura, que muitas vezes cahem com bons amos, e não estão cortados, que o melhor, que tem o escravo é, não se cortar, ou fazer preço em seu resgate, que tudo é um, sem ter primeiro o dinheiro na mão, porque então o faz muito barato, e tem lugar de se amesquinhar, e fazer pobre, e fingir outras estratagemas, que são necessarias ao cativo para ter liberdade, e os mouros são como os chinas, que vendo o dinheiro na mão, não está na

sua deixarem-no ir fóra della, e assim facilmente se consertam. E estando cortado o cativo, sempre fica obrigado a comprir o que prometeo: porque os turcos querem, que nós guardemos nossa palavra, e elles não estão obrigados a guardar a sua.

Neste erro cahio a mulher do capitão, não no corte, mas em pedir a um renegado dos ricos de Argel, chamado Morato Carço, cobiçoso e tirano, que a mercasse parecendo-lhe que a casa era honrada e rica, como na verdade o era, não reparando na cobiça deste Carço, porque como ella salvou um golpe de diamantes, os quaes tinha já em seu poder, lhe pareceo, que bastavam para ter liberdade, e assim Morato Carço a seu rogo a comprou por dous mil cruzados, e logo na mesma semana, em que foi vendida chamou ella um mercador genovez, e lhe deu em segredo conta do que tinha de seu, e que tratasse de a resgatar, e levar a Liorne, o mercador se foi ter com seu patrão, e falando em preço: como o patrão vio o negocio tão apressado, pedio vinte e cinco mil escudos, o mercador lhe chegou a prometer até nove mil cruzados, porque as pedras que tinha valeriam oito mil, do que o patrão zombou, e respondeo, que ainda havia pouco, que estava em sua casa, que escrevesse a seus parentes, e que se queria um escravo, dos que tinha comprado da nao, que lho fiaria para mandar a Portugal: parecendo-lhe, que quando ella dava nove mil cruzados por si, estando cativa de uma semana; se estivesse mais tempo, e em sua terra o soubessem, que lhe veriam a dar os vinte e cinco mil, que pedia.

De maneira, que se houve por bom conselho não bolir por então mais no negocio, e aceitar o escravo, e escrever, e avisar seus parentes, ou de seu marido, como em effeito se fez, e este foi o primeiro homem daquella nao, que veio a este reino, ficando Dona An-

tonia obrigada á paga de seu resgate: Depois de partido este homem, tomou Dona Antonia os seus diamantes, e joias que tinha, e os cozeo em um jubão de pano, que trazia vestido, e não foi com tanto segredo, que uma negra, que vinha na nao, diabolica, que o mesmo patrão tinha comprado, não tivesse noticia, do que trazia escondido, e assim a andava vigiando para a roubar.

Socedeu uma manhã, que estando-se vestindo Dona Antonia, sua ama a chamou para lhe mostrar certa costura, que havia de fazer, e com a pressa de acudir á ama, deixou o jubão sobre a cama, e como a negra andava já com o olho aberto, lhe deo salto nelle, e com uma tisoura lho cortou ; tirou sete diamantes grandes, cahindo outros pela casa, quando Dona Antonia veio vestir o jubão e o achou cortado, e os diamantes menos, começou a gritar, entendendo, que fora ordem de sua ama, no que andou erradissima: porque houvera de pôr os diamantes, que lhe ficavam fóra de casa, e depois fizera diligencias pelos que lhe faltavam : ás vozes, que deu acudiram as amas, e como estavam innocentes, mandaram chamar o marido, o que vendo tomou o jubão a Dona Antonia, com tudo quanto tinha, dizendo-lhe, que não se agastasse, que o valor daquellas joias lhe tiraria de seu resgate: Ella ficando como mulher douda, e impaciente, sem se saber determinar, lhe aconselharam, não sabendo o que faziam, que se fosse queixar ao Baxá, e indo-se ter com elle, lhe contou o que passava, parecendo-lhe, que quando o Baxá lhe não fizesse tornar os diamantes, lhe daria liberdade com pouco interesse : O Baxá, que não quiz mais, mandou logo chamar Morato Corço, e lhe pedio todas as pedras, as quaes elle logo entregou, e pedio mais as que faltavam, que elle na verdade não tinha : porque a negra as tinha furtado, e dado a um

christão. E dizendo elle, que não tinha, nem achára mais, esteve a pique de o enforcarem, ou botarem no mar, e a bom livrar o condenáram em seis mil patacas, que pagou logo sem se bolir donde estava, e a Dona Antonia disse o Baxá, que se fosse para casa de seu patrão, que elle lhe não faria mal, porque elle a não podia dar livre, nem tira-la a seu patrão, que a tinha comprado, ella se tornou para casa dizendo-lhe seu amo, que as seis mil patacas, que lhe fizera pagar, de seu resgate haviam de sahir, ella tomou tanta paixão com este sucesso, que em poucos dias adoeceo de peste, de que morreo miseravelmente, não se achando para lhe dizerem uma missa, e o perro de seu patrão perdeo em uma semana, que lhe davam de ganancia, sete mil cruzados, e os dous, que lhe custou, e os seis mil que o Baxá lhe tomou, justo castigo de um cobiçoso.

Ficou sómente de toda esta casa de D. Luiz de Souza, uma negra bengala, a qual comprou Morato Hoja, escrivão grande da aduana que é a maior e a mais respeitada pessoa de Argel, da qual negra houve um filho, sendo ainda christã, não tendo nenhum de sua mulher, e morrendo este turco em breves dias, ficou o filho da negra herdando infinita riqueza a respeito do filho, de quem a fizeram tutora, até o presente estava christã, mas com poucas esperanças de perseverar, porque tratavam de a casar com um turco principal, e grande: Mercou mais o patrão de Dona Antonia o padre Manoel Mendes da companhia de Jesus, ao qual lançou logo uma grossa cadea, para que se cortasse, o que elle nunca quiz fazer, antes escreveo a este reino o deixassem lá estar, porque lá seria de mais fruto, pois prégava, confessava, e dizia missa todos os dias, e visitava os feridos de peste, da qual seu companheiro morreo, com singular virtude, e exem-

plo: e depois de muitos trabalhos veio a este reino a cabo de tres annos, custando seu resgate passante de tres mil cruzados.

CAPITULO XV

Da morte de frei Gregorio

O capelão da nao frei Gregorio, morreo de peste, fazendo antes que morresse cousas, que naquella terra não esqueceram, e na gloria terá justo premeio dellas: porque se aventurava a meter por casa dos turcos a confessar christãos, que seus amos não deixavam sahir fóra (havendo muitos annos, que se não confessavam) e lá lhe levava a Sagrada Communhão, confessando tambem a muitos renegados, e renegadas, que no coração o não eram, visitava os feridos, e enterrava os mortos de peste, não havendo nenhum doente, a quem não deixasse debaixo da cabeceira, ou o dinheiro, ou o regalo, que podia. Reformou o hospital com dez camas, que estava mui danificado, e ordenou, que tivesse renda particular, que hoje tem, de uns alambiques, em que os christãos estilam agoa ardente, que estão no banho d'el-Rei, onde está o mesmo hospital, e a igreja principal, que ha em Argel: os quaes rendem cada mez a trinta, e quarenta patacas.

Excepto as esmolas, que se tiram um dia cada semana por todos os christãos de Argel, que tem posse para as dar, que importa cada vez, quatro ou cinco patacas: porque os mais dias estão repartidos por outras igrejas, e confrarias pedindo cada uma seu dia, que lhe toca, e desta maneira se sustentam todos com

cera, e ornamentos celebrando todas as festas do anno com muita solemnidade, estando em todas em dia de endoenças o S. S. Sacramento fóra com muitos lumes, e muito boa armação: e feitos os sepulchros com muita coriosidade, e perfeição, e os officios desta somana tanto em seu ponto, que não digo eu em lugares, nem em vilas deste reino, mas nesta cidade de Lisboa ha muitas freguezias, aonde não está com tanta solemnidade, e aparato como naquella terra, pela misericordia de Christo nosso Senhor.

O hospital se sustenta com nove camas com sua roupa muito limpa, com fisico, barbeiro, e botica, e tudo muito bem pago, e dous christãos, que ordinariamente servem no hospital, e curam dos doentes, e enterram, e amortalham os que morrem assim nelle, como em casa de seus patrões: um christão chamado Manoel Pereira o fez no tempo da peste tão bem, que por sua mão enterrou, e amortalhou mais de quatro mil christãos, e depois de passada a peste se ajuntaram todos os que nosso Senhor foi servido livrar, e de esmolas, que ajuntaram entre si, o resgataram, e veio livre a esta cidade. Tem tambem obrigação cada padre, que diz missa no Banho do Rei, ser cada mez capelão do hospital, para dizer missa nelle aos doentes, confessa-los, e sacramenta-los, e fazer-lhe seus testamentos: não faltam tambem neste hospital, galinhas, frangos, e doces, e o mais regalo para os enfermos de maneira, que raramente comem carneiro, para o que os mais dos christãos, que morrem (se tem alguma cousa) o deixam para esta casa, na qual não entram mais que portuguezes, castelhanos, francezes, biscainhos, galegos, italianos, que todas as outras nações assim como não fazem caridades, não os recolhem, além de que nas mais acham-se poucos, que não sejam herejes.

NOVA DESCRIPÇÃO

DA

CIDADE DE ARGEL

CAPITULO I

Do sitio della, e governo dos turcos, assim na paz, como na guerra

A cidade de Argel está na costa de Berberia em o mar Mediterraneo, em altura de trinta e sete graos. Situada em uma montanha, cuja frontaria, terrados, varandas, e corredores cahem para onde responde o porto, que é a Lés Nordeste, as costas tem arrimadas a uma montenha aspera, que pouco a pouco vae sobindo até o alto, e como as casas vão sobindo por aquella costa, e ladeira até cima, vão ficando umas sobre outras, de maneira que as dianteiras, ainda que grandes, e altas não impedem a vista ás que ficam por detraz.

A traça, e feição da cidade, a quem a vê do mar, está parecendo uma vela de gavea, as duas pontas grandes debaixo cahem no mar, e o mais estreito em ci-

ma da cidade, que fecha com um castello, que se chama a Alcaçova, que é a principal força que tem, porque toda a cidade lhe fica debaixo: Terá esta cidade em redondo pela parte da terra mil e oitocentos passos, e pelo mar, que é uma ponta da vela de gavea, da parte debaixo até á outra, mil e seis centos passos, que tudo vem a fazer tres mil e quatro centos, em uma destas pontas está uma porta chamada Babazon, que cahe a Léste: Esta responde por uma rua direita, que é a mais larga de Argel, e terá de comprido, mil e duzentos e sessenta passos, a outra ponta, aonde está outra porta, que se chama a de Babaloete, que fica á parte direita, ao Es Noroéste.

Haverá em Argel doze mil casas, sendo a cidade muito pequena, mas em toda ella não ha um só pardieiro, ou curral, ou lugar vazio: além disto tem as ruas tão estreitas, que não cabem tres homens emparelhados por ellas, como ordinariamente são todas as cidades dos mouros, de modo, que ficam as ruas tão juntas, que a maior parte da cidade se póde correr toda por cima dos terrados das casas, as quaes todas são de cal, e ladrilho, mas perfeitamente acabadas.

A traça, e arquitetura dellas, é como os claustros dos mosteiros com os patios descubertos, e todos mui bem lavrados com seus azulejos com muita luz, e claridade, e todas ao redor com suas varandas, e corredores, e nestes patios ha muito poucas, que não tenham cisterna, e poço, e nenhuma dellas tem para a rua janellas, se não uns postigos muito pequenos, por onde as mouras pódem ver sem serem vistas: As ruas todas da cidade, sendo duas horas de noite se fecham, porque cada uma tem duas portas, que se abrem uma hora ante manhã, e assim os de uma rua sendo de noite não podem passar a outra, salvo a rua grande do soco, ou dos mercadores, e officiaes, pela qual andam

sempre duas rondas, uma do Mizuar, que é a justiça, e outra a dos turcos, que é a dos soldados com seu capitão, e cabo de esquadra, que todos vem a fazer esta ronda, quando a cada um lhe toca.

CAPITULO II

Das encaixarias

ESTÃO espalhadas por esta cidade sete encaixarias, que são casas, ou coortes, e companhias de soldados, como antigamente tinham os romanos junto aos muros de Roma, a traça destas casas, são como mosteiros de frades, com suas celas ao redor do claustro por baixo, e por cima, pelos corredores, e em cada sala, ou casa destas pousam a doze e a quinze turcos com seu debasi, que é cabo de esquadra, que os governa : nesta casa não póde cada um ter mais, que suas armas, escopeta, e frascos, arco, e frechas e espadas mais douradas, limpas, e perfeitas, que nenhuma nação do mundo, que penduradas na parede, fazem uma gentil armação, nem pódem ter mais fato, que duas camisas, dous calções brancos, uma manta, um capote, uma esteira, e com esta mesma roupa caminham para o campo, ou para o mar todas as horas, que lhe dão recado.

A ordem, que tem no comer é, que estes doze, ou quinze se ajuntam em um corpo, e cada um dá, o que lhe toca á sua parte no principio do mez, para mercarem arroz, ou grugu (que é trigo cosido) lenha, e manteiga, e elegem entre si um cosinheiro, a que chamam archi, o qual toma este cargo, porque não entra a parte mais, que com seu trabalho, e desta maneira com

pouca carne, e com quatro pães, que cada um tem cada dia, se sustentam, gordos, rijos, e valentes, e comem, e dormem todos juntos, e este comer com sua paga, lhe não póde faltar, ainda que se funda o mundo, e morra de fome toda a terra, e o podem tomar da despensa do mesmo rei: terá cada encaixaria destas a quinhentos, e a seiscentos homens, todos repartidos pela ordem acima dita: Não póde entrar nestas casas por nenhum caso mulher alguma, e tanto, que é de noite se recolhem todos, e seus porteiros fecham as portas, e não sahem senão pela manhã: Tem mais cada encaixaria destas sua mesquita dentro, sua fonte de agoa com tres, e quatro canos muito grossos, tem mais dous christãos, para serviço desta casa para a barrerem, acenderem as alampadas, e fazerem ao commum, o que é necessario, mas não servem a nenhum. Em particular estes christãos são escravos da aduana, e não tem já mais liberdade, ainda que deem muito dinheiro por si.

CAPITULO III

Das mesquitas

HAVERÁ dentro nesta cidade, mais de cento e dez mesquitas bem lavradas, limpas, com suas alampadas, e esteiras. Entre as quaes ha oito grandes, que tem suas torres mui altas, e em cima uns páos, aonde levantam uma bandeira, ás horas de fazer a salá, e das torres chamam os marabutos, que são como pessoas ecclesiasticas, nas mais altas vozes, que podem á gente, que venha á oração, e as que são pequenas, e não tem torre, da porta chama, ou o mara-

buto, que tem cuidado de administrar a mesquita, ou algum seu criado. Dizendo tres vezes lé ilá lá Mahamet erat cur alá (que querem dizer: Deus é, e Deus será, e Mahamet é seu mensageiro) entre dia e noite chamam ao povo cinco vezes, convem a saber, uma hora antes de amanhecer, a que chamam Cabão, e ao meio dia, a que chamam Dohor, e a completas, a que chamam Lahazar, e anoitecendo, a que chamam Magarepe, e a duas horas de noite, a que chamam Laruma, todas estas mesquitas, não tem dentro pintura, nem imagem alguma, e todas se governam por uma, a que chamam a mesquita grande: porque até que desta não gritam, ou não alevantam a bandeira que põem, para que os que estiverem longe, e não ouvirem as vozes, vejam a bandeira: as outras estão paradas, e começando esta, todas começam, e depois de estar a gente dentro o Marabuto se põe diante, e o povo todo por detraz descalços, e em fileiras, repetindo as mesmas palavras, e fazendo os mesmos meneios, que o Marabuto diz, e faz. Tem as mais das mesquitas sua fonte de agoa com tres, ou quatro resistos cada uma, que servem sómente para os turcos se lavarem, quando entram a fazer sua salá.

CAPITULO IV

Dos banhos dos christãos

Há tambem quatro prizões de christãos, a que chamam banhos, em cada um dos quaes está sua igreja, em que cada dia pela bondade de Deos, se dizem quinze missas, e mais com as portas abertas: aonde muitas vezes entram mouros, e turcos a

ver, e nos dias de festa se diz missa cantada, prégação, vesporas, e completas, com muito boa musica, e as igrejas muito bem armadas de cedas, e telas, que os mesmos turcos emprestam a seus escravos, e muitos ricos paineis, que a igreja tem, e muito bons ornamentos, frontaes, vestimentas, e capas de asperges, principalmente no banho d'el Rei. E no banho da bastarda: porque nelles ordinariamente ha, de quinze sacerdotes, para cima, os quaes cativam os turcos em varias partes, clerigos, e frades de todas as religiões, e gastam de cera nestas duas igrejas cada anno vinte arrobas, e assim isto como o sustento de todos estes sacerdotes, e jornal, que alguns pagam a seus patrões, que é duas, e tres patacas cada mez pelos não mandarem trabalhar, e o sustento do hospital com nove camas, barbeiro, botica, e fisico, sahe de esmolas dos mesmos cativos, que assim é servido nosso Senhor Jesu Christo, que em terra de barbaros se sustente, e esteja em pé sua igreja, e seus ministros.

Ha outros dous banhos, os quaes tem eada um seu capelão, um delles se chama o banho de Ferrate Bey, outro o banho dos Coloris: em cada banho destes ha ordinariamente cento e vinte christãos, tem seus guardiões mouros, ou renegados, que os fecham, e tem cuidado de os fazer trabalhar: No banho d'el-Rei estão alguns escravos de particulares, que são de estima, ou estão cortados, os quaes seus patrões entregam aos guardiões delles, para lhos entregarem, quando lhos pedirem: No banho da bastarda não estão mais, que os escravos da aduana, porque este banho é seu e nunca daqui sahem: porque jámais tem liberdade.

Haverá cativos christãos em Argel sómente da Igreja Romana oito mil, e se não fora a muita peste, que sempre ha, foram muitos mais em numero, porque por

um, que vae em liberdade, entram de novo mais de vinte: De outras nações haverá outros tantos, e mais, como são framengos, inglezes, de Dinamarca, escocezes, alemães, irlandezes, polacos, moscovitas, bohemios, ungaros, da Noroega, borgonhões, veneseanos, piamonteses, esclavonios, surianos de Egypto, chinas, japões, brazis, de nova Hespanha, e do Prestes João, e destas mesmas partes, ha tambem renegados, e de outras muitas em grande quantidade.

CAPITULO V

Das cazas dos judeos

Haverá tambem de casas de judeus cento e cincoenta, repartidas em dous bairos, e tem cada bairo sua Asnoga, entre os quaes ha judeos de muitas nações, que trazem seus principios, uns de França, outros de Malhorca, outros de Hespanha, e os mais delles da Berberia, estes pagam a El-Rei pelos deixar estar na terra cada anno, mil e oitocentas dobras, que vem a ser tresentas e cincoenta patacas: mas isto não é nada, para o que cada dia lhe fazem pagar, por qualquer pequena cousa, que lhe levantam, ou brigas que tem uns com os outros, os esfolam vivos: porque entre os turcos é a gente mais abatida e mais triste, que tem o mundo, porque um rapaz mouro dará no mais grave, e no mais rico, mil bofetadas, e tanto monta em um só, como em cento, que estejam juntos, a todos fará o mesmo sem os desaventurados judeos alevantarem olhos, nem se defenderem, nem dizerem palavra, mais que fugir se acham por onde: além disto tem outras muitas sogeições, pio-

res que escravos, porque os turcos,que pelas ruas acham mulheres publicas, ou rapazes bagaxas, com que de ordinario os turcos cometem o pecado inorme da sodomia, sem se estranhar, nem castigar, os levam a casa dos judeos, os quaes se sahem para fóra, e lhe deixam a casa, e a cama por todo o tempo, que alli querem estar, e a judia lhe hade estar fazendo de comer se o turco o traz, ou manda buscar, e servindo pior que cativa, e por paga lhe dão quando se vão muita bofetada, e furtam o que podem, sem que haja lugar de se queixarem, porque com estas condições vivem na terra.

O trage que .trazem é tristissimo, porque trazem vestida uma veste como sobrepeliz negra, para serem deferençados dos turcos, e conhecidos por judeos, de sarja, ou de baeta, e um albernós branco, um barrete negro na cabeça, e os que vem de casta de Hespanha, Malhorca, trazem um barrete negro na cabeça com um rabo ao modo de uma manga, tão comprido, que lhe chega até a sintura, pelas costas abaixo, e nos pés umas chinelas: porque sapatos não os podem trazer: As judias andam com as mesmas vesteas, e com um manto branco, ou ache pela cabeça, mas com a cara descuberta: porque só as turcas, e mouras, trazem a cara tapada, e comô as vestes são curtas, e não dão mais, que pelos juelhos, trazem calçadas umas meias de ruam muito justas nas pernas, desenferençando-se tambem nisto das mouras, porque só ellas podem trazer calções brancos muito finos até o bico do pé, ao modo de calções da India, de maneira que ficam conhecidas em andarem com a cara descuberta, pelas vestes, e pelos calções.

CAPITULO VI

Dos banhos de lavar

Ha mais dentro na cidade sessenta banhos, donde se lava toda a gente, que ha em Argel, tirando judeos: porque tem os turcos por peccado gravissimo, e injuria, lavar-se semelhante gente, onde elles se lavam, o que não é prohibido aos christãos cativos: porque é tão grande o aborrecimento, que tem aos judeos, que cometendo os turcos os mais abominaveis, e torpes peccados da carne, que se podem imaginar sem por isso serem castigados, não olharam para uma judia, ainda que seja muito fermosa, por quanto ha no mundo, e o que tal fizesse, lhe pareceria, que não ficava turco, e os que o soubessem, o teriam em conta de vil e infame.

Os banhos são feitos por muito boa traça, e são de muita limpeza, e saude para o corpo, e assim não ha mulher, nem homem, que tenha boubas, nem outros semelhantes males, porque os turcos fogem tanto de mal francez, como nós outros de peste: A ordem que tem de se lavar é, que aos homens os lavam os homens até o meio dia, e do meio dia para a noite, entram mulheres a lavar mulheres, de modo, que se á tarde puzesse algum homem pé no banho, o queimarão logo vivo: tanto que a gente entra se despe em uma casa fóra, e lhe dão uns panos para se cobrir ficando o fato segurissimo, e bem guardado, e passa logo por uma casa quente, onde começa a suar grandemente, e sentando-se no chão lhe põem junto a elle dous vazos grandes meados de agoa fria, e pouco a pouco lhos acabam de encher de agoa quente, até que o que se

lava a acha temperada: e logo vem (se é homem) um mouro com uma luva de cataçol, e lava e alimpa excellentemente, estando a pessoa sempre suando: mas sem lhe causar pena alguma, e acabado de lavar lhe trazem dous panos quentes, com que se cobre, e se vae assentar onde deixou o seu vestido, e depois de vestido, o borrifam com um frasco de agoa cheirosa, e paga valia de meio vintem, quando se sahe, e isto se faz ao mais triste escravo, que se vae lavar.

CAPITULO VII

Do foço, e muralha de Argel

A muralha de Argel como temos dito, pela parte da terra terá mil e oitocentos passos, parte della é de pedra e cal: e parte de cal e ladrilho, mas muito antigua, e fraca, terá de altura trinta palmos, e doze de largo: pela parte do mar tem mais altura, porque está fundada sobre umas penhas em que o mar bate: pela terra tem em redondo um foço muito cego, baixo, e cheio de immundicias, por dentro da cidade não ha contra foço, nem mina, porque as casas todas estão chegadas á muralha, e se em tempo de guerra se quizesse fazer, seria necessario derrubar muita quantidade de casas.

Em toda esta muralha ha oito portas, e começando pela parte, ou porta direita (que cahe ao Norte) está uma porta, a que chamam Babaloete, e daqui continuando a muralha, e caminhando sobre a mão esquerda cousa de oitocentos passos, até o mais alto da muralha, e da cidade está outra porta, a que chamam Dalcaçava: e caminhando mais sobre a mesma mão

vinte passos: está tambem outro postigo, qne tambem tem o mesmo nome por razão, que não se servem por estas duas portas mais, janizaros, que entram, e sahem a fazer suas guardas, na mesma Alcaçava, ou fortaleza: mais adiante caminhando costa abaixo quarenta passos, está outra porta de muito concurso, que se chama a porta nova: mais abaixo outros quarenta passos está outra porta, que é a principal de Argel, pela qual espero em Deos que esta cidade ha de ser entrada e ganhada, e em cima della arvorados os estantardes de Christo nosso Senhor. Esta porta se chama Babazon, por onde entra todo o concurso de gente, mantimentos, fruta, gado que vem de todos os lugares de Berberia, e dos Aduares dos mouros alarves.

Até o mar não haverá mais, que cincoenta passos, aonde se acaba a muralha, pela parte da terra, e caminhnado pela muralha, que fica junto com o mar, que é a rolinga da vela de gavea, a oitenta passos, ficam dous arcos mui altos, um delles tem atravessado uns mastros, e paos de altura de meia lança, e o outro arco tem uma porta, ou cancella, que se fecha com uma cadea de ferro, porque dentro ha uma praça metida pela cidade, mas sem porta para ella, de largura de cem passos, em a qual se fazem as galés: se recolhem as barcas de pescar, com tanto recado, que além de estarem fechadas dentro na cancella, as ligam todas umas ás outras, com cadeas de ferro, e juntamente lhe põem guardas de mouros: porque as não vão furtar os christãos cativos de noite: mas nem isto basta, porque em cinco annos que estive cativo se furtaram duas, e uma tomaram oito christãos cativos em pezo nos braços, lançaram por cima dos mastros, que estavam atraveçados em um dos arcos, que sómente para este effeito alli estão, e vieram nella a terra de christãos.

Mais adiante cincoenta passos está outra porta, que chamam a da pescaria por onde entram, e sahem todos os pescadores, e junto a ella da parte de dentro faz uma pequena praça, onde vendem peixe: tambem por esta porta entram, e sahem todos os mercadores, e mercancias, que vão, e vem para terra de christãos: na qual porta está sempre guarda, e um rendeiro, que lança em certo tributo, que alli se paga, assim da fazenda como dos christãos, que vão em liberdade: Mais adiante vinte passos, está outra porta mui principal, que se chama Babuzira, ou porta da marinha, da qual começa o Mole: por esta porta entram, e sahem todos os cossarios, e roubos de fazenda, e é grandissimo o trafego della, assim de mouros, como de christãcs, que vão trabalhar aos baixeis.

CAPITULO VIII

Do Mole

DESTA porta começa o Mole, o qual é muito bem feito, e tão alto, que os navios que se abrigam com elle, ficam cubertos até as gavias, e tão largo, que cada navio tem junto a si posto no mesmo Mole, lastro, artelharia, e pipas de agoa, e fica lugar mui bastante para serviço, e passagem da gente. De comprido terá este Mole trezentos passos até uma ilha, sobre que está de novo feita uma fortaleza, e por esta ilha se chama a cidade Algezeri, que em mourisco quer dizer cidade, ilha, e nós corrompendo o vocabulo dizemos Argel. Tem este Mole no cabo um fermoso tanque de agoa com uma bica, que basta para beber, e para serviço da gente, que trabalha na ma-

rinha, e nos navios: mas quando algum navio quer fazer agoa paga oito, ou nove patacas, e mais para as obras da cidade, e logo lhe largam um cano de agoa, de grossura de um braço, e lhe dão um muito comprido couro da feição de uma bainha de espada, e metendo a boca da bica nelle, vae correndo a agoa por dentro até sahir pela outra parte, a qual está metida na boca da pipa (por longe que esteja) e desta maneira se faz a agoa muito depressa, e sem trabalho de menear as pipas nem ser necessario chega-las á fonte senão do Mole, e do lugar (onde estão) as enchem passando o couro de uma para outra, e do mesmo lugar as embarcam, de maneira, que uma armada em um dia espalma, e dá querena, em outro mete lastro, e pipas, e em outro mete artelharia, e mantimento, e se põem á vela, e assim, em tres dias está prestes para fazer viagem. Ao longo deste Mole estão umas meias colunas, em que se amarram os navios, e adiante deste tanque fica uma pequena praia, aonde depois, que acabam os christãos, e mouros de trabalhar nos navios, que será pelas quatro horas da tarde, varam todos os barcos, e chalupas, de modo, que não fica nenhum a bordo dos navios, e além disto os ligam com cadeas de ferro, uns aos outros, e lhe põem guardas de quinze e vinte mouros: porque os não tomem de noite os christãos: mas isto não basta, porque cada anno se furtam quatro, e cinco, e vem nelles segurissimos os christãos a terra de Hespanha. Destes barcos é a melhor fugida, que se faz: porque outras, que se fazem em barcas feitos em jardins, e em barcas feitas de couros, são muito perigosas e poucas chegam.

Os navios dos mercadores christãos, antes que seja noite, metem as barcas dentro nos navios, porque se as deixam fóra, e lhas furtam, ficam todos os do navio com a fazenda perdida, e elles escravos da Aduana:

E' este Mole feito, como uma meia lua, dentro da qual estão oitenta navios recolhidos, seis galés, quatro bargantins, muitas cetias, tartanas, e polhacras: mas tanto que venta Nor Nordéste, que é travesia deste porto, não lhe basta cousa alguma: porque a mesma resaca rompe, e desbarata todos os navios, desfazendo-se uns com os outros, como aconteceo no anno de 625 que com uma hora de travesia, se disfizeram mais de quarenta, e dos que mais ficaram, não ficou uma só nao. (Cousa mui festejada dos christãos cativos) assim porque irão menos a roubar, como pela muita lenha e pregos de que se aproveitam, de que os mouros fazem bem pouco caso.

Nestes dias, em que foi a perdição destes navios, sucedeo ir uma vez o Baxá ver o castello, que está na ilha, e cabo do Mole, que se ia acabando e fazendo levar pedra a todos os mouros, mouriscos, alarves, e muzabres, que ha em Argel, o que se faz quando fazem alguma obra publica da cidade, ou fortalezas, e é desta maneira: manda o Baxá lançar pregão, que dous dias, ou tres na semana toda esta gente acuda á sofia, e leve ás costas cada um sua pedra, com que possa, fazendo um só caminho pela manhã, e elle em pessoa se vae pôr acavalo na parte onde se ha de lançar a pedra, ou na porta da cidade, por onde os mouros, e mouriscos hão de vir com ella: porque a vão buscar ás pedreiras onde já está cortada, e se algum traz alguma pequena, lhe dão muita pancada, e o fazem ir buscar outra maior, e desta maneira em breve tempo, e sem despeza põem quanta pedra querem, na parte onde é necessaria. Pois como digo estando o Baxá na marinha assistindo nesta obra vio, que uns christãos festejavam grandemente a perda, e destroço dos navios, e elle que os entendeo, lhe disse em voz alta: Oh christianos non pora, que aun que todo romper alli resta

la madre: e apontou para uma cetia velha, que estava varada em terra: ainda mal, porque assim é, pois neste mesmo tempo foi um baixel piqueno de meu patrão ao mar, em que foram dez christãos seus, e em espaço de vinte e quatro dias, que lá andou, apanhou vinte e tres navios de francezes, alemães e portuguezes, e de outras nações, e todos meteo a pique, e sómente trouxe a gente, e alguma roupa de porte, e se tivera gente para meter nelles, todos trouxera a Argel, e os christãos de meu patrão, cada um trouxe dous, e tres sacos de roupa velha, que os turcos engeitaram.

CAPITULO IX

Dos baluartes, e cavaleiros que estão na muralha de Argel

Em toda a muralha ha muitas torres, ameas, e seteiras e cavaleiros, mas sómente de sete se póde fazer menção: porque são terraplenados, e com alguma artelharia, mas tudo fraco, e muito antigo. E começando pela parte direita de Babaloete, está uma ponta muito chegada ao mar, em a qual está um baluarte terraplenado de vinte passos de largo, que tem nove troneiras com seus canhões, ás quaes respondem tres a Léste, tres a Nordéste, e tres ao Este, e é das melhores torres, que tem toda a muralha: sobre a porta de Babaloete está uma torre pequena, e fraca, que terá quatro canhões mui pequenos e de pouco porte: mais adiante seguindo a muralha, está outra torre terraplenada, de largura de quinze palmos, com quatro falcões pequenos.

Mais assima fica Alcaçava, que é o alto da cidade, e a principal força della, que é um lanço de muro, de vinte e cinco palmos de alto, e afastado do muro da cidade para a parte de fóra cinco paços, que junto com o muro da cidade, e terraplenado, faz uma praça por cima de sessenta palmos: tem dous baluartes pequenos, com doze peças: tem mais um patio, em que se faz a Aduana, ou junta, que tudo é uma cousa, com algumas casinhas, em que pousam alguns turcos velhos, já aposentados, que a guardam: Sobre a porta da marinha está um fermoso baluarte melhor que todos quantos ha em Argel, terá de comprido trinta passos, e de largo quarenta, não é todo terraplenado, tem suas casas matas; mas sem artelharia: um parapeito muito bom, que responde sobre o porto, terá doze peças de artelharia, quatro muito grandes, e muito boas, as outras todas means e todas de bronze: Dos mais baluartes não ha fazer caso, porque é cousa muito pouca, e sem artelharia.

CAPITULO X

Dos castellos fóra dos muros

Fóra dos muros da cidade não ha arrabalde, nem casa de pedra, e cal, mais que umas palhotas, ou curaes para a parte de Babazon onde se metem os alarves, cavalgaduras, e gado que vem de fóra; mas tem fora dos muros quatro castellos muito bem feitos, e muito fortes com seus revezes, casas, matas, e cavaleiros, parapeitos, e troneiras, pontes levadiças, a as portas todas chapeadas de ferro: Primeiramente começando pela parte direita donde começamos até

agora, que é para a porta de Babaloete, a trezentos e setenta passos della, está um castello feito em quadrangulo feito sobre uma penha com quatro pontas, e para a parte da terra com suas casas, matas, e para a parte do mar com seu parapeito, e com sete peças de bronze muito arresoados, para guardar uma praia pequena por onde póde entrar uma galé, é todo terrapleno com sua cisterna, e uma praça de trinta passos de largo, não tem foço, nem mina: este castello fez o Chali, porque sendo christão, e escravo, dizia muitas vezes que se fora Baxá, houvera sobre aquella penha de fazer um castello, veio a arrenegar, e a ser Baxá, e fez então, o que tinha dito, mais levado de seu parecer, e gosto, que não de necessidade, que houvesse no tal lugar de castello: porque tem uma montanha muito perto, que lhe póde ser padrasto, e todos os caminhos por onde póde ir soccorro, estão descubertos, a tiro de mosquete.

Subindo acima seiscentos passos da Alcaçava, está outro castello que terá de terrapleno até riba trinta palmos, tem cinco baluartes, e no meio uma cisterna, não tem foço: mas está em roda contraminado com uma mina, que cabe um homem em pé, terá dez peças de artelharia meuda, tambem está sugeito a umas montanhas, e póde facilmente ser batido: Adiante da Alcaçava setecentos passos, está o castello do Emperador chamado assim; porque o Emperador Carlos quinto levantou em uma noite um cavaleiro, que tem; e lhe plantou artelharia, e lhe poz sua tenda de campo, e depois os turcos lhe foram fazendo em roda cinco baluartes, que hoje tem. Divide-se este castello em dous cavaleiros com uma cova alta, que tem pelo meio, com uma porta falsa por baixo da terra, para effeito de se fazerem fortes os turcos de um cavaleiro em outro, sendo algum delles ganhado.

Terá vinte peças de artelharia, entre grandes, e pequenas, todas as fortalezas tem padrastos donde podem ser batidas, e delles descobrem os caminhos por onde lhe póde ir soccorro da cidade, ficando os padrastos a cento e cincoenta, e a cento e vinte, e a duzentos passos: Tem um castello que o anno de seiscentos e vinte e cinco se acabou na marinha, feito sobre a ilha, que está no cabo do Mole a trezentos e cincoenta passos da cidade terraplenado, com suas troneiras em roda para todas as partes: porque é de forma redonda, no meio tem um cavaleiro de cincoenta palmos em alto, todo cheio de seteiras, que respondem a todas as partes, e emsima posto em lugar alto um fanal, que tomáram antigamente á Capitania de Malta, que acendem de noite para descobrir o porto aos navios, que o vierem demandar de mar em fóra.

Terá este castello seis peças de artelharia, duas que fundio um arrenegado na terra, de que não estão contentes, nem ellas prestam, e quatro pedreiros muito grandes, que não servem de nada: não tem foço, nem mina: porque está fundado em uma ilha, e fica todo cercado de agoa, tem sua ponte levadiça, e é mais para guardar o porto, que para offender alguma armada se alli for: porque como a bahia é de quatro legoas até á ponta do monte Fuz, e em toda ella se póde botar gente, por ser todo um areal fermosissimo, não ha cousa, que lhe faça nojo, nem que lhe possa impedir a desembarcação, ainda que na fortaleza houvera canhões mui reforçados: Tanto que se sahe da porta de Babazon, que cahe para a parte de Leste, se dá em um rebelim, que fica entre a muralha, e um lanço de parede, que serve de contra muro (cousa de pouco porte) e sahindo por uma porta, que tem muito grande, chapada de ferro, para o campo, se vê logo um fermoso tanque de agoa excellentissima, com sua

fonte, e arca de agoa donde manam, e sahem todas as outras fontes, que ha na cidade, e toda esta agoa vem por canos descubertos, e facilmente se lhe póde tomar.

Na porta de Babaloete, que cahe a ponente está outro chafariz com uma fonte de agoa muito boa, e a mais delgada, e melhor que ha em Argel. E junto della estão umas pias de pedra, sobre as quaes cahe um cano de agoa, em que os pobres lavam sua roupa, e tem outro chafariz muito fermoso: Sahindo fóra dos muros para o campo por todas as portas da cidade se dá logo nas sepulturas dos mouros, que cercam toda a terra em redondo pelo campo, por espaço, para todas as partes, de uma milha larga: porque os mouros além de se enterrarem no campo, não se póde um enterrar na cova do outro, se não de cem, em cem annos, e assim tomam as mais das casas ricas, um espaço no campo, e o cercam de muro ao redor, com sua porta, em que se enterram todos os daquella familia.

CAPITULO XI

De como se enterram os mouros

O modo de enterrar é, que depois que o desaventurado morre, o lavam muito bem com agoa quente, e o perfumam, e lhe vestem camisa, e calções lavados, e o embrulham em um esquife, com a cabeça para diante, ao revez de toda a gente do mundo, e se é homem, e tem alguma dignidade, a qual se conhece pelo turbante, lho põem em cima do esquife, conforme elle o trazia quando era vivo, com muitas rosas, e boninas, e assim se sabe que pessoa era o morto: e se

é mulher fazem uns arcos no esquife, e por cima botam um pano de seda, com que se cobre todo, e se a mulher é donzella, singem o esquife, por cima do pano de seda com tres cochacas, ou sendaes: e se é casada, com duas, e se é viuva com uma, e logo á porta estão seus parentes, e amigos, que tomam o esquife ás costas, e revesando-se pelo caminho, e com grande pressa levam o defunto a enterrar, indo detraz os parentes mais chegados com os albernozes virados na cabeça, que é o dó que trazem, por um dia sómente, e vão cantando uns Marabutos Alá Alá illá lá, que quer dizer, Deos é, e Deos será: e se deixa alguns renegados forros, vão diante da tumba, cada um com seu pedaço de cana na mão, em que levam metidas umas folhas de papel, que é a carta, que lhe deu o defunto de liberdade, e logo com licença do Alcaide dos mortos, porque sem ella se não póde ninguem enterrar: porque assim o sabe o Baxá, para lhe tomar a parte, que toca ao gram turco, que é sua delle, e chegando á cova o metem em uma concavidade, que fazem de cal e ladrilho, e por cima lhe põem algumas pedras largas, muito juntas de modo, que fica o corpo sem lhe tocar terra, e acabando de cobrir a sepultura lhe põem uma pedra como padrão aos pés, e outra á cabeceira muito bem lavradas, em que põem o nome, e o tempo em que morreo o defunto: Alguma destas sepulturas ha, muito coriosas, e todas os mais dos mezes são lavadas, e caiadas, e lhe plantam em cima lyrios, e outras ervas. E depois de acabo o enterro, dão de esmola aos pobres, que alli se acham, pão, e o outro dia vão os parentes, e mulheres a rezar, e chorar sobre a cova do defunto, e depois ordinariamente por todo o anno vão a fazer o mesmo, á segunda feira, e á sexta, levando murta, que põem sobre as covas, e isto tão continuamente, que não ha mu-

lher, que deixe de ir encomendar as almas de seus defuntos, pelo menos estes dous dias na semana.

CAPITULO XII

Das hortas, e quintas, que estão ao redor da cidade

PASSANDO este espaço de uma milha das sepulturas, se entra logo nos jardins, quintas, hortas, e pomares, que são os melhores, e os mais viçosos, frescos, e abundantes de frutas, e de fontes, e ribeiras de agoa, que eu vi, dos quaes haverá em espaço de duas leguas ao redor da cidade mais de dez mil: E cada jardim tem sua casa de pedra, e cal, e seus christãos, que os cavam, e alimpam, porque os mouros se sahem todos pelo verão a viver nelles, com suas mulheres, e filhos: de maneira, que eu tendo visto alguma parte do mundo, até esta idade de trinta e oito annos de que sou, como foi: No Brasil, indo por terra, do Rio Grande até a Parahiba, e Pernambuco, e dahi á Bahia, estando em todos os lugares, aldeas, engenhos, que ha em toda esta costa, de uma parte até a outra: e na India fui de Moçambique, as mais das ilhas que ha até Mombaça, e até a mesma Mourima, e de Mombaça em embarcações daquella costa, corri toda a costa de Melinde, estando em Pate, Ampaza, Elamo, e outras muitas cidades de mouros até o cabo de Guardafuy, e entrada do mar Roxo: na India estive em todas as cidades nossas, e de mouros, que ha da ponta de Dio até o cabo de Comori: o estreito de Ormuz corri todo, sendo por quatro vezes capitão de navios, sem haver nelle pequeno lugar, que não visse, estando em Mascate, Barem, em

Catifa, e outras muitas fortalezas, e lugares, até chegar ao cabo delle, e entrar pela Caldea. Fui a Persia com cartas de sua Magestade, que dei ao gram Sopphi Rei della na sua propria mão, vi as melhores cidades da Persia, estando muitos dias em sua corte, vi algumas cidades do Mogor, bebi das sgoas do Rio Ganges, e do Tigris, e Eufrates, estive na Arabia Feliz, e na Arabia deserta, estive na Ilha de Santa Helena, nas ilhas dos Açores, e indo cativo a Argel, estive ao remo em uma galé de turcos, onde vi algumas cidades da Berberia, como foi Bogia, Bona, Tabarca (onde pescam o coral) Bizerta, e Tunes, em porto Farim (donde foi Cartago) vi muitissimas ilhas, em Levante, vi, e passei em redondo por toda a ilha de Cardenha, de Corcega, e pelas de Malhorca e Menorca, entrei, e sahi pelas bocas de Bonifacio, estive em Gaeta, no reino de Napoles em Civitaveja, e em toda a praia romana, em Villa França, e em Niza, no ducado de Saboya, em França, passei duas vezes o golpho de Leão, e depois de resgatado passei a Italia, corri toda a Toscana, e estado do gram Duque, estando em Florença, em Piza, em Liorne na republica de Luca, vim a Genova, a Sahona, vi todo o condado de Catalunha, o reino de Aragão, e de Castella, e este de Portugal: mas até agora não vi terra mais fresca de jardins, mais abundante de frutas, mais barata de mantimentos, mais copiosa de fontes, nem de clima mais temperado, nem mais rica de dinheiro (porque de todo o mundo entra aqui, e para nenhuma parte sahe) do que é a cidade de Argel, que permita o Ceo seja ainda desta corôa.

Mas com tudo, porque estes barbaros não gosassem de uma tranquilidade da vida tanto a seu salvo, cometendo contra Deos tão publicos, e inormes peccados sem castigo, principalmente o da sodomia, onze-

na, e roubos, forças, e mortes, sendo um açougue, e puro tormento de christãos; os castiga Deos nosso Senhor cada anno com continua peste, que dura de Janeiro até os caniculares, de que elles se não guardam: antes tem para si, que todo o que della morre, vae ao ceo. Dizendo que é morto pela mão de Deos, e assim o acompanham, e visitam mais que de outra qualquer doença, ou enfermidade.

CAPITULO XIII

Do governo dos turcos

JÁ que temos escripto o sitio da cidade de Argel, castellos, fortalezas, porto, Mole, e muralhas. Será necessario brevemente tratar do governo dos turcos, assim da cidade, como dos exercitos, ou mahalas, como elles lhe chamam: Primeiramente, o governo desta cidade, e de todo o reino depende de um Viso Rei, a que chamam Baxá, o qual é mandado de Constantinopla pelo gram turco, ás vezes cada anno, ás vezes por mais tempo, o qual ordinariamente, é renegado, e não lhe dão o cargo tão de balde, que não lhe custe primeiro muito dinheiro que peitam: porque para alcançar não bastam serviços nem por elles lho dão. Este, tanto que chega á vista de Argel, espaço de quatro legoas, que ha na ponta de Monte Fuz, atira a galé (em que vem) uma bombardada com o canhão de cuxia, que é o sinal, que dá para que o Baxá, que acaba, despeje as casas para o que vem de novo se aposentar nellas, e chegando ao porto, aonde logo acode infinita gente, o vão receber algumas pessoas da Aduana, e em breves palavras, em nome de toda

a republica lhe perguntam a que vem: elle responde, que a ser Baxá de Argel, por ordem do grão turco de quem traz suas provisões: perguntam-lhe mais se se obriga a pagar aos soldados, cada dous mezes, sem lhe faltar um só dia, começando a paga sete, ou oito dias antes de se acabarem os dous mezes: e elle responde que sim, porque já sabe, que não o fazendo assim, o tomam os soldados, e o metem em um almofariz muito grande, que para este effeito se fez, e com umas mãos de ferro o pizam, e fazem em pó, e em cinza. E com estas condições ditas, levam logo recado a Aduana, a qual com seu capitão de janizaros, a que chamam Agá o vem buscar á galé (em que veio) e alguns dos Baxás, quando desembarcam botam quatro ou cinco mancheas de dinheiro por cima da gente, (que o tem por bom agouro) e assim acompanhado o levam a sua casa, e ao dia seguinte fazem Aduana, e o Baxá novo mostra suas provisões, e conforme a ellas o metem de posse, largando-lhe todo o governo da terra, rendas, e direitos que pertencem ao grão turco: porque dellas ha de sahir a paga dos soldados, a que está obrigado de maneira, que fica mais sendo rendeiro, que governador: porque se faltar dinheiro, ou o hade pôr de sua casa, ou hade morrer sem remissão: mas tambem se sobejar, o pode levar para Constantinopla, ou para onde quizer.

Quanto ás cousas de guerra elle as não póde emprender, sem que primeiro as comunique com a Aduana, e capitão de janizaros, e da mesma maneira em sentenças de morte, e em outros muitos casos, e não póde só por si castigar turco: de maneira, que fica inferior ao Agá, porque de suas sentenças, ou cousas que faz, se apella, e se queixam ao Agá dos janizaros, e elle faz e desfaz, o que quer. Alem disto não póde tratar em sua casa negocio algum, nem falar com

pessoa, que não esteja diante um turco grave, que é deputado para isto, vendo, e ouvindo o que fala, e o que faz, e de tudo o que o Baxá disser, e fizer, ha de ir dar conta todos os dias ao Agá dos janizaros: Tambem traz comsigo de Constantinopla um turco, a que chamam Caia, que o aconselha, e lhe escreve, e é como seu lugar-tenente: Vem tambem provido pelo grão turco, outro turco, que é capitão geral na guerra, a que chamam Berlebei, pessoa muito respeitada e de muita authoridade, assim na paz como na guerra.

CAPITULO XIV

Das rendas de Argel

As rendas que tem o Baxá, de que está obrigado a fazer as pagas aos soldados, sahem primeiramente dos alarves que vivem no campo, que são obrigados a pagar, assim dos gados, como do trigo, mel, manteiga, cera, e mais cousas, que criam, mas esta paga ha de ser em dinheiro: cobra tambem as penções, que pagam os alcaides, e governadores sujeitos a elle: Cobra mais o que os mesmos alcaides lhe prometem quando lhe dá um campo, de seis centos ou sete centos turcos para cobrarem por força, de alguns alarves reveis, que não querem pagar aos ditos alcaides: porque então tomam toda a fazenda por perdida aos mesmos alarves, e fica para aquelle alcaide, que fez a guerra, e sustentou o campo á sua custa, e daqui paga certa quantia de dinheiro ao Baxá de Argel, que lhe mandou o campo: Cobra tambem de todos os roubos, que os cossairos tomam pelo mar, de sete partes uma, como toma de todos os christãos cativos.

Cobra tambem os mesmos direitos da fazenda de todos os navios mercantis, mouros, e christãos, e do dinheiro das redenções dos cativos, toma de cada sete caixas de dinheiro uma: Toma tambem para si todos os cascos dos navios, que se tomam de preza a christãos, e se trazem artelharia de bronze, é para a cidade, e a toma a Aduana: Cobra tambem a parte, que toca ao grão turco dos que morrem, que importa muito: porque em todos os mouros, e mouriscos mete a mão, ainda que tenham filho homem, e se acaso lhe falta, e tem filhas lhe toma ametade da fazenda, e se não lhe ficou filho, nem filha, toma tudo, ainda que tenha irmãos, e parentes, e sempre diz que é o mais velho: Sómente em turcos não entra (deixando filho macho) mas se lhe falta, tambem toma sua parte como qualquer das filhas, e se não tem filhos, tambem apanha tudo o que toca á parte do morto.

Cobra tambem sua renda, e ordenados, que lhe pagam aquelles, que lhe tomam a renda dos couros, e cera, e cebo, (que é como estanque) por ser mercansia, que vem para terra de christãos: Finalmente estas, e outras muitas cousas que se lhe chegam, virão a render cada anno, quatro centos mil cruzados, dos quaes se obriga a pagar aos soldados janizaros suas pagas, que importarão duzentos e cincoenta mil cruzados, e esta sempre está certa, e a renda, e cobrança das cousas acima ditas ás vezes falta, e é incerta, ou por respeito dos tempos, ou da guerra, ou por não haver prezas, ou por outras muitas cousas, que succedem, por onde os mais delles se perdem hoje neste governo: como eu vi tres metidos em um castello, até que mandáram vender o que tinham em Tuues, e em Constantinopla, para pagarem, o que ficavam devendo, quando tinham sucessor, e para isto davam fianças por tanto tempo, porque os não matassem.

E no anno de seis centos e vinte seis, Sarahoja Baxá, e filho de Argel, (porque lhe faltou o dinheiro para a paga, e o queriam matar) pedio tres dias para o buscar. e nelles tomou preçonha e se matou, e eu o vi enterrar sem pompa, nem acompanhamento algum, não consentindo os turcos, que o ocompanhassem, dizendo que quem morria daquella maneira, não merecia honras, nem era digno de haver memoria, nem lembrança delle.

CAPITULO XV

Do governo da cidade

HA tambem para o governo da terra dous juizes, a que chamam Cadis, um é justiça para os mouros, e outro para os turcos: do Cadi dos mouros se apela para o Cadi dos turcos, e de ambos para o Baxá, e do Baxá para o Aga dos janizaros, como supremo juiz. Estes Cadis são homens velhos, ricos e lidos no Alcorão, e que estão bem reputados, e todas as cousas senteceam verbalmente: porque as leis ordenadas por elles as tem estudadas: e assim logo condenam, ou absolvem conforme algum escrito, que as partes mostram, ou por testemunhas que logo hão de apresentar, e se é materia que mereça castigo alli logo, estão quatro ministros de justiça, (a que chamam Chauzes) com quatro paos ao modo de varas de medir, e botam o delinquente no chão, e lhe dão duzentos palos, ou os que lhe parecem, nas costas, e na barriga, e o mandam com todos os diabos pela porta fóra, de maneira, que entre os turcos não ha procuradores, escrivães, letrados, cartorios, nem feitos, nem

tantas demandas, como ha entre nós: porque todos os que tem demanda a acabam na hora em que a começam, sem haver nella papel nem tinta, salvo algum contrato, ou escritura, a qual assina o juiz molhando um sinete, que tem na tinta, e o pôem ao pé do que se escreveo, e fica sendo como firma, e sinal seu, e para prenderem alguem o podem fazer os Chauzes, mas hade ser por mandado dos juizes, que de seu arbitrio, inda que vejam o culpado, não o podem prender: mas para isto tem um só alcaide, a que chamam o Mizuar com seus esbirros, ou homens, que o acompanham, e este anda de noite, e prende os que andam ás dez horas, e todos os malfeitores, e tem carcere em sua casa, de homens, e mulheres, e este leva a justiçar os condenados: Ha mais outro cargo a que chamam Motazen, o qual tem cuidado de vêr os pezos, as medidas, e os preços, porque se vendem as cousas, e é companheiro do Mizuar.

Estes dous cargos vende, ou arrenda o Baxá, a quem lhe dá mais; tambem o Mizuar tem cargo de romper as tavernas aos christãos cativos, quando o ordena a Aduana: para o que manda em sua companhia um Jabasi, que é um turco grave da Aduana, para que veja o que faz o Mizuar, e a conta disto não roubem aos christãos, o mais que tiverem: isto manda fazer a Aduana, todas as vezes que não chove, e ha falta de agoa para as lavouras, dando por razão, que por peccados causados do vinho, e dos que o bebem, não chove, e assim o vem a pagar os pobres cativos; por que lhe arrombam as pipas de vinho, com que se remedeam.

CAPITULO XVI

Da Aduana de Argel

O principal governo desta cidade de Argel é superior em todas as cousas, assim na paz como na guerra, é a Aduana que é o mesmo que republica (como em Veneza, e outros senhorios) e como antigamente foi em Roma. Esta Aduana é de soldados janizaros, que actualmente andam servindo, e que por antiguidade dos serviços vão subindo desta maneira : Começa um soldado simples (a que chamam Oldaxi) com quatro dobras de paga cada mez, e com quatro pães cada dia, e cada dobra é de dous reaies, menos alguma cousa : destes Oldaxis se tiram quatro, que são os que estão mais chegados a subir, e estes tem voto na Aduana e obrigação de assistir nella, e propor os casos, que se hão de despachar.

De Oldaxi vae subindo até o primeiro cargo de honra, que se chama Odebasi, que entre nós é como o cabo de esquadra, mas esquadra entre elles não tem numero certo, porque é de dez soldados, e de quinze, e ás vezes de mais, e de menos : estes tem de paga seis dobras, são conhecidos : porque trazem o barrete tão alto como uma mitra, mas com duas pontas largas por cima, e o turbante todo trocido em voltas, uma em cima da outra, que quasi lhe vae chegando até cima. De todos os Odebasis se tiram dezaseis mais antigos, que tem voto na Aduana, e obrigação de assistir nella : Destes Odebasis sahem mais quatro Solachis ; que assistem sempre com El Rei, e comem com elle á meza : e tem ração cada dia para sua casa de pão, e um quarto de carneiro.

O outro cargo de honra é Boluco Baxi, que é como capitão. Este traz o turbante grande, e redondo, mas por sima delle se ha de ver o barrete, tanto como largura de uma pataca por onde é conhecido. O numero delles não é certo: porque em um campo de quinhentos homens irão vinte e cinco, e trinta Bolucos Baxis. E estes sómente podem ir a cavalo, e levar outro cavalo para seu fato: tem de paga dez dobras no mez, e seis pães cada dia: Destes, o mais antigo que esta para subir se chama Morbuluco Baxi, o qual assiste sempre com El-Rei, e é procurador dos soldados para com elle, e não póde o Baxá falar nada com as partes que este não esteja presente, e cada dia vae dizer ao capitão dos janizaros o que falou: come com El-Rei á meza, e tem ração para sua casa, a paga é como os Bolucos Baxis: O outro lugar de honra é Jabasi, que são vinte, tem voto na Aduana, e cargo de ver as faltas, que ha na cidade, ou de mantimentos, ou de governo, e avisar ao Baxá, as remedee; tem o turbante todo serrado, e de paga dez dobras. O outro cargo é Caia do Agá, que é como lugar tenente de capitão de janizaros, é lugar muito respeitado: porque ha de subir logo a Agá de janizaros, tem 15 dobras de paga.

CAPITULO XVII

Do capitão dos janizaros

O ULTIMO lugar, e supremo em todas as cousas é Agá, este o mais tempo que governa são dous mezes, e muitas vezes não dura dous dias, e outras vezes em um dia, fazem tres, ou por

não terem authoridade para o cargo, ou por lhe acharem, que teve alguma infamia, principalmente por lhe fazer a mulher adulterio, que posto que não podem matar a mulher, ainda que a achem nelle, tem obrigação de a entregarem a seu pae, e mãe, ou irmãos, e dizer-lhe, que aquella mulher é roim, e sangue seu, e que a elles lhe toca matala, e póde-se logo casar com outra, e assim fica limpo da infamia: mas se elle por amor, que lhe tem dissimulou, e fez vida com ella, não póde ser Agá, ou tambem se casou com mulher, que foi publica. Mas chegando a este lugar passa por elle, e fica aposentado com a mesma paga, que são quinze dobras ao mez, e doze pães cada dia, como todos os mais, e assim como o Agá dos janizaros passa, vão sobindo todos os mais de maneira, que todo o soldado janizaro, que vive, vem a ser Agá de janizaros. Tem todos alem destas pagas, que tenho dito, suas ventagens, que é cortando na guerra cabeça a mouro, ou a christão meia dobra de ventagem, e todas as vezes, que vem Baxá de novo lhe cresce a todos, meïa dobra de ventagem sobre as que tem de paga, e assim quando chegam ser Agás, vem a ter tanto de ventagens, como de pagas. Este Agá, ou capitão de janizaros, quando o elegem lhe vestem um roupão de tela, em nome do grão turco, e vae pela cidade até sua casa mui acompanhado de toda a Aduana, e depois em quanto é Agá o vão buscar, quando ha de sahir fóra, quatro Chauses, que são os que prendem os malfeitores por ordem da Aduana, e são pessoas, a que se tem infinito respeito, e alguns Odebasis, e lhe levam um cavalo, em que anda pela terra, acompanhado com os turcos, que tem cargo de o fazer, e dous Chauses vão gritando, que se afastem, que vem o Agá, e toda a gente se arrima á parede, e lhe abaixa a cabeça, e lhe faz a sua cortezia. Os outros dous Chau-

ses um leva o mandil de cavalo, e outro os çapatos, e entrando no lugar donde se faz Aduana, se senta em uma cadeira de veludo junto da outra, que está para o Baxá, e todos os mais turcos, que assistem naquella junta estão em pé, uns a par dos outros, como em prosição, uns de uma parte, e outros da outra, com os rostros baixos, as mãos direitas pegadas nas munhecas das esquerdas, de maneira, que quando falarem, ou votarem não hão de bolir com as mãos. Desta junta não ha apelar, nem agravar: porque com votos de todos sentencea o Agá, e logo se executa a sentença em final (estando todos presentes principalmente se é caso de morte, alli diante trazem o delinquente, e sentado no chão (se sabe por voto de todos, que morra) dalli logo vae a morrer, e se ha de sahir condenado a palos: da mesma maneira o deitam no chão e quatro Chauses saltam nelle, e lhe dão logo os em que o condemnam diante de todos.

De modo que todos os delitos, que se cometem pelos dias da semana, os que os cometem não estão prezos, mais que até o primeiro sabado, em que se faz a Aduana, porque logo, ou condenam, ou absolvem, e são tão rigorosos nestas suas sentenças, que muitas vezes se o mesmo capitão dos janizaros sentencea mal, ou vae contra o que é direito o tiram da cadeira, onde está, e lhe dão alguns palos, ainda que poucos: porque dizem, que basta a vergonha, e o tornam outra vez a pôr nella, e se elle não quer governar, e pede que o aposentem, o fazem governar por força.

Este lugar é tão supremo, que se o mesmo Baxá estiver agravado de algum janizaro, o não póde castigar, mas irá fazer queixa ao Agá, e elle faz o que quer: e asssim nos mais juisos, e em todas as mais cousas é tão respeitado, tão superior, e tão obedecido

de todos, que apenas ha quem olhe direito para elle, e passados os dous mezes, ou o tempo que o foram, ficam aposentados, e não entram mais na Aduana, nem tem voto nella, e vão os outros sobindo de maneira, que o mais triste soldado se vive, é Agá, e assim entre os turcos não ha um, que seja mais honrado, que outro, salvo no lugar, e em quanto outro não chega : porque nisto tem grande obediencia uns aos outros, e aquelle que não tem respeito a seus maiores, o Agá o tira da paga, que é o maior castigo, e a maior afronta, que se lhe póde fazer : porque além de perder a paga, e pão e ventagem, e antiguidade, e honra de janizaro, fica como mouro tão abatido, que qualquer pode levantar a mão para lhe dar e sem encorrer em pena alguma.

CAPITULO XVIII

Da ordem que os turcos tem na guerra

Haverá em Argel, cinco, ou seis mil janizaros, que andam no serviço, e de contino na guerra, e no campo, estes estão repartidos, pelas fronteiras, e presidios, que tem por dentro da terra[1] Como em Mostagão, Tremecem, Tenis, Bogia, Bona, e outros, e na cidade haverá de ordinario, mil até mil e quinhentos, e com serem tão poucos se conservam, e tem sugeita toda a Barbaria, e fazem guerra a todos os principes christãos, roubando pelo mar suas fazendas, e cativando seus vassalos : De maneira, que de Argel sahem em quadrilhas de quatrocentos, e quinhentos, assim a guarramar, e fazer pagar por força aos Alarves, os tributos a que estão obrigados : (por-

que se assim não fôra, não pagaram nunca nada) como tambem a prover os presidios, porque os que estão seis mezes em um, os tiram e vem para a cidade, e depois de descançarem, os mudam para outro.

A esta quadrilha de quatro centos se ajuntam mouros, amigos, e vassalos, a que chamam azuagos, os quaes andam a guarramar, em companhia dos turcos, tem sua paga de quatro dobras ao mez e não lhe sóbe mais, e tem alguns privilegios, e podem trazer ribete, que é um debrum de cetim pela gola do cafetão, ou marlota, que trazem vestido, por onde são conhecidos os mouros, dos turcos, de maneira que com a gente, que se lhe ajunta sempre fazem um campo de dous mil homens caminhando por esta ordem.

Quando querem partir, oito dias antes, põem fora em Babazão duas milhas de cidade, as tendas de campo, que são necessarias, sómente para os turcos, e no meio se põem uma tenda muito fermosa verde, que é a do Berlebey, ou capitão geral: estas tendas está o Baxá obrigado a da-las, e juntamente cavalos, assim para os Bolucos Baxis, ou capitães, como para a bagagem, e a Aduana dá as munições: Em cada tenda vae uma esquadra de quinze, ou de vinte soldados, nella está na cabeceira seu Debasi, ou cabo de esquadra, e logo lhe sucede Oniquilachi, que é o despenseiro, e logo vão sucedendo os mais antigos na esquadra, dormindo todos, e comendo por sua ordem e sua antiguidade, assim na cidade como no campo: por respeito, que entre elles não ha papeis, valias, nem certidões, e assim vão conservando esta ordem: porque por ella sobe cada um quando ha de sobir, e quando lhe toca o ser cabo de esquadra, capitão, e mais cargos, que ha entre elles, até o supremo de Agá de janizaros.

Tem mais cada tenda destas um turco o mais mo-

derno, que serve de cosinheiro, este cosinheiro, e o despenseiro de cada tenda tem obrigação de carregar os cavalos, que hão de levar a tenda, cosinha, biscouto, e os capotes, e montes dos soldados, e para os ajudarem dão a cada um dous turcos, os mais modernos, que os ajudem, e acompanhem diante: porque sempre partem primeiro, que o campo marche, e quando cheguem achem já as tendas postas, e o comer posto ao fogo, e a carne tomada, a qual dão os alarves, onde o campo assenta com o mais, que é necessario: Os turcos que vão marchando todos hão de ir a pé com suas espadas, frascos, escopetas ás costas, uma fota, ou toalha ao pescoço, uma caldeirinha de cobre, estanhada para beberem, na cinta: os Bolucos Baxis, ou capitães, sómente vão a cavalo, com sua escopeta atravessada no arção dianteiro, e cada um tem mais seu cavalo, para levar seu fato, e seu negro, ou renegado, que lhe tem cuidado delle, estes comem todos com o capitão geral, e tem sua tenda de por si, e fazem tambem sua Aduana, elegendo no campo os mais antigos, dos que alli se acham, fazendo tambem seu Agá, ao qual obedecem, todos os mais com tanto respeito, como se fôra, o que fica na cidade, e o capitão geral, faz então o officio de Baxá, de maneira que tambem não póde fazer nada, sem conselho da Aduana, que leva comsigo, com este governo vão caminhando, e correndo os aduares, ou lugares dos alarves pela terra dentro, aos quaes obrigam a pagar os tributos, a que estão obrigados, e esta paga hade ser em dinheiro, e se não lhe vendem todo o gado, e o mais que possuem, até a mulher, e filhos, por bem pouco, até que faça a quantia do que está devendo, a qual se entrega a um tesoureiro del Rei, que vae no campo, e este o traz para Argel, e o entrega ao Baxá para pagamento dos soldados.

Esta mesma ordem com que caminham, e com que dobram estas garramas, é a mesma que tem na guerra: porque a cobrança destas cousas a fazem com mão armada: porque ordinariamente lhe acontece, ou por se rebelarem seus tributarios, ou por seus inimigos virem contra elles, ficarem vencidos, e desbaratados, e sem trazerem garramas, e com o campo todo perdido, e assim vão dispostos a tudo o que se lhe offerecer, com a mesma ordem como se actualmente foram para a peleja, e assim esta fica sendo a ordem, que tem na guerra.

DOS SUCESSOS QUE TIVERAM OS CATIVOS

CAPITULO I

Da morte de D. Patricio

No anno de seis centos e vinte um, em que os turcos queimaram a nao Nossa Senhora da Conceição, cativaram nella a D. Patricio clerigo de missa, de nação valenciano, o qual vinha com avisos do governador das Felipinas para Sua Magestade, e a poucos dias de cativo succedeo, que um moço espanhol, por sua propria vontade, e tendo muito bom patrao se fez turco, e renegou. O patrão quando soube, que elle renegou sem sua licença, e contra sua vontade, o vendeo logo a um ferreiro muito mau homem por se vingar delle: o qual usando de sua boa condição, e por Deos nosso Senhor assim ser servido, matava com trabalho o arrenegado; elle não podendo soffrer tão ruim vida, ou por ventura arrependido de ter renegado, se juntou com uns christãos, e lhe disse que

elle queria tornar-se á fé de Christo, e fugir para terra de christãos e que tudo o que quizessem, ou de limas de seu amo ou de sua pessoa o achariam prestes. Os christãos festejaram a occasião: porque elles não arriscavam mais que uns poucos de açoutes e o renegado a vida e assim lhe disseram que iriam com elle á marinha das sete horas da manhã, e que a melhor barca que visse mandasse deitar ao mar, como era contra-mestre de algum navio, e que os christãos que eram de sua casa e que nella se meteriam todos como que iam fazer lastre, uma milha do porto, e que se deteriam até á noite, e teriam fóra da pórta em uma praia enterrados os remos, véla, e agua, e dormiriam os que haviam de ir, fóra de casa de seus amos, e sendo horas, se iriam embarcar sem serem sentidos.

Pareceo esta traça bem ao renegado, e sem mais consideração a poz por obra, e levando os christãos á marinha, fez deitar a barca ao mar, e se meteu nella e chegando onde se havia de fazer o lastre, ou saborra, se sahiu fóra, e foi dar recado a uns amigos seus, e a despedir-se de outros, como homem de pouco juizo e como isto havia já dias que se tratava veio a ter noticia do caso D. Patricio, e pedindo ao renegado que o levasse o renegado se escusou dizendo que elle não era homem que soubesse remar, e que assim não se atrevia a leva-lo: D. Patricio lhe disse que já que não podia ir com elle, que lhe levasse um maço de cartas a D. João Fajardo, seu parente, e o arrenegado lhe prometeo que as levaria.

De maneira que o clerigo tinha escrito largamente com animo, e zelo de servir a seu rei e desejo de augmentar a fé catholica de Christo nosso Senhor: porque avisava, que Argel estava falto de gente, pela grande peste que havia: porque cada dia morriam mil pessoas, e que a fortaleza nova se ia acabando,

e que era bom tempo para ir a armada real tomar a terra. Alem disto pintou a cidade em uma folha de papel, e de tudo fez um maço, e quando o renegado se foi despedir delle, lho deu, encomendando-lhe o levasse a bom recato. O renegado se foi embarcar outra vez, deixando avisadas as pessoas, que á noite haviam de ir, e se afastou com a barca para o largo, como que era barca de pescador, porque não o sendo tem obrigação de se varar em terra. A's quatro horas da tarde: quiz a fortuna, que aquelle dia todos os pescadores se recolheram, e deram fé da barca, e viam que não faltava, nem ficava fóra nenhum de seus companheiros, e a barca que não se hia varar com as outras dos navios: por onde conheceram, que a barca era de christãos, e remettendo a ella a tomaram e achando dentro o renegado, o amarraram juntamente com um christão, escravo de meu patrão chamado Sebastião Machado, natural do Porto; porque os mais se tinham sahido em terra por não serem sentidos. Preso o arrenegado lhe acharam as cartas, as quaes abertas e lidas, disse logo quem lhas dera, e em continente foi logo buscado. E prezo o pobre de D. Patricio, e ao dia seguinte em que se fez Aduana foram aprezentados nella o christão escravo de meu amo, o renegado, e D. Patricio. E sahiu por sentença, que ao christão ferrassem no rosto: ao renegado enganchassem, e a D. Patricio queimassem vivo, e tudo se fez logo naquella manhã.

Foi D. Patricio a queimar com grande coração encomendando-se a Deos, e á Virgem nossa Senhora em altas vozes, posto que lhe davam infinitas punhadas e bufetadas, e chegado ao lugar onde havia de padecer fincaram duas estacas no chão, e em cada uma amarraram sua perna, e puseram redor delle (obra de duas varas) muita brusca, e lenha em que pegáram

o fogo, para que pouco, e pouco se fosse açando, e tivesse mais pena, porque é notavel o odio, que tem aos sacerdotes (ou papazes, como elles lhe chamam) mas as pedradas foram tantas dos rapazes, que brevemente o mataram, e cobriram o corpo com ellas, e assim meio açado, e meio despedaçado o botaram no monturo, ao longo do mar, onde botam os cavalos e animaes mortos, que com este despreso nos tratam estes barbaros, inimigos de nossa santa-fé: mas os christãos o tiraram de noite deste lugar, e o enterraram no jazigo onde se enterram os mais, e D. Patricio estará gozando da gloria com Christo, pois morreu como verdadeiro christão, e leal vassallo de seu rei.

O renegado botaram no gancho, o qual está posto na porta da cidade, que vae para a marinha, e é da feição de uma escapola do açougue, em que penduram a carne, mas muito maior e tomando-o de cima da muralha em pezo, um pelos pés, e outro pela cabeça o deixáram cahir sobre o gancho, e pela parte por onde ficou pegado se ficou até que morreo, que é terrivel morte, porque dura vivo tres, e quatro dias: não se pode saber se morreo mouro, se christão, Deos Nosso Senhor o julgará conforme sua tenção.

CAPITULO II

De um clerigo irlandez, que padeceo, chamado o padre Francisco

No anno seguinte de seis centos e vinte dous, se encontrou um Arrais mourisco, expulso de Hespanha, chamado Mahamet Tagarino dos mais valentes cossairos de Argel: com um navio da

armada de D. Fadrique de Toledo, chamado o Rozairo, de que era capitão D. Cornelio irlandez de nação, soldado velho, e muito esforçado, no qual navio vinham perto de duzentos homens de mar, e guerra, e no navio dos turcos vinha muito mais gente, e era muito maior: finalmente de uma parte, e de outra se brigou valerosamente, e foi tão travada peleja, que nella morreram ambos os capitães com mais de doze soldados de cada parte, e como os nossos soldados os mais delles eram bizonhos, e os mouros muito mais em numero, entraram o navio da armada, e o renderam, e o levaram a Argel, no qual vinha por confessor um clerigo irlandez; e como tem por costume os renegados, tanto que tomam alguns christãos chegarem-se a elles; e saberem de que terra são, e que novas ha: lhe disse um genovez sem saber o que dizia, e sendo mentira, que em Cadiz havia poucos dias, que tinham queimado uns renegados de Argel.

Sendo a maior falsidade do mundo, mas daquelle, que tem por costume mentir não se póde esperar cousa, que boa seja, nem que bem receba: os renegados, que não quizeram mais ouvir foram passando palavra de uns aos outros, e tanto que chegaram a Argel deram noticia, do que passava aos renegados mais ricos, arráizes, e cossairos, dizendo-lhe, que o que acontecera áquelles que queimaram, podia cada dia acontecer a elles pois andavam sempre no mar sujeitos á mesma fortuna, por onde seria bom remedia-lo; e posto, que não eram necessarias muitas palavras para os renegados porem em execução a má vontade, que tem aos christãos principalmente aos sacerdotes, e ainda que alguns sejam bem intencionados, por se mostrarem observantes na lei, e inimigos do nome christão, fazem em publico mil demonstrações em odio do mesmo nome, e tudo vem a cahir sobre as costas

dos pobres escravos, e depois em particular alguns vem a ter satisfação com os cativos, dizendo lhe, que se o não fizerem assim os terão por christãos, e não se fiarão delles, nem lhe darão lugar, para em algum tempo fugirem, e se reduzirem á fe catholica: mas tudo é mentira: porque estes vivem com mouros, e com christãos, e menos se póde fiar delles, pelo que cada dia vemos: finalmente os renegados, em que mais entram o desejo desta vingança, e os que mais tomaram á sua conta fazer um castigo exemplar, foi um renegado grego, chamado Calafate Açan, que foi, o que botou o primeiro dia a gente dentro na nao da India, e ao segundo fez com que se queimou, e no anno seguinte brigou com as galés do marquez de Santa Cruz, e matou o filho do conde de Benavente, que vinha nellas por seu lugar tenente, e ao presente está preso e cativo em Napoles metido em Castel novo. O outro renegado se chamava Mahamet Portuguez: porque o é de nação criado em Alfama, e foi doze annos moço do barco do Jalofo, e hoje tem o filho do mesmo Jalofo por seu escravo, e por lhe pagar a criação que o pae lhe deu nesta cidade lhe quer fazer o filho turco, tenham Deus da sua mão.

Este arrais é muito conhecido, e tido em conta de fino mouro, rico, casado, e com filhos, de maneira que estes dous arrais se foram ao Baxá, e lhe contaram a boa informação, que tinham dos outros renegados, e lhe pediram licença para mercarem um sacerdote irlandez, que no mesmo navio vinha, e para o queimarem, porque fazendo-o assim: em Hespanha não queimariam os renegados, e elles sem temor poderiam navegar: (sendo assim, que elles ao renegado, que quer fugir, ou foge para terra de christãos se o apanham o engancham logo sem apelação, nem agravo). O Baxá lavou as mãos do sangue do justo (como fez

Pilatos) dizendo, que lá se aviessem: porque entre elles é lei ordenada, e expressa, que aquelle, que merca escravo póde fazer delle o que quizer como fazenda sua, sem que a justiça se meta nisso: com esta licença se foram ao baptistan aonde se vendem os escravos, e mercaram por duzentas e quarenta patacas ao pobre sacerdote de Christo, que cuidava, que levava algum bom patrão, estando innocente do que passava, e metendo-o em uma casa deram recado aos mais dos renegados de Argel, e sem authoridade de justiça, com uma barbaridade insolente, pegaram todos no innocente sacerdote, como se fora a prisão de Christo Nosso Senhor: fazendo o officio de Judas, o perro de Mahamet Portuguez, e Calafate Açan, pois entregavam o bemaventurado clerigo, ao maldito, e obstinado povo, o qual com o maior rumor do mundo o levou pelas ruas publicas, dizendo-lhe mil injurias, e blasfemias, dando-lhe infinitas punhadas, e bofetadas, que quando chegou á porta de Babaloete, para sair ao campo já não levava dente na boca, e na mesma porta levou um renegado de uma faca, e lhe deu pelo rosto uma cruel cutilada, e outro lhe cortou uma orelha, que depois trazia na mão como se fizera uma grande valentia, outros lhe deram outras muitas feridas, entre as quaes lhe deram uma pelos peitos com que ficou quasi morto, e levando-o já sem sentido ao lugar onde o haviam de queimar, foram todos com grande festa, a buscar lenha, e a merca-la, parecendo-lhe, que faziam uma obra de grande merecimento para com Deos, e para com o povo, ficavam todos tidos, e reputados por finos mouros: e assim desta maneira puseram fogo ao innocente servo de Christo, sobre o qual carregaram as pedras tanto, que brevemente acabou a vida: lidando sempre, e tendo na boca o nome de Jesus, e

da Virgem Nossa Senhora. A morte deste sacerdote foi mui sentida de todos os christãos cativos, pela crueldade, e injustiça, com que lha deram, e até os mesmos turcos publicavam sua innocencia: porque ainda que fora verdade, que em Cadiz queimaram os renegados, que culpa tinha o padre Francisco, ao que a justiça fazia; quanto mais, que se averiguou que era mentira: bemaventurado que estará na gloria com Christo nosso Senhor, pois morreo innocente, e sem culpa.

CAPITULO III

Da morte do padre mestre Monrroy

No mesmo anno de mil e seis centos e vinte dous, tiraram morto o padre mestre Monrroy da ordem da Santissima Trindade, do poço onde havia muitos annos o tinham metido, e preso, e o trouxeram da Alcaçava onde estava pelas ruas arrastões, com uma corda atada por um pé, como se fôra algum perro, que vão botar no mar,: assim o tiveram á porta da cidade meio dia, para que soubesse o povo que era morto, e depois os christãos o enterraram, e puzeram sinal na cova, porque dahi a seis mezes mandáram seus ossos a Madrid ao seu convento onde hoje estão, e posto que a prisão do padre mestre não foi em meu tempo, foi sua morte, no qual enterro eu me achei, e por esta causa contarei o sucesso della.

O padre mestre Monrroy da ordem da Santissima Trindade foi a Argel a resgatar cativos com uma redenção muito grande, com muita quantidade de di-

nheiro ordenada, e mandada pelo corôa de Castella, e depois de estar em Argel alguns dias, e ter feito a maior parte do resgate, porque tinha já livres, e pagos, cento e cincoenta cativos, gente muito boa, e escolhida. Sucedeo, que neste mesmo tempo resgataram uns mercadores em Liorne uma menina moura filha de um turco grave de Argel, e a meteram em uma Setia, e a levaram a seu pae por cuja ordem a foram buscar.

Acertou a Setia por causa de roim tempo tomar a Corseca, e visitando os da terra a Setia viram a menina, que era pequena, e muito fermosa, e foram logo dar aviso ao bispo, o qual a mandou ir diante de si, e tanto que a vio, disse aos mercadores, que era cargo de consciencia, que tão pequena criança fosse para Berberia, e que a havia de bautisar, e fazer christã, e por mais, que os mercadores lhe disseram, que era filha de um turco poderoso, e que podia fazer mal aos christãos, que estavam em Argel (tomando lhe a filha contra sua vontade) e estando já resgatada com seu dinheiro, o bispo não obstantes todas estas razões, baptisou logo a menina, e aos mercadores mandou embora, os quaes como levavam fazendas na Setia, fizeram sua viagem para Argel onde chegáram brevemente, e tanto que sahiram em terra, foram ter com o turco, e lhe deram conta do que lhe acontecera com sua filha, o qual como doudo se foi logo a Aduana, e botando a touca pelo chão, que é demonstração de pedir justiça, e de grande sentimento, se queixou da força, que fizeram os christãos em Hespanha a sua filha, e que para alcançar, ou ter vingança d'elles, não havia outro remedio, senão embargarem o padre mestre Monrroy redemptor dos cativos: e a redenção, que estava feita, e o dinheiro, que havia por empregar; a isto ajudaram tambem as lagrimas, e vozes da

mãe da menina, que logo veio vestida de azul (que é luto, que as mulheres trazem, quando sucede algum homcidio, ou morte desastrada, em pessoa que muito se ama) e com o rostro, e cabeça cheia de cinza fazendo grandes alaridos: a Aduana lhe concedeo logo tudo quanto pediram, e nem bastando estas deligencias, e tendo por certo, que a filha não havia de tornar mais a Argel, ainda que se fundasse o mundo pois estava já feita christã, se partio para Constantinopla a fazer queixa ao grão turco, e de lá trouxe ordem, para que metessem em prisão ao padre mestre, e o dinheiro, e christãos ficasse tudo perdido para a Aduana: o que se comprio ainda com maior rigor, do que o mandavam: porque tomaram o padre mestre, e o prenderam dentro na Alcaçava, e o meteram em uma cisterna muito metida por baixo da terra com muito pouca luz, e com muito pouco de comer, e nesta prisão esteve muitos annos, na qual o sustentavam os christãos, que tinha resgatado, e por mais deligencias que fez sua Magestade, escrevendo muitas cartas a El-Rei de França, para que escrevesse, e pedisse ao grão turco, como irmão em armas, que é do mesmo Rei, lhe quizesse mandar dar o padre mestre: El-Rei de França o fez assim, e alcançou do grão turco provisão, para que os de Argel lho entregassem: mas elles nunca já mais quizeram admitir segunda ordem, e assim por descurso do tempo, veio a morrer no poço onde o tinham metido até á hora em que o tiraram, e trouxeram a rastões pela cidade, como assima contei: diziam todos geralmente, que era pessoa gravissima mui douta, virtuosa, e bem entendida, padeceo grandes trabalhos, e perseguições por amor de Deus fazendo vida de santo, e padecendo no poço morte, como de martyr, e á maneira dos mais que morreram por Christo estará na gloria.

Por aqui se verão os crueis trabalhos, que passam os cativos em poder d'estes barbaros, e turcos de Argel, que é a mais soberba gente do mundo, e a que menos estima nossas forças, e nossas poder, que quantas ha, e o risco da vida, em que está o miseravel, que sua estrela o chegou a ser cativo desta gente fera: pois ver os martirios, que fazem a meninos, e a moços para que por força se tornem turcos, é cousa mais para se chorar, que para se escrever, e assim por escusar proluxidade, não conto as terriveis mortes, que vi dar a differentes pessoas, e por cousas muito leves como é se um christão, ou mouro, ou mourisco alevanta a mão para algum turco de paga lha cortam logo, e se lhe faz alguma arranhadura tão grande como o bico de um alfinete o tomam, e com uma maça de ferro lhe quebram as canellas das pernas, e as canas dos braços, e assim vivo o botam no monturo, até que morre, e se é christão, ainda que se faça mouro, e arrenegue não basta, mas sómente lhe tira, que os moços lhe não tirem pedradas, que é cousa de mais pena, pois se lhas tiram acabará logo a vida, e não lhas tirando, dura com aquellas ansias tres e quatro dias vivo.

Ao christão, que vem de Malhorca, ou de Valença por espia em fragatas, a fazer algum lanço, como muitas vezes acontece, se o apanham, o esfolam vivo, e lhe põem a pelle cheia de palha á porta da marinha: vi tambem empalar a uns, crucificar a outros, e outros muitos generos de mortes, que cada dia se dão, e a todas para maior pena os deixam vivos, e duram no tormento dous, e tres dias e assim não é de espantar, que os cativos façam tantas deligencias, e ponham em perigo tantas vezes a vida por alcançar liberdade, e se verem fóra de tão arriscada terra, e tão trabalhoso cativeiro, saltando a muralha para fur-

tar um pique no barco, em que atravessam o mar mediterraneo, pondo ás vezes oito e nove dias na passagem, sem comer nem beber, e a muitos aconteceo, que chegando a terra de christãos acabaram a vida, sem poderem dar um paço, ou por muita sede, ou por muita fome. Outros muitos fazem cada dia barcos nos jardins dos seus patrões metidos em algumas covas, ou grutas feitas as cavernas das mesmas arvores dos jardins, e as taboas de algumas portas, que furtam, tudo roim, e podre feito de noite e ás escondidas, mal breados, e pior calafetados, e muitas vezes levam os barcos ás costas a deitar no mar mais de meia legoa, e quando lá chegam já vae o triste barco das pancadas, que dá pelo caminho, todo arrombado, e aberto, assim de maravilha chegam estes a terra de christãos, e no mar se afogam todos. A este proposito contarei o que aconteceo a uns amigos meus, escravos de Açan Arrais.

Fizeram estes christãos um barco no jardim de seu amo, sendo elle fóra da terra, e a noite que estavam para o levar ao mar, foram malsinados, e descubertos, e sua patrona quando o soube, (que estava no jardim) mandou vir os christãos diante si, e lhe disse, que lhe trouxessem alli o barco, que o queria ver: foram-lho buscar, ella quando o vio se rio muito, e fez muito grande zombaria dos christãos chamando-lhe de bestas, e de mandrias, pois naquillo queriam aventurar a vida, e por castigo lhe deu, que logo lhe enchessem o barco de agoa diante della, os christãos tomaram cada um sua quarta, e ella estava sentada junto ao barco a rir, e a dizer mil injurias aos pobres escravos, os quaes assim como deitavam a agoa dentro se sahia por fóra, e desta maneira os cançou todo um dia, que fora melhor dar-lhe de palos, porque alem do trabalho que tomaram, lhe dizia mil afron-

tas pois no barco, que não podia ter dentro uma quarta de agoa queriam elles passar o golfo, como é de Berberia a terra de christãos: Outras barcas se fazem ainda peores, que estas, e é que a armação dellas é de canas, e por fóra em lugar de taboas cubertas com couros de solas, em que cabem oito, e nove pessoas, e assim destas, como das que se fazem nos jardins, de vinte não chega uma, e com tudo sempre se fazem, e os pobres cativos não se desenganam: em uma destas sucedeo o seguinte:

CAPITULO IV

Do que sucedeo a Andres Malhorqui, e a Catherina Espanhola

No anno de seis centos e vinte e tres, um Malhorqui chamado Andres, escravo do capitão Ali Mami se namorou de uma espanhola cativa, chamada Catherina, e com enganos, e promessas fantasticas, a tirou de casa de seu patrão, e a levou a um jardim de um amigo seu, e tendo-a alli alguns dias, a christã se veio a desenganar de suas mentiras, e não sabia o que fizesse de si: porque era impossivel poder alli estar muitos dias, sem que dessem com ella, e a levassem a casa de seu patrão, que era muito mau homem, e a havia de esfolar viva com açoutes: e deste castigo não ficavam tambem livres os dous escravos, um pela desenquitar, e fugir, e outro pelos consentir, com este receio Catherina apertou com Andres, seu namorado, que buscasse ordem para fugirem para terra de christãos, dizendo que antes queria morrer afogada no mar do que tornar a casa de seu amo,

Andres persuadido, e lastimado das lagrimas da christã, obrigou ao seu amigo do jardim, a que fizessem um destes barcos de couros, de que assima fiz menção, e todos tres com uma vela que levariam, poderiam fugir nelle, e chegar a terra de christãos: fizeram-no assim, e em breves dias botaram o barco ao mar, e se meteram todos tres nelle: mas não teriam navegado duas legoas, quando o barco se hia ao fundo sem lhe poderem valer, e com muito trabalho tornaram outra vez para terra, cahindo muito mais abaixo donde tinham sahido, e não tiveram outro remedio mais, que largar o barco na praia, e meterem se com os alarves, pela terra dentro, e tiveram intelligencia para tomarem vestidos dos mesmos alarves, e passarem a vida entre elles mais de dous annos: porque sabiam fallar a lingoa muito bem, principalmente a mulher, cousa que é ordinaria em todas as christãs cativas, porque assim como suas amas, com quem tratam sabem fallar, e aprendem dellas a lingoa espanhola, ou franca, como ellas lhe chamam, assim as christãs aprendem das amas a lingua mourisca mui facilmente, de maneira, que estes dous namorados, viveram dous annos pelas montanhas, no fim dos quaes foram descubertos, mas a mulher valerosamente fugio dentre as mãos, dos que a queriam prender, e a elle tomáram, e trouxeram amarrado ao banho de seu patrão, o qual é o peior homem, que tem Argel, chamado o capitão Ali Mami, e mandou logo cortar as orelhas ao christão, e botar lhe muitas cadeias, que prouvera a Deos então o mandára matar, e não viera a fazer o que fez. A mulher como se vio só, se veio das montanhas onde estava, a meter com um christão corso, que havia muitos annos, que vivia em um jardim de seu patrão, em o qual grangeava muito dinheiro para si de cria-

ções, e de vinho que fazia, e tinha fama de rico, e podendo-se vir, para terra de christãos, e deixava de fazer, por estar afeiçoado, ou á terra, ou á mulher; mas o certo era, que alli havia de morrer, porque uma manhã vindo o seu patrão ao jardim, achou no meio da casa a seu escravo degolado, e a mulher da mesma maneira, junto a elle, e uma sofra, ou meza posta com pão, vinho, e peixe frito uns diziam, que um christão seu competidor com ciumes da christã, se reconciliou com o morto, e ceando aquella noite juntos com capa de amisade, fizera aquella boa obra outros diziam, que mouros, que o quizeram roubar, mas nunca a certeza se pode averiguar, nem pela morte de um christão se fazem muitas diligencias.

O Malhorqui autor da fugida, que estava ainda com cadeas e sem orelhas preso no banho, quando soube da morte da sua amiga, como homem desesperado se foi a seu patrão, e lhe disse, que elle se queria fazer turco, e juntamente lhe queria descobrir um segredo, para que o tivesse ainda em conta de melhor renegado, e que de coração tomava áquella lei, o qual era, que todos os christãos, que tinha no banho, que seriam oitenta lhe queriam fugir aquella noite, para o que tinham minada uma parede, que cahia sobre o mar, e tomando armas irem á marinha e com força de braço, tomarem as barcas que lhe fossem necessarias para irem para terra de christãos: tudo isto era verdade, porque elle ajudára a fazer a mina. O capitão Ali Mami quando soube do negocio mandou ver o banho, e achou a mina feita, e se não o descobrira este traidor aquelle dia, ao outro não ficava christão no banho, porque tudo já estava preparado. O capitão que soube a verdade, fez deligencia por saber quem foram os autores, e achou que um capitão catalão e um soldado espanhol, os quaes mandou diante de si botar no

chão e lhe mandou dar tantas pancadas, que deitando os bofes pela boca um delles morreo logo, e o outro dahi a dous dias gritando sempre, e confessando o nome de Jesus, e de sua Sacratissima Mãe. Ao renegado fez logo guardião Baxi, que é guardião maior do banho, para que tivesse a seu cargo os christãos. Neste lugar o deixei sem fé e sem orelhas, queira nosso Senhor reduzi-lo, pois foi causa da morte destes dous christãos, e de não se livrarem oitenta, do peor cativeiro, e peor patrão, que ha na Berberia.

CAPITULO V

Das fragatas de Malhorca, e do sucesso que teve o patrão Segui

A melhor, e a mais certa fugida, que os christãos fazem de Argel, é nas fragatas de Malhorca, e de Valença, as quaes costumam a dar algumas vezes assaltos em terra, e outras vezes as mandam buscar algumas pessoas ricas, que estão cativas. São estas fragatas de cuberta, e remam dezaseis remos, e trazem vinte mosqueteiros valerosos, e esforçados, costumados a brigar com mouros, e turcos nas mesmas fragatas, e com ellas lhe tomam muitas prezas, que levam ordinariamente a Malhorca, e a Valença, ainda que esta de que agora tratarei teve bem roim sucesso, que devia de ser por meus peccados, pois eu nella estava para ir, á qual aconteceo o seguinte.

No anno de seis centos e vinte dous, partinda o frota de Sevilha para Indias, uma nao de mil toneis, que servia de almiranta, de que era capitão um

fulano Salmiram, ficou no porto acabando de carregar umas pipas de vinho, e não partio aquella tarde em companhia da frota: mas ao outro dia ao amanhecer deu á vela em seu seguimento em hora que deu logo com quatro navios de turcos de Argel, os quaes como conheceram que era nao de mercancia facilmente a renderam, e levaram a Argel com muita gente cativa: entre a qual haveria vinte pessoas de muito porte, como era um comendador do habito de Calatrava, D. Francisco Çapata, D. Pedro de Torres, filho do secretario do conselho de guerra e outros: e sendo os mais delles descubertos, e malsinados, foram comprados por muito dinheiro, e de patrões ricos, e cobiçosos, com os quaes se não podia tratar de resgate tão depressa, nem sahir de suas mãos sem muita copia de dinheiro, de maneira que, vendo estas pessoas a deficuldade, que havia para poderem ter liberdade tão depressa, como elles queriam, lhe pareceo cousa acertada, mandarem a Malhorca buscar uma fragata, e fugirem todos nella, pagando o que lhe coubesse á sua parte: e assim o puzeram logo por obra, para o que elegeram entre si, que viesse Diogo Lopes de Ogitan, que hoje serve nesta cidade de contador, e veedor general da armada do Duque de Maqueda, para que viesse a Sevilha, e dalli levasse creditos ao vizo rei de Malhorca de mais de dous mil escudos, e cartas de favor mui recomendadas, para que logo mandasse aprestar uma fragata, e manda-la a Argel, para ver se podiam sair por este caminho, e com este intento cortaram a Diogo Lopes, e ficando todos por fiadores de seu resgate o mandaram a Hespanha, dizendo, que por elle mandavam vir seus resgates mais depressa: tanto que Diogo Lopes chegou a Malhorca, fez o para que vinha com muito cuidado, e querendo partir a fragata, deu ordem ao patrão Se-

gui, que o era da fragata, que saltando em terra buscasse a D. Francisco Çapata, e que elle o encaminharia; partio a fragata, que era a melhor que havia no porto, com a gente de mais experiencia, que havia na costa de Berberia, e com muito regallo para os que haviam de vir nella, e deu vista de Argel aos tres dias, e desarvorando, e pondo-se ao largo obra de quatro legoas: porque não pudesse ser visto da terra, tanto que foi noite se chegou para ella, e botou na ponta do peixe, ao patrão Segui, que o era da mesma fragata, homem muito pratico na terra: porque havia sido escravo alguns annos do capitão Ali Mami, e lhe tinha fugido, e levado vinte christãos, deixando dito a seus companheiros, que se fizessem logo ao mar, e a noite seguinte o fossem buscar á mesma parte onde o tinham lançado: porque ou havia de morrer, ou trazer todos os christãos, que hia a buscar: e elle foi caminhando para a cidade, vestido em habito de escravo, e tanto, que se abrio a porta se foi direito ao banho del-Rei, e se meteo em uma camarada donde avisou a D. Francisco Çapata, e lhe deu umas cartas, que trazia. D. Francisco com grande segredo foi passando palavra a seus companheiros, para que se ajuntassemn o jardim de Caramamet seu patrão, para sahirem todos juntos, tanto que fosse noite. Eu que nesta envolta me achei, fui a caso aquella manhã ao banho del-Rei, e falando com um amigo me disse, como um homem que estava mettido na sua camarada por ordem de D. Francisco, e que era visitado de todos os Gusmanes daquella quadrilha, e que não alcançava o que podia ser, eu que neste particular não fui lerdo, lhe pedi que mo mostrasse, e tanto que o vi no modo conheci, que era Malhorqui, e suspeitei o que era, e tanto que tive certesa do negocio, e do logar onde se haviam de ajuntar, fui buscar um negro meu que na

India me tinha servido fielmente, e fui com elle ao jardim onde estavam todos juntos, e todos se espantaram de me ver lá, pois eu não fôra avisado, e elles o tinham em grande segredo: mas como me conheciam, festejaram o acharme com elles, e gabaram o lanço de levar o meu negro commigo:

Trato de mim nesta historia, porque como testemunha de vista, a contarei mais ao certo, e mais particularmente: metidos pois, os vinte e tres christãos no jardim, juntamente com a espia, em que entravam tres sacerdotes, se puzeram todos de joelhos a rezar as ladainhas, e prometer romarias aos santos, para que nosso Senhor os livrasse aquella noite, de topar no caminho quem lhe impedisse a liberdade; nisto se fechou a noite, e juntamente as portas da Cidade, com que todos se deram por livres, a espia que sabia muito bem o caminho, por amor da escuridade da noite, vestio um albornoz branco, para que o seguissem, e o não perdessem de vista, os christãos do jardim carregáram ás costas toda a roupa, que tinha seu amo na casa, e os mais tomáram espetos, paos, enxadas com determinação, que se algum mouro se topasse no caminho o matassem, para que não fosse dar aviso a outros; com esta ordem foram caminhando, não parecendo menos a espia, que hia diante vestida de branco, que a estrela, que guiava os Reis Magos. Chegamos com assaz de trabalho á ponta do peixe, que é mais de cinco milhas do lugar donde sahimos, onde havia a fragata de estar aguardando: mas como não vissemos nada, a espia nos meteo em uma lapa junto do mar, e elle se chegou á borda da agoa, e tirou um fusil, e uma pederneira, e com as costas na terra começou a fuzilar, que era o sinal, que tinha dado aos companheiros, e gastando-se nisto parte da noite, vinha uma barca costeando a terra, a espia tanto que a vio, en-

tendeo que era a sua fragata, e nos veio dar recado á lapa onde estavamos: o gosto, alvoroço, e alegria, que cada um teve, só o póde julgar, quem em semelhantes trabalhos se vio, de maneira, que sahindo todos da lapa aonde estavam para se embarcarem, os da barca, que eram uns pescadores mouros, sentiram o rumor, e se desviaram para o mar, e entenderam que eram christãos, que queriam fugir, e passando adiante amarraram a barca, e sahindo em terra com suas armas, se botaram no caminho a espiar-nos, nós que conhecemos, que não era a fragata, e que se vinha chegando a manhã, e não havia que esperar, ficou cada um como Deos sabe, sentindo mais a desgraça do patrão Segui, que nossa má sorte, porque todos com palos, e com cadeas passariam, mas elle não tinha remedio, mais que ao dia seguinte esfolarem-no vivo, e encherem-lhe a pele de palha, e porem-lhe na porta da cidade, que é o castigo que se dá aos que fazem semelhantes entradas: mas elle com o maior valor do mundo, e com o mais determinado animo, que já mais se vio, disse estas palavras: senhores meus, vossas mercês se não agastem, pois com quatro paos, e uma cadea passarão das mãos de seus patrões: mas eu ámanhã a estas horas estarei esfolado, e assim encommendem-me a Deos, e cada um siga sua ventura, pois a não tivemos; e eu sigo a minha, porque a fragata, que não póde chegar, foi que teria o ponente rijo, e lhe devia de acontecer alguma cousa, e com isto se apartou da companhia, e se meteo só por dentro dos jardins: nós começámos todos juntos a caminhar outra vez para a cidade, descuidados dos pescadores, que nos estavam esperando, os quaes deram de supito, sobre nós, e amarraram seis christãos, os mais cada um fugiu para sua parte: aquella noite se tinha sentido na cidade a falta dos cativos, e

sendo os mais, pessoas de resgate, tanto que as portas foram abertas, sahiram infinitos mouros a buscal-os pelos jardins, donde trouxeram todos amarrados a seus amos, pagando cada um pelo corpo a má fortuna que tiveram em não ter effeito esta fogida, que devia de ser, não ter ainda nenhum cumprido os annos do cativeiro, que Deos lhe tinha dado, para castigo de suas culpas.

A espia, ou o patrão Segui se foi metendo por entre umas vinhas, e topou com um turco, que devia de ser bom homem, e ter boa natureza, e tanto que o vio desencaminhado lhe disse: oh Christiano por onde andas, não vez que anda o Issal, (que é um mouro, que prende os christãos) com seus companheiros, amarrando quantos acha. O patrão Segui lhe respondeu: Fendi, eu é verdade, que tambem sou dos que queriam fogir porque o desejo da liberdade, e o cativeiro de meu patrão, é muito roim, por onde vossa senhoria não me ponha culpa; o turco lhe disse: non pora filholo quem está patrão de ti: o Segui lhe respondeo, que o capitão Ali Mami como na verdade o fora, antes que fugisse, o turco lhe disse, que fosse com elle ao seu jardim, e que a noite de volta para a terra falaria com elle, e lhe pediria que não lhe desse: o patrão Segui, que não tinha outro remedio, consentio, e esperou pelo turco, o qual como foi noite se veio para a cidade, e o trouxe a seu patrão, pedindo-lhe, não lhe desse, pois se valera delle: o patrão, que o conheceo, e sabia que era dos melhores vogavantes, que tinha na sua galé, agradeceo ao turco o trazer-lho, e depois de hido, disse ao christão, que não bastava haver-lhe fogido, e levar-lhe comsigo vinte cativos, senão que ainda lhe vinha a buscar outros tantos, e com isto o mandou para o banho, onde lhe lançaram uma cadea, e mandou avisar a todos que nenhum

descobrisse que Segui alli estava, com pena de duzentos palos: e assim escapou daquella primeira furia, não tendo a Aduana noticia delle: mas dahi a vinte dias estando já tudo quieto: e que não se falava no caso: mandou dar o capitão trezentos palos no patrão Segui, e cortar-lhe as orelhas mui cerceas, e mete-lo em umas travessas, com que não se podia bolir: mas elle com uma determinação já mais vista, nem ouvida, determinou de fogir donde estava, e vingar-se do patrão em lhe levar todos os cativos, que o quizessem acompanhar, para o que disse a um seu camarada, que dormia fóra do banho, que fizesse uma chave para a porta delle, para que de noite a abrisse pela parte de fóra, e fallou com um moço portuguez, que era cativo de um arraes vesinho, que tivesse aparelhadas as armas de seu amo, e dos mais soldados, seus camaradas, para que a noite, que lhe apontasse, as tirasse fóra, e com ellas esperavam em Deos terem todos liberdade: o moço o fez assim, e chegada a hora, em que haviam de ir o patrão Segui tirou as travessas dos pés, que já tinha limadas, e abrindo-lhe a porta, sahio fóra com vinte e cinco christãos, e chamando o moço, que já andava avisado trouxe as armas de todos os turcos que havia na casa, que estavam dormindo, sendo isto pela meia noite; e os mais do banho, ou temeram, ou não quizeram sahir, por onde elle tornou outra vez a fechar a porta, e botando uma corda pelo muro, que cahe para a parte do mar, junto ao mesmo banho, se lançou com seus companheiros por elle abaixo, e saltando na marinha aonde estão os barcos varados, brigou valerosamente com as guardas, matando um, ferindo dous, tomou a chalupa que melhor lhe pareceo, e a botou ao mar, fugindo todos nella: foi tão valente este homem em todos os feitos, e cousas que commetteo, que não vi, nem ouvi

que em nossos tempos houvesse outro semelhante.

A barca poz oito dias no caminho por falta de tempo, e arribando a Berberia, chegaram todos a comer ervas pelo campo, atravessou a Secilia, e só elle com tres, ou quatro mais, não quizeram nunca sahir da barca, e alguns dos que se sahiram, tornaram outra vez a ser cativos, antes de chegar a suas casas, passando em um navio, que ia de Secilia para Barcelona: e elle na mesma barca passou a Malhorca, e armou sobre ella uma fragata, em que hoje anda a coço, fazendo muitas prezas e vingando-se das orelhas que lhe cortaram em Argel: sua Magestade lhe fez mercê de certa contia de dinheiro, e lhe deu uma praça muito boa em Malhorca, que hoje tem.

E' o patrão Segui de idade de trinta e cinco annos muito pequeno de corpo, o rosto curto, e moreno: A fragata depois se veio a saber, como se perdera em sete cabos na costa de Berberia, não escapando pessoa nenhuma della.

CAPITULO VI

De um francez, que renegou

No anno de seis centos e vinte quatro, em vinte e tantos de Maio, chegou a Argel um navio de Liorne, que trazia por mestre, e capitão, o patrão Pieres francez, de nação Provençal, e despejando este navio a carga que trazia, e tomando outra para partir outra vez para Liorne, lhe meteram dentro uns mercadores corços, de quem era o navio, uns fardos de canella: sucedeo que o contra-mestre teve ten-

ção de furtar uma pouca, e não tendo em que a tomar, pedio um lenço emprestado ao patrão Pieres, o qual lho deu, sem saber para o que era, e enchendo o contra-mestre o lenço de canella, o escondeo no navio para o levar quando sahisse em terra. Neste tempo se sahio o patrão do navio, e entraram os mercadores, e foram ver como o navio estava arrumado, e deram com o lenço de canella, que estava escondido, e chamando pelo contra mestre, lhe perguntaram de quem era aquelle lenço, elle respondeu, que do patrão Pieres, sem dizer mais nada, estando o outro innocente, e elle culpado: os mercadores se foram para casa, e chamando o patrão lhe perguntaram quanto lhe deviam, e logo lhe pagaram, e lhe disseram que não entrasse mais no seu navio. O patrão, que vio uma novidade tão repentina, sem saber a causa lhe disse, que não se havia de ir se não lhe contassem, e lhe dissessem, porque o despediam, os mercadores lhe disseram, que viram o seu lenço cheio de canella, e que quem fazia aquillo no porto, que não podia dar boa conta do que lhe entregassem: elle se desculpou, e disse a verdade, e o que passara: mas nada bastou para os mercadores ficarem satisfeitos: porque elle não negava, que o lenço era seu, e vendo, que o não queriam admitir, e que ficava desacreditado, e desacomodado, se encheo de paixão, e foi de proposito buscar o contra mestre, o qual topou em uma rua, e sem lhe dizer palavra, arremeteo com elle, e lhe deu tres punhaladas, que o deixou por morto: e como em terra de turcos é lei expressa, que o que mata, sendo livre, com razão, ou sem ella morra, o que se não entende no escravo, porque o matador fica por escravo do patrão do morto, e se quizer ter liberdade pagará o que matou, e se resgatará a si ao primeiro patrão que teve, de maneira,

que o patrão Pieres, vendo que o outro estava á morte, e elle como livre não podia escapar de o queimarem, determinou de renegar, e fazer-se janizaro; porque se o outro morresse que ficava livre, pois pela morte de um christão, não podem condenar a um soldado de paga.

De maneira, que elle foi pela cidade a cavalo com sua frecha na mão, com muitas trombetas, e com todas as mais solemnidades, que vão os que livres, e de sua propria vontade renegam: passados poucos dias como elle era homem do mar, e patrão de navios, lhe sahiram muitos casamentos, entre os quaes aceitou um de uma turca muito fermosa, que tinha tres irmãos homens, e um delles cabo de esquadra, ou Odebasi, e todos tres se ajuntáram, e mercáram uma setia, e lhe deram em dote a metade della, e a outra metade havia de ficar para elles todos tres, com tal condição, que elle iria por arraes della ao mar, e o que roubasse parteria pelo meio, ametade para elle, e a outra para seus cunhados. Feito este concerto e a setia aviada, e posta a vela, os irmãos, ou cunhados, todos tres se embarcaram com elle, e elle levou comsigo outros renegados francezes seus amigos, dos quaes tinha alcançado terem pouca vontade de serem turcos. E partindo de Argel se fizeram na volta de Valença, e como se o patrão Pieres, ou Mostafá, e seus companheiros se não partiram de Argel para outra cousa, mais que para levarem a vender os turcos, que traziam na setia, a Hespanha, assim os meteram em terra, alevantando se com a setia uma tarde: de modo, que Mostafá Pieres lançou mão de seus cunhados, e os tomou á sua parte, e por lhe pagar o parentesco, e fazenda que lhe gastou, os vendeo muito bem vendidos, e por mais que se choravam, e lhe diziam que já que lhe entregáram sua irmã, e o me-

teram em sua casa, e elles foram instrumento de elle vir a sua terra, os não vendesse, ou pelo menos deixasse ir livre o mais pequeno, para consolação de sua mãe, mas o francez lhe respondia, como elles nos respondem a nós, que aquillo era usança, e que non pilhassem fantesia, que estava escrito na testa, elles de serem escravos, e elle de receber o dinheiro, que dessem por todos tres; e assim sem ter compaixão alguma de seus cunhados, os converteo em moeda, com que se vestio, e tornou de Mostafá a ser o patrão Pieres. Com este animo se fazem alguns renegados: mas se o não põem por obra nos primeiros dias, como este fez, e se vão engolfando no vicio da terra, raramente se vem para terra de christãos.

CAPITULO VII

De um renegado portuguez

NESTE mesmo anno de seis centos e vinte quatro, sucedeo que cativaram um mancebo nobre, que por ser pessoa mui conhecida, nem a elle, nem a sua terra quero nomear, casado com uma moça mui fermosa, das mais principaes, que havia nella, e por ser conhecido, o mercou um mourisco, chamado Carlos de Murta, o qual trata em Ceuta, e Tanger, e o entregou a uma sobrinha sua casada, para que a servisse, emquanto tardava seu resgate, e em quanto não vinha seu marido, que era ido com mercancia a Tituão, o christão a foi servindo, e ella se lhe foi afeiçoando, e como na casa não houvesse mais, que uma velha, mãe do mesmo Carlos de Murta, e esta ordinariamente andava por fóra, tinham

tempo de tratar seus amores largamente, de maneira que mais parecia o cativo senhor da casa que escravo della: porque alem de lhe dar todo o dinheiro que podia haver ás mãos, lhe estava ordinariamente cosinhando iguarias para elle convidar a seus amigos: neste tempo veio picando a peste mui rijamente, e morriam a seis centas, e a setecentas pessoas cada dia, e elle andava como pasmado, conhecendo o máo estado em que estava, e chegando a um seu amigo, lhe perguntou se sabia algum remedio contra a peste, o amigo lhe respondeo que sim, sabia, e muito bom, o qual era confessar, e commungar a meudo, e andar aparelhado para morrer, porque se a peste dava nas pessoas de coração fraco, e sugeitas a melancolia, o que andava aparelhado para a morte, menos a temia, e o que andava em bom estado mais alegre, e com menos cuidado andava, e assim que elle, não sentia outro melhor remedio; elle disse que lhe parecia muito bem, e que quando havia elle de ir confessar, e commungar; o amigo lhe disse que ao outro dia, ficou de acordo de ir com elle, e assim o fez, e tanto que amanheceo, se foram ao banho del Rei, e commungáram ambos em uma mesa, e sahindo para fóra, cada um se foi para sua casa: mas não se passariam duas horas, quando este mancebo que digo, se foi a Aduana, e lançando o chapeo no chão diante de todos, levantando o dedo para cima, disse as palavras que dizem, os que se fazem mouros, e disse que elle renegava; e queria ser turco, de todo o coração.

A Aduana o mandou para casa, e sabendo, que seu patrão era mourisco, lhe mandáram que logo o retalhasse; cousa que o o patrão sentio muito, assim porque esperava seu resgate, como por se fazer turco sem sua licença, e por lhe dizerem, que na Aduana largára palavras contra elle, dizendo, que tinha rapa-

zes cativos, e os mandava para terra de christãos escondidos, e não queria que fossem turcos, e se o dito não fora de escravo, sem duvida queimavam logo o amo, o qual como homem desatinado, veio ter com o amigo de seu renegado, que se chamava João, e lhe fez queixume, e contou o que passava: João ficou ainda mais assombrado que o amo, pois aquelle dia se tinha confessado com elle, e sem lhe responder nada o foi buscar, e topando-o na sua nao lhe disse estas palavras: não vos venho ver para ser vosso amigo, senão para que saibais, que o não sou, e juntamente me traz aqui o desejo de saber, qual foi a razão que vos obrigou a ser tão mao homem, e tão perverso, e tão traidor, que o dia que commungastes vos fostes fazer turco parecendo-vos nisto com Judas, que se poz á mesa com Christo nosso Senhor, e logo o foi vender: sendo assim, que para ser turco não era necessario confessar, nem commungar, nem cometer semelhante culpa, pois sem o fazer o podieis ser: e de todos os que atégora renegáram não houve nenhum que fizesse tal, por diabolico, que fosse.

Elle mui carrancudo respondeo, parece-vos a vós, que se tal intenção tivera, que me houvera de confessar: mas depois, que vim para casa, houve occasião com que o fiz. João lhe respondeo (que parece que foi professia, ou algum anjo lho disse) pois vós vos desenganai, que muito cedo haveis de morrer a mais desaventurada morte que já mais morreo homem, que assim como fostes um só na traição, que cometestes, assim haveis de ser um só na miseria, e no castigo, com que haveis de pagar.

E com isto se despedio delle; sendo eu testemunha de vista, espantado de ver a liberdade, com que falára a um homem, que estava já feito turco. Seu patrão Carlos de Murta o tirou logo de casa da sobri-

nha donde sendo christão estava mui regalado, a qual não vio mais, e o meteo em casa de Curto arrais, escravo, que foi do Duque de Caminha, para que o tivesse em seu poder até o vender para Constantinopla, mas não se passáram vinte dias, que não fosse ferido de peste, com a qual teve os maiores fernesis, e a mais diabolica enfermidade, que jámais teve homem em Argel: mordendo-se todo e despedaçando-se, e pegando na gente, e arranhando pelas paredes, dizendo que os diabos o levavam, pois se fizera mouro, e deixára a verdadeira lei de Christo: outras vezes virava, e dizia o contrario, de maneira, que o turco como não era seu escravo, o botou pela porta fóra, no meio da rua, como um perro aos rapazes, e uma vez dizia, que era mouro, e outra christão, e assim, nem os mouros o recolhiam, nem os christãos, até que seo amo bem contra sua vontade á noite o veio buscar, e o meteo em casa de umas suas parentas Tagarinas, as quaes o puzeram em um pateo, sem esteira, nem cama, e ellas se fecháram em uma casa, sem o quererem ver pelas cousas que fazia, e dizia, porque continuamente estava blasphemando, e dando-se ao diabo, até que deu fim á miseravel vida,

Depois se soube a causa porque se fizera turco, e foi que indo para casa, achára a sua namorada chorando, porque a velha mãe de seu patrão pelejara com ella, a seu respeito, e entrando pela porta, lhe disse a moça, que se fizesse turco, e que a tirasse de casa, e que lhe daria dinheiro para se livrar, e se casaria com elle, e logo lhe deu trinta cruzados, com que o vestio de turco, e taes palavras lhe disse, induzida do diabo, junto com a afeição que lhe tinha, que bastáram a fazer o que fez, e a dar com a maldita alma no inferno, e foi tão mofino este renegado, que tres dias depois de o ser, chegou o seu resgate

com cartas da mulher, em que dentro lhe mandava uns cabelos como ouro, de um menino que lhe nascera, de que a deixára prenhe quando o cativaram, e assim ficou perdendo a mulher, o filho, e a liberdade por justo castigo do ceo, e sobre tudo a alma.

CAPITULO VIII

Do sucesso que teve um moço francez chamado Estien

No anno de seis centos e vinte cinco, vindo uma nao marselhesa de Escandria, para Marselha, vinha nella por soldado um moço de idade de vinte annos, natural da mesma cidade, chamado Estien, o qual de sua natureza era inquieto, voluntario, e jugador, e usando de sua condição veio a ter historias com o capitão da nao, o qual não as podendo soffrer determinou de lhe fazer um jogo, e foi que ficando um dia a nao em calmaria, junto de uma ilha deserta, que está entre Calabria, e o golfo de Venesa, mandou deitar a barca fóra, e deu recado a uns seus amigos, e de sua parcealidade, que sahissem nella a matar algumas cabras, e fizessem com que fosse tambem o moço Estien, o qual tanto que vio, que iam a terra a caçar não foi necessario dizerem-lhe nada, porque foi dos primeiros, que nella saltaram.

O capitão que o acolheu em terra se deteve, até que veio picando o vento, e dando recado aos de sua feição, se embarcaram todos deixando Estien na ilha, e por mais, que gritou o não quizeram tomar, e vindo-se para a nao, deram á vela, e foram seguindo seu caminho. Os mais soldados parecendo-lhe mal o feito, se foram ter com o capitão, e lhe disseram que era ti-

rannia o que fizera, e que já que o não queria levar comsigo, que o não deixasse em uma ilha deserta, em parte onde desesperado morresse, havendo terra firme onde o podia deixar, e insistiram nisto de maneira, que obrigaram ao capitão arribar com a nao, e torna-lo a tomar, com condição de o deitar na primeira terra povoada, que lhe parecesse: Não se passaram muitos dias, que não tomou porto na Esclavonia, e de noite, para que o moço não gritasse, nem fizesse alguma inquietação lhe ataram as mãos, e lhe puzeram um pano pelos olhos, e desta maneira o levaram, e o meteram pela terra dentro, quasi uma legua, e os que o levaram se vieram para a nao, a qual logo deu á vella, e foi seguindo sua derrota na volta de Marselha.

O moço se ficou no logar onde o deixaram, até que amanhecendo deram com elle dous turcos: porque a Esclavonia é parte da Grecia, e está sugeita ao turco, e nella ha presidios seus, e tomando-o os turcos, e desatando-lhe as mãos, e desligando-lhe os olhos, o levaram para o seu castello, que estava no meio de uma cidade de gregos, os quaes como souberam do sucesso do francez, e do modo como o acharam acodio muita gente a ve-lo, e Estien lhe contava seu sucesso do melhor modo que podia, e chegando-se uns gregos principaes a elle, dos quaes entendeo, que lhe seriam bons a seu intento, lhes disse taes cousas, e lhe metteo em cabeça tantas patranhas affirmando lhe que se o livrassem das mãos daquelles turcos, e o mandassem a Marselha lhe importaria muita copia de dinheiro, que levava dentro na nao, dizendo-lhe tambem, que se não fosse depressa tudo lhe comsumiriam, e para este pagamento ter effeito, lhe faria largas escripturas de maneira, que com sua vivesa persuadio aos gregos ao livrarem, contentando os turcos com

certa contia de dinheiro, e a Estien proveram do necessario, até que passando uma setia para Tolon o meteram nella fiando-se dos papeis que ficavam em seu poder, pelos quaes nunca cobrariam real, porque o moço o não tinha.

Sucedeo pois que fazendo sua viagem, e estando já á vista de Tolon, deu com a setia um navio de turcos, e a tomou, e assim a Estien como aos mais, leváram cativos a Argel, e como o moço andasse já de mal em pior, o mercou um mourisco muito roim patrão, e muito mau homem, com o qual não se sabia dar a conselho, porque o matava com trabalho, mas valendo-se de sua industria, que tinha muita, e era endiabrado, se foi ter com um christão chamado mestre Jacome, que é um veneseano mestre de fazer galés, escravo de Arapachim, o qual homem é muito rico, e tem feito muitas diligencias por ter liberdade, assim por fugidas, como por dinheiro, mas não é possivel darem-lha, nem seu patrão, nem Aduana por ser grande official de fazer galés, e bargantins, e travando amisade com elle, lhe disse, que se queria ir para terra de christãos, que elle o poria lá com muita facilidade.

O mestre Jacome, que não desejava outra cousa, lhe fez muitas caricias, e lhe preguntou o modo, que havia de ter em o levar lá, e tirar de Argel; Estien lhe disse, que tinha um livro de Artemagica, e que por virtude do livro, em uma noite o poria em Veneza, são e salvo, e a seus amigos, e elle em companhia de todos. Mestre Jacome zombou tendo por historia o que ouvia: mas o francez agastado, e metido em colera, lhe disse que sahisse fóra aquella noite, elle, e algumas pessoas das que haviam de ir, e que faria experiencia do livro, e que se não sucedesse como dizia, lhe não dessem credito.

Mestre Jacome, que nisto não perdia nada, ficou fóra aquelle dia, em um jardim com elle e com sete, ou oito christãos dos que haviam de ir, e sendo meia noite se foram todos com Estien á praia de Babazon, o qual começou na area a fazer uns circulos, e uns caracteres, e no meio meteo um cão que levava consigo, e lendo pelo livro fazia muitos géstos, e muitos momos, de modo, que o cão desapareceo diante de todos sem nenhum o ver, nem saber por onde fora, averiguando Estien que em poucas horas estaria em Valença, para onde o mandára.

E quanto a mim, como era de noite, e os christãos estavam cançados e sonolentos, o cão devia de fugir e nenhum deu fé delle, e Estien ficou fazendo seu negocio mui honradamente. Mestre Jacome, e os mais se persuadiram, que aquillo era assim pois o viam, e como o desejo da liberdade é grande, não dá lugar a se verem difficuldades, e se deu logo por livre, e fez grandes caricias a Estien, dizendo-lhe, que elle, e vinte companheiros seus, se queriam aventurar, que visse quando queriam que partissem.

Estien lhe disse, que havia de fazer uma barca na area, e que todos quantos fossem havia de meter nella, e dar com todos uma noite em Veneza: mas que para o poder fazer era necessario ajuntar algumas cousas, e que em casa de seu patrão não tinha tempo, porque não lho dava: mas antes o queria meter em cadea o dia seguinte donde não poderia sahir fóra, nem fazer nada, mas que o tirasse elle da mão de seu patrão, que o dava por trezentas patacas, e o metesse em sua casa, e que quando elle quizesse o faria, e juntamente lhe pagaria o seu dinheiro em terra de christãos.

Mestre Jacome falou com os companheiros que havia de levar, e todos lhe aconselharam, que o fizesse,

e que elles ajudariam tambem com sua parte, de modo, que ao outro dia esteve Estien livre das mãos do mourisco, que tão mal o tratava, e mestre Jacome o meteo em uma taverna sua, e o vestio, e lhe dava tudo em grande abundancia, elle que não queria mais, que passar a vida alegremente, como dizem aos que não trabalham, jugando, e fazendo mil embustes, se descuidava da arte magica, e da barca de modo que eram passados seis mezes, e elle não lhe passava tal por pensamento, nem mestre Jacome o apertava muito: mas entrando a primavera começou a haver peste na terra, que foi esporas que puzeram ao mestre Jacome para querer fugir, e apertava demasiadamente com Estien, que puzesse por obra o que tinha prometido, que era já tempo, o qual por mais que se remanchava se não poude escusar, e assim assinalando o dia, e dando recado aos que haviam de ir, se sahiram da cidade, e foram á mesma paragem donde os puzera (quando foi do cão) fazendo nesta fugida differença: porque a queria fazer de dia, e assim poz a todos os que haviam de ir, que eram vinte e dous, logo pela manhã em parte occulta, e não mui longe do mar, uns muito chegados aos outros por sua ordem como se foram em algum barco, e elle tomou o lugar do leme, e ao redor delles pintou na arêa um barco, e fez muitos circulos, e caracteres, como tinha feito quando foi do cão, e assim os teve em pé na area e em jejum ao sol o dia todo, sem os pobres ousarem de se menear, parecendo que se o faziam já ficavam fóra do barco, ou cahiriam no mar, ou os diabos os levariam: de maneira, que sendo passado muita parte do dia, e elles não podendo sofrer o trabalho de estarem em pé, e se ficassem fóra de casa corriam perigo, se sahiram todos fóra dos circulos, e da barca, dando ao diabo Estien, e o seu livro, pois os tinha

mortos de fome, e de trabalho, e postos na praia de Argel, tendo para si que aquellas horas andariam já passeando em Veneza.

Estien que não queria mais começou a gritar, dizendo que aquella mesma hora que elles sahiam, nessa mesma havia de arrancar a barca, pondo culpa á sua pouca paciencia, mas como todos estavam já enfadados não aceitaram, suas disculpas, e se vieram para a cidade, fazendo zombaria, e graça do que lhe tinha acontecido, e de como o francez tinha enganado a mestre Jacome, e não foi isto tanto em segredo que não viesse a ter noticia de caso Arapachim patrão de mestre Jacome, e arraes de uma galé o mais maldito traidor, que tem Argel, e mandou logo chamar o francez, e o meteo em uma cadea, e lhe deu muito açoute, como escravo que era seu, pois o era de seu cativo, e quando lhe dava lhe dizia : cani francez trillenho ti querer levar christiano de mim para terra de Hespanha,per arte de diabo non pora cani, sin sefe agora pagar : e matava o pobre Estien com açoutes, o qual vendo-se tão mal tratado, e que o livro não tinha força para o livrar daquelle perigo : buscou meio com que mandou fallar a um francez renegado, para que lhe desse uma palavra na prisão onde estava : e vindo o renegado, lhe disse tantas cousas, e o moveo de tal maneira, que logo foi ter com mestre Jacome, e lhe deu cento e cincoenta patacas. e as outras cento e cincoenta, ficou de lhe dar dentro em seis mezes, no qual tempo se cortou Estien com o renegado para lhe dar mil : sendo assim que não podia dar uma só.

Mestre Jacome que tinha o dinheiro por perdido folgou muito, e fez com seu patrão com que o soltasse, ficando escravo do francez renegado, e tendo seis mezes de prazo, para poder passar a vida, que acaba-

dos, elle teria outros trabalhos de novo, e maiores que os passados: pois sendo já passado mais de meio tempo foi tão venturoso, que em Marcelha prenderam o capitão da nao que o deixou em Grecia, e o obrigáram a que desse conta delle, o capitão era mercador, muito rico, como se vio preso, e apertado, mandou fazer diligencia onde o deixára: e foi avisado como já havia muitos dias que tinha partido para Tolon, em uma setia, e como em tanto tempo não tinha chegado, entendeo que devia de estar cativo, e assim mandou passar creditos abertos para todos os logares de Berberia onde fosse achado o resgatarem á custa do mesmo capitão, e dando com elle uns mercadores francezes, em Argel, foi mais festejado que se fora pessoa de muita importancia, e logo o tiraram das mãos de seu patrão pelas mil patacas em que se tinha cortado que nisto não foi tão pouco veuturoso o renegado, e o vestiram, e o mandáram na primeira embarcação, que foi para Marcelha, onde hoje estará. Eu o conheci, era moço sem barba, gentil homem, espigado, mui vivo, de idade de vinte annos: Contei este sucesso, dos quaes entre cativos acontessem muitos para mostrar como por industria se livram os homens muitas vezes de grandes trabalhos.

CAPITULO IX

Da viagem que fizeram as galés de Bizerta, e de Argel, no anno de 624

No anno de 620 andando Soliman arraes morador, casado, e rico em Bizerta, a corço em um bargantim seu, de vinte bancos, com uma borrasca que lhe deu, foi dar atravez em Sardenha,

junto a Calhere: perdeo se o bargantim, afogaram-se muitos turcos, e os que ficaram cativos dos Sardos, entre os quaes ficou captivo Soliman arraes, o qual coube á parte de um Sardo poderoso, que não devia de ser muito afeiçoado aos turcos, e queria que pagasse este os danos que fazem os da sua nação continuamente naquella ilha vendo-se o turco tão trabalhado como era arraes, e afazendado entendeo, que seu amo lhe dava aquelle trabalho para se cortar, e tratar de seu resgate, e assim commetteo muitas vezes com dinheiro, sem o amo lhe deferir a proposito, e outras vezes lhe dizia, que lhe daria em troco de sua pessoa tres, ou quatro christãos quaes elle apontasse, que estivessem cativos em Tunes, ou em Bizerta: mas cada dia negociava menos: antes adquiria mais trabalho, porque o amo como não tinha necessidade senão de se revingar, e de lhe dar a entender o odio que tinha aos turcos, e neste como pessoa grave, e arraes, executava nelle o que não podia fazer em todos.

Vendo-se o turco atalhado, e tendo já passado tres annos de roim cativeiro, e sendo já mais pratico na terra ajuntou dinheiro, e falou com tres sardos pescadores, que o passassem a Bizerta, e que lhe daria o que dava a seu patrão, e logo lhe untou as mãos com o dinheiro que tinha: os sardos levados da cobiça sem fazerem escrupulo, dos grandes males que vieram depois á christandade, causados pela fugida deste turco, o furtaram uma noite a seu amo, e o levaram a Bizerta. Eis que o turco chegou a sua casa livre, mas não do odio, e má vontade, que trazia a seu amo, por lhe não querer nunca abrir caminho para sua liberdade, determinou de se vingar, e para isto mercou outro bargantim de dezoito bancos, e o armou muito bem, e se foi ter com Osta Morato general das galés de Tunes, e Bizerta, e lhe deu conta

de como tinha intento de ir a Sardenha ver se podia cativar seu amo, para se vingar delle, e se elle queria ir com todas as galés de Bizerta, lhe meteria na mão uma das ricas villas de Sardenha, como pratico que era na terra, pois nella havia sido escravo tres annos, e sabia muito bem as entradas, e sahidas.

Osta Morato, que é cossairo velho, e experimentado lhe disse que os sardos era gente belicosa, e que sabiam muito bem defender suas casas, e que o lugar era muito forte, e murado e não tão facil de render como elle lhe parecia, e que cinco galés, e um bargantim era muito pequena esquadra, mas que mandaria recado ao capitão Alli Mami de Argel que viesse com as suas e que todos em companhia fariam mais effeito.

O turco acertou, e lhe pareceo bem a razão de Osta Morato, e entre tanto se mandou recado a Argel, se aprestou Soliman arraes de escadas dobradiças para irem nas galés, e se arrimarem á muralha, e outros petrechos necessarios para o assalto daquelle lugar. Tanto que chegou a nova a Argel o capitão Alli Mami tratou logo de se aviar, e no anno de 624 sahio com tres galés de Argel na volta de Bizerta, e eu por meus peccados metido ao remo na capitanea, para que nisto pudesse tambem ser testemunha de vista, e não ficasse trabalho que este corpo não passasse: e é tão grande o que se passa em uma galé de turcos, que dizem os cativos de Argel, que o que não foi a galé não diga que foi cativo, e assim é: porque além de meterem o triste que lá foi, em uma cadeia muito grande pregada na mesma galé, que se acerta de se trabucar, como cada dia acontece, não ha nenhum, que possa escapar com vida, além disto se alguma hora dormem, são cinco escravos, em quatro palmos de banco todos de ilharga assentados sem se poderem

virar: o comer é dous punhados de biscoito negro cada dia, sem mais outra cousa, o trabalho é infinito, remando nús, da cintura para sima, os açoutes são tantos, e tais que nenhum se dá que não arrebente, e salte logo o sangue fóra: pois o serviço de uma destas galés, não parece que o fazem homens senão espiritos malignos: porque com grandissima ligeireza se dá fundo, se bota escala, se raspa, se amaina, se issa, se vira a vela, se rema, se poem, e tira a tenda, e com muito maior andam elles, dando sempre de palos, nos miseraveis cativos, e por qualquer pequena cousa fazem logo escurribanda, que é botarem a cada um na coxia e darem-lhe dez, ou doze pancadas, com um balso breado nas costas nuas, e desta maneira vão passando a todos, que de duzentos e cincoenta christãos, que vão em uma galé, não fica um só ainda que seja espalder, ou vogavante.

Pois isto não é nada em comparação da grande confusão, e dos muitos açoutes que levam, quando espalmam em terra de christãos: porque em sendo manhã faz descoberta, e remam para o mar a voga arrancada, quatro legoas, e depois que vem que não aparecem galés de christãos, que lhe façam dano se tornam com a mesma velocidade para a terra, e tanto que chegam botam cento e cincoenta soldados, que traz cada galé, seu fato fóra ás costas, e os captivos tiram as velas, remos matalotagem, lastre e o mais que lhe fica dentro, e logo dá pendor, alimpa e dá cebo, e com a mesma ligeireza tornam outra vez a meter tudo dentro, de modo, que em duas horas fica espolmada, rema, e se sahe para o mar, tudo a poder de palcs.

Pois dar caça a uma embarcação, só os diabos do inferno o podem sofrer: porque tanto que se ve inda que seja muito longe, e não se descubra senão da

ponta da pena por força se ha de alcançar, e sobre o fazer, vi uns arrebentar sobre o remo, outros mortos debaixo do açoute, sem haver entre elles algum modo de compaixão, antes cada vez mais crueis, e mais encarniçados, e se acaso lhe dão caça algumas galés de christãos, de que elles fazem pouco caso, salvo as do Grão duque de Florença, que as temem grandemente, ver os mimos, os afagos, que fazem aos cativos, alimpando-lhe o rostro, do suor com seus lenços, para que remem, e os livrem do perigo, e se acaso os tomarem querem ficar bem com os cativos, tudo de puro medo, e logo dizem que façam o que puderem, que se a ventura estiver pelos christãos, que elles tomarão as cadeas de boa vontade, e lhe darão suas escopetas, e assim trocarão as sortes, pois é usança de guerra, e com estas, e outras palavras doces os fazem rebentar, e depois que se veem livres do perigo dão de couces, e bofetadas aos pobres cativos, e fazem zombaria delles.

E para prova das muitas pancadas que levam os escravos; tomou a capitanea sahindo de Argel o col, e botou em terra os comitres com cincoenta christãos, os quaes trouxeram cincoenta feixes de paos grossos, de que se fazem os arcos, e os meteram na galé, e em espaço de quinze dias não houve um só páo, que todos tinham quebrado nas costas dos cativos, e depois lhe davam com um balso breado; pois o perigo da vida alem do que a galé traz comsigo, é tão ordinario, que cada dia ha mortos, e feridos em braços, e pernas de pelouradas, que se dão, assim na tomada de muitos navios, como na entrada de muitos lugares, e fortalezas, e peor é, que morre um homem sem ganhar honra, e por cativar christãos seus amigos, e parentes.

De maneira que as tres galés de Argel foram cor

rendo a costa de Berberia, estando em Bogia, em Bona, em Tabarca, que é uma ilha de genovezes tributarios ao turco, em que se pesca o coral, e em cada terra destas davam a cada galé dous bois, e lhe faziam salva das fortalezas, disparando os castellos toda artelheria que tinham. Chegaram as galés a Bizerta em oito dias, e dando fundo fóra da fiumara, veio sahindo para fóra Osta Morato general das galés de Tunes, com cinco galés, e um bargantim, todas mui douradas, e bem chusmadas com riquissimos estandartes de seda mui bem lavrados, e com emprezas a seu modo, e dando á vela se foi direito a porto Farim, que está entre Bizerta, e Tunes onde antiguamente foi Carthago, cujas minas estão parecendo, e mostram, que antigamente devia de ser cousa muito grande.

Neste porto, que é bonissimo espalmaram as galés, e daqui atravessaram a Galica, onde acharam uma barca de sardos, que levavam tres turcos furtados, de Sardenha para Berberia, pelo que Osta Morato os deu por livres, mas abrindo os turcos um barril de biscoito que vinha na barca, lhe achâram dentro umas limas surdas, e por esta razão ficaram outra vez os sardos cativos (justo juizo de Deos) porque diziam os turcos, que assim como traziam turcos de Sardenha para Bizerta fugidos, vinham tambem a levar christãos de Bizerta para Sardenha, e por serem traidores a ambas as nações os fizeram escravos, e os meteram logo em cadea, e ao remo.

CAPITULO X

De como tomaram uma torre em Sardenha

Deste lugar atravessaram a Sardenha seguindo a derrota de Soliman arraes, que os levava para tomar seu amo, e como a cidade donde estava, era metida pela terra dentro espaço de meia legoa, e na fralda do mar tinha uma torre, ou atalaya, que servia de avisar a terra, determinaram de tomar primeiro as guardas, para que assim achassem os da cidade desapercebidos, e botando no quarto dalva os corredores, e espias fóra, tres delles deram com uma guarda da torre, que andava passeando junto ao mar com uma espingarda, e com um libreo grande, e querendo pegar nelle, a guarda desparou o arcabuz, e matou um mouro, e o libreo que trazia pegou em outro, e assim teve lugar para carregar a espingarda outra vez, e disparando-a matou outro, e se acolheo á torre por uma escada que lhe lançaram. Os da torre quando sentiram a primeira espingardada, botaram um homem para dar recado á cidade: mas deu com os mouros corredores, e cativaram-no.

Neste tempo fizeram escala as galés, e lançaram fóra mil e cem tiradores turcos, repartidos em nove companhias, porque cada galé se apartava com seu guião, e cercando a torre lhe puzeram escadas: mas os sardos se defenderam valerosamente, e com tres escopetas que tinham mataram quinze turcos, ferindo outros tantos, não sendo elles dentro mais, que quatro homens, e depois de postas as escadas, com pedras de cima não deixavam subir nenhum, gastando-se nisto do quarto dalva até ás onze do dia, sem effeituarem cousa alguma; e vendo as galés o pouco que faziam,

os soldados cuidando que havia muita gente na terra, levaram as escalas, e com os canhões de Coxia começaram a bater a torre até romperem parte della, e subindo á porta lhe pegaram o fogo, e com o grande fumo os homens não podiam pelejar. E na cidade que havia de tomar Soliman arraes, viram que a torre fazia fumo, que é o sinal que se faz de dia, para se saber que andam mouros na costa, de modo que os turcos entráram á torre, e quando acharam quatro homens pobres, e velhos, fizeram grande riso uns para os outros, pois tinham gastado mais em polvora, do que elles valiam, e perdidos quinze turcos, e aos sardos louvavam muito de valentes sem lhe fazerem mal algum.

Os da cidade como pelo fumo souberam, que havia gales, desempararam a terra, e tiráram a fazenda, e tudo o mais que havia nella, e quando os turcos aquella noite a quizeram saquear, e Soliman arraes cuidou, que cativasse seu amo, pondo escadas á muralha entráram dentro, e não acháram cousa alguma mais que um rapaz cego, o qual trazendo-o para as galés os capitães della fizeram grande zombaria do cego, que traziam, e assim o deixaram outra vez na praia, e elles se vieram embarcar sem fazerem cousa alguma, e Soliman arraes não sahio com seu intento como cuidou. Daqui se passaram a Monte Christi, e Pianosa, e outras muitas ilhas, que estão em Levante, e correndo a praia romana fizeram grande estrago por mar e terra: na entrada do rio Tybre tomáram uma fragata, e o patrão disse, que se lhe dessem liberdade entregaria sua propria terra, que era muito rica, e seguramente a podiam tomar; os turcos lha prometeram, e se quizesse ser turco lhe dariam dous christãos escravos: este traidor os levou a Esperlonga, lugar do Papa, o mais fresco, e lindo, que vi em todo o Levante.

CAPITULO XI

De como as galés tomaram Esperlonga

A ordem que tiveram as galés para a tomarem foi esta: no quarto dalva uma legoa antes de chegar ao porto, botáram os barrias fóra, ou pescadores que levam para remarem nas barquetas das galés, estes chegáram primeiro e vigiáram a terra da maneira que estava, e achando todos dormindo, e descuidados leváram recado ás galés, que estavam esperando ao mar tres milhas: porque as guardas não as descobrissem, e fossem sentidos na costa, e metendo cada christão um pedaço de cortiça na boca, que trazem para este effeito pendurado ao pescoço como nomina, para que não falem, nem façam rumor algum, remando muito de manço chegáram a terra, e botáram fóra de cada galé setenta homens, e dando de supito na cidade, e na gente, que estava nas suas camas dormindo descuidada a cativaram, e saquearam a terra de muita riqueza a seu salvo, sem receberem dano algum, e ao traidor que a entregou lhe deram liberdade, o qual tomando um barco á vista de todos se meteo nelle só, e deu á vela sem se saber para onde fora.

CAPITULO XII

Do sucesso de uma velha siciliana

Depois de terem saqueado esta terra, fizeram livro, que é uma feitiçaria de que usam, e deram logo com uma nao grossa de catalaens, que vinha de Cezilia, e ia para Barcelona mui bem artelhada, e enxaretada com quarenta homens de mar, e guerra muito boa gente, e tomando a todos sem vigia, dormindo a renderam facilmente, e cativaram nella algumas pessoas que tinham fugido na barca do patrão Segui, de que acima tratei, e tomáram tambem uma mulher velha, a qual vinha de Cezilia, e ia a pedir perdão a Madrid de um filho, que tinha nas galés de Barcelona degradado por dez annos, e foi tanto o que chorou, e tantas as lastimas que dizia vendo-se cativa, que movia a compaixão a toda a pessoa que a ouvia, dizendo, que não sentia o cativeiro por si, mas por uma filha donzella que lhe ficava em Cezilia desamparada: e pela liberdade que ia buscar para seu filho, que andava nas galés de Barcelona, que era o remedio de sua irmã, e descanço seu, e tal pranto fazia, que moveo o capitão da galé, chamado Aremedau arraes, que lhe disse, que não chorasse, que se tomasse uma boa preza lhe daria liberdade: sucedeu pois, que passando as galés de Barcelona carregadas de caixas de reales para as feiras de Cezilia, e de peças de pano, e outras mercancias; as tomaram os turcos sem as galés fazerem alguma resistencia, e varando na praia de Freius em França tiveram a noite por si, onde podiam despejar o que levavam, e tirar fóra chusma: não no fizeram, e tanto que amanheceo deram as galés dos turcos nel-

las, e as tomaram carregadas escapando sómente passageiros, e soldados, e alguns forçados, e como a preza era boa, deu o capitão liberdade á velha, como tinha prometido, e mandando-a deitar na praia, achou o filho que ia buscar, o qual tinha escapado das galés de Barcelona, onde andava forçado, ficando ambos em uma hora livres por tão differente caminho, e tão nunca imaginado meio, dando-lhe Deos o que ia a pedir a El Rei, e dando-lhe aquellas aflições para lhe vir a dar o que desejava; e assim tenho alcançado, que todos os homens que foram cativos, se vivem, vem depois Deos a dar-lhe muitos bens, como a Joseph que foi vendido, e preso para vir a ser Rei, e nunca os homens sabem o que pedem: a este proposito contarei, o que me aconteceo a mim na mesma galé.

Meu patrão Agit Amet me mandou á galé; para ganhar comigo quinze patacas, que dão a todo o cativo, que vae remar; o Comitre me poz á banda, que é lugar de menos trabalho, mas remava em pé. Adiante de mim quatro bancos estava um framengo, que remava assentado, eu desejava aquelle lugar, porque era mais descançado, e falando com os Comitres, lhe prometi duas patacas se me mandassem para onde estava o framengo, que entre turcos é gente de pouca estima, os Comitres disseram que logo o fariam, e não acabavam de o effeituar, sendo assim que sem nado o fazem, porque nem é tirar o ferro, nem mudar de uma galé para a outra, senão na mesma galé mudar lugar cousa usada, e que cada hora se faz com muita facilidade, de maneira, que eu andei quinze dias a requerer, e importunar aos Comitres, qne me mudassem, e os Comitres de hoje para a manhã o dilatavam, até que a cabo dos quinze dias veio uma bala de canhão, que disparou uma fortaleza, e levou a cabeça ao framengo,

que estava no lugar que eu andava procurando com meu dinheiro, e com muitas ancias, onde se me passaram, por força houvera de estar, e me houvera de acontecer, o que aconteceo áquelle framengo, e assim fiquei livre, escapando com vida, e dando graças a Deos, porque só elle sabe o que faz e nós não sabemos o que procuramos, e pelos mesmos paços, que um homem cuida que busca, e grangea a vida, por estes mesmos vem a cahir nas mãos da morte, se Deos por sua Divina bondade o não desvia, como fez a mim neste caso.

Muitas cousas aconteceram nesta viagem; tomando naos, setias, tartanas, polacras, fragatas, bargantins, galés; tomando tambem lugares, villas, e cidades, fortalezas, guardas, e vigias, cativando gente de todas as nações, que ha em Levante, tomando sómente em uma manhã, vinte e quatro embarcações, entre Corcega, e Sardenha: mas como todas estas cousas foram em dano nosso as não quero contar, só direi, que tomando as duas galés de Barcelona, pegáram quatro galés de turcos em cada uma, as de Bizerta na capitania, e as de Argel na patrona, e as foram remoleando, e levando á toa, sempre fugindo, porque receavam, que as galés de Hespanha, sabendo a nova os buscassem, e lhe tirassem a rica presa, que levavam, e sem descançar fomos remando das ilhas de França até Bizerta, em que se gastáram sete dias naturaes, e em todos elles, nem de dia, nem de noite dormi um só credo, nem me assentei um só momento, e quando comia um pouco de biscoito molhado em agoa, era em pé com uma mão nelle, e outra no remo, e com uma branca nos pés de mais de dous quintaes, e com infinita pancada, mas só a misericordia de Deos me sustentou a mim, e aos mais christãos, que forças humanas não podem sofrer tanto trabalho.

Chegando a Bizerta, meteram as galés de Barcelona dentro na fiumara, com as popas para diante, que é signal de bom agouro, com as nossas bandeiras pela agoa, disparando muita artelharia dos castellos, e depois que sahiram em terra, e descançaram, e venderam o muito que traziam, achou-se que fizeram em dinheiro, oito centos e sessenta mil cruzados, e cativos tomaram mil e quinhentos entre homens, e mulheres, e meninos, e ficou mais cada turco com dez covados de pano, das peças que levavam as galés de Barcelona, que partiram entre si e não quizeram vender.

Entre estes cativos haviam muitos francezes, e como em Tunes tem paz, acodio o seu consul para os livrar, dizendo, que tinha paz El-Rei de França com aquella cidade, e assim que os seus vassalos ficavam livres, mas os turcos respondiam, que as galès de Argel os cativaram com quem elles tinham guerra, e assim ficavam escravos, e ao cabo de muitos debates vieram os turcos a fazer desta maneira: As galés de Tunes, eram seis, com o bargantim, as de Argel tres: tomaram um barrete, e meteram dentro nelle nove escritos, seis diziam Tunes, e tres Argel, e logo punham nove francezes em uma fileira, e cada um de por si metia a mão, e se tirava escrito que dizia Tunes ficava livre, e se ia logo a passear, e se era tão desgraçado, que tirava escrito que dizia Argel, pegavam nelle, e lhe metiam uma cadea nos pés, e o mandavam remar a galé, e desta maneira os foram passando a todos.

As galés como fizeram partes, ficando as de Tunes com a capitania de Barcelona: as tres de Argel com a Patrona, trataram logo de fazer sua viagem, e fazerem se na volta de Argel, armando a de Barcelona com mouriscos, e passageiros de Tunes, e Bizerta, levando tambem em sua companhia, outra galé do Ba-

xá, que estava desarmada em Bizerta, e para a armarem se desarmáram as tres de Argel, e assim partiram cinco galés todas mal armadas, que se com ellas deram tres de Hespanha, as renderam facilmente; e tomaram uma boa preza, vingando-se em parté do estrago, que as dos turcos tinham feito na christandade.

E posto que em seu alcanse partiram onze galés do Marquez de Santa Cruz, chegáram a Berberia em tempo que as galés dos turcos estavam já recolhidas no rio, ou fiumára, e assim como deram fundo ás tres horas da tarde o deram ás tres horas da manhã, e quizeram dar um assalto na terra, podiam queimar sem risco nenhum treze galés de turcos, que estavam todas juntas amarradas umas ás outras, e não tinham dentro mais que os officiaes, e guardiões que guardavam os christãos cativos, que nellas estavam, e todos os mouros da cidade estavam em Tunes, que é dous dias de caminho, nas festas da Pascoa do seu remedam: e davam liderdade a mais de tres mil christãos, que estavam nellas, e cativeiro a muitas mouras e alguns mouros que havia na terra mas ellas se foram disparando alguma pèças de´coxia, botando as balas por sima da cidade sem fazerem cousa, que fosse de effeito: as galès de Argel depois de idas as do Marquez deram á vela, e em cinco dias chegaram a Argel, onde foram recebidas com muita festa, pela boa preza que levavam, e amarrando-as ao Mole tiráram todos os cativos das cadeas em que vinham, e cada um se foi para casa de seu patrão: é esta hora tão alegre, como aquella em que um homem tem liberdade, por ver acabado por então, tão excessivo trabalho.

CAPITULO XIII

De como o autor teve liberdade

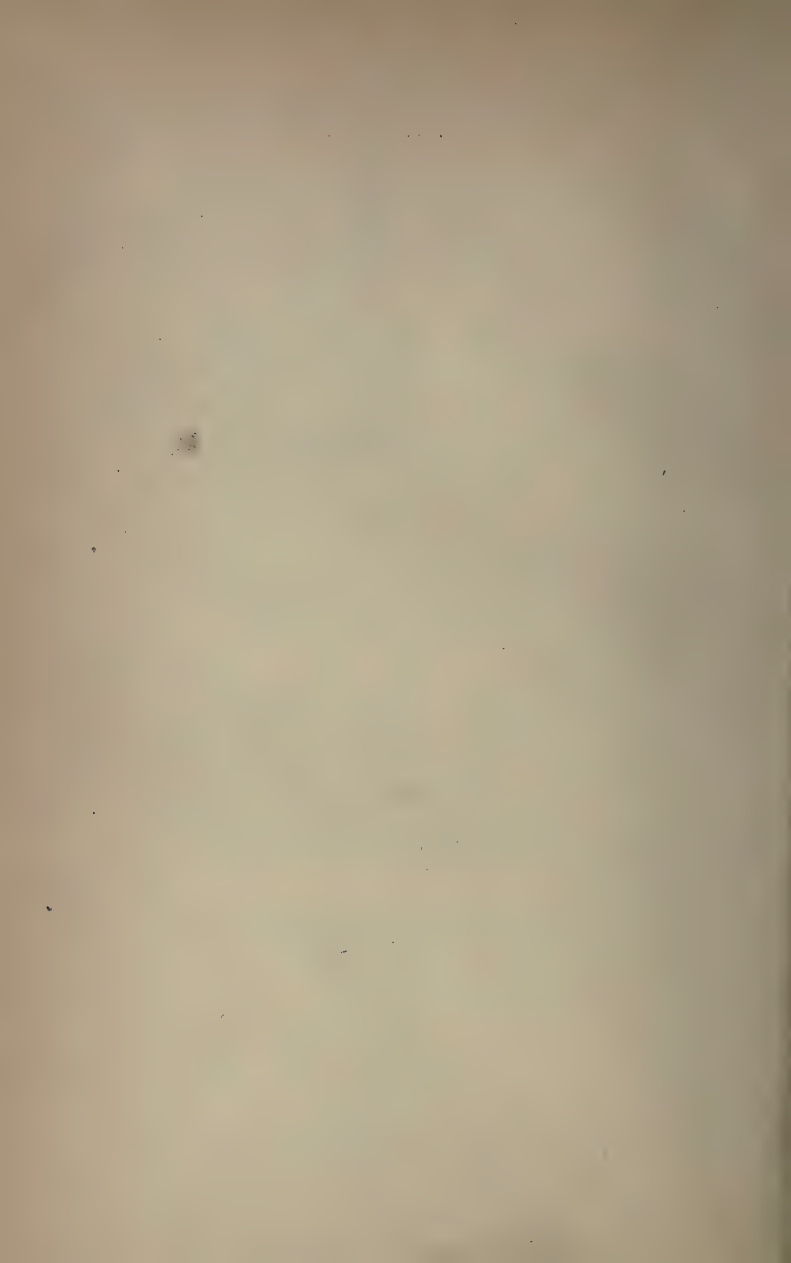
Eu tambem me fui para casa do meu, ao qual beijava a roupa, e puz o joelho no chão, dando-lhe obediencia como seu escravo, elle me disse se sabia porque me mandára a galé, respondi-lhe que não, disse-me que por me tardar o resgate respondi-lhe, que bem sabia de mim, que era um soldado, e que os taes não tinham mais resgate, que o que dava El-Rei, quando vinha a redempção, e que outra cousa não tinha que esperar de mim: com esta resolução e com vêr que o trabalho da galé, me não movia a fazer promessas, nem a cortar me se desenganou de poder-lhe dar tres mil cruzados que me pedia.

D'ahi a poucos dias veio ordem, e dinheiro a um mercador para me resgatar, o qual dinheiro chegou a tempo, que eu estava muito doente, e tanto que me vi fóra de perigo, aproveitei-me da occasião, e dei quatro patacas a um mourisco medico, que me curava, e lhe disse que havia de ir ter com meu patrão Agit Amet, e dizer-lhe, que eu estava hetico confirmado, e que dentro em tres mezes morreria, que me vendesse, e que qualquer dinheiro, que lhe dessem por mim o acceitasse, porque esse ganharia (e isto lhe aconselhava como seu amigo) o mourisco o fez da mesma maneira que eu lho disse, e eu juntamente appareci diante de meu patrão muito fraco, e debilitado, com um pao na mão fazendo me ainda muito mais doente do que estava, estas deligencias aproveitaram de maneira, que tratou logo de se acomodar comigo no resgate, e me veio a dar por seiscentas patacas,

não querendo primeiro menos de tres mil escudos, e por este caminho foi Deus servido dar-me liberdade, quando menos a esperava, e quando com mais trabalhos me via.

Os francezes de que assima tratei, que tiraram roins sortes, vieram para Argel, e foram vendidos com muita afronta, e zombaria, assim de mouros, como dos mesmos christãos: porque foram muita parte de se tomarem as galés de Barcelona, na praia de Frejus, entregando muitos hespanhoes aos turcos. Esta é a paz, que tem os turcos de Argel, com El-Rei de França, com o de Inglaterra, com os Estados de Olanda, a qual procuram todos com muito dinheiro, e com muito trabalho, fazendo os turcos as condições, que lhe estão bem, e ainda essas não guardam, e por este mesmo respeito estimam, e tem em pouco estas nações.

Sómente El-Rei nosso Senhor, continua a guerra sempre com elles, com que se faz poderoso, e estimado tanto, que dizem os turcos, que no mundo não ha mais, que dous monarcas, entre os mouros o Gran turco e entre os christãos El-Rei de Hespanha, que viva largos, felices, e prosperos annos, para bem de seus vassalos, augmento de nossa santa fé, e ruina destes barbaros.

FIM DO OITAVO VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

(VOLUME XLVIII)

HISTORIA
TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME IX)

ESCRIPTORIO
147=Rua dos Retrozeiros=147
LISBOA

1905

TRATADO

DO

SUCCESSO QUE TEVE A NAO

S. JOÃO BAPTISTA

E jornada que fez a gente que della escapou, desde trinta e tres graos no Cabo de Boa Esperança, onde fez naufragio, até Sofala, vindo sempre marchando por terra

A Diogo Soares, secretario do conselho da fazenda de Sua Magestade, etc.

AUZENTE

AO PADRE MANOEL GOMES DA SILVEIRA

Com licença da S. Inquisição, Ordinario, e Paço

Em Lisboa

POR

PEDRO CRAESBECK

IMPRESSOR D'EL-REI, ANNO DE 1625

A DIOGO SOARES

Secretario do conselho da fazenda de S. Magestade, etc., auzente, ao padre Manoel Gomes da Silveira

Os muitos desejos que tive de mandar a V. M. a relatoria deste successo, me obrigáram a faze-la em doze dias, antes que estas naos, que Deos salve, se partissem. E descuidei-me tanto, porque me tinha dito o padre frei Diogo dos Anjos, que foi tambem companheiro, que fazia um tratado mui copioso, contando miudamente todas as particularidades, que na jornada succederam. E pedindo-lho eu neste tempo para mandar o treslado delle a V. M. me disse, que o não pudera fazer por estar sempre doente, e por que tambem lhe não tinham dado tempo as obrigações da religião. Este foi o respeito, que me moveo a fazer este, sendo assim que me dá muita pena escrever qualquer carta larga, quanto mais tantas folhas de papel, maiormente não sabendo eu o estylo, com que se isto costuma fazer. Pelo que peço a V. M. que antes que o mostre o veja mui miudamente, emendando-lhe o estylo, e o mais de que vir tem necessidade, relevando minhas faltas como amigo. E depois que estiver para se vêr em publico, faça o que lhe parecer.

Francisco Vaz Dalmada.

Naufragio da nao S. João Baptista no Cabo de Boa Esperança no anno de 1622

Em o primeiro dia de Março de seis centos e vinte e dous, partimos da barra de Goa a nao capitania, de que era capitão mór Nuno Alvares Botelho, e a nao S. João, de que era capitão Pero de Moraes Sarmento, e depois de termos navegado quinze, ou vinte dias indo-se ver a bomba se acháram nella quatorze, ou quinze palmos de agua, e tratando de a esgotar, não foi possivel, porque eram pequenas as bombas, que a nao trazia, por serem feitas para um galeão, de maneira que as desfizeram, e acrescentáram, e nunca pode servir mais que uma; e com barris fazendo baldes delles a puzemos em estado de quatro palmos, e fomos fazendo nossa viagem com grandes calmarias até vinte e cinco graos, que dahi por diante tivemos notaveis frios.

A dezasete de Julho nos apartámos da nao capitania de noite por se lhe não vêr o farol: outros dizem, que porque o quizeram fazer os officiaes. De mim sei dizer a V. M. como quem perdia tanto em perder a companhia do capitão mór, que toda a noite vigiei, e que nunca o vi.

Em dezanove de Julho um domingo pela manhã em trinta e cinco graos e meio largos vimos por nossa proa duas náos olandezas, e logo nos fizemos prestes, pondo a nao em armas, o que nos custou muito trabalho por estar empachada; de maneira que ainda aquella tarde lhe demos duas cargas, e fomos brigando com estas duas naos, entrincheirando-nos com fardos de liberdade, e foi este grande remedio, porque dalli por diante matáram mui pouca gente, sendo assim que nos primeiros dous dias que não tinhamos feito esta diligencia nos matáram vinte homens, até altura de quarenta e dous graos em espaço de dezanove dias, dos quaes só nove brigáram comnosco de sol a sol cada dia, e nos puzeram em o mais miseravel estado que se póde imaginar, porque nos quebráram o goroupés pelos cabrestos com bombardadas, e o mastro grande dous covados por cima dos tambores, e o traquete, e o leme, posto que era velho, que tinha sido de uma nao, que em Goa se desfez, e havia dous annos que estava deitado na praia, e já podre, que desta maneira se costumam haviar as naos nesta terra. Digo isto, porque o não termos leme foi causa de nossa destruição, porque vinha elle tal, que só duas bombardadas bastaram para o fazer em pedaços. E não foi esta só a falta, com que esta nao partio de Goa, porque não trouxe munições, nem polvora bastante para poder brigar, trazendo só dezoito peças de artelharia de mui pequena bala, e com serem estas, brigamos até nos não ficarem mais que dous barris de polvora, e vinte e oito cartuxos.

Vendo-se que a nao não tinha arvore nenhuma, e as entenas de sobrecellente todas cheas de pelouradas, que a que tinha menos tinha nove, e a nao indo-se ao fundo com agua, porque nos fundiáram a pelouradas por uma braça debaixo d'agua; e o leme quan-

do quebrou levou duas femeas comsigo, abrindo os buracos das cavilhas das mesmas femeas, de modo que nos iamos a pique ao fundo sem podermos vencer a agua, nem se ter esperança de remedio algum dando de noite, e de dia á bomba, e gamotes todo o genero de pessoa, trataram os religiosos de haver algum concerto de modo que se entretivessem os inimigos, para que entretanto vissemos se podiamos vencer a agua, e tapar alguns buracos. E para isso me pediram quizesse eu ser uma das pessoas, que tratasse com os olandezes um concerto honrado, sobre o que tive algumas razões com elles, e disse, que quem queria o tal concerto, que fosse lá, e que não eram meus amigos, pois tal me aconselhavam, e me fui meter na estancia, de que o capitão me encarregou, de maneira, que não vi batel a bordo, nem olandezes, ficando odiado com muita gente da nao. Depois pediram a Luiz d'Afonseca, e a Manoel Peres quizessem ir fazer este contrato, os quaes foram, e as tormentas foram tão grandes e continuas, que não vimos mais a nao para onde estes dous homens foram. A outra nos foi seguindo sem nos querer abalroar, e mandou saber pelo batel se viramos a outra sua nao, porque tinha desaparecido della, e pela muita agua, que de continuo faziamos estando desaparelhados, e faltos de todo o remedio, veio saber, que determinaçào era a nossa, e estando toda a gente mui miseravel, e desconfiada lhe dissemos, que não sabiamos da nao, e com esta reposta se tornou o batel para donde viera, estando nós cada vez mais desconsolados, porque padeciamos as mais notaveis tormentas, e frios, que os homens viram, chovendo neve muitas vezes, de maneira que morreram muitos escravos com os frios, os quaes nos faziam muita falta pelo remedio da bomba, e alijar ao mar, o que tudo faziamos con-

tinuamente, e com trabalho por as tormentas, e balanços da nao não darem lugar a que se acendessem os fogões, que era causa destes trabalhos nos ficarem sendo muito maiores. Estando neste estado fizemos uma bandola do mastro da mezena, e a puzemos na proa, e o botaló por goroupés, e iamos para onde o vento nos levava, de maneira que muitas vezes era o vento bom para virmos para terra, e a nao tomava na volta do mar, que como não tinha leme, nem governo, andava de ló para onde o vento a levava. Isto tudo aconteceo andando em quarenta e dous graos, e vindo-nos sempre seguindo esta derradeira nao. E uma noite sendo com ella na volta do mar, por ser grande o escuro, e a tormenta, amainámos a bandola, pedindo á Virgem da Conceicão, que permitisse a nao tomasse na volta da terra, ficando apartados da que nos seguia : E assim sucedeo, porque amanhecemos na volta da terra, na qual fomos muitos dias. As naos olandezas pelo que agora soubemos nos foram buscar na volta do mar até altura de quarenta e seis graos : lá se deve contar o estado, em que chegaram a Zacotorá.

A nós como tenho dito nos pareceo tinhamos mais remedio apartando-nos das naos pelas continuas tormentas, e buracos, que de novo se abriam, e por a gente vir toda desmaiada com os trabalhos, e além deste, que digo acudiam a um leme, que no convés se fez, o qual o carpinteiro da viagem meteo em cabeça ao capitão, que em tal altura, e com taes tempos o havia de meter, sendo assim, que muitas vezes deixam as embarcações de o meter estando em bahias, e rios com qualquer alteraçào de tempo. O capitão Pero de Moraes como não era mui experimentado, supposto que valante, não quiz tomar parecer dos officiaes da nao, nem das pessoas, que nella iam

de mais experiencia, e seguio o de um vilão pertinaz, não querendo usar do remedio de espadellas, que foi sempre o que as naos costumáram faltando-lhe leme. E por derradeiro nunca este leme se pode meter, andando quinze dias amarrado pela popa, aguardando, que tivessemos alguma quietação para o poder meter; e quebrando-nos os viradores, com que estava amarrado o perdemos uma noite, e tivemos, que fora mercê de Deos, porque nos quebrava a nao com as continuas pancadas, que sempre estava dando.

Emquanto se isto fazia, esperavamos cada hora nos fossemos ao fundo, e não tinhamos já mais esperanças, que da salvação das almas. Os religiosos, que nesta nao iam, exhortavam as mais pessoas fizessem penitencia de seus peccados, fazendo procissões os mais dos dias, a disciplina da qual senão escusava pequeno, nem grande, antes todos assistiam com muitas lagrimas. E tivemos todos nestas miserias, que fora castigo de Deos apartarem-se as naos inimigas de nós, porque tinhamos por cousa nunca acontecida vir uma nao sem leme, nem vellas de tão longe em partes tão tormentosas a porto algum. No que se vio ser manifestamente milagre da Virgem, como acima digo.

Depois que o leme desapareceo se fizeram duas espadellas muito bem feitas dos pedaços dos mastros, e goroupés, que ficaram metidos na nao, e se póde affirmar, que não houve remedio algum humano, que senão usasse, que como cada um tratava de remediar a vida, era o trabalho geral de todos. Feitas as espadellas como não tinham bandolas, nem paos de que as podessem fazer, não ia a nao despedida. Depois destes remedios todos ficou a nao aos mares toda desfeita, porque os inimigos desfizeram a maior parte dos castellos, ficando os prégos, e a madeira em rachas, e escadeada, e com os grandes balanços, que a nao

dava caia a gente, e se feria, e por este respeito se acabaram de cortar.

Acabando nesta confusão e aperto, em vinte e nove de Setembro fomos amanhecer duas legoas da terra em trinta e tres graos, e um terço, e foi tamanha a alegria em todos como se fora a barra de Lisboa, não imaginando o muito caminho, que tinhamos para andar, e os trabalhos, que nos aguardavam ao diante. Na briga da nao não morreram homens conhecidos, salvo João d'Andrade Caminha, e João de Lucena. Lopo de Souza, que Deos tenha no ceo, e o capitão Vidanha assistiram no convez, donde pelejaram valerosamente, e ficou Lopo de Souza ferido com tres dedos menos do pé esquerdo, e o pé quebrado todo, com uma racha em um quadril, outra na barriga, outra no rosto, e duas na cabeça, e o capitão Vidanha com duas rachas, uma na cabeça, e outra na barriga. No castello de proa assistio Thomé Coelho Dalmeida, e da tolda do capitão assistio Rodrigo Affonso de Mello; e eu nas peças do leme, aonde o inimigo mais frequentava, porque todas as vezes, que vinha dar carga, dava nas primeiras peças, tendo primeiro dado no goroupés por baixo da varanda atirando ao leme. Não trato aqui do procedimento, que nesta tão comprida briga tivemos, nem o dano, que os olandezes receberam, porque espero, que elles proprios sejam os pregoeiros neste particular.

Aquelle dia não nos pudemos chegar a terra tanto como desejavamos para nella surgir, e desembarcar, mas ao outro pela manhã, que foi dia de S. Jeronymo amanhecemos mais abaixo, e mais juntos a terra, e como a nao não tinha governo, tememos, que desvairasse indo-se para o mar. E porque nos pareceo uma praia de area, e bom desembarcadouro (o que depois conhecemos não ser assim) surgimos em sete

braças com duas ancoras. Mandou logo o capitão a Rodrigo Affonso de Mello com quinze homens arcabuzeiros reconhecer a terra, e tomar bom sitio donde se defendesse a desembarcação; o que elle fez com muito cuidado como fazia tudo, e nos mandou agua doce, e hervas cheirosas, com que nos causou notavel alegria. E porque não fique caso notavel acontecido nesta viagem, quero contar a V. M. o seguinte.

Vinha nesta nao um homem por nome Manoel Domingues guardião della, ao qual o capitão tinha posto no lugar de mestre por elle ser morto. Este se fez tão soberbo, mal ensinado, e livre, que havia poucas pessoas com quem não houvesse tido historias. E como tinha a maior parte da gente do mar por si, se desavergonhou de maneira, que se foi ao capitão, e lhe disse: V. M. pela manhã ha se de meter no batel com trinta homens, que para isso tenho escolhido, e havemos de levar com nosco toda a pedraria, e saltar em terra daqui a tres legoas onde mostra a carta um areal, e havemos de atravessar essa cafraria até o cabo das Correntes, porque assim indo só trinta pessoas escoteiras com suas armas poderemos chegar aonde digo, e tratar de ir com arraial de mulheres e meninos por terras tão fragosas, e caminhos tão longe, era fallar no ar. Pero de Moraes lhe respondeo não havia de fazer tal, que não queria que o castigasse Deos, e que conta havia de dar ao mesmo Deos, e aos homens em commeter tal crueldade, e que não fallasse tão livre. Elle respondeo, que quer quizesse, quer não quizesse o havia de tomar em braços, e botar no batel. Dissimulando o capitão vendo o danado intento que este homem levava, e os muitos trabalhos, lastimas, e perdas que de tão mau conselho haviam de resultar, se deliberou ao matar, e assim o fez matando-o ás facadas o segundo dia depois de estar a nao surta, sem

embargo, que o mestre andava já de sobre aviso, cuja morte foi sentida de poucos, e festejada de muitos.

Depois se poz em terra o mantimento, e armas necessarias, ainda que foi com muito trabalho ; porque era a costa brava, de maneira que todas as vezes, que o batel desembarcava alguma cousa antes que chegasse havia de surgir com uma fateixa pela popa, e haviam de saltar em terra tendo mão nelle, de modo que ficasse direito posto ás ondas, em tanto que uma vez que não surgiram pela popa, se afogaram dezoito pessoas ao desembarcar de uma só batelada. Este foi o respeito, porque depois se não tratou de fazer embarcação, porque é esta costa tão tormentosa, que se temeo que depois de feita se não pudesse deitar ao mar.

Aos tres de Outubro estando nós acabando de desembarcar as cousas necessarias para a viagem da terra, e fazendo nossas choupanas, aonde nos pudessemos recolher dos grandes frios, que naquella paragem faz, o tempo que alli podiamos estar, deram rebate os homens que estavam de vigia, que vinham negros. Tomámos armas, e elles se viéram chegando a nós, dando as azagaias que traziam a seus filhos, até que ficaram muito pegados com nosco assentados em cocaras, tangendo as palmas, e assobiando mansamente, de modo que todos juntos faziam um bom concertado, e muitas mulheres, que com elles vinham se puzeram a bailhar. Estes negros são mais brancos, que mulatos, homens corpulentos, e se disformam com as unturas de almagra, e carvão, e cinza, com que ordinariamente trazem o rosto pintado, sendo assim, que são bem afigurados. Trouxeram de Sagate esta primeira vez um boi capado grande, e fermoso, e um fole de leite, e o Rei o apresentou a Rodrigo Affonso de Mello, que então servia de capitão por Pero de Moraes estar ainda na nao. As cortezias que este Rei

fez ao capitão, que digo, foram encaixar-lhe a barba muitas vezes. E depois de nós lhe darmos o retorno do Sagate, que foram uns pedaços de arcos de ferro, e uns bertangis, se foi o Rei ao boi, e o mandou abrir, estando vivo, pelo embigo, e elle com a mór parte dos que trazia meteram as mãos no buxo do boi, que ainda estava vivo, e berrando, e se untáram todos com aquella bosta, e entendemos, que todas estas ceremonias faziam em fé, e sinal de amizade; e depois cortáram o boi, e no-lo entregáram em quartos, tomando elles para si o couro, e as tripas, que logo comeram alli mesmo posto nas brazas.

Em um mez, e seis dias, que alli estivemos se não pôde entender nunca a esta gente palavra alguma, porque o seu fallar não é como de gente, e para qualquer cousa, que queriam dizer davam estralos com a boca, um no principio, outro no meio, e outro no cabo, de modo que se póde dizer por estes: que nem a terra é toda uma, nem a gente quasi quasi.

Estando já entrincheirados em terra, fizemos uma igreja cuberta com velas forrada toda por dentro de cobertores da China bordados de ouro, e de outras muitas peças ricas, de modo que toda estava cosida em ouro, na qual se diziam tres missas todos os dias, e nos confessamos e comungamos todos. Ordenou o capitão Pero de Moraes depois que os homens do mar disseram que se não podia fazer embarcação, se queimasse a nao por os cafres senão aproveitarem dos prégos, e nos ficar o resgate caro, e que a pedraria toda, que na nao vinha, se metesse em uma borçoleta nos proprios bisalhos, em que os homens, a quem se entregou a traziam mutrados, e tudo isto com papeis autenticos, dizendo, que pois o trabalho de a vir defendendo era de todos, que tambem parecia razão, que o galardão, e proveito, que disto se tivesse, fos-

se de todos, cabendo lhe pro rata a cada um conforme seus procedimentos, e lugar.

Neste tempo iamos resgatando vacas, que comiamos, posto que não eram tantas quantas haviamos mister, e as que nos pareciam boas para trabalho as guardavamos em um curral de estacada, que para isso fizemos, acostumando-as a andar com albardas, que para isso se fizeram de alcatifas muito bem feitas, que não faltaram officiaes na companhia, que soubessem este officio. Eu neste tempo como cheguei a terra doente de gota, e mal de Loanda, e vi o muito caminho, que tinha para andar, tratei de fazer sahidas, tomando uma espingarda a melhor de sete que trazia, e me andava á caça, hora para a banda do cabo de Boa Esperança, hora para estoutro do cabo das Correntes, que como sou filho de caçador, e criado na caça, foi-me isto de gosto, e proveito, porque ao cabo de um mez, e seis dias, que nesta terra estivemos, fiquei tão forte, e bem disposto, que posso dizer, que ninguem no arraial vinha com melhor disposição que eu.

Aos seis de Novembro partimos desta terra de trinta e tres graos em um arraial formado, em que iam duzentas setenta e nove pessoas repartidas em quatros estancias, de que eram capitães Rodrigo Affonso de Mello, Thomé Coelho Dalmeida, Antonio Godinho, e Sebastião de Moraes. A companhia de Rodrigo Affonso de Mello, e de Sebastião de Moraes ia na dianteira, o capitão Pero de Moraes ia no meio com a bagagem, e mulheres, e Thomé Coelho, e Antonio Godinho vinham na retaguarda. Traziamos com nosco dezasete bois carregados com mantimentos, e cousas para o resgate necessarias, e quatro andores, em os quaes vinham Lopo de Sousa, Beatriz Alvres mulher de Luis d'Afonseca, D. Ursula mulher, que foi de

Domingos Cardoso de Mello, e a mãe de Dona Ursula. Este dia foi de muita chuva, e como as cousas não iam ainda bem concertadas, andariamos uma legoa, e assentamo-nos á borda de um rio de agoa doce, e tivemos ruim noite por chover sempre. Esta terra é toda cortada de rios de mui boa agoa, e tem lenha, mas falta de fruita, e de mantimentos, sendo assim, que parece tal, que dará tudo o que nella se semear abundantemente. A gente que nella habita não se sustenta mais que de marisco, e de umas raizes como tubaras da terra, e da caça. Não conhecem sementeira alguma, nem outro modo de mantimento; e assim andam bem dispostos, e valentes, e fazem cousas notaveis de forças, e ligeirezas, porque tomam a cosso um touro, e o tem mão sendo elles os mais monstruosos animaes de grandes, que se podem imaginar.

Ao outro dia sete de Novembro fomos fazendo nosso caminho sempre pegado pela praia, e tendo andado obra de tres legoas, á tarde assentamos o arraial á borda de um rio, e puzemos nossas tendas em redondo, metendo de noite as vacas no meio, pondo nossos postos de vigia, e rondas com muito cuidado, e vigilancia, mas não nos valeo isso para que os cafres deixassem de roubar todas as vacas, ainda que não foi muito a seo salvo, porque como estes cafres são grandes caçadores, trazem consigo seus cães de caça, e como estas vacas são criadas entre elles, e as vigiam dos tigres, e leões, que nesta costa ha, os quaes cães quando os sentem as despertam com seus ladridos, e assim andam sempre juntos, e misturados com ellas, ainda que animaes brutos, conhecem-se, e se fazem festa. E como as vacas se iam afastando da terra onde se criáram, de continuo davam berros como saudosas, e no quarto d'alva vindo os cafres botar os cães dentro com grandes assobios, e gritas, as

vacas como os sentiram saltaram por cima das tendas fugindo com os cães detrás. Fomos apoz ellas brigando com os cafres, aos quaes lhes matamos o filho do Rei, e muitos de sua companhia, e elles nos feriram tres homens.

Este dia foi para nós muito triste, porque nos levaram as vacas em que traziamos todo o mantimento, e ellas por si o eram tambem. Traziamos em nossa companhia um cafre, que veio ter comnosco onde desembarcamos, natural das ilhas de Angoxa, ao qual sómente entendiam os nossos cafres, e vinha preso, porque como nos tinha prometido vir ensinando os caminhos, e depois o não fazer, foi necessario traze-lo assim. Este nos disse, que dali a vinte dias de caminho de cafre achariamos vacas, que vinham a ser dous mezes do nosso caminho, e que tudo até lá era deserto, como depois achamos, e ainda muito mais do que elle nos affirmou. Fomos fazendo nosso caminho em ordem, comendo cada um daquillo que podia trazer ás costas; além das armas, e resgate, que com todos se repartio, de modo que vinha cada pessoa mui carregada, e eram os orvalhos tantos, que ordinariamente vinhamos molhados todos até o meio dia, que o sol os derretia, mas isto era para nós trabalho suave a respeito das chuvas, que ordinariamente nos perseguiam, e de outras miserias, e apertos maiores, em que nos vimos ao diante, e em que muitos acabáram a vida.

A vinte e um deste mez pouco mais, ou menos, decendo uma serra altissima chegámos a um rio, que passamos em espaço de dous dias, e foi o primeiro que passamos com jangadas, ao qual puzemos nome de Almiscre, por o capitão mandar deitar nelle todo o que na companhia vinha por descarregar os homens, que o traziam. E caminhando dous dias por serras altissimas de pedra, démos em uma praia toda cheia

de pedra solta, e em um rio, que passamos com uma jangada, que fizemos, e da outra banda delle achamos uns cafres caçadores, os quaes nos venderam uma pouca de carne de cavallo marinho, que foi para nós grande alento, e a este rio puzemos nome, o dos Camarões por nelle nos venderem muitos. Dali fomos caminhando por uma serra acima até voltarmos á praia de pedra solta, que nos custava muito trabalho a caminhar por ella.

Aqui aconteceo uma cousa lastimosa, e nos mostrou o tempo uma grande crueldade, e foi, que vindo na companhia uma moçasinha branca filha de um velho portuguez, que nos morreo na nao, o qual era homem rico, e a levava para a meter freira em Portugal, indo caminhando em um andor enfraqueceram os que por partido de dous mil cruzados a levavam; e como ella alli não tinha mais que um irmão moçosinho, que pudesse manifestar ao capitão a grande crueldade, que era deixar uma moça donzella, e fermosa em um deserto aos tigres, e leões, se não teve a compaixão, que em tão notavel caso se devia, ainda que o capitão fez algumas diligencias tomando o andor ás costas, fazendo-o assim todas as pessoas nobres, que iam na companhia, por vêr se com este exemplo o queriam fazer algumas das outras, prometendo-lhes muito maior partido do que antes se lhe dava. Com tudo não houve alguem, que o quizesse fazer, nem realmente podiamos pela muita fome, que então padeciamos. Foi ella até o outro dia caminhando a pé encostada a dous homens, e como vinha muito fraca o não podia fazer senão com muito vagar, e assim a trouxemos até que ella não pode mais dar passo, e se começou a queixar, e lastimar, pois era tão desgraçada, e queriam seus pecados, que aonde ia tanta gente, e se levavam quatro andores, não houvesse quem

levasse o seo por nenhum dinheiro, sendo assim que era o mais leve que ia na companhia, por ella ser muito magra, e pequenina, e outras palavras lastimosas, que dizia com muito sentimento. Pedio confissão, e depois de a fazer disse em voz alta de modo que foi ouvida : padre frei Bernardo eu fico muito consolada, que Deos ha de haver misericordia com a minha alma, que pois elle foi servido, que em tão pequena idade padecesse tantas miserias, e trabalhos, permittindo me deixem em um deserto aos tigres, e leões sem haver quem disso tenha compaixão, ha de permitir, que seja tudo para minha salvação. E dizendo estas palavras se deitou no chão cobrindo se com uma saia de tafetá preto, que trazia vestida, e de quando em quando indo passando a gente descobria a cabeça, e dizia : Ah portuguezes crueis, que vos não compadeceis de uma moça donzella portugueza como vós, e a deixais para ser mantimento de animaes; nosso Senhor vos leve a vossas casas. Eu que vinha de trás de todos consolei ao irmão, que com ella ficava, e lhe pedi andasse por diante, o que elle não queria fazer, antes mandou dizer ao capitão, que queria ficar com sua irmã, o qual me avisou, que por nenhum caso consentisse tal, e que o trouxesse comigo, como fiz vindo-o consolando, mas sua dor foi de maneira, que dahi a poucos dias se ficou tambem. Veja V. M. que cousa tanto para lastimar, de mim sei dizer, que estes e outros espectaculos semelhantes me davam maior pena, que as fomes, e trabalhos que padecia.

Fazendo assim nosso caminho tres dias, viemos ter a um rio, o qual fazia uma praia de area, e nella achamos algum marisco, que foi de nós mui festejado pelas notaveis fomes, que iamos padecendo. Aqui esperamos uma tarde que acabasse de vazar para podermos passar, mas a tardança foi maior do que cuidava-

mos, e como a gente vinha tão faminta, puzeram-se a comer todos umas favas, que pela borda do rio se achavam, as quaes nos puzeram á morte, e se não fora a muita pedra vazar, que traziamos, não escapara pessoa alguma. E com isto ser assim, cada hora nos punha neste mesmo perigo a grande fome, para remedio da qual se comia todo o genero de herva, e fruta, que achavamos, e não era bastante conhecer o mal que nos faziam, para deixar de as comer.

No meio destes apertos nos foi de grande proveito muita quantidade de figueiras bravas que nesta terra achamos, com os talos das quaes, e com muita ortiga fomos passando muitos dias. Neste rio estivemos dous dias esperando tornassemos do grande accidente que tivemos, e partindo-nos daqui nos vieram seguindo a retaguarda uns poucos de cafres, os quaes nos tinham furtado dous caldeirões, e porque nós lhe não demos o castigo, que seu atrevimento merecia, vieram a fazer tão pouco caso de nós, que nos vinham tirando com paos tostados, mas pagáram logo sua demasiada ousadia, porque o carpinteiro da viagem que mais perto se achou, lhe tirou com a espingarda, e quebrou os braços a um, e o atravessou pelos peitos. Os quaes vendo o muito dano, que uma só arma das nossas lhes fazia, deitáram a fugir, e nós viemos fazendo nossa viagem.

Foram apertando as fomes tanto com nosco, que nos obrigáram a comer immundicias, que o mar botava fora, que eram alforrecas, e mija vinagre, e era tal a necessesidade, que quem tinha alguma cousa de comer a não dava, ainda que visse perecer um amigo, ou parente. Eu em todas estas necessidades (seja Deos bemdito) passei melhor, que muitos, porque me posso gavar, que trazia a melhor espingarda da companhia, e que era o que melhor tirava, e assim nunca me faltou

caça, pouca, ou muita, posto que me custava muito trabalho busca-la e acha-la, por esta terra ser mui deserta de aves, e animaes, de maneira que nunca houve occasião, que pudesse matar animal grande: e do que matava partia com quem me parecia, e o demais escondia-o que não soubessem parte delle mais que os matalotes, e tudo era necessario pelos odios, malquerenças, e perigos, que dahi podiam succeder.

Caminhamos assim mais alguns dias até chegarmos a um rio, em que havia muitos caranguejos, e por chover infinita agua o não pudemos passar, e ao outro dia pela manhã aconteceo um notavel caso, e foi: Que nas terras atraz tinham dito ao capitão Pero de Moraes, que um Sebastião de Moraes capitão de uma estancia, que se dizia ser seu parente, tratava com a gente de que era capitão, de que a maior parte eram mancebos mal acostumados, adiantar-se com ella, e tomarnos a pedraria, apartando-se de nós, dando por razão, que queriam andar mais depressa. Ao que Pero de Moraes acudio logo, e com muito segredo abrio a borçoleta, e tirou della os oito bisalhos, em que vinha resumida toda, e os meteo em um alforge, o qual entregou ao carpinteiro da viagem Vicente Esteves, de que elle muito confiava, e dentro na borçoleta, em que a dita pedraria vinha, meteo pedras, que podiam pesar a quantidade, que della tinha tirado, e isto tudo fez com tanto segredo, que muito poucas pessoas o sabiam. E neste rio, em que estavamos, por as fomes serem notaveis, e andarmos todos esfaimadissimos, aconteceo na tenda do carpinteiro, que tenho dito, verem os seus negros andar demais um alforge, que seo amo não fiava de ninguem, e pareceo-lhes que seria arroz, e ajuntando-se com os do capitão, determinaram abri-lo de noite, como fizeram, tirando-lhe um dos ditos bisalhos, parecendo-lhes era cada um uma

medida de arroz, porque assim o costumavamos trazer repartido em atadozinhos de medida cada um. Tirado fóra o bisalho foram-no abrir ao mato, e vendo que era pedraria, temendo que os enforcassem pelo furto, fugiram com ella.

Pela manhã vio o carpinteiro o alforge rasgado, foi-se logo ter com o capitão, dando gritos, e dizendo, que era roubada a pedraria. E como nella vinha nosso remedio, tomamos as armas, e fomos muito depressa á tenda do capitão Sebastião de Moraes, e vimos a borçoleta cheia, e fechada com os cadeados, que dantes tinha, e julgamos ser tudo por zombaria. O capitão Pero de Moraes muito agastado nos contou a historia, que atraz tenho dito, dizendo-nos que alli não vinha pedraria, e mostrando-nos aonde estava, vimos o furto que se tinha feito, e tendo por certo o que o carpinteiro lhe tinha contado, sem mais verificar cousa alguma se foi á tenda de Sebastião de Moraes, e o mandou prender, amarrando-lhe as mãos atrás, e juntamente a quatro homens de sua companhia, a um dos quaes deu crueis tormentos estando cégo da paixão, sendo assim que estavam os pobres homens innocentes do que lhe tinham levantado. Este se chamava João Carvalho, ao qual lhe deram rijos tratos. O pobre homem chamava pela Virgem Maria da Conceição lhe acudisse, a qual permittio, que neste mesmo tempo se soube quem tinha furtado a pedraria, que se se não descobrira tão depressa tinha o capitão ordenado de os mandar enforcar. Como se conheceo a innocencia dos quatro homens, os mandou soltar, ficando preso o seu capitão Sebastião de Moraes.

E logo chamou o capitão os mais principaes homens, que alli vinham, os quaes eram Rodrigo Affonso de Mello, o capitão Gregorio de Vidanha, Thomé Coelho Dalmeida, Vicente Lobo de Sequeira, Antonio Go-

dinho, e eu, e a cada um de nós per si só nos mostrou um libello, que contra Sebastião de Moraes tinha feito, no qual se dizia, que era homem inquieto, e revoltoso, cabeça de rancho, amotinador, e que se temia que elle fosse causa de nossa destruição, e que fizesse com os homens de sua parcialidade divisão, e se fosse roubando-nos, e ficando o arraial enfraquecido sem aquelles homens de armas, que eram da melhor gente, que havia, e com outras palavras criminosas desta qualidade, dizendo-nos, que para quietação do arraial era necessario matar este homem, pois de sua vida podiam resultar muitos trabalhos, e com sua morte ficavam evitados todos, pedindo a estas pessoas votassem sobre a materia, as quaes votáram o que lhes pareceo, e chegando a eu haver de votar, propondo-me elle a causa, lhe disse, que eu não era desembargador para sentenciar a ninguem á morte, e que se elle o queria mandar matar lhe armasse outro caramilho. Elle me respondeo estas palavras: Que direis áquillo se o eu tenho afrontado? Calei-me, e elle se foi á cabana de Lopo de Souza a communicar o negocio, e feitos uns papeis, o mandou degolar, sem a isso lhe poder valer ninguem, nem se soube causa bastante para esta morte deixar de ser estranhada, antes se teve a grande crueldade, maiormente em tempo, que haviamos mister companheiros, e sendo aquelle de boa disposição, e mancebo.

Fomos fazendo nosso caminho por estes desertos, subindo, e decendo serras muito fragosas, passando muitos rios todos cheios de cavallos marinhos, e notaveis animaes. Aqui matamos um cafre, que atrás disse tinhamos achado onde desembarcamos, que dizia ser de Angoxa. Este nos prometteo pelo que lhe lá demos de vir com nosco, e nos ensinar o caminho, e porque nos quiz fugir por muitas vezes, o traziamos

preso, e temendo nós dissesse aos cafres alguns descuidos, que em nós havia, e como as nossas espingardas não faziam obra pelo tempo de chuva, o que elle ordinariamente vinha perguntando aos nossos negros, e via muitas vezes quererem-nas disparar, e o não poderem fazer por virem molhadas, além do que muitas vezes nos dizia uma cousa, e depois outra em contrario, e por todas estas causas se resolveram a mata-lo.

Continuamos nossa viagem até quinze de Dezembro pouco mais ou menos, e chegamos a um rio, aonde vinhamos já tão mortos de fome, que vendiam no arraial os grumetes, e marinheiros a medida de arroz por cento e cincoenta pardaos, e chegou a valer cento e oitenta, e houve pessoas, que gastaram nisto mais de quatro mil pardaos, das quaes foi uma Dona Ursula para seu sustento, e de seus filhos, e outra Beatriz Alvrez. E vinhamos mui tristes por nos ir faltando muita gente, e nenhuma de doença por ser a terra sadia.

Aqui me aconteceo uma historia, que por ser a V. M. tenho confiança para a contar, e porque tambem foi notoria a todos. Antes que decessemos a este rio encima na serra disse o capitão que fosse eu com quinze homens arcabuzeiros obra de uma legoa por cima ver se descobria alguma povoação, porque eram já limites donde o cafre nos tinha dito achariamos vacas, e indo eu obra de meia legoa na volta, que fazia o rio em uma vargea, vi estar uma povoação de quinze casas de palha, e por não causar espanto aos cafres mandei seis homens fossem ver se havia algum modo de mantimento, que nos vendessem, ao que elles se escuzáram dizendo, que aquella povoação mostrava ter muita gente, e ficavamos longe para os poder socorrer. Com o que eu enfadado depois de ter razões com elles, escolhi os melhores quatro arcabuzeiros, que alli estavam, que eram João Ribeiro, Cypriano Dias,

Francisco Luiz, e o despenseiro, e eu com elles, e nos fomos pela serra abaixo passar um valle, que entre nós, e a povoação dos negros estava, no qual havia um rio cheio então com a maré; passamo-lo com a agua pelo pescoço, e chegamos á porta da cerca, e pedimos-lhe nos vendessem alguma cousa de comer fallando-lhe por acenos, metendo a mão na boca; que por inadvertencia, e esquecimento não levamos lingua, que lhes dissesse a que iamos, nem a pedimos ao capitão, porque estes cafres já entendiam aos nossos, que da India traziamos.

Elles como nos viram vestidos, e brancos pasmaram, e as mulheres, e meninos deram grandes gritos, chamando gente da ouira povoação, que estava no mato. E os maridos, que com ellas estavam nos foram seguindo, e atirando com paos tostados. Vendo eu o dano que nos podiam fazer, mandei a João Ribeiro, que atirasse com o seu arcabuz, o que logo fez, e não tomando fogo dentro se assanharam mais os cafres, e tiveram por feiticeria o acender-se fogo. E visto o perigo em que estavamos puz a espingarda no rosto, e matei tres de um só tiro por atirar sempre com um pelouro, e tres feitos em dados. Causaram estas mortes grande espanto, e parâram os outros com o furor, com que vinham. Tornei a carregar a espingarda, e viemos muito de vagar, e quando chegamos ao braço do rio, que atrás digo, o achamos quasi vazio, e nelle uma gamboa com dous côvos muito grandes cheios de tainhas, os quaes abrimos, e nisto deceram os outros companheiros como ouviram o estouro da espingarda, e nos carregamos deste peixe, que em tal tempo foi um grande soccorro; mas vinhamos temerosos do que nos tinha succedido, a respeito do capitão nos haver encommendado, que nos sofressemos, e nos não descompuzessemos com os cafres, porque tinha para si,

que ficaria uma guerra alevantada por toda a cafraria, e seria causa de nossa destruição. O que foi pelo contrario, porque daqui por diante, e depois que foi forçado mata-los em algumas partes, logo das mesmas povoações nos vinham pedir alguma cousa para a mulher, ou filho do morto.

Chegando á presença do capitão lhe fiz um fermoso presente de tainhas, que elle festejou muito, e depois de estar contente com a vista de cousa tão desejada, e para estimar em meio de tantas fomes, lhe contamos o que nos cuccedera, o que elle sentio muito, e não duvido, que se deste caso resultára algum mal, que me custara caro, porque se castigava mui rigorosamente toda a desordem. Neste mesmo dia como o capitão chegou abaixo ao rio, vio se um cafre, e tomando falla delle, disse que dalli por diante havia vacas, e algumas sementeiras, e logo pedio a Rodrigo Affonso de Mello fosse com vinte homens descobrir o que havia, e o negro foi com elle, e depois lhes disse, que se recolhessem que era tarde, e que ao outro dia viria, e os levaria aonde lhes tinha dito, o que logo fez Rodrigo Affonso, e fazendo caminho pela povoação aonde tinhamos mortos os tres negros, os achou ainda por enterrar, e lhos mostraram com muito medo, e tremendo, do que Rodrigo Affonso ficou espantado, porque não sabia do que acontecera, e lhe disseram que os mortos tiveram a culpa, porque começaram a guerra primeiro, e que já o tinham feito saber ao seo rei, e lhes deram do que tinham em sua sementeira, que eram aboboras de carneiro, e patecas verdes. Rodrigo Affonso lhes deu dous pedacinhos de cobre, que é a melhor veniaga destas partes, e veio-se recolhendo.

Ao outro dia tornou e vio o mesmo cafre, e foi Rodrigo Affonso com elle, e andou lá um dia, e uma noi-

te, e caminhando mais avante encontrou o filho do Rei, que os cafres diziam, com cem cafres de guerra bem armados todos com suas zagayas de ferro em um valle, os quaes vinham visitar o nosso capitão, e traziam o mais fermoso boi, que nunca vi, sem cornos, e fizeram saguate delle ao capitão, e ao outro dia nos trouxeram mais quatro vacas, que nos venderam, dizendo, que se quizessem esperar mais oito dias, nos trariam a vender quantas quizessemos, e quando não que esperassemos até o outro dia, que nos venderiam vinte vacas, o que fizemos, mas elles não vieram. E porque nos ia enfraquecendo a gente, principalmente os que traziam os andores, e se acabava a comida, e estavamos quedos, e tambem pelo que o cafre nos tinha dito entendemos, que seria já a terra farta, determinamos de ir por diante, e ao outro dia fomos dormir a uma alagoa, a qual não tinha raâs, do que ficamos muito sentidos. As fomes eram já intoleraveis, e se comia já no arraial todo o cão, que se podia matar, o qual é muito bom comer (fallando fóra de fomes) porque eu muitas vezes tinha vaca, e se havia cão gordo, a deixava pelo comer, e assim o faziam muitas pessoas. Os homens que traziam os andores se escusavam já de os trazer, por não poderem, e querendo o capitão forçar alguns a isso, fugio nesta passagem um marinheiro para os cafres, que se chamava o Rezão.

Indo caminhando uns poucos de dias chegamos a um rio, aonde da banda do Cabo num alto estava uma povoação de pescadores, e nós assentamos o arraial da outra banda. Elles nos trouxeram a vender uma pouca de massa feita de umas sementes mais miudas que mostarda, de umas hervas, que apegam no fato, a qual sabia muito bem a quem della podia alcançar alguma cousa. Aqui se puzeram todos os homens, que traziam os andores em um corpo, dizendo, que se ne-

nhuma pessoa do arraial podia dar passada com fome, e ficavam muitos mortos, que fariam elles, que traziam os andores ás costas, que bem os podiam mandar matar, que não haviam de passar dalli com elles ainda que lhes dessem por isso os thesouros do mundo, e que parece bastava haver mais de mez e meio, que os traziam, subindo, e decendo serras, que elles perdoavam tudo o que se lhes tinha promettido pelo trabalho atrás passado, e isto com grandes clamores, e lagrimas Ao que acudiram os religiosos, dizendo ao capitão, que elle não podia forçar a ninguem a tomarem trabalhos mortaes, e que já nos tinha fugido um para os cafres, e que estes pobres homens parecia já cada um uma semelhança da morte. O capitão ajuntou a todos, e em voz alta mandou lançar um pregão, dizendo, que se houvesse quatro homens, que por preço de oito mil cruzados quizessem levar Lopo de Souza ás costas, e outro si a qualquer das mulheres, que nos ditos andores vinham, que logo os depositaria na mão de cada um pro rata como lhe coubesse, ao qual pregão ninguem sahio.

Neste lugar succederam por meus peccados as maiores crueldades, e os mais lastimosos espectaculos, que já mais aconteceram, nem se pode imaginar, porque a estas mulheres, que vinham nos andores se lhes perguntou se nos podiam acompanhar por seu pé, porque doutra maneira não podia ser, e a seu respeito tinhamos vindo tão vagarosamente, e estavamos mui atrazados do caminho, e era morta muita gente só de fome, e não havia quem por preço algum os quizesse trazer ás costas, e que por evitar males maiores, e por parecer de um religioso theologo se tinha ordenado de se não esperar por ninguem que não pudesse andar, por que nos iamos consumindo, que as que tivessem saude para o poder fazer se deliberassem até

o outro dia, e as que haviam de ficar, as deixariam em companhia de muitas pessoas, que no arraial vinham fracas, e doentes, na povoação de pescadores, que defronte de nós estava. Julgue V. M. agora, que nova podia esta ser para Breatiz Alvrez, que trazia alli quatro filhos, tres delles crianças, e para Dona Ursula, que trazia tres filhinhos, o mais velho de onze annos, e sua mãe velha, que de força havia de ficar, sendo-lhe já morto seu marido, e seu pae, não tratando de Lopo de Souza fidalgo tão honrado, e tão valente, e como tal tinha brigado na nao, de que ainda trazia as feridas abertas, e vinha doente de camaras, na qual dor e sentimento me coube a mim maior parte, por sermos ambos de uma criação em Lisboa, e sermos de um tempo no serviço da India.

Toda esta noite se passou em puras lagrimas, e gemidos, despedindo-se os que iam dos que haviam de ficar, e foi a mais compassiva cousa, que já mais se vio, que todas as vezes que isto me lembra não posso ter as lagrimas. Ao outro dia pela manhã se soube, que ficava Breatiz Alvrez com dous filhos dos tres machos que tinha, e uma filha de idade de dous annos linda creatura, e o filho mais pequeno lhe tomamos, ainda que contra sua vontade, por não ficar alli uma geração toda; e a mãe de D. Ursula Maria Colaça, e Lopo de Souza, e tres ou quatro pessoas muito fracas, que nos não podiam acompanhar, os quaes se confessaram todos com gnande dor, e lagrimas, que realmente parecia uma cousa cruel não nos deixarmos ficar com ellas, antes que vermos tal despedida. Por uma parte se via Breatiz Alvrez mulher delicada, e mimosa com uma menina de dous annos no collo de uma cafra, que com ella ficou, a qual não quiz nunca largar, com um filhinho de cinco annos, e outro de dezasete; o qual mostrou grandissimo animo, e amor, fazendo

a mais honrada cousa que naquelle estado pudera fazer pessoa alguma, e foi, que a mãi lhe disse por muitas vezes, que ella ficava meia morta, porque o seu mal antigo do figado a tinha entrado muito, que poucos haviam de ser seus dias de vida, ainda que ficára entre regalos, e que seu pae ia com uma nao daquellas, que brigára comnosco, e podia ser morto, que era moço que nos acompanhasse, e todos os religiosos apertáram com elle, dando-lhe muitas razões, dizendo lhe, que não só arriscava o corpo, mas que tambem arriscava a alma por ficar em terra de infieis, aonde lhe podiam entrar os seus máos costumes, e ceremonias. Ao que respondeo com mui bom animo, que nosso Senhor haveria misericordia de sua alma, e que atégora os tivera por seus amigos, e agora os ficava tendo em differente conta, e que razão podia elle dar depois aos homens, deixando sua mãi em poder de cafres barbaros. Por outra parte se via Dona Ursula despedir da mãi, que ficava : julgue V. M. as lastimas, que se diziam uma á outra, e as que nos causariam. De Lopo de Souza se foram todos despedir, e vendo elle que eu o não fazia, mandou que fosse o andor, que o levava, e passasse pela tenda onde eu estava, e me disse estas palavras em voz alta, e com muito animo: Eia senhor Francisco Vaz Dalmada não sois o amigo, com que me criei na escola, e na India andamos sempre juntos, como me não fallais agora? Veja V. M. qual eu ficaria vendo um fidalgo, de quem era particular servidor, naquelle estado. Levantei-me, e abracei-o, e disse-lhe: Confesso a V. M. de mim esta fraqueza, porque não tive animo para ver a pessoa que eu tanto amava em tal estado; que me perdoasse, se nisso o offendera. Elle, que até então teve o rosto enxuto não pode ter as lagrimas, e disse aos que o traziam, que andassem, e querendo eu acom-

panha-lo até a povoação dos cafres, donde elle havia de ficar, o não quiz consentir, e tapando com a mão os olhos me disse: Ficai-vos embora amigo, e alembrai-vos da minha alma, levando-vos Deos a terra onde o possais fazer. Confesso que foi esta a maior dor, e sentimento, que nunca ate então tive. O capitão lhe deu cousas de resgate, como eram muitos pedaços de cobre, e de latão, que é cousa, que aqui val mais que tudo, e dous caldeirões. Aqui ficaram dous homens escondidamente, que se chamavam Gaspar Fixa, e Pedro de Duenhas.

Partimo-nos mui lastimados fazendo nosso caminho por serras altas, e fomos albergar aquella noite á borda de um rio, aonde achamos alguns caranguejinhos pequenos, que não foi pequeno bem para nós, e ao outro dia continuamos o caminho, e assentamos o arraial á noite em um rio fresco, ao longo do qual por elle acima havia tres, ou quatro povoações, ás quaes mandamos saber por um cafre lingua se havia vacas, ou quem desse razão dellas, e nós entretanto fomos esfaimados a uma ponte de pedra, que a praia fazia, ao marisco, e cortar figueiras bravas para comer. Vindo-nos recolhendo á noite ás tendas, que deixamos armadas, mui contentes, por trazermos muitas figueiras cortadas para comermos, achamos por nova, que viera o lingua, e trouxera dous negros comsigo, que diziam, que lhe dessem dous homens, e um pedaço de cobre, que elle os levaria aonde houvesse vacas, e que levassem cobre, que elles as trariam pela manhã, o que o capitão fez com muita alegria mandando Fructuoso d'Andrade, e Gaspar Dias, os quaes levavam o que os cafres pediam, e nós ficamos mui alvoroçados esperando nos trouxessem muito bom recado, porque delle dependia a vida de todos. Quiz Deos que ao outro dia ás dez horas vieram os homens mui alegres,

trazendo-nos uma vaca, e dando-nos por novas viram muitas povoações todas com vacas. Logo se mandou matar a vaca, e partir, e se comeo assada, da qual costumavamos não deitar fóra mais que a bosta grossa, porque a mais miuda, e as unhas, e o miolo dos cornos, e couro tudo se comia. E não se espante V. M. disto, porque quem comia todos os negros, e brancos, que morriam, mais facil lhe ficava este manjar.

Logo nos fomos em busca das aldeas levando por guias os cafres, que com os dous portuguezes, que trouxeram a vaca tinham vindo, e não podendo chegar lá aquelle dia posto que andamos muito, dormimos aquella noite em um valle, que tinha feno mais alto que uma lança, e ao outro dia pela manhã levantamo-nos cedo, e caminhando por uma ladeira acima terra bem assombrada, encontramos alguns negros aos quaes perguntamos pelas povoações, e nos disseram, que se caminhassemos bem, como o sol empinasse chegariamos lá. E como iamos desejosos, e necessitados, supposto que fracos, nos puzemos ao caminho subindo sempre, e chegamos á tarde acima de uma serra, da qual vimos a mais fermosa cousa, que a vista então podia desejar, porque se descobriam dali muitos valles todos cortados de rios, e serras mais pequenas, pelas quaes se viam infinitas povoações todas cheas de vacas, e sementeiras, com a qual vista decemos á serra mui contentes, e nos vinham trazendo ao caminho vasos de leite a vender, e vacas, as quaes lhe não compramos alli, e lhes dissemos, que passando um rio, que aparecia do cume, em uma serra pequena, haviamos de assentar o arraial, e estar tres ou quatro dias, pelo que fallassem uns com outros, para que quem tivesse alguma cousa de comer, e a quizesse vender por aquelle dinheiro, que eram pedaços de cobre, e latão, se fossem ter comnosco. Passando o rio chegámos

ao sol posto á paragem que digo, e pondo nossas tendas em ordem, mandou o capitão a Antonio Borges, que tinha a seu carrego comprar todas as cousas de comer, com quatro homens de espingarda de guarda afastados do arraial, para que os negros se não misturassem com nosco (costume que sempre nesta viagem se guardou inviolavelmente.) E para que V. M. saiba que vinhamos com boa ordem, digo, que traziamos todo o resgate, e cousas com que se comprava de comer repartido entre nós, trazendo o homem, que menos arma trazia, maior quantidade, de maneira que não havia pessoa nenhuma, que ficasse izenta destes trabalhos. E todas as cousas por pequenas que fossem vinham assentadas em um livro por receita, as quaes despendia este Antonio Borges como feitor, e comprador, que era, e se alguma outra pessoa queria comprar alguma cousa, era castigado mui rigorosamente, ainda que fosse com cousa que trouxesse escondida; e isto se fazia por evitar a alteração do preço, que os muitos compradores costumam fazer. Este homem dava conta ao capitão com escrivão do que despendia, e isto se guardou em vida do capitão, e depois de lhe eu succeder até ao fim, como ao diante se dirá.

Ainda neste dia se resgatáram quatro vacas, entre as quaes vinha um grande touro, que o capitão me pediu matasse á espingarda, porque estavam infinitos negros juntos, para lhe mostrar a força e poder das armas que traziamos. E andando este touro com as vacas comendo entre ellas, para fazer maior espanto, lhes disse que se afastassem todos, e que aquillo lho dizia, porque lhes não fizesse mal aquella arma. Elles fazendo pouco caso, se deixaram ficar, e eu me fui chegando ao touro obra de trinta passos, e dando um grito alevantou a cabeça, a qual tinha baixa por andar comendo, e lhe dei com o pelouro na testa caindo logo

morto. E vendo os cafres o effeito que fez a espingarda, botáram a fugir, e depois o capitão os mandou chamar, os quaes vieram mui temerosos, e ficaram ainda muito mais depois que viram o boi morto, e que meteram o dedo pelo buraco do pelouro, que na testa tinha. Todas estas quatro vacas se matáram este dia, e se repartiram igualmente por toda a gente como sempre se fazia por pessoas, que para isso havia separadas; e ao outro dia se resgatáram dez, ou doze, e se matáram outras quatro, cabendo a cada pessoa de quatro vacas tres arrateis, a fóra o couro e tripas, porque tudo se repartia. Quiz aqui o capitão dar esta fartura á gente para ver se tornavamos a tomar forças, e disposição, matando todos os dias, que aqui estivemos quatro vacas. Mas foi esta fartura causa de nos darem camaras a respeito de comermos a carne mea crua, e assim ficamos com pouca mais melhoria da que trouxemos, que realmente nos causava espanto ver, que morriamos por não comer, e que o muito tambem nos matava. Aqui nos trouxeram tambem a vender muito leite, e umas frutas da cor e sabor de cerejas, mas mais compridas.

Esta foi a paragem, em que se resgatou maior quantidade de vacas juntas, que em toda a jornada, porque além de treze, que se matáram em quanto aqui estivemos, que foram cinco dias, levamos com nosco outras tantas, no fim dos quaes nos fomos caminhando por uma serra alta, e mui comprida, aonde nos traziam muitos cabaços de leite a vender, e das frutas que tenho dito, e alojamos no meio de uma serra rodeada de povoações todas cheas de gado, e sementeira, e um rio pelo pé. Ao outro dia acudindo negros com vacas para vender lhe compramos dez, ou onze. Aqui aconteceo mandar o capitão enforcar uma negra por furtar uma pequena de carne, que não pe-

zaria meio arratel (demasiada crueldade.) E ao outro dia acabamos de subir aquella serra, que era muito alta, em busca de uma povoação, aonde vivia o Rei de todo aquelle Concam, á qual chegamos á tarde, e era a maior que até então tinhamos visto. O Rei que era cego veio visitar ao capitão, e lhe trouxe de Saguate um pouco de milho em um cabaço, o qual, ainda que velho era bem disposto. E é cousa para notar, que sendo barbaros sem conhecimento da verdade, são tão graves, e tão respeitados de seus vassallos, que o não sei encarecer, elles os governam, e castigam, de modo que os tem quietos, e obedientes. Tem suas leis, e castigam os adulterios galantemente desta maneira, se uma mulher faz adulterio a seu marido, e lho prova com testemunhas, a manda matar, e ao adultero juntamnnte se o podem apanhar; com as mulheres do qual casa o aggravado. Quando se querem casar, o Rei é o que faz o concerto, de maneira que se não póde fazer casamento sem elle nomear a mulher. E tem por costume, que os filhos sendo de dez anncs os botam para o mato, e se vestem de umas folhas de arvore como palmeira, da cintura para baixo, e se untam com cinza ficando caiados, os quaes se ajuntam todos, e não chegam a povoado, porque lá aos matos lhes levam as mãis de comer. Estes tem por officio balharem nos casamentos, e festas, que elles costumam fazer, aos quaes pagam com vacas, e bezerros, e com cabras aonde as ha; e depois que neste officio ajunta qualquer delles tres, ou quatro cabeças de gado, e é de idade de dezoito annos para cima, vae o pae, ou a mãi ao seo Rei, e lhe diz que tem um filho de idade conveniente, o qual tem por seu braço ganhado tantas cabeças de gado, e o dito pae, ou mãi o quer ajudar, dando-lhe mais alguma cousa, e lhe pede o queira casar. El-Rei lhe diz: Ide a tal parte, e dizei a fu-

lano, que traga cá sua filha, e em vindo os concerta no dote, que o marido é obrigado dar ao sogro, e sempre o Rei nestes concertos costuma ficar com as mãos untadas. Isto é o que se usa até Unhaca Manganheira, que é o rio de Lourenço Marques.

Depois do capitão ser visitado deste Rei, como era maior que todos os que até então tinhamos visto, determinou-lhe dar de Saguate uma grande pessa, a qual foi um castiçal de latão pequeno com um prégo preso no fundo, com o qual ficava tangendo como campainha, e muito bem limpo, atado com um cordão de retroz lho lançou ao pescoço, ao que o Rei fez grande festa, e os seus ficaram espantados de ver cousa tão excellente. Dali nos fomos ao outro dia continuando nosso caminho até junto de um rio o maior que até então tinhamos visto, acima do qual dormimos, e ao outro dia caminhámos pelo meio de serras muito altas, que por junto delle estavam, com proposito de ver se lhe podiamos achar vão, ou parte em que fosse estreito, e que corresse com menos furia para o podermos passar com jangada.

Levavamos em nossa companhia vinte vacas, e supposto que matavamos cada dia uma, e cabia a cada pessoa um arratel, padeciamos grandissimas fomes. E por ser o rio muito largo caminhamos por cima de uma serra por caminhos multo ingremes, e arriscados por ficarem caindo encima do rio, dous dias até chegarmos a uma vargea, por cima da qual ficavam algumas aldeas, em que determinavamos comprar vacas. Os negros se emboscáram pela borda do rio, aonde de força haviamos de mandar buscar agua, e nos furtáram dous caldeirões que para ella serviam, mas pagáram o atrevimento, porque depois de lhe termos comprado duas vacas, vendo que não traziam mais a vender, e vindo um negro com umas canas de milho

para vender, as quaes costumavamos comprar para comer, por serem doces, me mandou o capitão lhe atirasse á espingarda, o que logo fiz, passando-o pelos peitos com um pelouro, e assim botou a fugir pela serra acima. Aqui mandou o capitão enforcar um nosso cafre por nos fugir duas vezes.

Tendo caminhado mais dous dias pela serra ao longo do rio, chegámos a uma parte onde nos pareceo mais estreito rio. Aqui mandou o capitão um mulato seu, que nadava muito bem, a ver se podia passar o rio, o qual se afogou logo em se lançando, por ser grande corrente de agua, e ir em redemoinho. Como vimos, que a agua vinha com tanta força, determinámos de ir mais acima, e ao outro dia fomos caminhando por umas serras bem assombradas, por serem cheas de povoações, e ao meio dia assentamos o arraial. E depois continuando nosso caminho com o proposito, que tenho dito, passamos por uma povoação, que estava em um alto, e ao passar della nos trouxeram a vender muita quantidade das frutas que atrás disse, as quaes nos vendiam por agulhetas de atacas.

Vindo detraz da retaguarda dous grumetes fracos com suas espingardas ás costas, como os viram taes, e que vinham afastados de nós lhes sahiram da povoação uns poucos de negros, e lhes tomaram as espingardas. Ao que acudiram Thomé Coelho, e eu, e outros soldados, que na retaguarda vinham, e lhe entrámos a povoação, matando todo genero de pessoa, que nella achámos, e tomando quatorze novilhos, que dentro estavam presos, os trouxemos com nosco, e viemos assentar o arraial abaixo desta aldea, da outra banda de um riosinho pegado com outras aldeas, sempre com muita ordem, e vigilancia. Ao outro dia pela manhã nos mandaram dous negros velhos, a compor, e fazer amizades, ao que o capitão se mostrou muito

aggravado, dizendo, que vindo elle seu caminho sem fazer mal a alguem o roubáram, e que promettia de vingar toda a injuria, que nisto se lhe tinha feito. Elles deram suas razões, dizendo, que lhe mataramos muita gente; e em fim de razões, nos trouxeram as espingardas, e nos pagáram de composição duas vaquinhas, e pelas azagaias, que lhes tinhamos tomado nos deram outras duas, e nós lhes entregamos nove bezerros dos quatorze, que lhes tinhamos tomado, porque os cinco matámos aquella noite, e descendido a mim, e a meu matalote nos coube um, de que partimos com os amigos. A' tarde nos trouxeram outras duas vacas, e um touro, que lhes comprámos; e por ser o touro muito bravo, mandou o capitão o matassem ás catanadas, ao que se defendeo elle de maneira, que o não puderam matar, antes elle deu uma revolta teza ao capitão, e a tres, ou quatro pessoas, pelo que me pedio o matasse á espingarda, o qual antes que eu o matasse me deu uma grande estropiada, lançando-me a espingarda por hi além; e alevantando-me logo lhe atirei, e o passei pelas espadoas caindo logo morto por uma ribanceira abaixo, encima da qual me punha todas as vezes que se offereciam semelhantes occasiões, e era alvitre para mim, porque por cada touro que matava á espingarda, me davam uma mão, que naquelle estado não era pequeno bem.

Dalli fomos á borda do rio, e nos puzemos junto a elle encima duma serra, lugar forte, que escolhemos para esperar até que vazasse com menos furia, o que não fez por espaço de vinte cinco dias pouco mais, ou menos, que foi os que gastámos neste contorno, andando sempre ao longo do rio; no qual tempo nos aconteceram as cousas seguintes. Dia de Natal pela manhã mandou o capitão a Thomé Coelho Dalmeida com vinte homens subisse uma serra mui alta, que se es-

tendia sempre ao longo do rio, e caminhasse cinco, ou seis legoas por ella á vista do rio, e visse se por lá podia haver alguma passagem. E depois de andar por lá dous dias, se veio, dizendo que não achava melhor pasagem para se poder passar, que alli onde estavamos, que aguardassemos se acabassem as chuvas, e que logo o rio havia de correr com menos furia, trazendo pouca agua, e assim o fizemos. Aqui mandou o capitão enforcar dous negrinhos, um de Thomé Coelho, e outro de Dona Ursula, só por furtarem uns pedacinhos de carne, sendo assim, que o mais velho não chegava a doze annos, dos quaes se teve muita lastima, e se estranhou tanta crueldade.

A este rio puzemos o nome da fome, porque nelle padecemos as maiores que tivemos em toda a viagem. E por ver se havia remedio para se passar, prometteo o capitão cem cruzados a qualquer das pessoas, que o passesse da outra banda, levando consigo uma linha de pescar para poder passar outra mais grossa, que pudesse ter uma jangada em que passassemos como já tinhamos feito noutro rio atrás, e como ninguem o fizesse, se offereceo um meu negro por nome Agostinho sem nenhum interesse, o qual o fez com facilidade por ser grande nadador; mas depois de passar a linha a quebrou a grande corrente da agua, em que claramente se vio, que se não poderia passar como queriamos senão dahi a alguns dias; nos quaes nos fomos entretendo, pondo-nos á vista de umas povoações por ver se nos queriam vender algumas vacas, o que fizeram mais por temor, que vontade por lhas irmos comprar dentro ás mesmas povoacões já desesperados para que quando no-las não quizessem vender, lhas tomassemos por força.

Aqui indo eu a uma povoação em companhia de Antonio Godinho depois de termos comprado duas, ou

tres vacas, vendo que não havia mais que fazer me vim para o arraial, que á vista de nós estava. E depois de ter ândado um pedaço virei para trás, e vendo que não vinham ainda os companheiros, me assentei á sua vista, esperando, elles viessem, ficando-me nas costas um feno muito alto, por entre o qual veio um cafre mui acachado, e se abraçou comigo por detrás, pegando-me na espingarda com uma mão pelo couce, e outra na ponta, ficando eu entre elle, e a espingarda, andando um grande espaço ás lutas comigo. E acordei-me, que trazia uma faca, e a arranquei chamando por nossa Senhora da Conceição, porque me vi sem alento nenhum, por ter o cafre muita força, e lhe fui dando com a faca até que me largou a espingarda, a qual meti logo no rosto, e indo para a disparar cahi no chão de fraqueza, e lhe não pude atirar, senão quando já ia longe, e ainda assim o tratei mal, e depois lhe apanhei a sua capa de pelles, que trazia embrulhada no braço, e a deixou com a pressa. Todos estes cafres usam de capas, que lhe dão por baixo do quadril de pelles mui bem adubadas de animaes pequenos de fermoso pelo, e segundo a qualidade do cafre se vestem com melhores pelles uns que outros, e nisto tem muito ponto; e não trazem mais vestido, que estas capas, e uma pelle mais galante, com que cobrem as vergonhas, e eu vi a um cafre grave uma capa toda de Martas Zebelinas, e perguntando-lhe onde havia aquelles animaes, disse, que pela terra dentro havia tanta quantidade delles, que todos em geral se vestiam de suas pelles. Tambem achei no chão duas azagaias, e um páosinho de grossura de um dedo, e de dous palmos e meio de comprido, forrado do meio por diante com um rabo de bugio, o qual páo costumam trazer quasi em toda a cafraria até o rio de Lourenço Marques, e não costumam fallar sem o tra-

zerem, porque todas as suas praticas são apontando com este páo na mão, a que chamam sua boca, e fazendo esgares, e meneios. Os companheiros vinham chegando, e vendo o que me acontecera apressaram o passo cuidando ficára eu maltratado do successo, e nos viemos todos ao arraial, o que estava esperando por nós com muito alvoroço pelas vacas, que estavam vendo lhes traziamos.

Estando nós neste mesmo posto, dahi a dous dias chegou um negro dos nossos, que tinha ficado na companhia de Lopo de Souza, ao qual se foi o capitão, e sem ninguem lhe dizer nada, pegando nelle lhe disse: O' cão, quem matou os portuguezes? confessa-o senão hei te de mandar enforcar logo; o negro ficou trespassado, e disse que elle não era culpado em taes mortes, nem nenhum dos nossos, que com elle ficáram. Pasmámos de o capitão fazer aquella pergunta sem saber nova alguma da dita gente, e lhe perguntámos quem lhe dissera tal nova, ao que respondeo, que havia dous dias, que andava sempre com a imaginação naquella gente; e que sempre o coração lhe dissera, que os negros, que com elles ficáram os tinham mortos, e por isso fizera a tal pergunta. Disse mais este negro, que os cafres da terra matáram em uma noite a Gaspar Fixa, e a Pedro de Duenhas, e ao sobrinho do contramestre Manoel Alvrez, por lhes tomarem um caldeirão, e que os nossos negros seus companheiros ficaram em outra povoação mais abaixo apartados dos portuguezes. E perguntando-lhe como ficava Lopo de Souza, disse, que quando de lá partira havia tres dias, que estava sem falla, e sem duvida morreria no derradeiro que o vio, e que Breatiz Alvrez mulher de Luiz d'Affonseca ficava muito doente feita lazara, de maneira que se não podia bolir, e as outras pessoas muito mortas de fome, que por não terem forças para

poderem andar, não vieram com elle, e sem duvida seriam todas mortas. O capitão o mandou olhar, e achando-lhe pessas de ouro, e diamantes, que conheceram ser dos portuguezes, que lá ficáram, mandou tivessem tento nelle, com fundamento de o mandar matar de noite, o que elle não aguardou, porque dahi a pouco espaço vimos vir dous moços de sua companhia, e como elle os conhecesse temendo descobrissem a verdade fogio, e os dous que digo em chegando foram logo prezos, e dando-lhe tratos confessrram o seguinte, dizendo, que depois de nós apartados de Lopo de Souza, dahi a tres dias chegou áquelle mesmo lugar um Rei cafre, o qual trazia quarenta vacas, e disse, que era o que atrás tinha promettido vir com ellas ao capitão, pelo qual perguntára ; e dizendo-lhe como era partido, e que estivera esperando por elle, e como vira, que não viera no tempo que promettera, se fora : Respondeo elle, que por causa das enchentes de uns rios não pudera vir mais cedo, e perguntou se nos poderia ainda encontrar, ao qual disseram, que não, por haver muitos dias que eramos partidos, mas que alli ficaram dous ranchos de gente sua, um de portuguezes, e outro de negros, e que tinham dinheiro com que lhes podiam comprar algumas vacas. Respondeo, que folgava muito, porque para isso as trazia de tão longe, e logo os portuguezes compraram tres vacas, e os negros quatro, e pediram ao Rei, que se não fosse com as que lhe ficavam, que depois daquellas comidas lhe comprariam mais. Ao que respondeo, que por alli não haver bons pastós dava uma volta, e tornaria dalli a seis ou sete dias com ellas para lhes vender as que houvessem mister. Neste tempo foi o rancho dos portuguezes comendo as que tinham comprado, e faltando-lhes se foi Gaspar Fixa abaixo a outra povoação aonde estava o outro dos nossos negros,

e que ainda tinham duas vacas vivas, e lhes pedio matassem uma daquellas vacas, e lhes emprestassem a metade, que logo em tornando os cafres comprariam com que satisfazer, o que elles fizeram logo com facilidade, matando uma dellas, e dando-lhe o que pedia. Dahi a dous dias vieram os cafres, e se proveram todos de vacas, e querendo os negros lhes pagassem o que tinham emprestado, lho foram pedir em um dia, em que os portuguezes tinham morto uma vaquinha muito pequena: e respondeo-lhe Gaspar Fixa, que elles tinham morto o que viam, que por ser pequeno quinhão, a respeito do que elles lhe tinham dado, lho não davam, mas que esperassem dous dias, que era o tempo em que elles a podiam comer, e que logo lhes dariam ametade da maior que alli tinham: disseram os negros, que a matassem logo, e lhes pagassem; ao que Gaspar Fixa replicou, que então lhes ficaria a carne perdendo-se, e vendo que não se aquietavam com estas razões, agastado com reposta tão desavergonhada, e atrevida, deu uma bofetada em um negro Chingalá, que era a cabeça dos outros chamando-lhe cão, e outros ruins nomes, e elles se foram. E fazendo Gaspar Fixa, e os outros companheiros pouco caso do acontecido, estando de noite dormindo na sua povoação vieram os nossos negros com algumas azagaias, que pelo caminho tinham tomado aos cafres, que vinhamos matando á espingarda, e mandando um diante pedir lume para que lhe abrissem a porta, a qual lhe abriram, não se lembrando do que lhes podia acontecer, e entrando todos juntos matáram quantos na casa de palha estavam, tirando Lopo de Souza, que estava no estado, que tenho dito, e os mortos são os que já atrás nomeei. Tambem deram por novas que Breatiz Alvrez ficava no mesmo estado, que o outro tinha contado. Disseram tambem mais estes dous ne-

gros, que elles se não acharam em tal obra, e que a cabeça destas maldades era já morto, que o matára o negro que primeiro tinha chegado, o qual era já fugido.

Ficámos sentidissimos com tal nova, vendo que só nos faltava levantarem-se os nossos negros contra nós, e demos todos graças a Deos, pedindo-lhe misericordia.

O capitão os mandou logo enforcar aquelle dia, os quaes não chegaram a pela manhã a estar na forca, por causa das muitas fomes, que então padeciamos, e foram comidos escondidamente dos negros do nosso arraial, e de quem o não era tambem, o que se dessimulava, e senão fazia caso disso. E eu vi muitas vezes de noite pelo arraial muitas espetadas de carne, que cheiravam excellentissimamente a carne de porco, de maneira que alevantando-me á vigia, me disse Gregorio de Vidanha meu companheiro, que visse que carne era aquella, que os nossos moços estavam assando, que cheirava muito bem. Fui ver, e perguntando-o a um dos moços, me respondeo, que se queria comer, que era cousa excellente, e que punha muita força, e conhecendo eu que era carne humana me fui, e dissimulei com elles. Por aqui póde V. M. ver, a que miserias foi Deos servido que chegassemos, tudo por meus peccados.

Dahi a dous dias estando nós neste mesmo lugar, mandou o capitão enforcar um mancebo portuguez criado do contramestre por o acharem resgatando cousas de comer com um pedaço de arco de ferro que tinha tomado do alforge do sotapiloto, e tambem por ter fugido para os cafres, sendo moço forte, e que podia ser de utilidade á companhia, que realmente em meio de tantas miserias nos acabavam de consumir estes excessos de crueldades, sem embargo, que é necessario usar dellas quem houver de gover-

nar homens do mar, mas não por modo tão demasiado. Este pobre pedia o mandassem enterrar por não ser comido, mas não lhe valeo seu peditorio, porque dando lugar ao poderem fazer os mossos, que andavam muito fracos, e mortos de fome, o mandou o capitão lançar no mato, os quaes tiveram bom cuidado de lhe darem a sepultura, que costumavam dar aos outros, que morriam.

Logo ao outro dia mandou o capitão a tres pessoas passassem este desaventurado rio, que tanto nos custou a sua passagem, e que andassem da outra banda, vendo que terra era, e se havia vacas, e vissem se os negros tinham noticia de nós, o que fizeram com muito cuidado, e vindo dahi a dous dias muito contentes pederiam alviçaras ao capitão, e perguntando elle a João Ribeiro que era o principal, se queria uma peça que vallesse trezentos cruzados, respondeo que não, que antes queria que lhe fizesse mercê de lhe dar todos os corações das vacas, que dahi por diante se matassem no arraial, para elle, e para o calafate, seu companheiro, o que o capitão lhe concedeo.

Veja V. M. quão pouco se estimava então tudo por precioso que fosse, a respeito de comer. Depois que se lhe fez este prometimento, disse que da outra banda do rio dahi a quatro legoas havia muitas povoações todas com muitas vacas, e que a gente dellas parecia boa, que estavam desejosos que passassemos para nos venderem do seu gado, e que lhe fizeram bom gasalhado. Esta foi para nós muito grande nova por não termos até então sabido cousa alguma do que lá havia, e tambem porque guardavamos algumas vacas para levar para a outra banda para as irmos comendo quando lá as não houvesse, e com estes temores faziamos esta provisão, que nos custava

muito, porque por essa causa comiamos muito menos. Com estas novas fomos chegando ao rio, passando pela povoação aonde atraz disse lhes mataramos muitas pessoas, e achamos os negros de todo aquelle Concam postos em armas, que nos perseguiam a retaguarda, indo passando, com muitas azagaiadas, e pedradas, mas quiz Deos nos não fez mal nenhum de quantos atiraram. Nelle achamos a jangada, que fizemos a primeira vez, que alli estivemos, cuidando nos desse lugar de o passar a corrente das aguas, e como achámos este apparelho nos foi facil a passagem, antes do qual tivemos uma fartura por matarmos as vacas, que já disse poupavamos para a outra banda, supposto nos haverem promettido, que lá as havia. Passado o rio, em que puzemos dous dias, fomos caminhando por uma serra acima muito ingreme, que julgaram ser de altura mais de tres legoas, porque começando de andar por ellas ás onze horas não chegamos ao cume senão á noite fechada; aonde ficámos decendo por um modo de valle, em que achamos agua, mas não foi possivel fazer-se de comer, por ser já muito tarde. E ao outro dia em amanhecendo caminhamos em busca das povoações, ás quaes chegámos ao meio dia. Os cafres dellas se chegaram a nós com tres touros muito grandes, e velhos, porque estes nos costumavam vender tanto, que não prestavam para fazer filhos, e outras vacas deste teor; com tudo haviamos, que nos faziam muita mercê. E porque ainda lhes não tinhamos mostrado a estes negros o para que prestavam nossas armas, me mandou o capitão tirar á espingarda a um dos touros, que lhes tinhamos comprado, o que fiz, e elles vende-o morto fizeram os espantos costumados. Aqui estivemos esta tarde comendo-o, e esperando nos trouxessem mais a vender, e vendo que o não

faziam, nos fomos caminhando pela manhã, e elles nos vieram seguindo a retaguarda ao decer da serra, na qual por ser muito ingreme, nos puderam fazer muito dano, de que Deos nos livrou.

Seguindo nosso caminho fomos por entre aldeas até o meio dia, e jantámos por cima de um rio, ao qual lugar nos trouxeram a vender dous bois, e um delles por ser bravo se matou á espingarda, de que jantámos. Fomos dormir aquella noite por cima de tres povoações, que ficavam em uma ladeira, e tomando falla da gente della nos disseram, que dahi a quatro dias não haviamos de achar povoações, e que se queriamos vacas, que esperassemos dous dias, ao que respondemos, que não podiamos esperar, que se quizessem vende-las viessem pela manhã, porque nos haviamos de partir logo em amanhecendo, como fizemos. E tendo andado um pedaço de manhã nos sahiram ao encontro uns poucos de cafres bem armados de azagaias cuidando nos fizessem algum assalto, os quaes nos venderam uma vaca muito brava, e depois de cobrarem o porque a venderam, fugiram, e a vaca fez o mesmo. Mas nós lançámos mão de um dos cafres, e amarrado o trouxemos um pouco com nosco para ver se nos traziam a vaca, que nos haviam levado, o que fizeram logo, vindo juntamente um cafre muito grande, desculpando o furto que os seus cafres nos pretendiam fazer.

Continuando nossa viagem por serras menos montuosas afastadas da praia tres, ou quatro legoas, chegámos a uma ribeira muito fermosa, em a qual nos trouxeram a vender muitas frutas do tamanho e feição de frutas novas, mas sem caroços, as quaes tinhamos já atraz comido, mas alli em mais quantidade. Depois conhecendo-se o grande mal que estas frutas continuamente nos faziam, trabalhou o capitão muito

pelo evitar, mandando lançar pregões com penas rigurosas, o que nunca pode fazer pelas grandes fomes que padeciamos. Aqui achámos um jáo da perdição de Nuno Velho Pereira, o qual era já muito velho, e fallava mal, e com muitas lagrimas beijou os crucifixos que traziamos, e fazendo o sinal da cruz. Confesso a V. M. que foi para mim notavel alegria ver em terras tão remotas, e entre gente tão barbara um homem, que conhecia a Deos, e os instrumentos, e figuras da paixão de Christo. Este nos contou como Nuno Velho se perdera em uma praia abaixo, que será jornada de um dia: e porque elle ficára muito mal tratado dos olhos, e com as pernas feridas, se deixára logo alli ficar. Advertio-nos de muitas cousas, que com os cafres haviamos de usar, dizendo-nos, que dahi a quatro dias de caminho achariamos um negro malavar, que tambem tinha escapado da propria perdição, e dahi a nove ou dez achariamos um cafre por nome Jorge tambem da mesma, e que na propria povoação onde o cafre vivia estava um portuguez natural de São Gonçalo de Amarante, que se chamava Diogo, o qual estava casado, e com filhos.

E porque meu companheiro Gregorio de Vidanha vinha já muito cansado, determinou de se ficar com este jáo por não acertar de lhe ser necessario faze-lo em algum mato e deserto, como atraz teve feito por muitas vezes, o que foi para nós de sentimento, e perda por ser a pessoa, que atraz tenho dito. O Rei desta comarca veio ver o capitão mui authorizado, trazendo um fermoso carneiro de cinco quartos para lhe comprarem, e pedio por elle mais do que custava uma grande vaca. E vendo nós o pouco que nos remediavamos com um carneiro a respeito da vaca, que podiamos comprar com o que por elle pediam, dissemos, que nos mandassem vir vacas, que não que-

riamos carneiro, e assim o fizeram trazendo logo tres, e determinando de nos fazer álgum engano, e furto, nos venderam uma vaca, e como tiveram a valia della na mão, botáram a fugir com a vaca. Mas nós fizemos preza em um delles, e querendo-o matar, disse o jáo o não fizéssemos, que elle traria logo a vaca, e que estes negros nos não conheciam, e por esse respeito fizeram isto, e que elle vinha logo com ella, pedindo-nos se não descompuzesse ninguem, o que fez com presteza. E vendo quão má gente era esta, nos fomos logo daqui, deixando Gregorio de Vidanha em casa do proprio jáo, e um marinheiro, que se chamava Francisco Rodrigues Machado em sua companhia, aos quaes demos cousas, que alli valiam, que elles logo esconderam para comprarem alguma vaca de leite, ou outra cousa, que os sustentasse até vir a novidade do milho, que então estava verde.

Passando pelo meio desta povoação nos viemos fazendo nosso caminho, no qual ficou tambem Cypriano Dias, e á nossa vista o roubáram. Depois todos os cafres desta povoação juntos nos vieram com grandes gritas perseguindo a retaguarda com muitas pedradas, e azagaiadas. E vendo o dano, que nos podiam fazer por serem muitos me deixei ficar com oito companheiros, e vindo-se elles chegando lhes tirei com a espingarda, e cahindo um paráram todos fazendo roda, e nos deixaram de perseguir, cobrando tal medo do estouro da espingarda, que muitas vezes vindo-nos assim seguindo lhe sahiam dous homens com fundas, que para isso fizeram, e com o estrallo que ellas davam se botavam no chão. Desde aqui viemos caminhando por terras muito faltas de mantimentos, até que no cabo de quatro dias decendo uma serra démos em uma povoação aonde a vanguarda, que chegou mais cedo gritou passando a palavra, dizendo

estava alli um canarim de Bradés, ao que apressamos o passo, e chegando todos, vimos que era o malavar que o jáo atrás nos tinha dito, o qual se veio a nós com muitas mostras de alegria, dizendo: Venhais embora minha christandade, e que ficassemos alli, que elle nos negocearia o que houvessemos mister, e que aquelles cafres já sabiam havia dous dias como vinhamos, e lhe tinham dito que comiamos gente, os quaes estavam armados: mas depois ao outro dia conhecendo ser tudo mentira, nos veio ver o Rei muito anojado por haver pouco, que seu pae era morto, e nos vendeo quatro vacas a rogo do malavar, o qual nos trouxe a mostrar suas filhas, que eram as mais fermosas negras, que alli havia, e perguntando-lhe quantas mulheres tinha, disse que duas, das quaes tinha vinte filhos, doze machos, e oito femeas.

Perguntamos-lhe porque se não vinha com nosco pois era christão, respondeo, que como podia elle trazer vinte filhos comsigo, e que era casado com uma irmã do Rei, e tinha gados de que vivia, que ainda que elle o quizesse fazer, o não deixariam os parentes de suas mulheres, nem a nós nos vinha bem traze-los em nossa companhia, pelo dano que dahi nos podia vir, que elle que era christão, e que Deos se lembraria de sua alma. Pedio-nos umas contas, que logo lhe demos, e beijando a cruz com lagrimas as lançou ao pescoço.

Aqui nos ficáram tres moças casadas com tres cafres nossos, as duas cafras, e uma jaoa. E ao outro dia fazendo nosso caminho nos veio acompanhando o malavar um grande pedaço, e com muitos abraços, e mostras de sentimento nos disse, que tinhamos muito caminho para andar cheio de serras altissimas, e se foi embora. Os cafres daquella povoação, que era grande nos não fizeram mal nenhum, e por isso

lhe chamámos a terra dos amigos. Andámos mais tres dias, em espaço dos quaes achámos pouca gente, e nenhuma povoação, e no fim delles um dia á tarde vimos de longe andar uns poucos de carneiros pastando, e por ser já tarde não passamos dali, mas mandámos descobrir o que ao diante havia para pela manhã nos aproveitarmos do resgate, que vinhamos fazendo. E vindo as pessoas, que tinham ido saber o que havia, disseram, que por ser tarde não viram mais que muitos fogos, e em varias partes berrar muito gado, e sendo manhã nos subimos em uma serra, e vimos muitas povoações em partes muito fragosas, e desviadas do rumo, que iamos seguindo; mas logo veio a nós um cafre, e nos disse, que para todas as partes tinhamos povoações, tirando donde vinhamos, e nos enculcou umas que ficavam no caminho que nós haviamos de fazer. E vindo com nosco vimos em uma ladeira duas grandes povoações cheas de muitas vacas, e com alguns carneiros, e nos pareceo esta gente mais pulida, e farta. Aqui nos venderam uma vaca, e depois se queriam arrepender de o ter feito, e conhecendo nós isto, lhe atiráram á espingarda, o que elles sentiram, e ao que a vendeo lhe deo muita pancada um seu irmão mais velho, porque senão aconselhára com elles. Estas duas povoações tinham suas sementeiras de milho, e abobaras as quaes nos venderam, e nos souberam muito bem.

Depois de alli termos jantado fomos dormir por cima de uma povoação, aonde nos venderam tres vacas, e aquella foi a primeira onde vimos uma galinha, que nos não quizeram vender. E caminhando dous dias por entre valles, donde havia muitas sementeiras de milho, que não estava ainda para se poder comer, nos vieram vender ao caminho algumas galinhas; e chegando a uma aldea, aonde nos disseram estava o

seu Anguose, que assim cham ao Rei naquellas partes, resgatámos nella algumas galinhas, que bastáram para dar a cada duas pessoas uma: Aqui nos deixámos estar aquelle dia esperando nos trouxessem vacas, porque tinhamos já muita necessidade dellas, e em fim nos venderam um pouco de milho velho, e leite, e duas vacas. E ao outro dia nos fomos decendo a um rio, ao qual puzemos nome das formigas, por nelle haver tantas, e tão grandes, que nos não podiamos valer com ellas, no qual estivemos dous dias, e ao terceiro o passámos em uma jangada, que fizemos.

Ao primeiro dia de Fevereiro de 623 começamos a caminhar da outra banda deste rio por uma serra altissima com immensa chuva, que nos durou muitos dias, e naquelle mesmo nos fomos alojar ainda de dia em uma ladeira pegada a umas povoações, em que não havia mais, que algumas abobaras, e poucas galinhas, de que resgatámos alguma parte. Aqui nos deram por novas, que adiante pouco espaço achariamos muita fartura, o que festejámos muito por irmos sem cousa alguma de comer, e se nos faltára mais dous dias, acabaramos todos de fome se Deos nos não socorrera, porque aqui nos ficáram um marinheiro, que chamavam Motta, e um italiano por nome Joseph Pedemassole, e um passageiro, que era manco, e o filho de Dona Ursula, que foi cousa lastimosa, o qual se chamava Christovão de Mello, e seria de onze annos bem ensinado, e entendido, que vinha já tão mirrado, que não parecia senão a figura da morte, sendo-o elle de um anjo antes destes trabalhos. Como viram, que este menimo nos não podia acompanhar, fizeram ir a mâi diante e elle ficou atraz como costumava por não poder andar tanto, e como vio, que nos não podia acompanhar, disse que se queria confessar, o que fez, e depois pedio ao capitão pelas chagas de Chris-

to lhe mandasse chamar sua mãe, que se queria despedir della, ao que o capitão disse, que não podia ser porque ia longe, e o menino se queixava, dizendo: Basta senhor que me nega V. M. esta consolação? Elle dizendo-lhe palavras de amor o foi trazendo pela mão até que não pode andar mais, e ficou como pasmado, e nós nos fomos todos chorando, e é de crer, que se a mãi o vira, arrebentára com tão grande dor, e por esse respeito lhe tolheo o capitão, que não visse a mãi.

A dous dias de Fevereiro dia de Nossa Senhora das Candeas, caminhando desde pela manhã fomos jantar a um fermoso bosque, ao qual atravessava um rego de agua. Aqui nos trouxeram a vender sete cabras, com as quaes nos fomos por ver se podiamos chegar a umas aldeas onde nos disseram havia muito mantimento, e como a chuva era muito grande, não nos deu lugar para andarmos tanto, e fomos dormir aonde nos estavam esperando uns poucos de cafres com balayos cheios de milho, que depois de resgatado se repartio por todos, e coube a cada pessoa um copo de milho, e das seis cabras, que tambem se matáram, coube a cada um seu pedacinho, e o que levou a pelle ficou de melhor partido.

Ao outro dia chegámos ás povoações da desejada fartura, aonde logo nos vieram vender muitas cabras, e vacas, e bolos tão grandes como queijos de framengos, e tanto milho, que depois o não podemos levar todo. Aqui mandou o capitão matar dezoito cabras, e uma vaca, e nos couberam seis arrateis a cada um.

Tambem acodiram tantas galinhas, que deram uma a cada pessoa, e foi tanto o comer, que haveramos de morrer todos se nos não dera em camaras. Ao outro dia nos veio visitar o Manamuze daquelles lugares, e trouxe um touro muito grande de saguate, o qual me

mandou o capitão matasse á espingarda, para que a ouvissem, porque trasia muita gente comsigo, e porque tambem vissem as armas, que traziamos; e como viram cair o touro morto atirando lhe de muito longe, botou o Rei a fugir de maneira que foi necessario mandar-lhe dizer, que aquillo se fazia por festa de nos elle ter vindo ver, que tornasse, senão que o capitão havia de ir buscal o. Ouvindo estas razões tornou a viz, mas tal, que de negro que era se tornou branco. O capitão lhe botou ao pescoço uma fechadura de um escriptorio dourada, e lhe deu uma aza de um caldeirão, e foram estas pessas delle bem estimadas; e com boas palavras, e mostras de agradecimento se foi, e nós ficámos repartindo o milho, e bolos, que tinhamos resgatado, que eram dous grandes montes. E depois de tomarmos quantc cada um podia levar, nos fomos, deixando ainda algum por se não poder levar mais, e caminhámos por cima de serras, pelas ladeiras das quaes havia tantas, e tão fermosas povoações, que era uma fermosura de ver a muita quantidade de gado, que dellas sahia; e traziam-nos ao caminho muito leite a vender, o qual era todo azedo por os cafres o não comerem de outro modo.

Ao meio dia fomos assentar o arraial em um fresco rio, que estava em um vale, no qual acudiram muitos cafres, e todos traziam que nos vender, da outra banda do qual fizemos o resgate na fórma que costumavamos apartado das tendas com gente de guarda, e aqui se fez com mais segurança por acodirem mais cafres do que nunca tinhamos visto, e foi tanta a quantidade delles, que se sobiam muitos por cima das arvores só para nos verem, principalmente em cima de tres, a cujos pés fazia o resgate por ficarmos emparados do sol, que fazia, que não sei como não quebraram com tão grande pezo; e por certo,

que se podia fazer um painel daquelle sitio, e concurso de gente. Aqui estivemos até a tarde, e depois resgatámos quinze vacas, e muitos bolos, com que todos ficámos mais carregados, e aqui nos ficou uma moça de Breatiz Alvez, e outras quatro pessoas de empachadas com o muito comer, das quaes tres nos tornáram acompanhar. E fázendo nosso caminho fomos dormir em uma queimada, ao pé da qual corria um rego de boa agua, que bastou para nos matar a sede, e ao outro dia á tarde assentámos á vista de duas povoações, que estavam em uma ladeira, e os negros dellas nos trouxeram a mostrar todas as vacas que nellas havia, e não nos querendo vender nenhuma, se nos deu pouco disso, porque traziamos algumas vinte com nosco. Caminhando outro dia fomos passar a calma em uma ribeira, que estava em uma vargeasinha cuberta de arvores, debaixo das quaes estivemos.

Aqui veio ter o cafre, que o jáo nos tinha dito, e fallando portuguez nos disse: Beijo as mãos de vossas mercês, eu tambem sou portuguez; e nos contou como em uma povoação, que estava diante por onde haviamos de passar estava um portuguez, que se chamava Diogo, e era natural de São Gonçalo de Amarante. Ao que disse o capitão se queria vir comnosco, e elle respondeo, que o não haviam de deixar ir os cafres, porque lhes dava chuva quando faltava, e que era já velho, e tinha filhos; e rindo-nos do que lhe ouviamos nos disse, que elle nos mostraria a sua casa. Alli resgatamos muitas galinhas, e bolos, leite, e manteiga crua, e algumas canas de assucar. Este cafre nos pedio um panomantas, que logo lhe deram, e elle ficando contente disse em voz alta para onde estavam muitos cafres com suas mulheres na sua lingoa: Cafres moradores desta terra trazei a vender aos portu-

guezes, que agora aqui estão, e que são senhores do mundo, e do mar, todas as cousas que tiverdes de comer, nomeando-as por seus nomes, aproveitai-vos dos thesouros, que trazem comsigo, olhai que vem comendo em cousa, que vós outros trazeis por joias nas orelhas, e nos braços, chamando-lhes bestas pois não acudiam todos depressa com o que tinham. Depois de termos feito o resgate, e comido, nos fomos pondo em ordem para marchar, e antes que o fizessemos nos furtou um cafre um tachosinho, mas nós pegámos logo doutro, ao qual deu Thomé Coelho uma cutilada pela cabeça, e o prendemos, e indo nós andando nos mandáram o que nos tinha tomado, e logo seguimos nosso caminho, largando o que tinhamos preso, subindo uma serra, de cima da qual se descobriam muitas aldeas, entre as quaes estava uma muito grande, a qual nos mostrou o cafre, que atraz digo, e nos disse: Aquella cidade é do portuguez. E indo-nos chegando mais á dita povoação, na qual vimos uma casa de quatro aguas de palha, cousa que não tinhamos visto em todo este caminho, porque as outras todas eram mais pequenas, e redondas, insistimos com o cafre o fosse chamar, o qual nos disse, que nos não cançassemos, que não havia de vir.

Fizemos daqui nosso caminho, e com muita chuva fomos dormir em um alto, e nesta noite se foi o cafre, que até então nos tinha acompanhado; e como já sabia o como vinhamos, voltou aquella mesma noite por entre um mato, que nos ficava nas costas do arraial, e levantando a ponta de uma tenda aonde elle vira guardar um arcabuz, o apanhou, e fez isto com tanta sutileza, que ninguem o sentio estando todos acordados por causa da chuva, que havia dous dias não cessava tendo-nos molhado quanto traziamos, e pela manhã achando-se menos o arcabuz logo ne-

tendemos quem o levára. Querendo-nos ir por diante, no-lo não consentio a continua chuva, e nos deixámos ficar mais um dia, no qual nos trouxeram a resgatar alguns bolos, e cabras, e um fermoso touro. E vendo que se não acabava a chuva, antes parecia vinha cada vez com mais furia, caminhámos o dia, seguinte até a tarde, que chegámos a um rio grande junto do qual nos alojámos em parte alta, de maneira que nos ficava perto a lenha, e a agua, e para nos enxugarmos fizemos grandes fogueiras, que duraram toda a noite, e pondo as vigias costumadas no quarto da prima rendido sendo doze de Fevereiro nos deram os cafres um assalto, tomando-nos por tres partes. Ao que acodio toda a gente, tomando as espingardas as quaes estavam muito molhadas por haver tres dias, que continuamente chovia, e vendo que não podiam fazer obra com ellas, gritei as metessem assim no fogo, como estavam para se descarregarem da polvora que tinham dentro, o que fizeram todos, e em quanto isto tardou nos tiveram quasi desalojados donde estavamos com notaveis alaridos, e assobios, que parecia o inferno, e nos mataram Manoel Alvrez, e um bombardeiro, que se chamava fulano Carvalho, os quaes morreram logo, e nos feriram sessenta pessoas muito mal, dos quaes morreo Antonio Borges ao outro dia. Como tivemos as espingardes quentes, fomos matando nelles, e o primeiro que isto fez foi um marinheiro, que se chamava Manoel Gonçalves, e isto se conheceo por atirar a primeira espingardada. E como os cafres viram o muito dano, que lhes faziamos, fugiram, dos quaes ficou grande rasto de sangue, e quiz a Virgem Maria da Conceição, que deixou de chover em quanto pelejámos, que foi espaço grande, e aclarou o luar de maneira, que foi grande parte para nos não destruirem.

Todo o resto daquella noite estivemos postos em vigia, e subimos mais acima o arraial a parte mais forte, e ficámos tão mal tratados, que pouco bastára para nos acabar a todos.

Estes cafres pelejam com melhor modo que os outros atraz, porque usam de umas rodelas á maneira de adargas de couro de bufaras do mato, as quaes são fortes, e cobrindo-se com ellas atiram infinitas azagaias, de que ficou cuberto o arraial, e foi tanta a quantidade, que se achĥram ao outro dia, que só de ferro foram quinhentas e trinta, a fora muitas, que arrancando-lhe os ferros os esconderam para resgatarem com elles: as de páo tostado foram tantas, que se não puderam contar, e faziam tanto dano como as outras. Logo pela manhã nos entrincheirámos, e se puzeram em cura os feridos, que foram tantos, que ninguem escapou que o não fosse, ou de azagaia, ou de pedradas, e fizeram-se as maiores curas, que eu nunca vi, porque havia muitos atravessados pelos peitos de banda a banda, e pelas coxas, e cabeças quebradas, e nenhum delles morreo, e só com tutanos de vacas eram curados. Ao capitão Pero de Moraes passaram um braço pelo sangradouro.

Aqui estivemos dous dias, em os quaes fez o carpinteiro Vicente Esteves uma jangada a modo de batel, na qual remavam quatro remos. E neste tempo os proprios que nos roubáram nos vieram vender galinhas e bolos, e pombe, que é um vinho, que fazem de milho, e nós dissimulando com elles fazendo que os não conheciamos, lhe compravamos o que haviamos mister. Da outra banda do rio nos vieram tambem vender o mesmo, passando o rio em uns páus, e em cima de umas forquilhas, que ficavam da agua mais altas, aonde traziam dependurada a mercadoria. Estes nos perguntáram porque razão lhes matámos

tanta gente, e contando-lhes nós o que nos tinha acontecido, disseram, que nos passassemos para a outra banda, porque naquella havia má gente, e que elles nos ensinariam por onde se passava o rio dahi a tres dias, que eram maiores as aguas, e ficava menos agua; e nós antes disso passamos na jangada duas pessoas, e depois indo nella Rodrigo Affonso, e Antonio Godinho, e o padre frei Bento da ordem de São Francisco, e outras pessoas, se virou antes de chegar lá, e estiveram quasi afogados, e o padre largou o habito, que levava despido, no qual se perdeo muita pedraria, que era de deposito, que na sua mão se fazia de arroz, que se tinha comprado, e davam diamantes de penhor, e outros, que lhe entregáram muitas pessoas, que ficáram pelo caminho, e outras que morreram. E no dia, que os cofres tinham dito, passamos o rio mais por cima, ao qual puzemos nome, rio de sangue. Nelle ficáram quatro companheiros, e aqui vimos os primeiros elefantes, um de uma banda, e outro de outra. Ao outro dia depois de passarmos morreo o padre Manuel de Sousa.

Daqui fomos marchando dous dias por dentro de duas legoas da praia, no fim dos quaes viemos dar em um rio, que parecia alagoa, e tinha a boca na praia, na qual vimos andar um elefante com um filho, e recolhendo-se a retaguarda mais tarde encontrou com muitos elefantes, os quaes não atentavam em nós, nem em toda esta jornada nos fizeram mal nenhum. E passando este rio pela boca delle com a agua pela garganta, fomos caminhando sempre pela praia até chegarmos a outro, que tinha muitos penedos grandes na boca, aonde não pudemos passar por ser muito alto; e sobindo um outeiro ingreme vimos andar uns cafres, que nos disseram nos ensinariam a passagem, e dando-lhes uns pedacinhos de cobre, nos

passaram os meninos, e muitas pessoas, que vinham doentes. Esta gente daqui por diante é já melhor, e puzemos-lhe por nome os Naunetas, por dizerem quando nos encontráram, Naunetas, que em sua lingoa quer dizer, venhais embora, á qual cõrtesia se respondia Alaba, que quer dizer, e vós tambem. Aqui nos venderam muito peixe, e nos ajudavam a levar a carga, que os nossos negros levavam, cantando, e tangendo as palmas.

Fomos daqui dormir na borda da praia, aonde nos veio ver o Rei da terra, à que chamam Manamuze, o qual era mancebo, e vinha muito autorizado com tres collares de latão no pescoço, que é o que naquellas partes se estimava mais, e vendo-o o capitão lhe levou uma campainha de prata, a qual para elle não tinha comparação sua valia, e tomando a sua roupeta vermelha de escarlata, se chegou aonde o Rei estava esperando; fizeram suas cortesias, não perdendo o cafre de seu brio nada, mas depois que o capitão vio o seu modo, começou a boiir com o corpo fazendo tanger a campainha, ao que todos ficáram pasmados, e o Rei se não pode ter que se não descompuzesse, tomando-a na mão, e olhando, que era o que tinha dentro, que a fazia tanger, e bolindo com ella, e tangendo deu grandes rizadas, e nunca em quanto alli esteve tirou os olhos della. E' cousa de notar como estes brutos pelo seu modo são venerados, e como suas gerações, e familias são unidas, que já mais perdem seus filhos os lugares, e povoações, que de seus paes lhes ficáram, ficando ao maior tudo, ao qual chamam os outros pae, e como tal o respeitam. Castigam cruelmente os ladrões (sendo-o elles todos) e usam de um modo de justiça galante, e é, que se um cafre furta ao outro um cabrito, ou outra cousa menor, lhe dá o castigo o dono do cabrito com seus parentes, o que elle

quer, e ordinariamente é enterra-lo vivo. Aqui nos venderam um boi capado muito grande, e gordo, aos quaes chamam Zembe.

Caminhámos mais trez dias por dentro até que fomos dar a um rio grande, cuja passagem nos ensinaram os cafres com mostras de amizade, no qual nos ficou um marinheiro por nome Bernardo Jorge; e daqui fomos pela praia dous dias até chegarmos a outro rio, que na boca era estreito, mas dentro mui largo. E por irmos já faltos de milho esperamos um dia, ao qual acodiram tantos cafres, que cobriam os outeiros trazendo-nos muitas galinhas a vender.

Alli vi trazerem aleijados ás costas para nos verem. Passando este rio ao qual puzemos nome de lagarto, por vermos andar um nelle, fomos nosso caminho por dentro afastados da praia uma legoa, e caminhando cinco dias por entre boa gente, viemos sahir na boca de um rio, que parecia se não passaria a váo, e estando ahi um dia nos vieram a vender algumas galinhas. Aqui nesta paragem ha infinitos elefantes, e toda a noite os ouvimos bramir, mas com os muitos fogos, que ordinariamente faziamos não ousaram chegar nunca. Os cafres nos disseram que fossemos mais a dentro, que lá se passava, e indo, nos ensinaram por onde era o váo, e nos ajudáram a passar. Neste rio esteve Dona Ursula quasi afogada, porque como a agua dava pela barba, e ella era pequena, fora cobrindo, e como ella sabia nadar pareceo-lhe pudesse romper a agua, e vendo-se, que ia pelo rio abaixo, lhe acodiram trabalhosamente. A este rio puzemos nome, o das ilhas por ter algumas por dentro.

Daqui fomos por cima de uns outeiros em busca de milho, de que iamos faltos, que por não irmos carregados o não comprámos neste rio, e á noite

chegámos a umas povoações pobres, que não tinham senão abobaras, e tendo caminhado mais quatro, ou cinco dias chegamos a outro rio que teria uma grande legoa de largo, e na borda muitos espessos caniços, o qual passamos sempre com a agua pela cinta; e por aqui atraz nos foi ficando muita gente com camaras, e outras enfermidades, que por ser muita quantidade me não alembra. Todos estes males nos fez o milho, porque o comiamos inteiro, e crú, e como não eramos acostumados a este mantimento, traziamos os estamagos de muitas cousas peçonhentas fraquissimos, e debilitados. Este rio no meio fazia uma ilha, na qual vimos muitos cavallos marinhos, e pondo quasi todo o dia em o passar, chegámos á outra banda á tarde aonde dormimos. E ao outro dia marchámos por uns campos desertos, e nos veio ao caminho um cafre com uma joia redonda de latão botada ao pescoço, que lhe cobria todos os peitos, e nos disse, que fossemos com elle que nos levaria onde havia muito mantimento, e indo-nos guiando nos levou por dentro de um rio, aonde dava a agua pelo joelho, todo cheio de arvoredo tão alto, e tão espesso, que em mais de duas horas, que fomos por elle, não vimos o sol. Passado elle, e andando todo aquelle dia sem parar, por irmos faltos de milho, á tarde fomos ter ás povoações, e querendo nos prover, não achamos mais que um mantimento, que é o mesmo, que em Lisboa dão aos canarios, a que chamam alpiste, e os cafres amechueira; e foi esta gente buscar-nos ao caminho só para nos ver, do que faziam muitos espantos; e perguntando-nos qual era a causa de virmos por terras alheas com mulheres, e filhos, e contando-lho os nossos cafres torciam os dedos como que rogavam pragas a quem fora causa de nossa perdição.

Daqui marchámos por terra chã povoada de gente

miseravel, em quem achámos bom gazalhado, e no fim de dous dias chegamos a uma povoação, que estava perto da praia, na qual achámos algum peixe, e a gente se mostrou mais compassiva, que toda a outra, porque mulheres, e meninos se foram á praia atirando muitas pedradas ao mar, dizendo-lhe certas palavras como pragas, e virando-lhe as costas alevantando umas pelles, com que traziam cuberto o trazeito, lho mostravam, que é entre elles a maior praga, que ha, e faziam isto por lhes terem contado, que elle fora causa de nós padecermos tantos trabalhos, e de andarmos havia cinco mezes por terras alheas, que é o de que mais se espantavam, porque não costumam afastar-se donde nascem dez legoas, e tem isso por cousa notavel. Daqui metendo-nos pela terra obra de uma legoa, fomos caminhando por terras baixas, areentas, e de pouco mantimento, e no cabo de tres dias demos com o rio da pescaria, no qual achámos muito peixe, e a gente delle nos fez muita festa. E' este rio na boca estreito, e alto, mas uma legoa por dentro é de mais de tres legoas de largo, e em baixa mar fica em seco. Tem os cafres nelle infinitos pesqueiros, a que chamam gamboas, feitas de escadas juntas, nas quaes entra o peixe com a enchente, e com a vazante fica em seco. Como a maré foi vazia de todo, atravessamos o rio indo com nosco muitos cafres, que nos ajudavam a levar o que mais nos carregava, indo cantando com grande alegria.

Fomos este dia pela praia jantar á borda do mar, e não achando agua doce na terra, de que ficamos muito tristes, a fomos achar dentro na agua salgada, e era um olho de tanta grossura como uma concha, e metido no mar, e sahia com tanta furia, que arrebentava por cima da agua salgada um palmo de alto, e vazando logo a maré, ficou em seco, aonde todos

matámos a sede, e fizemos de comer. Caminhámos dous dias sempre pela prai adas médas do ouro, que já aqui começavam, e no fim delles iamos já muito faltos, e só com tres vacas, e por parte onde se não achava agua, e aqui nos disse um cafre, que nos levaria onde nos venderiam muito milho, e galinhas, e cabras, e guiando-nos para uma aberta que a terra fazia nos deixou junto de uma grande fonte, e dando recado ás povoações nos acodio muito milho, e galinhas, e nos vieram ver os cafres mais principaes com differente trajo, que eram umas grandes capas de pelles, que os cobriam até o bico do pé, e elles em si muito sizudos, e graves, os quaes pediram ao nosso capitão quizesse ir fazendo caminho pelas suas povoações, que nellas se poderia prover de mais mantimento, o que fizemos logo no mesmo dia, e por ser tarde dormimos em um valle, e no outro seguinte fomos ás povoações aonde nos receberam bem, mas não achámos o que elles nos tinham dito.

Estes cafres me viram matar um passaro á espingarda, de que fizeram grande espanto, parecendo-lhes ser feiticeria, e assim falando uns com outros se veio ao capitão um aleijado de uma perna, que lhe aleijára um lagarto havia muito tempo, e assim o mostrava a ferida ser velha, dizendo-lhe, que se se atrevia a cura-lo, que lhe pagaria muito bem. Ao que o capitão respondeo galantemente, dizendo que aquella ferida havia muito tempo que era feita, e que por isso se não podia curar em pouco tempo, e mais que lhe havia de dar alguma cousa, com que fizesse a cura com boa vontade, que sem ella não podia fazer nada. Ao que o cafre disse, que era contente, e mandando buscar uma bandeja de milho, lho deu, e o capitão depois de o tomar disse, que ainda não tinha vontade. O cafre mandou buscar mais tres galinhas, e dando-

lhas lhe perguntou se tinha já vontade, ao que respondeo o capitão, que si ; e o cafre replicou, que se a não tinha, que o não curasse, que elle bem sabia, que o não podia curar bem contra sua vontade. O capitão o curou desta maneira. Tomou uma escova, que trazia, que tinha nas costas um espelho pequeno, e pondo-lho diante dos olhos, o cafre ficou pasmado, e chamando outros que ali estavam, lhe disse o capitão, que se não bolisse, nem fallasse; e estando quedo depois de ter visto o espelho, tomou a escova, e escovou-lhe aonde tinha a ferida, e untando-lha com uma pouca de gordura de vaca lha atou com um pedaço de bertangil, e depois de isto feito lhe disse, que dahi a duas luas havia de ficar são, que por ser a ferida tão velha não sarava logo. O cafre ficou muito confiado, e lhe disse, que era pobre, que por isso lhe não dava mais, logo acodiram mais aleijados, e foram curados pelo mesmo modo.

Caminhamos mais dous dias pela praia, e chegámos no fim delles ao rio de Santa Luzia, aonde se estimavam já panos, e por elles resgatamos milho, e galinhas. Nelle estivemos um dia, e ao outro o passamos, no qual nos morreram nove pessoas de frio. E' este rio de duas legoas de largo, e como a agua nos dava por cima dos peitos, e corria com muita furia, quando o acabamos de passar, ficamos quasi mortos. Aqui endoudeceo um marinheiro velho, que se chamava Francisco Dias, o qual vinha aleijado de ambos os braços de duas azagaiadas, que os cafres atraz lhe tinham dado. Logo fizemos grandes fogueiras, em que nos aquentamos, e o marinheiro tornou em si depois de quente. Detivemo-nos aqui até o outro dia resgatando muito milho, bolos, e massa de ameichueira, que elles costumam comer crúa, e nós o faziamos tambem. Resgatamos mais duas vacas, das quaes matei uma á es

pingarda. Fomos daqui caminhando sempre pela praia das médas do ouro, e com razão lhe puzeram este nome, porque não parecem senão médas, sendo de uma terra de cor de ouro, e tão fina como farinha, mas dura, e toda cheia de ribeiros de agua, os quaes partem estas médas, e a agua delles é amarella da mesma cor da terra. E pelo que a diante vi nas terras de Cuama, me parece que esta deve de ter ouro, por se parecer com aquella da qual se tira muito em pó, e isto me certificou mais o ser esta pezada. Estas médas estão pegadas com a praia, e vão em corda por cima, e tem de comprido obra de quarenta legoas.

E marchando por diante passámos um rio, no qual roubáram os cafres a um marinheiro, que se chamava Antonio Martins por se afastar da companhia querendo comprar alguma cousa, que o não vissem, e indo pela praia chegámos a outro pequeno, que dava a agua pelo joelho, e nelle jantámos. E fazendo tomar o sol ao piloto, tomou de altura vinte seis gráos largos, o que causou alegria na gente, porque cuidavamos estar mais longe. E soube-se por esta altura estarmos do rio de Lourenço Marques vinte seis legoas, ou pouco mais. Aqui nos trouxeram uma bufara morta a vender, com a qual ficou a festa sendo maior, e achámos um cafre com um chapeo na cabeça, e vestido de um pano, que nos assegurou ser certo o que o piloto tinha dito. Tambem vimos outros cafres com panos, e nos disseram, que em quatro dias podiamos chegar ao Inhaca. Aqui não conhecem rio de Lourenço Marques, nem cabo das Correntes, se não o Inhaca, que é um Rei, que está em uma ilha na boca do rio de Lourenço Marques, como adiante direi. Neste riosinho, que digo, nos ficou um menino, que traziamos filho de Luiz da Fonseca, e de Breatiz Alvrez, o qual vinha muito magro, e se tinha

deixado ficar muitas vezes nas povoações atraz, e os cafres no-lo traziam ao outro dia, e como elle tinha já feito isto, pareceo-nos viesse como das outras vezes.

Marchámos mais quatro dias pela praia, e no fim delles nos sahio ao caminho um cafre acompanhado com outros seis, o qual era muito gentilhomem, e vinha bem concertado com uma cadeia de muitas voltas a tiracolo, e um pano galante cingido, e as mãos cheas de azagaias, que nisto se esmeram mais os graves. E nenhuma cousa me admirou mais desta gente, desda mais remota, que é aonde desembarcámos, que esta, que direi. Tinham tão pouca noticia de nós, parecendo-lhe sermos creaturas nascidas no mar, que por acenos nos pediram lhes mostrassemos o embigo, o que fizeram logo dous marinheiros, e depois pediram que assoprassemos, e como nos viram fazer isto, deram á cabeça como quem dizia, estes são gente como nós. Todos estes cafres até Zofala são circunsidados, não sei quem lhes foi lá ensinar esta cerimonia. Este, que atraz digo, era filho do Inhaca Sangane o verdadeiro Rei e senhor da ilha, que está no rio de Lourenço Marques, a quem o Inhaca Manganheira tinha despojado della, e elle vivia na terra firme com sua gente até ver se morrria este tyrano, que era muito velho, para se tornar á sua posse, como adiante direi.

Levou-nos pela terra dentro obra de uma legoa ás suas povoações, onde nos venderam algumas cabras, e pedindo-lhe nos levasse aonde seu pae estava, o dilatou um dia, querendo que lhe comprassemos nas suas terras alguma cousa, mas nós desejosos de chegar detivemo-nos alli pouco, e começando a fazer nosso caminho, vendo elle, que por nenhum modo nos queriamos deter, no-lo mandou mostrar. No qual

caminho vimos uma casa grande de palha, e antes que a ella chegassemos muitas figuras sem rosto, a modo de cães, e lagartos, e de homens, tudo de palha, e perguntando que era aquillo, disseram-me, que alli morava um cafre, que dava agua quando faltava nas sementeiras: todo o seu governo são feitiçarias.

Fomos jantar debaixo de um arvoredo, no qual nos trouxeram a vender muito mel em favos, e veio ter com nosco um cafre, que fallava portuguez, que trazia um recado do Inhaca Sangane pae do cafre, que atraz nos fica. Foi a vista deste cafre para nós novas de muita alegria, porque nos desenganámos com elle e tivemos por certo ser assim o que nos tinham dito. Deu seu recado, o qual era, que nos mandava dizer esse Inhaca, que nos fossemos logo para onde elle estava, que nos não faltaria nada, e nos daria embarcação para passarmos o rio da outra banda, e faria tudo o que quizessemos, e não se fiando o capitão de tudo isto, lhe mandou lá um portuguez, pelo qual lhe enviou um presente de cousas de cobre, o qual foi, e fallando com elle, e com muitos cafres, que ahi estavam se veio, e trouxe ao capitão um cacho de figos, os quaes festejamos por ser fruta da India boa.

Este homem disse, que o Rei parecia bom homem, e que não tinha força, com que nos pudesse fazer mal, e que estava esperando por nós, e que diziam os seus, que alli vinham todos os annos muitos portuguezes. E para nos fazer ir mais depressa nos mandou um marinheiro de Moçambique, que alli tinha ficado de uma embarcação, que os annos passados alli tinha ido. Com isto nos fomos, e tendo andado obra de uma legoa pela borda de uma alagoa, chegámos onde este Rei estava, que era em um alto entre dous pequenos outeiros, e como era já noite não nos fallou, e mandou pelos seus nos mostrassem um lugar apegado com

suas povoações, onde assentámos as tendas, e ao outro dia o foi o capitão ver, e lhe lançou uma cadeia douro com um habito de Christo ao pescoço, e lhe deu duas sarasas, panos, que as mulheres na India vestem, e são de estima. Elle tomou isto com muito riso, e fallando poucas palavras, disse, que se não agastasse, que havia de ir das suas terras muito contente, porque elle não tinha maior bem, que ser amigo dos portuguezes, e com isto se veio o capitão. Este negro é grande pessoa, e foi sempre leal aos portuguezes. Ao outro dia nos veio ver, e mandou trazer cabras, e carneiros, e muitas galinhas, e amechueira; e dilatando-o não nos mandar mostrar uma embarcação, que dizia tinha, nos viemos direitos á praia, e caminhando por ella dous dias, demos no rio de Lourenço Marques de nós tão desejado, a seis dias de Abril de seis centos e vinte tres, o qual nos não appareceo senão quando entrámos por elle dentro, porque esta ilha, que atraz disse, fica muito perto de terra firme da banda do Cabo de Boa Esperança, e assim quando vinhamos caminhando nos parecia tudo terra firme.

Tanto que entrámos dentro obra de um quarto de legoa, puzemos nossas tendas, e atirámos tres, ou quatro espingardadas, e sendo de noite fizemos nossos fogos, e todos com o padre frei Diogo dos Anjos Capucho, e com o padre frei Bento demos graças a Deos de nos trazer aonde nos conheciam, e vinham embarcações de Moçambique. Ao outro dia vimos duas almadias com negros, que fallavam muito bem portuguez, com o que ficámos muito mais contentes, porque até alli não tinhamos visto almadia nenhuma, nem embarcação. O capitão mandou visitar o Rei da ilha, que era o Inhaca Mangnheira, que atraz já disse, pedindo-lhe nos mandasse dizer se tinha embarcação, em que pudessemos ir para Moçambique, e se

tinha mantimentos, com que nos pudessemos sustentar um mez que alli podiamos estar, até concertar embarcação, em que nos fossemos, e passassemos á outra banda para podermos ir a tempo conveniente que achassemos embarcação de Moçambique. Ao que o Inhaca respondeo, que fossemos para lá, que de tudo nos haviaria, mandando-nos tres embarcações pequenas para passarmos á ilha, o que logo fizemos. E tanto que toda a gente esteve nella, marchamos com a ordem, que traziamos até a povoação onde o Rei estava, a qual era de casas grandes todas com seus patios de paos altos, de modo que logo pareciam casas de homem bellicoso. Estava assentado em uma esteira cuberto com uma capa de perpetuana de cor de canella, que parecia ingleza, e com um chapéo na cabeça, e em vendo o capitão se alevantou, mas não se bolio, e lhe deu um grande abraço O capitão lhe tirou a capa, com que estava cuberto, ficando nú, e o cobrio com outra de capichuela preta, e lhe deitou ao pescoço uma cadeia de prata, que foi do contramestre Manoel Alvres, com o apito, que foi pessa, que elle muito estimou. E' este negro muito velho ao que parecia, e gordo, sendo assim, que em toda a cafraria não vi cafre que fosse alcatruzado, nem gordo, senão todos direitos, e enxutos. Mandou-nos que puzessemos nossas tendas junto das povoações, e ao outro dia nos acodiriam a vender muito peixe, galinhas, e amechueira, e alguns carneiros; e o Rei veio ver o capitão, e lhe foi mostrar as embarcações, que tinha, as quaes eram pequenas, e estavam todas quebradas, e como os nossos carpinteiros as viram, disseram, que não eram capazes para mais, que para nos passar á outra banda do rio, que eram dahi a sete legoas, nem tinham hombros sobre que se pudessem fazer maiores embarcações, e que se não haviamos de esperar por

embarcação de Moçambique, a qual não podia vir senão no Março do anno seguinte, que pedisse ao Inhaca mandasse concertar as embarcações depressa, porque os cafres são muito vagarosos, ao que o capitão respondeo :—Parece-me bem passemos á outra banda, iremos marchando até Inhabane, que nos fica perto, e podemos gastar, ao mais, um mez no caminho, e não ficarmos um anno aqui esperando na terra deste cafre, que é um traidor, que matou ha dous annos aqui um clerigo, e tres portuguezes, pelos roubar, e por esta razão não tem vindo aqui pangaio ha tantos tempos, nem virá tão cedo, e o mesmo nos irá fazendo a nós pelo tempo em diante poucos a poucos. Tudo isto lhe tinha contado o outro Inhaca da outra banda, e assim tinha acontecido. E ditas estas palavras se foi ao Inhaca, e lhe pedio mandasse concertar as embarcações, porque estava resoluto a se ir, e não esperar pelas de Moçambique, as quaes havia dous annos, que não tinham alli vindo pelo gasalhado, que os tempos atraz lhes fizera, e que o anno vindouro póde ser não viessem tambem. Ao que lhe respondeo o Inhaca, que era verdade matara o clerigo, e os portuguezes, mas foi porque elles lhe matáram seu irmão, e que se nos não queriamos fiar delle, que nos fossemos para uma ilha, que está logo ahi pegado, a qual se passava a pé em baixa-mar, que alli tinhamos agua, e que nos mandaria fazer para cada dous portuguezes uma gamboa, e teriamos o mantimento, que nos bastasse, que alli tinham invernado por muitas vezes portuguezes, e que nunca se queixáram delle senão agora. Disse mais, que elle nos daria dez cafres seus, que mandasse com elles dous portuguezes a Inhabane dar recado como estavamos alli esperando, para que viessem embarcações, ao que replicou o capitão que lhe importava chegar depressa. Tornou-lhe a di-

zer o cafre, que lhe requeria não fizesse tal viagem porque o haviam de matar os Moerangas assim como fizeram á gente de Nuno Velho Pereira, que não coube na embarcação, e que eram terras muito doentias, e que elle tinha as suas casas cheias de marfim, e ambre, e se os portuguezes lho não comprassem, não tinha elle remedio, pelo que lhe convinha fazernos muitos mimos, e não nos escandalizar, que lhe dessemos credito.

Não quiz o capitão senão ir-se, e assim lho disse, rogando-lhe mandasse concertar as embarcações, e despedindo-se delle, nos viemos estar na ilha, que tenho dito, que está obra de uma legoa dalli, na qual estivemos em quanto as embarcações se concertáram, que foi até dezoito de Abril. Aqui nos quizemos ficar Rodrigo Affonso, e eu, e nos fomos ao capitão dandolhe conta disso, e que nos não atreviamos a marchar mais por terra, que dalli iriamos quando viesse pangaio. O capitão nos levou por desconfiança, dizendo, que se espantava de querermos arripiar a carreira quando eramos a sua guedelha, que por se dizer havia ladrões adiante, o não haviamos de deixar, e que quando de todo o fizessemos, nos havia de fazer um protesto, e parece, que advinhava este fidalgo. Com estas razões nos embarcámos com a mais companhia em quatro embarcações, as quaes não puderam levar toda a gente de uma vez, e foi necessario voltar outra. E este dia, que partimos chegámos á meia noite á outra banda a uma ilha, que dentro no mesmo rio está, na qual saltámos em terra, e nella dormimos o que restava da noite.

Ao outro dia Rodrigo Affonso de Mello, que já vinha doente, amanheceo muito mal, mas ainda fallava bem, e confessando-se veio a morrer noutra ilha, donde viemos a outra noite. E affirmo a V. M. que

não puderamos ter cousa, que nos causasse mais sentimento, e a mim me coube a maior parte como seu servidor, porque além de ser tão grande cavalleiro, era um anjo de natureza, e posso dizer, que elle era causa de todos os trabalhos padecidos nos serem faceis de passar, porque era o primeiro, que ia buscar a lenha, e a agua ás costas, e se metia no mar primeiro que todos buscar o marisco, e quando os outros viam uma pessoa de tanta qualidade fazer isto, dava-lhe animo para fazerem o mesmo, e não descorçoavam. Aqui nesta ilha o enterrámos ao outro dia pela manhã, e lhe puzemos um sinal na cova. Daqui fomos por um braço deste rio ter a outra ilha de um negro, que se chama Melbomba, aonde desembarcámos, e esperamos até que as embarcações tornáram com o resto da gente, que nos ficava na ilha do Inhaca, que foi até sete de Maio. No qual tempo adoecemos todos por ser a terra má, e tambem porque nos metemos em muito comer crú, e morreram o padre frei Bento, Manoel da Silva Alfanja, Pascoal Henriques bombardeiro, Antonio Luiz marinheiro, e João Grumete. Chegou a outra gente, da qual vinha tambem doente a maior parte, e eram mortas oito pessoas das que deixámos com ellas, que por não lhe saber os nomes os não digo aqui. Nesta ilha deixámos por estarem muito doentes, e nos não poderem acompanhar Antonio Godinho de Lacerda, Gaspar Dias despenseiro, Francisco da Costa marinheiro, e um criado do capitão.

Passando-nos a terra firme marchámos sempre pela praia até chegarmos ás terras de um Rei que chamam Ommanhisa, que é o mais poderoso, que nestas partes ha, o qual a treze dias deste mesmo mez nos veio ver ao caminho onde estavamos aguardando convalecesse alguma gente; e como alguma peiorava a

deixámos com este Rei, que nos mostrou bom animo, e ordinariamente, quando a estas partes vem embarcação, na sua terra tem a maior feitoria. Pedio-nos fossemos por dentro, que era melhor gente, e nos avisou, que pelo caminho que levavamos nos haviam de roubar, e matar a todos.

E como o capitão nunca tomou conselho doutrem, e se governava só por sua cabeça, não acertou em muitas cousas, e com ser este, vinha tão unido com a gente do mar, que não fazia cousa, que lhes não parecesse bem, ainda que fosse em castigo, que nelles proprios fizesse, por este respeito senão remediou isto, e porque os homens nobres eram poucos.

Aqui ficou Dona Ursula com um filho mais velho, que se chamava Antonio de Mello, e ficaram com ella Jaques Henriques, e dous grumetes, e uma negra de Thomé Coelho. Esta Dona levaram em um andor, que fizeram de panos, com o filho nos braços, que era grande lastima de ver uma molher moça, fermosa, mais alva, e loura, que uma framenga, mulher de uma pessoa tao honrada como foi Domingos Cardoso de Mello ouvidor geral do crime no Estado da India, tão rico, em poder de cafres chorando muitas lagrimas. E por nos parecer, que não escaparia, lhe trouxemos o filho mais pequeno com nosco, o que foi cousa, que mais lhe acrescentou o sentimento. O Rei a levou comsigo, dizendo lhe não faltaria nada, e o capitão lhe prometeo de lhe dar um bar de fato pelo bom tratamento, que lhe fizesse, e pelas mais pessoas.

Tanto que o Rei se foi nos partimos, indo caminhando pela praia sempre. Já neste tempo o capitão ia doente, ao qual levaram em um andor, até chegarmos a um rio, que chamam Adoengres, que foi a dezaseis do proprio mez, no qual o capitão vendo o estado, em que estava, que muitas vezes não fallava

a proprio, ordenou de eleger com parecer de todos uma pessoa, que tivesse merecimentos, e partes para poder ficar em seu lugar, e mandando chamar a todos, lhes disse, que elle já não ia capaz para os poder governar, que vissem elles a pessoa, que alli ia, que melhor o pudesse fazer pois bem conheciam a todos, e o para que prestava cada um, que em suas mãos punha esta eleição, porque depois se não queixassem delle, e que depois de todos votarem votaria elle, os quaes votando em mim, dizendo suas virtudes, disse o capitão que esse era tambem o seu voto, e mandando-me chamar Pero de Moraes, me disse como aquelle povo me tinha eleito por capitão, e que esse fora o seu voto tambem, que esperava em Deos, que eu os governasse com mais prudencia do que elle até então o tinha feito, que como pessoa de fóra tinha sabido no que lhes dava molestia. Eu respondi, que havia de trabalhar por ver se o podia ir imitando.

E logo me fui para a minha tenda, levando comigo a maior parte da gente, aos quaes disse, que aceitára aquelle lugar, só com zelo de nos irmos conservando, e para que em nenhum tempo se pudessem queixar de mim, escolhi a seis pessoas as mais principaes, que alli iam, sem o parecer das quaes não faria cousa de consideração; e pareceo isto a todos bem por o capitão Pero de Moraes o não tomar nunca de ninguem em materia alguma. As pessoas, que para isto escolhi foi o padre frei Diogo dos Anjos, Thomé Coelho de Almeida fidalgo, Antonio Ferrão da Cunha fidalgo, Vicente Lobo de Sequeira fidalgo, André Velho Freire, e o piloto. Depois de isto feito, veio o escrivão do arraial com estas seis pessoas, e me requereram da parte d'el-Rei, dizendo, que a pedraria, que vinha na borçoleta, vinha arriscada, por quanto os cafres havia tres dias nos perseguiam, e que a

trazia um homem occupado só com ella, que podia acontecer a diante, aonde nos tinham dito estavam cafres muito belicosos, desbaratarem-nos, e tomar-no la toda por ir junta em modo, que fazia tamanho volume, e que iamos arriscados a isso por ir a gente toda doente, e não poderem com as espingardas, e a polvora não ter força nenhuma por se ter molhado muitas vezes, que mandasse abrir a borçoleta, na qual vinham sete bisalhos muito bem mutrados, que os repartisse pelas pessoas, que me parecesse, cobrando de cada uma seu conhecimento, em que confessassem levar em seu poder o dito bisalho com tantas mutras de lacre, e com taes armas, e que em nenhum tempo pudesse a pessoa, que a levasse (em caso que a salvasse) requerer mais salvação delle, que aquella que lhe coubesse, repartindo-se por todos conforme os merecimentos de cada um, e que isto se fazia para bem de todos, e para melhor se poder salvar. E como isto pareceo bem á mais da gente, e era o melhor remedio que podia ter em caso que tivessemos uma desaventura, mandei vir a borçoleta, e perante todos a mandei abrir, e aos sete bisalhos, que dentro vinham, os mandei cada um forrar de couro, e fazendo os conhecimentos, os entreguei ás pessoas seguintes: Thomé Coelho d'Almeida, Vicente Lobo de Sequeira, André Velho Freire, o piloto, Vicente Esteves mestre carpinteiro, João Rodrigues, e eu, e feitos os conhecimentos, e mais papeis de entrega, se depositaram em minha mão.

Havia já dous dias que alli estavamos, onde nos ficaram tres companheiros, um delles bombardeiro, e dous grumetes, e os cafres nos não traziam a vender cousa alguma, antes nos faziam todo o mal que podiam, não nos querendo mostrar por onde o rio se passava; pelo que eu mandei a um negro nosso fosse

apalpando com um páo na mão por onde era a passagem, e para o fazer com melhor vontade, lhe dei uma cadeia de ouro, porque elles não eram alli nossos cativos, e porque não fugissem para os da terra, era necessario trazer-mo-los contentes, o que fez logo, andando para uma parte, e para a outra, até que acertou com o váo, e pondo nelle balizas, fomos passando com a agua pela barba, e como tinhamos entrado na terra dos ladrões trabalhamos caminhar o mais que pudessemos, e assim o fizemos, indo continuamente brigando com elles, o que já a gente fazia com muito trabalho por virmos doentes, e com poucas forças pelos mantimentos serem poucos, e os cafres no-los não quererem vender. Assim fomos até o rio do ouro, o qual é muito caudaloso, e largo, e vem com tanta furia, que achámos antes que a elle chegassemos mais de oito legoas, arvores grandissimas arrancadas pelo pé em tanta quantidade, que enchiam as praias, que muitas vezes não podiamos passar com ellas, e logo entendemos haver alli perto algum rio grande. E' senhor de toda esta paragem um negro muito velho, ao qual chamam Hinhampuna. E ficámos muito desconsolados com a vista deste rio pela impossibilidade, que viamos na passagem, mas não tardou muito tempo, vimos vir por elle abaixo duas almadias, com cuja vista ficámos com menos receios, e chamando-as a nós, lhes mandei dizer se nos queriam passar, ao que responderam, que si, que viriam ao outro dia com mais almadias para o poderem fazer, e mandando lhe dar um pedaço de bertangil pela boa reposta, se foram.

E esperando nós por elles pela manhã, os homens que estavam de posta viram vir da nossa mesma banda mais de duzentos cafres muito bem armados com muitas azagaias, e frechas, e foram os primeiros, que com estas armas vimos; logo fiz pôr a todos em ordem,

e desparar algumas espingardas. Vieram-se elles chegando todos juntos trazendo o seu Rei no meio, o qual vinha vestido á portugueza galantemente com um gibão de tafecira de linha, com o forro para fóra, e um calção á comprida com a barguilha para traz, e um chapeo na cabeça, e vinha com este vestido por nos mostrar, que tinha comercio com nosco, e nos fiassemos delle, mas logo foi conhecido seu desenho. Trouxe-me de saguate dous ramos de figos, que lhe eu paguei mnito bem, dando-lhe um bertangil. E tratando nos mandasse passar pelas suas embarcações, disse que como lhe pagassemos o faria, sobre o que nos concertámos por tres bertangis, e depois de concertados pedio mais dous, ao qual refusando disse, que por elle ser velho, e nos ter vindo ver lhe dava mais os dous que pedia. Dahi a um pouco disse, que lhe haviamos de dar mais, e alevantando-me me vim para as tendas, e mandei estivessem todos com as armas nas mãos até depois de meio dia, e vendo que elles se não iam, lhe mandei dizer, que os portuguezes não consentiam nunca, que junto com elles estivesse outra gente, que lhe mandava dizer isto, porque se ia já fazendo tarde, e de noite lhe podiam matar alguem da sua companhia com as nossas espingardas, com que toda a noite vigiavamos. Elle mandou dizer, que a sua gente se ia logo, e que elle só havia de ficar com quatro cafres, esperando até o outro dia viessem as almadias para nos mandar passar, que era nosso amigo.

Tanto que vi esta gente se ia, mandei atirar duas espingardadas com pelouro por cima delles, os quaes ouvindo zunir os pelouros, deitaram-se no chão, e mandaram saber que era aquillo, que elles não queriam brigas com nosco; ao que lhe mandei dizer que fora um desastre, que descarregando duas espingardas

acertaram de passar por lá os pelouros, e assim se foram, ficando o Rei, como digo, e nós toda a noite com muita vigia, e como se acabavam os quartos, atiravamos espingardadas.

E pela manhã vendo elle como tinhamos estado toda a noite, e que não podiam fazer o que desejavam sem seu risco, se foi despedindo se de mim, dizendo, que logo mandava dous cafres para se concertarem comigo sobre a passagem, que o que elles fizessem havia por bem feito, e assim o fez mandando os dous cafres, com os quaes me coucertei em oito bertangis, que lhes não foram dados senão depois de nos terem passado. Aqui nos morreram quatro companheiros. E nesta passagem determinaram de nos assaltear desta maneira: mandáram dizer aos cafres da outra banda, que depois que ametade da gente fosse passada, dessem lá nella, que o mesmo fariam de cá, e para poderem fazer isso como o cafre desejava, trouxeram quatro almadias pequenas, e determináram passar uma, e uma, mas eu que conheci seu intento, mandei amarrar as almadias duas e duas juntas para poder caber mais gente nellas, e mandei meter ametade da melhor gente dentro com ordem que tanto que lá fossem, tomassem um lugar alto, que de cá se via, aonde se fizessem fortes em quanto passava a demais, e que tornassem em cada duas almadias duas pessoas com suas espingardas, para que nos não fugissem. E em quanto isto se fazia ficámos com as espingardas nas mãos, e murriões acesos, de modo que nunca lhe démos lugar para fazerem cousa alguma, e foi de grande acordo mandar andar os dous homeus nas almadias em quanto se fazia esta passagem, porque em nos dividindo logo eramos perdidos. E no fim passei eu com oito companheiros; e então me contáram os cafres da almadia toda sua determinação, dizendo me que dalli por

diante vissemos como iamos, porque era aquella terra dos mais máos que havia em toda a cafraria, que só por nos roubarem o que levavamos vestido, nos matariam, e que eram muitos, agradecendo-lhe o aviso, lhe dei um pedaço de bertangil, e me fui caminhando com toda a pressa possivel.

Tanto que souberam que eramos passados, vieram buscar-nos muitos cafres, com que vinhamos todo o dia pelejando, e a gente vinha descorçoada por nos ferirem de longe com suas frechas, que muitas vezes não viamos quem nos fazia mal, por nos atirarem do mato, e nós vinhamos pela praia, e eram poucos os homens que soubessem atirar com as espingardas. E temendo nos destruissem vendo nos tão fracos, me embarquei de dia, fazendo caminhar toda a noite pela borda do mar, porque alli espraia muito a maré, e ficava-nos longe o mato, e assim ficámos caminhando na baixamar de noite, para que a enchente apagasse o rasto, que faziamos na area. E vespora do Espirito Santo de noite indo caminhando vimos estar muitos fogos na praia, aos quaes furtamos o corpo, caminhando bem junto com o mar, e muito calados passamos sem sermos vistos delles, e apressando-nos andando até o quarto da lua, nos metemos no mato, e alli estivemos com vigias até que foi noite, e a maré esteve meia vazia, e começámos a marchar todos em ordem, e tendo andado meio quarto da modorra vimos estar a diante muitos fogos, os quaes tomavam desde a borda da agua até o mato, para que lhes não pudessemos escapar, e chegando perto, nos mandou dizer o Mocaranga Muquulo, que era o Rei de toda aquella paragem, que não passassemos de noite pelas suas terras, que não era costume, e que não queria brigar comnosco. Eu lhe mandei dizer, que os portuguezes não haviam mister licença de ninguem para poderem pas-

sar por toda a parte : mandou-me dizer, que visse o que fazia, que não fizesse guerra, que todos os portuguezes que por alli passavam, lhe davam a sua curva, como o faziam em outras partes. E a este recado começaram todos os da companhia com grandes vozes dizendo, que por dous bertangis, que lhes podiamos dar, os queria matar a todos, não estando nenhum para poder pelejar.

Vendo eu estes clamores chamei as pessoas, que atrás disse, para que juntos assentassemos o que melhor nos parecesse, aos quaes disse, que me parecia acertado passar pelejando de noite com estes cafres, porque não poderiam enxergar as faltas, com que vinhamos, e que as espingardas de noite causavam mais horror, e quando nos acontecesse má fortuna poderiamos mais a nosso salvo escapar a pedraria, e que se aguardavamos, que fosse manhã, como elles pediam, poderia vir mais gente da que alli estava, e verem-nos fracos, e descorçoados. A isto me responderam, que elles vinham taes, que de dia não pelejavam que fariam de noite, e que querendo eu faze-lo, haviam só de brigar dez, ou doze homens, que tinham vergonha, e os outros todos haviam de fugir; e que póde ser contentando-se com o que lhes podiamos dar se fossem, e nós ficavamos sem nos pormos nesse risco. Ao que insistindo eu em passarmos, disse por muitas vezes, que se no rio do sangue os cafres viram a pouca gente, que pelejava, que nos houveram de matar a todos, mas a noite encobrindo isto, cuidavam pelejarem todos e por esse respeito fugiram ; e Deos sabe quantos foram os que defenderam esta noite que digo. Elles me responderam, que me não cansasse, que não convinha passarmos de noite, e este era o parecer de todos. E como vi esta vontade na melhor gente, disse, que elles eram testemunhas como o ficar era contra meu pare-

cer, e que disso me haviam de passar os papeis que me fossem necessarios: parece que me adivinhava o coração o que depois succedeo.

Como vi que havia de ficar até pela manhá, busquei o mais forte lugar que alli havia em um alto, e mandando fazer muitas fogueiras tomei todos os bisalhos, e mandei-os enterrar em segredo, e em cima donde elles estavam mandei fazer uma grande fogueira, estando o restante da noite todos com as armas nas mãos sem ninguem dormir. E vindo a manhã veio o mesmo Rei, com o qual me concertei em nove bertangis, e uma roupeta de escarlata, e depois pedio mais umas peças de prata das cabeçadas de um cavallo, que tambem lhas démos, e foi pedindo mais de maneira que lhe dei tudo o que pedio, e mostrando estar satisfeito se despedio de nós com mostras de amizade. Depois de elle ser ido, e não aparecer ninguem mandei tirar os bisalhos, e os tornei entregar a quem os trazia, e indo marchando pela praia nos sahiram do mato mais de mil cafres, e dando-nos um assalto na retaguarda, que só pelejou, a desbaratáram logo deixando todos os que nella vinham muito mal feridos, e despidos sem lhe ficar cousa nenhuma, com que pudessem cobrir suas vergonhas. E a demais gente como vio este disbarate fugiram para o mato sem poderem esconder nada, porque logo foram sobre elles, e os despiram, sendo assim, que se elles pelejaram não nos houveram de desbaratar, e foram atirando as suas espingardadas entretanto carregavamos nós as nossas, e assim pelejáramos, e como nós os foramos matando elles se retiráram, como fizeram outros mais valentes, com que muitas vezes brigámos.

Vendo-me eu nú, e ferido com cinco frechadas penetrantes, uma na fonte direita, outra nos peitos por onde me sahia o folego, outra que me atravessava os

hombros, da qual ourinei sangue doze dias, e de que não pude tirar o ferro, e outra na coxa esquerda, de que tambem não tirei o ferro, a outra na perna direita, que me estava vazando em sangue, determinei meter-me pela terra dentro com estes ladrões para me curarem, e ver se me queriam dar alguma cousa para me cobrir, e estando com este pensamento me mandou dizer Thomé Coelho, e os mais, que não se haviam de ir dalli sem mim, que fossemos assim caminhando, que já Inhambane devia estar perto. Ao que respondi, que não estava para nada, que fossem elles, e os ajudasse Deos, e pedi a um marinheiro, que chamavam o Tavares que tambem estava ferido em uma perna, que quizesse vir comigo, e que nos tornariamos, se Deos nos desse saude, que não podia ser, que aquelles cafres não tivessem compaixão de nos ver assim : elle o fez de má vontade, e nós fomos detraz delles uma grande legoa, de maneira que eu já não podia comigo, e alli num descampado se ajuntáram todos com os furtos, que nos roubáram, e o Rei conhecendo me me mandou tirar as frechas, e curar com um azeite, que lá tem, a que chamam mafura, e depois de curado me deram um gibão velho sem mangas, e do mantimento, que nos tinham roubado me deram um pouco. Alli repartiram todas as riquezas que traziam, fazendo mais caso de um trapo, que de preciosissimos diamantes, os quaes tomou todos para si o Rei por lhe dizerem dous cafrinhos nossos, que já com elles estavam, que aquillo era a melhor cousa, que havia, que por cada um lhe haviam de dar um bertangil. E como fizeram esta repartição, se foram, e ficando sós nos tornámos á praia para ver se podiamos encontrar alguns dos companheiros, e trazendo um murrão aceso para fazermos fogo de noite, e tendo já andado um pouco, ouvimos de dentro do mato uns as-

subios, e virando vimos dous negros vestidos, os quaes conhecemos logo serem nossos, e fallando com elles nos disseram, que esperassemos, que iam chamar João Rodrigues de Leão, que ficava no matto, e vindo logo me abraçou, e disse, que a elle o não roubáram por se esconder bem, e despindo a sua roupeta ma deu, e me disse, que alli trazia o bisalho, que eu lhe entregára inteiro, que visse o que queria que fizesse delle. Eu lhe respondi, que pois elle o soubera guardar tão bem, que o trouxesse até Inhambane, e que alli se determinaria o que haviamos de fazer, e assim viemos caminhando de noite, porque de dia nos não deixavam estes malditos cafres esses fracos trapos que traziamos. Tambem veio ter com nosco um nosso companheiro francez, que se chamava Salamão; ao qual festejei eu bem para me sangrar, porque não me podia bulir com sangue pizado das feridas, o que fez logo com uma lanceta que trazia.

Caminhando quatro dias pela praia fomos passar um rio com a agua pelo pescoço fria como a neve, a qual me tratou bem mal. Aqui achamos a maior parte da nossa gente, os quaes estavam contentes, por os cafres lhe darem de comer logo, e veio ter comigo André Velho Freire, e disse como salvára o bisalho, que eu lhe entregára, que mandava, que fizesse delle. Ao qual lhe disse, que o trouxesse a Inhambane, e que alli se ordenaria o que melhor parecesse. E assim fomos caminhando pelas terras do Zavala um cheque, ou regulo nosso amigo, até darmos com um cafre velho de um Rei, ao qual chamam Aquerudo, o qual tanto que nos vio senão quiz apartar de nós dizendo-me, que haviamos de ir pelas terras do seu Rei, e que nos não faltaria nenhuma cousa, e assim foi depois que o encontrámos, até nos pôr em Inhambane. Aquelle dia nos fez caminhar muito para chegarmos aonde este

Rei estava, e chegando de noite nos fez muita festa, mandando-nos dar todo o necessario, emquanto alli estivemos, e nos matou uma vaca, e me vinha ver todas as noites tres vezes, trazendo-me sempre cousas de comer, e dizendo, que nos não agastassemos, que já estavamos em terra de portuguezes, e que elle o era como nós, que não tinha mais differença que ser negro. Aqui nos teve quatro dias, e no fim delles nos veio acompanhando um dia de caminho, e dando-me dous dentes de marfim, se foi, e deixou seu filho mais velho para ir com nosco até Inhambane, e o velho que atraz disse, os quaes nos foram dando de comer por todo o caminho até que lá chegámos, que foi a dezanove de Junho, onde fomos bem recebidos, e aquella noite nos não faltou de comer, e ao outro dia me veio ver o piloto, juntamente com o padre frei Diogo, os quaes havia dous dias tinham chegado á outra banda do rio com a demais gente, que nos faltava, os quaes me disseram que o Innhapata, e Matarima, dous Reis, que lá havia, estavam esperando por mim para repartirem em minha presença todas as pessoas, que daquella banda estavam, ficando eu de lhe pagar todos os gastos, que nisso se fizessem. Eu os festejei, e lhes disse, que ainda hontem chegára, que parecia razão accommodar primeiro os que estavam da banda do Chamba, que era aonde eu estava, e que depois passaria lá a fazer o que me tinham dito.

Logo no mesmo dia veio ter comigo um negro christão, que alli vivia, ao qual chamavam André, que servia de lingoa áquelles Reis quando alli vinham portuguezes ; este me levou para sua casa, e nella estive até me vir para Inhambane. Ao outro dia me veio ver o Rei que tenho dito, com o qual tratei de accommodar a gente por casas dos negros que mais posses tivessem, e elle lhe pareceo isto bem, mas disse-me que aquel-

le dia não podia ser, porque era necessario manda los chamar, que ao outro dia viria cedo, e os traria todos, e assim o fez, e depois de os ter ahi todos me disse, que havia de pagar os gastos, que aquella gente fizesse, disse-lhe, que eu os pagaria, e elle rindo-se me respondeo, que não havia em mim, com que pudesse comprar um frango, por estar ainda despido, como se haviam elles de confiar: ao que respondi, que mais valia a palavra de um portuguez, que todas as riquezas dos cafres, e no fim de muitas palavras, que houve de parte a parte, que é o de que se mais prezam, me fez prometter de lhe pagar tudo o que com elles gastasse, e o Rei disse, que ficava por meu fiador. E logo reparti os portuguezes, segundo me dizia este negro christão, e chamando-os por seu nome me dizia: A este cafre póde V. M. dar algum homem grave, porque é bom negro, e rico; e assim ficáram accommodados todos os da banda do Chamba, que fica da parte do cabo das Correntes, e passando-me á outra banda, onde me fizeram muita festa, fiz o mesmo.

E' este rio fermosissimo, tem de largo meia legoa, e da banda do Chamba bom sorgidouro para embarcações de até trezentas toneladas, fica no meio a maior parte em seco de baixamar, aonde ha muito marisco, de que os cafres se aproveitam, a terra em si é muito sádia, e a mais farta, e barata, que já mais se vio, abundantissima de mantimentos, como é milho, ameichueira, jugos, que são como grãos, mungo, gergelim, mel, manteiga, muito fermosos bois, dos quaes val cada um por maior que seja dous bertangis, muitas cabras, e carneiros, o peixe é o melhor que comi em toda a India, e tão barato, que é espanto, porque dão por um bertangil, ou motava de contas, que ainda val menos, cem tainhas muito grandes. Os matos todos são

cheios de laranjas, e limões, tem muita madeira, de que se podem fazer embarcações.

As ventagas, que ha na terra são muito ambre, e marfim, alli tem ido muitas vezes os olandezes, e segundo me disse o Matatima, que é um dos Reis, desejavam ter alli comercio, e que os mais dos annos passando por alli, mandavam os bateis a terra resgatar laranjas, e vacas, e que depois que lhes tomáram um batel matando-lhe a gente, não os mandavam a terra, mas que os cafres iam ás naos. Muito receio senhoreem estes inimigos este porto, pelo que sei de alguma gente delle, que aqui não digo por me não alargar, e porque sei se não ha de remediar isto, por mais que escreva. Aqui estive muito mimoso destes cafres, principalmente dos Reis, e antes que me fosse morreram sete pessoas, entendo que foi de muito comer, porque vinhamos muito fracos, e debilitados, e depois com a fartura não reparáram no que lhes podia succeder, e foram os seguintes, Thomé Coelho de Almeida, Vicente Esteves, João Gomes, João Gonçalves o Balono, o Condestable, e Brás Gonçalves.

Vendo que havia dous annos, que alli não vinha embarcação, e que corria risco não vir aquella monção, me disse o Motepe, que é o negro, que servia de lingoa, que como passassem tres mezes, e os cafres não vissem donde lhes podessemos pagar os gastos, que a gente tinha feito, que a mim se haviam de tornar todos, que fosse a Zofala, que como eu era tão conhecido, não faltaria quem me emprestasse quatro bares de fato, com que viesse resgatar aquella gente, e que elle fallaria com os Reis, dizendo-lhes, que indo eu a Zofala faria vir logo embarcação com roupa para pagar os gastos dos portuguezes. Eu estava então muito doente, e disse-lhe, que me não atrevia, porque havia de morrer logo no caminho. E indo-se ter com o pa-

dre frei Diogo lhe contou o que passava, o qual me pedio mui encarecidamente, quizesse fazer esta jornada, que não houvesse medo de morrer no caminho, que quem ia a cousa de tanto serviço de Deos, elle teria cuidado particular de o guardar. Eu disse, que faria o que me pedia, que fosse o Motepe fallar com os Reis para me darem negros que me acompanhassem, o que fez logo, e elles rindo-se, dissèram, que me não havia de ir de sua terra, porque eu era o penhor de toda aquella gente. Com tudo lá lhes deu tantas razões este negro, que o acabou com elles, dando-lhes uns panos que para isso me emprestou, os quaes lhes paguei tres vezes dobrados. E tendo licença ordenei de levar um companheiro portuguez comigo pelo que podia acontecer, e este foi o mais bem desposto, que havia na companhia, e se chamava Antonio Martinz, e depois de os Reis me darem vinte negros para me acompanharem, me despedi de todos com muitas lagrimas, os quaes estavam mui desconfiados de eu tornar por elles, dizendo, que de Zofala me iria para minha casa, e que elles alli morreriam. Ouvindo eu isto, tomei as mãos do padre frei Diogo, e beijando as, fiz um voto solemne a Deos em alta voz, em o qual prometi a vir busca-los, se a morte mo não atalhasse, e com isto ficáram mais quietos, e eu me parti a dous de Junho com a companhia, que tenho dito, ficando a pedraria enterrada em um cabaço, da qual sabiamos duas pessoas, que a trouxeram, e o padre frei Diogo. E tendo andado aquelle dia todo fomos passar um rio, e dormindo da outra banda, se vieram ajuntar mais cafres á companhia carregados com marfim, e ambre para venderem em Zofala, e assim o foram fazendo por todas as terras a diante, de maneira que cheguei a levar comigo mais de cem cafres, e faziam isto pelo respeito, que por aqui se tem a um portuguez. Por

todo este caminho fui mui bem agazalhado, e o que mais pena me dava nesta jornada, era a detença que me faziam ter os regulos, que por aqui ha, que ainda que esta gente esteja mais perto de nós, que a do Cabo de Boa Esperança, fazem mais espanto quando vem um portuguez. E depois de ter andado quinze dias, fui ter á povoação de outro regulo maior, que os que tinha visto, ao qual chamam o Inhame, e tinha vinte mulheres, e querendo-me eu ir logo ao outro dia, o não quiz elle consentir, dizendo-me, que tinha seus parentes longe dalli, e que os tinha mandado chamar para me verem,. porque nunca por alli tinha passado portuguez algum, e assim parecia pela muita gente que concorria a ver-me, os quaes davam muitos gritos, e alaridos, fazendo festa; e se me não importára chegar de pressa a Zofala, não me sahia isto em perda, pelas muitas cousas, que me traziam, de que toda a companhia comia, e ainda sobejava muito, que depois leváram para os caminhos onde não havia povoações.

Daqui a alguns dias fui ter com outro regulo, que está defronte das ilhas do Bazanito, que chamam Osanha, o qual me fez o mesmo. E dahi atravessei um rio, que em baixamar fica em seco, e tem de largo mais de tres legoas: passado elle fiz o caminho sempre pela praia até vespora de Santiago, que cheguei a Molomono que são já terras de um mulato por nome Luiz Pereira, o qual vive em Zofala, e é a mais venerada pessoa, que nestas partes ha. Antes que chegasse á povoação soube como nella estavam dous filhos seus, aos quaes mandei um escrito, que trazia feito para mandar a Zofala antes que lá chegasse uma legoa, em que dava conta de como vinha, e pedia me fizessem esmola de me mandar por amor de Deos uma camisa, e uns calções para poder ir diante delles com minhas vergonhas cubertas ; e dando-lhes o escrito, me man-

dáram o que pedia, e uma capa, com que fui cuberto; e elles me vieram esperar ao caminho, onde os abracei com muitas lagrimas, e porque eu vinha sem semelhança de creatura, me fizeram deitar em um esquife; e pedindo lhe me fizessem mercê querer mandar quatro cafres seus com uma rede, em que eu tinha vindo em busca do meu companheiro, que me ficava atraz muito mal duas legoas, o fizeram logo, e ao outro dia me fizeram concertar um luzio para nelle passar a Zofala. Atéqui me morreram dezasete cafres por a terra ser muito chea de alagoas fedorentas, e eu, e meu companheiro estavamos muito mal, e embarcando-nos fomos dormir aquella noite a Quelvame tambem terras de Luiz Pereira, aonde me matáram um carneiro, e fizeram muita festa.

Ao outro dia á tarde vinte oito de Julho fomos a Zofala, e como os casados, e Luiz Pereira viram vir a embarcação pelo rio acima foram á borda delle, aonde os cafres com muito grandes gritos disseram: Muzungos, muzungos, e saltando logo dentro me vieram abraçar, e eu que apenas podia andar, fui com elles fazer oração á Igreja aonde pedi mandassem trazer o meu companheiro, que vinha tal, que depois de chegar pedio confissão, e confessando-se deu a alma a Deos, e alli o enterráram logo, ficando eu desconsoladissimo. Dalli me mandou levar Luiz Pereira para umas casas, aonde me mandou dar todo o necessario até que Dom Luiz Lobo veio, que era capitão da dita fortaleza, e como eu estava já muito mal, me levou para casa onde estive ungido; e depois de estar alguns dias convalecente, lhe pedi me quizesse fazer mercê emprestar ouro, com que pudesse comprar quatro bares de fato, e que lhe daria todos os ganhos, que elle quizesse, e obrigaria todas as fazendas que sabia tinha na India, e que além de não arriscar nada, me fazia muito grande mercê, e es-

mola aos homens que em Inhambane estavam, que como era morto Nuno da Cunha, que era o capitão daquellas partes, e havia pouco fato, não havia de ir lá pangaio, e elles ficariam perecendo. Elle me disse faria tudo o que lhe pedia com obrigar minhas fazendas, como logo fiz.

E porque a disposição, em que estava, lhe não parecia capaz para tanto trabalho, me requereram não fizesse tal viagem, lembrando-me qual era o estado em que estava, e as muitas mercês, que Deos me tinha feito em me livrar donde tantos acabáram, e pois estava em terra de christãos, que me deixasse ficar, que um homem era mais obrigado a si, que a outrem ninguem. Ao que eu disse, que nunca Deos quizesse, que perigos da vida fossem parte para deixar de fazer o que tinha de obrigação, que era ir buscar meus companheiros. E vendo elles esta deliberação, se não cansáram mais em me fazerem estas lembranças, e comprando um luzio grande a Luiz Pereira por cento e vinte metiquaes, meti os quatro bares de roupa que tinha comprado, e levando comigo um companheiro portuguez casado na propria fortaleza, me parti para Inhambane a quinze de Agosto, e pela detença, que fiz em Quelvame cheguei com muitas tormentas mila grosamente por cima de Inhambane dez legoas, e cuidando não tinhamos ainda lá chegado, queriam os Malemos ir por diante, e como eu conhecia a terra por haver pouco que por ella tinha passado, disse, que nos ficava atraz, e fazendo para lá nosso caminho vimos dahi a tres horas a ilha, que na boca tem, e indo entrando pelo rio acima chegámos á tarde a Inhambane, onde me vieram todos receber com muitas lagrimas, dizendo, que a mim se me devia tudo, e que eu os vinha tirar do cativeiro de Faraó, e que os cafres já lhes não queriam dar de comer, e os deitavam fo

ra de suas casas, e que se tardára mais dez dias morreram todos sem nenhuma duvida: mas durou muito pouco este conhecimento, porque depois que gastei em os resgatar tres bares de fato, despendendo, e pagando em particular quanto tinham gastado, tratando de querer ir com um bar, que me ficava ás terras do Quevendo para dahi resgatar toda a pedraria, e peças ricas que nos tinham roubado, para que seus donos me pagassem confórme isto merecia, porque tanto que cheguei a Inhambane, mandei um presente a este Rei Quevendo que foi o que depois de roubados nos trouxe a Inhambane, dando-nos de comer, como já tenho contado, o qual era dous panos de pate, e meia corja de bertangis, em agradecimento do que por nós tinha feito, o qual ficou tão grande, que logo man dando ajuntar toda a sua gente, matando muitas vacas para celebrar com festas a tão grande honra. Este me mandou dizer, que ficava esperando por mim para ir comigo onde nos roubáram a resgatar tudo quanto nos haviam tomado. E querendo-me eu fazer prestes para a jornada, deixando a todos livres, e com roupa para poderem comer largamente em quanto eu lá estivesse, me encontráram esta ida, fazendo queixa aos Reis de Inhambane, dizendo, que para que consentiam ir-me eu, levando tanta roupa fóra das suas terras, devendo ficar toda onde nos agazalharam: os quaes como ouviram isto, me mandáram dizer, que por nenhuma via me havia de bolir dalli, senão para Zofala, que empregasse a roupa, que me ficava em as mercadorias da terra, que eram ambre, e marfim, e logo determináram de me roubar o que tinha, minando-me uma noite a casa.

Vendo eu, que todos quantos iam na companhia eram contra mim, desisti da ida, que pretendia fazer, e mandei dizer ao Quevendo, que não podia ir lá, que

quizesse mandar um recado aonde estavam os furtos, que viessem, que eu os resgataria, e que mandasse seu filho com elles. Respondeo-me, que me detivesse, que dalli a tempo de quinze dias viriam todos com o seu filho, e que para isso ia elle mesmo lá ter com elles. E tanto que estes homens souberam, que eu havia de esperar pelos negros, se foram todos á embarcação, em que tinha vindo, e a botáram ao mar, e antes que fosse monção me fizeram embarcar á força, porque até o padre era contra mim. E fazendo-me dar á vella, tornámos a arribar por ser fóra de monção, e aquella costa ser muito tormentosa. Depois tornando a sahir fóra, nos deu tão grande vento do mar, que nos fez dar á costa doze legoas de Inhambane, donde até Molonone fomos marchando, e dahi em almadias até chegar a Zofala. Veja V. M. a paga que me deram de os eu ir a buscar com meu dinheiro, que se os não quizera trazer de Inhambane, e empregáral á a roupa, que com elles gastei, em ambre, sem duvida, que trouxera mais de quinze mil cruzados por ser muito, e haver dous annos, que não tinha ido roupa a este porto. E realmente, que me maravilho todas as vezes que imagino, que houve taes homens no mundo, que permitissem viesse um estranho a resgatar o que haviamos trazido á custa de tantos, e tão grandes trabalhos, e padecendo tão excessivas fomes, como já tenho dito, antes que eu, que os vim servindo a todos, sem exceptuar nenhum, e por quem derramei muito sangue, e a quem elles tinham tanta obrigação. Seja Deos louvado com tudo: mas estimára ficára tudo isto em memoria, para que daqui por diante vissem, e attentassem os homens por quem deviam arriscar suas vidas, e perder suas fazendas

Desta fortaleza de Zofala nos fomos para Moçambique com menos quatro companheiros nossos dos que

aqui tinhamos chegado Antonio Sigala, que matáram em Zofala, Pero de Torres marinheiro, que se ausentou por um furto, que tinha feito, um grumete, que ficou casado, e Fructuoso de Andrade, que cahio no mar na barra desta fortaleza, e chegamos a Moçambique as pessoas seguintes: o padre frei Diogo dos Anjos, Antonio Ferrão da Cunha, Vicente Lobo de Sequeira, André Velho Freire e tambem o piloto Domingos Fernandes, e o sotapiloto Francisco Alvrez, Miguel Correa escrivão, Pero Diniz tanoeiro, João Rodrigues de Leão, João Ribeiro de Lucena, João Rodrigues carpinteiro, Manoel Gonçalves, João Carvalho, João Tavares, Antonio Gonçalves, Manoel Gonçalves Belem, Sebastião Rodrigues, Diogo de Azevedo, Salamam Frances, Ventura de Mesquita, Fructuoso Coelho, um grumete, que chamam o Candalatu, Domingos Salgado, Belchior Rodrigues, João Coelho, Alvaro Luis, e Luis Moreno.

Desembarcando em terra fomos tudos em procissão a nossa Senhora do Baluarte, levando uma cruz de pao diante, cantando todos as ladainhas com muita devação. E depois de darmos graças a Deos pelas muitas mercês, que nos tinha feito de nos trazer a terra de christãos, fez o padre frei Diogo uma devota pratica, trazendo-nos á memoria os muitos trabalhos, de que Deos nos tinha livrado, e lembrando-nos a muita obrigação que tinhamos todos de fazermos dalli por diante vida exemplar. Daqui se foram todos buscar embarcação para se virem para Goa.

LAUS DEO

RELAÇÃO

DA

Viagem e successo que teve a nao capitania
Nossa Senhora do Bom Despacho
De que era capitão Francisco de Mello
Vindo da India no anno de 1630

ESCRITA

PELO

PADRE FR. NUNO DA CONCEIÇÃO

Da Terceira Ordem de S. Francisco

LISBOA

Na officina de Pedro Craesbeeck

Anno de 1631

Relação do que passou a gente da nao Nossa Senhora do Bom Despacho, na viagem da India, o anno de 1630

Considerando as muitas naos, que se perderam varando em terra com a occasião de fazerem agua (sendo bastante motivo para desastrados naufragios) com que tantas, e tão extraordinarias perdas de gente, fazendas, e artelharia, tem recebido este reino acharem-se os passageiros com cinco, seis, oito, e nove palmos de agua, cujo trabalho foi causa de se desesperar do remedio, abrindo-se a porta a outros muitos maiores, com que todos acabáram a vida; me pareceo serviço de nosso Senhor, e conveniente ao bem publico escrever esta relação do que passou na viagem da India a gente da nao capitania Nossa Senhora do Bom Despacho. Para que sirva no futuro de exemplo, e de se esperar com confiança nas misericordias de nosso Senhor, em semelhantes trabalhos, quando de nossa parte se acóde a elle (como nesta nao se fez) com grande christandade, e se não perde o animo, e acudimos á nossa obrigação com valor, e pouco medo dos perigos. Em

elle espero servirá fazerem-se notorias as razões, porque esta nao se salvou de muitas, que se virem em apertos por castigo de peccados se livrarem de naufragios, e fazerem felice viage, e Deos me é testemunha, que não deixarei de fallar verdade por affeição de pessoas, nem por encarecer o que se padeceo, e cumprirei com a obrigação de meu habito, pois só o que me move é o bem publico, e tambem do que escrevo ha as testemunhas vivas. E no tempo em que as cousas aconteceram não póde haver erro, porque me vali do livro do piloto Luis Alvares Mocarra, no qual assi por curiosidade, como por obrigação se escreve, o que passa todos os dias.

Partimos da barra de Lisboa a tres de Abril de 1629 annos, em companhia do conde de Linhares, que aquelle anno foi por Viso-Rei da India, e capitão mór Francisco de Mello de Castro das naos de viagem, que foram tres. Iam mais seis galeões para servirem na India, os quaes por ordem de Sua Magestade aprestou no porto de Lisboa, o marquez de Castelrodrigo, e as naos, o conde de Castelnovo presidente da companhia por cuja conta se aprestáram. E por ser anno de Viso-Rei fazia o capitão mór officio de almirante: o Viso-Rei ia na nao Sacramento, o capitão mór na nao Nossa Senhora do Bom Despacho, e da nao S. Gonçalo capitão Antonio Pinheiro de Sampaio, que falleceo na viagem á ida. Os capitães dos galeões foram do galeão Santo Antonio, Luis Martins de Souza, do galeão S. Francisco, Pedro Rodrigues Botelho, do galeão Santiago, Francisco de Sousa de Castro, do galeão S. Bertholameu André Velho, do galeão S. Estevão Vicente Leitão de Quadros, do galeão Conceição André de Vasconcellos de Menezes.

A seis do dito mez se notificou o regimento de Sua Magestade aos capitães, pilotos, e mestres; pelo qual

mandava, que se não apartassem até a barra de Goa.

Aos dezasete amanhecemos sem a nao São Gonçalo, e perguntando Francisco de Mello ao piloto Luis Alvares a que rumo nos poderia ficar, respondeo, que a Loesnoroeste, e fazendo-se naquella volta, a descubrimos, e recolhemos.

Aos 16 do mesmo Abril entramos nas trovoadas de Guiné.

Aos 8 de Maio nos entraram os geraes.

A 12 do mesmo mez passamos a linha.

Dobramos os Abrolhos aos 27 levando já em toda a armada muitos doentes, e morrendo alguns, que depois vieram a ser muitos, assim nas naos, como galeões, tirando a nao Nossa Senhora do Bom Despacho, aonde não morreram mais que alguns negros, e dous, ou tres homens brancos: o que se atribuio á muita limpeza, que nella havia, porque tinha o capitão mór ordenado a dous soldados praticos, que com lenternas buscassem todas as semanas duas vezes os ranchos, e aonde achavam immundicia obrigavam a gente do rancho a limpa-la, e tirava-lhe a reção daquelle dia.

E tambem foi grande soccorro muitos carneiros, que levou, que mandava se repartissem pelos doentes (de que se me deu cuidado) não sendo de menos effeito as diligencias, que os padres da companhia faziam acudindo a muitos soldados, e grumetes desemparados dos quaes sempre a porta da sua camara estava impedida, e com todos partiam sua matalotagem largamente. Iam nesta nao com o capitão mór em ametade dos seus gasalhados de popa dezanove padres, e por superior o reverendo padre Sebastião Vieira religioso de muitas partes, e tinha servido a Deos, e trabalhado na salvação das almas no reino do Japão, para onde tornava, e foram aqui de muita importancia, como

o são em todas as naos, que levam padres da companhia.

Ao primeiro de Junho vimos a ilha da Assumpção, uma das que chamam de Martim Vaz, e pelo mesmo rumo nos amanheceo muito a gilavento o galeão S. Francisco, de que era capitão Pero Rodrigues Botelho: chegando a elle lhe perguntamos, o que tinha, dissenos que não velejava por ir concertando o goroupez, que lhe quebrára aquella noite.

Aos 20 de Junho vimos o galeão S. Bertholameu de que era capitão André Velho pela popa da armada quatro ou cinco legoas, e chegando a elle trazia o mastro traquete quebrado: lançou-se por ordem do capitão mór o batel fóra, e acudiram-lhe com os officiaes que havia, e o concertáram.

Aos 27 do mesmo Junho abrio o galeão Santo Estevão muita agua, e assim a foi fazendo até altura de 35 graos. E em seis de Julho arribou a Angola, levando além da gente do galeão muita outra que para soccorro lhe foi das outras naos, do qual galeão senão soube mais. Entende-se, que não puderam vencer a agua, e se foram a pique, que foi uma grande perda pela gente que levava, artelharia, e dinheiro do cabedal d'el-Rei.

Aos nove de Julho ao romper da manhã vimos da nao almirante por nossa popa quatro naos, que julgamos serem de olandezes; fizemos os signaes do regimento, e o Viso-Rei virou a ellas com toda a armada, de que só tinhamos menos o galeão Santo Estevão. Era o vento Sueste contrario a nossa viagem, e favoravel para seguir os inimigos. Estariamos do Cabo de Boa Esperança sessenta, ou setenta legoas, ganhamos lhe o balravento, e as fomos entrando conhecendo-se notoria ventagem. A nao almirante se adiantou muito das mais, porque Francisco de Mello de Castro

se lembrou de mandar meter monetas, e içar de gavea. E mandou ao mestre Manoel Ribeiro Magrisso fizesse lestes a tolda, e convés, o que o dito mestre fez com muita diligencia, chamando a elle, e ao piloto, prometendo a cada um a escolha das melhores peças, que levava de prata, se aquella tarde abordassem com a capitania dos inimigos, e elles lho prometeram, e se confessou, e a mais gente da nao com muita alegria, e estando nós já perto da nao capitania, e contandolhe as peças tirou a capitania do Viso-Rei uma peça, e virou em outra volta, com toda a armada: A razão disto dizem, que foi vir a uma vista o galeão Santo Antonio; e querelo recolher, e tambem devia ser quebrarem as escotas da gavea grande da nao do Viso-Rei, e poder velejar menos. E Francisco de Mello não virou, porque lhe pareceo, que o Viso Rei não veria a tenção, que levava de abordar, e o estado a que reduzira os inimigos. E deixando-se ir em seguimento das naos, mandou disparar uma peça, e dahi a pouco outra indo a nossa armada já longe fazendo com isto sinal, que abordava a nao capitania, com a qual se achava muito empenhado. E o Viso-Rei respondeo com outras duas mandando-o recolher. As quaes logo voltámos e voltáram tambem os inimigos sobre nós, vendo-nos desacompanhados: dos quaes nos sahimos por ser a nossa nao melhor de vella, e aquella noite mudáram o rumo, e nunca mais os vimos. Na India soubemos, que não eram olandezes, senão inglezes; porque todas as quatro naos chegaram a salvamento a Surrate.

Deste encontro em que parece ambas as partes fizeram o que deviam um em não querer perder a ocasião de pelejar, e o outro em não arriscar uma nao da India em parte aonde a soccorreria tarde, tomou o demonio ocasião para os fazer suspeitosos (sendo dan-

tes amigos) e o Viso-Rei formou culpas a Francisco de Mello, pelas quaes, e por outras de que o informáram havendo que o deixára de soccorrer com amarras correndo as naos tempestade na barra de Moçambique, e que tambem sem ordem se apartára da armada indo daquelle porto para a India o prendeo no tronco chegando a Goa, e do processo, que a justiça formou consta a muita culpa, que teve quem deo ao Viso-Rei não verdadeira informação, por quanto se sentenciou, que o capitão mór cumprira inteiramente com o que devia a sua obrigação.

A 16 de Julho dobramos o Cabo de Boa Esperança, e porque aos 21 faleceo o piloto do Viso-Rei Aleixo da Mota mandou pedir ao capitão mór o sotapiloto Antonio Pereira, que logo lhe mandou, e porque o Viso-Rei fiava muito do piloto Luis Alvares, queria que todos os dias viessemos á falla para conferir o sol que tomava, com o que se tomava na sua nao.

E aos dous de Agosto nos deo uma terrivel manga, e já que chegamos a este passo, quero declarar o que isto é para os curiosos, que não viram, porque muitos homens, que se embarcáram muitas vezes não tiveram occasião de a verem. Não é esta manga daquellas, que parece tomam agua do mar, que nesta viaje da India se vem muitas vezes; mas é de mui differente natureza; porque não decem do ar, senão levanta-se no mar uma onda como aquellas, que fazem junto das praias, e vae correndo para uma parte trazendo comsigo furioso vento em redimoinhos, de maneira que trata mui mal qualquer embarcação, que encontra, e a nao que a vê ao mar longe vir para onde ella está amaina as vellas com muita brevidade.

Isto não pudemos nós fazer na occasião, que digo da manga, que vimos, e com passar de modo, que muita parte della tocou na nossa almiranta, e no galeão

Santo Antonio, e em outro galeão, que ia com nosco á fala, quebrou o mastareo grande ao galeão Santo Antonio, e o mastareo tambem grande a almiranta, e ao galeão S. Bertholameu esteve soçobrado, e da nossa almiranta lhe vimos a quilha, e o que mais é de espantar foi, que indo as vellas dadas não quebrou o mastareo da almiranta para diante, senão que troceo, e ficou quebrado em pedaços dentro na gavea.

Os curiosos podem praticar a filosofia deste segredo, e dar muitas graças a Deos se o entenderem: foi isto na terra do Natal em paragem de trinta e tres graos, e na almiranta se fez logo outro mastareo dando ordem a isto o mestre Manoel Ribeiro, que para estas cousas é diligentissimo.

E vendo o capitão mór, que no galeão Santo Antonio se não tratava de mastareo havendo já sete, ou oito dias, que o não trazia, e que por sua causa vinhamos amainados, e o Viso-Rei se enfadava de maneira, que começava a velejar, mandou deitar o batel fóra com o mestre Manoel Ribeiro, e dezaseis marinheiros, e cinco carpinteiros, e entrando todos no galeão Santo Antonio foi admiravel a presteza com que lhe botaram acima o mastareo, e lhe fizeram gavea, que tambem lhe tinha quebrado, e assim veio seguindo a armada: de que o Viso-Rei se mostrou mui satisfeito.

Aos dezasete de Agosto vimos a ilha de São Lourenço, e desta paragem disse o piloto Luiz Alvarez escrevera ao Viso-Rei a derrota, que haviam de levar para que não fossemos cair sobre a lagem de Mogincale, com a qual derrota parece senão conformou o piloto do Viso-Rei; de que se queixava o dito Luis Alvarez até que fomos ao lugar que se temia, e surgimos mui perto da dita lagem, estando com grande

perigo a capitania e almiranta, nesta paragem se apartou de nós o galeão Santiago, de que não soubemos mais.

Daqui fazendo-nos na volta do mar; que era o que o piloto Luiz Alvarez sempre disse fomos em dous dias a Moçambique aonde estivemos surtos dez dias; o Viso-Rei esteve em terra visitando a fortaleza, e dando ordem a tudo o que convinha, que devia ser confórme ao que Sua Magestade lhe ordenava, e o capitão mór assistio no mar.

A tres de Setembro partimos de Moçambique desconfiando já os pilotos de passarmos á India por ser tárde.

E a quinze do mesmo vimos a ilha do Comoro toda a armada em conserva, menos os dous galeões, que tenho dito, e com mais seis pataxos de Moçambique, que levavam páo preto, ouro, e marfim, e em altura de qnatro graos e meio da banda do Sul. A vinte de Setembro indo a nossa almiranta a gilavento da nao do conde Viso-Rei, em distancia de tres ou quatro legoas, amanhecemos sem ella por quanto os officiaes da nao Sacramento tomáram as vellas, e mudáram o rumo de noite, e devia ser sem ordem do Viso-Rei, porque não é possivel não quizesse guardar conserva, e assim o costumam as naos, que mudam rumos em fazer sinal, querendo-se apartar, e bem se mostra, que os officiaes tiveram a culpa, e não o Viso-Rei, pois a dão ao capitão mór, e officiaes da nao capitania, e mais embarcações, que se derrotáram (o que elle não fizera se disto o advertiram). E perguntando-se ás embarcações que achavamos, pela nao do conde Viso-Rei; todos disseram ia pela proa, com o que velejamos, e nunca mais a vimos. E porque o capitão mór não tinha ordem do Viso-Rei por escrito, nem por recado de uma junta, que diziam fizera de pilotos, em que o

Viso-Rei por ser tarde dissera, que não havia de esperar por nenhuma nao: confórme ao regimento de sua Magestade chamou a conselho, e resolveo-se, que fossem demandar a barra de Goa com muito resguardo, na fórma do regimento, e assim se fez chegando de noite a Bardes, e amanhecendo entre os Reis Magos, e Nossa Senhora do Cabo (terra que o piloto sempre disse levava pela proa). Alli mandou passar a bandeira ao mastro grande, e por estarmos em calma se disparou uma peça, ao que acudiram algumas fustas da armada, que andava fóra, e deram reboque á nao, e em breve espaço se foi cubrindo o mar de embarcações, alegrando-se muito aquelle Estado, com as novas que lhe demes de Viso-Rei, e do soccorro de galeões, gente, e dinheiro.

Dahi a oito dias chegou o Viso-Rei tendo já chegado a nao S. Gonçalo, e o galeão Santo Antonio, e um pataxo de Moçambique. Mandou o Viso-Rei prender algumas pessoas a titulo de se apartarem delle, e o principal, e primeiro, que prendeo o ouvidor geral Luis Margulhão Borges: foi o capitão mór Francisco de Mello. Esta é a relação abreviada da viagem para a India. Resta darmos conta da torna viagem, que foi o intento com que a escrevemos. E posto que se diz vulgarmente, que é alivio contar trabalhos passados, estes foram de qualidade, que a memoria os aborrece pelo temor com que os representa. Seja nosso Senhor muito louvado, que permittio, que os contassemos em Lisboa, e que chegasse a ella uma nao, que tantas causas teve de se perder.

Partimos de Goa a quatro de Março da era de 1630 a nao Nossa Senhora do Bom Despacho capitania mui carregada, e avolumada inclinada á parte de bom bordo. O contramestre Manoel Cacho se desculpava, e os guardas, dizendo, que não puderam defender o fato,

e fardos de canella, que de dia, e de noite se metiam por todas as partes da nao. E quanto a ir pendente á parte de bombordo dizia o contramestre, o fizera de industria, porque daquella parte havia de ir a nao aberta depois o mais do tempo; (chama-se o ir aberta ir amurada) e outras razões, que pareciam de receber. O capitão mór se queixava, que não tivera tempo para assistir ao concerto, e carga das naos pela dilatada prisão em que estivera, e que lhe não aproveitára lembrar o miseravel estado, em que o obrigáram a se embarcar, que pedira a nao nova Sacramento apresentando uma provisão d'el Rei para escolher nao, e que lha não guardáram. O mestre, e piloto tambem diziam, que com a prisão em que o Viso-Rei os tivera estiveram impedidos para acudir á nao, e que a companhia a sobrecarregára com arroz, e vendera curvas, que se não costumam vender; antes El-Rei as dava a soldados, que se vinham despachar a este reino, e não vinham com fazendas pezadas (disculpas, que não remediavam o mal presente.) Veio o conde Viso-Rei a bordo da nao capitania, e entregou as vias ao capitão mór, e mandou, que desamarrasse, e sem embargo de que o mestre Manoel Ribeiro lhe disse que aquella nao não estava para partir, tornou o Viso-Rei a mandar que o fizesse, e passando pelas outras naos deu a mesma ordem.

Desamarramos como tenho dito a quatro de Março: Passamos a equinocial a vinte um do mesmo. Aos desoito do mez de Abril em altura de dezasete graos foi a primeira tromenta, que tivemos: sendo assim, que dizia o piloto, nunca alli a houvera, senão ventos geraes.

Estavamos tanto avante como os baixos dos grajaos, era de noite, virou a capitania na volta de Leste em papafigos com a vella de gavea grande dada,

a respeito de estar mui perto do baixo, e temia dar nelle por haver já muitos sinaes em esta sangradura, abrio a nao cinco palmos de agua.

Aos oito de Maio em altura de 28 graos nos rendeo o goroupes pelo papa mosca, e lhe gorniram um aparelho a que chamam cabresto deitando-lhe umas someas. Neste dia alguns officiaes requereram ao capitão mór arribasse a Moçambique.

Aos 23 do mesmo Maio em altura de trinta e um graos nos abrio a nao capitania nove palmos de agua, com grande tromenta do Sudueste, e grande mar de proa, com que alojamos ao mar muita fazenda. Arrombáram-se os paioes da pimenta, e se entupiram as bombas, e com se alojar sempre da parte de bombordo, não se endireitou a nao, antes veio sempre como partio de Goa. Mandou o capitão mór alguns officiaes a ver a nao, e disseram que fazia agua por muitas partes, e que lhes parecia arribassem a Moçambique, e que quanto mais sedo melhor seria. A isto respondeo o capitão mór em publico, que lhe parecia bem o que diziam, mas que estavamos perto do cabo, e em conjunção de lua, que deviam esperar o effeito della, e se o tempo entrasse em nosso favor dobrariamos o cabo, e se fosse contra nós arribariamos em popa, e todos se conformáram com este parecer.

Aos vinte e quatro do mez de Maio mandou o capitão mór á nao S. Gonçalo, que deitasse o batel fóra, e nelle pedir a ambas as naos pastas de chumbo, estopares, e candeas, porque já na capitania tinhamos disto o que traziamos gastado. E sendo este provimento tão necessario, e de tão pouco custo até isto nos faltou, e dellas lhe mandáram o que puderam.

Aos doze de Junho em altura de trinte e cinco graos correndo a costa do Cabo de boa Esperança nos sobreveio de noite um grande temporal de Noroeste, ou

Esnoroeste, com que a nao capitania abrio vinte e dous palmos de agua, e amanhecendo o dia de Santo Antonio com todas as naos á vista não pudemos fallar com nenhuma pelo tempo ser muito, e julgando já que não havia remedio fomos buscar a terra para encalhar, alojando por todas as partes, de dia, e de noite, trabalhando a ambos cabrestantes, com seis gamotes, e ambas as bombas, que já tinhamos lestes, e com tudo isto a nao se nos ia a pique ao fundo, foi Deos servido, que amanhecesse, porque se o dia tardára mais meia hora a nao se perdia em um baixo sobre o qual esteve, o qual distaria uma legoa de terra. Lançavamos fóra cada vinte e quatro horas feita a conta pelos garnotes, mais de quatro mil pipas de agua, corriamos com um traquete a meio mastro, e amanhecemos a quatorze do mesmo mez, sem alguma das naos da nossa companhia. A razão porque se apartáram deixando-nos em tanto perigo devia ser urgente; pois o contrario fora uma inhumanidade, que senão podia esperar da nação portugueza mórmente, que a nao Sacramento nos tinha grande obrigação, por quanto ella foi causa das miserias que padecemos. Quebrou-lhe o mastareo, e com esta falta velejava pouco, e o capitão mór por mais que a gente desejava, que a deixasse, nunca o consentio, e veio amainando esperando por ella muitos dias, sem os officiaes o concertarem, mandando-o o capitão mór diversas vezes, e sem este impedimento dobraramos, e faltaram as tempestades, que com a demora nos alcançaram.

Nesta nau Sacramento tinhamos nosso remedio para que a gente se salvasse no ultimo tranze, pelo que foi este para todos um triste dia. O capitão mór nos consolou, e animou muito á sua custa, porque nunca o viram dormir assistindo de dia, e de noite, hora em um, hora em outro cabrestante, e pondo o peito á

barra como qualquer grumete, o mais que fazia para descançar era deitar-se em cima de uma taboa no convez, ou sobre um caixão na tolda junto ao cabrestante, e foi mercê de Deos, porque quando começou o trabalho vinha doente, e pedindo-lhe os amigos que senão levantasse o não quiz deixar de fazer, e cobrou inteira saude, e com seu exemplo todos trabalhavam.

Nas mulheres havia muitas lagrimas, e suspiros, e parece tocavam o ceo, e havia uma tão grande con fusão, e tão geral, que receavam os homens de fallar uns com os outros por não ouvir peores novas, e as que se davam eram taes, que cada um fazia conta, que a melhor sepultura que podia ter seria a area da praia, e esta era a maior consolação, que cada um tinha quando viamos a terra, e cuidar, que nella dariamos; e muito pudera nesta parte alargar-me, mas minha tenção como já disse é ser breve, e contar a verdade do que passou. O mestre Manoel Ribeiro ajudava muito ao capitão, e com grande cuidado e deligencia acudia a todas as partes, indo muitas vezes de dia, e de noite, com lenternas ás camaras, porão, ao qual Manoel Ribeiro tinha o capitão mór ordenado, que tudo o que se achasse de perigo, só a elle o dissesse por não desmaiar a gente, promettia o piloto, que ao outro dia, que eram quinze do mesmo mez veriamos terra, e que buscaria bahia em que a não encalhasse, ou se remediasse: foi assim, que amanhecemos muito perto com a terra, e ainda com a mesma tormenta fomos correndo a ribeira sem achar bahia, e nisto estava o nosso remedio, que se entravamos em a bahia segundo a gente estava turbada do estado em que se via sem duvida varára a nao.

A 17 de Junho se assentou fossemos correndo a costa para o Cabo de boa Esperança, que assim convinha para algum remedio de salvar as vidas, e que

crescendo a agua mais encalhariamos a nao, e iriamos demandar por terra a aguada do Saldanha aonde todos os annos vão naos de olandezes, ainda que inimigos era esperança de remedio ; está esta aguada trinta legoas do Cabo, e nella a mãos de cafres succedeu a morte do grande D. Francisco de Almeida Viso-Rei da India.

Aos 24 de Junho dia de S. João estando dez legoas do Cabo de Boa Esperança de noite nos sobreveio um rijo temporal. Virou a nao na volta de terra com dezoito palmos de agoa: foi o piloto buscar uma bahia, que estava da parte de leste do cabo das agulhas distante cinco legoas.

Alli tomamos a agua, e calafetamos tudo o que se pode descubrir: andamos dentro desta bahia, ou enseada dous dias, e posto que muita gente pedia ao capitão mór, que mandasse surgir com a nao, o não quiz fazer, e do mesmo parecer foram o mestre, e o piloto, os quaes disseram, que nunca nao surgira naquellas paragens, que tornasse a sair dellas.

Cinco soldados da India vinham nesta capitania, nos quaes ainda senão fallou, porque nos occupamos em muitas cousas, e não porque não mereçam fazer se delles muita memoria. Era um delles Jorge da Silva, que com muita diligencia trabalhou sempre andando muitas vezes de noite, e de dia ao cabrestante descalço, porque a agua era muita no convez, que por cima das entenas lançava o mar grandes golpes de agua, e pelas dalas das bombas, as quaes haviam mister concertadas muito a miudo. As cubertas se apartáram tanto dos trinquanis, que a agua que pelas dalas se despedia tornava a cair dentro na nao, e as bombas andavam tão gastadas, que todos os dias, ou os mais delles se concertavam, e suspendiam, ou tiravam de todo. Jorge da Silva trabalhava como tenho dito,

e assistia á alojação com muito cuidado conforme as ordens do capitão mór, e o mesmo trabalho, e cuidado tinha outro dos cinco a que chamavam Manoel de Sá. Outro era Manoel Pereira de S. Miguel, dos quaes todos faziam muita conta pela diligencia com que acudiam. O outro era Christovão Paes, que com a mesma diligencia de dia, e de noite acudia, acompanhando-os tambem João Rodrigues da Cunha, que não com menos diligencia, e cuidado trabalhou sempre.

Aos 26 do mesmo Junho tornamos a partir desta enseada, levando a proa no Cabo de Boa Esperança.

E aos 29 dia de S. Pedro nos deu uma tormenta com tanto impeto, que andando nós junto ao Cabo nos fez arribar na volta de terra tornando a nao a fazer vinte e dous palmos de agua. Chegando junto a ella abrandou o vento; e o que ventava era pela proa. Assim andamos quatro, ou cinco dias até que Deos foi servido que o vento foi mais largo, e viemos correndo a costa até o cabo falso, e muito perto delle passamos com vento de servir. Fomos correndo como digo esta costa até o Cabo de Boa Esperança aonde estivemos em calmaria defronte delle como duas legoas de terra, e pelo ponto do piloto Luis Alvares diz que tornou arribar tendo-o já passado, e nos meteo outra vez da banda de dentro estando já dez ou doze legoas da parte de fóra: foi este temporal a prima noite, e trazia a nao a vinte palmos de agua, e foi crescendo de maneira, que indo abaixo muitos officiaes correndo as camaras, contaram que se ia ao fundo a nao naquella volta, e querendo virar em outra requeria o mestre, que o não fizessem, porque havia de quebrar o mastro grande, e que esperassem que saisse a lua para ver se aplacava a tormenta. Ella era tal, que poucos se lembravam de outra semelhante. A isto disse o capitão mór, que pois naquella

volta não tinham remedio virassem na outra, e assim se houve de fazer. Permitta nosso Senhor, que nunca homens christãos, e principalmente portuguezes se vejam outra vez nas agonias, e afflições, em que nos vimos.

Ao virar da nao deu tres balanços com que poz as gaveas no mar: o mastro grande esteve de todo quebrado, e tanto por milagre escapou, que quando depois neste porto de Lisboa o quizeram tirar se fez em dous pedaços, levou-nos as vellas, quebraram-se as escotas, e não ficou homem do mar dos bons digo, que os outros estavam escondidos, que aquella noite não ficasse ferido, ou de cabos que lhe deram, ou de patescas, que cahiram, ou de leme, que os arremeçava com grandes pancadas. Acharam-se nove marinheiros naquella noite escondidos, e querendo depois o capitão mór enforcar dous delles para exemplo dos mais, tal foi o segredo, que houve entre a mesma gente, que nunca por diligencias que fez pode saber quaes eram, mas nem isso lhes aproveitára se o tempo não fora tão apertado. Puzeram um crucifixo grande atado ao mastro da mesena, e com lagrimas e suspiros ao outro dia a gente de joelhos lhe pedio misericordia: tiraram-se grandes esmolas, e fizeram-se grandes promessas: as bombas já não se buliam, e só se trabalhava com seis gamotes a ambos os cabrestantes. Descubrimos uma bahia junto ao mesmo cabo das agulhas cousa de uma legoa, terá de boca tres á parte de Leste, e dentro em fórma de meia lua occupava espaço de cinco, seis legoas, tem 19, 20, 30 braças de fundo, e nella estivemos em calma sem nunca surgir.

Por não fazer esta relação muito dilatada, não digo pelo miudo quantas vezes o capitão mór foi requerido que largasse a nao, e desse lugar a que a gente se salvasse em terra, hora por officiaes da mesma nao,

hora por religiosos, que nella vinham, aos quaes a gente pedia lhe trouxesse recados, e destes alguns se escusavam dizendo, que semelhantes recados não eram para o capitão mór, de que posso ser testemunha: porque se me deram muitas vezes, e me escuzei pela razão que digo, por conhecer a natureza do capitão mór.

Tambem o padre Mathias de Sousa da Companhia de Jesu, era importunado com os memos recados, e se escusava, e muitas vezes ia de noite com o mestre a ver a agua que fazia a nao pelas camaras, e porão; em o que havia de perigo tambem guardava segredo, e acudia aos necessitados com boa vontade com o que trazia, e um companheiro seu, com grande cuidado acudia aos cabrestantes, e trabalhava nelles como os mais.

Já neste tempo se tinha perdido a agua doce do porão, que foi grande perda, e com a que alguns homens traziam nas camaras se remediava a gente a qual era muito pouca; porque na India senão deu gente para defender a nao, e assim só trazia a da obrigação della, e no contar da gente para repartir os quartos costumava dizer o capitão mór (pondo a mão no peito,) aqui estão cincoenta homens. E isto dizia por graça, mas eu o escrevo de sizo, porque tinhamos nelle mais dos que dizia.

Vinha tambem na nao um religioso de nosso padre São Francisco chamado frei Estevão do Espirito Santo de grande exemplo, que nos foi de muita importancia trabalhando por sua pessoa, e animando a gente com suas prégações, e soccorrendo os que trabalhavam com matalotagem de uma irmã sua que vinha na mesma nao, e tinha seu marido na corte, e trazia comsigo uma dona viuva de muita qualidade, e outra tambem viuva, pessoa muito honrada, estas, e outras, que mais vinham na nao casadas, era grande

lastima ouvi-las, porque com muitas lagrimas diziam muitas magoas, e tinham causa, tanto pelo estado da nao, como porque os marinheiros, que vinham ao governo na bitacola tratavam do muito perigo em que estavamos, o que ellas tudo ouviam por virem nos gasalhados de popa. E como havia muitos dias, que se não acendia fogão pelos grandes balanços, que a nao dava, e porque todos andavam ocupados com a alojação, e gamotes. Estas senhoras tinham cuidado de acudir aos enfermos com amendoadas, e doces, e dando o tempo lugar mandavam ao fogão, e acudiram até ao capitão mór, que se não lembrava de si, e todo o mais tempo que lhes sobejava gastavam em fazer estopa com as mais mulheres que vinham na nao dos cabos, que o mestre para isso lhes dava, com a qual reparavam os calafates muitas aguas por cima, e na verdade se isto não fora nos iamos a pique; porque cada dia abria a nao muitas aguas por differentes partes, e ainda as mesmas, que se tinham tomado tornavam a deitar outra vez a estopa fóra, tanto que a nao jugava, por vir toda desconjuntada, e tanto o estava, que não podendo dar toda a estopa, que era necessaria remediavam os calafates esta falta com tiras de beirames, e meadas de algodão. Estavam tão abertas as costuras da nao, qne em mui pequeno espaço levava a nao meio beirame, e em partes duas meadas de fiado de algodão, e neste estado em que nos viamos fazia tambem o demonio seus lanços; porque entre alguns officiaes havia odios, e um delles pedio muitas vezes ao capitão mór mandasse prover o seu apito em outrem, porque se sentia doente o que lhe não quiz conceder até que neste tempo disse que queria tratar de sua alma, e o entregou, e tudo pedia o aperto.

O capitão mór o proveo em Estevão Rodriguez

guardião, que tinha servido nestes trabalhos com grande cuidado, e os sofria com bom animo, como quem se achára em muitas occasiões principalmente com Nnno Alvares Botelho nas pelejas, que teve em Jasques, com inimigos de Europa, de que o dito Estevão Rodriguez teve muitas feridas, e posto que o official que digo entregou naquelle tempo o apito não deixou de acudir sempre ao cabrestante, e servio como qualquer dos outros, e o capitão mór o chamava aos conselhos por ser homem de muita experiencia, e depois do trabalho passado, o tornou a admittir ao seu cargo.

As vezes que arribamos ao Cabo de Boa Esperança foram mais que as que tenho dito, e por não causar pena isto ler não escrevo muitas circumstancias, que passaram, quatro, ou cinco conjunções de lua nova, e cheas, que tivèmos no Cabo de Boa Esperança, e todas esperou, e a mais da gente confessada por serem terribeis as tormentas com que vinha, e todas por proa.

Na bahia em que entramos, como tenho dito se calafetou a nao tomando a agua por dentro, e por fóra com homens embalçados. E vencendo a agua por toda aquella costa se matava muito peixe muito bom, que foi grande refresco para a gente, a qual andava já quasi cega da fortidão da pimenta, e principalmente grumetes; foi Deos servido que não houvesse perigos, nem trabalhos, que a gente desta nao não tivesse, e passasse, e foi de grande confusão, e espanto, estando a prima noite, o capitão mór com o mestre, e eu em sua companhia junto ao cabrestante do convés dando aos gamotes veio um pagem da nao pela escutilha de proa, que era por onde se serviam com a alojação, chorando, e dando gritos, e dizia, fogo na nao, fogo na nao.

Nova foi esta que de todo quebrou o coração a todos, deixáram os cabrestantes, acodio o capitão mor,

com cuja authoridade se deteve a gente, dizendo elle, que o fogo não podia ser muito pois estava a gente toda acordada, e ainda então se sentira, e virando-se para o mestre lhe disse. Mestre ide abaixo, e acudi áquelle fogo; em este estado deu o contramestre ao apito, e disse, agua abaixo. Acudio a gente como a necesidade requeria, mas tão perturbada, que cuidando muitos levavam agua se acharam com barris de carne, e de peixe: e outros acudiam ao batel, e outros diziam que o fumo era já tanto em baixo, que se não podia esperar. E certo que em uma occasião destas se representa o dia do juizo. Em este interim subio o capitão mór pelo cabrestante acima, e subio á xareta aonde a mais gente da nao estava junta, requerendo ao piloto, que virasse na volta de terra, e a começavam a marear, quando o capitão mór disse em voz alta, boa viagem, duas vezes, e acabando elle de dizer estas palavras o tomáram todos com grande alvoroço nos braços dando o perigo por acabado, levantando-o no ar, como a opositor na Universidade de Coimbra, dizendo-lhe que só elle era o que dava allivio a todos em tantos trabalhos, e assim se quietou toda a gente acudindo cada um á sua obrigação. E ainda depois disto chegou recado do mestre ao capitão mór, que o fogo era já de todo apagado. Não conto aqui a razão que houve por onde o fogo se ascendeo na nao, por não cançar a quem o ler, e não é de espantar acontecesse este desastre, havendo em todas as cubertas candeas, e buscando-se com ellas de contino a agua.

Nas bahias em que entravamos era muito para ver o modo de pescar de mangas de veludo, que são passaros muito alvos, e fermosos com as pontas das azas pretas, os quaes se levantavam em bandos, e de alto se deixavam cair no mar, penetrando as ondas como se-

tas, e assim tomavam o peixe, e ver isto pudera divertir a quem tivera cuidados de menos peso.

A 6 de Julho deixámos esta bahia, e chamando todos pela Virgem Nossa Senhora do Cabo, e pelas chagas de Christo, e promettendo-se grandes esmolas foi Deos servido, que passassemos o Cabo de Boa Esperança a dez de Julho, e a onze do mesmo lhe demos a boa viagem.

Abraçaram-se uns aos outros com lagrimas, dando muitas graças a Deos por tamanha mercê. Abrio o capitão mór o regimento de Sua Magestade, estando presentes os officiaes da nao, e o escrivão, e posto que nelle mandava senão tomasse terra, e sendo disso forçados, fosse á ilha de Santa Elena, se assentou por todos arribassemos a Angola, e que seria mercè de Deos se a pudessemos tomar pelo estado da nao, e pela pouca agua doce que trazia (porque como já disse toda a que vinha no porão se perdeu) de que se fez termo que todos assinaram.

A 12 de Julho nos deu uma tormenta de noite de vento Sul, em altura de trinta e dous graos, e com ser em poupa tomou a nao dezanove palmos de agua, e maior perigo foi, que a madeira das pipas arrombadas correo as escotilhas, e não puderam laborar os gamotes. A agua que crescia com os grandes balanços da nao corria com tanta furia de um a outro bordo, que era cousa temerosa de ver, e ouvir o rugido, que trazia. Deitaram-se pelas escotilhas muitos homens, embalçados, e com piques pregavam a madeira ao passar de uma para outra parte, e de mão em mão a passavam com tanta diligencia, que tornaram os gamotes a fazer seu officio, e assim fomos sustentando a agua até o cabo negro, passando primeiro pela agua de Saldanha defronte da qual vimos um ilheo da feição do palheiro do campo de Santarem. O piloto Luiz

Alvarez, em todos estes trabalhos não deixou a sua cadeira por chuvas, nem frios, que naquella região eram extraordinarios ; o mestre Manoel Ribeiro acudia não só ás cousas de seu officio, mas a tudo o que lhe parecia necessario : o sotapiloto Antonio Pereira, posto que não fallei ainda nelle, bem merece muito louvor, porque não só no que estava obrigado acudia, senão aos gamotes assistia sempre dando ordem, e trabalhando continuamente, e foi muito de notar a pouca gente, que morreo nesta nao, pela muita caridade das pessoas, que nella vinham, e cuidado dos religiosos, tres do nosso padre São Francisco, e dous da Companhia.

O estado em que esta tormenta deixou a nao foi miseravel como logo direi, e entre a muita fazenda que se botou ao mar foi muita quantidade de canella, e com ser boa parte do capitão mór da que lhe ficou repartio alguns fardos a grumetes pobres, e só a um homem, que perdeo toda a que trazia, deu doze quintas. E posto que sei que não fez isto para que se dissesse me pareceo justo que se escrevesse.

Tanto que chegamos ao cabo negro como tenho dito começamos a vencer a agua por ser o mar mui brando mas não de maneira que nos descuidassemos dos gamotes. Esta ultima tormenta nos levou a vélla grande, e cevadeira, e porque vou abreviando não conto por extenso as muitas vezes, que reformamos as véllas feitas em pedaços : ficamos só com o traquete sem escotas, que para as passar ficáram feridos dez, ou doze marinheiros os melhores, que a nao trazia, e assim foram servindo as amuras por escotas. Ao tempo que o vento levou a vélla grande ficaram nas relingas de uma, e outra parte cinco, ou seis panos, e pelo meio passava o vento ao traquete de proa, e assim foi muitos dias governando a nao, e com grande magoa se via o lastimoso estrago, que o tempo

nella tinha feito, e a dezaseis do mesmo Julho em altura de vinte e cinco graos metemos a véllla grande, que até esta paragem a não pudemos meter; porque traziamos toda a gente occupada com os gamotes.

Aos dezasete do mesmo nos arrebentaram as estagas, e veio a vélla grande abaixo, que se nos afigurou que cahira o ceo sobre o mar, sem que matasse, ou ferisse pessoa alguma havendo tido o dia dantes em si quarenta homens ao metter da vélla, e costumando a estar sempre gente assentada, ou encostada no prepao: foi cousa que se teve por milagre, quebrou a verga em tres pedaços, e do maior recorrendo-se os penoes fizemos uma verga pequena, que servio para um traquete, e assim fomos a Angola, aonde chegamos a cinco de Agosto da era de 1630.

Avisou logo o capitão mór ao governador, que então era Fernão de Sousa, o qual foi á nao com muitos pilotos, e outros officiaes, e muita gente para os gamotes. E tomando-se o parecer de todos assentáram, que se descarregasse a nao, e se lhe dessem pendores, e de tudo se fizeram autos, porém despois de descarregada não bastáram os pendores; porque abrio de novo pela quilha uma grande agua, com a qual a mais da gente era de parecer que não convinha arrisca-la outra vez a fazer viagem, porém a instancia do capitão mór se lhe deu querena sendo o piloto do mesmo parecer, e outros posto que poucos.

Depois da nao descarregada esteve no porto muitas vezes quasi perdida principalmente na querena, porque por vir por muitas partes aberta pelos altos tomava muita agua.

Antes de dar querena mandou o capitão mór armar uma tenda na praia do Penedo da Cruz, que distará da cidade de Loanda meia legoa, lugar que a gente da terra tem por muito doentio aonde esteve

em quanto a nao deu querena, e dalli mandava muitas pessoas todos os dias á cidade pelo que faltava confórme aos avisos que tinha do mestre, que estava na nao, e dava ordem ao amaçar de galagala, e ao coser do breu, que sem estas diligencias fora impossivel tornar a nao a este reino, e eu sou testemunha, porque o acompanhei das onças, e grande cantidade de lobos, que de noite vinham ter com nosco.

Era isto sendo já governador Dom Manoel Pereira Coutinho, e ainda no tempo de Fernão de Sousa descarregamos a nao, e a fazenda se meteo nos almazens de Sua Magestade, dando o mesmo Fernão de Sousa ordem a que a roupa, que vinha molhada da agua salgada se repartisse pelos moradores para a mandarem lavar, porém ella em grande cantidade vinha em estado, que com todos estes beneficios teve pouca melhoria, e não só nisto mostrou Fernão de Sousa muita diligencia, e zelo do serviço de S. Magestade; porque havendo de vir para este reino, temendo a gente embarcar-se na nao pelo estado em que estava, elle quiz vir nella, tendo um navio muito bom, e com artelharia, que por ordem de Sua Magestade lhe fora fretado d'este reino, em o qual foi o novo governador Dom Manoel Pereira, que acabou uma cousa tamanha como foi a querena, concerto, e carga desta nao, de que ao governador Dom Manoel Pereira, se deve muito louvor.

O dia que a nao mostrou a quilha, se achou presente a principal gente da cidade, e todos se admiravam da grande maquina de uma nao da India, e com muita razão por serem estas as maiores embarcações, que navegam o mar, porém como a nao estava aberta por tantas partes, assim do muito que tinha trabalhado como do sol de Angola, que é terrivel, o dia que metteu a bordadura na agua, e mostrou a

quilha esteve perdida; porque a gente que trabalhava com o calhao no porão ouvindo dar um grande estalo de madeira, que com o peso da nao arrebentou, e ouvindo tambem dizer vai se a nao ao fundo, deixando o que faziam todos, começaram a subir pelas escadas, e o mestre Manoel Ribeiro se atravessou diante delles pedindo-lhe não desemparassem a nao dEl-Rei: mas tal foi a furia da gente que o derrubaram, e trataram muito mal por querer sustentar o peso da gente. Meteo-se o capitão mór em uma canoa, emborcação de um só pao, a qual era de um negro pescador, mas só cabia nella o negro, que a remava com um remo, e elle chegando á nao se meteo dentro nella animou a gente a que continuasse com o trabalho, e assim o fizeram. Entrou a poz o capitão mór o sindicante Fernão de Mattos, que é grande servidor dEl-Rei, e Dom Manoel Pereira, neto do governador, e com isto se segurou a gente, e se deu a primeira querena naquellas partes, e permita nosso Senhor seja a derradeira, e que a ellas não chegue outra nao em tal estado.

Despois de começar a tomar carga esteve algumas vezes com muito perigo pelas trovoadas, que ha naquelle tempo, e naquelle porto, principalmente uma noite que sobreveio uma trovoada muito rija, e que durou mais que as outras: achou se a nao com pouca gente por andar em terra ocupada em muitas cousas, mas achou-se dentro nella o capitão mór, que antes que a nao endereitasse da querena se foi para ella, e a não deixou até estar de vergadalto, foi tal a trovoada, que digo, que não havia remedio para passar uma candea de popa a proa, e só se pode sustentar dentro de uma quarta, que servia de agua. O guardião Estevão Rodrigues fazia o officio de contramestre, estava sempre na nao, e trabalhou muito

aquella noite com os poucos marinheiros que comsigo tinha. Tinha a nao ao mar duas amarras, e a que estava da parte da ilha, portando muito por ella arrebentou, e veio caindo para a parte de pouco fundo, e chegou a estar em quatro braças, e alguns marinheiros affirmavam que nelle tinha posta já a quilha, e parecendo ao capitão mór, que não podia isto ser pela nao estar só em lastro a mandou alar ao cabrestante para mais fundo, e disparar duas peças, que ouvindo-se em terra julgaram serem do navio em que fora o governador Dom Manoel Pereira, e assim acudiram a tempo, que já a gente da nao a tinha fóra de perigo. Deitou-se outra anchora no batel, que a largou da parte do mar, e alando-se ao cabrestante ficou a nao em doze braças onde tomou a carga.

E antes que diga da partida deste porto para o reino me veio á memoria que no tempo de nossos trabalhos, antes de dobrarmos o Cabo de Boa Esperança andava a gente neste tempo tão certa que a nao havia de varar por não haver outro remedio, que se ajuntavam em magotes, e não se fallava em outra cousa, e do que se tratava era avisado o capitão mór, porque o ouvia passando de noite ás escuras pelas partes onde mais nisto fallava, e muitos homens do mar vinham já ao leme, e á cadeira com armas, e se aparelhavam para no ultimo trance morrerem sobre o batel, ou defendendo algum pao em que lhes parecia poderiam salvar a vida, e com isto ser assim é muito para considerar o animo de verdadeiros portuguezes, que estando a nao muitas vezes nas enseadas, e bahias que ia a buscar para remedio, e saindo dellas na volta do mar aonde tanta gente cuidava que tinha a morte certa não houve pessoa, que contra o capitão mór dissesse palavra que parecesse principio de motim. Antes queixando-se nisto publi-

camente diziam morramos todos já que o capitão mòr assim o quer. E não menos animo mostráram nas occasiões que tivemos das naos, que encontramos vindo de Angola para este reino.

Partimos do porto de Loanda a cinco de Abril da era de 1631 aonde começou outra vez a nao a abrir agua de maneira, que de dia, e de noite se veio com as bombas na mão até este porto de Lisboa.

Vio o piloto a ilha da Assumpção a 26 de Abril, passamos a linha a sete de Maio. Na altura das ilhas encontramos sete vellas, e outros dias diversas vezes outras : não posso deixar de encarecer o grande animo da gente da nao, eu não vi outra mais aparelhada para pelejar, nem soldados, que com mais alegre rosto acudissem aos lugares, que lhe estavam repartidos, mas foi mercê de Deos não pelejar em alguma destas ocasiões, e passarem por nossas naos pacificas, porque a juizo dos officiaes melhor entendidos só com o jugar da artelharia se fora a nao ao fundo, em tal estado vinha, e ainda depois de partir de Angola foi necessario cortar-lhe por dentro muita madeira para se lhe tomarem as aguas que de novo abrio. E sobre tudo conhecemos a particular assistencia, com que nosso Senhor nos defendia como foi que pela grande continuação, que as bombas tinham em deitar a agua fõra, cada dia se concertavam tres, e quatro vezes, e se suspendiam tambem muitas vezes, e com o mestre trazer grande quantidade de tachas para concerto dellas vieram a faltar a meia viagem, e além disto nos quebráram os ferros das bombas, e não tinhamos já outros de que nos pudessemos valer. Permittio Deos nosso Senhor, que nesta nao viesse um homem sarralheiro chamado Domingos Dias Cativo, obrigado á nao : o qual foi de tanta importancia, como nós o experimentámos nesta jornada, porque sem falta se elle

não fora ainda em Angola correra muito risco o concerto desta nao, e homem de muita habilidade, elle arrimou dentro na nao uma forja em uma tina chea de terra, e calhao, e tambem lhe poz alguns pelouros ao redor para que assim lhe ficasse mais segura. Os foles fez de um couro das bombas, e os canos de uns que tirou de frascos de mosquetes, a bigorna foi uma peça de artelharia, o martello da enxó de um tanoeiro, e as tanazes de arcos de ferro das pipas, e desta maneira fez muita cantidade de tachas, e remediou os ferros das bombas, e já outra vez armou outra forja na ilha de Santa Elena quando alli descarregou a nao Conceição no anno de 1625.

Quiz nosso Senhor tomar-nos tanto á sua conta como tenho dito, porque o dia que chegamos a Cascaes nos disseram os pilotos da barra, que havia mui pouco que dalli se tinha ido uma esquadra de dezasete naos de turcos, as quaes o tempo do mar deitou em Galiza, e sem duvida passaram por nós sem haverem vista da nao pelas grandes nevoas de que o mar amanhecia cuberto todos os dias. Não sendo menos milagre haver ventos do mar em Julho naquella paragem. E porque em tudo se mostrasse quanto Deos fazia pela salvação desta nao o dia que vimos as Berlengas mandou o piloto Luis Alvares virar na volta do mar por não perder balravento da barra por o vento ser escasso aos que vinhamos por muita altura, e a gente desejosa de terra, começou a murmurar, e enfadar-se de a tornar a perder de vista, e se vieramos por diante aquelle dia se entendemos acharamos as dezasete naos que tenho dito.

Aos tres dias de Julho surgimos em Cascaes: ao outro dia seguinte entramos pelo rio de Lisboa, aonde meteram muita gente para dar ás bombas, e se descarregou com brevidade. Depois de descarregada fez

a gente della uma petição a Sua Magestade, pedindo-lhe que por seus officiaes da Ribeira mandasse ver aquella nao para que depois se definisse aos requerimentos dos homens que nella vieram conforme ao serviço que fizeram a Sua Magestade em a trazer a este porto de Lisboa. Os officiaes que a viram se espantáram jurando que nunca outra nao chegára áquelle porto tão destroçada, e que em suas consciencias entendiam que se de Angola para este reino tivera alguma tromenta se fora ao fundo a pique, e se fez disto um auto em que todos assináram no qual declaráram com meudesa os muitos liames, curvas, contracurvas, pés de carneiros, cordas, contra-cordas, e entremichas, e dormentes, que todas acharam quebradas, e assim se inviou a Sua Magestade de cuja grandeza todos esperam a remuneração de seus trabalhos.

Louvado seja o Santissimo Sacramento, e a Immaculada Conceição da Virgem Senhora nossa concebida sem peccado original.

Vale iterumque vale.

TRASLADO

Do Termo, que os senhores governadores mandaram fazer aos officiaes da Ribeira, vistoria da nao Nossa Senhora do Bom Despacho

Em cinco de Setembro de mil e seiscentos e trinta e um: sendo presente o provedor dos almazens, e armadas Vasco Fernandes Cesar, foi vista a nao Nossa Senhora do Bom Despacho, que veio darribada a esta cidade, em tres de Julho passado pelo patrão mór: Mestres da Ribeira, e contramestres de carpintaria, e calafeto, e pelos mais mestres, e of-

ficiaes da carreira da India, abaixo assinados, e correndo-a com candeas mui particularmente desde o porão até os castellos, e todas as cubertas: se achou, que no porão da banda de bombordo tinha os braços todos quebrados, e da banda destibordo tinha quebrado trinta e quatro braços, e astias, e as bonecas do porão rebentadas, com as cubertas, que se levantáram para cima quebrando, e abrindo todas as carreiras das entremixas, curvas de convés, e de revés, feitas em pedaços, dando de si as cavilhas, quebrando-se muitas dellas pelo meio, abrindo-se os dromentes em todas as cubertas, e entremixas de segunda e terceira cuberta fizeram o mesmo com as do porão, e as carreiras dos vãos, que tem entre cubertas desmentiram do costado todas as curvas, com que se fortificam, e as cavilhas das curvas quebradas todas as cordas de todas as cubertas desmentidas pelos malhetes, e alquebrada a nao de maneira, que julgam todos por milagre o chegar a este porto a salvamento, e que lhes parece, que da viagem de Angola para este porto, se tiveram alguma tormenta por pequena que fosse, ou alguma occasião de peleja, com que a artelharia disparasse, se abrira a nao, e fora ao fundo, e nenhum delles se lembra, que com tanto dano chegasse nao alguma a este reino, de que tudo se fez este termo, em que todos assinaram comigo dentro na dita nao no dito dia, Antonio Prégo Velho, Valentim Temudo, Bastião Fernandez, Bartholomeu Alvarez, Antonio Luiz, Manoel Ribeiro Magrisso, João Fernandez, Amador Luis, Mathias Figueira, Antonio Fernandez, Estevão Rodriguez, Luis Fernandez, Luis Alvarez Moreira.

LAUS DEO.

FIM DO NONO VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XLIX)

HISTORIA
TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

(VOLUME X)

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1905

NAUFRAGIO

DA

NAO NOSSA SENHORA DE BELEM

Feito na terra do Natal no Cabo de Boa Esperança, e varios successos que teve o capitão Joseph de Cabreira, que nella passou á India no anno de 1633 fazendo o officio de almirante daquella frota até chegar a este reino.

Escritos pelo mesmo Joseph de Cabreira

OFFERECIDOS

A DIOGO SOARES

Do conselho de Sua Magestade, e seu Secretario de Estado em Madrid

Com todas as licenças necessarias

Em Lisboa

POR

LOURENÇO CRAESBEECK

IMPRESSOR D'EL-REI, ANNO DE 1636

A DIOGO SOARES

Do conselho de Sua Magestade, e seu Secretario do Estado

Logo que me determinei a publicar este naufragio, me senti persuadido a offerece-lo a v. m., assim pelos antigos favores com que meu irmão, e eu nos reconhecemos obrigados, como pela grande lisonja que faço a meus infortunios, vendo que os refiro a quem já passou os desta navegação, e saberá avaliar o que custam: e juntamente porque ficando desde agora em poder de v. m. me escuzo de outro memorial quando me veja nessa corte, onde espero ir lançar-me aos pés de v. m. a quem Deos guarde, &c.

Joseph de Cabreira.

PROLOGO

Ao leitor

Tres cousas me moveram a fazer este Tratado: a primeira, o proveito de que fique na memoria de todos um roteiro para semelhantes desgraças, que a prudencia dos homens até na inconstancia dos mares descebrio acertos para saber naufragar: a segunda, ver que tardava o padre Jeronymo Lobo da Companhia de Jesu, que de Angola passou a Indias, o qual mais miudamente, e com melhor rethorica traz escrita esta perdição: e a terceira, o pedirem-mo alguns ministros superiores, assim de Madrid, como desta cidade, e como as mostras de vontade de quem póde mandar, são leis absolutas para quem deve obedecer, me resolvi atropelar meu proprio conhecimento, e sahir, a luz com este naufragio; pois se para sofrer tantos, e tão grandes trabalhos, me constrangeo a profissão de soldado, para os imprimir me acobardava a insuficiencia de meu estylo, que é mui ordinario nos soldados saber melhor padecer os infortunios, que referi-los; e assim os offereço quasi em borrão, fiando de quem os ler, que considere mais a sustancia de seus transes, que o exornado das razões: advertindo, que como nunca tive tenção de fazer es-

te Roteiro, me foi agora difficultoso lembrar-me de muitas destas cousas; e que tambem devem de esquecer-me outras, ainda que não consideraveis para a certeza da historia, nem sustancias para a satisfação que procuro dar a todos deste successo infelice, que quando commummente não logre os aplausos que merece, nem em particular sirva aos ministros de memoria para o premio de tantos trabalhos, ao menos fio delle, que publique o zelo com que os vassallos de Sua Magestade o sabem servir em toda a parte, e os riscos a que se expõem em tão barbaros climas, com tão poucas esperanças de vida.

Naufragio da nao Nossa Senhora de Belem na terra do Natal no Cabo de Boa Esperança no anno de 1635

PARTI da barra de Lisboa para a India em seis de Março de 633 em companhia de tres naos, de que era capitão mór Antonio de Saldanha, fazendo eu o officio de almirante na nao Nossa Senhora de Belem, a mais fermosa, mais bem fabricada, e a maior que nunca navegou esta carreira; e todos prosperamente em boa conserva, chegamos a Goa em 19 de Agosto do mesmo anno.

Depois de descarregadas as naos se tratou do concerto dellas, principalmente da em que eu ia, por necessitar mais delle, assim por haver arribado, como invernado neste reino. E por razões que se offereceram, houve esta nao de ficar na India para melhor se concertar, o que fez de tudo o necessario até dia do Apostolo São Mathias 24 de Fevereiro de 635 em que o conde de Linhares Viso-Rei daquelle estado veio fazer desamarrar as naos, obrigando os officiaes ao trabalho, não só com sua assistencia, mas com grandes liberalidades, que com elles usou, de que aos da mi-

nha nao não coube pequena parte, porque ao mestre della Miguel Jorge o grego, deu um anel de um diamante de muito preço, que tirou da propria mão, e do pescoço um chaveiro de ouro, que deu tambem ao piloto; com que feitas as duas naos á vela, vi logo que na minha me quiz Deos mostrar um annuncio do triste fim que nos esperava; porque virando a proa para as praias de Bardes, mostrava que era melhor ficar nellas, que seguir a principiada navegação; que muitas vezes até as cousas insensiveis mudamente avisam dos successes futuros; mas esquecendo estes presagios com o tornar se a pôr a nao a caminho (o que se fez com excessivo trabalho) e seguindo nossa viagem, não deixei eu de ficar com grande cuidado pelo que havia succedido, em razão do receio que trazia, por haver estado a nao em seco duas vezes, posto que depois que encalhou a primeira, se havia concertado mui bem, o que tudo foi necessario por haver quebrado mais de quarenta cavernas, e braços, e haverem-se-lhe cortado os mastros para que pudesse sair do baixo, e depois de dada a querena, se emmastreou no Rio de Goa, com grandissimo trabalho por serem os mastros mui pezados, assim em razão do que excediam em grandeza aos que levou deste reino, como do excesso que faz o peso da pugna, de que estes eram, ao pinho de Flandes.

E saindo para a barra para se acabar de aparelhar, e tomar a carga da pimenta, e mais drogas, tornou a nao a encalhar no banco que faz a barra, onde esteve em quanto a maré vazou, e na enchente sahio do baixo, assim por espias dadas ao mar, que se viravam com a força dos cabrestantes, como por toas dadas nos navios da armada, que se remavam a poder de braço; o que tudo foi necessario; porque de mais ser a nao um monte de madeira, e já emmastreada, as pan-

cadas que deu com a quilha foram muitas, até por-se em nado, e assim surta na barra, se lhe deu outra querena por ordem do conde Viso-Rei, que em todos estes trabalhos acudio sempre com grandissimo cuidado, e só com sua presença se puderam vencer as muitas difficuldades, que então se offereceram, supposto que o dano que se lhe achou, foi só no codaste uma faceira de quilha fóra.

A consideração de todos estes successos me animavam o receio, com que vinha, e me fazia reparar muito na volta, e máo governo da nao, quando no principio desamarrou, e assim com este temor (ainda que vencido da esperança que tinha em Deos nos levar a salvamento) fui seguindo minha viagem, vendo-me em breves dias com novos trabalhos, em razão da pouca gente do mar que trazia, que não eram mais de cento e quarenta e cinco pessoas com os officiaes, de que a mais della vinha enferma, e debilitada, e a outra ainda mal convalecente das doenças que havia passado em Goa, e ser-me necessario vir de noite dando á bomba de roda com os escravos, que eram bem poucos, por poupar a gente do mar para as maiores necessidades ; pois em razão da que convem a uma nao, e da que levei deste reino, que foram duzentas pessoas de mar, vinha eu desemparadissimo de gente, e ainda essa que trazia tão enferma como tenho referido.

E desvelando-me muito a agua, que a nao tinha, perguntei aos calafates donde procederia, e me responderam, que da aguada que tinhamos feito para a viagem, e não me satisfazendo desta razão, assisti uma noite á bomba até a esgotar de todo, para averiguar o bem que tinha, ou o dano que me esperava ; mas ao outro dia achei a bomba com agua, e assim dahi por diante vinham todos os negros ao convés a dar á bomba por exercicio quotidiano, e tiravam sempre

quantidade della; o que me dava grande pena, porque ou fosse a agua das pipas, ou a que fizesse a nao, era sempre de dous males duvidosos haver de ter um por certo; porque ou a doce viria a faltar para o sustento da viagem, ou a salgada a crecer para impedi-la, com a felicidade que todos desejavamos. E esta afflicção occultava eu sempre a todos, pelos não desanimar, supposto que obrigados destes motivos foi geralmente profetizado o miseravel fim que tivemos.

Com esta ancia continuava a viagem trazendo sempre menos véla, que a outra nao, por conservar sua companhia, e assim mo ter ordenado Sua Magestade em seu regimento, e chegando á altura de cinco graos da banda do Sul entre os baixos das Sete Irmãs, e os de Pero dos Banhos, nos deu uma noite um chuveiro tão forte, que levou pelos ares a véla de gavea grande, supposto que vinha arriada, e bem á sombra do papafigo maior, e nesta faina se começou a sentir a falta da gente, assim por pouca, como por debilitada, com que trabalhosamente se acudia como convinha, por mais que a diligencia dos officiaes se adiantasse; porém navegando assim para mais altura, nos levou tambem a furia do tempo outras vélas de gavia, com que ao passo que nos cresciam os trabalhos começavam os temores, e a agua que a nao fazia a crescer para elles serem mais intimos, que este é um dos tranzes maiores da navegação; porque tudo impossibilita.

Quasi nesta altura se apartou de mim a outra nao, fazendo-se em outra volta; e se é que me fez os sinaes que o regimento de Sua Magestade manda, de cá os não vimos, não faltando boas vigias, ainda que as naos estavam um pouco desviadas uma da outra. Eu segui a mesma volta até amanhecer, em que me achei só; mas virando a capitania outra vez pelo rumo que o dia de antes levamos por ser o conveniente de nosse

navegação, nos tornamos a encontrar, e com uma vara de bons ventos Suestes que nos deram, fomos o primeiro dia de Maio amanhecer com a ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte graos ao Sul da linha, a qual fomos correndo de longo muito alegres, assim por irmos tambem navegados, como por fazermos ponto novo, parecendo-nos a todos que em breves dias nos livrariamos dos perigos que ha no passar do Cabo de boa Esperança, durando nos o vento que então levavamos; mas a capitania se foi sempre com a proa no mar, enchendo a altura, e se poz em mais de trinta e quatro graos, que é o sol que os meos pilotos tomáram, onde o vento passou ao Noroeste Oesnoroeste, que são nesta paragem os inimigos mais certos, que esperam as naos. Creceram os temporaes, amiudandose com tanta força, que conhecendo eu os achaques da minha nao, me cheguei á capitania, e lhe disse que eu me fazia na volta da terra, não só porque a razão o pedia, mas porque assim o ensinavam todos os regimentos dos pilotos antigos; com muita causa, porque em paragem de tanta altura, e tanto ao mar, sempre o perigo é mais certo, e os remedios mais impossibilitados, e junto á terra acham as naos mais abrigo, e em Abril, e Maio (porque os ventos cursam Levantes, e Nordestes) é melhor ir ver terra do Cabo em altura de trinta e um para trinta e dous graos, e não desgarrar tanto ao mar a buscar tormentas: de mais que para os infortunios desta navegação sempre na terra se offerece mais prompto acolhimento. Pelo que nesta volta viemos ambas as naos mais de oito dias até ver a primeira terra daquella costa, que entendo era de trinta e dous para trinta e tres graos, donde contra o curso ordinario desta monção começaram os temporaes a ser tão rijos, e continuos que parece que cada qual procurava de acabar com nosco de uma

vez, e era cousa digna de notar-se, que apenas havia alguma bonança, e lançavamos as rascas ao mar para colher algum peixe (que é o desta paragem com grande excesso o melhor que deve de haver em nenhuma do mundo) logo se nos seguia nova tormenta, de sorte que muitas vezes com o peixe entre os dentes se acudia a marear as vélas, e tinhamos já por certo sinal de borrasca, este breve alivio da pescaria, que com ser com tanta pensão, ainda o julgavamos por favor da ventura: que este bem tem o estado da miseria, que até os pequenos alivios recebe por grandes contentamentos.

A nao já neste tempo com o exercicio continuo de a desagoar, vinha mui falta de fuzis, chapeletas, e torneis de ferro para a bomba de roda, que as ordinarias não vertiam agua por sairem da India mal concertadas, culpa do calafate da viagem, que em Goa proveram em lugar do que levei deste reino, por ficar em terra mui enfermo, e este tambem o estava, como de sobreselente, e na India com a pressa da embarcação tratou mais de meter quatro fardos de canella, do que o necessario para as bombas; e o mestre da nao (que é o que podia acudir a estas faltas) tambem adoeceo malignamente, e muitos dias dantes não pode vir a bordo a tratar do que mais convinha para viagem tão prolongada: de maneira que todas estas cousas ao presente nos augmentavam o trabalho, e desde Goa parece que já nos encaminhavam a perder.

Mas por intentar todos os remedios, me cheguei á outra nao, e lhe pedi alguns fuzis, e arneis de bomba, e que me emprestasse algum calafate, e carpinteiro, e outras cousas, que tambem me eram necessarias; e porque neste dia em que lhe manifestei minha necessidade andava o mar grosso, e inquieto, não houve mais tempo que de falarmos, e dahi a dous me respon-

deram que deitasse o batel fóra para me darem o que quizesse, que foi o mesmo que negar-mo cortês, mas não piadosamente, porque lançarmos o batel era impossivel, assim porque elle não estava calafetado, antes mui esvahido, e uma das cousas que eu pedia era calafate, como se me faltava gente para a mareação das vélas, quanta mais me era necessaria, guarnecer aparelhos, e lança-lo ao mar, além de que tambem neste tempo trazia rendido o garlindeo da maior, e nem para se fazer um de páo havia carpinteiro da obrigação que o fizesse, porque o de viagem de mais de ser velho, estava mui doente, e o de sobreselente no mesmo estado.

Perdidas pois as esperanças de que a outra nao me socorresse, assim pelo que me responderam, como porque a furia do tempo não dava lugar, a necessidade sempre mestra, e investigadora de remedios, me encaminhou a valer-me do que tinha na propria nao, e assim mandei arrancar todas as argolas que cravam da banda de fóra da proa, e todas as que vem de baixo da varanda, que umas, e outras servem, para que os homens se embalsem, quando convem concertar, ou leme, ou proa, e destas metidas no fogo fiz fuzis, e torneis, remediando como melhor pude, o concerto da bomba.

A primeira manhã que o tempo nos deu lugar, mandei aos calafates assim doentes com mais alguns homens, que os ajudassem pela banda de fóra, a ver se havia alguma estopa sahida por baixo das mesas da guarnição, e á proa, e popa, que como a não trabalhava muito com os balanços por estes lugares obrigam as enxarcias a muito dano, e todo o que se vio, se calafetou o melhor que foi possivel; e imaginando eu que só por estas partes fazia a nao agoa, sempre que daqui avante nos dava algum temporal, tanto que

era mais brando, mandava pessoas de confiança ao porão, e por entre cubertas, a ver se ouviam, ou enxergavam alguma agoa; mas nunca se descubrio outra cousa, que gotejar da que vinha pelas amuradas, por estarem já as cubertas mui abaladas, e o costado mui esvahido, levada a estopa de muitas partes, com os grandes balanços da nao.

E porque o trabalho crecia cada vez mais, reparti a gente da nao em tres esquadras: o guardião Belchior Dias com os grumetes não só servia o seu officio, mas o de calafate, ajudando sempre com grande cuidado, e vigilancia no apresto dos fuzis, e chapetas da bomba de roda, que por infinitas vezes faltáram, quebrando a cadea por ser muito pesada. O contramestre com os marinheiros, que tambem acudia a seu quarto com pontualidade, e Simão Gonçalves Franco despenseiro da nao com os passageiros, e alguns artilheiros, que estavam com mais saude para o trabalho, a que todos assim por esta ordem acudiam com grandissimo desvelo, e assistencia.

Entramos no mez de Junho, que é a força do inverno, naquella costa, como bem á nossa custa o experimentámos, com os grandes furacões, e temporaes, que aqui tivemos, è dous dias antes de Santo Antonio nos deu um tão rijo, que nos deixou a todos atemorizados, e sem darmos lugar de tomar alento nos entrou outro a noite do mesmo Santo tão forte, que ficando-me a capitania por popa, por fugir ao mar, fui correndo com os papafigos, com o farol aceso, como S. Magestade ordena: mas quando amanheci, foi sem a outra nao, a qual não vi mais até o dia em que encalhei.

O ponto dos pilotos se fazia perto da bahia de São Brás, mas com a furia dos ventos, com os balanços que a nao dava não tinhamos lugar para se dar ás

bombas, que era só uma das do gancho, e outra da roda, com quem intentamos todas as diligencias para haver de as concertar, até querer tira-las, e meter outras velhas, que vinham na nao, o que não pudemos nunca effeituar, em razão do tempo, e a que laborava só ficou mal concertada, e assim nos ajudava pouco.

Pelo que considerando-me entre tantos apertos, e que para nossa conservação vinha a nao mui falta de tudo, e sobrada de miserias, e que os temporaes cresciam por momentos mais rigorosos, como que nos queriam consumir, comecei a tratar do ultimo remedio, que em casos semelhantes se usa no mar, ordenando que se fizessem gamotes no convés, prevenindo-me assim para os successos, que antevia; e como a gente era tão pouca, e o trabalho tanto, quando a occupava em uma cousa, me faltava para a outra; mas com tudo se concertáram quantidade de barris para os gamotes, e não tardando muito have-los mister, em que os passageiros, e os negros continuavam neste tempo com maior fervor, no que Simão Gonçalves assistio sempre, gostando muito de sua matalotagem para os esforçar, e animar, assim aos negros, como aos mais que o ajudavam.

E posto que as afflicções eram grandes, todos ainda neste tempo tinhamos muitas esperanças de que Deos nosso Senhor nos daria algum vento prospero para poder continuar nossa viagem, a dobrar o Cabo de Boa Esperança tão tormentoso e fatal para os navegantes; mas como as tempestades nunca nos davam mais descanço, que de cinco, seis horas, e nellas ficava o mar sempre tão grosso, e levantado, que este vinha a ser o maior perigo, porque a nao com os balanços de mar entravés era possivel que abriria mais, chamei a todos os officiaes que vinham nella, e a gente do mar mais pratica, e outras pessoas, e religiosos que me

acompanhavam, presente o escrivão del-Rei, lhes propuz, que considerando o estado, em que me via, e a paragem em que me tomavam tantas miserias, discursassem todos em seu entendimento, e vissem as suas consciencias o que melhor se podia fazer para salvação daquella nao, pimenta de Sua Magestade, e o mais que nella vinha, e dando-lhe o escrivão o juramento dos Santos Evangelhos a cada um per si, se assentou por todos, que a nao não estava em estado de poder tornar acometer o Cabo de Boa Esperança, e que antes arribassemos a Moçambique, se pudessemos lá chegar; porém o mestre foi de parecer como mui experimentado, que a nao não podia atravessar a buscar a cabeça da ilha de São Lourenço, e em razão dos ventos Nordestes, que muitas vezes costumam a ser naquella altura muito aturados, e tormentosos, e ser necessario o pairar com a nao, trabalho que ella já mal poderia sofrer, e que antes fossemos ao longo da costa alcançando onde mais perto pudessemos chegar.

E tomado pelo escrivão este assento no livro de S. Magestade, ficamos todos bem desconsolados, e muito affligidos, pois havendo não só dous annos, e tres mezes, que haviamos partido da barra de Lisboa, mas cinco que durava esta viagem, desda primeira arribada que fiz a este reino, nos viamos entre nossos trabalhos com mais certeza da morte, que de poder chegar a este reino desejado, premio, e apetecido descanço de todos os que se deliberam a tão prolongada navegação.

Estando as cousas neste estado, os temporaes com pouca differença uns de outros nos não largavam nunca, e como a agua principal que a nao fazia era pelo alto, e vinha por cima, calava pelos paioes da pimenta, com o que pouco a pouco foi inchando, e por alguma greta, que abrio cahia no porão de sorte, que por momentos crecia em tanta quantidade, que de todo nos julgamos por perdidos. Pelo que obrigados da

falta da gente, que não chegava a guarnecer as bombas, e os gamotes; acudiam a trabalhar até as mesmas mulheres, desanimando a todos, e enfraquecendo-os muito, assim as furias das tempestades, que nos não largava, como o grande frio que nos regelava, e o desvelo continuo de tantas noites; porém como em quanto se sustenta a vida nunca desmaiam as esperanças, depois de pôr todas em Deos, fiavamos de nosso trabalho, todo o remedio de tantas necessidades, e assim para tomar algum alento, se revezava a gente, e acudiam todos pontualmente á sua obrigação.

E como eu até então não presumia que toda a agua era por cima, ordenei a um marinheiro meu por nome Manoel Fernandes, que era o que só nos ajudava, por ser bom carpinteiro, porque o da nao, e o de sobrecelente, não sahiam de seus gazalhados (um por muito velho, e ambos por estarem doentes) que fosse a baixo, e fizesse exquisitas diligencias a ver se podia dar com agua para a remediarmos, e assim em uma noite de muito tempo, topou na proa por onde a nao a fazia, achando-a aberta por onde chamam o coral, e tudo como um canissado, de sorte que quando cahia com o balanço, se metiam uns paos pelos outros, entrando um rio de agoa, fazendo um estrondo grande, medonho, e triste, e se uma impulheta deixaramos de dar ás bombas, e gamotes, foramos a pique ao fundo; porque ainda assim a agoa crecia, mas parecendo-nos que tinhamos nas nossas mãos este breve intervalo da vida, por suste-la se trabalhava excessiva, e anciosamente.

Mandei com tudo ao mestre, e ao guardião com algumas pessoas mais, que vissem se naquella parte podia haver algum concerto, mas conhecendo elles que alli era a fortaleza da nao, donde vem a rematar, e fechar toda a obra della, vieram muito desconsolados;

mas nem assim não cessando de buscar-lhe algum remedio, se nos o tempo permitisse algum jazigo: quizeram nossos peccados que indo eu abaixo aos gamotes, que pareciam o retrato do mesmo inferno, assim com a motinada, e grita dos que trabalhavam, o es. trondo da agoa que cahia, como com os grandes balanços que tudo arrojava de um ao outro bordo, sem haver quem se pudesse sustentar, nem ainda estando pegados, e mandando eu chamar a este Manoel Fernandes para eu ver pessoalmente o que se podia fazer, vindo decendo pela escotilha donde estava o primeiro gamote, com um balanço cahio por ella até o porão, e quiz nosso Senhor que o guardava para valer-nos no que ao diante direi, que não topou em cheio em nenhum dos paos que estavam sobre a cuberta do porão, donde se enchiam os barris da agoa, á maneira dos que se põem nos possos das noras para afastar os alcatruzes, que se não quebrem nas paredes; mas deu tão grande pancada sobre a agoa, que eram mais de dez palmos, que vindo para cima meio desconjuntado, e moido, acabei de perder quasi toda a esperança que podia ter de remedio humano, confiando só no do ceo, pois não havia outra pessoa, que me ajudasse na obra de carpintaria com tão boa vontade, nem com tanta perfeição; e sendo que sempre nestas naos vão de ordinario entre a gente do mar homens deste officio, e de outros, nesta parti da India só com um Thomé Fernandes, que nos havia cahido ao mar de um vagado, havendo ido a bordo estando sangrado algumas vezes.

E porque nenhum remedio nos faltasse, tinhamos ordenado uma moneta estofada, para que dando-nos o tempo lugar a corressemos por baixo da proa da nao para por esta via se vedasse alguma agoa, o que o tempo nos não permitio nunca, antes rebentando

pouco a pouco os paioes de pimenta se começaram a entupir as bombas (rigorosa demonstração em tantas miserias, e quasi indicio certo, que nos profetisava o ultimo tranze.)

Neste tempo nos faltou o calafate de viagem de morte subita todo inchado, por se haver metido muitas vezes na agoa frigidissima, o que despertou o animo de todos para nos aparelharmos a dar conta a Deos de nossos peccados, confessando-nos, e fazendo outros actos de catholicos.

As tormentas não cessavam sem nos permitir lugar de descanço por quatro horas aturadas, e era tanto maior nosso trabalho, quanto mais nos chegavamos ás ultimas miserias de perder-nos.

E assistindo eu no convez com toda a gente, para que trabalhassem com mais pressa, por nos irem já faltando as bombas, que ocupavam uma Estacio de Azevedo Coutinho com seus escravos, e até sua mulher D. Isabel da Branches que com animo robusto offerecia á dureza do trabalho a brandura de suas mãos; e na outra revezados, hora Simão Gonçalves, hora o guardião, que sempre acudiam com singular cuidado, e eu no continuo laborar dos gamotes, me gritavam decima, que mandasse gente do mar a braciar a véla de correr, por não atravessar a nao, que já governava pesadamente, por levar toda a proa metida debaixo do mar, e nos não desse algum atravessado, que a acabasse fazer pedaços; que suposto que estava gente ás escotas, não bastava quando o mar crecia; e assim sempre que mandava alguns homens do mar, quando tornavam aos gamotes, se achavam mais dous, e tres palmos de agoa á popa, e á proa dobrados duas vezes, com cujos intervalos se acabaram de entupir as bombas, e só os gamotes laboravam com muito trabalho, pela muita pimenta que vi-

nha na agoa : e por isto não desocupava a gente para haver de alijar, que é um dos remedios destas necessidades, se bem a nao vinha tão descarregada, que o que então tinha de agoa lhe faltava de peso ; que se viera como costumam as da India, muitos dias antes nos tiveramos ido a pique sem nenhum remedio; mas com tudo sendo-me necessario alijar para mais alivio da nao, o não podia fazer, vendo que me havia de levar toda a gente se o quizera dispor, e gastar o tempo, que era o que eu mais poupava ; e só quem experimentou o que é uma nao da India com alguma carga entre cubertas, pode julgar como nos era possivel acudirmos com tão pouca gente ao que tinhamos entre mãos, e ao trabalho de alijar.

Tão rigoroso aperto me aconselhou a prevenir-me para o que esperava, e assim mandei por alguns negros, que por pequenos não serviam para a bomba, com o tanoeiro, e meirinho pôr em cima mosquetes, balas, coleiras de cargas, polvora, e as mais munições, que tudo mandei meter em pipas, e barris estanques, e juntamente algum arroz, que tudo ao diante nos foi necessario.

Pouco mais depois do São João, para remate de nossas ancias, veio a pimenta a fazer code já por cima da agoa, de maneira que uns áparta-la com paos,- e outros a tira-la, não vinham acima em cada e mpu lhete quatro barris de agoa, e ainda essa ametade era pimenta.

Aqui póde considerar todo o juizo desapaixonado, ou quem se vio em semelhantes naufragios, quaes estariamos todos, abarbados com a morte, sem divisar outro remedio mais que a immensa misericordia de Deos ; e assim tomando a Virgem Santissima por nossa intercessora, que como mãi de piedade ouvio nossos clamores, e nos deu o tempo algum alivio.

E porque já neste ia toda a proa da nao quasi metida debaixo do mar, e os gamotes de todo entupidos com a pimenta, por haverem arrebentado todos os paioes della, de sorte que só com enxadas se poderia tirar, fiz outro assento com os officiaes, e gente do mar, sobre o que se devia fazer, para salvarmos as vidas, e o mais que pudesse escapar, e assentou-se por commum voto de todos, já que as miserias nos chegavam a tanto aperto, que fossemos em demanda da terra para encalhar com a nao, e salvar a vida, o que a tivessee destinada por Deos.

E tomada esta miserrima resolução no livro del-Rei, fomos a buscar a terra, que ao outro dia vimos ser o principio da terra do Natal de trinta e dous graos, e não foi menos festejada, que se descobriramos a deste reino, que um estado penoso faz que alvorecem até as mesmas desgraças.

Aqui por aliviar a nao em vespora de S. Pedro, deitamos a verga grande ao mar bem resistidos do tempo, que ainda tormentoso mal nos prometia nem este breve desafogo, e indo assim correndo a terra por ver se descobriamos alguma praia, ou enseada, onde com menos risco, e mais commodidade pudessemos encalhar, vimos umas serras mui altas, e cortadas como de algum rio, e uns fumos em partes, como que havia povoações de gente; e como sempre nestes casos são tantos os pareceres, e as opiniões como as pessoas, me foi necessario particular favor de Deos para tomar resolução certa do que convinha que foi chegar-me bem á terra, para melhor poder divisar o que viamos; mas ficando-me o vento mais escasso, não pude canjar senão quasi uma legoa mais adiante das referidas serras.

Determinada a mais gente a encalhar logo com a nao por recearem irem-se a pique, por quanto a agoa

crecia cada vez mais, eu o não consenti, antes atropellando por todos os pareceres, e confusões, mandei surgir com uma ancora, não cessando de dizerem uns, que alli nos haviamos de afogar sem remedio algum, o que não chegaria a todos se não encalhassemos : outros, que aquella noite por isto ser já bem tarde, nos havia de quebrar a amarra, e dar a nao á costa, e com a escuridade não ser possivel escapar pessoa alguma.

Com tudo entre este laberinto de pareceres, e guiado de melhor discurso, mandei lançar o batel fóra, no que tambem houve bravas opiniões, e grandissima confusão ; e em fim metendo-me nelle já disposto a morrer, ou a reconhecer a praia que nos ficava atraz, e em que sempre puz o olho para nossa salvação, e bem pronostiquei como ao diante sucedeo, levei comigo ao guardião da nao por obrigado acompanhar-me quando sahia della, e trinta e sete homens mais, todos armados com seus mosquetes e espingardas, um barril de polvora, ballas, e a corda necessaria, sem nenhum mantimento, porque a pressa o não permitio.

E pedindo ao padre Jeronymo Lobo da Companhia de Jesu quizesse acompanhar-me naquelle tranze, pois em todos os da nao o havia feito com grande caridade, elle por sua muita virtude houve por bem de o fazer : juntamente chamei ao padre Fr. Antonio capellão da nao, e sendo bem tarde me larguei della, que vista de fóra estavam torcidas as sintas á maneira de um cajado, e determinando primeiro reconhecer as serras que havia discurrido, que a praia que me ficava defronte da nao, disse aos que nella estavam, que até o quarto da madorra tornaria a dar razão do que tivesse visto.

E sendo eu julgado de todos que ia a morrer por quanto na aspereza daquella costa mal se podia navegar com embarcação muito grande, quanto mais em

um batel tão pequeno; com tudo entendendo que só por este caminho tão arriscado podia haver alguma esperança de remedio, tendo-a mui grande em Deos nosso Senhor, me resolvi entre tantos trabalhos a expor-me a este com tão evidente perigo de minha vida: mas como confiava que o logro havia de ser grande (ainda que o aperto foi um dos particulares em que me vi) tudo considerava facil no proveito de poder chegar a terra, aonde dando a nao á costa, era força, que a maior parte da gente se salvasse em jangadas, em paos, e taboas; e que indo assim algum meio morto, ou de frio, que era grandissimo, ou ferido dos prégos, e rachas, e atropelado do rolo do mar, que arrebentava furiosissimo muito antes de chegar á costa, não visse algum alarve de entre aquelles matos, e pelos roubarem acabassem de os matar, a cujo resguardo eu podia acodir, com a gente que me acompanhava. E tambem tomando terra deixa-los assim armados, cubertos com alguma trincheira, ou valo para defensa dos cafres que baixassem á praia, como para recolher seguro tudo o que podesse sahir a terra, e voltar-me outra vez para a nao, para o que conviesse fazer-se della.

Com se remar fortemente, e a agoa ir comnosco, não pude chegar a terra senão com o ar mui pardo, depois de se haver posto o sol, e me vi em grande necessidade, por andar o mar mui alterado, e nos não dar lugar a descobrir nada; e era grande mercê de Deos não arrebentar no batel alguma das muitas ondas, que de longe vinham quebrar na costa, porque infalivelmente pereceramos todos: e como com a noite não podiamos ver, nem ainda as serras altas, alargando-nos um pouco espaço para fóra surgimos com uma fateixa, escolhendo este pelo ultimo remedio, pois não descobriamos outro, aparelhando-se cada um em

seu coração, para dar conta de seus peccados, parecendo-nos que nos não poderiamos sustentar sobre o mar, nem duas horas.

Mas por entre a grande miseria daquella noite, assim com os grandissimos frios, como com o muito mar, que atravessava por cima do batel, veio rompendo a manhã, pelo que tratamos logo de fazer ao que haviamos vindo; mas sem divisar paragem donde pudessemos chegar com o batel, nem ainda que vimos as serras talhadas, destinguir claramente se havia rio caudaloso; porque como o mar na resaca andava mui levantado, e arrebentado em flor muito distante della, por serem tudo baixos, era impossivel recochecer o que pretendiamos.

E com esta desconsolação ao longo da costa fomos remando outra vez para a nao com excessivo trabalho, por quanto nos detinham as agoas, que velozmente corriam para o cabo de boa Esperança, e a gente não só cortada dos trabalhos passados, mas muito fraca, pela falta do comer; e assim andavamos pouco; mas com tudo com o cuidado em vigiar se havia alguma parte onde pudessemos chegar, o que não permitio Deos que fizessemos, porque quiz sua divina providencia que toda a obra fosse sua, pois sendo isto quasi ás tres da tarde, em dia de S. Pedro, estando á vista da nao, não pude chegar a ella, e surgindo outra vez para descançar a gente, tornou o vento a crecer do Sueste (que é travessão naquella costa) e o mar a cruzarse dos tempos passados Oestes, Oessuduestes, de maneira que vendo-nos em tão miseravel estado, recorremos todos a pedir a Deos misericordia, pois mostrava que nem era servido de que tornassemos á nao a buscar nossos companheiros.

E fazendo o padre Jeronymo Lobo em alta voz um acto de contrição, que todos repetiamos, puzemos a

popa no mar, e a proa em terra, e remando a todo impeto, porque o batel fosse mais despedido levados do vento, e das ondss nos dispuzemos a encalhar onde melhor pudessemos, e já perto da terra veio um mar como um monte, que cubrindo-nos por cima, ficou o batel cheio de agoa, e a não ser um marinheiro, a quem chamam Antonio Domingues, que ia governando com um remo por leme, junto do qual eu ia, sem duvida fora este o ultimo tranze; mas sempre animado, e com grande sentido procurava que não atravessassemos no alto deste mar, a que logo se seguiram outros não menos terriveis, como é costume em costas bravas. E gritando pela Virgem do Rosario sempre protectora nas maiores miserias, foi ella servida que fossemos a terra por baixo delles, e misturados com as ondas sem ninguem se afogar, antes levando todos suas armas nas mãos, aventurando-se mais os que melhor nadavam, que em tomando pé, acudiam a ajudar aos outros, se foram salvando todos. Eu que sabia mal sustentar-me sobre a agoa me deixei estar até que puxaram por mim, e tambem pela misericordia de Deos fui a salvamento.

Tiramos as munições, e a polvora enxuta, por ir em barril estanque, tratei primeiro que tudo de que se fizesse fogo nas pedras das espingardas para enxugarmos as armas, e voltando para o batel, vi que estava já meio quebrado, e todo cheio de area, julgando este por um dos maiores milagres que Deos nosso Senhor nos fez, nos abraçamos uns aos outros, dando-lhe muitas graças; e como pessoas que de novo naciamos para esta vida, havendo-nos visto quasi na outra.

Recolhemo-nos logo a um pequeno mato que nos pareceo mais acommodado, assim para nos defendermos dos alarves da terra, como para nos enxugarmos,

fazendo cada um fogo onde melhor lhe pareceo, o que bem permitia a muita lenha de que esta terra abunda.

Neste tempo tanto que os da nao viram que o batel virára logo entenderam pelo grosso mar que fazia, que me ia a perder, e picando a amarra, largáram o traquete, e vieram para o mesmo lugar, que era pouco mais adiante que as serras que atrás digo, onde sempre tivemos tenção de encalhar, e como o vento era Levante, vinham em popa, o que visto por nós fomos correndo a praia, e lhe puzemos na ponta de uma lança uma toalha, para que vissem, que nos não tinhamos afogado, e que os podiamos ajudar quando encalhassem; mas como com o grosso mar nos não podiam ver, e a nao não queria governar, ora punha a proa para o mar, ora para a terra, imaginando que os mais que tinhamos vindo no batel eramos afogados, se foram buscar a praia, em que assima muitas vezes tenho fallado, e eu havia ido reconhecer, e nella encalháram, mui perto onde um rio sai do mar, que de uma, e outra parte tudo é baixo de area, e pelo canal vaza, e enche a maré com muito impeto, sendo donde tocáram a terra, mais de um terço de legoa, e como era baixamar, e andava toda a costa em flor, não divisáram por então o canal do rio, e abonançando o tempo algum pouco, tiveram mais esperança de vida, passando aquella noite, e o dia seguinte em mil discursos.

E' necessario advirtir aqui, que tanto que me sahi da nao, deixando ordem para isso, alijáram ao mar tudo quanto estava á proa, e no mais corpo da nao por cima, com que se puderam sustentar até vir encalhar.

Ao outro dia depois de a nao estar encalhada, botaram ao mar um balão que vinha nella do conde Viso-Rei que foi todo o nosso remedio, e se meteram nelle os mais aventureiros a ir reconhecer se tinham

canal, ou paragem comoda para desembarcar, que posto que o que havia era muito estreito, e de sete até oito palmos de agoa, não dava jazigo senão a espaços, porque quebrando o mar no baixo, corria toda a costa com grandissimo impeto, e impetuosa resaca.

O dia em que me perdi no batel, que foi o mesmo em que encalhou a nao, vieram a demandar alguns alarves a gente que comigo tinha vindo, que eu deixei com o padre Jeronymo Lobo, por eu haver ido com alguns homens por cima de uma serra a descobrir aonde a nao estava encalhada, e com toalhas lhe fizemos muitos sinaes para que todos nos animassemos, assim elles por ver que haviamos escapado da força do mar, e que tambem podiam vir a terra aonde os podiamos ajudar, como nós, parecendo-nos que tinhamos companheiros, para os futuros trabalhos que esperavamos, que não é pequeno alivio para os desgraciados, vêr que tem participes em seus males.

Ao outro dia antes de amanhecer mandei ao guardião, e Simão Franco, com mais quatorze pessoas da melhor gente que tinha vindo comigo todos armados, para que fossem defronte donde a nao estava aos ajudarem no que conviesse, em quanto eu o não podia fazer, por ficar acompanhando o resto da gente, a mais della impossibilitada para poder caminhar: partidos elles veio o sol saindo, e de entre os matos ajuntar se poucos, e poucos tantos alarves, que vieram a ser mais de trezentos, o que nos poz em grande cuidado, por sermos tão inferiores em numero, e os mais delles quebrantados da agoa do mar, e não bem armados.

E' esta terra de ares excellentissimos, e de grandes matos, madeiros mui altos, e grossos, e de suaves cheiros, supposto que os frios são excessivos, ha muita lenha, e como o sol levanta aquenta bastantemen-

te a terra; isto é no inverno, que quando se chega mais a nós, não deixa de haver calma, mas mui sofrivel sem fazer mal o sol, porque andando nós sempre a elle nos não adoeceo nunca ninguem, antes vindo a gente mui doente, convaleceo a maior parte della, e só nos morreram quatro, ou cinco pessoas, que do mar vinham mui enfermas; e com o temor, e espanto de se verem deitados naquellas praias, acabaram as vidas nos primeiros cinco ou seis dias, os quaes enterrámos em um lugar que para isso se escolheo, por nos parecer que morreria muita gente, pondo-lhe uma cruz sobre a sepultura, o que nos movia a grande magoa, e acrecentava maiores saudades, por vêr nossos companheiros enterrados donde nunca puzeram pés mais que alimarias bravas, ou aquelles alarves naturaes, que tambem se distinguem pouco das proprias féras.

A gente desta terra é muito enxuta, e direita dos corpos, grande das estaturas, e fermosa de gestos, mui sofredora de trabalhos, fomes, e frios, vivem duzentos annos, e ainda mais com boa saude, e com todos os dentes, e são tão ligeiros, que andam por cima das fragozidades das serras, tão velozmente, como veados, andam cubertos com umas péles por cima dos hombros, que lhe chegam por baixo dos joelhos, estas são de vaca, mas por seu artificio as abrandam tanto, que parecem um veludo, entre elles tambem ha pobres, e ricos, mas isto vem a ser o que tem mais, ou menos vacas; trazem todos na mão uns paos de quasi dous palmos, e por remate delles um rabo como de raposa, que lhe serve de lenço, e abano, usam de umas alparcas redondas de pele de elefante, que trazem dependuradas nas mãos, e nunca lhas vi postas nos pés: as armas de que usam são azagaias com seus ferros bem feitos, e largos, seus broqueis de pele de elefante com impunhadura como os nossos, mas á feição ou modo

de adargas; os mais ricos se servem de outros: todos trazem cachorros cortadas as orelhas, e rabos, com que caçam porcos montezes, e veados, como tambem bufaros, elefantes, tigres e leões, e muitos cavallos marinhos, e das aves ha perdizes, galinhas do mato, tambem ha cazeiras mas são muito pequenas, pombos verdes, e papagaios, que é mui bom comer, porque destas matamos muitas, tambem ha coelhos, lebres, ginetas, que tudo isto tomamos em laços: os Reis tem quatro, cinco, e sete mulheres, estas todas são as que trabalham, semeiam, e lavram a terra com uns paos para disporem suas searas, que são de milho tão grosso, ou mais que linhaça: tambem o ha de maçarocas; semeam balancias mui grandes, e mui boas, feijões, abobaras de muitas castas, canas de assucar, ainda que disto pouco nos trouxeram; mas o de que mais fazem fundamento é de vacas, que são fermosissimas, e o mais manso gado que tenho visto em terra alguma; quando é o tempo do leite se sustentam delle coalhando o, e fazendo-o azedo, do que nós gostavamos pouco. Comem tambem umas raizes, que na feição se parecem com o trovisco, e dizem lhes dá muita força, e assim ha outras que dão uma semente miuda, que tambem nasce debaixo da terra, a qual comem com grande gosto, e a rezina das arvores, sem gastarem nenhuma fruta da que ha nos matos, em nenhum modo, o que nos foi a todos de muita utilidade; porque com ella nos ajudamos a sustentar muitos dias, posto que não tem semelhança com nenhuma deste reino, nem com as que ha na India. Nos casamentos não trazem as mulheres dotes, antes elles os dão a seus paes de vacas, e ellas são como suas cativas, e de seis, ou sete que elegem cada lua metem uma em casa, sem que as moleste ciume algum, e até as suas joias são para elles, porque ellas só trazem suas peles

melhores, ou peiores, conforme a possibilidade de seus maridos. As joias são manilhas nos braços, e arrecadas nas orelhas, ou de cobre, ou de osso.

Postos pois em terra, como tenho dito, resgatamos algum milho, que ellas traziam as mãos cheias, e sinalei ao padre Jeronymo Lobo, para que corresse com isto a troco de algumas fechaduras, azelhas, e prégos de escritorio; e estavamos tão cortados da fome, por haver tres dias que não comiamos mais que uma meia costa de biscuito, e ainda menos, que a cazo trouxe o padre atado em uma toalha, repartindono-lo que chegasse a todos, que eu me senti tão fraco, que me fui a umas figueiras bravas, e me puz a comer-lhe os cardos de dentro, que ainda que imitam ás da India, e lá usam os naturaes este mantimento, não é nada saboroso.

Quando estes alrarves chegavam aonde nós estavamos, que era com as costas em um mato, que nos servia assim de defensão do frio, como para elles quando nos quizessem acometer; em um monte de area, que estava defronte, pregavam as azagaias primeiro que chegassem a nós, e dalli por acenos nos diziam, para que tinhamos as armas nas mãos, quando elles estavam com as suas postas de parte; e como nisto mostravam desconfiança, e o tempo era de cobrar amigos, eu me resolvi a me meter entre elles, largando a um companheiro nma espingarda que tinha, ficandome com uma pistola na cinta, e com uma adaga, a primeira cortezia que lhes fiz, foi pegar-lhe pelas barbas, e esfregando-lhas mui bem, e logo sentar-me entre elles, de que se mostraram mui contentes, por entenderem ser eu o capitão daquella gente, me davam grandes louvores, chamando-me na sua lingoa, Canansys, Molumgo, Muculo, Manimusa, que na nossa querem dizer grandes titulos.

Alli estivemos largas duas horas até que se dividiram para varias partes. E mandando eu um grumete com um barril a buscar agoa a uma ribeira que não estava longe, lhe sairam alguns do mato, e lho tomaram, e uma faca, dando-lhe algumas pescoçadas, tornando-se a embrenhar. E parecendo-me, que com lhe fazer uma negaça poderia satisfazer-me, matando algum, como que tambem julgava que me seguraria para passar aquella noite, chamei um marinheiro, que se não prezava de pouco valente, e com a sua espada na mão o mandei que fosse encher um caldeirão á ribeira com o sentido nos alarves não lho tomassem; e eu me fui nas suas costas com quatro espingardas em mãos de bons tiradores, e porque nos não vissem ficamos um pouco atrás encubertos com um recanto que fazia a terra. O marinheiro chegou, e como não vio ninguem poz a espada no chão, e o caldeirão, e tirou-lhe a tapadoura para o encher de agoa decima de umas pedras; ficava pelo alto delle uma mouta, detrás da qual estava acachado um alarve que de subito se ergueo, e saltou mais ligeiro que um galgo, donde o marinheiro estava, e lhe tomou o caldeirão, e a tapadoura com acção tão repentina, que o deixou tão assombrado que se não soube determinar; nós acudimos, e quando levamos as espingardas ao rosto já o negro, como um passaro, ia por cima de umas serras, e posto que disparamos, não fizemos tiro certo, do que elles tomaram ousadia para nos acometerem á noite, vendo que as nossas armas lhe não faziam dano, e eu não deixei de ficar com cuidado, receando-me do que me succedeo.

Tanto que a noite cerrou bem, tendo postas sentinelas aonde entendia que melhor convinha, todos com suas armas prestes para nos defendermos, estando com a mais gente metidos no mato que assima digo, aquen

tando-nos ao fogo, gritavam arma, arma, a cousa era que vinham pela praia mais de trinta negros com grandes gritos, e dando muitos saltcs de uma parte para a outra, a que acodimos logo esses poucos que estavamos, bem fracos, e debilitados, sem que eu consentisse que se fizesse tiro algum, senão quando lhe tivessemos as espingardas nas barrigas, porque ainda que recebessemos alguma zagaiada se lhe matassemos um par delles nos respeitariam mais; mas a gente, como mal diciplinada, sofria mal esta ordem, que a experiencia me havia ensinado quando melitei na India com gente de mais razão do que esta era, e esperando primeiro conhecer o damno que lhe faziamos com nossas armas, e segundo elle nos cometiam mais ou menos. E vendo uma das sentinelas, que ficava da parte donde elles vinham, que não chegavam mais para avante, e que estavam de nós mais de menos de tiro de espingarda, levado de brio largou o lugar em que estava, e se foi caminhando para elles, eu o reprendi com palavras, e lhe dei de espaldeiradas tornando-o recolher a seu posto, conhecendo do intento dos barbaros, que não pretendiam mais que sairmos-lhe á praia, que como elles eram ligeirissimos facilmente nos desbaratariam. E estando assim quasi duas horas sem se querer chegar mais para diante, nem nós largarmos as costas do mato, donde em outros que estavam perto deste estavam embuscados muitos alarves, dando-nos sempre grandissimas coqueadas, vieram a declarar seu intento, aprovando o meu, porque se espalharam, e nos cercaram em roda vindo muitos pelas costas, que era mato mui fechado, e por uma serra abaixo por onde andavam tão livres, e soltos, como em campo razo, e quebrando o mato para poderem passar se vieram pôr em riba de uma ribanceira que nos fazia costas, e dahi nos atiravam com gran-

dissimos penedos, e torrões acertando a muitos nas cabeças até dos que estavam deitados por falta de saude, pelo que nos foi necessario apagar o fogo, para que com a sombra da noite ficassemos mais encubertos, e não nos acertassem tanto.

Este assalto sentimos notavelmente, porque como não havia vinte e quatro horas que estavamos em terra, e ainda mal enxutos da agoa do mar, e mui consumidos do frio, e da fome, com a gente mais bem disposta, e com mais armas dividida, a qual por minha ordem havia ido pela manhã a donde a nao encalhara, esperando que viesse á noite, e como me faltava não deixava de me dar grão molestia, assim para me ajudarem, como por saber o que lhe havia acontecido. Com tudo tratando de nossa defensa com a gente que tinha me deixei estar com as sentinelas nos mesmos postos, que eram na boca do mato da banda de fóra, donde se descobria a terra que me era necessaria, repartindo outra gente por onde elles vinham, quebrando os paos para se meterem comnosco, que ainda que pouca estava com bom animo, e puz emcima de duas arvores duas pessoas com seus mosquetes, e a outra bem junto ao mato com pistolas, e espingardas, dando lhe ordem que não disparassem, senão tendo-lhes as bocas nos peitos: eu corria todos os postos, porque não fiava a vigia de outrem; os alarves que continuavam com as pedradas para nos inquietarem, depois do fogo apagado acertaram menos, e chegando-se bem perto um marinheiro a que chamavam Vicente de Souza, e era o que estava emcima das arvores, nos estreou com um bom tiro, com que logo deu no chão com um alarve; nós então demos uma carga pequena, mas bastante, porque todos empregavam as balas, maiormente um castelhano, por nome Manoel Moreno, com que os ne-

gros afrouxaram alguma cousa, mas não que nos deixassem sossegar em toda a noite.

Como a nossa gente era pouca, e não tinha com quem mudar as postas, estavam todos bem cortados do frio, mas assim passamos até a madrugada, ajudando-nos o padre Jeronymo Lobo, e o padre Frei Antonio capellão animosamente, e com alguma gente que não estava para outra cousa, a enterrar uma fateixa que havia escapado do batel, em quanto de madrugada determinava de marchar para onde estava a nao, onde tinha mandado a outra gente, de que até então não tinha recado do que havia acontecido.

O padre Jeronymo Lobo, como bem experimentado em trabalhos semelhantes quasi a estes no Prestes João, onde havia estado muitos annos, nos era grande caminheiro, e servia de grande alivio, posto que todos julgavamos, que por aquellas brenhas, e praias desertas, não podiamos sustentar a vida oito dias mais ou menos, pois os perigos eram tão continuos, e a falta de tudo tão grande.

Tanto que a manhã veio rompendo nos mudamos daquelle lugar, levando revezadamente ás costas um barril de polvora, com que mal podiamos; indo diante a gente mais fraca, e debilitada, e detrás com as armas nas mãos os que para isso prestaram, e como a praia era em partes de area solta, e em outras coalhada de muitos seixos, não podiamos marchar bem, mormente quem levava pezo, e assim nos conveio enterrar a polvora no espesso de um mato, parecendonos que ninguem nos via para a virmos buscar ao diante, o que depois fizemos, e achamos que no la tinham os alarves levado, que devia de servir-lhe de bem pouco.

Os negros como nos viram largar o sitio vieram até cem homens, e se meteram no mato aonde haviamos alo-

jado, a roubar o que presumiam lhes ficava, e assim nos não seguiram, que fora grande damno, porque com excessivo trabalho; e todos feitos pedaços, subimos uma serra até chegarmos aonde tivemos vista da nao, e de alguma gente que já andava em terra, que logo nos veio demandar com muita alegria, porque o balão já ia, e vinha á nao com mais confiança por se haver achado o canal do rio, que alguns tinham atravessado a nado, e nos trouxeram alguma cousa de comer, a que o gosto presente nos fazia perder a vontade, que tal é muitas vezes o effeito de um contentamento grande, que faz esquecer até dos meios de sustentar a vida.

Passando á outra banda do rio com toda a gente, e desembarcando os que estavam na nao, uns em jangadas, outros no balão, começamos a tirar algum mantimento, e a fazer choupanas de paos, e palha, de que a terra é bem provida, formando um arraial, resguardado pela parte de terra com sua defensão, que nos cercava em roda, feita com paos postos encima de algumas pipas que sahiram á praia, tapando por baixo com espinhos, que era o que por então o tempo nos permitia. Reparti a gente em tres esquadras para se vigiar de noite, o que sempre se fazia com as armas na mão, situando o corpo de guarda no meio do arraial, donde recolhiamos o mantimento que se tirava da nao, e mandei pôr um sino, que a badaladas repartidas pelos quartos mostrava que as postas estavam espertas gritando umas ás outras em alta voz: alerta o da vigia, começando o que guardava as armas, a que todos respondiam, ficando eu satisfeito que se vigiava a toda a hora, e os alarves advertidos tambem de que não dormiamos, pelo que vindo de noite algumas vezes nunca nos ousaram de acometer vendo o nosso cuidado.

O balão tinha um pouco apartado de nós, mas se-

guro de se nos quebrar na costa, porque estava no rio abrigado dos temporaes, tão ordinarios nesta costa, com tanto excesso aos das outras, que muitas vezes arrebentava o mar tão furioso, que nos parecia que havia armadas fora que se desfaziam com artelharia; tal era o estrondo naquellas ondas.

Dentro no balão dormiam grumetes com seus mosquetes, e uma noite vindo os negros para lhe cortarem o cabo que tinha em terra, sendo sentidos lhe tiraram duas mosquetadas, que no arraial nos inquietaram muito, e pondo a gente em arma, lhe dei ordem que em nenhuma maneira largassem seus postos, antes delles se defendessem, em caso que fossem cometidos; e tomando eu dez homens, fui acodir ao balão, cuja gente se animou muito em ver o cuidado com que eu assistia a todos estes perigos, sendo o primeiro que me offerecia a passa-los,; os negros se meteram no mato, e assim servi eu só de animar aos do balão, encomendando-lhe a boa vigia, e me recolhi mui trespassado do grande frio.

Com mais algum descanço comecei a considerar o sitio da terra, os grandes arvoredos, e me resolvi comigo a fazer a embarcação com a commodidade do rio, dando-nos Deos vida, e este meu intento não quiz então descobrir nunca a pessoa alguma, mas fundando-me nesta tenção fiz diligencia, com que pouco a pouco se fossem pondo em terra alguns fardos de arroz, e alguns barris de pão, de peixe, e de carne, ainda que disto mui pouco, e tudo com grande perigo, e trabalho, pelo grosso mar que sempre andava, que muitas vezes passaram tres dias que não havia lugar de ir á nao aonde sempre estava gente, porque lá comiam mais á sua vontade, posto que as noites lho descontavam com o temor grande que tinham, assim pelo muito mar que vinha quebrar na nao, como pelo

muito que rangia, porque se não sustentava mais que na fortaleza dos vaos, os quaes eram sómente os que a obrigavam a que senão espedaçasse de todo, porque o mar enchia, e vazava nella como em uma canastra rota, de modo que o que ficava debaixo das cubertas de maré cheia estava tudo na agoa.

Nos primeiros dias fui eu á nao a buscar as vias de Sua Magestade que trouxe a este reino; e logo a polvora, balas, e corda, e as mais armas que já tinha embarrilado, como atrás digo, o que fiz com notavel perigo, porque nos teve o mar sosobrado o balão, e não havia quem lá quizesse ir, se eu não fora, chamando para este effeito os marinheiros mais fortes para melhor remarem.

Tambem já tinha posto em terra toda a pedraria, ambar, almiscar, e pedras bazares, aljofar, que os officiaes tinham em seu poder, a quem dei ordem para o desembarcarem, e terem comsigo, até o mandar registar, e elles mesmos o entregaram em Angola quando lá se depositou por ordem do governador, e da junta da fazenda daquelle reino, como ao diante se dirá mais por extenso.

E continuando nestes primeiros dias com esta desembarcação, que só algumas manhãs nos permitia o tempo, fomos ajuntando em terra todo qnanto arroz nos foi possivel, que veio a ser seiscentos e quarenta fardos, que ainda que molhado, um comiamos logo, e o mais enxugavamos, para o que fizemos uma tercena, onde se recolhia, tendo-o todo á sua conta o padre Jeronymo Lobo para o repartir avizando-me do que era necessario.

A' praia vinham alguns barris, em que se tinha metido assim roupa como peças, mas como da nao se deitava ao mar á discrição das ondas a maior parte disto, se a maré vazava, ia ter a outras praias don-

de se enchiam de ricas cousas, posto que tudo podre, e molhado, e de nenhuma se aproveitavam aquelles alarves, senão só de quatro pregos se os achavam, o que eu lhe defendia como se foram diamantes, em razão de que se elles se abastassem disto com difficuldade nos resgatariam cousa alguma, que era o em que eu mais estribava, posto que até então não tinham communicação comnosco, mais que alguns miseraveis que vinham mariscar aos mexilhões, a quem não faziamos damno.

Tudo isto succedeo até dez de Julho, em que eu já tinha declarado o meu intento de fazer embarcação, que pela falta que havia de carpinteiros lhe parecia a todos impossivel, e fallavam em marchar, movendo-os a isto, aparecer a caso entre elles o tratado da nao S. João que traziam de rancho em rancho, do que eu me não dava por sabedor, ainda que os não deixava de contradizer um marinheiro dos que alli havia, por nome João Ribeiro de Lucena, que foi um dos que escaparam daquella miseravel perdição, o qual como experimentado, além de elle ser homem de boa razão, lhe propunha as grandes difficuldades que havia em caminhar por terra; com tudo havia tantas alterações, que eu mandei lançar um bando, que toda a pessoa que quizesse marchar viesse dizer-mo, que eu lhe daria resgate para o caminho, porque a mim me seria mais facil fazer uma embarcação que duas, e haveria mister menos mantimento.

Este lanço uzei para conhecer os animos de todos (que depois me pezou bem, porque descobri religiosos que seguiam esta facção) tratando já mais de conservar a amisade de um marinheiro, que a de seu capitão, e amigo; e isto andava assim tão revolto, que os que queriam caminhar andavam fazendo gente, e ainda aquella que eu sabia que estava com animo de me

acompanhar sempre, se deixava persuadir, e até os que eu tinha escolhido para a obra que determinava fazer de embarcação, por lhe achar mais geito para cortar com um machado.

Estando uma manhã na praia com alguma gente, esperando o balão que sempre vinha com muito perigo, e por baixo do mar, e ao chegar a terra se metia a gente na agoa até os peitos, uns a telo mão, que não se fizesse em pedaços na praia, outros a desembarcar o arroz, se vieram os que queriam marchar a mim mui cortezes, e me deram um rol, representando-me que o haviam feito pelo bando que eu havia mandado deitar, o qual me entregavam para que eu ordenasse o que melhor fosse para salvação de todos, recolhendo eu o papel lhes disse, que o não queria ler, mas sómente saber se queriam correr a fortuna, que me esperava, pois até aquelle tempo todos a haviamos passado, e que de crer era que eu que não tinha mais certeza da vida que cada um delles, e que assim devia de trabalhar, porque todos nos salvassemos, mórmente que elles excediam o modo que eu lhes concedia em fazerem gente, porque me desemquietavam até os homens que eu tinha escolhido para me ajudarem na obra dos navios, ainda que aquelle bando só o deitára para conhecer os animos, e brios com que elles estavam, e não para que desejasse aparta-los de mim, porque estimava muito aquella acção, de mais que os velhos, e doentes que havia, nem podiam marchar com elles, nem a mim ajudar-me. Todos me responderam com grande obediencia, e mostras de muito amor, que a mim só conheciam por seu capitão para me acompanharem sempre, e para me obedecerem, e que só não haviam de reconhecer aos officiaes da nao mais que a minha pessoa, que sómente os havia de mandar, a que disse, que como já não havia náo não havia

officiaes para os mandarem, mas que todavia lhes deviam respeito como mais velhos, mais experimentados e como a pessoas que os haviam governado, e lhes disse tambem, que a nossa perdição se havia de differençar das outras em tudo, porque entre nós não havia de haver senão muita conformidade, e amizade, para que assim nos fizesse nosso Senhor mercê, e que se tratassemos de outra cousa todos nos perderiamos, comendo-nos, e matando-nos uns aos outros, que eu da minha parte lhes prometia não haver morte alguma, antes os ajudaria como até então tinham visto, sendo o primeiro que me arriscava aos perigos, que os trabalhos todos os passavamos igualmente, sem me differençar delles em cousa alguma.

Nesta conformidade ficamos todos quietos, e eu resoluto na minha obra, comunicando com o mestre como homem de tanta experiencia, o modo de navios que devia fabricar com mais officiaes, e com Manoel Fernandes em que acima falo, que já andava melhorado da cahida que fez pela escotilha da nao, em que eu tinha todas minhas esperanças, pois só elle era o carpinteiro que nos havia ajudado, e ao presente com animo se deliberava ao fazer, nos fomos todos a uma praia de area, e nella fizemos a fórma dos navios, a modo de barcos sevilhanos de sessenta palmos de quilha, dez de roda á proa, nove de pontal, e vinte de boca, e feitas de taboas as fórmas das cavernas mestras, em um sabbado vinte de Julho fomos a um mato, e em nome de nossa Senhora da Natividade benzemos as arvores, fazendo-lhe todos voto de que se nos trouxesse a salvamento a qualquer porto da outra banda do Cabo de Boa Esperança, de lhe vendermos o navio, e o procedido delle traze-lo a este reino para as freiras de Santa Martha aonde está a sua imagem, e com isto fui eu o primeiro que com um machado cortei na

arvore, e logo os mais que a puzeram no chão, começando esta obra, impossivel a todos, com só tres machados de serviço, uma serra, e dous carpinteiros, convem a saber, Manoel Fernandes que o era excellente, e um grumete do carpinteiro da viagem da nao, que apenas sabia deitar uma linha; mas com bom animo, e grande confiança em nossa Senhora escolhemos um pao seco, que havia sahido á praia da nao, e junto ao rio em lugar conveniente, e desviado donde então tinhamos o arraial, armamos a quilha, e depois de posta sobre os picadeiros todos descalços, viemos em procissão desde o arraial, rezando as ladainhas de nossa Senhora, e benzendo-a o padre capelão lhe puzemos por nome Nossa Senhora da Natividade, sendo este acto celebrado com muita devoção, e lagrimas.

Tratei logo de me mudar donde estava para onde se faziam os navios, onde mandei fazer casa para serraria, e tomei bastante lugar para as madeiras que cortavamos nos matos, fazendo uma ribeira como a das naos deste reino, cujo campo me custou muito trabalho álimpar, cortando, e queimando muitas arvores para que nos não ficassem matos entre nós, em que se emboscassem os negros, elegi lugar para minha morada em um pequeno monte, de que todos fugiram por haverem visto nelle algumas cobras, ficando a ribeira defronte, e nas costas o rio, tudo isto consegui com os escravos que havia, ajudando-me tal vez algum grumete.

E porque o mais essencial nos faltava, que era lugar em que se celebrasse o culto divino, o padre Jeronymo Lobo tomou á sua conta o fazer da igreja, para o que escolhemos o melhor lugar que a elle lhe pareceo, e dando-lhe os marinheiros que mostravam mais devoção, tendo cortado paos bastantes fabricou uma igreja muito bem feita.

E trás disto mandei tambem fazer uma casa, a que chamavamos Bengaçal, que é nome da India, aonde se recolhe o mantimento, e se fazia o corpo de guarda, por ser no meio do arraial, onde debaixo de chave que tinha o padre Jeronymo Lobo se recolhia todo o que tinhamos, e por sua mão se comia, e assim foram em ranchos fazendo cada um sua palhota onde melhor lhe pareceo, mas dentro no limite que lhe sinalei.

Mandei juntamente fazer casas para se serrar, e lançar as madeiras, defendidas do sol, e da chuva, e posto tudo neste estado advertimos, que nos faltava os folles para a ferraria, e que sem elles era impossivel seguir a obra principiada, o que não deixou de me molestar, mas como nada occulta a industria de homens necessitados, e principalmente illustrados por Deos, por quem esta obra foi guiada, engenhamos umas das taboas do fundo de um caixão de angelim, as pelles de um couro do sinde, e os canos de dous mosquetes que se cortáram, a bigorna para se malhar traçamos de um garlindeo metido no chão, com o pé para cima, que ficou perfeitissimo, e fizemos alcarevis, tenazes as que foram necessarias, e martelos pequenos, que para grandes nos serviamos de quatro marrões que haviamos tirado da nao.

E porque a gente ainda neste tempo trabalhava como se acertava, para maior comodidade, e menos confusão fiz que se repartissem, escolhendo o carpinteiro quatro pessoas para o ajudarem na obra dos navios, o guardião oito para cortar, e a tirar as arvores, que o carpinteiro da viagem apontava, e para braços, cavernas, enchimentos, e taboado, que só para isto servia, e outros para as arrastarem para fóra, que ás vezes era de muito longe, outros para as desbastarem, porque ficassem mais leves para se trazerem para a ribei-

ra dos navios, outros serravam taboado, para o que tinhamos feito um cavallo, e outros andavam no balão, que sempre era necessario, porque um dia si, outro não ia buscar agoa a uma fonte que descobrimos no meio do rio ao pé da serra da banda do mar, sem a qual nos não podiamos sustentar, porque a agoa que havia de uma legoa era mui peçonhenta, por beberem nella todo o genero de feras, que havia naquelles matos, e se a continuaramos ouveramos de perecer. Esta gente a que se occupava em uma cousa não tinha obrigação de acodir a outra, e os da ribeira só trabalhavam sempre aturadamente desde amanhecer até bem tarde, por lhe não faltar nunca obra; o mestre, piloto Manoel Neto, e Domingos Lopes passageiros, tambem muito bons pilotos, ajudavam na ribeira a sobir e a ter mão nas madeiras para as lavrarem, e por sua curiosidade vinham alguns tambem a faze-lo. Quando escolhi este lugar para esta fabrica todo o achamos seguido de pisadas de cavallos marinhos, de bufaros, e de outras feras, mas com a continuação de gente veio a estar tudo tão limpo como o Terreiro do Paço desta cidade. Aos officiaes que achei entre nós de alfaiates, e sapateiros destinei para que não entendessem em outra cousa, e assim uns faziam só vestidos, e os outros só alparcas das pelles dos fardos, com que nos remediavamos para a frialdade do clima, e para a aspereza da terra.

Tudo assim disposto fomos continuando a nossa obra ao principio muito vagarosa; porque a todos havia parecido impossivel fazer dous navios em tão breve tempo, dando por razão, que neste reino quando se começava a fazer uma barca de carreira com os carpinteiros, e materiaes necessarios, que armando-se em um verão sempre acabavam no outro, e que tambem tinham por impossivel o poderem os navios sa-

hir pela barra, assim pelas muitas voltas que haviam de dar, como porque correndo a agoa mui teza era força encalhar nos baixos que de todas as partes havia, e quando isto se vencesse com dobrar o cabo em embarcações tão pequenas, e tão carregadas de gente, que não é o melhor lastro, porque toda vae em boca, parecia perigo certo, mas confiando eu em nossa Senhora fiz que por tudo se atropelasse, porque se nos désse depois maiores louvores vencendo os trabalhos qne não venceo a nao S. João, que deixou de fazer embarcações por recear que as não pudesse botar ao mar em razão dos muitos baixos, e grandes resacas, e se expôr ás grandes miserias de caminhar por terras de alarves, que os curiosos poderão ver no seu naufragio, e julgar quão foi melhor discurso.

Depois de haver estado em terra quinze dias, por investigar melhor os contornos daquella em que nos puzera nossa fortuna, me meti no balão com doze homens com suas espingardas, e me fui pelo rio acima, para descobrir se havia algum gado; porque em caso que no lo não quizessem resgatar o tomassemos para nos sustentarmos, pois não tinhamos carne salgada de consideração, e juntamente, porque tinha vindo a vernos um negro com um novilho, e não o quiz resgatar, supposto que lhe davamos duas manilhas de latão por elle, que como tinhamos sómente seis, e era nos primeiros dias não quiz alargar-me a mais, por não pôr o resgate em preço de cousas que não possuiamos, e indo quasi tres legoas pelo rio acima, que todo é mui limpo, e mui aprazivel, vimos que já alli corria agoa doce; muitas povoações, e ao longo delle varias sementes de milho, abobaras, e feijões, e fomos tambem vendo muita quantidade de gado vacum, dividido pelos montes, o qual como nos divizavam iam logo recolhendo para dentro do certão; nós que leva-

vamos prégos, os demos a alguns negros que chamamos, e por entre o mato nos seguiam ao longo da agoa, a que mal entendiamos, porque o nosso lingoa, que era outro negro de Moçambique, só algumas palavras lhe entendia, e assim sem concluir resgate de vacas, nem de milho, nos voltamos traçando mandar gente de madrugada, ou á noite a embosca-la no mato, e tomarmos-lhe cem vacas, ou as que pudessemos, e pagar-lhas se quizessem, e recolhermos com esta preza, ainda que a pouca noticia que tinhamos da terra nos representava algumas difficuldades, que eu estava resoluto atropelar por matarmos a fome, e vindonos recolhendo já á boça da noite para o arraial, achámos defronte delle da outra banda do rio, um Rei negro, acompanhado de sua gente, e com sete vacas fermosissimas para nos resgatar, que como nosso Senhor se quiz lembrar de nossas miserias foi servido de que chegassem as novas, que estavam portuguezes naquellas praias, a um cabra, em que falla no seu Itenerario Francisco Vaz de Almada, o qual se havia perdido na nao S. Alberto havia mais de quarenta annos, que foi no naufragio de Nuno Velho Pereira; este sendo menino se ficou naquelles matos, e pelo discurso do tempo se veio a casar, e estava muito rico, e tinha tres mulheres, e muitos filhos, e sabendo que alli estavamos nos começou á creditar com aquelles alarves, dizendo, que além de sermos gente muito valerosa eramos seus parentes, que nos trouxessem muitas vacas, porque tinhamos grandes riquezas, e tudo lhe haviamos de comprar bem, e vindo elle com este Rei, começou a gritar, portuguezes, portuguezes, e como estavamos longe entendemos que era algum portuguez que ficára alli de algumas perdições passadas; com grande alvoroço cheguei com o balão aonde elles estavam, e o cabra com palavras mal distintas em nossa

lingoa se explicava como podia, e assim a troncos lhe entendi algumas cousas, e vindo o Rei dentro ao balão a ver-me, a sua gente me furtou um copo de prata, que achando-se menos me queixei ao Rei dizendo-lhe que extranhava muito, que vindo-me elle buscar, e a solicitar nossa amizade me furtasse a sua gente o que eu tinha, porque já agora mal podia eu fiar-me delles, com o que logo entre si pelejáram, e depois de muitas gritas appareceo o copo; e porque a noite era já serrada os deixei no mesmo lugar além do rio, e me recolhi para a nossa estancia, mandando-lhe cozer arroz, e um pouco de melaço que se achou no fundo de um boyão, e lho enviei, com que fizeram grandes extremos, porque o Rei enchia a palma da mão delle, em que um untava um dedo, e logo vinha outro, e tocava outro dedo, no que havia tido o doce, e deste modo corriam todos, e chupavam os dedos fazendo grande espanto de cousa tão saborosa.

Ao outro dia pela manhã mandei o balão para que elles passassem á outra parte a ver o nosso arraial, e as nossas riquezas, e assim os obrigar melhor a que nos facilitassem resgate com a sua cobiça, o que o Rei fez com muita authoridade, calçando logo as alparcas que trazia na mão com grande sizo, e com o rosto muito inteiro; eu mandei tomar as armas, mas não quizeram que os salvassemos com a mosquetaria, e assim lhe mostrei miudamente a nossa estancia, e a casa dos mantimentos, aonde sentando-se lhe lancei ao pescoço, na sua estimação, uma joia muito rica, que constava de uma campainha que o padre Jeronymo Lobo tinha prestes com um cordão de retrós, e assim lhe dei mais um pedaço de latão; e festejando o Rei negro nesta fórma, voltei com elle, e fomos á outra banda com nossas armas, a resgatar as vacas, que foram as primeiras que tivemos, mas logo dentro de

oito dias nos vieram mais por ordem do mesmo cabra, a quem chamavam Antonio, que tal vez ficava em nossa companhia uma, e duas semanas, trazendo-nos depois seus filhos, e amigos, que todos festejavamos, dando-lhes pedaços de cobre mui bem arcados, que tinhamos feito dos caldeirões, que eram peças de preço que mais estimavam.

Este resgate estava só na minha mão, e do padre Jeronymo Lobo, que com elle resgatava o que nos traziam, havendo-se nisto estremadissimamente, e fez-nos nosso Senhor tanta mercê, que tendo eu ordenado, que só matassemos ao sabbado uma vaca, se puzeram as cousas de modo, que cada dia matavamos tres, e viemos a resgatar em todo o tempo que alli estivemos duzentas e dezanove, muitas dellas prenhas, que depois de parirem nos deram bastante leite, com o que se cozia o arroz, para todo este gado fizemos um curral com oito pastores, que repartidos pela semana o levavam a pastar pelos montes, sem haver quem lhe fizesse aggravo, posto que nos primeiros dias os mandei com armas de fogo.

Entrou o mez de Agosto, e porque a paragem junto do rio era melhor, e mais comoda mudei o arraial velho para ella, e para prevenir-me de tudo o que pudesse para a fabrica dos navios, fui pondo em terra um barril de eebo, meio de alcatrão, umas peças de cabo, a caldeira de cozer o breu, dezanove pães de beijoim, algum fio, algumas cotonias, e uns quarteis de vellas que estavam por acabar, que tudo isto tinha deixado em cima.

E porque não pareça que me esqueço da nao, e de contar o fim que teve, referirei o que lhe succedeo, e foi, que aos dezanove dias depois della encalhar, indo a bordo a gente do balão, a ver se se podia trazer mais algum arroz, ou fosse que fizeram lume no fo-

gão, para alguma cousa, ou que ficando algum bico de vella por esquecimento, que com a pressa de embarcar ninguem olhava mais que para as ondas que arrebentavam no costado, com que sempre se ia, e vinha com muito risco, foi ou a vella consumindo-se, ou a braza ateando-se nas madeiras breadas, de sorte que chegando ao quarto da madorra gritaram as vigias, fogo na nao, e como ventava muito fez logo um incendio tão grande, que não só começou a artelharia a disparar, mas em breve tempo ardeo até o lume dagoa, e é tal a providencia de Deos, que a não ser este successo, mal poderiamos fabricar os navios, porque doutro modo nunca poderiamos tirar prégo algum, a respeito de que a nao estava já quasi toda deitada, e em nenhuma maneira se podia cortar cousa de que nos aproveitassemos, e com este incendio vieram muitos quarteis a terra, que supposto que nos custaram grande trabalho a queimar, e a desmanchar, traziam em si muita pregadura, que concertada na ferraria nos servio.

Alojados pois no arraial novo se começou a trabalhar com muita preça, tendo posto até quinze de Agosto as cavernas mestras, o coral de proa, e cinco cavernas mais no navio nossa Senhora da Natividade; mandei armar outro, a quem puz nome Nossa Senhora da Boa Viagem, porque já a gente tinha mais modo no cortar que ao principio, ensinando-os o trabalho continuo, de maneira, que em Angola ficaram muitos ganhando o seu jornal como qualquer carpinteiro: neste ultimo navio mandei que se trabalhasse com mais frequencia, por desterrar algumas suspeitas de quem imaginava, que eu fazia navio só para meus apaniguados, e deixando-os a elles naquelles matos, que não é menos temeraria, e cavilosa a malicia dos homens.

Por entre todo este trabalho nunca os padres religiosos se descuidavam de celebrar as festas dos Santos, antes não passou nenhuma, em que armando a igreja com muitas flores não houvesse missa, prégação, muitas confissões, e comunhões, para o que vindo a faltar-nos hostias se fez um ferro muito bem feito, e em varias partes se puzeram muitas cruzes, onde feitos altares se lhe ordenavam festas, em que se dava premios a quem melhor os armasse, como direi ao diante, entendendo pelas mercês que recebiamos de Deos nosso Senhor, que aceitava muito os sacrificios que lhe faziamos naquellas terras tão barbaras, pois sempre foi servido de nos dar precizamente tudo o de qúe necessitavamos, parecendo-nos muitas vezes, que em nenhuma maneira algumas cousas se podiam fazer, nem alcançar, e as effeituavamos todas, recorrendo a sua infinita misericordia.

Com a communicação de Antonio, aquelle cabra que se dava por nosso amigo, se nos foram facilitando as cousas muito, porque vendo os demais negros, que todas as vezes que vinha sempre levava, ou cobre, ou alguma cousa de comer; desejavam muitos a nossa amizade, e assim começáram a visitar-me vindo em sua companhia, e com vacas para resgatar, e vinham pessoas de mais conta que sempre traziam mais cafres, ao entrar, e render dos quartos de vigia, lhe mandava disparar os mosquetes, com que nos viemos a fazer tão respeitados como nos convinha para nossa segurança, e assim já mandava dez, e doze homens com espingardas oito, e dez legoas a resgatar gado, do que Antonio se veio a resentir, porque nisto perdia o que furtava quando o ia fazer, ainda que já estava bem aproveitado, mas com tudo tratou de atalhar este modo de resgatar, metendo em cabeça aos negros que nos não dessem gado, nem leite, porque

não só lhe haviamos de enfeitiçar o que lhe ficasse, mas que lhe havia de morrer todo; mas estavamos nós já com tanto credito na terra, que se uns nos não queriam, outros nos rogavam, mórmente que tinhamos um cafre, que tambem havia vindo com Antonio, e perdido juntamente na nao S. João, que ainda que casado deixou a mulher, e a todos, e se veio para mim, que logo mandei vestir ao nosso modo, e se confessou por ser mui ladino, e nos servia com muita fidelidade; este nos descobria o que o cabra Antonio intentava fazer em nosso dano, por saber bem a lingoa da terra, e assim ainda que pouco a pouco se foi afastando de nós nos não fez nenhuma falta, além de que já tinhamos muito gado.

Succedeo, que vindo-me ver um Rei, a quem todos tinham em conta de homem belicoso, e valente (porque entre si esta gente todos trazem sempre guerra) e acompanhado de muita gente; estavam uns corvos na praia, a que mandei um marinheiro que fosse como a caso, e metesse uma mão chea de dados no mosquete, por não errar tiro, e matasae um corvo, os cafres puzeram logo o sentido nelle, e tomando ponto derribou um com dous pelouros, que por mais bizarria não quiz usar de dados, o que vendo os cafres ficáram assombrados, e se é que traziam alguma malicia a perderam, e tomando-o na mão olharam a ferida, metendo o dedo na boca, que é a seu modo de encarecer, e mostrando com outras acções, que antes nos queriam ter por amigos, do que ter-nos por contrarios, e vezinhos.

Passados alguns dias, em que este negro assistio com nosco, se nos afogou, querendo ir colher fruta á outra banda do rio, sem aparecer mais, por grandes diligencias que fiz, buscando-o não só por todos aquelles matos, mas até em sua propria casa, e nos disse-

ram uns alarves, qne tinham visto o corpo morto do negro na outra praia dalém do rio, o que sentimos muito, por nos ser mui fiel, e mui boa guia para tudo o que queriamos.

No principio em quanto não andamos com muita segurança desta gente, aconteceo, que vindo uns poucos á outra banda, onde estavam alguns paos que a maré tinha lançado na praia, os queimáram, e leváram os prégos, ainda que tratamos de lho impedir, e sendo da outra banda do rio, não era possivel acodir lá sempre; e uma manhã que estavam na praia uns grumetes, lhe tiraram desta parte algumas arcabuzadas, que uma dellas derribou logo um negro, e cahio entre umas pedras, o qual mandei logo que o fossem buscar, que estava gritando aos outros que lhe acodissem, porque o haviamos de comer, mas eu o tratei bem, curando-o de uma perna que tinha passada, e em poucos dias sarou da ferida, mas ficou coixo, porque se lhe quebrou a cana, e com uns poucos de pregos que lhe lancei ao pescoço o enviei para os seus, a fim de que publicasse aquelle beneficio, e nos acodissem com o que tivessem, porque assim o dissemos a este quando se foi, o qual nunca mais tornou, porque é gente mui desagradecida, e antes se quer tratada por mal, que por amor.

E viemos a ter tanta communicação, que pela opinião que de nós tinham me pediam, que lhes mandasse chover por lhes faltar agoa para as suas sementeiras, e vendo eu os ceos grossos, e baixos lhes disse, que até o outro dia choveria, e succedeo do mesmo modo, com que se confirmaram em que tinhamos poder para ordenar cousas semelhantes, e ainda outras maiores. E dahi a alguns dias mandando a minha gente a resgatar ás suas terras estava o tempo carregado, e porque se lhe não molhassem as armas disseram

a um Rei, que lhe désse uma casa onde se recolhessem aquella noite, por se não molharem, a que o alarve Rei respondeo, que pois nós mandavamos chover quando queriamos, que agora mandassemos tambem não chover para nos não molharmos, mas não faltou quem respondesse, que não era aquella causa muito urgente para semelhante mandamento, e assim tinhamos tanta opinião com elles, que outro Rei que havia muitos annos tinha uma fistola em uma perna se veio tambem a mim para que o curasse, prometendo-me muitas vacas se se sarasse, ao qual puz um pouco de azeite de coco, e dali a dous dias o mandei pôr da outra banda do rio para onde tinha sua morada, dizendo-lhe, que se dahi a tantas luas se não achasse são, tornasse, o que fiz por ser este o tempo em que nós esperavamos ter-nos nosso Senhor feito mercê de nos dar passagem pela barra fóra, ou havermos marchado pela terra dentro; com estas traças nos fomos sustentando o tempo desta nossa perigrinação, no qual já tinhamos ajuntado nove barris de encenso, que achavamos pela praia, e que todo se recolheo em casas particulares que tinhamos separadas para cada cousa, de maneira, que a polvora tinhamos em uma, a enxarcea, que eram pedaços de cabo, em outra, e os mantimentos em outra, tudo bem cuberto, por se não molhar.

E assim nos animava muito ver (que supposto que trabalhavamos com grande cuidado) crecia a obra de modo que julgavamos, que mais que mãos de homens assistiam nella, ainda que não faltavam difficuldades, que todas se venciam com minha presença, sempre continua em todas as partes em que se trabalhava; que ainda que importava a todos tudo era necessario, porque até aqui gastavam alguns o tempo em pleitos sobre algum godorim molhado, ou cousa semelhante,

porque qualquer, em tanta necessidade, julgavam por de grande valia, no que me molestavam, porque desejando de os ter contentes a todos, sentia tirar de uns para dar a outros, e queria governa-los sempre com a quietação, e amor com que o ia fazendo, mas muitas vezes os não podia acomodar sem uzar de algum rigor, para o que tinha um tronco de pao em que tambem metia os que faltavam a seu trabalho, tirando-lhe a ração quotidiana, e andava tudo tão a ponto, temerosos de que eu passasse avante no castigo, que ninguem se empenhava em cousa de consideração.

Em uma tarde de Novembro, em que eu havia ido á outra banda do rio a descobrir umas praias por me dizerem que era melhor sitio, que o em que estava, veio um negro avizar ao mestre, que vira tres cavallos marinhos deitados em um mato, e acodindo elle lá com a gente toda com seus mosquetes, e lanças, vieram estes animaes tomando o caminho para outro riacho que nos ficava a um lado, e dous delles puderam passar por entre muitas ballas, e o mesmo era daremlhe, que em uma muralha, mas uma que acertou entre a junta ao longo da espadoa fez que um delles cahisse, onde o acabaram de matar. E' este animal mais grosso do corpo, que tres grandes touros, com os pés, e mãos mui curtos, em tanto, que os alarves fazem covas nos caminhos por onde costumam andar, e as cobrem por cima sutilmente, e como algum cae com pés, ou com mãos, se não pode mais sahir, e alli os matam para os comerem como nós, que nos souberam a mui bons capões sevados; a pelle é tão dura, que um pelouro de mosquete a não passa, antes cae amassada no chão, mas pela barriga é mais delgada, tem todos uma estrella branca na testa, as orelhas pequenas, e como de cavallo, a cabeça mui disforme, por-

que tem uma boca grandissima, com uns beiços virados para fóra, que deve de pezar cada um mais de arroba, e vão comer ao mato como qualquer outra féra; e com este monstro entretivemos aquella tarde, e ao outro dia nos deu trabalho em o mandar deitar em outra praia distante daquella, pela má vizinhança, e roim cheiro que causava, de mais de que tambem como esperavamos hospedes, determinava agazalha-los com tão boa iguaria, e assim não tardaram muito, nem nós em festeja-los, offerecendo-lha, de que elles comeram com natural gosto, roendo os couros, e puchando por elles, de que tambem fizeram tassalhos que levaram comsigo.

Os padres faziam as festas dos Santos cujas regras professavam, como em dia de S. Francisco o padre Frei Antonio capellão, e o padre Frei Francisco Capucho armando mui bem a igreja, ajudando eu no que era necessario, e o padre Jeronymo Lobo, por eu ser mui devoto de S. Francisco Xavier, ordenou que festejassemos o seu dia com muita ventagem, para o que muito de antemão se estudou uma comedia, e muitos entremezes, e fiz uma praça fechada, para na sua vespora corrermos touros, o que tudo se fez bem, e no seu dia á tarde houve muitos emblemas, e inigmas, com premios que se deram a quem os explicou, com o que se alegravam todos notavelmente, e assim era necessario para se animarem os que estavam expostos a passar tantos trabalhos.

Tendo já o navio de Nossa Senhora da Natividade calafetado, e forrado, e breado por fóra com beijoim, e encenso, ordenei deita-lo ao mar antes do Natal, para nas outras agoas, que eram a oito, ou dez de Janeiro, lançar o outro, como tudo se fez, estando isto á conta do mestre Miguel Jorge, que tudo dispoz muito bem, e com grande acordo, e com fabricas de mui-

tos aparelhos metidos de baixamar na borda do rio onde laboravam os cabos que estavam atados nos outros que puchavam pelos cachorros sobre que vinham a ser como a envazadura, com que neste reino se deitam as naos ao mar, encebando a grande com o cebo das vacas, do que estavamos muito bem providos.

Postos os navios no rio ambos até dez dias do mez de Janeiro, o mestre Miguel Jorge lhe meteo dentro o lastro conveniente, e para os emmastrear os chegou para debaixo de umas penhas, que nos serviram de cabria, onde receberam os mastros com tanta ordem, e tanto em sua conta, como se fora no rio de Lisboa, com toda a maquina que se requere.

Antes disto já tinha mandado fazer estopa dos pedaços dos cabos das arrotaduras dos mastros da nao, e ordenando uma cordoaria, o mestre fazia os cabos que havia mister de mais, ou de menos fios, havendo guardado uns pedaços da drissa da proa, que destrocidos nos servio para amarras.

Tambem ordenamos ancoras de pao, a que na India chamam chinas, quatro para cada navio, com o que emmastreado, e de todo aparelhado o navio Nossa Senhora da Natividade, o levamos á outra banda do rio á sombra de uma serra amarrando-o em terra ás arvores, e no rio com as fateixas de pao, pelo assegurarmos das grandes correntes que alli ha em agoas vivas, em tanto que se concertava o outro de mastros; e repartida a gente que havia de ir em cada qual delles, foram acodindo á sua embarcação para a aprestarem, e posto que havia nomeado para mestre do outro a um marinheiro por nome Antonio Alvares, o mestre da nao Miguel Jorge encaminhava tudo, porque só de sua experiencia se podiam fiar semelhantes cousas.

O tanoeiro ajuntando muito de antemão todas as

aduellas que achavamos pelas praias, tinha feito pipas, quartos, e barris, entre todos vinte e sete peças para cada navio, fóra as de que nos serviamos para bebermos de ordinario, e vimes que achamos nos matos se fizeram arcos, remediando-nos tambem com os velhos, o que tudo se encheo de agoa quando partimos, e ainda nos não bastou, porque como era louça velha, entrecozida do sol, e da agoa salgada muito se foi com haver estado muitos dias de antes chea de agoa salgada ao longo da praia, que nenhuma das cousas que se fazem neste reino para a viagem da India nos faltou que se não fizesse, que no que eu me não lembrava supria o acordo dos bons officiaes, e mais companheiros que comigo tinha.

Neste tempo, que pouco mais ou menos seriam meados de Janeiro, succedeo, que indo umas negras da India a um rio a se lavarem, que ficava junto de um mato, vieram dentre elles dous alarves, e como as viram sós por lhe tomarem um pucaro de cobre, que uma dellas tinha na mão, e por defende-lo recebeo uma grande ferida na cabeça, e acodlndo a demais gente, senão pôde tomar por então nenhuma satisfação, porque logo fogiram, e se embrenháram ; e porque um negro meu me havia fogido pela terra dentro, onde esteve quasi dous mezes recolhido em casa de um Rei que nos ficava perto de nós, da mesma parte do rio, e eu havia mandado fazer diligencia para saber se havia aparecido, e aqui neste mesmo lugar me haviam furtado outro caldeirão a uns negros fogidos, que já todos assim o meu, como os outros, acossados da fome se haviam vindo para nós, mandei dez homens com suas espingardas a pedirem satisfação destes furtos, e para verem se tambem estava já o milho maduro, para o tomarmos por força, ou resgatarmos por vontade para nossa viagem, porque tudo era necessa-

rio, e o Rei alarve como se vio convencido dos furtos que a sua gente havia feito dizia ao lingoa, que os nossos levavam (que tambem era outro alarve que nos servia) que daria algumas vacas, o que não concluia, antes se vinham ajuntando muitos cafres, que elle mandava chamar com dissimulação, o que vendo um marinheiro, a quem chamavam Manoel de Andrade, se veio recolhendo com os mais, e levantando o cão da espingarda matou logo o Rei, ao que acodiram os seus ás azagaiadas, e em boa ordem se vieram retirando quasi uma legoa, em que matáram mais alguns, e entre elles um negro de tanta conta, que ficando pasmados não passaram mais avante, com intento de lhe virem tomar o passo de um rio, que era o caminho para o nosso arraial, e havendo de sobir uma ladeira muito estreita, e ingreme, lhe largáram de cima muitas e grandes pedras, com que os houveram de fazer em pedaços, mas tendo elles lugar de se tornarem a pôr no largo, por não estarem muí empenhados na ladeira, tomaram alguns outro caminho que os alarves não viram, senão quando estiveram junto delles, e logo fugiram ficando o caminho livre para chegarem ao nosso arraial com muitas azagaias que lhe tomáram.

E porque me parece que alivio aos que lerem este naufragio com este successo, contarei um galantissimo que tivemos com um cavallo marinho no rio, em que não faltam, e foi que indo o balão com doze homens com suas armas de fogo por elle acima a deitar a gente em terra, para virem resgatando pelo certão, que isto uzavamos pela não cansar tanto, e o balão se vinha recolhendo para o que fosse necessario, acháram uns cavallos marinhos junto á terra, e em parte donde senão podiam meter por ella dentro, por ser uma serra muito ingreme; e como o balão estava da parte do rio,

ficáram elles com tão pequeno lugar mui apertados, a gente começou-lhe dar a carga dos mosquetes, e uma daquellas féras que mostrava ser mãe de outra pequena que trazia junto a si se arremeçou ao balão, e com os dentes lhe levou um remo, e o tollete em que vae metido, e tudo fez em pedaços, tratando de se meter dentro ; os nôssos se deram por perdidos de cousa tão inopinada, e o animal se meteo por baixo do balão, tratando de o querer virar, mas com os remos se foram os nossos desviando, escramentados para não entenderem mais com semelhantes féras.

E tornando aos nossos navios, e a toda nossa esperança, pois nelles só estribavamos remediar as vidas tão arriscadas por aquellas praias ; tinhamos já o a que puzemos nome Nossa Senhora da Boa Viagem, enxarceado, e com lastro, e assim o levamos tambem para onde estava o outro, e em quanto este se aparelhou por não perdermos tempo, tinha eu encomendado a Simão Gonçalves o fazer da aguada no navio Nossa Senhora da Natividade, que toda a pressa convinha, por serem já vinte de Janeiro, e não haver arroz mais que oitenta fardos, que guardava para a viagem, que vaca não faltava ; estando embarcado o necessario, que era ametade de tudo o que havia no navio em que eu vinha, que eram quarenta fardos de arroz, vinte e sete pipas de agoa, que ametade della se foi, dez barris de polvora de dous almudes, e para cada pessoa uma perna de vaca, que feita em tassalhos, e cozida em agoa salgada, e posta ao sol era o que cada um havia feito para sua matalotagem, sendo a gente que se embarcava comigo todos os officiaes da nao, o padre Jeronymo Lobo, Frei Antonio capellão, Frei Antonio religioso da ordem de São Domingos, que todos com os escravos fizeram numero de cento e trinta e cinco pessoas, entrando dez escravos que estavam fechados

á proa debaixo de uma escotilha, onde mal se podiam recolher.

No outro navio iam mais duas pessoas que neste, convem a saber, Estacio de Azevedo Coutinho, que elegi por capitão delle, para melhor se poder acomodar com sua mulher D. Isabel de Abranches, e nove escravas e dous religiosos, um Capucho, e outro de Santo Agostinho, por piloto Manoel Neto, que vinha na nao por passageiro, que por todos faziam cento e trinta e sete pessoas.

Nestes dias mandei fazer um assento pelo escrivão da nao no livro de Sua Magestade, em que fiz registar toda a fazenda de mão que no arraial havia que se tinha salvado, e os officiaes guardáram em seu poder, fechados os boiões, e os bizalhos mutrados com suas marcas, sem haver falta em cousa alguma, por segurar assim não só os direitos reaes, mas tambem por se manifestar o que vinha em confiança, e não registado, que deviam de ser as duas partes; feito isto, com muita verdade, se embarcou tudo no navio em que eu vinha, no qual nomeei por piloto a Domingos Lopes, que como na India andava costumado a navegar em navios pequenos, me pareceo convinha mais que o da nao, que tem differente conto.

Embarcando comigo as vias de Sua Magestade, e tudo o mais, um sabbado de Nossa Senhora, a quem tenho particular devoção, vinte e seis de Janeiro, determinei sahir, e não pude por ser já a maré gastada, nem ao domingo, porque tambem o vento nos não favoreceo para o poder fazer, e a gente com estas dilações começou a lançar varios juizos, cousa mui ordinaria no povo; e á segunda feira me meti no balão com os pilotos, e fomos ver o canal, onde tinhamos deitado nossas boias para balizas, onde havia mais agoa, e depois de tudo bem conhecido, posto que ha-

via muita mareta, animados com um pouco de terral que ventava, me resolvi a desamarrar o meu navio, atoando-me o balão, e com remos, e varas, que tinhamos tambem feito para o ter mão que não encostasse, viemos com as esperanças em Deos, e fiado na Virgem da Natividade, até chegar ao baixo em que o navio deu muitas pancadas, e ficou em seco, mas como o mar de quando em quando vinha mais grosso, e o levantava as varas, e remos, e o vento, foi a Senhora servida de ouvir nossos clamores, e nos poz em dez palmos, e em doze, e logo em muito fundo: daqui mandei ao balão que fosse dar toa ao outro, que como era melhor de véla do que este, sahio brevemente; porém alentados em que tinhamos vencido esta difficuldade, ainda que ninguem julgou nunca chegar ao que então viamos, que era estar em navio á véla, outra vês em demanda do Cabo de Boa Esperança; do que todos me davam grandes louvores, e particulares agradecimentos, por eu ser só o que havia instado no fazer dos navios, e por entre tantos impossiveis posto que naquella perfeição, mas este animo lhe durou pouco, porque vindo com tempo claro, e bom vento Levante correndo a terra para o Cabo de Boa Esperança, trazendo o balão á toa pelas quatro da tarde appareceo um peixe, a que chamamos orelhão, e sempre que se vê se segue logo borrasca, e assim nos aconteceo, porque saltou de imporviso o vento Noroeste com muitos trovões, e logo ao Oeste, e tornamos a voltar para dentro vendo-nos aqui no maior perigo de todos os que tinhamos passado, em que a Virgem da Natividade obrou grandes milagres, porque chegamos a estado de nos confessarmos publicamente; porque a furia do tempo não permettia que se fizesse com mais vagar, julgando cada momento que nos sorvetiamos, porque se um mar depois de cobrir todo o

navio passava, o outro que logo se seguia apoz elle, parece que queria acabar comnosco de uma vez; tendo já alijado ao mar toda essa miseria que traziamos, e houve muitos que ficáram só com a camisa do corpo, porque o mais tudo havia ido com a cama ao mar, e até do arroz que tinhamos para mantimento lançamos grande parte. Passado o tempo tornámos acometer para o Cabo de Boa Esperança, mas a experimentar outra vez novas tormentas, e foram de maneira, que como a culpa daquelles trabalhos era toda minha, por não haver querido caminhar por terra me vi mui perseguido, e quebrantado, porque ainda os religiosos me diziam alguma cousa sobre a materia.

Na segunda noite que estava no mar se apartou o outro navio de mim, e ainda que depois passamos mais avante donde haviamos estado, o não encontramos, no que recebi grande pena, porque me alentava muito a sua companhia, e o gosto de nos salvarmos todos era o a que eu mais aspirava.

Nestes transes andando sempre á vista da terra gastei vinte e dous dias, não sendo mais distancia do rio da praia, donde havia sahido a dobrar o Cabo de Boa Esperança, que cento e setenta legoas, e por fogirmos ao mar, e não perdermos o caminho que tinhamos vencido, viemos surgir dentro da bahia da lagoa, e para nos sairmos della numa volta, e noutra, houve imaginar-se que o não poderiamos fazer nem saltando o vento a Leste, e a Lesnordeste uma legoa ao mar desta bahia, aonde a carta sinala um baixo, o qual é de area, e tinha em si mais lobos marinhos do que ha passaros na ilha de Fernão de Noronha, o qual vi muito bem, porqne o fomos correndo de longo com notavel perigo, por ser todo pela banda do mar cheio de arrecifes, que não vimos senão depois de estar entre elles, sem ter outro remedio, mais que acla-

mar pela Virgem da Natividade, que milagrosamente nos livrou, sustentando o mar que entre o arrecife andava mui empolado por ventar Oeste tormentoso, e tendo-o mão, que de uma parte, e outra parte era como duas montanhas, e qualquer delles que quebrava no navio, que não podia arribar para nenhum dos lados, por irmos seguindo um pequeno canal que um marinheiro de cima do mastro nos ia dizendo aonde mostrava mais agoas, sem duvida alli fora o fim de nossos trabalhos, e ultima miseria; mas livrando-nos a Senhora assim desta, como de outras muitas tormentas, lhe davamos infinitas graças, porque uma nao mui possante mal poderia sofrer o que nós esperavamos, andando o miseravel barco mais por baixo do mar, do que por cima, porque vinha a ser no convés pouco mais de um palmo o que levantava sobre a agoa.

Nestes vinte e dous dias passamos grandissimos trabalhos, pois não só eram os das tormentas, mas os de não comerem muitos cousa alguma de fogo, e a gente sobre mal vestida andar toda molhada, por não ter outro abrigo mais que o do ceo, nem aonde repousar um breve espaço, porque tudo cobria o mar, e não podiamos abrir a escotilha para se tirar o mantimento, porque por ella nos não alagassemos, e uma bomba de roda que traziamos continuamente davamos a ella, e foi a nossa salvação; e houve homem do mar mui experimentado em varias tormentas, e trabalhos, que estes julgou pelos maiores, estando outros tão entregues á morte, que sem sentido deitados passava o mar por cima delles como pela mesma cuberta, mas sempre com a esperança em Deos: resoluto em passar estes infortunios me determinei a dobrar o Cabo, ou acabar na demanda; e foi elle servido, que em um dia de Fevereiro, que fazia a lua chea, nos tomou já

da outra banda havendo-o passado em uma noite, demos infinitas graças á sua muita misericordia, e á sua bemditissima Mãe por mercê tão sinalada, pois então, julgavamos todos, que começavamos a renacer, no que não terei duvida em toda vida.

Antes que passassemos o Cabo determinavamos de tomar a aguada do Saldanha, para ver se podiamos resgatar alguns carneiros, e fazer agoa, porque fica no rosto do Cabo da banda de fóra, donde os temporaes não tem tanta força, mas como este posto é mui frequentado de olandezes, e nos pareceo que dalli a Angola tinhamos jornada breve, quiz antes passar por novas necessidades, que não arriscar-me a ser cativo de inimigos, e pôr em perigo as vias de Sua Magestade, e a fazenda de mão que trazia, e assim prosegui meu caminho com mais descanso pela falta das tormentas; e fazendo-me ao mar viemos ver outra vez terra antes do Cabo Negro, que ficamos dezasete gráos do sol, a qual não largamos mais de vista, e a fomos correndo de longo, com tenção de tomar Bengela para nos refazermos de mantimentos, e agoa, de que vinhamos mui necessitados, e enchendo a altura em que fica esta fortaleza a fomos buscar já quasi sol posto, e por anoitecer não pudemos ver o porto, pondo o navio a trinqua para de manhã a tomarmos, mas as agoas, e os ventos nos levaram tanto para o mar, que quando amanheceo não se podia conhecer, nem divisar o que estava em terra, com que ficamos desconsoladissimos, e mortos de fome, que o não poder tomar aquella fortaleza no-la acrescentava mais; e parece que quiz Deos desviar-nos della para nos dilatar a vida, porque depois chegando a Angola soubemos, que de quantos navios alli foram morreo quasi toda a gente de sete, oito dias, e dizem os moradores daquella cidade, que em qualquer tempo que o navio que vem de mar em fóra to-

ma Bengela para valer-se de mantimento, e agoa, que é o effeito para que alli vão, se se detem alguns dias, ou morrem todos, ou o vem fazer a Angola.

Chegado quasi a oito graos e meio, que é a altura de Angola vimos á boca da noite, e bem junto a terra, uma embarcação, que julgamos ser olandeza; e como a noite serrou escura, a ardentia do mar nos figurava serem mais, e que faziam fuzis umas ás outras, como entre si costumam, pelo que houve pareceres que fossemos na volta de Loeste, o que eu não consenti, por me parecer que seria melhor morrer pelijando em breve tempo, que acabar á fome em mais dilatados dias; amanheceo, e não vimos mais que uma embarcação que ia correndo tambem a costa quasi duas legoas diante de nós, e aparelhando-nos com as armas que levavamos para a abalroar se pudessemos, ella neste tempo virou para nós tratando cada qual de ganhar abalravento, o que a outra fez por ser navio grande, e aguardar mais pela bolina, e se foi afastando de nós distancia grande, no que mostrou julgar-nos por cossario, e que fogia de nós; devia de ser isto tanto avante como á cidade de Loanda do reino de Angola, o qual não podiamos ver, porque o sol que sahia por cima da terra nos detinha a vista, não se fazendo ninguem ainda tanto avante, antes diziam, que uns mortos que apareciam era aonde estava o porto; acalmou o terrenho, e entrando a viração largamos a vela para a parte onde se imaginava ficar a cidade, e o piloto não tomou naquelle dia sol, presumindo estarem já nossos trabalhos acabados, mas á tarde como nos chegámos mais se receou que tinha descorrido o porto, e surgindo aquella noite bastantemente desconsolados, porque havia muito pouco que comer, e menos que beber, e era o que mais se sentia, porque já o sol nos abrazava com grandissima quentura até

que amanheceo, e tornamos a velejar, indo ainda para avante assim, porque parecia impossivel haver andado tanto caminho como porque alguns marinheiros que haviam estado em Angola affirmavam que se não podia passar sem se ver a cidade, e os navios que costumam estar junto á ilha, que é terra mui baixa: e ainda ao outro dia houve pessoas que viram a cidade, e outros sinaes, ficando-nos tudo já atrás. Aquelle dia se não pode segurar o sol por andar mui cuberto, nem acabavamos de chegar á cidade tão desejada, em que tornamos a surgir por não largar a costa; e porque tambem ao pôr do sol se acabava o vento, que nos sorvia: o dia seguinte tornamos a seguir nosso caminho mui tristes, e vimos uma embarcação, e por mais sinaes que lhe fizemos, e arribamos a ella, nunca quiz chegar a nós; mas tomando o piloto o sol se achou em pouco mais de seis graos, o que poz todos em desesperação, pois no fim de tantas miserias tinhamos descorrido o porto, e parecia impossivel o torna-lo a alcançar senão em muitos dias, porque como os ventos alli são geraes, se não é em um bordo, e outro mal se póde tornar atrás, e ir na volta do mar em tempo em que já senão comia mais senão uma mão chea de arroz, e menos de quartilho de agoa, era grande affliççáo; mas permitio a Virgem da Natividade, que trazia este navio á sua conta, que não tivessemos ido mais avante que seis, ou sete legoas da boca de um rio, a que os naturaes chamam o espantoso Zayre, que corre com tanto impeto que cincoenta legoas ao mar se toma agoa doce, e nos levara em vinte e quatro horas onde de fome, e sede pereceramos sem ficar pessoa para contar deste transe, e juntamente quiz sua piedade, e infinita clemencia rematar nossas miserias com uma das mais sinaladas mercês que nos fez em todo este discurso de affliçoes,

dando-nos uma trovoada nunca succedida naquella paragem, com a qual em dous dias viémos surgir na boca do rio Bengo um sabbado vespora de Ramos, havendo quarenta e oito que sahiramos do rio da praia.

Cheguei logo defronte de Angola, e mandando ao governador uma carta que trazia feita, porque determinava encalhar, e avizar por terra, em como estava alli com as vias de S. Magestade, e mais fazenda de mão, porque para marchar havia muitas difficuldades, e a principal não haver gota de agoa que beber, nem cousa alguma que comer, e ignoravamos se a terra era de amigos, a que o governador respondeo acodindo cuidadosamente com agoa, e mantimento, o que sobre tudo festejamos, por haver dous dias que nada disto gastavamos, e postos em terra, o governador com a junta da fazenda assentou que a pedraria se depositasse no Collegio da Companhia de Jesu em um caixão de tres chaves, e que ficasse uma na mão do padre reitor do mesmo Collegio, outra na do bispo do Congo, e Angola, e outra na do provedor da fazenda, o que se executou pelo registro que eu havia mandado fazer no livro de Sua Magestade estando presente o governador, bispo, e feitor, e o escrivão da feitoria, e cada official dos da nao entregou por este modo o que trazia em seu poder, os boiões fechados com suas marcas, e numeros, e os bizalhos mutrados, sem haver faltado cousa alguma da minha parte, porque com toda a inteireza, e pontualidade Sua Magestade tivesse seus direitos reaes.

O governador Francisco de Vasconcellos da Cunha tratou de acodir logo á miseria da gente, mandandolhe dar um quartel, e o bispo D. Francisco de Soveral fez grandissimas esmolas, vestindo a maior parte daquelles necessitados que viuham nús, e tendo em sua casa outros de mais qualidade, como tão santo, e

virtuoso prelado, que é de que a mim tambem me coube alguma parte, porqne o governador inteirado da necessidade em que eu vinha me fez mercê de oitocentos cruzados de ajuda de custo para me poder aprestar para este reino, aonde em poucos mezes antes imaginava ver-me com perto de quarenta mil cruzados, como é notorio á gente da minha nao.

Daqui me aprestou o governador uma caravela, em que a cinco de Maio parti para a Bahia, onde cheguei em vinte e seis dias, trazendo comigo as vias de Sua Magestade, e as do governador de Angola, em que dava conta desta fazenda pelo modo referido; nesta passagem trouxe tambem em minha companhia o mestre, o piloto, o guardião, o escrivão, o estrinqueiro, e vinte tantos homens de mar, porque uns foram pelo Rio de Janeiro, outros por Cartagena, e outros ficaram em Angola.

Da Bahia como não achei armada me ordenou o governador Pedro da Silva escolhesse uma de tres embarcações que estavam carregando para fazerem viagem a este reino; e sahindo para fóra em onze de Julho demos no quarto da madorra com tres naos olandezas, tão perto que se nos viram primeiro nenhuma das embarcações escapara, e assim todos tiveram tempo de virar na volta que lhe pareceo; e a caravela em que eu vinha o fez tão venturosamente, que quando amanheceo estavamos mais de tiro de bombarda afastados delles por balravento, não aparecendo mais que uma das embarcações da nossa conserva, que escolhendo outro rumo brevemente a perdemos tambem de vista: e proseguindo nossa viagem sessenta legoas desta costa no quarto dalva vimos outra nao que nos ficava por balravento, mas tão perto, que julgando-nos por sua, nos não quiz atirar peça, antes largando bandeira de coadra se veio a nós, estando já como a tiro

de mosquete, e arribando nós enfiamos com ella, de sorte que pouco receavamos a sua artelharia, e largando todo o pano que tinhamos lhe escapamos venturosamente, e com prospera viagem em quarenta e oito dias chegamos dia de Santo Agostinho a surgir em Peniche, parecendo-nos que já achassemos neste reino alguma das embarcações que partiram comnosco, mas até ao presente não ha novas dellas, no que Deos me quiz confirmar as grandes mercês que em todo discurso deste naufragio me fez, trazendo-me a Portugal não só ajudando-me a passar tormentas tão terriveis, e perigos tão certos, mas livrando-me dos muitos inimigos que hoje cursam todos estes mares.

As vias de Sua Magestade entreguei a Francisco de Lucena por ordem da Senhora Princesa, e em sua propria mão as do governador de Angola do registro da fazenda que lá ficou, diligencia que eu fiz, levado assim do proveito que havia de resultar aos direitos reaes, como da segurança em que punha esta fazenda, porque como todos nos viamos perdidos, a gente de mar se alborotava, dizendo que o proveito não queriam que fosse só dos officiaes que a traziam, senão de todos em geral, pois todos igualmente trabalharam na salvação della, e em sua defensa; e assim, que a mandasse repartir, para o que me fizeram muitos requerimentos, e petições, sem querer muitas vezes trabalhar até com effeito se lhe dar a cada um o que pretendia; o que eu atropelando tudo pelo melhor modo que me foi possivel, persuadindo-os com que daquelle trabalho haviamos de ter todos a terça parte, fiz o que tenho referido, no que agora vejo, que muitos delles anteviam o pouco agradecimento que seus donos mostram neste reino a tão grande beneficio, querendo reputar este naufragio, como em costas de Espanha, ou de amigos, sendo que o menor transe foi o

de dar á costa; pois se considerarem os muitos porque passamos, entenderão que lhe démos de novo esta fazenda, o que eu espero que reconheçam todos; e assim os ministros de Sua Magestade Catholica, para o premio da que lhe soube acrescer á sua fazenda, pois os impossiveis que venci em tão breve tempo, não são tão novos que se vissem atégora, que em tão pouco, e tão faltos do necessario para tudo, e em terras de alarves, se fabricassem dous navios, e nelles se passassem tão successivos, e tão immensos trabalhos, como os com que cheguei ao reino de Angola, a que Deos me trouxe.

LAUS DEO.

LICENÇAS

Por mandndo do conselho supremo do Santo Officio vi esta relação do naufragio da nao Nossa Senhora de Belem almiranta da frota que sahio deste porto para a India Oriental o anno de 1633 de que é relator Joseph de Cabreira, capitão da mesma nao, nella não achei cousa que repugne á pureza de nossa santa fé catholica, ou reformação de bons costumes: e me parece digna de imprimir, para que communicando-se a muitos vão conferindo os que a lerem, o muito que estes miseraveis naufragantes padeceram, já no mar, já na terra, por conservar uma vida tão breve, com o pouco que de ordinario se trabalhou por merecer a eterna. E chegando ás mãos dos ministros de Sua Magestade, conhecerão que aos serviços do mar, e da guerra se deve de justiça o primeiro lugar.

Lisboa de casa de Santo Antonio dos Capuchos, 9 de Novembro de 1636.

Fr. Damaso da Apresentação.

Vista a informação pode-se imprimir esta relação, e depois de impressa tornará a este conselho conferi-

da com o original para se lhe dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 11 de Novembro de 1636.

Manoel da Cunha. Pero da Silva. Francisco Cardoso de Torneo.

Póde-se imprimir esta relação. Lisboa, 11 de Novembro 636.

Francisco da Motta Pessoa.

Que se possa imprimir esta relação visto as licenças do Santo Officio, e Ordinario que offerece, e depois de impressa torne para se taxar, e sem isto não correrá; a 17 de Novembro de 636.

Carvalho. Pereira. F. Leitão.

Visto estar confórme com o original. Lisboa, de casa de Santo Antonio dos Capuchos, 6 de Dezembro de 1636.

Fr. Damaso da Apresentação.

Vista a conferencia póde correr esta Relação. Lisboa, 12 de Dezembro de 636.

Manoel da Cunha. Pero da Silva. Francisco Cardoso de Torneo.

RELAÇÃO

DO

Naufragio que fizeram as naos Sacramento, e Nossa Senhora da Atalaya, vindo da India para o reino, no Cabo de Boa Esperança; de que era capitão mór Luis de Miranda Henriques, no anno de 1647.

Offerece-a á Magestade Del-Rei Dom João o IV Nosso Senhor

BENTO TEIXEIRA FEIO

Em Lisboa

Com todas as licenças necessarias

Impressa na officina de Paulo Craesbeeck
No anno de 1650

SENHOR

Se foi sempre verdadeiro premio dos perigos o gosto de os contar depois de passados, outro maior me fica, dos que me custaram tanto, qual foi o que V. Magestade, que Deus guarde mostrou, quando me fez mercê escutar o largo discurso delles, mandando-me lhe offerecesse a memoria de tão larga jornada, e pois Vossa Magestade tem tanto á sua conta honrar, e premiar seus vassallos, com muita razão espero se sirva V. Magestade de passar os olhos pela relação dos trabalhos de tantos, porque com esse só favor receberemos todos o maior premio, que se póde desejar. A muito alta, e poderosa pessoa de V. Magestade guarde nosso Senhor, como estes reinos hão mister, e desejam seus vassallos. Belem, 3 de Janeiro de 1650.

De V. R. Mag. humildissimo criado

Bento Teixeira Feio.

LICENÇAS

NÃO tem esta Relação cousa alguma contra nossa santa fé, ou bons costumes. São Domingos de Lisboa, 22 de Fevereiro de 1650.

Fr. Fernando de Menezes.

Vista a informação, pode-se imprimir a Relação inclusa, e depois de impressa tornará ao conselho para se conferir com o original, e se dar liçença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 22 de Fevereiro de 1650.

Fr. João de Vasconcellos. Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo.

Pode-se imprimir. Lisboa, 3 de Março de 1650.

O bispo de Targa.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e não correrá sem tornar á meza do Paço para se taxar. Lisboa, 5 de Março de 1650.

D. Pedro Presidente. Ribeiro. Casado. Andrada.

Está conforme com o original. S. Domingos de Lisboa, 28 de Novembro de 1650.

Fr. Fernando de Menezes.

Pode correr esta Relação. Lisboa, 29 de Novembro de 1650.

Fr. João de Vasconcellos. Pedro da Silva de Faria. Francisco Cardoso de Torneo. Pantaleão Rodrigues Pacheco.

Taxado em papel. Lisboa, 29 de Novembro de 1650.

Andrada. Pacheco.

Naufragio que fizeram as duas naos da India: o Sacramento, e Nossa Senhora da Atalaya, no Cabo de Boa Esperança, no anno de 1647.

Reinando no Estado da India o muito alto e muito poderoso Rei D. João o IV deste nome, Rei de Portugal nosso Senhor, cuja vida, e estado Deos prospere os annos, que seus vassallos havemos mister, e sendo Viso-Rei nelle D. Felippe Mascarenhas, partiram de Goa para Portugal uma quarta feira vinte de Fevereiro do anno de 1647 duas naos; a capitania o galeão Sacramento, capitão mór Luis de Miranda Henriquez, e a nao Nossa Senhora da Atalaya almiranta, capitão Antonio da Camara de Noronha. Dos quaes se veio despedir o Viso-Rei a bordo, mandando desamarrar uma manhã tão cedo, quão tarde do tempo, aprestando os officiaes todas as cousas necessarias, desfraldando velas, largou primeiro a capitania o traquete, e cevadeira, e da outra parte a almiranta, havendo a bordo muitas embarcações de amigos, e parentes, cuja saudade acrescentava o sentimento, tanto quanto a despedida em tão largo apartamen-

to era bastante causa, e assim a voltas de sentidas lagrimas, dando boaviagem nos partimos com o terral, que durou tres horas, entrando a viração escaça correndo a costa pelo Noroeste, e alargando o vento de noite, voltamos á nossa derrota com ventos bonançosos até altura de dez graos e um terço do Norte, em que um sabbado ao amanhecer, dous de Março largou a capitania bandeira, de que logo houvemos vista, e de uma vela, a que ella ficando mais perto atirou duas peças sem bala obrigando-a a amainar, e lançar o batel fóra, em que lhe mandou meter o capitão mór a Manoel Luiz seu estrinqueiro, com gente, e atravessando todos tres, nos detivemos em sua companhia quatro dias, com suas noites, intentando neste tempo o capitão mór que esta embarcação fosse perdida, não obstante trazer cartas do Viso-Rei, e ser do Rei de Mucelapatão, de quem o Estado da India recebe serviços de consideração, soccorrendo o Ceylão nos apertos, e fomes, que se offereceram naquella ilha, o que não aprovaram o capitão, officiaes, e cavalleiros da nao Atalaya, sendo consultados na materia, antes deram razões, porque á tal embarcação se devia toda a boa passagem, com o que a deixamos terça feira cinco de Março: nos dias, que aqui nos teve sem velejar, avaliaram os homens, que bem entendiam do mar, se perdera a viagem, o que depois experimentamos na falta de tempo para chegar a passar o Cabo da Boa Esperança.

Na nao em que me embarquei tomaram os religiosos á sua conta cantarem todos os dias as ladainhas, dizer missa, e pregações os domingos, e dias Santos, e João da Cruz guardião da nao fez um sepulchro mui curioso, em que tivemos o Senhor exposto vinte e quatro horas confessando, e commungando todos á quinta feira maior.

Aos doze de Março chegamos á falla com a capitania por causa de sabermos o sinal, que havia feito com tres peças, achamos ser falecido o inquisidor Antonio de Faria Machado, que na India o fora dezasete annos, de cujo procedimento, e authoridade se teve muita satisfação, e o sentimos, e a falta de outras pessoas, que de Goa sahiram doentes, ficando muitos fidalgos, e pessoas nobres, que com seu valor, e trabalho ajudaram depois á salvação dos que escapamos tanto a custa de sua vida.

Com grandes chuvas, e calmarias navegamos depois de passada a linha, quando da gavea a grandes brados, disse o gajeiro: Uma vela. Esta era o galeão S. Pedro, que partindo de Goa quinze dias depois, se encontrou comnosco, e nos acompanhou vinte dias, apartando-se no fim delles.

Ao de Pascoa dezanove de Abril mandou o almirante salvar o galeão Sacramento com sete peças, abrindo logo a nao quatro palmos de agoa, que os escravos, e grumetes esgotavam duas vezes no dia, o que dava cuidado a quem entendia o perigo, a que iamos expostos, assim por ser a nao velha, como por irmos cometer o Cabo no rigor do inverno, em que os temporaes são tantos, e de maneira, que nas embarcações novas dão grandissimo trabalho.

Em dez de Junho, em altura já de trinta e tres graos do Sul, com vento bonança nos rendeo o mastareo grande de que avizamos a capitania, e da agoa que fazia a nao, pedindo-lhe conservassemos a companhia ordenando-se-lhe uma semea para concerto do mastareo, e por o vento refrescar, não houve effeito, nem depois lugar pelo que sobreveio.

Em doze de Junho anoitecemos com a capitania, acalmando o vento antes de se pôr o sol, indo na volta da terra com o vento Oesnoroeste, metendo-se mui

vermelho com nuvens negras, e carregadas, fuzilando uma só vez, e se vio um peixe orelhão, cousa grande, anuncios tudo de uma noite temerosa. Entrou o vento assoprando, ferraram se as gaveas, e cevadeiras, ficando a nao em papafigos aguarruchados o quartinho, e quarto da prima; no fim delle ao pôr da lua, empolou o mar, e cresceo o vento de modo, que deu a nao um balanço tão grande, que meteo muito mar dentro, e as entenas, e serviolas debaixo da agoa. Mandou se arriar a escota, e ostagas para vir a verga grande abaixo, mas com o temor do mar, o tempo tão crescido, e pouca experiencia dos artelheiros, arriaram de maneira, que tomando o pano de luva atravessou a nao com um furacão tão forte, que nos levou a vela grande, e traquete fazendo tudo em pedaços com tal estrondo, que julgamos çoçobrar-se a nao, tendo-a adornada por muito espaço, e atravessada assim ao rigor dos mares sem nos podermos sustentar em pé na xareta com a pouca gente, que a este tempo se achou, sendo já mortos de doença oito marinheiros, cinco artelheiros, quatro grumetes, e outros passageiros, se acodio com grande cuidado a uma moneta, que traziamos já cozida na enxarcia de proa, para este effeito, e preparando-a governou logo a nao na volta delles, ficando a verga grande arriada a meia arvore com a véla de lais a lais em pedaços, e a do traquete dando ós estendartes, que ficáram pegados no gurutil, estrallos, sem se poderem cortar, nem o tempo o consentir. Neste estado passamos o restante da noite atormentando-se a nao com as pancadas das vergas, puchando por todos os ossos abrio dez palmos de agoa, correndo com o mesmo temporal nos amanheceo dia de Santo Antonio destroçados de velas, e cabos sem a companhia da capitania, aparelhando-nos para a seguinte noite, que nos ameaçava tão me-

donha, como a passada, e com chuveiros de pedra tão grossa como avelans, e muitos trovões, e raios.

Sendo o tempo ainda tanto, e correndo a nao em popa fomos çafando, e tirando o pano, que ficou na verga metendo uma cevadeira na do traquete, para se o vento fosse menos, poder a nao governar, e fugir aos mares, que pareciam querer çoçobrarnos. Este dia se passou, e ao outro, sendo já mais bonança, metemos outro pano, não largando as bombas da mão, com que avistamos terra de trinta e dous graos a cabo de alguns dias, que velejamos em demanda della, dizendo-se que á sua sombra se trataria do concerto, e tomar as agoas da nao, porém só se tratou de pescar, não faltando algum zeloso, que clamou sobre o descuido, que houve neste particular.

O mestre Jacinto Antonio, considerando o estado em que nos achavamos, e pouco remedio, que havia, lhe pareceo acertado arribar a Moçambique em quanto o tempo nos não impossibilitava de todo, aonde se seguraria o cabedal, e artelharia de Sua Magestade, e remedio de tantos: o que se divulgou logo pedindo D. Duarte Lobo ao mestre, que indo abaixo ver o estado da nao, de que se fallava variamente, o levassem com os mais offieiaes para resolução do que mais conviesse, o que não satisfez a muitos pelos empenhos que traziam, e pouca canela, que se lhe deu em Goa, intimidando ao mestre, e aos mais, que tratavam de arribar: de modo que senão tratou mais, que de navegar para Portugal ás voltas; em que andamos alguns dias multiplicando a altura para o Cabo, não cessando as bombas de laborar, a que acodiamos todos sem exceição de pessoa até os proprios religiosos.

Pelo que se prepararam alguns barris para gamotes fazendo-se-lhe arças, e çafando a boca do porão para uma casimba, valeo pouco a diligencia por causa da

arrumação da artelharia que se fez em Goa, não vir em forma, deixando porém na boca da escotilha quatro peças, havendo grande murmuração que a nao trazia rebentadas muitas curvas, e pés de carneiro fóra de seu lugar, tratáram de que indo a menos altura achariam mais bonanças, com que se tomariam algumas agoas, sobre que o mestre, e mais officiaes com o almirante foram abaixo, sem levar D. Duarte Lobo, como o havia pedido, e tornando assima com tres prégos do forro na mão, disse o mestre que a nao estava para poder ir a Jerusalem, com que senão tratou mais que da viagem do reino, e em pescar, voltando para o mar, sem se obrar mais cousa, que boa fosse para uma viagem de tanto risco, e trabalho, como a que se intentava.

Tornando com o traquete na volta de terra dia de S. Pedro, e S. Paulo do jantar para a noite, mandou o piloto Gaspar Rodrigues Coelho largar vela de gavea de proa, dizendo-lhe o sotapiloto Balthezar Rodrigues que estava perto de terra ; ao que respondeo que tinha navegado muito tempo naquella costa, que não havia de que recear, mais do que se vissem ás duas empulhetas do quartinho. Braz da Costa marinheiro, e cunhado do mestre, que mandava a via na cadeira gritando alto, com grande ancia : bota arriba irmãos, alvorotou a nao por se ver em um baixo que está ao mar da bahia da Lagoa em oito braças de fundo, que lançando o prumo se acharam com tanto sentimento de todos, quanto pode julgar facilmente quem se vio em semelhante perigo. Com grande brevidade mareamos largando a vela de gavea grande, içando, e caçando mais de doze vezes, a que acodiram officiaes com os mais sem faltar pessoa a sua obrigação. O sotapiloto Balthezar Rodrigues, que neste passo o não perdeo, gritou do perpao, donde mandava a via com

muito acordo, que o não arreceassem, que elle tiraria a nao por onde entrára com ella, e rebentando o mar por todas as partes trabalhou a nao, como que vinha debaixo, infinito, e achando-a atravessada deu tres balanços juntos, a cujo grande abalo foi a grita de maneira que o mundo nos pareceo se acabava, e consumia.

O guardião João da Cruz, que com os grumetes assistia ás bombas, assim afflicto acodio assima, e Deos nosso Senhor com vento terral, com que sahimos para fóra, e como o remedio principal em tanta tribulação estava nas mãos de Deos, e no trabalho das nossas, trabalhámos todos, e os religiosos de maneira, que nesta occasião valiamos um por cento. O padre Fr. Antonio de São Guilherme da Ordem de Santo Agostinho, que passava a Portugal por procurador geral da sua congregação, o fez de sorte, que chegando-se a elle neste transe o padre Fr. Diogo da Presentação da sua ordem que o confessasse, lhe respondeo que não era tempo mais que de trabalhar, e indo para o convez ajudar-nos cahio por uma escada com um dos balanços, que a nao deu, abrindo a cabeça com uma grande ferida, de que apertando a com um lenço não fez caso senão passado o trabalho.

Havia-se a tarde antes tirado uma esmola ao Santo Christo do Carmo de Lisboa, e vendo algumas pessoas a nao em tanto trabalho, e afflicção, perdida a esperança da vida, e posta só em Deos, que a sostinha, e é a confiança de todos, gritaram em altas vozes: Alegria irmãos, que agora se vio na gavea a Nossa Senhora com uma luz, como coroa, de grande respiandor, recreceo então geralmente tanto animo, e esforço, que não havia já que temer-se a morte. Desta maneira passamos a noite, ficando a nao tão desconjun-

tada deste trabalho, que não havia parte por onde não ſizesse agoa, acodindo todos ás bombas, achamos fazer muita mais, ajudando a isso o grande temporal, que nos entrou o dia seguinte, com que corremos com o papafigo de proa, sendo o mar tão grande, e os grandes balanços, que a nao dava que cada hora esperavamos se abrisse pelo meio, lançando o mar por sima do farol, e das arvores tanta agua, que foi necessario revezarem-se os padres por horas na popa benzendo os mares, e se se descuidavam alguma vez, logo nos encapelavam de maneira, que o sotapiloto, que estava á cadeira, se vio afogado com um mar, gritando que lhe acodissem, vendo-se só por todos estarmos occupados nas bombas; com o trabalho das quaes já os corpos não podiam, a que não faltáram já mais os religiosos, e passageiros, que tinhamos á nossa conta, por sermos poucos, á bomba de estibordo, e á de bombordo os grumetes de dia, e os cafres á de roda em que D. Duarte Lobo, e D. Sebastião Lobo da Silveira assistiam de dia e noite, desde treze de Junho, que começou o trabalho della, ajudando com doces, e mimos aos que trabalhavam, porque como faltava o fogão, tudo era necessario, e nada bastava. A bomba de roda nos dava grande trabalho e cuidado porque nos faltavam os fuzis cada hora.

Ordenou-se assistirem os cafres á bomba aos quartos de noite, o que se não executou, assistindo só os dous calafates, que vendo o quanto a agua crescia, avizaram por vezes do perigo, em que nos achavamos, a que se deu por ordem não amotinassem a nao. Em amanhecendo se abrio a escotilha grande, e se achou agua por cima do lastro, armaram-se logo os gamotes com grande diligencia para se encherem com selhas, e se escusaram, porque em menos de duas horas cresceo a agua tanto, que com os balanços se enchiam

os barris por si, e as pipas do porão se foram arrombando, e os paioes da pimenta, de maneira, que de todo cessaram as bombas intupindo-se com a pimenta, laborando só na escotilha grande dous barris de quatro almudes, e dous de seis, com que de continuo se trabalhava ao cabrestante, e á ré do mastro grande, aonde abrimos um escotilhão com dous gamotes, por sahir mais pimenta que agoa. Com este trabalho, e a nao já afocinhada toda sobre a proa, como estava alquebrada, não governava, como de antes, com a agua já por cima da barçola, e a proa de sobre a cuberta do porão mais de dous palmos. Neste perigo tão evidente, passamos dous dias com duas noites sem ver terra, que descubrimos em amanhecendo uma ponta de recifes com muito arvoredo, que pareceo ser de um rio com uma praia de area muito comprida, e uma enceada grande, que julgamos se sahiria a ella do batel a pé enxuto.

Assentou-se em conselho, visto o estado da nao, se fosse buscar a terra, que se via, lançando ao mar a artilharia, que sempre veio abocada, salvo a da Cuina que vinha ao porão, o que não houve effeito por não poderem os corpos aturar o trabalho, e só foram ao mar duas peças. Com vento bonança, ainda que o mar picado se largou vela de gavea grande, a qual indo a caça-la se fez em pedaços, e o mesmo a de proa, levando a cevadeira toda rota, e o traquete com muitas costuras descozidas, mariamos com a vela grande, que ao habitala na amura, passando-lhe talha em ajuda se despedaçou.

A este tempo já o almirante ordenava ao condestable Francisco Teixeira embarrilasse alguma polvora, e balas, juntando as armas, que achasse, e todo o cobre, e bronze, que houvesse para sustento do arraial, por ser este o dinheiro que corre nesta cafraria,

e porque se resgata o necessario. A noite se passou com o trabalho dos gamotes, os cafres já em terra com grandes fogos, e ao outro dia pela manhã tres de Julho se entendeo em preparar o batel para lançar gente em terra, dando o mar lugar. Entrou a viração, e picando a amarra com o traquete chegamos a dar fundo em sete braças na enseada, e o mestre mandou cortar as ostagas grandes, e ficou a verga atravessada no meio do convés, para que cortando-se servisse de levar alguma gente.

Botou-se o batel ao mar com ordem, que fosse alguma gente, armas, e mantimento a tomar sitio, e os mais ficáram dando aos gamotes, sustentando a nao, e chegando o batel á pancada do mar por correr a agua muito, e ser já tarde, não se atreveo lançar nada em terra, tornou logo a bordo, dizendo, que o mar não déra jazigo, e tinha um banco grande, e á terra delle um lagamar, para que corria a agua muito. Veio anoitecendo, e baixada a maré começou a nao a tocar, e lançar o leme fora pela meia noite, pelo que cortamos a arvore grande, e traquete, dando-se fundo a outra ancora por não desgarrar, e ao virar com a maré ficámos em oito braças.

Amanheceo quarta feira, quatro de Julho, e ajuntando-se todos os cabos delgados se fez delles uma espia, que se colheo dentro no batel, e com a gente necessaria, armas, e o que puderam levar de mão, deixando uma ponta da espia na nao, remáram para terra, e chegando á pancada do mar, era tão grande o macareo, que o padre Fr. Diogo da Presentação, que ia no batel, absolveo a todos dando cada um materia em publico pelo grande aperto.

Chegaram a terra, e sem impedimento dos cafres, que não pareceram, botaram em terra o que levavam, e tornando a bordo fez segunda viagem com D. Bar-

bara, e Joanna do Espirito Santo portuguezas, que se embarcáram, com todas as negras que levavamos, e o almirante, e D. Sebastião Lobo, e outras pessoas, ficando D. Duarte Lobo, e o padre Fr. Antonio de S. Guilherme na nao com os officiaes, e eu, que não quizemos largar este fidalgo, por mais que nos rogou, que nos embarcassemos, andando todos pasmados, porque os que prestavam para o trabalho uns andavam no batel, outros ficáram em terra para defensa do que se desembarcava ajudando aos que iam no batel, porque os mais que ficáram a bordo não atinaram a fazer uma jangada, nem a embarcar quatro fardos de arroz, havendo na xareta mais de mil, e muitas cousas de comer, de que não chegáram a terra mais que trinta fardos, e esses molhados. Neste dia fez o batel quatro viagens á terra, e na ultima sendo já quasi noite se embarcou D. Duarte com os officiaes, a rogo de todos, e com elle o padre Fr. Antonio, e o padre Francisco Pereira, que foi da Companhia de Jesu, não consentindo se metesse mais no batel, que gente, e vindo ella crescendo, e os escravos, chamamos pelo padre capelão, o qual não quiz sahir, dizendo ficava com aquelles irmãos acompanhando-os, por quanto a noite prometia ser trabalhosa, nem haver pessoa, que ficasse a bordo fazendo trabalhar nos gamotes. Nesta batelada nos embarcamos setenta pessoas, e chegando a terra trabalhosamente, alagado o batel até a borda, de que ainda alguns nadamos.

Aquella noite ficou o batel encalhado, e os da nao passáram com grande trabalho, e pela manhã cinco de Julho se embarcáram Braz da Costa, e Paulo de Barros com a mais gente, que andava no batel, que estes dous marinheiros sós assistiram sempre nelle com grande risco, e trabalho, que os mais se revesavam. Muitos largando a praia se tornavam a bordo, por ter lá

que comer, o que lhe faltava em terra. A primeira batelada se fez a salvamento pela espia, a segunda entrando a viração cedo, empolou o mar, e tornando de bordo para a terra, por mais que os que estavam já no batel o defendiam, se lançou muita gente a elle, carregando-o, e largando para fóra indo já um espaço da nao um china de D. Sebastião Lobo, que ficava a bordo cortou com um machado a espia, que estava dada na serviola, com que chegando o batel á pancada do mar, não tendo rogeira, que o indireitasse, atravessou de maneira, que se alagou com setenta pessoas, que trazia dos quaes cincoenta morreram afogados sem lhe podermos valer os que estavamos em terra alando o batel para ella onde chegou com grande trabalho todo descozido, e os que escapáram, sem o mar lançar nada do muito, que se embarcou a bordo.

A sesta feira mandou o almirante concertar o batel, e dando quinhentos xerafins a quem tornasse nelle á nao buscar a gente que ficava, não se atreveo ninguem por o mar ser grande, e maior o terror do successo do dia antes. Os que estavam a bordo causavam um lastimoso espectaculo com gritos, e clamores, que faziam ao ceo, que com ser de longe eram taes, que nos davam bem que sentir aos que estavamos na praia, e por na nao não haver já mais reparo, que do mastro grande á ré, e o mais estar cuberto de mar, e perderem as esperanças do batel, se lançaram muitos á agua em páos, em que alguns sahiram a terra, e os mais pereceram havendo a noite antes disparado uma peça para lhe acodirem.

A noite seguinte da sesta para o sabbado sahiram alguns negros nossos a terra, dizendo, que ainda estava na nao gente branca sem mais reparo, que um painel da popa, em que estava a imagem de Nossa Se-

nhora da Atalaya, porém de madrugada se acabou de fazer toda em pedaços, não sahindo de toda ella em terra mais que um quartel pequeno inteiro, e o mais pao por pao, e alguns caixões dos que estavam por cima, botou o mar, mas em pedaços. E nisto se resolveo a opulencia de uma nao tão poderosa, e aqui se viram muitos nús, e pobres, que havia bem pouco eramos ricos, e bem vestidos.

O almirante fez alarde dos que ficamos, que repartio em tres esquadras, de que tomou para si a dos passageiros, e os marinheiros, e grumetes repartio pelos officiaes, mandando lançar bando, que tudo o que se achasse de comer viesse ao arraial a monte maior, para o que nomeou alguns homens, que para este effeito corressem á praia, prohibindo aos mais sahir do arraial, que mudamos para dentro do mato, porque na praia, em que sahimos nos cobriamos de area. Fizemos barracas, que é o mesmo que tendas de panos brancos, em que assistiamos, preparando nos para a jornada, que esperavamos de marchar pela cafraria até o Cabo das Correntes. O mantimento, que se achou se poz no arraial com centinelas. Em onze dias que aqui estivemos, se passaram grandes necessidades de fome, e sede, por falta de mantimentos, e a agua se ir buscar ao rio do Infante perto de uma legoa, e tão roim, que nos adoeceo della muita gente, e morreram alli Vicente Lobo de Sequeira do habito de Christo, natural de Macao ,que já nesta paragem se perdera na nao S. João, e um artilheiro por nome Marcos Coelho.

Para os casos que succedessem, se deram por adjuntos ao almirante D. Sebastião, e D. Duarte Lobo da Silveira irmãos, Domingos Borges de Souza senhor da villa, e conselho d'Alva, que do reino viera na mesma nao, os padres Fr. Antonio de S. Guilherme, e Fr. João da Encarnação, e os officiaes da nao, e escrivão

João Barbosa, por estar para morrer Francisco Cabrita Freire. Neste naufragio se acharam tres marinheiros, que havia quatro annos se perderam nesta parágem na naveta, de que foi capitão D. Luis de Castelbranco, e tinham marchado pela cafraria até o Cabo das Correntes, e se chamavam Antonio Carvalho da Costa, Paulo de Barros, e Matheos Martins. Aos primeiros dous se nomearam para resgatadores do arraial, e a Aleixo da Silva, passageiro por feitor. Nesta praia em que sahimos, achamos de maré vazia grande quantidade de ameijoas muito boas, que ajudáram a passar as fomes que se padeceram.

A oito de Julho foi D. Duarte Lobo com o sotapiloto Balthazar Rodrigues, Urbano Fialho Ferreira do habito de Christo, filho de Antonio Fialho Ferreira, com outras pessoas mais ao rio do Infante tomar o sol, e acharam trinta e tres graos, e um terço, botando uma ponta do recife ao Noroeste com muito arvoredo, a praia de mais de duas legoas de comprido, e a costa com comaros de area branca com arvoredo por cima, e a serra toda escalvada. Tomando o sol se deu rebate de haver cafres na praia, a que fizeram esperar por acenos, e chegando á falla, não se achou quem os entendesse por falarem por estalos. Andam nús, e só cobrem algumas pelles, não usam sementeiras, nem vivem mais qne de algumas raizes, caça, e algum marisco, quando decem á praia. As armas são paos tostados, e poucas azagaias de ferro.

Tornados D. Duarte Lobo, e os mais ao arráial, se repartiram as armas, balas, e polvora, e alguns cocos para a meter, cobre necessario para o resgate, linhas, e arpoeiras para a passagem dos rios, tudo por rol nos livros del-Rei. O arroz se achou todo ardido, e podre, com o que se apressou mais a partida, deixando enterrado o cobre, e palvora que sobejou.

Nos dias que aqui estivemos tratou o almirante com o piloto Gaspar Rodrigues Coelho, e o escrivão Francisco Cabrita Freire, e outros doentes, e impossibilitados para marchar, que se quizessem lhes mandaria preparar o batel, e dar gente, que mareasse, que o piloto não quiz aceitar, e assim se não tratou mais disso, sendo o que mais convinha para não perecerem estas pessoas, e as mulheres, e doentes, como adiante se verá.

D. Sebastião Lobo da Silveira era tão incapaz para marchar por ser muito pezado de gordura, e outros achaques, que lhe impediam andar poucos passos por seu pé, pelo que pedio aos grumetes, e officiaes, que o persuadissem, e por via de seu irmão D. Duarte Lobo, que de todos era bem quisto, se veio a concertar, que o acarretariam em uma rede, que se fez de linhas de pescar, dando a cada grumete oitocentos xerafins, a que se obrigou D. Duarte Lobo, e elle deu penhores de ouro. Era este fidalgo tambem doente, e no arraial o tivemos á morte, e assim ordenada a rede com os seus negros, e dous mais que comprou, intentou passar a jornada. O mesmo emprenderam Domingos Borges de Souza, que fez de uma alcatifa um andor, e Francisco Cabrita, outro de um pano, servindo-lhe de canas os remos do batel, que o carpinteiro affeiçoou. O piloto com duas muletas, e os mais como lhes permitiam seus achaques, os são com suas armas, e todos com seus alforges, em que cada um carregou o seu resgate de cobre, e roupa para sua limpeza.

Mais tempo era necessario para descançar do trabalho passado, e tomar alento para os que nos esperavam, mas a falta de mantimento, e a malignidade do sitio, nos apressou a partir segunda feira quinze de Julho pela manhã, depois de rezarem todos uma la-

dainha a Nossa Senhora. Não se póde reduzir a brevidade o sentimento, e lagrimas, com que se deu principio a esta tragedia tão lastimosa, ficando alli por causa de feridas, com que sahiram á praia um cafre do contramestre Manoel de Souza, um meu cabrinha e uma negrinha do condestable Francisco Teixeira, que morreo afogado vindo no batel para terra.

Começamos a marchar, levando o almirante a dianteira, e o mestre Jacinto Antonio a vanguarda, e o contramestre a retaguarda, começando a sentir lastimas e miserias dos doentes, e incapazes de acompanhar o arraial, julgando do principio o que seria ao diante. A' nossa vista, tendo marchado menos de uma legoa pela praia, se deixou ficar Bertholameu Pereira Loreto marinheiro de cansado, a quem os cafres que já vinham em nosso seguimento, matáram logo, sem se lhe poder valer. Dahi mais a diante os mesmos cafres tomáram a D. Barbora os alforges, que trazia ás costas com o seu resgate de cobre, e mantimento, que lhe coube, e uma mutra de diamantes, que escapou, e a não lhe acodir a retaguarda apressadamente, a matariam, como ao Loreto, e por não poder acompanhar-nos a tomou Antonio Carvalho da Costa marinheiro ás costas, e a trouxe até noite. A portugueza Beata Joanna do Espirito Santo deu tambem grande molestia, e os mais doentes. Com tudo chegamos a assentar o arraial em um recife junto ao mar aonde achamos uma fonte de muito boa agoa, não podendo o piloto chegar a ella ficou atraz um tiro de espingarda, e pedindo confissão lhe acodiram os padres com muita charidade, e ao escrivão, que chegou á noite bem tarde esperando, e ahi passamos esta noite.

A terça feira dezaseis de Julho, chamou o almirante a conselho, para assentar o termo, que se havia de ter com as mulheres, e pessoas impossibilitadas, que

nos impediam o caminhar com a brevidade necessaria para chegar a terra de resgate, porque os grãos de arroz, com que sahimos donde nos perdemos, eram tão poucos, que não passavam de duas medidas cada pessoa, e segundo affirmavam os que haviam passado já aquelle caminho, não se podia achar resgate em menos de um mez, e bem altercado se resolveo, que visto o estado, em que nos viamos, e o piloto, o escrivão, D. Barbora, e Joanna do Espirito Santo nos não poderem acompanhar, e por os esperarmos nos expunhamos a perecer todos á fome, se avizasse ás mulheres, que marchassem diante, não tratando já do piloto, e escrivão, que um delles estava já sem falla, e o outro não estava para nada, e que fossemos por diante deixando quem se não atrevesse a marchar com o arraial, de que avizadas as portuguezas, responderam, que Deos nos acompanhasse, que ellas se não atreviam, nem podiam, e assim as deixamos, confessando se primeiro, e uma negrinha, que quiz ficar com ellas, e sem cousa alguma de comer.

Nesta occasião esteve D. Sebastião arriscado a ficar, porque os grumetes, que o acarretavam, não podendo aturar o trabalho, se desobrigavam de o trazer; a que acodio D. Duarte Lobo, e com bons termos, e mais interesse alcançou o levassem aos poucos. Aquelle dia marchamos ao longo do mar por recifes, de que sahiam muitos ribeiros de agua doce, e passamos alguns rios, que aos não acharmos secos nos causariam dano. Nas praias se achava algum marisco, mas pouco, e se viam alguns passaros grandes, como pavões. Aqui por o caminho ser roim, e o comer pouco, ou nada se resolveram os grumetes a deixar D. Sebastião Lobo, ao que se acodio ordenando-se que se escolhessem de entre todos doze os mais robustos, e os outros que acarretassem o fato destes. Fomos mar-

chando um dia por caminhos asperos, e estreitos junto ao mar, por onde não cabia mais que uma pessoa apoz outra fazendo um alcantilado, e barrocas pela banda da praia, chegamos a um passo mui arriscado, do qual passamos a um rio muito caudaloso, e arrebatado, que passamos com agua por cima do joelho, o qual passado descançamos, e os grumetes tornando a marchar, desempararam a D. Sebastião Lobo, que não se atrevendo a marchar por seus pés se deixou ficar. Ao outro dia chegamos a outro rio de mui fresco arvoredo cerrado na boca, em que se achou um baleato dado á costa na praia, de que cada qual chegamos a cortar seu pedaço para comer, e aquella tarde passamos por muitos lamaraes, e passos trabalhosos, por fim dos quaes sentamos o arraial junto a um ribeiro de boa agua.

Achando-se menos D. Sebastião, porque o almirante, e D. Duarte, como iam diante não tiveram noticia de o haverem deixado os grumetes, tratáram com os marinheiros de o irem buscar, e sendo já noite tornáram atraz duas legoas, e achando-o aonde o haviam deixado, o levaram ao arraial a que chegou muito tarde, dizendo em alta voz, que D. Sebastião Lobo da Silveira não sentia a morte, mas os roins termos, que se tinham com sua pessoa. Ao outro dia se tratou com os marinheiros quizessem carregar este fidalgo de que os grumetes tinham desistido, sobre que o almirante fez muitos protestos sobre a grande qualidade deste fidalgo, e se embarcar para o reino chamado por Sua Magestade.

Marchamos ao outro dia pouco, e pouco, e quasi uma legoa achamos o rio de S. Christovão, e para o passar ordenamos duas jangadas, por o rio ser caudaloso, de muito fundo, e grande corrente, e arrebatada, uma dedicamos a Nossa Senhora d'Ajuda, e a outra á

do Bom Successo. Aqui se confessou D. Sebastião, e fez seu testamento desenganado de nos não poder acompanhar dando mostras de muitas joias, e cousas preciosas de que não havia noticia, offerecendo-as a quem o podesse levar ás costas. A' vista do que, e das persuações do mestre Jacinto Antonio a quem para este effeito deu seis voltas de cadea de ouro, se tratou com dezaseis marinheiros os mais robustos, a quem D. Sebastião entregou logo tudo o que ostentára. Depois de passar o rio, que por ser muito arrebatado, e não dar lugar a barqueir as jangadas se não na baixamar, se não pode naquelle dia, e ao outro dezanove de Julho, o acabamos de passar deixando afogado um cafre nosso, a que a corrente levou, e um marinheiro Antonio da Silva doente, que se não atreveo a marchar. E aos vinte de Julho concluiram os marinheiros de levarem os dezaseis a D. Sebastião Lobo.

Passado o rio fomos marchando pela praia, por caminhos estreitos, e chegando a uma fonte, se deixou ficar Filippe Romão, um passageiro vindo do reino na propria nao, que era casado em Lisboa, e fora estribeiro da princeza Margarita, por nos não poder seguir por doente, e tambem se tinha já ficado Lourenço Rodrigues escudeiro de D. Duarte Lobo, e casado em Alfama, por não poder marchar tanto, havendo-o até ali feito com duas muletas, e dizendo-lhe seu amo, passando por elle, que se alentasse, lhe respondeo, que Deos o ajudasse, e levasse ante os olhos da senhora Dona Leonor sua mulher, que elle senão achava com forças, nem animo para os seguir. O padre Fr. Antonio de São Guilherme tambem o animou, mas elle persistiu em sua determinação, e indo o padre já apartado um pouco, o tornou a chamar, o qual cuidando que era para alguma reconciliação, tornou a ouvir o que lhe queria, e elle lhe disse: padre Fr,

Antonio, já que se vae, faça me mercê de uma vez de tabaco, e Deos o acompanhe, e ficára muito consolado se me fizeram uma cova nesta area para me meter nella. Marchando aquelle dia tres legoas passamos um rio de grande corrente com agua pela cinta, e ao outro dia tendo andado uma legoa, chegamos a outro rio, que passamos de baixamar com agua pelos peitos, depois do qual achámos melhor caminho, mas despovoado, aparecendo sómente alguns cafres caçadores, que não queriam chegar á falla comnosco. Neste caminho achamos boas aguas, algumas palmeiras bravas, e pequenas, os palmitos das quaes tirados com trabalho eram alivio, sendo a fome já geral. Neste dia avistamos algumas palhotas com cafres, que em nos vendo se puseram a fugir, e entrando nellas se acharam dous polvos, e poucos grãos de milho. Ao diante encontramos dous cafres, a quem, por se chegarem á falla, demos duas fechaduras de escritorio a cada um sua, que são as joias que os barbaros desta cafraria mais estimam; e perguntando-lhe por resgate, responderam por acenos, que mais adiante se acharia.

A vinte e um de Julho, marchando apressadamente obrigados da fome, e sem ordem na marcha por irmos já mui fracos, sahiram dous barbaros do mato, e achando a Felicio Gomes marinheiro, apartado dos mais, lhe levaram a mochilla, e um jarro de latão, que lhe acharam na mão, e se lhe acodio com brevidade, mas não aproveitou, porque estes cafres fazendo seu assalto, não ha quem lhes dê alcance. Chegando a um alto, queimamos umas palhotas, não achando dentro mais que umas panellas de barro vazias. O que feito alcançamos o arraial já assentado perto de um rio, e todos mui tristes pela resulução, que os que traziam a D. Sebastião tomaram de o deixar por se acharem faltos de forças; e elle desenganado, e deliberado a se

ficar tratou primeiro de tudo de se tornar a confessar, e dando aos que até alli o trouxeram um anel de um rubim a cada um, dispondo do mais, se despojou até de uma cruz de tambaca com reliquias, que trazia ao pescoço, e uma caldeirinha de cobre, sem cousa de comer pelo não haver, e todos se despediram delle com o sentimento devido, ficando debaixo de uma pequena barracasinha de pano, gordo, e bem disposto, e com todas suas forças, por não se atrever a marchar a pé, e com elle um china pequeno, e um cafre, que foi de Domingos Borges de Sousa. D. Duarte Lobo seu irmão ficou com elle um grande espaço, mostrando D. Sebastião neste trance tão grande paciencia, e bom animo, que se perseverou se pode piedosamente ter por certa sua salvação.

Sahimos dalli chegamos a passar outro rio com agua pelos peitos na baixamar, e dahi por diante parecia a terra mais fresca com algumas boninas, ortigas, e sarralhas, a que muitos obrigados da fome se lançaram de boa vontade assim cruas, como as achavam. Passando dous rios secos chegamos a um, que vadeamos com agua pela cinta, dando dalli em serras de terra fofa, das quaes entramos em um bosque, em que se achou um ribeiro, e aqui fizemos noite, tornando a marchar pela manhã pela praia, passamos tres rios secos, e outro, que para o passar foi necessario fazer uma jangada, que se offereceu a Nossa Senhora do Soccorro, em que passamos, e o fato, vindo a nós alguns cafres com quatro peixes, que lhe resgatamos, dando a entender que perto dalli ficava o resgate. No seguinte dia de Santiago marchando pela praia, nos metemos por um bosque, á causa de muitos recifes, que não podemos vencer, de matos espessos em que achamos armadilhas, e covas para elefantes, e em um alto cinco palhotas redondas, e abobodadas á feição de

um forno, em que se não achou nada, marchando adiante, e passados quatro rios secos, fizemos alto em um caudaloso, e arrebatado para ordenar jangada, em que o passassemos, ao outro dia de Santa Anna, aonde achamos alguns mortinhos verdes, achando se por ditoso quem alcançava delles, e outros de umas favas, com que deram na praia, de que os que comeram estiveram á morte.

Sabbado 27 de Julho passado o rio, marchamos por um bosque, de que sahindo á praia houveram alguns vista de fogo em um alto, e indo tres homens a ver o que era, tornaram pedindo alviçaras que havia vacas, pelo que com grande alegria, e devoção rezamos uma ladainha a Nossa Senhora. Deceram logo os cafres em grande numero, e entre elles um que fallava português, e se chamava João, que ficou por alli da nao Belem, e se deu logo a conhecer, e os mais fallavam por estallos, e traziam umas pelles com que se cobriam pelas costas, e o mais corpo nú, assim homens como mulheres, que só se differençavam, em trazerem as mulheres a cabeça cuberta com barretes do mesmo couro; neste sitio resgatamos neste, e no outro dia dez vacas, que se mataram, e comeram com resgate franco para todas as vacas, que quizessemos comprar, o que os nossos resgatadores não consentiram, dizendo, que dalli por diante todos os dias se acharia resgate. Pedio o almirante ao cafre João que quizesse vir em nossa companhia com grandes promessas, mas elle desculpando-se com ser casado, se ficou, e nós marchamos pela praia; á segunda feira nos sahio o cafre João, e os mais ás frechadas para nos matarem, e roubarem, não ousaram com tudo cometer o arraial, em que sempre estivemos com boa vigia.

Nesta praia deixamos um marinheiro, que servira de gageiro casado, e morador á Bica de Duarte Bello

em Lisboa, confessado por se não atrever a marchar, a que os cafres despiram á nossa vista, até o deixar nú, arrastando-o pela praia, e elle de joelhos, e com as mãos levantadas em meio de todos lhe não podemos valer, e indo nós marchando pela praia nos serviram bem de frechadas, porém Urbano Fialho, e Salvador Pereira ás arcabusadas lhes fizeram largar o posto, e dar logar a caminhar mais livremente por um caminho aspero, e trabalhoso, de que sahimos por umas lapas, em que colhemos um cafre muito velho, que alli vivia, de que não soubemos nada de novo. Errando o caminho viemos a um rio grande, aonde se passou bem roim noite á causa de grande frio, e falta de agua, e ao outro dia pela manhã esperamos a passar o rio em baixamar a vao com agua pela cintura, vencendo a corrente com grande trabalho, e seguindo novo caminho por recifes tão agudos, que aos que iam calçados molestava muito, e aos outros rasgava os pés, passando com os focinhos pelas pedras. Sahindo deste trabalho entramos em outro egual de serras ingremes, que pareciam ir ao céo, donde passamos a uma ribeira de agua, em que descançamos, havendo vista de cafres, que chegaram á falla, e resgataram cinco peixes, dando a entender que havia adiante resgate. Aqui se acháram alguns figos, que na India chamam da gralha, mas poucos, e sobindo a uma serra, na decida della fizemos alto para passar a noite junto a um ribeiro de agua doce. Ao outro dia mandou o almirante descobrir terra, e ver se havia algum povoado, ou gado, e monteando assás voltáram os que foram ao arraial cansados famintos, e sem noticia alguma. Daqui marchamos caminhos pela praia por recifes, em que se mariscou para comer, crú assim como se achava, por quanto a fome escusa guisados. Chegamos dahi a um rio muito largo, e de grande

corrente, em cuja passagem gastamos tres dias por esperarmos baixamar, e a agua quieta passando com ella por baixo dos braços, donde fomos descançar a uma praia, em que nos custou muito trabalho achar agua de beber, aonde mariscamos algumas ostras nas lapas, com que se aliviou a fome, por haver cinco dias se não comia nada, e a este rio chamámos de S. Domingos, por se achar em sua vespora. Com trabalho por a fome a fazer peior, passamos este caminho, até dar em um monte de terra movediça, tão apique, que por nos valermos das raizes de figueiras bravas, que a natureza alli criou nos serviam mais as mãos, que os pés, e para poder passar uma barroca grande, e alcantillada para o mar fizemos todos o auto de contrição, porque se se escapava delle abaixo se dava em recifes, e lagens mui agudas. Causou maior trabalho o mestre Jacinto Antonio, a quem coube aquelle dia levar a dianteira, por se adiantar passando um rio com agua pela cinta, estando-nos nós todos vestindo, com uma escopeta, e uma inxó na mão, se levantou uma voz que o mestre, e alguma gente que o seguia se apartava, fama que havia dias corria no arraial, pelo que em seu seguimento se foi a maior parte do arraial, ficando D. Duarte Lobo, e seus camaradas, que não sabiamos deste engano, tornamos ao caminho por dentro de um mato avançando uma serra com menos trabalho, sahindo aonde os affligidos que seguiam ao mestre montavam mais mortos, que vivos, a que perguntando por elle nos disseram, que tomára outra subida mais perigosa por não achar sahida pela praia.

Ajuntando-nos todos outra vez, e descançando, marchamos até assêntar o arraial junto a um ribeiro, sendo já tanta a fome, que nem ás ervas verdes perdoava, que tal vez se não achavam correndo o ribeiro muitas vezes por ellas, e comendo-as cruas. Pela ma-

nhã começamos a marchar, ordenando-se aos resgatadores que fossem sempre diante alternados descobrindo se se achava rasto de resgate, de que Paulo de Barros houve vista de cafres, de que se não alcançou cousa certa; indo tão desfallecidos, que onde nos sentavamos a descançar, a gatas andavamos buscando ervas, e favas de pés de cabra, sabendo que em as comer nos arriscavamos á morte, por serem peçonhentas.

Mudamos o caminho da praia por ser muito esteril sem ostra, lapa, nem cangrejo nella, e mui chea de recifes. Entrado pela terra dentro fizemos alto junto a uma ribeira de boa agua, aonde achamos palhotas de cafres, que vendo-nos se meteram no mato sem querer vir á falla com nosco. Viemos daqui a uma pedreira cuberta de arvores frescas, com um charco de agua doce tão clara, que nos convidou a descançar, aonde se buscaram algumas ervas, e quem achava cangrejo se tinha por venturoso. Dous dias marchámos a terra dentro, padecendo as maiores fomes, que já mais os nacidos soportáram, em que aconteceu em uma destas noites chegar-se um grumete a uma fogueira, que se fazia junto á barraca de D. Duarte, descalçando se açar um sapato, e come-lo com grande sofreguidão, por não dar parte a outrem.

Ao terceiro dia marchamos sete legoas por serras, e caminhos asperos até dar á vista de um rio, para o que decemos com trabalho uma serra ingreme, e pelo cansaço da marcha, sem ordem no caminhar, e com risco de se dividir o arraial, pelos caminhos encontrados, que se offereciam, se não deramos fé delle de uma serra, tornando muito atraz para a não perder, a que chegamos bem noite, junto a um rio, aonde se acharam muitas beringellas bravas, e amargosas, que se comeram sem saber o que era botando as pevides fóra, e outros a que não abrangiam, aquentavam

agua com pimenta, e a bebiam, e os que escaparam algum ambar o mascavam, por perderem o sentido do comer. Neste rio fugiram esta noite todos os cafres, que carretavam a D. Duarte, roubando todo o arraial do cobre, e caldeiras, e o mais que puderam levar, sentindo-se só ficar este fidalgo exposto com a falta delles a não poder marchar com nosco por vir muito falto de saude e forças. No dia seguinte aos nove de Agosto levantando-se o arraial para o mar junto ao rio em busca de vao, que achamos seco sobre tarde, sendo Deos servido acharmos muitas figueiras bravas da India, cujos talos crus, e cosidos serviam de aliviar a fome. Aqui chegamos tão fracos, que alguns se deixaram ficar atraz não se atrevendo a marchar, e assentamos logo da outra parte do rio, e ao outro dia de S. Lourenço marchando pelos montes altos por a praia não dar lugar, se deixou ficar João Delgado, que já fizera o mesmo o dia d'antes, e o almirante, e eu o trouxemos na retaguarda devagar, fez seu testamento, e confessando-se de novo com o padre Francisco Pereira, me pedio o deixasse á vista do mar, aonde ficou, tendo já o arraial trasposto uns montes, e indo já apartados, e despedidos delle. Começou a gritar, e correr atraz de nós, que querendo-o esperar, cahio elle de focinhos sem se levantar mais deixando o nós por seguirmos o arraial, que tambem nos deixava, e julgando que elle nos não podia acompanhar.

Era este mancebo casado em Extremoz, e ia com remedio, tendo servido na India desde o anno de 1635 em que passou a ella com Pedro da Silva, a quem servio. Este dia sobindo, e decendo serras se marchou pouco, assim por causa do caminho aspero, como por vir D. Duarte Lobo impossibilitado, e o não querermos deixar, nem a outros, que iam ficando desmaia-

dos, a que se acodio marchando menos, e devagar, lançando-se no chão a tomar folego, acabando de vencer uma serra, e subindo outra lastimando assás a quem os ouvia. Sobre a tarde á decida de um monte ingreme chegamos a uma pequena praia, em que havia um ilheo, que de maré chea ficava rodeado de agua, e muito grandes seixos em uma enseada pequena com uma ribeira de agua, julgando não faltaria marisco para aliviar a fome que nos tinha reduzido a estado, que não tinhamos mais que a semelhança de homens, e revolvendo toda a praia se não achou nada, ficando-nos por experiencia que nos recifes de semelhante pedra não ha marisco.

Nesta occasião, e sitio desgarrando-se os cafres do sotapiloto Balthazar Rodrigues a mariscar deram em uma barroca com a cabeça de um tigre muito podre, com muitos bichos, e máo cheiro, a que logo comeram a lingua, e o mais muitos contentes trouxeram a seu senhor, que o poz a coser com seus camaradas, e com D. Duarte Lobo, bebendo-lhe primeiro o caldo, com tanta vigia, que por guardar este seu achado dos mais, esteve em quanto se cozeo com uma espingarda concertada para o defender se lho quizessem furtar, e pedindo um religioso um pequeno não abrangeo a elle. O dia seguinte indo marchando alguns acharam no mato dous ratos mortos e de mao cheiro sobre que houve debates na repartição. Indo Paulo de Barros adiantado deu na praia com um cafre de que se alcançou estarmos perto do rio da nao Belem, e de que não faltava resgate de milho, e vacas deu-se-lhe sua joia de cobre, que elle restituio com um pequeno de milho, que trazia, que repartindo-se por todo o arraial couberam a cada pessoa doze grãos: cobramos alento com esta nova, e prostrados por terra demos graças a Deos, e se resou uma ladainha a Nossa Se-

nhora com muita devoção. E subindo uma serra bem ingreme tornamos á praia, e marchamos até um rio, que não sahia ao mar, onde assentamos o arraial na ribeira á vista de duas palhotas, em que o cafre, e seus companheiros se recolheo, dando a entender que a sua povoação estava longe, para onde nos acompanharia o outro dia, e deu ao almirante um lenço de mexilhões, que repartio com D. Duarte.

Assentando o arraial se sahio cada um pelo mato a colher figueiras para lhe comer os talos, e por uma negra dizer que umas flores vermelhas, que trazia na mão se comiam cozidas, se fizeram dellas caldeiradas, que cõmeram, e eram ervas babosas, as quaes causaram taes agonias, que a não aliviarem os que as comeram com bazares, e vomitar morreram por ser peçonha. Aos doze de agosto marchamos em companhia do cafre, que se chamava Benamusa, por um outeiro a pique na subida do qual descançamos muitas vezes, e vencida esta difficuldade descançamos em cima junto a umas palhotas, e o almirante deu uma manilha de cobre ao cafre para nos guiar, o qual nos deu a entender se queria adiantar, e que se inviasse com elle alguma gente para trazer resgate da sua povoação duvidou se ao principio, mas o cafre era tambem encarado, e alegre, e a fome, que apertava tanto, e tão fea, que uma, e outra cousa facilitou as difficuldades, que se offereciam, ordenando se a Paulo de Barros, que com seis marinheiros, e Aleixo da Silva com dous passageiros, tirando forças de fraqueza, se adiantassem com o cafre, a quem dando-se algumas joias de cobre se foi muito contente, e se lhe juntaram outros tres, que o esperavam no mato, a que seguimos perto de uma legoa, e chegando ao alto de uma serra gritaram alto esperando, e dando-nos os parabens de se ver já o rio da nao Belem, termo

de nossas esperanças; onde descançamos uma legoa delle. O cafre, e os que o acompanhavam tomaram seu caminho, sendo o nosso para o rio outro, pelo qual decendo chegamos á praia delle já tarde, em que assentamos o arraial, e achamos algumas reliquias da nao Belem, e alguns mortinhos.

Neste caminho esteve por vezes á morte o padre Fr. Antonio de S. Guilherme de peçonha de umas favas, que comeu assadas indozido de Domingos Borges de Sousa, que lhe affirmou as comera assim sem lhe fazerem mal, porém tornou em si a poder de pedra bazar moida, e outras contrapeçonhas. E á noite se ceou na barraca de D. Duarte Lobo um pedaço de couro de fardo de canela assado, e em outro rancho uma alparca de couro, que se trouxe nos pés mais de vinte dias, e na barraca de Jacinto Antonio o mestre um cão dos cafres, que se matou á espingarda, de que senão partio, nem com D. Duarte, de que elle ficou sentido.

Por se não achar agua desta banda abrimos cacimba na area de muito boa agua, e passamos tres dias confiando em Deos, e nos que foram com o Benamusa em os quaes fizemos uma jangada para passarmos o rio, e resgatando a alguns cafres, que vieram tão pouco milho, que não coube a cada pessoa, mais que uma chavana. A quarta feira vespera de Nossa Senhora da Assumpção chegaram a outra parte do rio os que esperavamos da aldea do cafre, livres da fome, e com as mochilas providas, e cafres em sua companhia com seis vacas vivas de resgate, e tendo feito a jangada, que dedicamos a S. Domingos Soriano, passou logo o rio a buscar Vicente da Silva criado de D. Duarte para dar razão do que acharam do resgate, sitio das aldeas e costumes da gente, este mancebo trouxe a seu amo um pequeno

de milho, dous mocates, e uma pequena de vaca cozida, de que o fidalgo partio com o almirante, e outras pessoas, e o mais servio de regalo a elle, e seus camaradas.

Ao outro dia de Nossa Senhora houve grande trabalho em passar a arpoeira para poder barquear a jangada por o rio ser largo, e de corrente apressada, e não podendo passar todos este dia ficou o almirante com os mais para o outro. E querendo um grumete passar a nado o arrebatou a corrente da vazante, de maneira, que o não julgamos escapar, e absolvendo-o de terra o padre Fr. João da Encarnação, e chamando por São Domingos Soriano, o colheo uma rebeça levando-o a terra sem dano algum. Os cafres, que vinham com as seis vacas de resgate por nos acharem ainda da outra parte, se tornaram á noite a suas aldeas, prometendo tornar com ellas, contra o credito dos que passaram primeiro o rio, que não criam o que os que vieram com elles, contavam da abundancia, que acharam, e boa passagem, que o cafre lhes fizera, pedindo a D. Duarte, que foi dos primeiros que passaram, enviasse ás aldeas apressar o resgate, a que se mandou Urbano Fialho Ferreira, e o contramestre Antonio Carvalho da Costa, e outros com armas, e cobre para resgatarem.

O dia seguinte dezaseis de Agosto acabou de passar o arraial, assentando entre duas serras á vista do mar, aonde chegaram os cafres com vacas, que se lhe resgataram, e repartiram pelos ranchos, matando uns, outros assando, e cozendo, e todos comendo com tão boa vontade, que senão lançava fóra mais que as pontas, e unhas das vacas, que tudo o mais servia, e vindo decendo depressa mais com muito gado, milho, e mocates, houve desordem da nossa parte aproveitando-se os resgatadores do mais, e melhor, espalhan-

do-se alguns pelo mato, e esperando os cafres, resgatando-lhe milho, e mocates em grande prejuizo de todos, dando por um mocate cobre, com que se resgatavam tres, e quatro no arraial, e os cafres achando fóra este preço não deciam com mais que com vacas, a respeito do que se lançou pregão com pena de morte, que ninguem sahisse fóra do arraial a resgatar, o que não bastou, porque ainda a fome á vista de tanta carne se não satisfazia. Ordenou-se ao mestre Jacinto Antonio, e outros rondar o mato, e caminhos não consentindo que se resgatasse, e que prendesse os que achasse, como achou tres portuguezes, e tres negros nossos, que prendeo, e trouxeram ao arraial, aonde feito concelho, os deputados deram por castigo, que dos tres brancos dous corressem com baraço, e pregão pelo arraial, e se lhe pregassem as mãos, e a outro faltou prova. Dos negros se lançou sorte para haver de morrer um, a qual cahio em um mulato de Urbano Fialho, em quem logo se executou, e os outros dous foram rigurosamente açoutados pelo arraial, encarregando-se esta execução, assim dos portuguezes, como dos negros ao meirinho, e sendo verdugo um negro. Na mesma pena encorreo um page do almirante, que ás costas de um negro, e com pregão, foi bem açoutado. Uma noite destas havendo dous dias, que faltava o resgate, se fez um curral, em que se recolhiam, e amansavam as vacas, que se resolveo trouxessemos vivas não cessando a todas as horas de ir gente á fonte, que ficava dous tiros de mosquete por detraz de uma serra, estando os nossos já recolhidos, tomaram a um negro nosso um caldeirão nella, e tornando para o arraial com grandes gritos, acudimos com as armas, e pelo tom da falla disparando-se uma escopeta alcançou a um cafre por uma perna, que logo trouxeram, e deixando-o preso, e com

centinella para o outro dia ser justiçado, em nos recolhendo se levantou outra grita, a que se acodio, e inquirindo achamos serem os companheiros do cafre ferido, que com elle tinham vindo a roubar, e como a noite era escura, sem a centinella dar fé o carregaram ás costas, e o levaram comsigo para o mato. Acharam-se neste conflicto menos dous cabrinhas nossos, que fugiram, levando a seus amos um caldeirão, e uma sertãa de cobre, e outro resgate mais oculto.

Entendendo haveria mais ladrões se embarcou alguma gente da nossa, e a poucos passos demos com um cafre, de que se lançou mão pretendendo elle com forças livrar-se, porém Joseph Gonçalves Velloso marinheiro, morador em Belem levando de uma escopeta, lhe deu com ella, e lhe quebrou um braço, e acodindo com fogo para o conhecer se achou que era um cafre por nome João, dos que haviam fugido a D. Duarte Lobo da Silveira, e roubado o arraial, a quem o almirante fez perguntas, e disse, que elle, e outros seus companheiros andavam por alli a roubar, pelo que o mandáram enforcar ao outro dia, depois de confessado. Logo começou outra vez a correr o resgate, como de antes de muito milho, mocates, e alguns cabaços de leite, e vacas, sendo estes barbaros já mais domesticos, por ventura pela communicação, que tiveram com os nossos da nao Belem, em sua perdição no anno de mil e seiscentos e trinta e quatro, o tempo, que neste sitio fizeram os pataxos.

Nos dias, que aqui nos detivemos, que foram quatorze, ou quinze para descanso da gente quebrantada com tantos dias de fome, e trabalho do caminho, que haviamos passado, houve algumas discenções, e tratos de se apartarem alguns, e marcharem em arraial apartado pelo mao governo do almirante ocasionado

de sua frouxidão, e bondade, o que se não conseguio por o tempo dispor outra cousa. Os que haviam ido os dias atraz ás aldeas apreçar o resgate de vacas, como lá havia melhor pasto, se deixaram andar, e tornando ao arraial, achando-nos já de barbas feitas se admirou, por se não conhecerem uns a outros pelas debilitadas figuras, em que estavamos, e houve pessoa nesta paragem, que confessou lhe haviam com fome sahido nós pelo corpo que já mais imaginou podia ter.

Os cafres que nos fugiram com o que se enforcou, achando-se sem elle pediram seguro, e tornarem para o arraial, o que se lhe concedeo pela falta, que faziam a D. Duarte Lobo, e a impossibilidade, com que este fidalgo se achava para poder marchar, a causa de novos achaques, que o molestavam, sobre os que já trazia do mar, que eram muitos, e assim para algum alivio tratou de amansar dois bois, e se concertou com dezaseis grumetes, que o carretassem por tres mil e quinhentos xerafins pagos em Moçambique, e tendo isto contratado uma segunda feira á noite de vinte e cinco para vinte e seis de Agosto lhe deu um accidente de ventosidades, de que esteve mui atribulado, a que se lhe acodio com álgalia, remedio de que usava por ser mal velho, com que melhorou, porém de improviso o cometeo o mesmo mal pela garganta, que mal lhe deu lugar a fazer um acto de amor de Deos muito bem feito, e com a ultima palavra lhe faltou a falla, tendo nas mãos uma lamina de Christo na Cruz. O padre Fr. Antonio de S. Guilherme, vendo-o nesta agonia lhe gritou lhe apertasse a mão se se queria confessar, o que elle fez bem rijo, e sem fallar mais o absolveo, e espirou logo. Foi a morte deste fidalgo a mais sentida de quantas succederam neste naufragio por ser fidalgo tão agradavel a todos,

que se não achou pessoa, a que não magoasse a perda de sua vida por muitas razões, que por respeito, e obrigado deixo de apontar. Era D. Duarte Lobo filho segundo de D. Rodrigo Lobo general, que foi d'armada deste reino, passou á India no anno de 1629 com o conde de Linhares despachado com a fortaleza de Baçaim por tres annos, e das terras de Bardés em vida. Avendo-se embarcado antes na armada da costa, que se perdeo em França, no galeão Santiago, que escapou brigando só com quatro naos de turcos valentemente. E no Estado da India servio por seus graos de soldado capitão, capitão-mór das armadas, e ultimamente governador dos estreitos de Ormuz, e mar Roxo, aonde acclamou S. Magestade, que Deos guarde; achando-se em boas occasiões de seu serviço, e no do soccorro da ilha de Ceilão por soldado de seu irmão D. Antonio Lobo, obrando em todas com grande satisfação, que os Vice-Reis mostráram sempre de sua pessoa. Passava ao reino nesta nao mais por ver a Sua Magestade, que por alcançar satisfação de tantos serviços.

A vinte e oito de Agosto dia de Santo Agostinho começamos a marchar, e seguindo o caminho chegamos a descançar a um ribeiro junto da praia, esperando por João Lopes tanoeiro da nao, a quem o almirante mandou por seus camaradas uma vaca mansa, que ficou de D. Duarte Lobo por nos não poder acompanhar de uma facada, que lhe deram em uma perna. Entrando com o arraial mais dentro da terra assentamos para passar a noite em uma chãa junto a uma ribeira de agua salobra, aonde se mandou enforcar com pouca prova um cafre dos que vieram com o seguro, que ficou de D. Duarte Lobo por se dizer que o resgatara, e outro seu camarada, que havia acarretado o mesmo fidalgo, e era do sotapiloto fugir com medo

por ser dos mesmos, que vieram com seguro. Neste sitio nos detivemos um dia por succeder no arraial um levantamento, querendo apartar-se, dizendo, que não convinha irmos juntos, porque não haveria resgate para todos. Por causa do que chamou o almirante a conselho, e por todos se descontentarem de sua bondade, se votou que ouvesse divisão, que cessou por não concordarem na eleição do novo capitão, e repartição do cobre. Tornamos a marchar o outro dia trinta de Agosto com algumas vacas diante, até um bosque fresco á vista de tres povoações, de que sahiram muitos cafres, e cafras com grande resgate de vacas, milho, leite, e mocates, onde assentamos este, e outro dia gozando desta fartura. Tornando os marinheiros, e grumetes a levantar. voz, que se queriam apartar com o seu mestre, e que se dividisse a gente, repartisse o gado, e cobre, e armas, em que o almirante, falto de amigos, e de conselho concedeo, fazendo primeiro termo nos livros del-Rei das causas, e modo, porque aquelle apartamento se fazia, que era por o bem de todos, a que em umas partes faltava o resgate, e não abrangia a tantos, e que marchando apartados todos passariam melhor.

Repartio-se a gente, armas, gado, linhas, arpoeiras e caldeirões, e o mais, e dando o almirante a dianteira ao mestre, ficou marchando o mestre com a melhor gente do mar, e o rancho dos camaradas, que fomos de D. Duarte Lobo, que depois de sua morte nos conservamos sempre sem divisão, e com as melhores armas do arraial, de que era cabeça o padre Fr. Antonio de S. Guilherme, por seu grande talento, e valor, com que sempre militou na India, achando-se em occasiões de guerra, em que o bem mostrou, antes de entrar na religião. Nesta companhia foram o padre Fr. Diogo da Presentação; e Fr. Bento Arrabido, e

Fr. João da Encarnação, e por resgatadores Aleixo da Silva, e Antonio Carvalho da Costa.

Com o almirante ficaram seus camaradas, e os padres Fr. Afonso de Beja, Francisco Pereira, e o capellão da nao, e Frei Ambrosio de Magalhães de Menezes, e Domingos Borges de Sousa, Veiga, e Faro, e os mais officiaes da nao, e Paulo de Barros por resgatador. Neste sitio fugio um cafre a Roque Martins de Miranda, compadre, e camarada do almirante com tudo o que trouxera da China, onde era casado, e escapou da nao. Despedimo-nos uns dos outros com grande sentimento, pedindo-se perdões, e passadas duas, ou tres horas, qué o mestre começára a marchar, se levou o almirante com o seu arraial com o gado diante por meio das povoações, de que lhe sahia muito resgate, que como eram poucos a todos abrangia, sendo os cafres mais doceis, e tanto que passando por suas aldeas, tal vez o seu gado se mesturava com o nosso, e elles o apartavam com muita quietação. Deste modo ouve o almirante vista, pelas quatro horas da tarde da companhia do mestre, que estava resgatando, depois de haver rodeado, e atravessado muitos caminhos, por se adiantar, trabalhando cada qual dos resgatadores por ser o primeiro; sem embargo, que nos tornamos a encontrar, marchando o almirante diante com o seu gado, e companhia, e nós seguindo-o, até um rio, em que fizemos alto, elle de uma parte, e o mestre da outra, o qual era de muito boa agua, e dava pela meia perna, e com muito fresco arvoredo. Armaram-se barracas, meteo-se o gado no meio com boas centinellas. Pelo discurso da noite se atirou do arraial do almirante um tiro de espingarda, por gritarem os nossos moços, que os cafres se tinham emboscado, para dar nos caldeirões, com que se ia buscar agua ás fontes, mas nesta não tiveram bom suc-

cesso, porque evitando este risco se valeram os nossos para isso de cabaços que tinham resgatado com leite, repartidos pelos ranchos. Aqui ficou o mestre dous dias sem marchar, por acodir muito resgate de toda a sorte, e algumas galinhas, e espetadas de gafanhotos que os cafres offereciam, imaginando se lhe daria cobre a troco. Aos cinco de Setembro pela manhã, rezando primeiro uma ladainha a Nossa Senhora, marchámos por uma serra muito ingrime, decendo-a logo á outra parte, de que não passamos aquelle dia pelo muito resgate, que acodio ao longo de um rio clarissimo, e de boa agua, em que resgatámos vacas, leite, e mocates, em meio de muitas povoações, donde o dia seguinte marchámos por um monte alto, com dous barbaros, que nos serviam de guia, deixando enforcado um cafre, dos que nos tinham fugido, e roubado o arraial.

Como estes barbaros fazem toda sua estimação do cobre, se conjuráram todos os do resgate do dia de antes, para nos roubar, servindo-lhes de espia dobre os dous barbaros, que se nos offereceram por guias, como fizeram, lançando a fugir por um mato com uma vaca, com que se ouvéram de acolher, se não fora a diligencia dos que iam diante, e pegando Joseph Gonçalves Velloso de um delles para o amarrar, lhe lançou o outro mão á mochila, sobre que andaram a braços, a que acodio Vicente da Silva, largando da mão a espingarda, de que affeiçoado um cafre do mato lançou mão, e correo tão ligeiro, que se lhe não pode valer. E saindo daqui nos achamos em um campo cercado de tantos cafres, como estorninhos, em ala, e som de guerra, brandindo azagayas, infinitos para cada um dos portuguezes, mas nós despedindo balas, ainda que com pouco effeito por ser de longe, os fizemos retirar, deixando-nos seguir nosso caminho,

sempre á sua vista, até um mato, em que nos metemos, imaginando ser desvio desta canalha, ordenando-se a marcha mui atento, com armas na dianteira, e retaguarda, e o gado no meio, e vigias pelos lados, por ser o caminho roim, e comprido, e os cafres não perderem ponto de nos offender, cometendo nos no meio do mato com grande grita, mas favorecendo-nos Deos lhe matámos logo tres, e sem dano nosso nos achamos livres do mato, e perto de uma fonte de boa agua nos acodio algum resgate, de que não se admire quem o ler, porque esta gente vendo cobre não reparam, em que lhe matem pae, e mãe, nem parentes.

Aos sete de Setembro marchamos deste lugar por grandes campinas, com muita nevoa, e sem poder romper as nuvens de gafanhotos. Aos oito dias do nascimento de Nossa Senhora, acodiram muitos cafres com resgate de vacas, e milho marchando por terra de trinta graos mui aprazivel, e alegre, com vista de muitos passaros grandes a modo de garças reaes, mas tão altos, que ao longe pareciam carneiros. Aqui avistamos um dia um bando de leões bem grande, que andavam em um valle brincando, sem darem fé de nós, que passamos por um alto, de que vimos o mar, para onde marchamos com quarenta e duas vacas vivas em nossa companhia, não tratando de entrar mais pela terra dentro pelo risco dos cafres. Dia de S. Nicolau de Tolentino, marchando pela praia, achamos um farol, e muita madeira, que julgamos ser fabrica de alguma nao, que devia dar á costa, e antes do meio dia chegamos a um rio caudaloso, que se não passou aquelle dia por ser de grande corrente, e estar a maré chea, aonde vieram alguns cafres pescadores da outra parte sem trazer resgate, de que alcançamos depois vinham a espiar-nos, vadeando o rio com agua pela

cinta, a quem deixamos o nome de rio da Cruz, por uma de pao que alli levantamos, e outra que se esculpio em uma pedra, para se a companhia do almirante viesse atraz, saber que eramos passados. Subimos a um teso de pedras, aonde nos esperavam mais de duzentos cafres com suas azagaias em som de guerra cubertos com rodelas de couro, de que usam, os quaes cometemos castigando seu atrevimento com a morte do que os capitaneava, a que acertou Antonio Carvalho da Costa, com duas balas pelas pernas, de que cahio ferido, e o acabamos de matar á espada desemparando os mais o campo á vista deste, porque não é gente, que mais espere, e advertindo, que quando estes barbaros vem muitos juntos sem resgate, vem a furtar, e não é acertado então poupa-los, sendo sempre o caminho da praia o mais acertado, e seguro, aonde nos tornaram a sahir; mas matando Aleixo da Silva outro á espingarda, deixaram de nos seguir.

Nesta praia se ficou por não poder marchar um moço da India muito bom cirurgião. Chegamos este dia á noite a assentar junto de uma lagoa por detraz de um rio, que nos impedia a vista do mar. Ao outro dia doze de Setembro nos não levamos, por se levantar uma grande trovoada, e relampagos, e lançando os olhos a uma serra, vimos muita gente, que marchava com vacas diante, e vinha depressa a buscar sitio, em que se recolhesse da chuva. Conhecemos ser a companhia do almirante, que havendo vista do nosso arraial disparou duas espingardas, a que respondemos com outras, e vieram assentar da outra parte da lagoa amparados de um mato, donde vindo a nós Paulo de Barros, e outros soubemos a mal afortunada jornada, que haviam feito, e destroços, que tiveram dos cafres.

O mestre Jacinto Antonio, mandou por Fr. João

da Encarnação, visitar o almirante, a que respondeo por escrito, pedindo-lhe, e requerendo lhe se tornasse a unir á sua companhia para juntos se defenderem melhor dos cafres, que se podiam juntar em dano de todos, protestando, que do contrario daria conta, do que por essa causa succedesse.

Com este escrito fez o mestre conselho, em que depois de varios pareceres, em que os marinheiros votaram, nos não unissemos, por nos não governarem os passageiros, a que o almirante só deferia, com tudo o mestre intimidado por Frei João, que tornára a visitar o almirante, e pelo receio dos cafres, se resolveo em se unirem, ficando iguaes na jurisdição, e mando, o que então pareceo convinha mais á conservação de todos. Deixemos descançar os arraiaes unidos, em quanto damos razão do succedido a Antonio da Camara de Noronha, os nove dias, que marchou apartado.

Tanto que amanheceo o dia, que o almirante se apartou de nós além do rio começou a marchar pela serra acima, dando ao decer della com muito mantimento, atravessou um mato espesso, e sahindo a terras chãs com resgate de vacas, milho, mocates, e leite, dando com uns negros de boa natureza, que o acompanharam, ajudando-lhe a trazer as vacas, ainda que sempre com os olhos, no que poderiam furtar. Fez duas jornadas com esta fartura, e na terceira, passando um mato pequeno, apanharam das costas ao irmão do sota-piloto a sua mochiia lançando-se o cafre a fugir, sem o poderem offender, por sua grande ligeireza. Outro cafre investio tambem com um mulato do contramestre, por lhe furtar os alforjes, e em quanto andavam ás pancadas, se lhe acodio, e fugio o cafre. Dahi passou a um rio com muito arvoredo, em que passou o rigor do sol, á vista de povoações,

de que lhe sahiram com muitos cabaços de leite. Querendo subir a uma serra, lhe sahio um cafre de boa feição, com muitas manilhas de cobre, e trezentos em sua companhia, mas sem armas, e tratando de resgate, e mostrando-se-lhe eobre, respondeo em portuguez, que não queria por as suas vacas, se não prata, como a lua, e ouro, como o sol, de que se entendeo devia aquelle cafre ficar alli pequeno, de alguma perdição.

Paulo de Barros, que por ter já passado este caminho, entendia bem o modo dos cafres, alcançou deste, que atentava para o gado, que o almirante já trazia manso com carga, e receoso de alguma assaltada, começou a marchar com as vacas diante, e um grumete, com alguns cafres da terra, que o tangiam. Tanto que os outros o viram marchar sahiram atraz delle, e chegando ao alto da serra vendo os cafres, que os que o seguiam não podiam chegar tão depressa, por ser o caminho aspero, e comprido, saltaram em Paulo de Barros, e no grumete ás pancadas, sem lhe valer a espingarda, e espada, que trazia, para o não moerem a pancadas, com umas braças de pao que traziam, e os feriram, tomando lhe os alforges, e tres vacas vivas. O grumete se defendeo melhor com um bacamarte, sem perder mais que o chapeo, por chegarem os mais a Paulo de Barros, e juntando as vacas o curaram da ferida. Soccedeo isto á vista de uma povoação, em que os negros do nosso arraial entráram, e roubando o que acharam de comer, não consentio o almirante lhe puzessem o fogo. Salvador Pereira chegando com o arcabus a umas arvores passou entre mais de cento e um cafre, e dando com elle em terra, os mais se afastáram, deixando os alforges, que tomáram ao Barros abertos, tomando o que lhe melhor pareceo com grande festa. E depois disto em qualquer parte, que assen-

tava o arraial, o não deixavam de seguir estes cafres, sem ouzarem ao cometer, mas chegando á vista de dous montes, e forçado a passar pela fralda da mão direita, no mais ingreme se atravessáram mais de trezentos cafres em um, e outro com suas armas, e chegando ao meio caminho se preparou a retaguarda esperando pelos que ficavam atraz, adiantando-se Domingos Borges, com alguns mais, que o seguiram pelo monte assima avançou o alto que os cafres largáram ficando elle senhor do posto, com o que os mais marcháram pela fralda sem dano algum, seguindo-os sempre os barbaros até chegar a uma chãa com arvoredo, em que Domingos Borges, sem ser visto, se embarcou, e matou um. O que foi occasião de se enfurecerem de maneira, que desviando-se de tiro de espingarda, não deixavam de perseguir ás pedradas, tanto que decendo-se algum monte era necessario poremse tres homens com as armas de fogo ao rosto até o arraial passar, e logo em outro passo outros até chegarem a outras povoações, sem lhe fazer dano algum levando as vacas diante com gente de vigia, e chegando a um passo estreito com serras altas de uma parte, e da outra mato tão cerrado, que se não podia romper, os cafres os serviam de pedradas, de que se não puderam valer ferindo ao almirante, Salvador Pereira, na retaguarda, sem poderem ser senhores de si, nem atirarem mais, que o primeiro tiro, que não empregáram, vendo-se aqui muitos brabateadores, que correram bem para se livrar da trovoada que foi bem grossa. Passada ella se juntaram todos em uma terra, que havia sido semeada, junto a um rio, e os cafres entendendo que o arraial ficava alli, puzeram fogo á erva que estava seca, pelo que o almirante passou á outra parte do rio marchando para umas serras, assentando no mais alto dellas, para passar a noite com

vigia até amanhecer, sem armar barracas, nem fazer de comer com os cafres á vista, dando grandes caqueadas, e a entender, que cometeriam de noite o arraial. E o almirante antemanhã se levou seu caminho pela serra assima com as vacas, aonde achou que já os barbaros tinham occupado o alto della com galgas juntas, e por não haver outro remedio se dispoz Domingos Borges de Souza, Salvador Pereira, e outras pessoas a vencer este risco com as espingardas ao rosto, e os olhos nas galgas, que os cafres começavam a lançar com dano dos nossos, e indo buscar outras, tiveram os nossos lugar de avançar o alto, e elles se retiráram deixando passar todos a salvo. Descançando deste trabalho marcháram um pouco, e foram fazer noite junto a um rio, aonde chegaram bem destroçados do caminho, e dos cafres marchando muito aquelle dia por ver se se podiam adiantar de tão má canalha, e o almirante bem mal tratado das pedradas. Ao outro dia subindo, e decendo serras, e caminhos asperos, encontrou cinco cafres, que o seguiam, e chamando-os, o não quizeram esperar então, e ao meio dia chegaram dous delles, e dando-lhe pequenos de cobre para lhes ensinarem o caminho, elles o meteram em um mato cerrado, em que a poucos passos entendeo o guiavam para traz, e elles vendo, que eram entendidos, lançaram a fugir, havendo já votos, que os matassem. E marchando veio o almirante a um rio de muito arvoredo fresco, aonde descançando um pouco, mandou passar palavra para marcharem, o que se aceitou mal, por estarem cansados, e ser o posto bom, e cometendo uma serra, os cinco negros, que se adiantaram atraz, passaram o rio primeiro, e occuparam o alto della sem serem vistos, e tanto que o tiveram debaixo, começaram a lançar galgas, e atalhar o caminho, e sem duvida se os cafres foram mais es-

te dia escapára difficultosamente, com tudo se apressaram, e não descançaram até se ver na maior altura da serra, a que chegáram esbofados, com que cobraram algum alivio. Tornando logo a marchar por terras chãas, e caminhos seguidos, descobrindo tanta copia de cafres, que negrejavam os campos, e assim foram andando até uma subida, em que estava o Benamusa, a que chegáram sem agravo, e se viram em cima com elle cercados de povoações, e de muitos cafres com vacas, de que ficáram contentes, parecendo não faltaria resgate. Falláram com o Benamusa, que parecia pessoa autorisada, cuberto com uma capa de couro retalhada em tiras, e o mesmo os seus, que é a maior gala destes barbaros. Pedio-lhe o almirante que o mandasse guiar para um rio, que parecia, e aonde resgatariam, para o que lhe deu suas joias de cobre, com que se satisfez, mandando dous cafres seus por guias, com o que foram marchando com armas na mão, vacas diante, e cuidado na retaguarda, advertidos do que já lhe tinha succedido. Entráram por um caminho seguido cercado de uma parte de mato espesso, e da outra de pedreiras altas, a modo de edificios velhos, e em parte lapas naturaes, que serviam de reparo, para o que logo succedeo, que juntos os cinco cafres, de que atraz se fez menção com estes os avisaram da morte dos tres, e unidos se atravessaram em cima destas lapas com muitas pedras, que despediram chegando o gado, que ia diante, sendo-lhe necessario para fazerem tiro descobrir o corpo, dando primeiro na ponta das lages, e dellas no caminho, com que deram lugar á gente se desviar, indo sempre os que marchavam diante com o tento nellas, gritando, que havia traição, o que vendo os cafres, que guiavam, quizeram fugir, mas Domingos Borges de Souza leando a espingarda ao rosto derrubou logo o primei-

ro, e o outro escapou por meio de seis espingardas, sem se lhe poder fazer tiro, tão ligeiros são estes barbaros, não cessando em tanto os das galgas, de que escapou o arraial, valendo-se das lapas, em que se recolhiam, e dellas correndo quinze, e vinte passos tornavam a serrar outra lapa, até de todo se livrarem deste passo, chegando ao rio, que passáram com agua pelo giolho, e assentáram, dando graças a Deos pelos livrar de tão evidentes perigos. Os cafres vieram buscar o morto com grandes prantos, em que não cessaram toda a noite, em que o almirante teve com boa vigia até a manhã, que tornou a marchar, vindo alguns cafres com resgate para o que parou o arraial, parecendo que se alojasse alli dous dias, mas como o almirante estava doente, e ferido, receoso de alguma traição dos cafres, tornaram a marchar por um monte de muitos espinhos, e grande praga de gafanhotos pegados nas arvores, a que sobreveio grande nevoa com chuva miuda, sem verem o caminho, e foram em busca do mar fugindo dos cafres, que os tinham tão acossados, e descançaram dia e meio junto a um rio de lagens, e arvoredo com muita lenha matando vacas, refrescando-se para alivio do trabalho passado, curando os feridos com azeite de coco por não haver outra medecina.

Deste sitio se leváram para o mar de que tinham saudades, andando todos os dias seis, e sete legoas, por queimadas, e roins caminhos, de modo, que quando chegavam á noite se não podiam valer de cansados. Em um se foram meter na ponta de uma serra fragosa, e medonha, que ao decer para baixo punha tanto espanto, quanto ao subir logo da outra parte, que dividia um rio caudaloso, com grande pedraria no meio. Guiando as vacas diante começaram a decer, levando penedos consigo, que a marchar gente diante a fizeram

em pedaços (roim passo se ouvera cafres) e assim ficaram algumas vacas atravessadas entre as arvores sem se poderem bolir, e a gente decia arrastos pelo chão, com muito sentido, até chegar abaixo, aonde achåram a vaca em que o almirante marchava, morta, que decendo aos tombos com muitos penedos a poz si, servio aquella noite de pasto ao arraial, que a passou em um sitio de alto capim, que servia de sombra aos elefantes, com mais descanso, que as passadas, sem receio de barbaros, com cama de palha boa, e alta, de que sahiram ao outro dia pelo caminho da serra com trabalho, e passando o rio com bem roim vao, não se lembraram mais, que de ir por diante por se ver livre, de tão má terra, e peior gente. Seria pelas tres da tarde, quando se acharam na subida da serra caminhando para a vencer, pegados aos rabos das vacas, com que se diz, o que se póde encarecer, e descançando deste trabalho tornáram a elle marchando adiante, aonde deram fé de cincoenta cafres armados de rodellas, e azagaias, que chegando á falla, não tiveram animo para cometerem o arraial.

Idos elles sentiram os nossos muito achar menos um marinheiro, sabendo-se, que ficava dormindo duas legoas ataaz, quando descançáram, sem os camaradas o acordarem. Passando com grande trabalho uns charcos de agua, escolheram melhor sitio para passar a noite, trabalhando cada qual de buscar agua, e lenha para se cozinhar, o que se havia de comer. O marinheiro, que ficou dormindo, achando-se só, foi marchando a poz do arraial, e anoitecendo-lhe foi seguindo até as onze horas da noite, em que se achou em meio de muitos fogos, uns para a banda da praia, e outros pela da terra dentro, e marchou para elles até descobrir as barracas, a que chegou muito contente, festejando-o no arraial, como a cousa já perdida. Pe-

la manhã cedo se levaram, entendendo, que os fogos que o marinheiro vira na praia, seriam de alguma tropa de cafres, que os esperava, e foram com alguma chuva marchando para a praia, em que descobriram a companhia do mestre Jacinto Antonio, a que salváram, como está dito assentando-se defronte tão cançados, e cortados do trabalho, e medo dos cafres, que, como temos visto, se juntáram os arraiaes, assentando cada companhia o seu arraial apartado, porque no do mestre havia mais vacas, e este dia acodiram os cafres com muito resgate, que se repartio entre todos.

Juntos os arraiaes, marchamos para um rio, que passamos em tres braças, com agua pelos joelhos, que a não se achar seco na boca, era maior, que o da nao Belem, aonde nos acodio algum resgate de milho, e frangos, que se repartiram pelos doentes e feridos curando o almirante das feridas, que lhe fizeram os cafres, chegáram a nós uns com o resgate, sendo os primeiros a que vimos barretes de seu proprio cabello na cabeça, a modo de toucas dos baneanes da India, e contas vermelhas ao pescoço. Pelas tres da tarde fizemos alto em razão de dar pasto ao gado, e se matarem vacas para comer. Dia de S. Matheus, tendo marchado duas legoas pela praia, se descobriram vacas, e assentando, tanto para as nossas pastarem, como para a gente descançar. Ordenou-se a cinco pessoas da companhia fossem com suas armas ás povoações a ver se havia resgate, e tornando com boas novas, e com uma cabra, e um cabrito, por não poder carregar mais, apparecendo logo atraz elles cafres, a que se resgatou o que traziam, e ao outro dia não faltou resgate, de muitas galinhas, que vieram a muito bom tempo para os doentes, e sempre, que achamos vacas não se deixaram de resgatar, as que se quizeram

vender, em razão da falta, que poderiamos sentir por se matarem cada dous dias tres para o arraial.

Levados deste lugar aos vinte e tres dias de Setembro chegamos a outro rio, em que foi forçado fazer alto, pelo resgate, que acodio muito, e se repartir igualmente, buscando-se vao ao rio, que está em altura de nove graos e meio. E suposto, que os que se haviam perdido da naveta, diziam, que o passaram com jangada, foi Deos servido mostrar-nos o caminho pelo trabalho, que as jangadas davam a todos, e passando com agua pelo pescoço se poz o arraial da outra parte, acodindo muitos cafres com grande festa, deu se ordem aos resgatadores, que resgataseem, o que fizeram, aproveitando-se sempre do officio em dano, e prejuizo do commum, que vendo a familiaridade, e abundancia, com que estes negros acodiam a resgatar, parecendo seria assim sempre, intentaram a maior parte dos marinheiros deixar-se ficar com o mestre, e apartar-se da mais companhia, tendo em seu poder a maior parte do cobre, movendo-se a esta discordia pelas que tinham uns com os outros, e desgostos que haviam do governo do almirante. O qual sem consideração, nem dar conta aos que tinham de sua parte, não resistio a nada, ordenando-se partissem as vacas, e cavalgando na que trazia para isso, assim doente, e ferido, como se achava, e começou a marchar só, a que o padre Fr. Antonio de S. Guilherme, e seus camaradas, sahimos atravessando-lhe o caminho, e perguntando-lhe o padre o que intentava, e a que ia só, que se apeasse, e mandasse chamar Paulo de Barros, que era cabeça da parte do mestre, tendo recebido muitos favores do almirante, porque a desunião não passasse adiante, o qual respondeo: que não queria vir, o que a todos pareceo muito mal, e tanto que chegando-se Antonio Carvalho da Costa, com ter af-

finidade com o mestre, ao almirante, lhe advertio, que não consentisse na divisão, que se intentava, por não convir á conservação de todos, allegando para isso muitas razões, sendo a principal, que ficava a maior parte do cobre na companhia do mestre, e a sua impossibilitada para o resgate, que se repartisse o cobre, e as vacas igualmente, offerecendo-se a ser seu resgatador, o que visto pelo padre Fr. Antonio, e a semrazão, com que se levantavam, sem medo, nem temor de Deos, disse em alta voz, que a não lho impedir o habito, e profissão não sofrera tal, e com as armas investira a todos, e castigara tão grande ousadia, movendo com isto aos camaradas, e aos mais para tomar o cobre por força, e sahimos com as armas de fogo ao rosto para a barraca do mestre, ao que acodiram os da sua facção, que eram os mais, ao defender, e confórme a deliberação de uns, e outros este dia, ouveram de perecer muitos, e os mais ficarem expostos ao rigor dos cafres, se o mestre senão sahira apressado para o mato por detraz da barraca, e o padre Fr. João da Encarnação seu camarada despido á porta de giolhos pedindo com uma imagem de Nossa Senhora do Rosario nas mãos, que por esta Senhora, e pelas chagas de Christo se aquietassem, não faltando o almirante com sua brandura costumada, não consentindo se uzasse o rigor merecido, pelo que se passou sem offensa alguma, dando o mestre, e Paulo de Barros razões, qus se lhe não admittiam, e só dando-se lugar a que ouvesse amizade, e união, concedendo emfim todos no que se pedia por parte do almirante, por nos estar melhor a conservação de todos o não nos dividirmos, e se tornou a assentar o arraial, gastando-se aquelle dia no conselho, que se fez propondo leis, e cousas convenientes ao bom governo, de que sahio, o que mais convinha por voto do padre

Frei Antonio de S. Guilherme sem o qual senão obrava cousa, que boa fosse, fazendo-se assento nos livros del Rei, em que todos assinamos, nomeando-se capitães, e companhias como de antes, e vindo a noite ficamos todos em paz, e contentes, dando graças a Deos, que nos livrou de tão evidente perigo.

O dia seguinte de São Jeronymo marchamos duas legoas, e havendo vista de cafres, descançamos, refrescando-se o arraial com grande resgate de milho, mocates, e gergelim, que foi o primeiro que se vio, acodindo tudo em tanta abundancia, qual até então senão tinha visto, e entrando pela terra adiante meia legoa da praia fizemos alto por dous dias, em que até peixe nos trouxeram, que se repartio, e o mais igualmente sem queixa, effeito das novas leis, que se fizeram, em comprimento das quaes sahio um grumete neste sitio pelo arraial com baraço, e pregão por incorrer na pena de resgatar sem ordem, e a João Barbosa, que servia de escrivão do arraial, sendo acusado do mesmo crime por se lhe não provar bem o deposeram do officio. Com o que se mandou ás povoações buscar vacas donde trouxeram só tres, com que nos resolvemos tornar a buscar a praia, ficando nos aqui tres cafres fugidos, dous que foram de Dom Duarte Lobo com uma caldeirinha de cobre furtada, e outro do padre Fr. Antonio de S. Guilherme, e a horas de fazer noite nos metemos pelo mato a buscar agua doce, e chegando a uma parage, que fora povoação, a achamos, e assentámos entre muitas beldroegas, e canas de assucar tenras, e figueiras mansas, que nos alegráram muito. Enviando a descobrir terra, ouve noticia de povoações perto, a que o almirante mandou quatro homens a resgatar vacas, o que pareceo mal ao padre Frei Antonio por ter mostrado a experiencia, que os que iam ás aldeas, só tratavam de si, e nada do ar-

raial, e assim o persuadio, a que fossemos trás elles, levantando as barracas, guiados de dous cafres, e ficando-nos aqui um negrinho malavar do padre Francisco Pereira, ao qual tornando atraz em sua busca o não acháram. Chegamos a sitio, onde vimos aos que o almirante mandou diante rodeados de mais de trezentos cafres, com suas mulheres, e meninos, a quem tinham já resgatado dous feixes de canas de assucar, e alguns mocates, e outros tinham ido a buscar gado, dando mostras de ser boa gente, porque passando por elles o arraial nos receberam com festa, cantigas, e bailes a seu modo, assentamos á sua vista, e de muitas povoações em uma campina junto a um rio acodindo tanto resgate, que passaram de mil mocates de milho, o melhor pão de toda a cafraria, muitas galinhas, milho, vacas, cabras, e canas de assucar, de tudo grande copia, mas como traziamos de longe a pouca sujeição, á vista desta fartura a houve menos, embrenhando-se muitos pelo mato a resgatar em prejuizo dos mais, e contra o assentado, que era pena de morte a quem tal fizesse, e tratando o almirante castigar os culpados, por achar poucos izentos de culpa desestio do castigo que mereciam. Neste sitio passamos nove dias, descançando, e aproveitando o resgate, que acodia cada dia mais, fugindo-nos uma negra forra com um seu filho, a qual foi de Joanna do Espirito Santo a Beata, levando comsigo outra negra casta Buque cativa de Domingos Borges de Sousa. Passados estes dias nos levamos marchando entre povoações varias de uma legoa onde deixamos um grumete natural de Almada, por nome Francisco Gonçalves, por não poder marchar a pé, nem a cavallo, tendo-o feito até então com grande constancia, doente, e impossibilitado, que parecia a propria morte encomendado aos negros com um pequeno de cobre para terem cuida-

do delle, de quem nos despedimos com grande lastima. Marchamos a treze de Outubro com abundancia de resgate, vindo no proprio dia um cafre em companhia de outros com galinhas, fallando-nos em portuguez, e perguntando como fora alli dar, respondeo que da perdição da nao S. João, tendo os portuguezes guerra com os cafres, se ficára alli pequeno, e dando mostras de ser christão, beijou um crucifixo, que se lhe mostrou com devoção, e reverenciou com summissão os sacerdotes, que vio, dizendo, que estava alli casado com cinco filhos, que nos detivessemos aquelle dia, e ao outro tornaria, posto que seu Rei morava dalli grande distancia.

Ao dia seguinte querendo marchar acodiram muitos cafres com resgate, e assim tornamos a armar barracas no mesmo sitio, achando mais lealdade nestes brutos, que nos mais atraz, e era amelhor gente, que encontramos, bem ageitada, affavel, e confiada nos resgates. Aqui tornou o cafre, que disse se chamava Alexandre com um filho, a que chamava Francisco, e algum resgate em sua companhia, e por se mostrar affeiçoado á fé de christão, se moveo o padre Francisco Pereira, que tinha sido da Companhia de Jesus, a querer ficar com elle, desejando tratar da salvação daquella alma, e de seus filhos, e dos mais a que Deos tivesse escolhido. Tratou este intento com o almirante, e outros amigos, que lho quizeram impedir com razões, que não admittio, respondendo: que não fazia nada em dar a vida pela salvação daquellas almas, havendo-lha Deos dado tantas vezes, trazendo-a arriscada em tantos perigos, e miserias da terra, e riscos do mar, em que tinha sido nosso companheiro. Com rizo na boca, e lagrimas nos olhos de quem o via, se foi desfazendo de algumas cousas, reservando só para si uma imagem de Christo Senhor nosso, e uma lamina

do nascimento que trazia, despedindo-se do arraial com grande resolução, escrevendo ao arcebispo primaz da India, e ao Vice-Rei este seu intento, e levando comsigo o cafre Alexandre, e seu filho muito alegres, a quem se deu uma cadea de cobre, e outras joias a effeito de ficar propicio ao padre, que marchando para a sua povoação nos deixou admirados, porém com ser a tenção deste padre dirigida ao serviço de Deos Nosso Senhor, por ordem do diabo senão proseguio, porque achando-se no meio do mato desemparado do cafre, que o guiava, e já longe donde o haviamos deixado, e ficamos, foi forçado tornar-se ao arraial bem sentido, e desconsolado, com a imagem, e lamina, que comsigo levava, que se atribuio a favor milagroso do ceo deixar-lhas o cafre, e não o matar pelo roubar, segundo a estimação, que estes alarves fazem de cobre.

A quinze de Outubro marchamos pela praia um pedaço por area solta, que dava grande molestia, aonde chegaram cafres com muito resgate de toda a sorte, que se lhe comprou, e fazendo de tudo um monte na praia para se repartir, estando o almirante com uma azagaia na mão, acertou de tomar com ella um mocate amarelo, e mimoso, que se lhe devia por capitão, não faltando de comer no arraial, sendo, que os que tinham menos pejo resgatavam o que lhes parecia sem lhe ir alguem á mão com tudo vendo isto, sem se lhe ter respeito, nem a oito religiosos, que estavam presentes, saltaram os que estavam á roda nos mocates, e os arrebataram sem deixar algum, com o maior desaforo, que até então se tinha uzado, obrigando ao almirante a sahir dos limites de sua brandura, e boa natureza, dando com a propria azagaia em alguns, e podendo castigar a outros o não fez por escuzar no-

vos alvoroços, e não arriscar o arraial cada hora a uma desgraça.

Levando daqui marchariamos duas logoas, quando obrigados de ũm temporal, que nos entrou, com relampagos, fuzis, e trovões, assentámos entre um mato, junto a um rio de agua doce, sahindó-nos pelo caminho muitos cafres cantando, e bailando com grandes alegrias a seu modo, seguindo-nos até se fazer noite, aonde tornaram com muito resgate, e algumas cabras, cabritos, e ramos de figos da India, que nos serviram de alivio. O dia seguinte esperando q̃ue vazasse a maré, vadeamos o rio com agua pelos peitos dando-lhe por nome dos figos, por serem aquelles os primeiros, que achamos nesta cafraria. Passado o qual, seguindo nosso caminho, chegámos a outro, que achámos seco na boca, a que dividia uma coroa de area, que passamos com agua pelos giolhos, marchando até dezasete de Outubro, sem ter que contar. Chegamos a outro rio, que passámos de baixamar com agua pela cinta por tres canaes, que fazia. Depois do que passámos tres dias com resgate de vacas, e gallinhas em tanta abundancia, que a cada pessoa couberam cinco, e algumas cabras, de que as peles serviam para resgatar leite, e acodio pouco milho, por estar lançado á terra, havendo tanta desordem no resgatar, sem respeito ao almirante, nem aos religiosos, que ás claras, como se não ouvesse justiça, o faziam, e assim nos levámos a vinte dous do dito mez com o arraial abastado, marchando em nossa companhia um cafre, a que os da perdição da naveta deram nome Thomé, que nos acompanhou quatro dias, que era de grande serviço, e acodia ao que se lhe mandava sem se negar a nada, pelo que se lhe deram algumas joias de cobre. Subindo da praia um comaro de area alto todo cuberto de mato por cima, e tor-

nando o a decer para a terra, démos fé em altura de vinte sete para vinte oito graos, da mais fermosa varzea, que nossos olhos viram, povoada de muitas povoações, e regada de rios de agua doce, com muito gado, aonde nos sahiram tantos cafres, e cafras, que todos aquelles campos negrejavam, trazendo tanto resgate, que descançamos um pouco á sua vista, e tornando logo a marchar com todos estes brutos em nossa companhia serviram de passármos um rio ás costas por tres braços com agua pelo pescoço, pelo que se lhe davam pedacinhos de cobre. Aqui fizemos noite, resgatando cada qual á sua vontade, sem haver quem puzesse remedio a tanto dano. O dia seguinte, antes de chegarem os cafres com o resgate, que foi tanto, que cahiram a cada pessoa oito galinhas, chamou o almirante religiosos, officiaes, e passageiros da nao, apartados do arraial, junto ao rio, e propoz as impossibilidades, com que se achava, para não poder continuar com o governo do arraial, e que elle desistia do cargo, e dimittia de si toda a jurisdição, para que se pudesse eleger pessoa, que com paz, e quietação nos levasse ao Cabo das Correntes, a que elle obedeceria: Ao que se lhe respondeo, que supposto a confissão, que fazia de falta de forças, ainda que não havia na companhia quem pudesse aceitar sua desistencia, se lhe aceitava por todos, e procedendo-se á eleição, sahiram eleitos para tomarem os votos o padre Fr. Antonio de S. Guilherme, e Urbano Fialho Ferreira, que se foram para a barraca de Antonio Carvalho, aonde acodiram todos, e havendo no votar algum desarranjo por alguns marinheiros, se apazigou tomando-se por terceiro Paulo de Barros, e tornando a votar de novo, e tendo votado o padre Fr. Antonio chamou a todos sem faltar pessoa, e lhes propoz como os votos estavam recebidos, se eram contentes

de aceitar por capitão o que sahisse por elles; e responderam todos, que si, tirando o padre o papel declarou, que Antonio Carvalho era o capitão por sahir com oito votos mais que Jacinto Antonio, a quem se tinham dado os que faltavam. Era Antonio Carvalho marinheiro da nao casado em Belem, mancebo respeitado de todos, por ter os marinheiros por si, e que, como dissemos foi eleito por resgatador por se haver perdido na naveta, e ter passado esta cafraria, e sem embargo de tudo murmuraram alguns da eleição, que elle aceitou, mandando logo lançar pregão, que nenhuma pessoa resgatasse cousa alguma sob pena de ser castigado, e sendo comprehendido um marinheiro da nao o mandou correr o arraial com baraço, e pregão, e duas galinhas ao pescoço, que foi o resgate, que se lhe achou, cousa, que elle sentio tanto, o sentimento com o trabalho do caminho lhe tirou a vida, dentro de quinze dias.

A vinte e quatro de Outubro marchamos pela varze adiante, com alguns atoleiros trabalhosos, os quaes passados nos esperavam innumeraveis cafres estendidos em ordem, com panellas de leite, e galinhas, que se lhe resgataram, sendo causa de se marchar menos este dia, assentando o arraial entre um mato baixo, com boas vigias no nosso gado. Pela manhã nos levamos, passando um rio de agua doce duas vezes com a agua pela cinta, descobrindo-se o mar pela boca do rio, que pareceo alto, porque fazia dentro um grande mar, e muitos alagadiços na enchente da maré, aonde os cafres tinham suas camotas para o peixe. Bota uma ponta a Les-Sueste alta, e grossa de area, cuberta de mato, fazendo uma enseada acomodada para qualquer embarcação. Marchamos este dia com grande orvalho, e frio, e muito trabalho, pelos muitos atoleiros que passamos, seguindo-nos os cafres com res-

gate, para que assentamos um pouco, e tornando a marchar por diante, avistamos sobre a tarde um rio caudaloso, que vindo enchendo a maré nos ia cobrindo o caminho, apressadamente, que passamos com grande ancia, caindo em muitas covas de elefantes, e cavallos marinhos, que achamos cubertas, e alagadas com agua, que dava pelo pescoço. Com este trabalho, e aguaceiro, que padecemos chegamos a assentar junto á praia, aonde acodiram os cafres, servindo-nos de lenha, e agua por pedacinhos de cobre, grande alivio por virmos mui destroçados donde nos levamos pela manhã, passando o vao com agua pela cintura, e achando a maré vazia marchamos pela praia duas legoas, passando outro rio em dous braços, em que vieram cafres em som de guerra com azagaias, e rodelas, que os cobriam, pelo que nos ajuntamos, o que visto por elles largáram as armas acodindo com muitas galinhas, que se lhe resgatáram havendo algumas desordens no resgatar, e disgostos entre todos, e intentando-se castigar a um religioso por resgatar a uma galinha, e a outro velho, e grave chegou um marinheiro a pôr as mãos violentas dando com elle em terra, com grande dôr, e sentimento de todos, perdendo-se o respeito a toda a pessoa grave.

Seguindo nossas jornadas viemos aos dous de Novembro á boca de um rio largo, e de grande corrente, sendo necessario obrar uma jangada para o passar em baixamar, esperamos para outro dia, resgatando muitas bolanjas, fruta á feição de laranjas, amarelas de casca grossa, e dura com miolo de bom gosto. Nesta noite sentimos grande reboliço, por causa de dous cavallos marinhos, que sahindo do rio passáram por entre nosso gado com grande estrondo, parecendo-nos que eram cafres, que cometiam o arraial. Ao dia seguinte enviou o capitão Antonio Carvalho da Costa,

quatro pessoas com armas a descobrir cafres, que nos ensinassem o vao do rio, e tornando com alguns, disseram, que uma legoa dalli o havia, para onde marchamos logo por caminho bem roim, e em parte perigoso por causa de elefantes com suas armadilhas, em que perdemos dous bois, de que se tirou um com grande trabalho. Chegando aonde se havia de passar o rio o fizemos sendo bem largo, e de muitos lodos, de que não podiamos sahir, se não trabalhosamente, com a agua pelo pescoço, acodindo sobre nós tantos cafres, que foi necessario matar o capitão um á espingarda, com que se alargaram, deixando nos passar a outra parte, que era uma ilha, de que logo sahimos por outro braço de rio, com agua pelos peitos, deixando-nos muito quebrantados. Nesta ilha nos ficou um china de Antonio da Camara de Noronha dormindo, e achando a maré chea, quando acordou não pode passar, vindo depois só ter comnosco dahi a dous dias escapando dos barbaros, por trazer uma escopeta comsigo. Passado este rio, que chamam das Pescarias, tornamos a marchar com cafres em nosso seguimento com suas armas, que entendemos nos queriam assaltar. Chegamos a passar a noite, e descançar do trabalho passado, junto a um regato de agua, em que resgatamos dous carneiros, que se repartiram por ranchos.

Marchando mais sete legoas o dia seguinte, assentamos junto a uma ribeira de boa agua doce, com arvoredo aprazivel, á vista de uma povoação grande, a quem os praticos chamavam o lugar do Sorcor, pelo haver sido para elles, quando passáram do naufragio da naveta. Vieram logo cafres com dous carneiros, e algumas aboboras, que se lhe resgatáram, tornando ao outro dia com mais resgate. Lançamos o nosso gado a pastar por vir necessitado disso, com a vigia costumada dos grumetes, os quaes se lançaram

a dormir, metendo as vacas em um canaveal, de que os cafres deram fé, e do descuido com que as vigiavam, e nos leváram quinze cabeças das melhores, que havia no rebanho, em que entravam algumas mansas, que nos serviam para a carga, e gritando um grumete, que se acodisse ao gado, que o levavam os cafres furtado, sahio do arraial o capitão Antonio Carvalho primeiro com a pressa, que o caso requeria, e alcançando os negros, se tornáram os nossos com nove vacas, ficando-lhe seis de preza, porque lhe tomamos nove vitelas, e nove carneiros, e nove cabras, e outros tantos cabritos. Sobre a tarde deceram da povoação, tocando asoucos, de que usam nas occasiões de guerra, a que sahiram alguns do arraial com escopetas, e pouca ordem, sem mais prevenção, que a carga, que levavam no cano, e marchando pelo monte assima avançáram a povoação dos cafres, em que disparáram a primeira carga, sem matar, nem ferir algum, com que cobrou o inimigo animo, sahindo aos nossos, que lançaram a fugir de maneira, que chamando a que del-Rei, que os matavam, não se déram por seguros senão dentro nas barracas do arraial, saindo feridos algum, que quiz ter mão, e outros bem moidos a pancadas. Salvador Pereira passageiro, que nas accasiões em que se achou fez sempre, o que se deve a bom soldado, sahir desta com duas zagaiadas perigosas, e o mestre Jacinto Antonio sobre o moerem bem o recolhemos com quatro zagaiadas, duas na cabeça, uma na mão, e outra nas costas perigosas, sendo causa desta covardia, e desordem, os que mais se davam por alentados, e foram os primeiros que viráram as costas, sem prestarem para empregar uma bala em um de tantos barbaros.

Serrou-se a noite, curando-se os feridos com azeite de coco, e o arraial com boas e dobradas vigias, es-

perando todo o successo, prepararam-se vinte pessoas para irem o dia seguinte dar nas povoações, e com a manhã começáram os cafres com gritas, decer para o arraial brandindo azagaias, chegando tão perto, que foi forçado sahir lhe por nos não investirem nas tendas, que seria a total ruina nossa, segundo eram determinados. Ás primeiras espingardadas sahio um cafre mal ferido, que sendo visto dos mais lançaram a fugir, e os nossos capitaneados por Antonio Carvalho da Costa, trás elles em melhor ordem, ficando o arraial encomendado a Antonio da Camara de Noronha por estar doente. Chegamos á sua povoação, a que se poz o fogo, e a mais oito, carregando os nossos moços, e grumetes, do que se achou dentro, tornáram ao arraial, sem receber dano, saindo desta melhor, e repartindo se o despojo igualmente, havendo já vinte dias, que senão comia, mais que vaca, sem outra cousa.

A oito de Novembro levando-nos deste sitio pela praia com boa ordem, e vigia no gado, tendo marchado um pouco nos sahiram de um mato muitos cafres armados, trazendo comsigo vacas para meter com as nossas, e leva-las todas, porque as trazem tão costumadas a seus assovios, que com elles as fazem correr, e parar á sua vontade. Domingos Borges de Souza se adiantou a tomar uma mouta, com que se encobrio, e della fez tiro a um dos cafres, que mais esgares vinha fazendo, o matou com um pelouro, fugindo os mais com o seu gado sem pararem, nem intentarem fazer-nos outro mal. Livres já destes barbaros marchamos apressadamente por ser a jornada larga, e vir caindo muita chuva, com grande trovoada. E chegando a um rio, em que andavam cafres pescando, com muito peixe já junto na praia, em nos vendo o deixáram, fugindo com pressa, sendo tanto, que comeo todo o arraial em abastança delle este dia, e o outro,

aonde nos ficou enterrado Bartholomeu Rodrigues enteado do piloto Gaspar Rodrigues Coelho.

Passado o rio de vazante, o outro dia com agua pelo pescoço, e bem roim vao, com grande vento, e frio que fazia, tornamos a marchar pela praia até chegar a um ribeiro de boa agua, cinco legoas do rio de Santa Luzia, e porque se dizia, que até elle não havia outra agua, ficamos aquelle dia neste sitio refrescandonos, matando vacas para marchar o outro dia, o que fizemos pela praia, levando cada um seu cabaço de agua, com grande molestia, que logo vasamos por ir dando com infinita agua, que decia por montes talhados á praia em mais de cincoenta partes. Tendo marchado quatro legoas, atravessando por dentro de um areal com serras de area, que se iam ás nuvens, e sem mato. Chegamos ao rio de Santa Luzia assentando o arraial na sua praia entre muitos espinheiros verdes, considerando o rio na boca impossivel de passar, por ser muito largo, e furioso, nem dar socego no encher, e vazar, que parecia um mar d'Espanha. Abrimos cacimbas para nós, e para o gado, e não achando madeira para jangada, nem as vacas cousa que comer, passando aqui dia de São Martinho se assentou tornassemos para trás, metendo-nos pela terra dentro, até achar vao, pois não tendo modo para o passar na boca, toda a detença era arriscar o gado, vida, e remedio de todos. Neste rio ouve algum dos que resgatavam para o arraial, e os que os serviam neste ministerio, que trazendo milho, e grãos escondidos, e furtado ao comum, o começaram a vender a dous xerafins um covilhete de cobre raso, recebendo logo o dinheiro a quem o tinha, ou penhores de ouro a quem o queria, crecendo o preço por diante assim como crecia a falta, até chegar a quatro cruzados, o que acabou de malquistar de todo o novo capitão Antonio

Carvalho pelo consentir, e fomentar, em que dava a entender ser tambem parte nesta ouzena, expondo muitos á morte por esta causa. Sendo que este homem no mais fez sua obrigação para conservar-nos a nós, e ao gado, como fez até o reino de Unhaca, em que fez entrega do governo outra vez a Antonio da Camara de Noronha, mas não nos admiremos de que este homem sendo maritimo faltasse em alguma cousa, quando muitos com differentes obrigações de sangue e officio se deixáram vencer do vil interesse, cometendo por elle cousas indecentes de se dizer, e escrever.

Guiados por dous companheiros nossos, que o dia de antes tinham sahido a descobrir, nos levamos deste rio outra vez para traz, e chegando junto a elle, depois de haver marchado por muitas serras de area buscando caminho por entre um mato, em que demos, não o achando, fomos assentar o arraial dali longe entre capim alto, chovendo-nos assaz aquella noite, ficando a agua para beber mais de meia legoa, a que se foi buscar, com trabalho, dando com uma fruta, a que chamam leiteira, de que nos abastamos, por ser madura. E Salvador Pereira com umas pessas de valia de mil cruzados, que lhe haviam faltado, tirando um penhor para comprar milho. Amanhecendo-nos nos deparou Deos dous cafres, a quem se deu cobre, por nos guiarem a buscar o vao do rio, e levando-nos por areaes, e matos tal vez altos, demos em uma sementeira de aboboras, e melancias verdes, de que não escapou alguma, que se não comesse, decendo a uma varze, perto de suas povoações, nos ensináram o caminho bem assombrado, com muitas sementeiras, resgatando tabaco verde, chegamos a um braço do rio de Santa Luzia, que passamos com muitos atoleiros, e alagadiços, e agua pela cinta, e no segundo braço, que mete pela terra dentro tres legoas, fizemos alto

para passar a noite, com pouca lenha, e estacas necessarias para armar barracas, enterrando neste sitio a Manoel Alves Pequenino, marinheiro da nao, a quem um grumete seu camarada, que depois veio a morrer no Cabo das Correntes havia trazido ás costas quatro dias, por não poder marchar, dando prova de bom amigo, aonde não havia achar, nem filho para pae.

Ao sabbado dezasete do mez, marchamos pela terra dentro com vista de alegres campos, povoados de elefantes, sem conto, passando outro braço do rio de Santa Luzia, com grandes alagadiços, em que nos detivemos, quasi o dia todo, para poder passar o gado. Dando graças a Deos por nos deixar passar com bem um rio tão caudaloso, que com o das medão do ouro, que tinhamos pela proa eram só o transe, que temiamos, e por toda a viage traziamos em grande cuidado. Sahidos deste trabalho fizemos alto para passar a noite em uma campina, em que se matou vaca para todo o arraial. Marchando o outro dia a terra dentro mais de sete legoas, buscando agua para fazer noite, demos em um rio aprazivel, cuberto de arvoredo, e passado com agua por cima da perna, fizemos noite entre um alto capim, que servio de cama molle, e aparecendo o dia seguinte cafres, nos deixamos ficar, para resgatar algum gado, que já nos ia fazendo falta. Levados daqui por uma charneca, marchamos até a tarde, que paramos em um mato alagadiço, á vista de uma grande varze, porque passava um rio, a que não achamos vao, aonde dormimos, vendo-se bandos de elefantes sem numero, sem chegarem a nós, donde tornamos o outro dia para traz, por se não poder vadear o rio, sendo o caminho, que tomámos pela terra dentro de muito enfadamento, pelos grandes alagadiços, e atoleiros, em que o gado deu muito trabalho a tira-lo, e aos que carregavam mais, buscando sitio,

para descançar, por nos não atrever a mais, o tomamos defronte de umas palhotas destroçadas, de que nos sahiram dous cafres a vender lenha e agua, matando aquella tarde gado para todos, passamos a noite, e tornando a marchar pela manhã, chamamos um dos dous cafres, dando-lhe uma pequena de carne, de que são amicissimos, e um pedaço de cobre, lhe pedimos nos fosse guiando, o que elle fez por montes, e valles, uma legoa e meia, e lançando a correr nos deixou, tomando uns por um caminho, e outros por outro, nos tornamos ajuntar á vista do rio do dia d'antes, marchando por elle assima, por se lhe não achar vao, e fomos passar mais de tres legoas, com agua pelo pescoço, á vista de muitas povoações, e cafres, que deceram dellas a nos esperar com muitas vacas. E assentando em um campo fermoso, acodiram logo com leite e galinhas, que se repartiram pelos doentes, não havendo neste sitio milho, sendo que não faltavam sementeiras delle, mas estava ainda em erva. Dia da Presentação de Nossa Senhora vinte um de Novembro, resgatamos todas as vacas, que quizemos, e supposto, que por mais preço, que as outras, prefizemos cento e quarenta cabeças vivas, com que partimos. Avendo descançado tres dias, deixando enterrado ao longo rio João Barbosa, criado do conde do Prado Dom Luiz de Souza, que ao reino veio com o Viso-Rei Pedro da Silva, e na India servio de ouvidor da cidade de Damão, e do reino Jafanapatão.

Levados daqui, com poucas forças, pela continuação da vaca cozida, e assada sem outra cousa não ajudar a quem levava tanto trabalho, adoecendo alguns por esta causa tendo passado aquelle rio, que se dizia ser um dos braços do das medão do ouro, não deixando os negros de seguir-nos com vacas, resgatando aboboras, melancias, e tabaco de folha. Os resgatadores do

arraial propuzeram, que até o reino de Unhaca não havia gado, que lhes parecia fazer-se mais resgate, e levarem as vacas necessarias; porque o cobre não tinha valia por diante, e para este effeito se desfizessem os caldeirões, pois não faltavam panelas em que se cozinhasse, para o que recolheram alguns, que seus donos resgatáram, por cobre que deram, a quem foi deste parecer, e depois lhe servio no Cabo das Correntes, para seu resgate, sendo certo, que por toda a cafraria é mais estimado o cobre, e latão, que toda a roupa; por estas, e outras semelhantes se malquistava o capitão Antonio Carvalho, consentindo se obrassem em um arraial de tanta gente boa, que elle levava á sua conta.

Sendo os negros de tão boa natureza, marchando até um rio que passamos com agua pelo giolho, os deixamos, indo fazer noite duas legoas a diante, em uma charneca com agua, á vista de palhotas, de que nos sahiram com muito leite, e aboboras, e ao dia seguinte com vacas, em que por serem caras não consertamos, nem em alguns dentes de marfim, que queriam resgatar; deste sitio nos levamos depois de jantar, com grande calma, marchando perto de tres legoas, até uma ribeira de agua doce, em meio de um campo cercado de mato, em que fizemos noite, sahindo delle alguns cafres com peixe a resgatar, e dando-se-lhe cobre o tomáram, sem largar o peixe da mão, antes ameaçando com as azagaias lançaram a fugir, com cobre, e peixe para o mato, sahindo em quanto não veio a noite em magotes a dar coqueadas, a qual entrou com tão grande trovoada de chuva, e fusis, que parecia vir se o ceo abaixo, molhando-se todas as espingardas, que nos detiveram pela manhã em alimpalas, e fazer de comer do gado, que se matou á tarde, e antes que marchassemos se nos vieram atravessar no caminho, prepa-

rando suas azagaias com grande grita, pedindo em sua lingua o gado, a que Paulo de Barros, que ia na dianteira deu a reposta, matando á espingarda um, que se quiz chegar, lançando os mais a fugir, a que seguimos, sahindo do mato ao campo, aonde prantearam ao morto grande copia de cafras, e descobrindo uma campina houvemos vista de alguma gente de chapeo, que com um na ponta de uma astea de lança vinham gritando, para quem sahio o capitão Antonio Carvalho com outros, cuidando ser estrangeiros da embarcação, que achamos quebrada na praia, e achando serem da perdição do galeão Sacramento nossa capitania, com a maior lastima tornáram com os miseros naufragantes em sua companhia, que só cinco portuguezes, e um canarim, e um mulato, e outro malavar, e um cafre a quem abraçamos todos, com tantas lagrimas, como quem se via em terra de barbaros, tão longe do natural, e por causa tão lastimosa, como a da perdição de taes embarcações, com tanta gente, e riquezas. Vendo nove pessoas sem armas atravessarem um caminho tão comprido com tantos barbaros, que cada hora armavam ciladas, de que Deos os livrou deixando os mais companheiros, que escapáram do naufragio, uns mortos a mãos de cafres, e os mais á da fome, e trabalho, e outros ficando vivos por lhe faltarem as forças para marchar. Estes nove eram Manoel Luis estrinqueiro do galeão a quem elegeram por capitão, e Marcos Peres Jacome sotapiloto, e o calafate, e dous grumetes portuguezes, e um mulato, e um canarim, e dous escravos, que todos marcharam em nossa companhia até sestearmos com grande calma debaixo de umas arvores diante de um rio de agua doce, mais de legoa e meia, donde sahimos; levados daqui demos sobre a tarde com uma figueira carregada de figos de Portugal, tão maduros, e sasonados, que

assentando-se o arraial ao pé, sobindo-se alguns assíma, colhendo e abanando, cahiram tantos, que nos detivemos mais de hora e meia, comendo até abastar, e levando os que pudemos, ficando a arvore tão carregada, como se não houveram bolido nella, a poucos passos depois fizemos noite agasalhando os nossos companheiros do galeão, contando seu naufragio, até entrar o sono, e logo uma tormenta desfeita de chuva, vento, e fusis, não deixando barraca em pé, mais que a do padre Fr. Antonio de S. Guilherme.

Com a tormenta que nos entrou vespora de Santo Antonio ao galeão, e nao Atalaya (contavam elles) ficou o galeão sem vella grande, tendo ferrado entrando o tempo a gavea, que levava dada, e com o papafigo ao primeiro passaro, na volta de Les Nordeste navegando com o farol aceso, com grande trabalho, abrindo muita agua, que passado o tempo foi estancando, trazendo já algumas trincas dadas, que nestas occasiões são de effeito. Como amanheceo, vendo-nos sem a nao, fugindo aos mares, que eram grandes, voltámos sobre a terra, em cuja demanda nos entrou outro temporal dia de S. João, passado o qual, fomos seguindo viagem para o Cabo de Boa Esperança, sem largar a terra de vista depois que a vimos, e indo com o traquete na sua volta muito perto della, dia de S. Pedro á tarde vinte e nove de Junho, com grandes mares, foi advertido o piloto mór, se fizesse ao mar, o que fez uma empulheta, antes do sol se pôr marchando-se naquella volta seis impulhetas do quartinho e oito do quarto da prima; rendido elle, entrando o da madorra se tornou a marear com o mesmo trauuete na volta de trrra, e ás seis empulhetas saindo a lua, os da vigia deram fé de terra muito perto, e avisando, mandou o piloto marear para o mar, sendo o vento pouco, e a agua tirava para a terra muito, e estan-

do o galeão meio arribado o não acabou de fazer, por mais diligencias, que lhe fizeram largando a gavea de proa, e cevadeira, sem querer já mais arribar, antes tornando com a proa para a terra, sempre foi duas horas para ella contra o leme, e mareação, até que com nm grande mar tocando a quilha do mastro grande para a popa, de maneira, que logo se foi desfazendo, caindo ao mar as duas varandas, com todo o espelho da popa, e o capitão mór Luiz de Miranda Henriques, e o padre Sebastião da Maia da Companhia de Jesus, e outra muita gente, que depois de acudirem assima, e verem não havia outro remedio, mais que perder-se, se recolheram ás varandas confessando-se, não escapando de todos um só, e dos mais que ficaram á proa, uns nas vergas, e outros em pedaços de paos chegamos a terra já dia claro com grandes mares, e recifes setenta e duas pessoas vivas, em altura de trinta e quatro graos, onde estivemos onze dias, sem ver já mais cafre, nem pessoa viva, e refazendo-nos de alguma cousa que o mar levou a terra, que foi pouco, começamos a marchar um mez, até achar indicio da perdição e no lugar della uma cafrinha, e dous cabrinhas aleijados, de quem soubemos o succedido á nao, e como havia vinte e oito dias tinham marchado deste lugar, em que tomámos polvora, e ballas, de que vinhamos faltos, e comendo alguns couros de canastras, que achamos, tornamos a marchar até dar com D. Barbora, que achamos viva junto a Joanna do Espirito Santo a Beata, o piloto, e escrivão mortos, que nos lastimou assás, pedindo-nos a trouxessemos, e perguntando-lhe se podia andar: respondeo que não, com que a deixamos, marchando por diante até o rio da nao Belem, aonde chegamos dez, ficando os mais mortos ás mãos dos cafres, e da fome, deixando-se alguns ficar vivos por não poderem marchar, chegan-

do todos a padecer tanta fome, e miseria, que não ficou calçado, nem cousa alguma, que se não comesse, até uma carta de marear, que matou a todos os que della comeram, a respeito do solimão das tintas, chegando a andar ás punhadas sobre um gafanhoto, que é o que se póde dizer, havendo dia de cinco, e de seis mortos á pura fome.

Do rio da nao Belem em diante, supposto que poucos, e com grandes sobresaltos, que cada hora tinhamos destes barbaros, seguimos sempre o rasto do arraial, achando de quando em quando sinaes delle, e nos mesmos cafrcs novas, de que Deos nos livrou até o presente, deixando-nos encontrar todos.

Passado o rigoroso temporal amanheceo o dia vinte e oito de Novembro, e levando nós em nossa companhia dous cafres da terra para nos ensinar o caminho, por um pedaço de vaca, e outro de cobre, que se lhe deu, fomos marchando guiados por elles para o rio das medãos de ouro, a que chegamos pelas oito horas, admirando a travessa, e largura, que tinha a todos, porque apenas se via a terra da outra parte, metendo em meio mais de tres legoas de agua, a que nos lançamos, levando os cafres diante com a entrada trabalhosa, e agua pelos peitos. O dia frio com vento, e mareta, passamos com o fato na cabeça, e o gado no meio, sendo a agua já mais baixa por baixo da sinta, chegando junto á terra da outra parte, fazia outro canal pelo pescoço, de que acabamos de sahir pelas tres horas da tarde, tão destroçados, e moidos, como se póde considerar, de que louvamos a Deos, pela mercê de acharmos estes cafres, sem os quaes era impossivel cometer este vao, por ser tão largo como o mar de Lisboa ao Barreiro, aonde nos ficaram afogados dous moços de Salvador Pereira um china e outro borneo; descançamos aquella tarde, e noite, e ao dia

seguinte marchamos pela terra dentro á vista da praia, caminho muito povoado, em que nos sahiam com aboboras, melancias, e bolangas, e tabaco, com que viemos passando, sem milho, nem ameixoeira, por não ser ainda novidade, e nesta parage, e quasi em toda a cafraria avia cinco annos, que não chovia, causando grandes fomes, e praga de gafanhotos, que por onde passavam não deixavam herva verde. O caminho da praia até o reino de Unhaca não é acertado, por ser seco, sem agua, e grandes serras de area, de que por vezes nos afastamos, por esta causa, quando alguma forçados, chegavamos a ella.

Em dous de Dezembro, havendo aquella manhã rodeado por entre matos, trabalhosamente uma alagoa, sahimos a uma campina rasa, em que descançamos. Levado o arraial dalli, foi marchando até á noite, pela mesma campina, fazendo alto junto a uns carcos de agua, achando menos um marinheiro, por nome Pedro Gaspar, casado em Lisboa, mestre sapateiro, que foi na calçada de Pé de Navaes, que caindo em pobresa com filhos, viera na mesma nao á India, buscar um parente que o remedeasse, e tornava para sua casa com remedio. Esta noite toda passamos com fogos, para este homem poder atinar com o arraial, que impossivel fora deixar de o ver se o buscára. O dia seguinte se enviaram seus camaradas atraz onde havia descançado ao jantar, tornando sem elle, nem novas suas, variamente se discorreo sobre este particular, sem acerto, e desenganados que não apparecia, marchamos por diante, resgatando cada um para si, como queria ameixoeira, e galinhas, aboboras, e melancias, até chegar a um rio caudaloso, que logo a maior parte do arraial que se adiantou, passou com agua pelo pescoço, e por vir enchendo a maré, e não ser possivel vadear, ficou o rancho do padre Fr. Antonio, e outros

dormindo entre o mato pegado ao rio, a que lhe acodio muito resgate de peixe, e galinhas, com que passamos até que a maré deu lugar, o outro dia a nos ajuntar com os mais aonde vimos o primeiro cafre, que falando portuguez nos chamou matalotes, dizendo, que na ilha do Quiusine estavam dous pangaios, alegrando-nos assaz, pelo receio, que traziamos de não achar pataxo de Moçambique.

Juntos com os mais da outra parte, passamos entre um fermoso arvoredo com boa agua dous dias, aonde acodio tanto resgate de peixe, e sal, que foi o primeiro que vimos, ameixoeira, milho, mel, manteiga, ovos, galinhas, cabras, e carneiros tudo em tanta abundancia, que nos parecia estar em uma ribeira bem provida, resgatando todos com liberdade, por panos, e trapos velhos podres, de qualquer modo que fossem, como não tivessem buraco.

Daqui nos levamos aos treze de Dezembro, marchando com muitos cafres em nossa companhia, passando este dia duas trevoadas de muita chuva, chegamos a fazer noite junto a uma lagoa, depois de um mato espeso, de que nos levamos pela manhã quatorze de Dezembro pela praia, e tendo marchado por ella uma legoa, achamos muitos cafres para nos guiar, com muita festa pela terra dentro, porque marchariamos outra legoa, até chegar á corte do Rei Unhaca, por outro Sangoan onde o achamos assentado em uma esteira á sua porta debaixo de uma arvore, em que ao costume dos cafres tinha suas insignias reaes, que eram uma cabeça de vaca com sua armação, e na mesma arvore uma astea muito comprida amarrada ao alto, e na ponta um arco, e frecha embebida; estava o velho Rei com um lençol de cotonia almagrada cuberto, com o seu lingoa em pé, pelo qual nos saudou, agasalhando-nos com bom animo, dando novas do pata-

xo de Moçambique, ser chegado á ilha de Quiusine, doze legoas deste reino, suposto não ter ainda assentado feitoria nesta Unhaca como é costume. Depois do que, nos mandou aposentar pelas palhotas, que havia, acodindo muito resgate de ameixoeira, galinhas batatas, manteiga, peixe, que cada um comprava a gosto por pedaços de camizas, e calções, e toalhas, e toda a sorte de roupa, de maneira, que em quinze dias que aqui passamos, sempre sobejou resgate. Mandando o Rei ao almirante Antonio da Camara, a quem Antonio Carvalho tinha á vista de Unhaca feito entrega do governo do arraial, uma pequena de ameixoeira, e uns tasalhos de cavallo marinho respondendo se-lhe com dous borrifadores de prata, e um pano com bordas de seda, e uma peça de corte de Baroche. Estes cafres com o trato e conhecimento dos portuguezes são grandes mercadores, entereseiros, e desconfiados, que primeiro hão de receber o pano, que larguem o resgate, que vendem por elle.

Como aqui se não davam novas do pataxo com a serteza que desejavamos, pareceo mandar pessoa nossa, que a trouxe, do que havia, avisando ao capitão delle, da nossa chegada, e perdição, e assim se despedio dous dias depois Antonio Carvalho com seis portuguezes, e dous cafres da terra, para o guiarem até a ilha do Quiusine, a que passaram os nossos com muito trabalho, onde acharam uma galeota, sendo da gente della bem hospedados por o capitão Diogo Velho da Fonseca natural de Villa Franca de Xira, casado, morador em Moçambique, ser ido assentar as feitorias do Manhisa Manoel Bombo, e Locondone, donde sendo avisado da nossa perdição, e chegada a Unhaca, como bom vasallo de S. Magestade, que Deos guarde, mandou logo com os mesmos um mouro piloto com

roupa para o gasto dos caminhos, e a barquinha, e lusio de resgate para passar os rios de Libumbo, e Machavane. Chegados Antonio Carvalho, com os que o acompanharam, dando tão boas novas os festejamos com admonstração de alegria que cada um sentio, mórmente sabendo, que havia quatro annos não tinha vindo outro pataxo mais que este, que atribuimos a beneficio e mercê de Deos, que seja sempre louvado por sua Divina Providencia.

A vinte oito de Dezembro com alguns cafres, que nos quinze dias, que aqui passamos travaram com nosco amisade, nos levamos deste reino de Unhaca atravessando a terra por junto a uma lagoa grande, e algumas povoações, até um rio que vadeamos com agua pela sinta, e marchamos este dia assás com muita calma, chegamos tarde ao reino de Machavane, mais rico, e poderoso, que o Sangoan, o qual nos sahio ao caminho nú, com uma capa de couro ás costas, aonde passamos a noite, e ao outro dia mandou ao almirante uma vaca, respondendo-lhe com uma suca branca. Levados d'aqui aos trinta do mez, sahio o Rei acompanhando o arraial diante uma legoa, despedindo-se de todos com grandes cortesias, enviando em nossa companhia para nos guiar um seu parente, até o rio Machavane, a que chegamos ao meio dia, e por ser mui rebatado, e caudaloso, era forçado passar se em canoas, em que começamos a passar, ficando meio arraial para o outro dia; esta tarde passando tres grumetes em uma destas canoas, abrio uma agua de repente por um buraco, que levava tapado com lodo, e indo se a pique, não deu lugar mais, que a nadar, affogando-se um por nome Antonio Jorge, e os mais trabalhosamente sahiram a terra. Passados todos á outra parte com o gado, que ainda eram mais de quarenta vacas de carga, marchamos para o reino de Tem-

be Velho, em que fizemos noite, saindo elle ao almirante com um capado, porque se lhe deu uma peça de corte pintada, e levados daqui o dia seguinte, sendo a jornada larga, fomos anoitecer ao reino de Tembe Moço, poderoso Rei em gente, e gado aonde padecemos uma trevoada tão medonha, com tanta chuva e raios, que não ficou barraca em pé, sendo forçado passar alli outro dia, repartindo-se uma vaca, que o Rei deu para comer, e as nossas, que tirando-as da carga, sahio a cada dezoito pessoas uma. Aqui se resgatou muito leite, e melancias, chegando um escrito do capitão da galeota Diogo Velho da Fonseca, para nos apressar, que nos estava esperando com grande alvoroço, enviando o lusio, para se embarcar todo o fato com os doentes, e o almirante com os religiosos na barquinha, e os mais por terra.

Deste Tembe Moço sahimos marchando para o rio de Lebumbo, não nos podendo valer pelo caminho com cafres com leite, e melancias tão grandes, como fardos de arroz, comendo antes de chegar á praia em uma povoação, em que já achamos marinheiros do lusio, que nos levaram pela praia até a passagem, onde nos sahio o mestre da galeota Manoel Rodrigues Sardinha, e outros portuguezes chorando de sentimento, de nos ver perdidos, e com tantos trabalhos, e miserias, porque demos graças a Deos, em nos deixar chegar a ver portuguezes, e embarcação nossa, em que passamos á outra parte, e aquella noite na praia todos, deixando da outra o gado, encomendado a um cafre Benamusa, para o passar á ilha de Quiusine, como depois fez, pagando se-lhe o trabalho. Estas nossas vacas de carga foram em toda a cafraria de tanto alivio, e descanço, que a não nos valermos dellas, é certo não chegarem ametade a salvamento, porque de todo o arraial, só o padre Fr. Affonso de Beja, com

ser velho, e cego, e eu marchamos sempre a pé, o que se notou, para se dar a entender o effeito de que nos foram estes animais.

Embarcados no lusio os doentos com todo o fato, e na barquinha o almirante, e religiosos, deram á vela sabbado quatro de Janeiro, e os que restáram marchamos por terra, com Domingos Borges de Sousa por capitão, e o padre Fr. Diogo da Presentação, e eu em sua companhia, levando o mouro piloto por guia, com o qual marchamos aquelle dia por muitas povoações, sesteando em uma com muitas galinhas, leite, melancias, e bolangas, e tendo marchado tres legoas, fizemos alto, para passar a noite. Tornando a marchar o dia seguinte sedo, para chegar a tempo de poder ouvir missa no lugar, em que a galeota estava, a qual descobrimos pelas oito horas do dia, havendo passado grandes atoleiros, grande foi a alegria, que sentimos com esta vista, e tal ouve, que o não acabava de crer, considerando nos trabalhos, fomes, sedes, frios, e calmas, por que havia passado. Na praia estivemos esperando até á tarde, por não ser chegado o lusio, nem a barquinha, em que passamos por tres vezes, desembarcando da ultima já de noite, em uma ilha despovoada. Aos sinco de Janeiro vespora de Reis de 1648, sahindo logo para a igreja, que se alli faz de palha com a vinda do pataxo em que ha capellão, e missa, a dar graças a Deos, e á Virgem do Rosario, cuja invocação tinha.

O capitão Diogo Velho da Fonseca, com os mais companheiros da galeota sahio á praia a receber-nos com grande amor, e alegria, repartindo o dia seguinte a todos arroz, e ameixoeira para tres dias, acodindo a muitos com roupa branca, e sapatos, e aos que se valeram depois de sua despensa com doces, e todos os mimos que tinha para doentes, sem os negar a nin-

guem. Sendo merecedor de muitos agradecimentos, e beneficios, pelo bom modo, e liberalidade, com que se houve nesta occasião, em que os mais de sua companhia nos venderam um fardo de arroz redondo por quatorze cruzados de ouro, e uma maina de carambolas por seis e meio, uma botija de azeite, e vinagre por dez, uns sapatos tres, e quatro cruzados, e uma canada de vinho de Portugal doze cruzados, outra de nipa quatro, com a maior onzena, que já mais se vio.

Ao terceiro dia de nossa chegada, se repartio a gente da nao, e galeão, que eram cento e vinte e quatro portuguezes, e trinta negros cativos, pelas sinco feitorias, que já estavam assentadas, vinte legoas pelo rio assima, aonde não faltou comer, para que se dava por conta de S. Magestade tres panos por mez a cada pessoa, ficando na ilha o almirante por hospede do capitão Diogo Velho, e os religiosos, officiaes, e passageiros da nao, acomodados por palhotas, que se faziam de novo, e outras, que despejaram os lascares da galeota, a quem se pagaram. Passando-se seis mezes nesta ilha deserta, sem outra sahida mais, que a das feitorias, a que alguns sahiam a buscar mantimento, e refresco. Nesta ilha tinhamos, os que ficamos nella todos os dias a consolação de sinco, e seis missas, alivio grande para a peste, que se padeceo nas feitorias, e na ilha, em que morreo meia gente, lá pela abundancia de muito comer, e falta de sangrador, e aqui de febres agudas, que não davam lugar á medecina, de que não escapou pessoa, que as não sentisse, e muitas sarnas, porque despejaram parte de tanto mal, de que faleceo o P. Francisco Pereira da Companhia de Jesus, a um tempo, Salvador Pereira, o mestre Jacinto Antonio, Amador Monteiro camarada do almirante, filho do glorioso martyr embaixador a Japão,

não escapando dos do galeão mais, que Manoel Luiz estrinqueiro, Marcos Peres sotapiloto, Francisco Gomes canarim, e um cafre.

Chegando-se o tempo de partir, se vieram ajuntando, os que escaparam nas feitorias, e embarcados todos, levamos ancora a 22 de Junho á tarde, com aguas vivas, por entre balizas, por ser enceada de muito baixo, e chegando a dar fundo na ilha do Unhaca, resgatamos muitas galinhas, e batatas, e dando á vela dia de S. João, começamos a navegar para Moçambique com trezentas pessoas, brancos, e pretos na galeota, a maior parte doentes, e mal acomodados, por ser o barco pequeno, chegando a dar fundo em nove de Julho defronte da fortaleza em que morreo Amaro Jorge marinheiro da nao, natural de Ueiras. Chegando a terra a que sahio o capitão Diogo Velho, tornando logo a bordo eacandalizado assaz do governador Alvaro de Souza de Tavora, com ordem para não sahir ninguem a terra, nem deixar chegar embarcação a bordo mais, que a do governador, em que nos levaram a todos á fortaleza, aonde com o ouvidor, e feitor, e seus escrivães tirou devaça, assim da perda das naos, como dos diamantes, que escaparam. Daqui se recolheo cada um aonde achou comodo, até ser tempo de embarcar para a India, mandando o governador soccorrer só aos homens do mar com uma panca de arroz, e um cruzado por mez, tomando alguns, que não eram casados para soldados da força, pela falta que tinha, repartindo-se os mais por tres embarcações, que haviam de partir para Goa.

A onze de Setembro sahimos á vela com terral, cinco embarcações de Moçambique, tres para Goa, e o pataxo de Dio, e outro para as ilhas de Comoro, havendo vista do pataxo dos rios de Cuama, porque até então nos fez o governador esperar, que andava em

uma, e outra volta esperando a viração para entrar.

Seguindo nossa derrota, logo se apartáram o pataxo de Dio, e o das ilhas, navegando os de Goa juntos até dez graos, em que a urca do governador na volta do mar, e o pataxo de Francisco Dias Soares na de terra, nos deixaram na galeota de Thomé Gonçalves de Pangim, em que vinha por capitão, e piloto Manoel Soares natural de Lisboa, a quem comprei a camara para passar com os padres Fr. Antonio de S. Guilherme, e Fr. Diogo da Presentação meus camaradas, e sendo esta galeota piquena, e roim de vela, o capitão della se mareou de maneira por calmarias, tormentas, e ventos contrarios, que só ella nesta monção passou a Goa, avistando terra em quarenta e sete dias entre Angediva, e o Cabo da Rama, e por nos faltarem terrenhos e virações, e não saber do estado em que estava a barra de Goa, com parecer que se tomou entre todos voltamos a entrar na barra de Onor o primeiro de Novembro, sincoenta e dous dias, depois que sahimos de Moçambique. Ao dia seguinte dous de Novembro me parti para Goa com os padres em uma manchua de quatorze remos, aonde chegamos, aos oito de Novembro pela manhã, admirando a todos as novas do nosso naufragio, e muito mais, pelos que este anno havia padecido esta cidade, perdendo dentro na sua barra um pataxo, e uma caravella carregados para a China com grande riqueza, de que não escapou pessoa viva, até o proprio geral de Macao Antonio Vaz Pinto, e sete navios de socccorro, carregados para Ceilão, e doze navios d'armada do Canará, sem de todos se salvar nada, com um terramoto, que não deixou arvore em pé, orçando-se a perda das palmeiras na ilha, e terras de Salcete, e Bardès, em mais de duzentas mil, fóra muitas igrejas, e mangueiras sem con-

to, sem ter chegado nova, nem embarcação do reino, nem da urca do governador de Moçambique, em que está o remedio, e cabedal daquella cidade, e os diamantes, que escaparam das naos, sentindo-se tambem a perda do galeão Santo Milagre, escapando alguma gente no abrolho, em que encalhou em seis graos do Sul, de que obráram um batel, em que quarenta homens só vieram tomar as ilhas de Querimba, deixando os mais no proprio abrolho, sustentando-se de passaros e tartarugas, faltando lhe outro si a nao Pata, que ia do reino, e deu á costa nos rios de Cuama, salvando-se a maior parte da gente, que morreo embarcada para Moçambique com o governador Alvaro de Souza de Tavora no seu patacho dos rios, que deu á costa com temporal, saindo a terra, em que morreram todos á fome, e sede escapando o proprio governador com poucos criados trabalhosamente. E não sei certo de qual me maravilhe mais, se da certeza, com que os males no mar são sempre certos, se da confiança, com que os que por elle navegam tem para si não ter algum. Digam os autores estrangeiros, o que lhe parecer, que os segredos do mar, e terra só a nação portugueza naceo no mundo para os saber descobrir.

FINIS LAUS DEO.

RELAÇÃO

DA

Viagem do galeão S. Lourenço e sua perdição nos baixos de Moxincale em 3 de Setembro de 1649

ESCRITA

PELO

Padre Antonio Prancisco Cardim

Da Companhia de Jesus, procurador geral da provincia do Japão

A Manuel Severim de Faria

Em Lisboa

POR

DOMINGOS LOPES ROZA

No anno de 1651

Perdição do galeão S. Lourenço, nos baixos de Moxincale, em 3 de Setembro de 1649

O GALEÃO S. Lourenço feito na Ribeira das náos de Goa com grande cuidado, e assistencia do governador do Estado da India Antonio Telles de Menezes, hoje conde de Villa Pouca, general da armada real de Portugal, e Governador do Estado do Brazil: foi o primeiro baixel feito em Goa, que nestes quarenta annos chegou a salvamento a Portugal, perdendo-se junto da barra de Lisboa o galeão S. João Bautista queimado pelos mouros no anno de 1620 e no de 1622 o galeão Conceição, depois de pelejar com duas náos olandezas junto do Cabo de Boa Esperança, deo á costa. Só o galeão S. Lourenço entrou pela barra de Lisboa a primeira vez no anno de 1645, indo nelle por capitão mór Joseph Pinto Pereira, que fora védor da fazenda real do Estado da India; voltou nelle por capitão mór Luis de Miranda Henriques no anno de 1646; o Viso-Rei D. Filippe Mascarenhas o mandou forrar em Goa, e voltar a Portugal no anno de 1648 indo nelle por capitão mór D. Pedro d'Almeida que com felicissima viagem ancorou no rio de Lisboa aos quinze de Agosto do mesmo anno.

Nesta de 49 o mandou outra vez para a India a Magestade del-Rei D. João o IV nosso Senhor que Deos guarde por capitania da viagem, e seu almirante o galeão Nossa Senhora do Bom Successo do povo, que sahira do estaleiro em 28 de Fevereiro antecedente. A boa estrea do galeão S. Lourenço, e o galeão novo, estavam convidando a todo Lisboa, e reino á presente viagem da India; concorreo muita infantaria, e com particular vontade a gente maritima, por lhe serem restituidas suas antigas liberdades.

Vinha por capitão do galeão S. Lourenço, e cabo dos dous galeões Diogo Leite Pereira, fidalgo da casa de Sua Magestade comendador de Alegrete da Ordem de Christo, que servia já nas armadas do Brasil, em suas guerras, como tambem nas armadas da costa. No galeão novo vinha por almirante Vasco de Azevedo. No galeão S. Lourenço se embarcaram seiscentas e setenta e oito pessoas, infantaria muito luzida, e destra, boa gente do mar, muitos fidalgos, e despachados: o doutor Paulo Castellino de Freitas inquisidor apostolico, que fora vigario geral da Torre de Moncorvo, desembargador da relação de Braga, procurador da mitra primaz das Hespanhas e prometor do Santo Officio em Coimbra com cinco sobrinhos para servirem nas armadas da India a Sua Magestade.

O doutor Jorge de Amaral de Vasconcellos, o primeiro doutor pela universidade de Coimbra, que passou á India, deixando muito bons despachos, em que estava consultado, e pertenções, que tinha por serviços de seus avós, além dos merecimentos proprios dignos de toda a mercê, aceitou o officio de ouvidor geral do civel do Estado da India, juiz das justificações do conselho da fazenda real, com que Sua Magestade o mandou com promessas de avantajados despachos, que saberá bem merecer. Dous annos havia es-

tado despachado por provedor mòr dos defuntos, o doutor Luiz de Abreu Borges, que servira já em Portugal de juiz de fóra de Mourão, e da Guarda, pessoa muito qualificada, e muito prudente. O lecenciado Francisco Vieira da Silva provido com a ouvidoria de Moçambique, para entrar no desembargo da relação de Goa, Leão Correa de Brito fidalgo da casa de Sua Magestade para entrar na capitania de Beçaim, com dous filhos, Manoel Correa de Brito, e Duarte Correa de Brito, D. Manoel Lobo da Silveira filho do conde de Sarzedas, D. Diogo de Vasconcellos, Manoel de Sousa, Manoel de Miranda sobrinho do estribeiro-mór de Sua Magestade, Ruy Lobo da Gama, Francisco da Cunha de Essa, e Joseph da Cunha de Essa seu irmão, todos fidalgos da casa de Sua Magestade.

Francisco Peixoto da Silva provido com a fortaleza de Mascate, D. Simão de Tovar, para entrar no paço de Noroá, Antonio de Freitas provido com a fortaleza de Barcelor, seu irmão Luis de Freitas, Simão de Almeida provido com o officio de corretor mór de Dio, Lourenço Batalha para entrar por juiz da alfandega de Negapatão, Antonio de Azevedo cavalleiro do habito de Christo despachado por governador de Jazanapatão, e escrivão da fazenda de Goa, e outras pessoas muito nobres, cavalleiros fidalgos, e moços da camara de Sua Magestade, soldados já experimentados nas fronteiras de Portugal, que com sua chegada a India esperam cartas de seus filhamentos, e habitos da ordem de Christo, que lhes foram promettido ; outros traziam patentes para os receberem chegando a Goa.

Vinha por mestre do galeão, Bertholomeu Gonçalvez do habito de Santiago grande marinheiro bem conhecido na India por seu esforço, e valentia, que mostrou pelejando com o inimigo europeo, por adoecer gravemente poucos dias antes da viagem, foi promo-

vido em seu lugar Domingos Henriques, que estava nomeado para ir a Angola por capitão de mar, e terra do galeão Salvador; tomou o mestre Domingos Henriques o galeão em vespora da partida assim como o achou, piloto Diogo Tavares. O contramestre era Manoel de Freitas, sotapiloto Domingos Luis Parola, que fora já piloto mór da armada real de D. Fradique de Toledo, quando foi recuperar a Bahia, guardião Domingos Simões, condestavel Antonio Malhorqui, francez de nação mui esperto em seu officio, João Alvares carpinteiro da viagem, Domingos Gonçalves calafate, ambos bons officiaes. Dos marinheiros nenhum tomou o sol na viagem; porque diziam o piloto o não permittia, que esta parece é a causa da perda de tantas naos, faltarem pilotos experimentados.

Partimos do rio de Lisboa aos quinze de Abril com vento fresco, e boa maré; na nossa esteira vinha o galeão almirante, aos dezanove avistamos as ilhas da Madeira, e Porto Santo, aos trinta, a ilha do Maio uma das de Cabo Verde, aonde fazem de Lisboa quinhentas legoas, que não foi pouco andar em quinze dias; já neste tempo haviam caido no erro, que os da nao nova cometeram, em se sahirem de Lisboa sem capellão, chegaram á falla a pedir lhe quizessem dar algum sacerdote para lhe administrar os sacramentos que pois eram christãos, não parecia bem morressem como gentios. A estas vozes se resolveu o padre João Cardoso a acudir-lhe, dizendo ao padre superior Antonio Francisco Cardim que em caso que o capellão, que ia no nosso galeão, senão quizesse passar para a nao nova, lhe havia de dar licença para o elle fazer, por quanto tinha escrupulo grave de que fossem aquelles homens sem confessor, mas o capitão mór resolveo, que fosse o capellão, pois tinha soldo del-Rei, e que nós ficariamos correndo com a capellania do

galeão assim se fez, dahi a tres dias, em que o mar abonançou mais, se vieram chegando para nós, e lançando bandeira de quadra (sinal de que nos queriam fallar) se atravessou a nao, e nós com ella, ao lançar do batel fóra, foi tanta gente, que carregou ao bordo da nao por onde se lançava, que um dos officiaes enfadado pegou de uma bengala para os fazer retirar, e como o medo tira muitas vezes o acordo, succedeo que com a pressa da retirada, cahio ao mar um soldado natural de Lisboa, que teria de idade até quinze annos: foi grande o sentimento de todos, trataram de lhe acodir com o batel, por não trazerem ainda a boia prestes, que é uma como barril, com duzentas, ou mais braças de corda, confórme ao regimento de Sua Magestade para que tenham algum remedio os que caem ao mar, se bem de muitos é raro o que se salva, tanto assim que de quatro, que no discurso da viagem cahiram do nosso galeão, só um grumete se salvou, pegando-se á corda de um balde que a caso estava lançado a bordo, mas com tudo se ao que cahio da nao, lhe lançaram boia, creio se salvaria, porque com andar perto de duas horas no mar, teve tanto alento, que quando chegou a elle o batel, ainda o achou vivo sobre a agua com o ir buscar, perto de meia legoa afastado da nao, que ainda que estava atravessada, não deixou de ir descaindo: trouxeram no nosso galeão asssim por estar mais perto, como porque de caminho levassem o capellão: porém como não tiveram acordo para lhe mudarem os vestidos no batel, aquella mesma frialdade lhe extinguiu de sorte o calor natural, que quando chegou ao galeão, já vinha desacordado; acudio logo o padre João Cardozo ao batel, e vendo que ainda estava vivo, lhe deu a absolvição, e espero em Deos se lembraria de sua alma, e que seria aquillo meio para sua salvação, porque ao dito padre

disseram os marinheiros, que o foram buscar no batel, que ainda labutando com as ondas, logo em os vendo bradára por confissão.

Tratáram logo os da nao do negocio, a que vinham que era levar capellão, que lhe administrasse os Sacramentos: pedio o padre João Cardoso licença ao padre superior para acodir áquella necessidade, mas divertio com a razão que acima disse, e assim resolveo o capitão mór se passasse para a nao o capellão, que vinha em nossa companhia, e que os padres se encarregassem da capellania do galeão, e executou-se a resolução, e prouvera a Deos senão tomára, porque della póde ser se originou nossa perdição: era a nao um tanto mais veleira, e como se vio nella o capellão com desejos de chegar primeiro á India induziu ao piloto, que se apartasse de nós, para pôr em execução seu designio. Aos doze de Maio vespera da Ascenção estando um grão antes da linha, se deixaram ir descaindo para a costa de Africa; mandou o capitão mór se lhe tirasse uma peça, para que tornasse a ajuntar-se-nos, pelo muito que Sua Magestade lhe recomendava em seu regimento, que fossem as naos ambas em conserva; mas como iam muito empenhados em sua determinação, não tratáram de arribar sobre nós, antes se desviáram com tanta pressa, que nunca mais tiveram vista uns dos outros.

Esta cobiça, que os officiaes das naos tem de chegar primeiro á India, ou a Lisboa para venderem melhor suas fazendas tem sido a causa de muitos, e miseraveis naufragios, e grandes perdições, e não terá isto remedio, em quanto senão ordenarem rigorosas penas com os taes officiaes, prendendo-os, tanto que chegarem ao porto antes da capitania, ou desacompanhando-a por sua culpa, e ao menos se lhe deve

confiscar toda a fazenda, ainda que merecem maior castigo na pessoa.

Passamos a linha aos vinte de Maio, que fomos correndo a costa do Brasil com os ventos geraes, e bonançosos. Bem mal se correspondia neste tempo com Deos pelas mercês, que nos fazia; porque poucos eram os dias, em que não houvesse na nao roubos, latrocinios, e alguns de grande quantia, e tambem feridas, e cutiladas pelo rosto; os juramentos eram muito continuos, e taes que se escandelisavam os mais timoratos. Tambem entre as pessoas despachadas se moveram duvidas, e algumas chegáram a afrontas com que se dividiram em ranchos com odios mortaes, de maneira, que ia o galeão muito cheio de peccados, que parece se despertavam com a felicidade da viagem; não deixando as pessoas mais religiosas de temer o castigo da mão de Deos, que não tardou muito.

Afastados do Cabo de Santo Agostinho algumas legoas, e dos abrolhos, nos descompoz um vento contrario adiante já das ilhas da Ascenção, e Trindade, passadas as de Tristão da Cunha, nos tornou a enfadar o mesmo vento; até que entrou o desejado ponente, mas por o piloto se fazer muito ávante, e chegado ao cabo mandou algumas noites ferrar o panno das gaveas, com que perdemos a boa occasião, e todo o mez de Julho, que nos foi contrario, estando quasi á vista do cabo, sem o podermos passar. Nesta altura encontramos uma nao ingleza, que nos veio reconhecer, era já noite, quando passou por nosso balravento; e ainda que nos saudou com suas trombetas, não quiz o piloto, que se lhe respondesse cousa alguma.

Enfadados já de não passarmos o cabo em razão dos ventos contrarios, e muitas calmarias, andando sempre em uma e outra volta, já em mais altura, já em menos; fazendo votos aos Santos tirando-se es-

molas a suas confrarias. Dia de Santa Anna se fez o piloto passado o cabo; mas o sotapiloto lhe mostrou evidentemente não o ter passado: finalmente o passamos aos trinta e um de Julho com vento bonança, e mar leite; o que não se soube de certo senão aos dous de Agosto, em que a corrente das aguas nos fez avistar o cabo falso com a desejada vista das mangas de veludo, sinal certo de se ter passado o cabo em caso que não se haja vista de terra.

Aos quatro de Agosto cresceo o vento, que se fez temporal, durou dous dias, fez-se bonança, mas depois tornou o vento com mor furia; teve sosobrado o galeão, de sorte que por espaço de meia hora, não governou, até que por conselho do sotapiloto principalmente, e mais officiaes mandou o capitão, e cabo cortar a mezena, como o galeão vinha mal alastrado, a carga toda a estibordo, com um balanço, que deu, correo a carga de bombordo para estibordo, em que o galeão esteve muito arriscado: a este trabalho acudio a diligencia do sotapiloto, fazendo-se na outra volta, para que houve tempo para ter mão na carga de bombordo com taboões, a que assistio o guardião Domingos Simões, e o mestre carpinteiro João Alvres com grande diligencia, e proveito, como pessoas intelligentes, e bem experimentadas. Trabalháram todos nesta occasião com grande cuidado, assistia ao leme o capitão com vinte homens, que com grande difficuldade o lançavam com dobrados aldropes, e talhas. Os capitães da infantaria Dom Manoel Lobo da Silveira, Francisco Peixoto da Silva, Antonio de Azevedo, D. Simão de Tovar acudiam por suas horas com sua gente a esgotar a bomba, e aos contrabaços do traquete, e ajuda das escotas, a que sempre assistia muita gente: nem faltaram o inquisidor, e ouvidor geral, assistindo a todas as partes refrescando com seus

mimos aos que mais trabalhavam, e eu como capellão do galeão fazendo muitas vezes os exorcismos á tempestade. Com a entrada da noite foi abrandando o vento, que se nos representára muito fea; pela manhã estavamos já em bonança.

Na noite dos oito de Agosto nos cahio um raio bem perto da proa do galeão, que a cahir dentro nos abrazara a todos, passou isto em altura da terra a que chamam do Natal, que é logo passado o cabo, e dizem os homens do mar, que de ordinario costuma haver aqui estas refregas; mas que nunca haviam experimentado tão crescida, diziam ser a causa o fazermo-nos muito ao mar, e depois nos confirmamos mais, por que soubemos não abrangera esta tormenta a nao nova, que neste tempo se achara por alli perto, por se coser mais com a terra, e não subir a tanta altura.

Ordena El-Rei no regimento aos capitães móres façam viagem sempre por fóra da ilha de S. Lourenço, por evitar as invernadas, que ordinariamente fazem os officiaes em Moçambique, movidos do muito que interessam nas vendas das fazendas, e ouro, que dalli levam para a India com total ruina da infantaria, que a ilha a pura fome, e máo temperamento em si consome, e tambem do perigo das aguas, que de Agosto por diante correm com grande impeto mais que rios, até o Cabo das Correntes: guarda-se muito mal esta ordem, e por se passarem vinte dias de viagem, vemos as mais das naos virem por dentro. Determinava o nosso cabo guardal-o, e entendido pela gente maritima se veio á sua camara, e alegando falta de agua, e mantimentos, com parecer dos officiaes, e em fatal hora, se resolveo, que fossemos por dentro.

Aos 24 de Agosto amanhecemos com a ilha de São Lourenço, que fomos correndo tres dias com ventos bonançosos: em altura de 16 graos nos descompoz

um vento Nordeste, por espaço de vinte e quatro horas, que nos enfadou: fez-se o piloto em uma, e outra volta, mas por se desviar dos baixos de João da Nova, se meteu mais para a terra firme; de sorte que quando ao primeiro de Setembro nos entrou o vento de monção, devendo governar a Lesnordeste para se affastar dos baixos de Moxincale, governou a Nordeste quarta de Norte, fazendo com esta derrota o caminho do Norte quarta de Nordeste em razão da variação de agulha, e corrente das aguas, sendo tão grande, que na noite de nossa perdição tomou o galeão duas vezes de luva vindo com vento em popa, que se viera o galeão aberto, tomaram todas as velas vento, não foramos dar nos baixos de Maxincale.

Era o quarto da madorna da noite da quinta feira para a sesta, em que entravamos nos tres de Setembro, quando o galeão tocou no baixo com tão grande força das pancadas, que dava (alguns contaram oito) que parece se abria, lançou o leme fóra, que perdemos; e quem não sabe que cousa é o leme de uma nao, e tão grande como o galeão S. Lourenço, não poderá crer a violencia do mar, a facilidade com que o lançou fóra, o escuro da noite, a confusão da gente, o caso inesperado, os gritos, e lagrimas de todos, e parecer ao pilito, que estava nos baixos de João da Nova, foi causa de ficarem todos sem acordo; concorreram á confissão a gente principal, e soldados, os marinheiros a tirar acima uma amarra, não vindo até então nenhuma telingada, despedi-me de meus companheiros, abraçando-nos todos depois da confissão parecendo-nos aquella a ultima hora de nossa vida.

Uma grande consolação tivemos nesta afflição que foi não fazer o galeão gota de agua, sendo bastantes as pancadas, que deu para abrir naos muito poderosas; mas o ser o galeão da madeira de teca, que parecia

uma rocha, e dar na ponta de baixo, de que as aguas nos lançaram fora, foi causa de nossa consolação, e podéra ser da salvação do galeão, lançaram ancora em seis braças, tendo primeiro tomado prumo em doze; em quanto as amarras vieram acima, nos levaram as aguas para terra; mas como ataram a amarra no cabrestante da xareta, o levou comsigo, ficando todo o trabalho baldado, fomos dar em seco, sendo já manhã clara, como o fundo era de area, e brugalho, por mais que o galeão abateo, não abriu, só inclinou para estibordo, onde trazia o maior peso, conservando o Deos para nos salvarmos.

No meio desta affliçáo, e total perdição sahi ao convez com uma imagem de Christo Senhor nosso, que trouxe de Roma tirada ao natural pela que Christo Senhor nosso mandou a Abagar o Rei de Edessa, que se guarda na igreja de S. Silvestre em Roma: á vista de tão preciosa Imagem, que arvorei, se prostraram todos de joelhos com as lagrimas nos olhos, a magoa, e dor no coração, a voz em grito, rompendo os ares pedindo a Deos Misericordia (e posto que tinha confessado a muitos, desdo tempo, que o galeão deu no baixo, como tambem o tinha feito o inquisidor Paulo Castellino de Freitas) e se naquella hora discorrendo todos tres a varias partes ficando só no camarote o padre João Cardoso, por estar doente, e de uma sangria no pé, que lhe apostemou não podia andar, dei a absolvição a todos em geral; porque em caso, que o galeão abrisse com as continuas pancadas que dava, é certo não haveria lugar para o fazer, mas tratar cada um de salvar a vida sobre alguma taboa.

Cortaram-se logo os mastros, lançou-se o batel ao mar, nelle gente com armas, por não saberem o lugar, em que estavamos; embarcaram-se logo nelle vinte mosqueteiros, para em terra segurarem a des-

embarcação a alguma gente maritima, para o tornarem a trazer a bordo; não pode o batel tornar ao galeão, por ser grande a resaca do mar na praia, que logo o atravessava, tornaram a nado duas pessoas, dizendo que os negros eram conhecidos, e falavam portuguezes, e estavamos perto de Moçambique; ao meio dia se tomou o sol, soubemos de certo, que o baixo era de Moxincale, como o sotapiloto tinha dito ao piloto; certificado da terra, em que estavamos, e difficuldade em tornar o batel, tratou o mestre carpinteiro João Alvres de fazer jangadas, trabalhando com tanto cuidado, e diligencia nas muitas que fez, e muito grandes, que foi causa de se salvar muita gente.

No mesmo dia da sesta feira á tarde se foi para terra em uma jangada o inquisidor Paulo Castellino de Freitas, por lhe dizerem os officiaes, que o galeão a cada hora se podia abrir, e no sabbado pela manhã o doutor Jorge de Amaral de Vasconcellos em outra, ambos deram calor com os capitães de infantaria Francisco Peixoto da Silva, e Antonio de Azevedo, que foram na primeira batelada a lançar o batel ao mar; o que teve tão bom successo, que poz outra, pouca de gente em terra, com a resaca do mar esteve nelle affogado um filho de Leão Correa de Brito; e de todos se offogou dentro nelle um menino pagem de Dom Manoel Lobo da Silveira. Não só a resaca do mar atravessava o batel, mas o descosia de maneira, que era necessario calafeta-lo com grande trabalho. Já nestes dous dias estava muita gente em terra; que tinham desembarcado no batel, e nas jangadas, tornaram com mais facilidade lançar o batel a terceira vez ao mar, que foi ao domingo, nelle se desembarcou o cabedal de Sua Magestade, o capitão, e cabo, mestre do galeão, e a gente que coube.

Como neste tempo estavam já em terra todos os marinheiros, grumetes, e soldados valentes, tornou o batel no mesmo dia ao galeão buscar gente, e porque não pôde trazer toda, tornou á segunda feira o piloto se desembarcou, e trouxe contia de quarenta e cinco mil cruzados, dinheiro dos mercadores, que vinham á conta do piloto, e sotapiloto: vendo os outros officiaes, contramestre, e guardião, que ficavam na nao vinte e cinco mil cruzados, que tambem traziam á sua conta dinheiro de mercadores, cuidando se lhes poderia dar em culpa não desembarcarem o dito dinheiro tiveram tão grande sentimento, que houveram de succeder mortes de algumas pessoas, senão acudiramos os que estavamos presentes, o inquisidor, o ouvidor geral, e eu: bem podéra no dia seguinte tornar o batel buscar o dinheiro, que ficava no galeão, mantimentos, e agua, e ainda ir a Moçambique, avisar o estado em que estavamos, mas faltou o governo e conselho; o batel se arrombou, e lançaram fogo, para que os negros não fossem ao galeão, ao dinheiro que estava em terra, cortáram de noite os saccos, e os queimaram, para não se saber, nem letreiro, nem marcas; fez-se um monte de dinheiro solto, donde cada um tomou o que quiz, e pode acarretar; posto que muitos convidados não quizeram encarregar-se de dinheiro alheio, o restante se meteo em um barril, e se enterrou; mas os cafres o levaram sem remedio.

Não obstante, que se tinha enviado um homem com aviso, para que de Moçambique nos viessem embarcações, não houve remedio fazer capaz aquella gente, a que esperasse reposta cuidando que em dous dias se poriam em Moçambique, mas succedeo-lhe o contrario, porque como o caminho fosse todo cortado de esteiros, não se podia fazer com tanta pressa, porque era necessario esperar as vazantes das marés para

os atravessar, e ainda assim se affogava muita gente na passagem destes esteiros, uns por fracos, e não poderem terem-se á furia com que a agua vazava, outros por pequenos, que por não ficárem atraz, se arremessavam aos rios: grandes desordens se viram neste marchar, assim por falta do acordo, que nestas occasiões não deixa o pensamento livre para escolher o melhor, como por desobediencias da gente, que nelle ia, por pouco costumada a obedecer, nenhum tratava do bem commum, sendo que nisso estava o de cada um em particular; mas era bradar em deserto o fallar nestas materias..

Eu me desembarquei ao domingo em uma jangada, que o mestre carpinteiro João Alvres fez para si, nella viemos para terra quatorze pessoas: antes de eu desembarcar, fiz que fossem primeiro para terra no mesmo domingo meus companheiros em uma jangada muito grande, que levava espia, e tornou ao galeão; na primeira viagem foi o padre Antonio Francisco Cardim com o ornamento para dizer missa, o escritorio dos papeis, e o barril da via da Companhia, este desfundáram logo os soldados, e grumetes, que estavam em terra, cuidando tinham nelle que comer, mas como achâram só cartas, as lançáram ao mar. Na segunda viagem da jangada foi o padre João Cardoso com muito trabalho; porque tinha ainda o pé apostemado com cinco buracos, que se abriam lá junto de terra; cortáram a espia, que ficava no galeão; porque os não deixava ir á vante, por se ter embaraçado em umas pedras quiz Deos, que esta não se virasse; porque era muito grande, e forte, e feita pelo mestre carpinteiro; uma jangada se virou em umas pedras, em que iam sete soldados, e um grumete; só este se salvou, affogando-se todos os mais, como tambem alguns moços fiando-se em saber nadar, se lançavam

ao mar em uma taboa com um, e dous barris, uma toalha por vela, mas a resaca do mar junto de terra os virava, e affogava; posto que se não fez resenha em terra, entende-se se affogaram algumas trinta, até cincoenta pessoas.

Desembarcada a gente, e postos todos em terra em suas barracas, que cada um fez como pode, tratou o capitão, e cabo de marchar com a gente toda, e cabedal del-Rei. O Xeque Empata de Moxincale, que morava quatro legoas donde se formou o arraial na praia de fronte do galeão, nos veio visitar todos os quatro dias que estivemos no arraial, com algum pouco de refresco; com elle tratou o cabo da marcha, pedindo negros para levar o fato, que era o cabedal, e porque o negro dilatava. parecendo que era engano, se resolveo o cabo de marchar, visto faltar agua naquelle lugar, mas estava distante uma legoa. Offerecendo se os marinheiros de acarretar ás costas os caixões do cabedal, que eram quatorze fazendo pengas quatro homens a cada caixão, mas por serem mui pesados, foi necessario puxar pela infantaria. Não tive pequeno trabalho em buscar quem levasse o padre João Cardoso, houve quem levasse barris de fato, e baús de roupa, e não quem levasse o ornamento; pelo que me foi necessario fazer em pedaços a vestimenta, frontal, e tudo o mais, quebrar a pedra de ara, e só recolher o Caliz, e Patena, porque nem a marcha se dispoz em ordem, nem houve mais, que confusão sem sabermos para onde iamos; tambem deixei o escritorio, rasgei os papeis, por estarem trespassados de agua salgada, e de todo perdido.

Abalou o arraial bem sobre tarde, tendo eu já marchado com os doentes diante para absolver a alguem em caso de necessidade; chegaram perto da povoação do Xeque, mas por falta de embarcações não

passaram o rio que os dividia da ilha, e povoação em que estavam os negros, fazendo tal jejum, que nem agua tiveram para beber, senão a tarde do dia seguinte. O corpo do arraial veio marchando ficando quatro doentes que estavam para morrer, que deixei confessados, posto que dous tornáram em si, e vieram ter a casa do Xeque donde os trouxe comsigo depois em uma embarcação o padre João Cardoso.

Continuou a marcha até as primeiras cazimbas de agua, descansamos um pouco e logo tornamos a marchar, sendo já de noite, até que a enchente da maré nos impedio não ir adiante: fizemos alto dentro dos matos, mas crescendo a maré, que era de aguas vivas, nos alagou, não nos deixando repousar o que restava da noite nem marchar, até não vazar, por virmos sempre seguindo a praia. Seria meio dia oito de Setembro, quando chegámos a umas cazimbas de agua defronte da ilhota do Xeque Empata, para onde elle nos guiou, promettendo mandaria logo muito peixe, e milho, porém não tornou naquelle dia, nem mandou cousa alguma; tornamos a fazer barracas aos pés das arvores, cobrindo-nos com os ramos das mesmas arvores com esperanças de termos recado de Moçambique, para onde partira do primeiro arraial no sabbado antecedente, quatro do mez, e o seguinte de nossa perdição, Luis Fernandes Lopes dispenseiro do galeão com dous marinheiros, dando-lhe o Xeque guia até Moçambique, e no mesmo dia oito do mez partio o contramestre com outros marinheiros para Moçambique.

No dia seguinte nove do mez, tornou o Xeque com muito pouco mantimento, de sorte que a sede, que nos atormentava no primeiro lugar, se trocou em fome no segundo: E posto que o cabo fazia boas diligencias para que todo o mantimento lhe viesse á

sua mão, e fosse uma só a que comprasse, não foi possivel, porque houve fidalgo, que comprou uma lanha por uma pataca, e um mocate, que é um bolinho de milho, por outra pataca, com que os negios levantáram o preço tão alto ao pouco que traziam, que foi cousa notavel, alguns experimentados em semelhantes trabalhos fizeram provimento de queijos, presuntos, e chouriços, que trouxeram do galeão: e o mar lançava nas praias, com que remedearam muitos a fome presente.

Quiz Deos trazer-nos o Xeque Embiro de Moxingli ao lugar, onde estavamos, o qual já o anno passado acompanharam o governador de Moçambique, a Sofalla Alvaro de Sousa de Tavora, quando se perdeo vindo dos rios. Este Xeque prometteo traria cochos, são umas embarcações, como as canoas do Brazil, uns feitos de um só pao, outros de casca de arvores cosidas com cairo; pediram-se com titulo, que o galeão trazia muitas caixas de ballas, para a fortaleza; mas ainda que soubessem era dinheiro, não havia nos negros nem gente, nem animo para resistir a tanta gente com armas de fogo como traziamos.

Concluido o negocio da passagem, feito concerto com os Xeques dos cochos, que ambos haviam de trazer no dia seguinte, para passarem a gente da outra banda do rio, e levarem o cabedal del-Rei, tratei com o Xeque Empata de recolher em sua casa o padre João Cardoso até tornarem os guias, e redes, em que mandára a Moçambique uma sobrinha do doutor Luiz Borges Mergulhão, qne fora chanceller do estado da India, e de presente provedor mór dos contos; levou o Xeque ao padre para sua casa com dous moços para servirem o padre, e dinheiro para o gasto, e caminho até Moçambique.

Aos dez de Setembro depois de marcharmos meia

legoa, passamos o rio pagando cada pessoa aos barqueiros a meia pataca, e a pataca, não obstante ter dado o cabo aos Xeques quarenta patacas a cada um pela passagem de toda a gente. Em quanto vinham chegando os cochos com o cabedal, e a maré ainda vazava, disse o capitão ao cabo, ao inquisidor, ouvidor geral, e a mim, que todos estavamos com elle assentados em uns caixões do cabedal, que elle trouxéra no seu cocho, que podiamos marchar por terra, o que logo fizemos por grandes areias em direitura ás palhotas do Xeque Embiro, onde já estavam os doentes, estando já perto encontramos uns marinheiros, e soldados, que nos disseram não havia nas palhotas mantimento, e uma vez de agua custava uma pataca, que elles levavam diante duas linguas, e guias, que marchassemos até uma povoação, onde achariamos mantimento, e agua, seguimos logo a marcha, passamos o primeiro rio com agua pelos peitos, a corrente furiosa, levou um moço doente, a que soccorri com a absolvição, por me ficar em pequena distancia, gritei a um valente marinheiro, para que o salvasse, quando chegou, já a corrente o tinha arrebatado.

Tornamos a passar o mesmo rio duas vezes, e grandes sapaes, apressando a marcha por razão da enchente da maré, que já repontava; chegamos á povoação, onde nos refizemos com um pouco de milho cozido, que foi grande regallo. O contramestre, que tinha passado diante com as mulheres, e uns fidalgos tinham já comprado as galinhas, que havia na povoação. O cabo ficou aquella noite com o restante da gente nas casas do Xeque Embiro, donde partio no dia seguinte onze do mez nos cochos com o cabedal del-Rei acompanhado do mesmo Xeque; a gente dividio em dous trouços até chegarem a Pelame seis legoas de Moçambique.

Aos onze de Setembro partio o cabo com o cabedal em cochos da aldea do Xeque Embiro, e nós da povoação, onde descançamos; aqui achamos um cocho que tomamos o inquisidor, ouvidor geral, e eu por treze patacas por quanto eu não podia caminhar, em razão de ter os pés muito inchados da passagem dos rios, e estarem tostados do sol; foi mercê de Deos acharmos o cocho, que nos trouxe aquelle dia até Moxingli onde chegamos alta noite não sem grande trabalho, e risco de uma enseada, ou braço de mar, que por encher a maré, e o vento ser fresco, nos poz em grande cuidado; em Moxingli achamos já o nosso troço da gente, que por terra nos acompanhava, tendo passados muitos rios, em que se affogáram algumas pessoas. Aqui descançamos em umas palhotas, que foram as primeiras que encontramos depois que sahimos do galeão; onde tambem chegou o cabo com os cochos do cabedal; porque vinhamos todos em conserva.

Na madrugada do domingo doze do mez seguimos nossa derrota nos cochos, e a gente por terra até Malema, onde ficaram os cochos, e cabedal, que os cafres, e Xeque de Lanculo, que é o da fortaleza, trouxeram até Pelame seis legoas de Moçambique, onde se tornaram a meter nos barcos, que vieram de Moçambique. Chegamos a Malema pelas dez horas do dia, marchamos logo pela praia Bayone onde ficamos aquella noite, aqui achamos já refresco de Moçambique, ainda que eu vinha muito mal tratado, os pés crestados do sol, e agua salgada, marchei por terra uma boa legoa a pé com grande difficuldade em companhia do inquisidor, e ouvidor geral; no caminho perto já de Bayone houvemos ainda de passar um rio que totalmente me derrotou, e com grandissima difficuldade cheguei a Bayone; chegou logo o Xeque de Lanculo

com muita gente carregada de arroz, que levava da fortaleza para toda a gente do galeão, com carta do governador Alvaro de Sousa de Tavora para o capitão, e cabo, em sua ausencia para o ouvidor geral, e posto que lhe deram a carta, elle a não abrio, mas a tornou a entregar, para se dar ao cabo, que ficava em Malema esperando estes mesmos negros, para trazerem o cabedal ás costas; por quanto de Malema não podiam passar os cochos com o cabedal, e se acabar alli o braço de mar, ou rio de agua salgada.

Na segunda feira pela manhã treze do mez marchou o inquisidor, e ouvidor geral para Pelame, onde estavam muitos portuguezes de Moçambique em seus barcos com refresco para levar os Reinões para Moçambique, como fizeram com muita caridade, vestindo aos mais necessitados, e recolhendo outros em suas casas. O padre reitor do collegio de Moçambique veio tambem buscar-me, e a meus companheiros, e porque soube em Pelame ficava eu em Bayone sem poder pôr os pés no chão, mandou uma machina, que serve em lugar de rede, para me trazerem os cafres ás costas como fizeram; cheguei ao barco onde estava o padre reitor com o procurador do collegio já noite: na terça feira, quatorze do mez, não houve vento para partir para Moçambique; servio este dia de se ajuntar mais gente em Pelame, onde estavamos, que por fracos uns, outros por acompanhar o cabedal, ficaram atrás: no barco do collegio recolheo o padre reitor algumas sessenta pessoas; e porque o vento de terra servia já para dar á vella, o fizemos de noite, e assim chegáram a Moçambique pelas oito horas do dia em quinze de Setembro, e eu com o nosso troço da gente em dezasete do mesmo.

E' Moçambique uma pequena ilha, e muito doentia, terá de largura a parte um tiro de arcabuz, e de com-

primento um quarto de legoa: temos nella uma formosa fortaleza, com tresentos homens, pagos, fóra os casados portuguezes, que serão oitenta, não cria a ilha em si coisa nenhuma, nem ha nella agua senão de cisternas, que se toma da chuva, todo o mantimento vem cada anno da India de novecentas legoas, sustenta-se em razão dos rios de Cuvama, e Manamotapa, que fica dalli tres dias de viagem, donde se tira muito ouro, ambar, e marfim, e é só a cousa que temos hoje na India.

O padre João Cardoso, que deixára em casa do Xeque Empata, como vio que de Moçambique não vinha resolução alguma se resolveo a buscar caminho, por sair de entre mouros cujas abominações, e ceremonias o lastimavam mais, que a enfermidade que padecia, por ver, quam pontuaes eram na guarda de sua falsa religião, tres vezes infallivelmente se ajuntavam cada dia a cantar suas orações, e o Xeque que lhe servia de Cacis, se lavava antes de entrar na mesquita, e deixando os çapatos fóra sobre uma lagem, que estava á porta, entrava de pulo na mesquita, porque tem por sacrilegio entrar nella, ou calçados, ou com os pés menos limpos; mas como toda a perfeição consista nesta limpeza exterior, o interior vae qual Deos sabe; porque são em extremo viciosos, um dia de sua festa que era o da lua nova, concorreram a este logar alguns mouros dos outros alli visinhos, e sabendo da estada do padre se offereceo um ao levar até perto de Moçambique, e concertando-se com elle, com lhe dar algumas cousas, que os moços que estavam em sua companhia, haviam salvado, lhe trouxe ao outro dia um cocho, embarcou-se nelle com mais tres moços; porque além dos dous, que ficaram com elle, se lhes havia ajuntado outro, que ficára com outros doentes na praia, e dando nelles os Macuas gente

barbara, e feroz, este se acolheo como poude, e lhe escapou de entre as mãos; que os mais que por fracos não poderam fugir, depois se soube, como eram mortos. Caminháram o padre, e moços dous dias por um rio com assaz incommodidade, e muito perigo de vida, porque além de o cocho ser pequeno, e irem sempre debaixo da agua, entendeo o padre que os mouros o levavam vendido, e tratavam de o deixar em uma praia aonde se acabava o rio; mas indo já chegando perto desta paragem, ouviram um tiro de mosquete, alteraram-se os tres mouros, que iam governando o cocho dizendo uns para os outros, portuguezes, alegrou-se o padre com esta nova tanto, quanto elles se entristeceram, e chegando a tomar o porto, achou que o esperavam na praia dous portuguezes, que haviam vindo no mesmo galeão S. Lourenço, os quaes voltavam já de Moçambique por ordem do governador com muitos cafres visinhos de Moçambique, para trazerem preso o Xeque em cujo poder estivera o padre, por queixas, que delle tinha, mas quando foram já Deos lhe havia dado o castigo, porque uns cafres, que são mui temidos por esta costa, a que chamam Marabes sabendo da perda do galeão, e que os mouros daquelle lugar tinham em si o recheio, deram de repente sobre elle, e tomaram entre outros ao Xeque, e se o padre João Cardoso ainda alli estivera, correria o mesmo risco pela fereza destes barbaros. Em os portuguezes o vendo, se alegraram summamente, e por o terem já por morto; convidaram-no a comer de que elle não fazia caso, contentando-se com o gosto de ver gente conhecida. Então lhe deram por nova, como dalli quatro legoas estava um batel, que o padre reitor de Moçambique havia enviado em sua busca, mas os cafres que nelle vinham contentaram-se de esperar sem fazer mais dili-

gencias, obrigaram tambem aos mouros, que haviam trazido ao padre no cocho, a que o levassem por terra em uma machina, cousa que responde ás redes do Brasil, até darem noticia delle á gente do nosso batel, elles se contentaram de o pôr em um lugar, que estava mais adiante, onds enviou recado, e vindo alguns cafres nossos, o levaram ao batel, se bem com assaz de perigo; porque fizeram o caminho por um mato tão inficionado de féras, quanto bem mostravam os sinaes, que disso viram, ouvindo bramir ursos, e tigres, e muito rasto de elefantes, e ao passar de um rio tiveram vista de doze cavallos marinhos, os quaes andavam em terra; serão de grandeza de um boi, ainda que mais baixos dos pés, e de maior circumferencia, a cabeça muito maior, e de fora lhes sahiam dous dentes de desmedida grandeza. Aqui teve noticia do estylo, que havia em matarem os elefantes, e e vio como era patranha o que por alli se contava, em dizerem que não se deitavam. O estylo que estes guardam em os matar é de noite, depois de saberem onde se agasalha o elefante, vão dous cafres com suas zagaias, cujo ferro é muito largo, e levam na mão esquerda uma acha de fogo aceza, e tanto que lhe empregam a zagaia, tiram com o fogo para a outra parte contraria o elefante vae seguindo o fogo, cuidando que dalli lhe veio o dano; e entretanto o que lhe tira se põe em cobro, ao outro dia pelo rasto do sangue o acham morto. Chegou o padre a Moçambique aos vinte e quatro de Setembro vinte e dous dias depois de perdido nos baixos de Moxincale, donde fazem vinte legoas a Moçambique. Não se sabe de certo a gente que morreo nesta viagem, e marcha até Moçambique, entende-se seriam seis, ou sete pessoas de sorte que tres cahiram no discurso da viagem ao mar, dezasete morreram de doença, trinta do galeão para

terra, e sete, ou oito na marcha, vem a ser sessenta e oito pessoas ao mais. Esta foi a viagem e perdição do galeão S. Lourenco, que senão perdera se o mestre delle trouxera duas ancoras aviadas, para lançar ao mar, porque o galeão depois de dar na lagem, e perder o leme sem fazer agua, passou a um fundo de treze braças, mas como não tinha amarras, foi rolando para terra, até encalhar.

O despenseiro Luis Fernandes Lopes, que desembarcára do galeão ao sabbado quatro de Setembro, e partira logo para Moçambique, contratou com um seu patricio, que vivia em Moçambique, mandasse uma galeota, que tinha ao galeão, para o que lhe segurou as perdas, e danos com uma boceta de joias preço de mór valia, do que a galeota, tiveram o successo, que desejavam, porque carregaram a galeota de toda a prata, e precioso do galeão, e tudo o mais de mantimentos, que achou nos camarotes de cima do galeão; voltaram em poucos dias a Moçambique, deram a sesta parte das fazendas ao senhorio da galeota Manoel de Sousa, no dinheiro houve concerto, mas ficou o senhorio com mais de dez mil cruzados de ganho. a fóra o muito que se furtou, porque dizem se fizeram duas repartições de dinheiro em patacas uma de noite no mesmo galeão, outra no pateo do dito Manoel de Souza, com que todos ficaram contentes; e para que os Lascares não viessem descobrir o muito, que se tinha furtado no galeão, mandáram logo a galeota para fóra da terra, levando muitas patacas, coral, e mantimentos de carne de Portugal; é geral o dito sentimento, e queixa contra o dito Luis Fernandes, não acodindo ás excummunhões da Bulla da Cea, nem as ameaças, que os marinheiros lhe fizeram, por lhe escalar seus caixões, como tudo o mais que vinha por cima, porque os barcos que depois foram ao galeão,

não acharam nada por cima na varanda, e camarotes, com ser muito o que traziam em si, e deixar de proposito, para se mandar buscar de Moçambique.

O primeiro caminho, que fez o doutar Jorge de Amaral de Vasconcellos, foi á fortaleza, dizer ao governador, e pedir-lhe mandasse á India com aviso a galeota de Manoel de Souza, e para ir nella se offerecia o sotapiloto com os marinheiros necessarios; fez o governador conselho, julgou-se por todos era muito necessario, o tal aviso para poder escrever o Viso-Rei a Sua Magestade da perda do galeão, e para mandar a esta fortaleza embarcações, e mantimentos para irem para Goa seiscentas pessoas, que tinham entrado em Moçambique da perdição do galeão, cabedal del-Rei, dinheiro de mercadores, e fazendas, que se salvaram na galeota, e barcos. Com esta resolução ser boa, e haver ainda monção, para se fazer viagem, não faltou quem a impedisse, por se temer culpado na perda do galeão.

Fez depois o ouvidor geral um requerimento por papel ao governador, mandasse tirar as peças de artelharia do galeão, mandou o governador seis barcos, trouxeram quatorze peças de artelharia, e muitas fazendas. Os que vão ao galeão dizem, que até o lastro se podia tirar do galeão em occasião de aguas vivas, porque na baixa mar vaza muito, e o galeão ainda está inteiro, o certo é que as amarras, e outras muitas cousas se podiam salvar.

Aos quatorze de Outubro chegaram a Moçambique dous homens da perdição do galeão almirante Nossa Senhora do Bom Successo, que dobrou a todos o sentimento, veio-se perder abaixo das ilhas de Angoxa em oito de Setembro com vento em popa no quarto da madorna, amarras telingadas, vigias na sobrecevadeira, tocou o galeão junto da terra firme, affogaram-

se trezentas pessoas, escaparam só com vida cento e dez no discurso da viagem morreram noventa e cinco, em tocando o galeão, cahio para bombordo, correo a artelharia, matou muita gente, e arrombou o costado, o almirante morreo antes de passar o Cabo.

A causa da perdição destes dous famosos baixeis, em tempo, que a India está tão falta de soccorro de Portugal, se póde attribuir a muitas causas. Primeira, os muitos peccados, e desaforos, que havia no galeão S. Lourenço; porque não obstante que quasi todos os dias se diziam tres missas, nos dias solemnes se cantavam muito bem com cançonetas, e prégação, muitas confissões, e communhões, e doutrinas, que se faziam, e ainda se rezava o terço do Rosario quatro vezes na semana, com tudo foram muitas as maldades, que se commetteram, faltando no cuidado de suas obrigações os que o poderam ter. Segunda, a desunião dos officiaes em um, e outro galeão, e querer o piloto do almirante apartar-se em vingança, que foi a origem desta perdição, cegando Deos o entendimento aos pilotos para que ambos dessem com os galeões através com vento em popa. Terceira não se guardar o regimento de Sua Magestade, que manda que façam a viagem por fóra da ilha de S. Lourenço, mas como os pilotos não são creados nesta carreira, temem os muitos baixos, que ha por fóra, e no fim se vem perder na viagem de dentro. A nao ingleza, que encontramos no Cabo, foi tomar refresco ás ilhas de Comoro; encontrou a um pataxo de Moçambique, disse aos portuguezes, como nos encontrára, mas não podiamos vir por dentro, por ser o galeão muito pesado, havendo de ir por fóra, são necessarios mais mantimentos, e dispenseiros fieis, e não como um dos dous do nosso galeão, que lavava sua roupa na agua doce del-Rei; outras razões não são para esta relação.

Em Moçambique com a malignidade do ar, fome, e sede que se padecia, foram morrendo pouco a pouco de maneira, que até o mez de Maio morreram trezentas pessoas, e não escaparam dez de serem doentes: em casa do inquisidor faleceram quatro, e todos os mais estiveram á morte, e assim se passáram todos aquelles sete mezes com grande trabalho.

Vindo a monção nos partimos para a India a dez de Abril depois de seis mezes de invernada em um pataxo do capitão de Dio, fomos tomar no norte a cidade de Beçaim, onde nos fez esquecer dos trabalhos da viagem, que durou trinta e quatro dias, a muita charidade do padre reitor daquelle Collegio, e ouvimos ao inquisidor, que veio em nossa companhia, que dava por bem empregados todos os incommodos, que havia padecido, só pelo gosto, que teve, e pelos mimos, com que o padre reitor nos hospedára, é este o padre João da Costa natural de Alvito, que veio desse reino. Daqui nos embarcamos com pressa para Chaul, por vir já entrando o inverno, que nesta costa começa no fim de Maio, e em tres dias chegamos a Goa onde foi grande o sentimento em todos pela perda das duas naos.

A gente, que ficou em Moçambique, que depois veio na monção de Setembro, seriam duzentas pessoas, as que chegaram sómente a esta cidade havendo partido do reino em ambas as embarcações, perto de mil e trezentas, e as mais pereceram todas no naufragio, e em Moçambique aonde tambem alguns se casaram ainda que poucos.

Depois de chegada a Goa a gente que escapou do naufragio, prenderam alguns officiaes pelas culpas, que commeteram na viagem, e na marcha de que resultou mandarem enforcar o mestre do galeão S. Lourenço no mandavim, que é o lugar onde fazem as jus-

tiças em Goa, e ao piloto perdoaram a vida, mas condenáram-no em dez annos para as galés de Portugal. Estes foram quasi os primeiros castigos, que se viram atégora nos officiaes das naos, porque dantes já se tinha enforcado o contramestre do galeão Santo Milagre, que se perdeo em uma ilha antes de chegar ás de Maldive por notaveis tyranias, e roubos que fez depois de perdido o galeão. E póde ser, que se houvera outros semelhantes castigos exemplares mais antigos, que se escusáram tantos naufragios de naos, tanta perda de fazendas, e o que é mais para sentir, tantas vidas de portuguezes que pereceram nesta navegação da India, por causa da ambição, e cobiça dos que governam as naos.

LAUS DEO

FIM DO DECIMO VOLUME

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LVII)

HISTORIA
TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

VOL. XI

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

1908

RELAÇAM
DO SUCCESSO,
QUE TEVE O PATACHO CHAMADO
N. S.RA DA CANDELARIA
da ilha da Madeira,

O qual vindo da Costa de Guiné no anno de 1693.
huma rigorosa tempestade o fez varar na
Ilha incognita
que deixou escrita

Francisco Correa

Mestre do mesmo Patacho,
e se achou no anno de 1699. depois da sua morte.
Trasladada fielmente do proprio original.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na officina de Bernardo da Costa de Carvalho,
Impressor da Religião de Malta.

Anno MDCCXXXIV.

Com todas as licenças necessarias.

DEPOIS que fizemos os nossos resgates na Costa de Guiné, com vento favoravel, avistámos as Ilhas de Cabo Verde, e nesta altura repentinamente nos vimos cobertos de uma nevoa escura, de tal modo, que os companheiros nos não conheciamos; e como nestas parages se não estranha esta cerração, nos deixamos levar dá corrente das aguas, ainda que nesta occasião começavam os ventos a soprar diversamente. A breve espaço sentimos que as aguas se moviam com um impetuoso vaivem, e logo fuzilando os ares, foi tal a chuva, e o repellão dos ventos, que sem governo atiraram com nosco por taes partes, que não discorremos outra cousa mais, que o procurar salvar as Almas.

O Traquete, e a Mezena voaram, o leme se arrancou, e fazendo agua a embarcação por todas as partes, sem que a podessemos segar, quinze companheiros, que eramos, trabalhámos em formar uma jangada, para nos entregarmos ás ondas, procurando dilatar a vida, pois na embarcação tinhamos certamente a morte perto. Lutamos toda a noite com todos os elementos; o ar se via abrazado para a parte do estibordo, e tantos raios e coriscos despedia, que as aguas se abrazavam; os ventos eram tão fortes, que pareciam desuniam a terra, e que repartida

em partes se arrojava sem ordem com furioso impulso por partes muito remotas; as ondas verdenegras se encapellavam, e abrazadas com a multidão do fogo que cahia do ar, se abriam raivosamente para tragarem, e cozerem nas suas fundas entranhas o nosso triste baixel; a terra, é que era todo o nosso cuidado, para ao menos salvarmos as vidas.

Amanheceu, sem que soubessemos a altura em que estavamos, e desfeita a cerração, para a parte do Leste, descubrimos ao longe, em distancia de quasi duas leguas umas montanhas, ao que parecia coroadas de arvoredos. Como não tinhamos governo, a não demandámos, mas deixando-nos levar da corrente em pouco tempo, varou o patacho em terra; em que todos saltámos, dando graças a Deus, por nos livrar do passado naufragio.

Tratámos logo de salvar a fazenda, e para reparar a embarcação cortámos madeira, applicando-nos com cuidado, para nos retirarmos, por entendermos ser terra de cafres, e fugirmos do perigo, que muitos tinham experimentado nestas parages em occasiões semelhantes.

No tempo que os companheiros tratavam do reparo da embarcação, eu, e Manuel Antunes, e João de Arruda preparámos os escabuzes, e rompendo o mato, por uma e outra parte, por ver se acaso descubriamos rasto de gente, e caça para comermos; notámos que a terra era ilhada, habitada de Aves, e Monstros, e abundante de viveres, que a Natureza liberalmente produzia, sem beneficio de lavradores. Mono vimos, que tinha como oito palmos de altura, e com dentes de quatro dedos; tiramos-lhe com bala, sem que lhe fizesse impressão; antes subindo-se a uma arvore, se poz a fazer acções indecentes; Cobra vimos, que tinha a grossura de um pipote de oito al-

mudes; e fazia tal ruido, que nos deu em que cuidar, por nos vermos sem balas para a defença, se nos investisse. Trouxemos caça, e frutas, e arroz bastante para satisfazer totalmente a fome, em tres para quatro horas, que andámos, sem encontrar creatura racional.

Comemos alegremente, sem que já nos lembrassem os perigos em que nos vimos; e sem o susto, de que a Ilha fosse habitada de gentes, que nos dessem algum cuidado.

Trabalhou-se todo o dia, e deixando vigias, descançámos; e na manhã seguinte, que se contavam sete d'Agosto, ainda mal se divisava a luz, quando vimos sahir das aguas uma mulher marinha, e com tanta ligeireza entrou na terra, e subiu ao monte, que não tiveram todos os companheiros o gosto de a verem. Tinha todas as perfeições até á cinta, que se discorrem na mais fermosa, e sómente a desfeavam as grandes orelhas que tinha, pois lhe chegavam abaixo dos hombros, e quando as levantava, lhe subiam a distancia de mais de meio palmo por cima da cabeça. Da cinta para baixo toda estava coberta de escamas, e os pés eram do feitio de cabra, com barbatanas pelas pernas. Tanto que se vio no monte, presentindo ser vista, deu taes berros, que estremecia a Ilha, pelo retumbo dos eccos; e sahiram tantos animaes, e de tão diversas castas, que nos causou muito medo. Arrojou-se finalmente ao mar pela outra parte com tal impeto, que sentimos nas aguas a sua vehemencia.

Todos se assustaram, menos eu, pois já tinha visto outra no Cabo de Gué; e tinha perdido o medo com outras semelhantes apparições; e me lembra, que junto a Tenarife vi um homem marinho de tão horrendo feitio, que parecia o mesmo Demonio. Tinha

sómente a apparencia de homem na cara, na cabeça não tinha cabellos, mas uma armação, como de carneiro, revirada com duas voltas; as orelhas eram maiores que as de um burro, a côr era parda, o nariz com quatro ventas, um só olho no meio da testa, a boca rasgada de orelha a orelha, e duas ordens de dentes, as mãos como de bugio, os pés como de boi, e o corpo coberto de escamas, mais duras que conchas Uma tempestade o lançou em terra, e taes bramidos deu, que entre elles espirou, e para memoria se mandou copiar a sua fórma, e se conserva na casa da Cidade daquella Ilha.

Continuámos na caça, para nos alimentarmos, e aos que trabalhavam; quando no terceiro dia, que se contavam oito d'Agosto, avançando mais ao interior da Ilha, avistámos um monte, e delle ouvimos uma voz que dizia: —*Portugal, Castella; Portugal, Castella.* Olhámos a todas as partes, sem vêr quem articulava as vozes que ouviamos, e continuavam:—*Portugal, Castella; Portugal, Castella.* Preparadas as armas, rompemos mato, e subimos á montanha, seguindo as vozes, e em uma concavidade natural, vimos um veneravel homem, em vestido humilde, que nos chamou, e chegando nós com as armas dispostas para qualquer successo, nos fallou desta maneira, pondo-se de joelhos, e beijando a terra:

«Graças a Deus, Senhor; infinitas graças vos dou, por me chegares a tempo, depois de tantos annos, em que eu visse gente de Europa»; e logo olhando gravemente, e cortez para nós, disse:

«Senhores, de que nação sois?» Nós pasmados, não acertavamos a responder; e conhecendo elle o nosso susto, nos animou brandamente, rogando-nos

para a sua pobre habitação, adonde entrámos, e sentados em um tosco páu, nos fallou com taes palavras :

« Senhores, sois Portuguezes, ou Castelhanos ? Respondei sem susto, que não tendes, quem nesta Ilha se opponha aos vossos disignios. Se me procurais, para acabar com a minha vida, aqui me achais sem resistencia, e sem defença mais que a de Deus ; e como de tanto viver estou aborrecido, grande favor me fazeis em me aliviares de tão grande penalidade ».

Eu, que respeitava a sua pessoa, desejando satisfazer á sua pergunta, o certifiquei, de que eramos Portuguezes, que arribaramos com um grande temporal áquella Ilha : do que, tanto que me ouviu, posto de joelhos, levantadas as mãos, pondo os olhos no Ceo, soltando as lagrimas, deu graças a Deus, dizendo : «Ah bom Deus, quam grande é a vossa infinita Providencia !» E levantando-se nos abraçou, e saudou, dizendo : «Meus Portuguezes, meus Portuguezes»; sem que as lagrimas cessassem : e levando-nos para o interior da cova, nos fez sentar junto a si, perguntando-me pelos Companheiros, e pelo nosso infausto successo, de que lhe demos larga conta. Perguntou-nos quem reinava em Hespanha, e sabendo que em Castella reinava Carlos segundo, e em Portugal D. Pedro segundo, suspirando com alvoroço, disse : «E Portugal tem Rei ! Oh Deus immenso, que te lembraste do teu Reino !»

E dizendo-lhe nós como fôra acclamado El-Rei D. João quarto, e os milagrosos successos daquelle dia, não cessava de mostrar o gozo, que interiormente sentia : e logo repetindo novas lagrimas, suspiros,

e solluços, nos perguntou pela Conquista de Africa, ao que respondemos dando-lhe conta do que sabiamos, e como desde a batalha, que perdera El-Rei D. Sebastião, se não continuara, tomando-se horror a tal terra: e desejosos nós de sabermos com quem tratavamos, lhe pedimos nos consolasse, dizendo-nos quem o levara áquella Ilha incognita, e não arrumada nas Cartas, e Roteiros; ao que satisfez com taes palavras.

No tempo, que Filippe segundo entrou com violencia em Portugal, se retirou muita gente, por não vêr o seu Reino, recuperado das mãos dos Mouros pelos nossos ascendentes, sem ajuda dos vizinhos, sogeito a Principe estranho. Muito tempo andei retirado, discorrendo pelo interior de Africa, passei a Palestina, e outras terras, tendo tantos trabalhos por muito suaves, na consideração, de não vêr com os meus olhos o quanto padeciam os meus naturaes; e passados alguns annos, passando á Europa, cahi nas suas mãos; e entregando-me a certos homens, me levaram a uma embarcação na Bahia de Cadiz, que promptamente se fez á vella. Tinha o Cabo ordem particular para que em certa altura me lançassem ao mar, sem que me ouvisse, nem me deixasse fallar; e notando elle as minhas acções, e innocencia, suspendeu a execução; até que na altura de Cabo Verde, me intimou a ordem com tanto pezar, que bem entendi o desejo que tinha de me favorecer. Preparou-se uma lancha, o melhor que se pôde, e nella se poz mantimento para tres dias. Entrou logo a animar-me, exortando-me a que confiasse em Deus, que me poderia livrar do perigo, a que me haviam de expor; e me mandaram baixar á lancha, o que não quiz executar, sem me confessar, e me preparar espiritualmente para entregar a alma a Deus; que tudo se me conce-

deu ; e tanto que baixei, cortaram o cabo, e me entregaram á disposição das ondas. Não perdi o animo, antes constante soffri este golpe, esperando que Deus olhasse para a minha causa; e nadando a lancha livremente, na manhã seguinte de quatro de Outubro, cheguei por acaso a esta Ilha, em que habito sem que no discurso de tantos annos visse alguma creatura racional. Penetrei o interior, encontrando a piedade nos brutos, que não experimentei nos homens; e encontrei esta concavidade, que a Natureza devia ter obrado para meu abrigo. Aqui me recolhi, aqui tenho passado tantos annos, sustentando-me com datiles, e outras frutas. Vivo, e não sei para o que vivo ; Deus o sabe para que. Compadecemo-nos todos da sua solidão ; e o rogámos para decer, e nos fazer companhia pelos dias que alli estivessemos, o que difficultosamente conseguimos.

Recolhemo-nos todos, e tanto que os companheiros viram o novo hospede se alegráram muito ; representava elle um aspecto senhoril, entre grave, e brando, em idade pouco mais ou menos de vinte e cinco até trinta annos. As suas palavras todas eram santas, o animo guerreiro, e soffrido. Quinze dias nos detivemos no reparo da embarcação, depois que elle chegou á nossa companhia, e nos ajudava, ordenando o que se havia de fazer, com tal suavidade, que não sentiamos o trabalho ; não cessando de suspirar todas as vezes que fazia particular reflexão em algum de nós. Mostrava ardente desejo da conquista d'Africa ; e sempre rezava pelos que tinham falecido nesta demanda. O viver tantos annos attribuia á clemencia dos ares daquella Ilha, em que nunca padecera molestia ; e aos que se admiravam de tanta saude, e de tanta vida sempre com o mesmo semblante, dizia :

Deus que me livrou de tantos perigos me sustenta; elle sabe o para que.

Carregámos a embarcação, e o convidámos a que viesse com nosco para o Reino, desejozos de o tirar daquella solidão, e de que se visse em Europa um tal prodigio; porém elle encarecidamente nos pedio com as lagrimas nos olhos que o não precisassemos a tal jornada, pois não chegara ainda o tempo de passar a Portugal; que pelo amor que nos tinha, o lançassemos, terra firme, em qualquer parte de Africa; e que debaixo da palavra que lhe haviamos de dar como Portuguezes partiria com nosco; o que lhe jurámos.

Perguntamos-lhe se tinha alguma cousa na sua cova, que embarcasse, e respondeu, que desde que nella entrára não cuidára mais que viver para Deus; e que todos os annos lavrava por suas mãos uma tunica de folhas de palma, para cubrir honestamente o corpo; na cova não tinha mais que uma Cruz, que por suas mãos fizera de madeira; e que essa deixassem, para que naquella terra ficasse o signal da nossa Redempção; e quando ella se povoasse nos tempos futuros se acharia tambem a noticia do seu habitador.

Embarcou-se com nosco, beijando a terra, com muitas lagrimas; fazendo-nos á vella, esteve em nossa companhia dois dias e meio, em que nos contava monstruosidades daquella Ilha; e satisfazendo ao seu pedimento o lançámos em terra duas leguas distante de Arguim, expondo-lhe os perigos a que se expunha, sem que o pudessemos persuadir a suspender o desembarque em terra de Barbaros; ao que respondia, que Deus que o conservara até aquelle tempo, o livraria de todos os perigos.

Despediu-se de nós com tantas lagrimas, e gosto, que bem mostrava as saudades que de nós levava, e o quanto se alegrava de passar áquella terra. Abraçou-nos a todos, e saltando em terra, a beijou, e levantando as mãos agradeceu a Deus as mercês que lhe fizera, e esperava receber da sua piedosa mão; e penetrando aquella Costa inculta, nos deixou sentidos pela falta da sua companhia.

Jámais podemos alcançar o sabermos delle a sua patria, e nome; divertindo a resposta politicamente com tanta gravidade, que nos não dava confiança para instarmos; e sómente ao despedir-me disse, que a seu tempo o saberiam os nossos descendentes; e dizendo-lhe eu nos consolasse ao menos declarando o tempo, nos disse que Deus o sabia.

Varios discursos fizemos sobre este homem, conservado por tantos annos naquella Ilha, e agora caminhando por taes desertos, e nos porsuadimos ser cousa maior. Deus o leve, e traga a salvamento.

Esta Relação, que alguns curiosos guardam ambiciosamente, se publica para que chegue a todos noticia tão particular, e se castigue deste modo a avareza dos que occultam semelhantes memorias. E o ser fielmente trasladada do original o juro aos Santos Evangelhos.

FIM

NAUFRAGIO CARMELITANO

OU

RELAÇAÕ

DO NOTAVEL SUCCESSO, QUE ACONTECEO

Aos Padres Missionarios Carmelitas Descalços na viagem, que faziaõ para o Reyno de Angola no anno de 1749. Refere-se o como foraõ captivos pelos Negros de Guiné, e os usos, e costumes, que naquelle Gentilismo viraõ observar; trata-se dos trabalhos, que padeceraõ no tempo do captiveiro, e os meyos que tiveraõ para o seu resgate.

Dada a luz por

CAETANO JOSEPH DA ROCHA E MELLO,

Bacharel formado na faculdade de Canones pela Universidade de Coimbra.

LISBOA:

Na Officin. De Manoel Soares.

Anno de 1750.

Com todas as licenças necessarias.

Na segunda Oitava da Pascoa, aos 8 de Abril do anno de 1749 se embarcaram no Porto desta Cidade de Lisboa para o Reino de Congo em Angola, no Navio o Bom Jesus da Pedra, e S. Rita, de que era Capitão Joseph Mendez Couceiro, os Padres Missionarios Carmelitas Descalços, indo por Prior o Padre Fr. Caetano de S. Thomaz, natural de Milheiroz, termo da Villa da Feira, e seu Superior o Padre Fr. João de S. Anna, natural de Ribadul, Bispado do Porto, com os Padres Fr. Francisco Xavier de S. Joseph, natural de Castrodaire, e Fr. Domingos de Santiago, natural de Madail, termo da Feira, e dous Irmãos Donados: o Irmão Manuel de S. Joseph, natural de Villanova de Mansarros, e o Irmão Manuel da Santa Maria, natural de Macinhata, termo da Feira.

Mandava a Santa Obediencia a estes embaixadores do Evangelho, exemplares na vida, e doutrina, para que com o sangue, e com a palavra limpassem dos cardos da infedilidade a cega ignorancia do Gentilismo. No principio logo desta viagem lhes mostrou o mar sua inconstancia; porque lançando ferro em Bethlem, com o desenho de sahirem acompanhados das Naus da India, e de outro Navio, que tambem ia para Angola, de repente se levantou uma tão fu-

riosa tempestade, que quebrando a amarra ao Navio, o pôs em risco de naufragar. Serenou-se a tormenta, e depois de alguns dias, que naquelle sitio se demoraram, aos 19 do mesmo mez sahiram pela Barra fóra, acompanhados das ditas Naus, que logo tomaram diverso rumo; e porque tinham ventos de servir, em poucos dias surcaram a altura da Ilha da Madeira, aonde avistaram uma embarcação, que, por se vir furtando á nossa pelo barlavento, julgavam era de Mouros: persegui-os por algum tempo, e vendo se lhe havia apropinquado, amoderentados de um não panico temor, se consideravam já quasi reduzidos ao deploravel estado do captiveiro. Um dos Padres Missionarios revestindo as armas invenciveis da fé, e esperança em Deus, procurou animar a todos, e os exhortou, a que implorassem o Divino auxilio (seria caso, mas pareceu milagre;) porque fazendo-se a embarcação na volta do mar, seguiu differente derrota, deixando-os tão alentados, que em seus animos, não pode occupar o medo o menor logar.

Desta, que todos tiveram por liberdade inestimavel, se seguiu o pedirem no dia seguinte o Sagrado Escapulario de N. Santissima Mãi, e universal Protectera a Senhora do Carmo, todos os que ainda não haviam recebido esta preciosa prenda, em que se dá incomparavel singularidade, de merecer haver-se fabricado no Empyreo, donde pela mesma Senhora foi conduzida, para enriquecer a Militante Igreja, como armas, que por virem da Triumphante, em todos os seculos serão victoriosas.

Assim foram navegando com tempos favoraveis, até que lhe entraram os infaustos na costa de Guiné; porque, contavam-se já 5 de Maio, quando pelas 4 horas da manhã indo o Navio com todo o panno, tocou em um banco de arêa na boca do Rio, a que

chamam Caça Mansa, e os negros o nomeiam Caça Maça, em 13 para 14 graus de altura, sendo aquelles mares na opinião do Piloto limpos, e aonde a carta lhe não indiciava baixos. Foi a confusão como de quem se via beber a morte innopinadamente: as horas, e o temor accrescentavam o perigo: cada um cuidava em lançar mão de taboa da penitencia; não se ouvindo outras vozes, mais do que confissão, confissão, como reconhecendo se engano, que em todos os naufragios temporaes se encontra nesta o seguro porto da salvação. Acudiram os Padres Missionarios a este piedoso exercicio, obrando todos os mais, a que o temor dava lugar, e que pedia aquella hora, que tinham por ultima; pois o Navio cada vez mais se ia soçobrando.

Sobe o Capitão acima, manda aos mariantes afferrar o panno para sordir sobre a vaga; mas a estes acha occupados em lançar lancha fóra; e metendo-se com effeito alguns nella, se puzeram em retirada. Ficou toda a mais gente no Navio, uns alijando fazendas ao mar, outros rebatendo a aguada, e juntamente rogando com as mais ternas vozes aos da lancha, os não desamparassem, deixando-os em tão evidente perigo: estes não com menos efficacia lhes supplicavam algum soccorro de biscouto. E nesta tão confusa e trabalhosa tragedia gastariam o espaço de hora e meia, quando entre o crepusculo do dia foram descobrindo terra, com que animados, criaram novos corações; participaram esta boa nova aos mariantes da lancha, repetindo-lhes as supplicas, para que chegassem com ella ao Navio, que ia subindo o banco de forma, que nem já as mesmas ondas lhe causavam abalo.

Neste tão apertado conflicto emprehenderam uma facção grande no perigo, qual foi fabricarem uma

jangada mui pouco segura; o que vendo os marinheiros da lancha, chegaram ao Navio, e nella não poderam receber mais que tres Padres Missionarios com grande trabalho, e maior risco; pois lançando-se um impetuosamente á dita lancha, ficou muito mal tratado, e outras muitas pessoas cahiram no mar, donde com effeito as tiraram para a lancha, e algumas para o Navio: atirando-se um a uma ponta da jangada, a voltou com os mais, ficando todos debaixo d'agua, a que acudindo os que poderam, a tornaram a voltar, sem que perecesse algum. Prenderam a jangada com um cabo á lancha, desta sorte demandaram a terra com tanto trabalho, quanto não pode dizer-se, animando aos poucos que ficavam no Navio com a esperança de que chegando a terra voltariam a busca-los.

Estariam desviados de terra vinte braças, quando de repente começaram a apparecer-lhes quantidade de Negros em a praia, e pelos sinaes, e outras demonstrações, que nelles divisavam, se persuadiam a que eram de paz; estes os vieram tirar em braços, metendo-se ao mar em altura, que a agua lhe dava pelos peitos. Chegados que foram a terra, os obrigaram a pôr de joelhos, dando-lhes a mão a beijar, e pelas acções que faziam, vieram a entender, que lhes mandavam lançar arêa sobre a cabeça; e vendo os naufragantes, que lhes não era possivel a fugida, menos a resistencia, assim o executaram: logo os despiram, e a alguns os fizeram descalçar; aos que renitiam, os obrigavam com a acção de maltrata-los com os traçados, que traziam, com os quaes fizeram a lancha em pedaços, privando-os do soccorro, que haviam promettido os do Navio. Executadas estas barbaridades, os levaram com violencia ao interior de um arvoredo, e passado elle, os fizeram atraves-

sar um rio a pé, dando-lhes a agua pela cintura; levados a distancia de meia legoa, ahi os repartiram pelas principaes, dando a cada um o que julgavam havia merecido na preza.

Aqui repetiam os clamores, e renovavam as lagrimas, vendo-se separar uns dos outros, experimentando, o que recusava esta separação, o castigo mais atroz, e a pena mais cruel: viam frustrados os primeiros signaes de paz, e por isso perdendo a esperança á vida, se despediam, julgando, que já mais se haviam de vêr.

Separados uns dos outros, continuaram sua marcha cada um com a preza, que lhe cahira por sorte; aos que não podiam caminhar, quanto a sua crueldade queria, os picavam com as azagaias, que são uns instrumentos a modo de lanças dizendo-lhes: *Besse, besse*, vocabulo, que entre elles quer dizer andar depressa. Das brenhas sahia grande multidão de Barbaros, dando-lhes a mão a beijar, e fazendo-lhes diante varias carrancas, e vizagens: já lançando-lhes terra sobre a cabeça, já levantando algazarras; e desta maneira os levaram á povoação, introduzindo-os nas suas sanzallas, que são em fórma de caracol, cobertas de terra, e sobre cobertas de palha de arroz, umas pegadas em as outras em circuito, de sorte que todos os parentes ficam visinhos: o pavimento de cada uma terá de largura 5 palmos, as portas dous e meio, e de altura quatro. Desta forma se compõe a povoação chamada *Jambarem*. Encerrados alli os captivos, lhes fecharam a porta do pateo, aonde concorriam os Negros levados da curiosidade de os verem: para o que furavam as sanzallas por varias partes.

Seriam 4 horas da tarde, quando lhe trouxeram para comer arroz cosido com peixe podre, que he entre elles o mantimento usual, secando o peixe ao

sol com escama, tripas e guelras, deixando-o apodrecer, primeiro que o comam: a grande necessidade, em que se achavam, vencia a nauzea, e repugnancia, que lhes causava tão ascorosa vianda. Acabando de comer, os passaram a outro sitio, porque a multidão ainda continuava com o desejo de os vêr, e á noite os conduziram á primeira paragem. Aqui se lhes representou a mais verdadeira imagem da morte, porque acharam de novo nove cepos, ou piloens, e aos Barbaros sobre maneira adereçados com alfanges, e traçados, que julgavam era para os degollar. Choravam uns, lamentavam outros sua desventura, até que vendo-os atemorizados, os levaram a sitio diverso, aonde passaram a noite deitados na terra. Todas estas calamidades experimentavam o Padre Prior, e mais dez companheiros, que tocaram a esta repartição, padecendo os mais, que se achavam divididos outras similhantes crueldades.

Em quanto se passavam estas cousas, no dia seguinte do seu captiveiro se lhes offereceo á vista o Irmão Manuel de Santa Maria, que tinha ficado em o Navio com os Padres Fr. Francisco Xavier de S. Joseph, Fr. Domingos de Santiago, e seis pessoas mais; cauzou-lhes incomparavel alegria a sua chegada, mas enchêos de compaixão o vê-lo tão mal tratado; pois só trazia o Sagrado Escapulario sobre uma camisa, havendo-lhe tirado os Barbaros todo o mais vestuario. Desejos de saberem o que lhes havia acontecido, delle alcançaram, que vendo, que o Navio instantaneamente se estava arruinando por um, e outro bordo, e que lhes faltava o promittido soccorro da lancha, armaram outra jangada, atando uma barrica em cada um dos quatro cantos, e lançando-se nella á cortezia das ondas; como o fluxo, e refluxo dellas era tão impetuoso, a pouco espaço se hia desfazendo,

e que da tal jangada tinha cahido o Padre Fr. Francisco Xavier de S. Joseph, que andando a braços com os mares, viera a perder a vida. E disse mais que andaram errando a uma, e outra parte por tempo de 16 horas, sem poderem tomar terra, o que com excessivo trabalho chegaram a conseguir depois da meia noite; e esperando na praia, que amanhecesse, ainda não era dia claro, quando deram com elles os Negros, e que finalmente os levaram por força para a mesma povoação, tratando-os com aquella deshomanidade, que da sua tyrannia se pode colligir.

Com esta fortuita occasião poderam saber uns dos outros ; mas para se visitarem, era preciso licença dos seus Maiores, que alcançavam com muita difficuldade, e sahiam sempre acompanhados de uma numerosa comitiva. He tal a barbaridade daquella gente, que adornam os seus Pagodes com caveiras de jumentos, bois, e outras similhantes ridicularias, que só olhar para ellas causa um grande horror : são estas fabricadas de barro a modo de nicho, e em cada uma dellas está todas a manhãas um Negro a urrar continuamente como boi, a cujos eccos acodem cobras, e outras diversidades de bichos, de que dão testemunho os mesmos captivos, que os viam aquellas horas, e naquelles sitios, não os encontrando em outros da mesma povoação.

Matando um Padre Missionario uma cobra destas os Barbaros se mostraram notavelmente sentidos, e começando a uivar como cães, appareceu logo um bando de aves maiores, mas da côr de corvos, e lançando-lha ao ar, a levaram nas unhas. Tem cada um tantas mulheres, quantos são os bois, que possue, levando elles um em seu dote, e ellas uma vacca. Apenas nascem os filhos, os levam as mãis a um destes Pagodes, aonde está o referido Negro, e appresentan-

do-lho em seus braços, lhe faz varias cerimonias com a ponta de um boi sobre a cabeça do recemnascido, e depois destas e de outras ridiculas expiações, lho torna a entregar.

Quando morre algum destes gentios, anda uma Negra uivando pela povoação, para signal de que ha defunto, ao qual fazem um tablado de 8 para 9 palmos de altura, em cada canto pregam-lhe um pau mais comprido, cuberto com uns pannos de alto a baixo, e sobre o tabernaculo põem-lhe um banco cercado de pontas de boi; sentado nelle o defunto, o apertam com um panno vermelho; põem-lhe duas das referidas pontas debaixo das curvas das pernas, duas á cinta, e duas ao pescoço, e prendem-lhe uma cábra junta aos pés, e ao lado esquerdo lhe está uma Negra chorando, e fallando ao ouvido. Vão-se ajuntando todos os Negros, e Negras da povoação, aquelles com azagaias, e estas com uns cutelos de páo; ordenam-se em duas fileiras, e lhe dançam diante, uns rindo, outros chorando, e outros tocando tambores; estes fogem do cadaver; aquelles se chegam para elle, e lhe offerecem arroz, e palhas do mesmo; e assim continuam até á tarde, que o põem debruçado sobre uns páos armados em forma de alçapação ornado de pannos, e pontas de boi, pondo-lhe duas juntas ao rosto, e duas azagaias, e os pés estribados em um andor, de que pegam logo quatro negros, e andam a dançar com o morto por tempo mais de uma hora, estando um a pregar com uma cabra preza a uma perna, á qual depois cortam a cabeça por sacrificio. Com o mesmo morto vão pelas cazas dos parentes, os quaes tambem lhe offerecem uns cabras, e outros cães, e frangos, que lhe sacrificam, fazendo-se-lhe uma pregação em cada uma das cazas.

Acabadas estas gentilicas ceremonias, tratam de

o enterrar em uma cova alta, de sorte que fique em pé o corpo, e nos 8 dias seguintes á morte estão á porta do defunto quatro Negras de dia, e de noite a chorar, dirigindo-se esta demonstração funebre a pedir-lhe boa colheita de arroz. Se era cazado, sua mulher faz esta deligencia sobre a sepultura, tocando-lhe um tambor.

Os mantimentos, de que estes Barbaros usam, são arroz, frutas silvestres, cães, que cevam em caza, e os comem com pelle, cabellos e tripas: a terra é abundante de gados, como são bois, vaccas, cabras: os porcos, e gallinhas são em menos quantidade, e os vão trocar a outra povoação chamada de Barreiras, distante 6 legoas, por ferros, e misanga, que são uns buzios pequenos, e contas, que é a moeda que entre elles corre.

Passados quatro dias de captiveiro, começaram a apparecer na praia as fazendas, que levava o Navio, e entre ellas um rico ornamento de seda de ouro, que os Padres Missionarios levavam para a sua Igreja; com este se cobriam os Negros, e Negras com grande demonstração de allegria, por se verem tão enfeitados, de cuja indecencia resultou aos Padres um inconsolavel desprazer.

Aos 8 dias entraram a enfermar alguns dos captivos, e dos Religiosos o P. Fr. Domingos de Santiago e o Irmão Manuel de Santa Maria, causando lastima grande o máo trato, que tinham, pois não se lhes dava outra couza mais do que arroz cozido sem outro beneficio. Desta enfermidade, que chegou a malina, falleceo o dito Irmão Manuel com notavel consolação, de que morria padecendo por seu Senhor as tyranias daquelle Gentilismo. Encommendaram-no como é uso Christão, e Religioso, e não lhes permittindo mais assistencia os guardas, o conduziram

para as sanzallas dos seus Maioraes, acompanhando-os o sentimento de não lhes deixarem enterrar o corpo.

Experimentaram tambem no tempo do captiveiro a perseguição de uns bichos do tamanho de tramoços, que os mordiam de noite, e destas mordeduras se geravam em a carne outros da mesma especie, e grandeza. Em meio de tantos trabalhos, e perseguições tão grandes, como padeciam cada dia entre os Barbaros, sem que o podessem descobrir para a sua liberdade, lhes acudio Deos com a inspiração, e com a luz para buscarem o remedio. Chamaram a um Negro, enviaram-no ao lugar de Barreiras a buscar um lingua, que pôde ir a Cacheu tratar do seu resgate. Veio este, e fallando com os captivos, motivou lhes grande allegria o entenderem-se, com que poderam dar principio a sua redempção.

Pedio-lhes o lingoa Cartas para o Capitão mór de Cacheu, e Nicolau de Pinna, que haviam de ser os Redemptores; pôde descobrir um tinteiro, que os mesmos Barbaros haviam achado na praia, e com carvão moido, e sumo de limão fizeram tinta, com que escrevendo nas costas de uma carta, por não terem mais commodidade, satisfizeram, ao que o lingoa lhes pedia, e sabendo este dos Maioraes, em cujo poder se achavam os captivos, o que havia de pedir por cada um, se partio para Cacheu.

Eram já passadas tres semanas depois da partida do lingoa, e vendo que as perseguições e trabalhos cresciam, sem que chegasse noticia alguma favoravel a sua liberdade, occuparam-se com o pensamento, de que os Barbaros os haviam enganado, mostrando-se já alguns desesperados de conseguirem o remedio. Acudio o Padre Prior a persuadir-lhes, que tivessem animo, e pozessem em Deos toda a esperança, exhortando-os, a que fizessem uma nove-

na a Santo Antonio, e para lhes darem principio, se prevenissem com o Sacramento da penitencia. Assim o executaram, e principiando a novena ao Santo, logo sentiram a consolação do Ceo, como fruto das suas deprecações, pois havendo sahido deste santo exercicio, se chegou aos dez que estavam com o Padre Prior, um Negro desconhecido, e abraçando-os, lhes disse com muita allegria: *A Deos Camaradas, allegrar, allegrar, que lá vem Jan-Carrama com ferros, pannos, e mais fazendas, para vos resgatar;* e perguntando lhe aonde o vira, respondeo que vinha já a Bolór, e assim se despedio, sem que soubessem quem era, nem o tornassem a ver.

Grandemente se allegraram com esta feliz nova, com que se persuadiram alguns ser o mesmo Santo Antonio nesta figura, quem lha havia trazido, pois averiguando, que de Bolór a *Jambarem*, aonde estavam os Captivos, eram 18 legoas, e era impossivel o caminha-las em uma noite, e meio dia, menos não sendo mandado a esse fim, nem constar, que viesse a outro algum negocio. Passados 3 dias, se derramou uma voz pela povoação, de que estava chegado o seu resgate. Dobraram-se-lhes as guardas, e logo partiu para a praia grande multidão de Barbaros, onde se deram 3 tiros em sinal de paz, e *Jan-Carrama* se veio para a povoação acompanhado de um Negro. Primeiramente foi vizitar aos captivos, e logo naquella tarde tratou do resgate com os Maioraes, e com estes se partio de madrugada para a praia fallar com o Redemptor; alli determinaram se viessem buscar os captivos. Nesta conducção ainda se lhes representaram os affectos, de que o temor se reveste; pois não lhes faltou, que padecer, muito mais os enfermos, que chegaram a pedir confissão, sentindo-se mortaes com os tormentos, que haviam padecido, não

consentindo os conductores, que em duas legoas de caminho descançassem, nem por um instante, a que accrescia o insoffrivel calor, com que os affligia o Sol.

Chegaram em tão miseravel estado á presença do Redemptor Duarte Rodrigues Joseph, natural desta Cidade de Lisboa, que não susteve as lagrimas, vendo aquelle espetaculo cruel, que mais lhe pareciam figuras da morte, que homens animados. Estando todos juntos, entrou a resgata-los, o que concluio em tres horas, usando para o intento de grandes traças, e diligencias; sendo quarenta pessoas as que levava o Navio perdido, foram os resgatados trinte e tres por haverem fallecido os dous Religiosos, e quatro Negros pertencentes ao Navio, um havia passado para outra terra, e os tres diziam elles, que eram seus Irmãos, e por isso os não deixaram resgatar. Um passageiro por se haver portado para com elles com algum orgulho, e com menos temor, foi trocado por um boi: em tão pouco estimaram aquella alma, que tão cara havia custado ao nosso Redemptor.

Havendo-se já recolhido todos á chalupa, partiram para Ziguichor, praça nossa, distante dalli seis legoas, aonde aportaram pelas 8 horas da noite; sahio o Redemptor a terra pedir accommodação ao Governador, o qual recebeo aos Padres com muito amor, e charidade, e repartio aos mais pelos moradores, de quem receberam mui bom agazalhado; e dilatando-se ahi tres dias, os remetteo o Redemptor para Cacheu em uma Canôa, de que desembarcaram em Bojoto, terra de Gentio, aonde passaram a noite, e nessa mesma o Irmão Manuel de S. Joseph, combatido por uma febre malina, rendeo o espirito a Deos, merecendo de todos os companheiros saudosas lagrimas, deixando-os não menos edificados dos Religiosos actos com que se despedio da vida presente. In-

tentavam leva-lo comsigo para Cacheu, mas os Gentios lhe impediram esta determinação, nem tão pouco consentiram que o enterrassem alli, sem primeiro pagarem tantas barras de ferro para o Rei, que havia de dar a licença.Pactearam-se com o Prior em quatro barras, dous pannos, e alguma agoa ardente ; e não querendo ao depois estar por este contracto, precisaram ao Padre Prior a demorar-se naquella terra com mais duas pessoas, e tres Negros, que lhe serviam de interpretes, partindo-se os mais por terra para Canguim ; os enfermos em redes, por ajuste, que fizeram com aquelles gentios, e os mais a pé.

Dilatava-se o enterro do dito Irmão por causa da inovação do contracto ; e como o Prior se achava mui enfermo, lhe disseram os tres interpretes, (que eram Christãos) ficariam para a decisão daquella causa, e dar sepultura ao defuncto, e elle se fosse como haviam feito os mais. Acceitou agradecido a offerta ; mas achou aos Gentios mui rebeldes a quererem leva-lo ; só pôde vencer a sua pertinacia, dando-lhes quanto pediam, e em poder de dous com quem se ajustou, se pos ao caminho, sem mais companhia que o receio, de que tomassem com elle differente rumo, ou lhe fizessem alguma crueldade ; o que não deixou de experimentar, pois uma vez atiraram com elle na rede ao chão, e outras pertenderam faze-lo ir por seu pé, o que executariam sem duvida, se não chegassem as duas pessoas, que com elle haviam ficado em Bajato, com o que já mais gostoso pode proseguir a jornada.

Chegados a Canguim aonde estavam já os mais, ajustaram uma Canoa, e embarcados os tres Padres Missionarios com mais onze pessoas, e partindo de Canguim a noite pelas tres horas da manhã surgiram em Cacheu ; ficando alli as mais pessoas por

não caberem na embarcação. Sahidos a terra, rezaram a Ladainha em honra de Santo Antonio, por cuja interseção haviam conseguido a liberdade, e sendo dia claro, foram buscar ao Capitão mór, e a Nicolao de Pinna, para lhe gratificarem o beneficio do resgate. Receberam-nos com muito amor, e grandes instancias, para que os Padres Missionarios ficassem em suas cazas; o que não aceitaram, por haver naquella terra um hospicio de Padres Capuchinhos, ao qual logo foram demandar e acharam já á porta o Padre Presidente, e mais Religiosos, que os esperavam com o amor, que se pode entender da Charidade Religiosa. Aos companheiros seculares repartio o Capitão mór pelas casas, dando ordem, a que se fosse conduzir, aos que haviam ficado em Canguim. Alli experimentaram de todos uma bem ordenada charidade, pois chegando á Praça a 15 de Junho, se demoraram até 26 de Julho, padecendo neste tempo com grande constancia os terriveis effeitos de uma febre malina, que a nenhum perdoou; e desta morreo o Padre Superior Fr. João de S. Anna, dando fim á carreira de sua perigrinação no Hospicio dos mesmos Padres, deixando-os invejosos de felicidade, de que hia gozar por premios de seus trabalhos. Falleceo tambem o Capitão do Navio Joseph Mendes Couceiro, e outros mais, que faziam já o numero de onze.

A 24 de Julho se embarcaram os que já se achavam convalecidos em o Navio Nossa Senhora da Conceição, de que era Capitão Joseph Lopes, natural da Cidade de Lisboa. Tornaram adoecer todos os captivos, e muitos dos que pertenciam ao Navio, e se viam em estado tão miseravel, que causava lastima grande o ve-los padecer aquella, que julgavam especie de epidemia, sem que se lhes podece acudir, assim por falta de remedios, como de mantimentos.

Nesta derrota tiveram presente a imagem de passado perigo, pois o Navio fazia agoa em tanta quantidade, que os precisava a tirarem-lha pela escotilha, além da que lhe tiravam com as bombas.

Com todas estas calamidades chegaram a Caboverde com trinta e seis dias de viagem: na noite seguinte em que desembarcaram, se levantou uma tão impetuosa tempestade, que deu com o Navio em um cachopo, e o despedaçou, perecendo neste naufragio mais de quarenta pessoas, e perigando as vidas de outras muitas.

Não foi bastante o favor, que os dous Padres achavam em o Capitão mór, para que deixassem de experimentar muitos e graves incommodos, por se acharem, um com febre continua, e outro com sezoens, e não haverem gallinhas, nem outros victuaes conducentes, para o remedio da sua enfermidade, nem finalmente quem lhes fizesse de comer, por se achar a Ilha inficionada de doenças tão contagiosas, que se encontravam pelos caminhos muitas pessoas mortas. Detiveram-se ahi dous mezes, e no fim delles, appareceu um Navio Inglez, que navegava para a Corolyna. Neste se embarcaram sómente o Padre Prior Fr. Caetano de S. Thomaz, e seu já unico companheiro Fr. Domingos de Santiago, (ficando todas as mais pessoas nesta Ilha, e outras em Cacheu, por não terem com que fazer viagem, nem quem para isso as fiasse).

Neste transporte padeceram trabalhos iguaes aos passados; pois a febre continuava em um, e em outro as sezoens, servindo de augmentar-lhes a enfermidade o mao tratamento, que o Capitão lhes dava. A 26 de Novembro aportaram na Carolyna, e chegados que foram a terra, buscaram um Cavalheiro Inglez, a quem hiam remettidos, o qual logo mandou chamar Interprete, e sabendo delle as grandes cala-

midades, que haviam padecido, ainda que Herege, mostrou uma mui notavel compaixão, e os mandou para uma casa de pasto, aonde estivessem á sua vontade, com credito, para se lhes concorrer com a sussistencia necessaria. Com o bom comodo, que alli tinham, se poderam restabelecer na saude, e forças, se se demorassem mais tempo, pois a bondade do Paiz conduzia muito para este effeito. Mas o grande desejo, que tinham de se verem em Portugal os movia a procurar embarcação; e conhecida do bom Cavalheiro a sua vontade, deu ordem a ajustar-lha, e os proveo do preciso para a jornada.

Aos 28 de Dezembro se fizeram á vela para Portugal, e nesta viagem não lhes faltou cousa alguma; excepto aquellas, de que careciam para a sua saude, de que vinham mui necessitados. Entraram em o Porto desta Cidade de Lisboa aos 4 de Fevereiro com uma viração mui favoravel. Ao meio dia deram fundo em Bethlem, onde foram logo visitados, e sahiram para terra. Chegaram em fim pelas quatro para as cinco horas da tarde ao Convento de Corpus Christi da Sua Religião, tão destituidos de forças, que se vinham sentando continuamente pelo caminho, e tão desfigurados, que eram desconhecidos dos Religiosos, causando a todos uma mui terna e fraternal compaixão, de que muitos se moveram a lagrimas, e pondo os olhos no Ceo deram a Deos graças, significadoras de piedade. Chora a Religião com materno affecto a perda dos quatro Filhos, que pereceram, renovando-lhe estes a memoria, dos que naufragaram em outras viagens, que por todos fazem já o numero de treze, entre os muitos, que a Obediencia tem mandado ao Reino de Congo, e para outras Conquistas, com o fim de propagarem a Fé Catholica, e converter as almas ao conhecimento do verdadeiro Deos, que,

como os seus juizos excedem a razão humana, não nos é licito investiga-los : devem-se temer, e não descutir ; e dizer com o Propheta : *Justo sois, Senhor, e recto vosso Juizo : os Juizos do Senhor são verdadeiros e justificados em si mesmos.* O que aos homens parece acaso, foi Providencia Divina ; e neste sentido se entende, o que disse o Propheta Amós, de que não ha mal que Deos não faça, quiz dizer, que todos procedem ou pendem da sua disposição, e providencia ; e em todas estas occasiões não deve ser menos louvado e amado, que nas de fazer mercês. Daqui nasce a infallivel certeza, de que quando não succede o que queremos, e para nosso bem por vias, que não alcançamos, como disse a Santa e valerosa Judith. Já leva certa boa fortuna quem no principio desejou bom fim, e sem que lha possa tirar qualquer successo com apparencia de infeliz. Muitos intentos virtuosos tiveram successos contrarios, como o naufragio de um S. Paulo ; a empreza de S. Luiz nono Rei de França em Asia ; e a que ainda sentimos do nosso lamentado Rei D. Sebastião em Africa. A verdade é que nesta navegação da vida, (como lhe chamaram Job e Salamão) o piloto é a resignação com a Divina vontade, e o astrolabio é a extirpação dos vicios, que em todos os mares ensinara os rumos, porque se ha de chegar ao porto de Salvação.

FIM

RELAÇÃO,

OU

noticia particular da infeliz viagem da Náo de Sua Magestade Fidelissima,

Nossa Senhora da Ajuda,

E

S. Pedro de Alcantara,

Do Rio de Janeiro para a Cidade de Lisboa neste presente anno,

dedicada

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor

JOSÉ DE SEABRA DA SILVA

&c. &c. &c.

Por

Elias Alexandre e Silva

Alferes de Infanteria da Companhia de Major do Regimento de Santa Catharina.

Anno 1778.

LISBOA

Na Regia Officina Typografica.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com licença da Real Meza Censoria.

DEDICATORIA

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor:

Não busco a v. ex.ª, meu senhor, para com este pretexto distribuir ao povo uma ampla noticia da illuminada sciencia, probidade e mais virtudes que se admiram na illustre pessoa de v. ex.ª, porque ser-me-ía preciso aprender do mesmo povo que as conhece, e obrar o paradoxo de querer ensinar-lhe o que elle não ignora; nem tambem para que o seu respeitavel nome favoreça a minha obra, porque seria indesculpavel confiança pretender tão alta protecção para tão diminuto empenho, e assim sómente pretendo dar a v. ex.ª publicamente os parabens de se ter livrado de uma viagem tão assustada, constrangida e trabalhosa, como expresso na relação que a v. ex.ª offerece a minha humildade.

Parece que a Providencia, tendo de mão a v. ex.ª, o quiz livrar de sentir aquelles insupportaveis males, ou que desenganada a desgraça de que o grande coração de v. ex.ª excede os extremos da mais heroica constancia, não quiz empregar o tempo inutilmente, para em outra parte ter mais exercicio e proveito.

E' (sem duvida) alguma causa occulta, mas divina, que favorece este destino admiravel, pois está justificado em todo o Brazil (onde se acclamou como fortuna geral o regresso de v. ex.ª para esta côrte, assim como se tinha sentido pela maior perda do estado o seu desterro) que a nau *Ajuda* havia servir de fiel deposito de tão interessante pessoa. Assim o publicou o ex.^mo^ marquez vice-rei d'aquelle estado, mandando-a da capital em que existe, para que ao mesmo tempo, cumprindo as reaes determinações, comboiasse a frota e offerecesse aos olhos de v. ex.ª uma nau guerreira, a qual não só auxiliasse tão preciosa vida, mas tambem, no bom commodo que administrava, correspondesse ao respeito que a v. ex.ª se deve, e com que eu confesso ser — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.

De v. ex.ª

O minimo subdito e obediente creado,

ELIAS ALEXANDRE E SILVA.

RELAÇÃO

OU

NOTICIA PARTICULAR

Da infeliz viagem da Nau de Sua Magestade Fidelissima, Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcantara, da capital do Rio de Janeiro para a Côrte de Lisboa

E' justo, conveniente e proveitoso dar ao publico a individual noticia da portentosa viagem que conseguiu a nau por invocação *Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro de Alcantara*, porque d'ella se podem colher as uteis e seguintes consequencias. A 1.ª, evitarem-se embarques sem uma grande precisão; 2.ª, prevenirem-se as embarcações que houverem de fazer viagens largas, de paus, massame, mantimentos e aguada, mais do que até aqui se julgava necessario para se navegar com bonanças, e sobretudo de um leme de sobresalente,

que sómente costumam levar as naus da India, como se Eolo e Neptuno só n'aquelles mares fossem soberbos; 3.ª, animar os navegantes a terem valor e constancia nos perigosos trabalhos das ultimas ruinas de uma tempestade, vistoque sendo esta a maior, a soube vencer o animo e sciencia dos que não desmaiavam nos mais arriscados conflictos; 4.ª, colherem a utilissima lição de como se hão de haver em casos similhantes; 5.ª e ultima, a de implorarem incansavelmente o patrocinio da Soberana Mãe de Deus, Rainha dos céus, a quem com evidentes provas se atribue a salvação da dita nau, para confusão dos libertinos incredulos.

Do Rio de Janeiro para a cidade da Bahia

Por ordem do ill.^mo^ e ex.^mo^ marquez do Lavradio, vice-rei do estado do Brazil, saíu em companhia da frota a real nau *Nossa Senhora da Ajuda*, com o destino de ir á Bahia de Todos os Santos, e ficar n'aquelle porto ás ordens do ex.^mo^ Manuel da Cunha Menezes, governador e capitão geral d'aquella capitania. Foi encarregado do cumprimento da sobredita ordem o capitão de mar e guerra, commandante José dos Santos Ferreira Pinto, e debaixo do seu commando os capitães tenentes, José Vasconcellos de Almeida, fidalgo da casa real e cavalleiro da sagrada religião de Malta (já então nomeado capitão general e governador de Moçambique), Joaquim Ferreira e Matheus Pereira; o tenente de mar, Antonio José Valente; os capitães de artilharia, João Subtil Borralho e Manuel Ignacio Moreira Freire; os tenentes da mesma, Francisco Luiz Prestes e José Joaquim

Luiz de Sequeira ; o tenente da companhia do coronel do regimento da segunda armada, Claudio Xavier de Barros, e o tenente Faustino José Pereira Xavier ; os rev.dos padres capellães, fr. Antonio de Santa Thereza e fr. José da Trindade, religiosos da ordem terceira de S. Francisco. Duas companhias de artilharia e uma de infanteria guarneciam a nau, que com a tripulação da mesma sommavam quinhentas trinta e uma praças, e alem d'estas havia mais uma companhia de artilharia commandada por um tenente, que ía encorporar-se no seu regimento da capital da Bahia, de sorte que com os passageiros se perderiam quasi seiscentas vidas, se naufragasse aquella nau.

Estava resoluto a partir para esta côrte em a nau *Prazeres* (de que era commandante o em tudo illustre José de Mello) José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, moço fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade e seu conselheiro do ultramar, que havia mais de vinte annos se achava na America, dos quaes passou mais de quinze em uma rigorosa prisão na fortaleza de Santa Cruz de Anhatomerim, que é um penedo fortificado na barra da capitania de Santa Catharina, d'onde foi mudado em fevereiro de 1775 para outra prisão muito mais dura e estreita na Ilha das Cobras, de que pouco antes tinha saído o ill.mo e ex.mo José de Seabra da Silva para Angola, e tendo o dito conselheiro já dezoito annos de incommunicavel, resuscitou a milagres da incomparavel piedade da nossa amabilissima Soberana que Deus guarde, a qual lhe restituiu a vida e a honra (como a outros muitos benemeritos da patria), mandando-o soltar pelo dito ex.mo marquez vice-rei ; mas tendo noticia de que tinha chegado de Angola á Bahia (com igual resurreição) o dito ex.mo Seabra,

procurou ir acompanha-lo na viagem para esta côrte, renovando uma antiga, fiel e estreita amisade que tinham cultivado desde os primeiros estudos. Esta justissima causa obrigou o dito conselheiro Mascarenhas a deixar a nau *Prazeres* e embarcar-se na *Ajuda*, trazendo em sua companhia o rev.do padre Manuel da Cunha Pacheco e o alferes de infanteria Elias Alexandre e Silva, que se acha nesta côrte com licença de Sua Magestade Fidelissima.

Pelas seis horas e um quarto da manhã principiou a suspender a nau *Ajuda* e toda a frota do Rio de Janeiro, que constava de sete galeras e sete corvetas, acompanhando-as por capitanea a dita nau *Prazeres*, commandada pelo illustre Mello, e por almirante a nau *Santo Antonio*, commandada pelo capitão de mar e guerra inglez Arthur Filippe, e por segundo José da Silva Pimentel, fidalgo da casa de Sua Magestade. O vento soprava nor-noroeste, e ás sete horas com muita alegria e geral prazer se salvou á fortaleza de Santa Cruz da barra do Rio de Janeiro, com sete tiros, que a dita recebeu com tres. A's onze horas alargou o vento e com elle se continuou a viagem, levando largo todo o panno possivel, pois independente da frota cuidava só o commandante em cumprir com brevidade a ordem acima referida. A latitude de que saímos era de 23°, e suppozemos que fosse a longitude de 342° 22′, já que o interessante descobrimento do inglez Harrison não basta ainda para a marcarmos com certeza.

No dia 31 se não avistou navio algum da frota, infallivel signal de se ter adiantado a viagem. O contentamento era visivel no semblante de todos, pois o vento favoravel e o bom tempo concorriam a excitar a alegria que respirava até nos da guarnição, com a lembrança de verem acabada uma campanha

naval de mais de quatro annos sem desembarcarem, que os havia apartado para tão longe da communicação de suas mulheres, filhos, parentes e amigos. Continuando a existir o favor dos dois elementos, se avistou no dia 2 de junho uma sumaca a barlavento, que em bordo desencontrado procurava a barra do Rio de Janeiro. A terra do Cabo Frio, que se patenteava clara, e a nau constante na sua carreira, dava esperanças da breve despedida d'aquelles montes. Elles se occultaram em pouco tempo, de fórma que não só não foram vistos, mas observando-se o sol no zenith do dia 3, se achou vencida a primeira difficuldade de ter montado o dito cabo. Na manhã de 6 se viram a sotavento da nau duas sumacas; porém, como íam em contrario caminho, em pouco tempo faltaram á vista dos que as observavam. A este tempo já nenhum cuidado dava o perigoso baixo chamado dos Abrolhos, de que os acautellados pilotos tinham antecipado o resguardo. As contas da navegação se olhavam com as reflexões proprias e necessarias, para proseguir um caminho com tantos e tão diversos como confusos atalhos, e por isso á similhança de um logar que antes de o ver se observam na estrada signaes de estar perto, mandou o commandante sondar pelas onze horas da noite do dia 9, e se achou fundo de 150 braças, physico e innegavel indicio de estar a terra perto, como se verificou na manhã do seguinte dia, que se avistou o morro de S. Paulo e toda a costa que prosegue para uma e outra parte, observando-se ao meio dia que estaria em distancia de 6 leguas ao poente. Viu se uma pequena embarcação de pescaria, e mandando o commandante fallar-lhe em o segundo escaler, que para isso se lançou ao mar, recolheu se com a triste noticia de ter partido d'aqueile porto para Lisboa a frota no dia 20 de

maio; e porque faltava nau que a auxiliasse, armaram os commerciantes d'aquella praça dois navios em guerra, debaixo do comboio dos quaes se conduziu a sobredita frota, embarcando em um d'elles o ill.^{mo} e ex.^{mo} José de Seabra da Silva. Esta noticia foi bastantemente sensivel para todos, mas muito mais para o dito conselheiro Mascarenhas, o qual não trazendo á lembrança o descommodo da viagem e muito menos o augmento das despezas que necessariamente se haviam de seguir n'aquelle porto, só lamentava o desgosto de não ver e acompanhar um amigo tão estimavel, e que acabava tambem de ser injustamente desgraçado.

A's oito horas da noite do dia 10 se deu fundo em 25 braças, abra aberta com a ponta de Santo Antonio, e suspendendo na seguinte manhã, se proseguiu a viagem para a entrada da barra com vento su-sudoeste. O pratico, cuidadoso mais no seu interesse que interessado em ver a nau dentro amarrada, não faltou em embarcar-se n'ella, offerecendo a sua vontade e sciencia para a conduzir. Quando passava pela fortaleza de Santo Antonio, salvou com sete tiros, que foram recebidos com tres, e logo mais adiante, defronte do logar a que chamam Preguiça, deu fundo. Mandou immediatamente o commandante ferrar o panno, que os ligeiros, scientes e praticos marinheiros o fizeram na ultima perfeição, sendo difficultoso (ainda a quem attento observasse) distinguilo amarrado, pois quasi nada excedia a grossura das vergas. As bandeiras tremulando deixavam por entrevistas divisar as reaes quinas. A grossa artilheria que até então se occultava, tendo fechadas as janellas, por onde motivando estragos faz respeitar a monarchia, se patenteava aos habitantes d'aquella famosa cidade, para que animando-os com a soberba ostentação dos seus

auxilios, se empenhem mais afoutos na defensa da sua patria e dominios de uma senhora. Uma mui comprida e bem lançada flamula justificava no mais alto logar o real senhorio, e assim certificados todos da chegada de uma nau guerreira, que por espaço de quatro annos tinha zombado de uma campanha em que os tres elementos mais soberbos e vorazes a pretenderam opprimir, corriam agitados do gosto aos montes mais elevados e vizinhanças do mar a observarem a sua respeitavel existencia. Já os negociantes ajustavam os effeitos dos commercios, para arriscarem sobre o oceano novos lucros dos seus interesses. Oiro, pedras preciosas e as mais riquezas que engrandecem o estado, se ajuntavam cuidadosamente para em seguros cofres serem conduzidos ás mãos de fieis correspondentes. Os reaes armazens se viam abertos, movendo e apromptando grandes e fortes madeiras para carga d'aquella nau. Finalmente o trafico em que todos se occupavam se fazia suave, pelo contentamento geral que visivelmente mostravam no risonho semblante.

Tendo o commandante mandado á terra o capitão tenente Joaquim Ferreira, dar parte ao capitão general governador da sua chegada, da gente do seu commando e dos passageiros que conduzia a sua nau, se recolheu aquelle em companhia do ajudante de ordens do dito general, o ex.^mo^ Manuel da Cunha de Menezes, que da parte de s. ex.^a^ mandou visitar ao conselheiro Mascarenhas, pedindo-lhe se hospedasse no seu palacio e fosse jantar com elle, como tambem o commandante, o capitão general de Moçambique, Vasconcellos, os mais officiaes que quizessem e os dois expressados passageiros da companhia do dito José Mascarenhas.

A aceitação d'este honrado convite obrigou a

irem jantar com s. ex.ª o dito conselheiro e o governador de Moçambique, o commandante da nau, José dos Santos Ferreira Pinto, o rev.do padre Manuel da Cunha Pacheco e o alferes Elias Alexandre e Silva. A ordem que immediatamente houve para desembarcarem os soldados artilheiros da guarnição d'aquella capital, se espalhou apressadamente pela cidade. Elles marcharam por ella até defronte do palacio do dito general, sendo difficultoso distinguir em quaes tinha o prazer feito maior impressão, se nos que acabavam de chegar ou dos que os esperavam.

O vivo trabalho de carregar-se a nau, de encher toneis de agua, de receber mantimentos, dinheiro para os cofres e os mais aprestos necessarios para a viagem, era dirigido pelo activo e zeloso genio do general e do capitão de mar e guerra commandante. Ambos se lembraram em fazer o que deviam ao serviço da nossa amabilissima Soberana. A actividade de se apromptarem as embarcações do commercio foi igual. Ao som de caixas se mandou annunciar ao povo o breve dia da saída da nau. Este porém se demorou com justa causa e necessaria, não estando da parte de pessoa humana remediar o que só Deus póde fazer. A antecedente frota que d'aquelle porto tinha saído, embarcou mantimentos bastantes para a longa viagem de tres mezes, e por consequencia muitos feijões, que é o mantimento de menos preço e mais usual em viagens do Brazil; mas sendo tão necessario e que em as naus regias se dá á tripulação e guarnição d'ellas, era o que menos havia, e na demora de o mandar vir de longe e outras diligencias se gastaram quarenta e oito dias.

A 22 de julho chegou á mesma cidade José de Almeida de Vasconcellos Soveral e Carvalho, fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade, senhor

da villa de Lapa, e commendador da ordem de Christo, que tendo sido governador e capitão general do Goyaz, conseguiu da Rainha nossa senhora a mercê de se retirar ainda antes de ter successor, o qual achou n'aquella capital que era o ex.^{mo} Luiz da Cunha de Menezes, tão cheio de virtudes, agrado e instrucção, que geralmente lamentava a Bahia não ser elle o successor do seu Ill.^{mo} irmão. Ajustou-se pois o sobredito general a ir n'esta nau *Ajuda*, e estando prompta de tudo, assim como as embarcações que ella havia de auxiliar debaixo da sua conserva, deu ordem o ex.^{mo} Cunha ao commandante para largar as vélas no dia 27 do dito mez e viajar para o porto de Lisboa, levando debaixo do seu commando sete embarcações, que eram cinco galeras, uma corveta e uma sumaca, ficando n'aquella bahia outra galera, que depois de estar tambem prompta abriu agua. A corveta e uma das galeras eram destinadas para a cidade do Porto, e a galera *Santos Martyres* foi nomeada pelo commandante geral almirante da frota.

No dia acima dito e determinado embarcaram pelas nove horas da manhã no escaler do governo o sobredito general Almeida, o conselheiro Mascarenhas, o rev.^{do} padre Manuel da Cunha Pacheco e o alferes Elias Alexandre e Silva, acompanhando-os os dois Ill.^{mos} irmãos generaes d'esta capitania e da do Goyaz, concorrendo a maior parte da nobreza da terra, de que muitas pessoas se acharam á mesa, que muito bem servida e igualmente delicada deu o commandante da nau a horas de jantar. A ella porém não se achou o general dominante, que informado de não haver vento favoravel para a saída da barra, por estar do sul, se embarcou e foi para terra no seu escaler, por sentir-se molesto, tendo já ordenado o commandante aos habeis capitães de artilheria o salvassem com

vinte e um tiros, acompanhados do obsequio de sete vivas, que ao signal do apito do mestre lhe deram os marinheiros espalhados e postos em pé em cima das vergas. O cumprimento d'esta ordem foi executado sem nenhum descuido, e todos gostosos concorriam ao exito d'ella, querendo cada um na diligencia justificar o agradicimento que lhe deviam de lhes ter pago quatro mezes de soldo, á conta dos muitos que ainda se lhes restavam de uma campanha de quatro annos. O vento continuou da mesma fórma até á tarde do dia 28, que rondou pelo les-sueste, e sendo cinco horas fez a nau signal para se levarem os navios da sua conserva e fazerem força de véla, o que logo executaram; porém como as sombras da noite não permittiam bordejar com uma frota n'aquella barra, houve segundo signal para darem fundo.

Da cidade da Bahia para a côrte de Lisboa

Contavam-se já 8 horas e meia do dia 29 quando principiou a ventar do su-sudoeste. A nau, com o signal que anticipadamente tinha o commandante distribuido aos capitães da frota, deu aviso para suspenderem, largarem o panno e navegarem, e executando elle a mesma manobra, se fez no bordo de oeste. A saudade da precisa e conveniente ausencia d'esta frota era sensivel ao povo, ainda que já então se via mais desmaiada e enfraquecida com a duração de quasi tres dias, que a cada instante esperavam a ultima despedida. Ella chegou porém ao ultimo ponto (sendo tambem o do meio dia) quando se salvou á fortaleza da barra com sete tiros, que na fórma do costume e ordens correspondeu com menos quatro. Ora, sem embargo dos fortes corações que depois patentearam os navegantes na tempestade, sempre íam bem

maguados n'esta despedida, em preciso agradecimento dos obsequios que todos tinham devido áquelles estimaveis brazileiros, especialmente José Mascarenhas, que tendo servido a Sua Magestade mais de um anno n'aquella capital, são incriveis as demonstrações publicas de alegria que fizeram o clero, nobreza e povo pela sua justissima restituição, todo o tempo que ali se demorou, dando a conhecer que ou aquelles moradores são os mais affectuosos e benignos que tem o mundo novo, ou o dito conselheiro tinha sido o ministro mais bemquisto que passou á nossa America. Até ás tres horas e meia da tarde navegavam as sete embarcações de commercio, bordejando pela prôa da nau; mas alargando o vento pelo les-sueste, se fizeram todas no bordo do sul, e ás cinco horas demorava a ponta de Santo Antonio pelo angulo de 25° nordeste, e o morro de S. Paulo por 50° sudoeste da agulha. Latitude de que saíam 13° do sul, longitude supposta 345° 16′ de oeste.

O vento soprava brandamente, e mudando *in continenti* para leste e les-nordeste, mostrava o mar contentamento em estar socegado. As gaveas e gata eram panno de sobra para adiantar-se a nau ás mais embarcações que faziam força de véla. Para aproveitar esta tranquilidade do dia 30, mandou o commandante passar mostra a toda a gente, e ao mesmo tempo satisfazer ás ordens que Sua Magestade Fidellissima determina nos regulamentos da marinha, dando a conhecer que não sabe ter descuidos em executar perfeitamente as obrigações do seu posto. O sol como não teve cousa que lhe occultasse a luz o seu zenith, mostrou que estava a nau na latitude de 13° 37′, longitude oeste 345° 36′. A curiosidade dos navegantes tinha exercicio em observar quaes embarcações da conserva andavam melhor, quaes barlaven-

teavam, quaes sotaventeavam, e por consequencia quaes andavam menos e se velejavam melhor á bolina ou á popa; n'esta averiguação concluiram que a sumaca era presentemente a que podia mais atrazar a viagem, que tanto se interessavam em fazer breve, por não se acharem sobre o mar quando principiasse no hemispherio do norte a estação mais fria e tempestuosa, e n'esta conformidade mandando o commandante fazer signal á dita sumaca no dia ultimo de julho, para lhe fallar, ordenou ao mestre d'ella fizesse sempre força de véla. A navegação se fez pelo quadrante do sueste até ás oito horas e um quarto, e virando no bordo de norte, se fez signal ás embarcações para executarem o mesmo, navegando pelo quadrante de nordeste com vento les-sueste, sueste e nordeste, sem a nau exceder o panno acima referido.

Na manhã do dia 1.º de agosto faltou a sumaca (que por invocação tem *Nossa Senhora do Pilar, Santa Luzia e Almas*) e os gageiros se empenharam em descobri-la, e jamais foi possivel chegar a divisa-la. O commandante, a quem não escapava nenhuma util prevenção, sendo necessario não esquecesse exercitar a gente a occupar os postos que se lhes haviam determinado, para em caso de ataque não formar a ignorancia algum sensivel descuido, o qual só suppunha com os mouros ou inglezes americanos, se estes pretendessem visitar algum navio da frota, determinou se fizesse exercicio, para o que mandou tocar a postos, e tudo se executava muito bem, ordenando empregos aos que ainda não os tinham, para que todos se interessassem na defensa da nau de Sua Magestade Fidelissima e gloria da nação. Logo que se findou a primeira vez esta operação bellicosa, mandou ao som de caixas publicar um bando para se re-

colher ao cofre dinheiro em oiro, pedras preciosas e oiro em pó, se houvesse alguma pessoa que o trouxesse, e que no termo de quinze dias se confessariam todos sem nenhuma excepção.

Não bem á popa, mas favoravel continuava o vento, sem dar causa a formar queixa da sua inconstancia. Os pilotos dirigiam a prôa ao vencimento do cabo de Santo Agostinho, e a corveta diminuia com o pouco que andava a esperança da brevidade d'este exito, sendo preciso no dia 5 estar quatro horas á capa á sua espera. Para se apressar, lhe fez a nau signal com um tiro de peça, bandeira encarnada no tope grande e flamula tambem encarnada no penol da mezena. O capitão que a conduzia nada tinha de receioso, a sua afouteza lhe fazia largar opanno possivel; mas a embarcação nenhuma satisfação dava ao desejo de toda a conserva.

Na abservação do sol do dia 7 se achou a latitude de 8° 23′ do sul, longitude de oeste 349° 24′. Foi celebrado o contentamento de se passar o cabo de Santo Agcstinho com uma salva a Nossa Senhora do mesmo cabo, de sete tiros com bandeira larga. Todos rezaram á Soberana Mãe de Deus e senhora do universo, pedindo-lhe boa viagem para o porto desejado. A admiravel bonança e excellente vento com que se fazia a viagem deleitavel, eram favores que o céu distribuia aos navegantes d'esta frota. O gosto, prazer e alegria já não eram effeitos estranhaveis no mar, porque todos applaudiam a causa; não tardou porém motivo para mudar por um pouco o semblante, succedendo na manhã do dia 9 de agosto fallar á nau a galera por invocação *Nossa Senhora da Conceição*, e por antonomasia *Princeza de Portugal*, dando noticia de estar com agua aberta. Sem demora mandou o zêlo do commandante a mestrança a bor-

do da dita galera, e recolhendo-se pelo fim da tarde se tornou a restabelecer o antigo contentamento com a informação de que se havia remediado a agua, a qual nasceu de estarem as bombas impedidas, e ficando inuteis para o seu exercicio, não despejavam a agua que por differentes ductos se encaminha ao porão, a qual já não existia n'elle, por ter a dita mestrança deixado as bombas em estado de laborarem.

Para a boa derrota se desejava ver a ilha de Fernão de Noronha, em cujo rumo se continuava a viagem; porém os pilotos sendo tão bem acautelados como sabios, convieram em pôr-se á capa pelas onze horas da noite do dia 10, e para os navios da conserva não continuarem a navegar, fez a nau o signal determinado para aquella manobra com tres tiros de peça e sete lampeões, tendo-se achado na observação do sol no mesmo dia a latitude de 4° 10′, e longitude de 350° 37′. Na madrugada do dia seguinte se fez o signal de um tiro de peça, para os navios se chegarem e acompanharem a nau pela popa, que continuando mais apressada para descobrir a sobredita ilha o conseguiu pelas cinco horas e meia da tarde, tendo dado para esta diligencia as mais certas esperanças a latitude que observaram de 2° 52′ do sul com a longitude de 350° 43′ de oeste; passou a nau ao poente da dita ilha seis leguas.

A existencia dos ventos se fazia admiravel, a viagem não menos esperançava a sua brevidade, o céu jámais dava indicio de uma noite obscura ou trovoada, as pequenas nuvens, que se divisavam sobre o horisonte, nenhuma inveja tinham de cobrir o mar d'aquelle hemispherio com suas sombras, pois nenhum empenho mostravam para o conseguir. O centro da zona torrida fazia ás vezes trazer á lembrança a calma que quasi sempre costuma ali haver; mas ao mesmo

instante se via perpetuada a contraria causa para desvanecer similhante pensamento. Finalmente os corações dos navegantes de toda a frota descansavam livremente sobre a prosperidade de uma viagem rara vez imitada, sem advertirem que a desgraça costuma lisonjear aos abjectos da sua tyrannia, para mais apressadamente correrem ao patibulo da execução, em que com tremendo horror deixa ver o seu impio exercicio. Na continuação d'esta enganosa apparencia passou a frota a equinocial na noite do dia 12, achando-se no zenith do dia 13 a latitude de 42′ ao norte, com a longitude ao poente de 349° 56′. Cada um se encheu de parabens para os distribuir a outros, que tambem tinham por que os dar.

Nos dias 18 até 24 houve continuados chuveiros, mas sem vento tempestuoso. A 25 fez a nau signal á galera *Nossa Senhora da Apparecida* para ficar pela popa, e mandou o commandante perguntar ao seu capitão, que motivo tinha para sempre navegar pela proa da nau, e que se continuasse o havia de castigar.

A primeira demora que houve nesta viagem occasionada pelo tempo, foram oito horas de calma no dia 27 em altura de 14° 4′ de norte, quando esperavam então os navegantes as brisas de Cabo Verde, que para ser em tudo admiravel a viagem, não as houve, mas sim ventos pela roda de popa. Em acção de graças por tão continuados beneficios se ajustou a bordo da dita nau cantar com a musica possivel um oitavario de devoções ao nascimento de Nossa Senhora, principiando no dia 1.º de setembro, para no dia oito se celebrar a festa com sermão e missa tambem cantada, o que pia e devotadamente se executou os primeiros sete dias, largando a nau bandeira no pouco tempo que de tarde se gastava em tão justa e santa devoção.

A observação do sol do dia 2 de setembro confirmou a passagem do parallelo das ilhas de Cabo Verde, achando-se a latitude de 18° 57′ ao norte na longitude de 346° 19′ ao oeste. A 4 se viu passar sargaço, signal com que todos se alegraram.

A passagem do tropico de Cancer era n'este tempo o que occupava os pensamentos, procurando cada um saber dos pilotos a altura em que estava, para não deixar passar em claro o reciproco gosto de entrarem em a zona temperada do norte. O tempo concorria para o complemento d'este desejo, mostrando-se sempre benigno e conservando-se o mar inalteravel. A derrota feita pelo rumo prescripto animava os da sciencia maritima a darem por bem empregados os seus estudos. A nau, nunca tão formosa na soberba ostentação de protectora dos navios de sua conserva, dava a conhecer na sua grandeza a vaidade de que ía cheia. Como compadecida de não a poderem acompanhar os seis obstaculos, que lhe embaraçavam a velocidade, levava somente largas as gaveas para reprimir o seu impulso, e quanto mais crescia a causa da sua carreira tanto mais diminuia o seu panno; mas n'esta gravidade de passo passou o tropico Boreal no dia 7 de setembro com vento les nordeste fresco, o que se vereficou na observação do sol, que mostrava a latitude de 23° 42′ do norte em longitude 344° 35′ de oeste.

No dia seguinte se esperava a festa da Senhora da Luz, e para ella se havia convidado a Antonio Manuel de Mello e Castro, neto do ex.^mo conde das Galveias, que vinha de passageiro na almiranta, e a milagres da piedade da nossa augusta Soberana havia resuscitado de um largo desterro em Angola, que causava compaixão a todos que conheciam a sua innocencia e merecimento. O mar, ainda que estava al-

terado no dito dia 7, não fazia desprazer, porque sem passar nenhum ditoso a discorrer insupportavel o seu crescimento, cuidavam estar em melhor felicidade considerando o vento bom para adiantar a viagem, engano sempre permanente dos venturosos que nunca acreditam as desditas senão quando de todo se acham engolfados no oceano dos seus males.

Estes não tardaram, porque crescendo muito mais o vento e o mar, foi obrigado o commandante, depois de ferrar a maior parte do panno, a mandar pôr em baixo as vergas dos joanetes. O vento que fazia operar d'esta sorte era les-sueste e navegava com proa de nor-noroeste norte meio noroeste. O traquete ia largo e as gaveas rizadas nos terceiros rizes; porém não bastou esta cautela, porque a tempestade fez em pedaços antes das oito horas da noite a gavea grande. Entrou se no custoso trabalho de metter outra gavea nova, e apesar do furor dos ventos e dos mares, se venceu esta difficuldade, porque era incomparavel a forte e bem disciplinada tripulação; mas durou pouco a utilidade d'este trabalho, porque ás dez horas já eram tão altos os mares e tão furiosa a tempestade, que foi preciso metter a gavea dentro e ficar em traquete, velacho, rabeca e véla de estay. Os navios da conserva estavam a sotavento, mas a noite tão cerrada que se não pôde ver o como se conduziram. A nau, que até então sempre tinha conservado com socego no seu seio os moveis que a ornavam e os em que levavam a sua roupa os passageiros, principiou a fazer sensivel a sua inquietação, já para bombordo corria uma cadeira, já se movia uma caixa, já escorregava um marinheiro, já se viam segurar outros com difficuldade, tudo indicios de crescer a alteração das ondas agitadas de mais forte vento. Este pois mudando-se para sueste na madru-

gada do dia 8, chegou ao crescimento de rasgar o traquete e a véla de estay do dito com o velacho; e querendo-se remediar com outra, não permittiu o vento que se desse volta ao cabo que a içava, porque sem ainda ter chegado a completar-se a manobra, já voava em pedaços pelo ar. Arriaram-se os mastaréus dos joanetes, ficando prolongados com os das gaveas. Conseguiu-se metter outro velacho novo, pondo-lhe para mais segurança uma antegalha, mas tambem ao içar foi pelos ares. Mandou-se arriar a verga da mezena, com intento de lhe pôr uma véla nova, e já não houve tempo, mas o salvar a dita verga serviu para o que depois veremos. N'esta consternação de se ir rompendo todo o panno que podia servir ainda, se conservava a pequena véla chamada rabeca, resistindo áquelle soberbo e furioso elemento; ella porém não se demorou muito em ver abatida a sua presumpção, em um instante só se viram os cabos que a guarneciam.

Já a este tempo era geral o quarto para a guarnição e tripulação da nau. Trabalhavam os marinheiros em pôr novo traquete, e o dia que principiava dava logar a formar-se conceito do formidavel movimento do mar. Os chuveiros que trazia o vento formavam em pequena distancia uma densa cerração impenetravel á vista. Os gageiros, para a poderem mais dilatar, se empenhavam em subir á maior altura, e jamais foi possivel descobrirem alguma embarcação da conserva.

Os destros e valentes marinheiros que estavam ao leme não se descuidavam do governo proprio para correrem em arvore secca, que é o como então se achava a nau. Os sabios e praticos officiaes da artilheria tinham desde o dia antecedente posto em precaução a grossa artilheria da coberta (que era do calibre

de 24), passando-lhe dobradas e bem seguras talhas, pois bastava uma que se desatracasse e corresse de um a outro bordo para submergir a nau, e assim tambem seguraram a do convés e tolda. Logo que a vigilancia d'estes descobria a possibilidade de algum futuro successo prejudicial, o preveniam no mesmo instante. Ultimamente o horrendo semblante de tão espantosa tempestade permittia sim attenção aos successos que se seguiam, porém não infundia temor ou medo nos rijos corações d'aquella gente, acostumada a vencer perigos. Mas que importa, se n'estes nenhum tinha chegado ao ultimo ponto de os padecer!

Já se contavam alguns minutos depois das sete horas da manhã, quando, sobrevindo uma soberba rajada de vento mais forte, se viu caír o mastro grande, quebrando-se em duas partes por baixo da romã e acima do tamborete, ficando dentro do navio um dos pedaços, que se atravessou de bombordo a estibordo, tendo de comprido mais de meia bôca da nau. O resto caíu no mar para a parte de bombordo, que era a sotavento. Na quéda do mastro metteu a nau a borda sobre que tinha caído tanto e com tanta velocidade, que desatracando-se os moveis até ali presos á parte de estibordo, acompanharam o balanço correndo para a contraria amurada, e ao mesmo tempo correspondendo para a outra parte com egual balanço, não sómente tornaram a correr os moveis já soltos, mas tambem os imitaram os que estavam atracados á parte de bombordo. As lanchas, escaleres e em fim cinco embarcações pequenas foram ao mar despedaçados, e só ficou o escaler grande incapaz de servir. Os marinheiros do leme já não podiam sustentar a roda do seu governo, mas valorosos não largavam mão d'ella, pelo que foram arrojados por cima da mesma para o lado contrario. A este infeliz

successo seguiu-se arrebentar um cabo da canna do leme, o que com grande trabalho e brevidade se remediou com outro, depois do que continuavam os balanços successivamente, porém já menos inclinados.

Toda esta ruina não chegou a perturbar os homens de grande coração que alli se achavam, nem os fortes marinheiros, que constantes no trabalho de cortar os cabos que prendiam o despedaçado mastro, tiveram ao mesmo tempo allivio e desgosto em o verem caminhar sobre as ondas. Não cessou porém aquelle trabalho, que elles continuaram immediatamente com o mastro da proa, o qual caíndo para ella, foi bater sobre o leão da parte de bombordo, e marrando no gorupés, o partiu quasi pela cabeça do mesmo leão, levando de caminho a verga do traquete que se tinha segurado no castello da proa, quando depois da perda do mastro grande se largou a cevadeira com antegalhas por barlavento e sotavento. Esta segunda ruina surprehendeu por um pouco o animo de todos. O pensamento particular de cada um correu á infeliz lembrança de que teria o mastro levado o beque da nau, pois se não viu por algum tempo a roda de proa submergida debaixo da agua, e na confusão de esperar a morte e salvar a vida correndo á mesma proa, vendo arfar a nau, se certificaram de que sem embargo de ficar despedaçado tudo o que medeia entre a trempe do gorupés e o leão da proa, ainda esta estava capaz de resistir, e assim animados novamente, desembaraçaram os mastros, picando tudo o que os podia prender á infeliz nau, descendo valoroso o contramestre em uma corda, quasi coberto de agua, a cortar as prisões chamadas cabrestos, que costumam ter os gorupés abaixo do leão.

Ainda continuava o difficil e arriscado trabalho do castello de proa, quando no da popa caíu o mastro da gata para a mesma parte de sotavento, e ao mesmo tempo levantando-se o pharol grande do apoio em que estava, ao excessivo impulso do vento, se desprendeu das aldrabas de ferro que o seguravam, e augmentando mais uma perda, tomaram entrega d'elle as ondas. O encadeado de tantas infelicidades juntas podia desanimar de todo outra gente que não tivesse os corações de bronze, e na verdade apenas havia já quem desembaraçasse e picasse os cabos presos a este ultimo mastro.

Toda a fadiga e trabalho tinhn cessado, quando não sendo já util o valor, se ouviam as vozes sem socego, pedindo a Deus misericordia. Os reverendos capellães da nau e o zeloso padre Pacheco, eram agora os mastros da segurança da alma, e aos pés d'estes procuravam todos trabalhar para alcançarem a eterna vida. Elles fazendo exemplarmente os officios proprios do seu sagrado ministerio, persuadiam a contrição precisa e davam geral absolvição aos que prostrados de joelhos a pediam. A confusão se augmentava e o animo enfraquecia, porque a causa não cessava.

A infeliz e destroçada nau já não merecia este soberbo nome. Ella se via rasa desde a popa até á proa, á maneira de um escaler no estaleiro. Ora, parece que exceptuando a ultima desgraça de ir para o fundo, já não lembraria á vista de objecto tão compassivo, maior infortunio nem outra nova infelecidade, que o fizesse mais desgraçado e digno de maior compaixão. Assim é, mas ainda faltava um, para ser o penultimo, permittiu Deus que succedesse. Este foi a perda do leme, que largando a cabeça unida á canna, com formidaveis pancadas, que dava no cadaste,

pretendia metter o resto da nau no fundo; mas despregando-se inteiramente das abas de sete fortissimos machos que o prendiam, se apartou da nau.

Já não restava nenhum caso infeliz que, succedendo, podesse pessoa alguma vir expressa-lo n'este mundo. Todos os referidos aconteceram em pouco mais de uma hora. Quando acabava de terminar-se um, parecia não viria outro, e ao mesmo tempo succedia; mas nem com isso se contentavam aquelles dois furiosos, valentes e soberbos elementos, antes íam continuando cada vez com maior vigor a dar aviso da ultima ruina. Horrorisava ver como o mar levantado em altissimas montanhas de agua, despenhando-se do cume d'ellas se desfazia em espuma que o vento espalhava no ar á imitação de chuva; e ao mesmo tempo que o miseravel casco da nau subia aquelles picos, que se empenhavam a sossobra-la, descia repentinamente ao mais profundo abysmo, esperando de novo saír certo o pensamento final, formado em cada onda. Umas vezes balanceava de um bordo a outro, outras de popa á proa, outras vezes principiando por um bordo, acabava pela proa ou popa. Finalmente eram todos os movimentos irregulares e proprios do ludibrio e abatimento a que se via reduzida uma nau que tantas vezes offendeu aquelles elementos, zombando do seu furor e vencendo a sua altivez.

Os grandes e desordenados balanços que de cada vez ameaçavam a morte, faziam não poderem socegar os moveis, que misturados com a gente se espedaçavam nas amuradas. A desordem, que isto causava, deu motivo a se lançarem ao mar as cousas soltas, e algumas de muito valor que se achavam em movimento. As capoeiras das gallinhas entraram n'este numero, e por isso se perderam todas as aves, que

passavam de oitocentas cabeças. O gado, não achando, nem se lhe podendo dar outro asylo, quebrava as mãos, pescoços e pernas, e assim mortas ou moidas, se lançaram ao mar mais de vinte e cinco rezes. Os barris de manteiga, azeite, vinagre, queijos, assucar e todos os comestiveis menos grosseiros se viam perdidos ou espalhados pelo convés, e saíam ao mar pelos embornaes. Até cinco toneis de agua se abateram do porão, taes eram os nunca vistos balanços! A roupa e mais trastes dos passageiros, quasi tudo se perdeu. As tábuas, que compunham o oratorio, camarotes e divisões, se despregaram e caíram. Pratos, frascos, copos, vidraças da camara e rabada, compunham uma affligivel dissonancia. Este foi o humilde estado em que ficou o resto d'aquella soberba nau e em que não faltava hostilidade nova que se podesse sentir sem ser a ultima. Temendo todos que ella chegasse, recorreram com efficacia e fé viva á soberana e sempre solicita protecção da Virgem Mãe de Deus com o titulo de Senhora da Penha de França, promettendo, para testemunho do milagre, que esperavam levar-lhe o traquete em procissão, com os pés descalços á sua egreja de Lisboa, e um modelo do destroço da dita nau, em que se justificasse mais evidente o soccorro da poderosa Protectora dos peccadores.

Mais de vinte e quatro horas continuou ainda a afflicção e tormenta a combater a nau no estado referido, até que moderando-se algum tanto na manhã do dia nove se principiou o trabalho de apparelhar novos mastros, formados das entenas; mas a esparrela, de que alguns têem usado em logar de leme, havia expôr aquelle casco de nau a novos perigos, e assim pelo capitão tenente Matheus Pereira (homem de incomparavel prestimo e grande constancia) foi consultada a nova idéa de fazer um leme de toros de

amarra e virador, o que logo se poz em execução, amarrando uns a outros e prendendo-os com travessas de tábuas, correspondentes para um e outro lado, que só occupavam a largura da porta do leme, pondo-lhe quatro arridas presas aos ditos toros, que haviam encostar sobre o cadaste, com dois vergueiros, que o ajustavam melhor ao mesmo cadaste. Calou-se no logar para que foi feito, atracado pelo modo referido, prolongando-se duas das arridas por um e outro lado no casco da nau, e tendo a sua prisão dentro da mesma, para alar ou arriar cada uma, conforme a precisão. Alem destas havia outras duas, que seguras da parte de fóra na ultima amarra ou toro d'ella, serviam para o governo, as quaes gornidas em moitões, que botados fóra do costado por dois grossos paus saídos pelas portinholas das penultimas peças da tolda, vinham prender na roda do governo do antigo leme. Occupado assim o logar, em que se põe nos mais navios o leme, se içou em um toco, que tinha restado do mastro da proa, um joanete á maneira de véla redonda, das que usam os barcos pequenos, o que fez uma incomparavel alegria, por dar alguma sombra a nau e esperanças de navegação. Pôde observar-se o sol, e ficámos na latitude de 25° e tantos minutos.

No dia 10 se levantou o novo mastro de proa, construido do mastaréu do velacho e do seu joanete com sua enxarcia e estay, e emfim da mesma fórma com que servem em qualquer nau, só com a differença de principiar em cima do convés o que d'antes se seguia ao cesto da gavea em cima do mastro.

A 11 ficou levantado o novo mastro grande, a cuja operação se mandou largar bandeira, para mais se applaudir o interno contentamento de todos; mas nunca se fazia cousa alguma sem primeiro se cantar

uma Salve Rainha a Nossa Senhora. Serviu de mastro grande o mastaréu da gavea e em cima d'este o do joanete grande, tudo com o seu panno correspondente. O gorupés se fez da ametade de uma grande verga. O mastro e mastaréu da gata se remediou com outra ametade da dita verga e com o pau de um cutelo, e a verga secca de outro similhante; porém a este mastro nada faltou do que tinha o antecedente, sómente com a differença de ser tudo muito mais pequeno e fraco. Tambem se armou um pau para servir com a bojarrona, mas é de advertir que todos os referidos paus havia de sobresalente, com tambem todo o massame, que foi novo, fazendo-se quinze vélas, por haver na dita nau todo este precioso remedio que a divina Providencia havia reservado para tão urgente necessidade, pois no dia da tormenta se haviam perdido vinte vélas com os quatro mastros apparelhados e todas as enxarcias.

Todo o trabalho acima dito ficou concluido no dia 14, permittindo a soberana Protectora que desde o fim da tempestade se humilhasse o mar de tal fórma, como se mostrasse sentimento dos grandes trabalhos e afflicções que deu com as hostilidades que fez. O vento que brandamente soprava foi de su-sudoeste até ao dia 13, e depois mudou para nordeste, les-nordeste e leste sempre brando. O novo leme chegou a governar bem algumas vezes, mas como a força do mar o dobrava por não ter travessas pelo seu comprimento que lh'o impedisse, se tornou a tirar para se lhe pôrem umas tábuas, não sendo esta a ultima vez que se visitou o convés para se emendarem ou acrescentarem varias cousas que cada dia lembravam para a sua melhoria; vendo porém que os inventos não sáem perfeitos da primeira vez, o que só póde conseguir-se com experimentadas e trabalhosas emendas, projectou

o mesmo capitão tenente Matheus Pereira, seu inventor, fazer construir outro mais formal e sem os defeitos que tinha conhecido no primeiro. Principiou no dia 19 este utilissimo serviço, e tomando as medidas do leme proprio para a nau, fez servir a canna do dito para madre, e unindo a esta os necessarios toros de amarra abotoados, trincafiados e arrotados de cabos com bastantes travessões de grossas tábuas, que pregadas de uma parte sobre a dita madre e da outra sobre outro igual pau com pregadura grande, formaram uma porta alguma cousa mais larga do que a do proprio leme. Para na cabeça d'aquelle haver menos largura, á imitação dos outros ordinorios, se diminuiram os toros de amarra, principiando pelo de fóra cortado ao nivel do mar, e os mais á proporção da figura que elles têem.

Como o cadastre onde se havia de collocar o novo leme, formava uma linha curva e a madre estava em linha recta, foi preciso aproveitar outro milagre para acudir a esta difficuldade. Deixou o leme perdido todos os sete machos, que o seguravam nas femeas por se despregarem das abas, e houve n'aquella arrojada guarnição marinheiros que, mergulhando, conseguiram por baixo da agua tira-los das ditas femeas, amarrando-lhe cabos nas mesmas abas, em cuja manobra só dois se perderam, que cairam ao mar, salvando-se cinco, dos quaes se ajustaram tres na madre do novo leme e na mesma linha d'aquellas femeas que lhes correspondiam, enchendo o vão que era necessario para um saír mais fóra do que outro de madeira que se pregou na madre do mesmo leme, e cobrindo as abas dos ditos machos de panno, tudo bem arrotado de cabos. Alem do referido, se prenderam arridas para maior segurança, e as que serviam ao governo principiavam no leme em cor-

rentes de ferro para poderem resistir melhor ao roçar do casco da nau. Os paus que saíam fóra com os moitões já acima expressados, se mudaram para as janellas ou portinholas da bateria de convés, mas não íam estas arridas ter á roda como no primeiro, ellas puxavam em cima da tolda. A dita roda sim ajudava tambem o governo, porque a ella íam terminar dois cabos que, vindo por duas talhas presas á cabeça do leme, puxavam para uma e outra parte e o faziam estar firme na situação em que o punham, servindo ao mesmo tempo de o ajudar a mover.

Amanheceu o dia 23 de setembro mui sereno, o tempo claro sem nenhum indicio de se augmentar o vento que soprava brandamente do su-sueste. O mar plano e appetecivel para pôr em pratica o novo trabalho que só no futuro podia dar provas de ter sido proveitoso. Elle se havia findado no dia antecedente, e em cada um dos seguintes se encontravam novas difficuldades. Calar o leme no cadaste era uma das maiores, porque nenhuma lancha ou escaler tinha escapado da tormenta para ajudar de fóra da nau; mas havendo-se devido á Providencia divina o vencimento de tantos obstaculos, não faltaram para superar este alguns mergulhadores que executaram todo o trabalho preciso debaixo da agua, e assim antes do meio dia se achava concluida esta consideravel diligencia, tendo andado com o primeiro leme desde o dia da ruina mais de 130 leguas para o caminho, pois se achou neste dia a altura de 31° do norte na longitude de 344° de oeste.

Não deve ficar no esquecimento que em o dia da tormenta ficaram feridos (segundo a lista que d'elles deu o primeiro cirurgião da nau ao capitão de mar e guerra commandante) quarenta e dois homens, dos quaes o estavam vinte gravemente e um falleceu no

dia 24, alem de dois marinheiros e um grumete que foram ao mar com os mastros estando nos cestos das gaveas, assim como bastantes outros que se salvaram pelas cordas milagrosamente. Perderam-se n'aquelle infeliz dia vinte vélas, como já disse, mas fizeram-se dez de novo, que com cinco que ainda restavam de sobresalente, faziam o tal numero de quinze.

No dia 25 mandou dar o commandante a cada praça sómente meia ração, dando causa a isto temer não chegasse a agua pelo muito gasto que d'ella se fazia em cozinhar as rações inteiras. Ao pôr do sol do dia 26 deu parte o gageiro de avistar um navio em distancia que mal se divisava, e que demorava a les-sueste. Fazia-se bem appetecivel um similhante encontro para suavisar a mágua do destino incerto e perigoso que sempre esperavam os afflictos moradores d'aquella inconstante casa. Animados de esperanças, madrugaram no dia seguinte para ver o tal navio, que já se não pôde descobrir; porém na manhã do dia 28 appareceu a sotavento uma pequena corveta, que observando pôr-se a nau a caminho para a encontrar largou mais panno, e sem fazer caso de um tiro de peça e bandeira, fugiu com tanta pressa pela sua derrota, que ao meio dia já não se avistava.

Desde o perdimento dos mastros jogava a nau (ainda com pequeno mar e pouco vento) tão sensivelmente, que convieram os officiaes da marinha e guarnição em ser preciso reconduzir da bateria da coberta para o porão ao menos doze peças, que cada uma pesava mais de setenta e dois quintaes, com o justo receio de que tão enorme peso, movido por tão grandes balanços, seria capaz de fazer abrir agua, ultima desgraça que só restava, e com effeito se executou felizmente esta operação, ficando montadas cincoenta e duas das sessenta e quatro que d'antes ti-

nha a nau; porém não satisfeito ainda o acautelado discurso de tanta gente, entraram no dia 2 de outubro no trabalho de atracar a nau com quatro peias, obra que se acabou no mesmo dia.

A 5 do dito mez de outubro julgavam os pilotos terem passado o meridiano das ilhãs dos Açores, suppondo-se na longitude a oeste de 354° 39′, e achando a latitude ao norte de quasi 36°, e se viu n'este dia passar uma tartaruga. A passagem d'este meridiano, que muito se desejava, augmentou mais a impaciencia da esperança de algum allivio, suppondo a cada instante que ao menos se descobriria alguma embarcação das muitas que por aquella carreira costumam navegar; e comtudo tendo-se vencido no dia 9, segundo a estimativa e observações dos pilotos, só a 12 se descobriu um navio a barlavento, que por este soprar fresco com mar levantado se náo fez diligencia por fallar-lhe, e elle atravessando de longe pela proa da nau, cuidou sómente em correr para a sua navegação, que era a popa com as gaveas largas. N'este dia e no seguinte cresceu muito o vento e o mar, e á mesma medida crescia o temor das consequencias experimentadas. No dia 15 se espalhou na nau uma voz de «terra», e confirmada esta pelos gageiros, pozeram os corações em restabelecimento. Cada um queria consolar-se em ver a terra, e a si mesmo, primeiro do que aos outros, dava os parabens de a estar vendo. Todos queriam acertar com o nome d'ella, uns diziam que era o cabo da Roca, outros o de Espichel. Os passaros, voando uns, outros nadando, eram objectos para a vista nunca desoccupados. A altura ajudava aquelle gostoso engano, porque era de 38° 7′ do norte e a longitude suppunha-se a leste 8° 8′. Foi ultimamente marcada pela agulha a imaginada terra porque havia bastante nevoa, e para me-

lhor se reconhecer, se fez proa para perto d'ella. Findou-se o dia, não se viu e de noite se capeou. As idéas estavam a este tempo mui discordes e differentes, e quasi que a maior parte assentavam ser engano das nuvens, o que suppozeram terra, pois não tendo apparecido a primeira vez muito longe, nada se tinha descoberto com a navegação de um vento fresco em quasi todo o dia.

Ainda a manhã do dia 16 se contava pelo costume do seguimento d'elles, quando já o cuidado e o desejo formava de cada pessoa uma vigilante sentinella. Os gageiros nunca tão cedo se anteciparam na sua obrigação, mas a densa nevoa, que a pouca distancia permittia descobrir á vista, eclipsou a vontade do que desejavam. De repente se torna a gritar *«terra, terra, terra!»* Acodem todos, e uns por praticos e outros por conjecturas, pelas figuras e muitos signaes que a cada instante se descobriam nas nuvens, assentam que é o cabo da Roca. Um trazia já á lembrança que hontem tinha dito ser *terra* para verificar o seu conhecimento; outro affirmava que a pratica tem feito ser difficultoso elle enganar-se; outro que está bem lembrado de ver em aquelle logar a viagem passada o mesmo cardume de peixinhos que se viam saltar agora. Finalmente ainda os que não tinham visto terra similhante confirmavam a existencia d'ella n'aquelle logar, o qual parecia não estar longe. Antes que se tornasse a cobrir de nevoa a marcou o piloto e navegou para ella a todo o panno, mas correndo o mais que pôde todo o dia cheio de desconfiança e confundido de a não tornar a ver, caminhou tambem de noite com menos panno. Concorria muito para similhante engano supporem-se na longitude de 9° 3′ de leste, com a latitude de 38° 34′ de norte; mas na manhã seguinte se desengaram todos, porque

só viram mar e céu. Espalhou-se então em toda a nau um susurro implacavel de que a terra que tinham por duvida ter-se visto era alguma das ilhas dos Açôres; mas os pilotos, não consentindo de todo na ignorancia dos mais, navegavam de noite com bastante cautela.

No dia 19, em que celebra a egreja a festa de S. Pedro de Alcantara (protector da nau por ser um dos seus oragos) cresceu ao meio dia o vento oeste de tal fórma, que ás duas horas estava no auge de uma horrivel e furiosa tempestade, não só maior que as muitas que se tinham soffrido, mas ainda ameaçando mais ruina que a primeira, pois se se perdesse algum dos mastros não havia já outro pau com que se podesse supprir. Via-se no mar retratada a infeliz catastrophe do sacrificio de tantas vidas, quantas já quiz o seu impio valor, no dia 8 de setembro, submergir em suas ondas. O traquete de Nossa Senhora de Penha de França (e no qual se tinha escripto este titulo) era o unico panno que só podia resistir á violenta força de tanto vento. Elle servia á popa para a viagem; mas o leme que com as arridas se não podia mover prompta e necessariamente e que havia quebrar aquellas se laborassem com elle tanto quanto era preciso, obrigou a tomar uma resolução tão atrevida como util, mandando bracear á bolina, para mais segurança e immobilidade, pois sendo a redempção (aindaque incerta) das vidas que n'elle esperançavam, por isso se cuidava em não perde-lo, como libertador d'ellas. Finalmente se a nau conservasse os seus antigos mastros, seria este o dia da perda d'elles, e no estado em que se achava já não havia temor de desarvorar, mas de perder as vidas. As preces e deprecações a Deus eram as fortes vozes que mandavam á via. Um maritimo porém valoroso, animado do fer-

vor da sua devoção, chegou ao commandante a pedir-lhe licença para se prometter a Nossa Senhora da Bonança a véla grande, poisque só era o unico meio de escapar de tão feia tempestade; e convindo promptamente o dito commandante, se acclamou a promessa com grande alvoroço em toda a gente. Oh! que grande protecção e admiravel piedade da Mãe de Deus! De repente se conhece enfraquecer o vento e abaterem-se as ondas tão prodigiosamente, que ás cinco horas da mesma tarde se largou mais panno para proseguir a viagem.

A demora de se não tornar a ver terra fez desenganar de que ou as primeiras vistas d'ella foi arrumação de nuvens, que é o certo, ou alguma das ditas ilhas, como temia a desconfiança, porque sempre os desgraçados suspeitam o peior. Os pilotos tinham acabado a sua derrota, e sendo certas as suas observações estariam no dia 20 a leste do merediano da famosa Lisboa mais de 5°, esses motivos fizeram verosimil o dito engano, e por isso fazendo a nau igual caminho de noite como de dia, amanheceu no seguinte 21 de outubro defronte da Ericeira, vendo se claramente a soberba obra de Mafra e talvez pouco mais de 2 leguas distante da costa. Fica ao discurso do leitor conceituar o jubilo, contentamento e prazer que receberam os infelizes navegantes d'esta desgraçada nau! A vista da terra fazia esquecer os successos lastimosos já passados, como se n'aquelle logar fossem impossiveis os perigos. Não tardou muito tempo conhece-los, pois faltando o vento se chegava a nau para os rochedos, em que se via o mar levantar espumas, de sorte que por não ir á costa mandou o commandante dar fundo a um ancorote. Pela tarde soprava o vento muito pouco, e querendo-se aproveitar d'esta viração o commandante mandou levar o fer-

ro, o que não se conseguiu por arrebentar o virador, e ficou o ancorote no fundo. Fez-se a nau á véla no bordo do mar, e para da villa da Ericeira saír algum piloto da barra que a conduzisse, fez signal com a bandeira colhida e dois tiros de peça; mas sem embargo que de noite continuou mais tiros, nenhuma novidade produziram.

O vento só tinha formado o engano para fazer mais uma perda, e logo que conseguiu o intento, tornou a acalmar. Segunda vez se deu fundo pelas oito horas da noite a um grande ferro com uma boa amarra, já perto da costa uma legua. Accenderam-se pharoes e se atiraram mais tres tiros, para de terra diligenciarem o prompto soccorro, no caso de continuar a infelicidade de lhe ser necessario, pois se o vento viesse do mar, era evidente o naufragio, que tantas vezes tinha ameaçado, só com a differença de ser agora á vista de muita gente, que de terra o estavam observando cheios de compaixão irremediavel. Permittiu Deus que se não experimentasse o perigo que prognosticava o susto, veiu sim vento, porém nem forte nem do mar, e com elle na manhã do dia 22 se levou ferro (no que se gastaram com grande trabalho pouco mais de tres horas), e largando as vélas, se fez um bordo para fóra, alcançando n'elle bastante vencimento, tanto para a distancia da terra como para a barra. Ás nove horas chegaram a bordo um barco da Ericeira e uma muleta, dos quaes saíram tres pilotos para o governo da entrada da barra.

Devendo o commandante mandar parte á côrte, ás pessoas a quem tocava, do estado da nau, para fazerem administrar o soccorro, se fosse preciso no ultimo perigo da passagem dos cachopos na entrada da barra, duvidou quem escolheria; mas todos por acclamação lhe pediam que rogasse ao ex.^mo^ general

Almeida quizesse aceitar esta diligencia, para melhor expor o miseravel estado e trabalhosa viagem da real nau. Valorosa e benignamente aceitou este fidalgo encarregar-se de uma commissão de tanto incommodo, pois estariamos mais de 10 leguas longe de Lisboa e veiu no pequeno barquinho que levou o piloto com mar crespo e vento fresco, deixando a todos sensivel saudade da sua estimavel companhia, merecendo tão grande conceito, que chegaram a dizer alguns temiam agora mais o dar á costa, pois talvez que pelas suas virtudes permittisse Deus que saîsse da nau para então succeder este ultimo destroço.

Antes das seis horas da noite virou a nau no bordo de terra, e vencendo o cabo da Roca, amanheceu entre os cachopos; mas ainda faltava mais este perigo, pois se viu obrigada a dar fundo, por vasar a maré. O soccorro da côrte não faltou. Na brevidade e grandeza bem mostrava a incomparavel actividade de quem o dirigiu; mas já não houve d'elle precisão, porque não devendo esperar os pilotos voltasse a maré de enchente, por não obrigar a virar depois a nau, que só o fazia bem de roda pela pouca altura dos mastros e pequenez do panno, attendendo a estreiteza e perigo do logar e não podendo levar-se com a brevidade precisa, mandou o commandante picar a amarra, mas deixando-a com uma boia para se poder tirar; e largando as pequenas vélas, que podia levantar em tão pouca altura de mastreação, vencidos todos os perigos, salvou á fortaleza de S. Julião com sete tiros, que recebeu com tres, recebendo tambem a nau uma grande felicidade, de que já todos estavam de posse, o que dava motivo a serem as lagrimas as primeiras demonstrações do mais interno e inexplicavel prazer com que uns aos outros

se abraçavam e davam os parabens de terem resuscitado tantas vezes.

Ao entrar da barra chegou a bordo um escaler com ordem da Rainha nossa senhora, para poder desembarcar quando quizesse o conselheiro Mascarenhas e o seu fato, independente de outra alguma visita ou despacho. Aproveitou logo esta singular mercê, indo para terra no dito escaler, podia chamar ditosos a todos os seus trabalhos, pela benignidade com que no dia seguinte lhe deu a beijar a sua real mão a nossa incomparavel Soberana, que Deus guarde. Todos se alegraram de ver segunda vez resuscitado um homem, que esteve dezoito annos sepultado vivo e mais de vinte desterrado da patria, e que soffreu todos os seus trabalhos com admiravel constancia, devendo agora este fidalgo aos seus amigos celebrarem muitos a sua restituição em prosa e versos, dos quaes juntarei no fim d'esta relação uma ode, que pela sua excellente harmonia bem se conhece ser de poeta consummado, e tão desprezador da vaidade que escondeu o seu nome.

Continuando a nau a subir pelo Tejo, salvou á torre de Belem, e chegando finalmente defronte de Alcantara, deu fundo e completou a sua viagem, gastando n'ella 216 dias e da Bahia 157, em que entram 46 depois de destroçada, tendo desarvorado muitos centos de leguas longe d'este amado porto. Os pilotos findaram a sua derrota com mais 5.° 52′ a leste do meridiano de Lisboa. O povo d'esta opulenta cidade concorreu em grande numero de pequenas embarcações a ver a nau, admirando n'ella o lamentavel estrago, de que em nenhuma outra havia exemplo, e o valor, intelligencia e constancia com que trabalharam os officiaes e marinheiros para a apparelharem de novo, sendo ao mesmo tempo testemunhas

oculares do grande milagre que a Soberana protectora usou em beneficio dos seus devotos.

A obrigação com que fiel e obedientemente se devem satisfazer e inviolavelmente observar as leis dos soberanos distribuidas aos seus vassallos, fez com que se conservasse n'este dia toda a gente a bordo, esperando que os ministros e officiaes encarregados das diligencias do oiro e tabaco dessem satisfação aos seus empregos, o que ficando executado até o meio do dia 24, tendo-se tambem passado mostra á gente da marinha, tirado e guardado o panno das vergas, desembarcaram todos na praia de Santos, levando d'ella em procissão a vela grande e traquete. Não faltaram a achar-se no mesmo sitio o capitão general Almeida e o conselheiro Mascarenhas, acompanhando ambos estes fidalgos, descalços de pé e perna aos mais companheiros da viagem e da promessa; e carregando os marinheiros a véla grande, traquete e modelo da nau em meio de duas compridas alas, formadas da guarnição e tripulação da mesma, caminharam para a egreja de Santos, louvando em altas vozes ao Santissimo Sacramento. Entrando na dita igreja, offereceram a Nossa Senhora da Bonança a vela grande, levantando os dois capellães a ladainha da mesma Senhora diante d'aquella respeitavel imagem, a quem deram repetidos vivas em testemunho sincero do agradecimento com que internamente a louvavam.

Satisfeita esta justissima divida se tornaram a formar em procissão, caminhando para a muito distante igreja de Nossa Senhora da Penha de França, sendo muitas as lagrimas que faziam derramar aos moradores da côrte, vendo passar este devoto e compassivo espectaculo. Chegados á presença da Mãe de Deus, offereceram perante a sua imagem o traquete

e modelo da nau, em que propriamente se conhece a grandeza do milagre que em continuados favores experimentaram os agradecidos navegantes da mão divina omnipotente. Prostrados por terra, diante da Santissima Virgem, entoaram outra ladainha de louvores á mesma Senhora com internecidas vozes entreoccupadas de lagrimas de alegria, justificando com muitas vivas a mercê e benigno amparo com que promptamente os soccorreu a Soberana Rainha do universo e Mãe piissima dos peccadores, a quem como tal devemos pedir com coração contricto em todas as occasiões o seu magnanimo amparo e admiravel protecção, com inteira certeza e firme fé, de que os nossos clamores serão promptamente ouvidos, quando as intenções de guardar as santas leis sejam cumpridas conforme os dogmas da nossa santa religião.

FIM

AO ILLUSTRISSIMO SENHOR

José Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello

Moço fidalgo da casa real, do conselho de Sua Magestade, e seu conselheiro ultramarino, academico do numero da academia real da historia portugueza, da pontificia de Coimbra, da dos occultos de Lisboa, das reaes academias da historia, geographia e mathematica de Madrid, e Valhadolid, etc. etc. etc.

SENDO FELIZMENTE RESTITUIDO A ESTA CORTE DO SEU PROLONGADO DESTERRO

Il attend une disgrace pour récompense: mais les temps n'étaient encore arrivés. Tout change; la tempête se calme; et Aristide, quoique juste, est rendu á la patrie.

M. THOMAS, *Elog. de M. d'Aguesseau.*

ODE

Não é o som das caixas dos tymbales,
Nem de fortes canhões o grão ruido,
Quem vos faz retumbar profundos valles,
Com echo nunca ouvido.
São clamores festivos de alegria,
Com que se applaude tão felice dia.

Acaso revolvida a lusa historia,
Monumento immortal em toda a idade,
Pretendem gratos renovar a gloria
Da antiga heroicidade,
Conduzindo em triumpho, quaes romanos,
As luas dos vencidos africanos?

Ou prostrado o fatal esquecimento,
Da fama collocar sobre os altares,
Pretenderão com fausto luzimento,
Estatuas singulares
Aos famosos heroes, cujos alfanges
O Tigre respeitou, temeu o Ganges?

Não se fatigue a debil phantasia:
O nome, o grande nome, já se entoa
Do *famoso Pacheco:* a monarchia
Alegre o apregoa
Cidadão immortal; e não se esquece
Das corôas triumphaes, que lhe offerece.

Que pacificas vozes sobre a terra
Entoam os mortaes ! tamanha gloria
Da vencedora Roma não encerra
A volumosa historia,
Nem os fastos da grega heroicidade
Numeram dia de maior saudade.

Longe de mim as torpes crueldades[1],
De que o vil despotismo se alimenta,
Os estragos, fataes enormidades,
Que o seu furor inventa !
Eu sigo a santa paz, ella me inspira
O canto, de que soa a minha lyra.

Tu, divina Calliope, firmada
Sobre os ligeiros zephiros, dilata
As azas immortaes ; voa apressada,
E a noticia grata
Aos deuses leva no celeste assento,
E excita-os ao commum contentamento.

Os deuses soberanos informados,
Que de *Mello* a virtude se premeia,
Nunca mais liberaes, mais apressados,
Em breve farão cheia
Toda a face da vil misera terra
Dos grandes dons que o sacro Olympo encerra.

Nenhum foi mais placido e luzido[2],
Que este dia entre todos venturoso !
Feliz dia ! do throno ennobrecido
Baixou o piedoso,
O justo real decreto: céu propicio !
Que favor para nós! que beneficio!

Parece que inda soa a meus ouvidos
O consternado misero lamento
Das musas : os seus ais enternecidos,
Suspiros cento a cento
Declaram no Parnaso, quão sensivel
Teu destino lhe foi, lhes foi terrivel !

1 Allude-se á prisão injusta de v. s.ª

2 O dia em que se lavrou o honrado decreto de soltura.

Deserta região, desconhecida
Ás artes, ás sciencias, com qu'espanto
No teu inculto seio a melhor vida
Guardaste ! dize quanto
Perdê-lo para sempre te amargura,
Pois n'elle tinhas a maior ventura[1]?

Destino dos heroes! da vil intriga
Os insultos soffrer ; temer da inveja
Os combates fataes: sorte inimiga!
Teu odio em vão forceja
Opprimir a virtude ! mais dourada
É a victoria, sendo disputada.

Manes illustres, sombras venturosas,
Dos *Mellos*, dos *Pachecos*, com que gloria
Nas elysias campinas espaçosas
Tão illustre victoria
Absortos ouvireis ! raiou o dia
Do triumpho da lusa monarchia.

Os gratos cidadãos rompendo os ares
Com hymnos, com canções, cedros preparam,
Para d'elles erguer-te mil altares :
Outros já gravaram
Em marmores, que o tempo não consome,
Do *Mascarenhas* respeitavel nome.

Vós, do sagrado Tejo habitadoras,
Tagides bellas, cuja melodia
Celebrou grata as quinas vencedoras
Da lusa monarchia,
Quando os Almeidas, Albuquerques fortes
Cobriram Asia de funestas mortes,

Esforçae, esforçae agora o canto,
Maior victoria, mais sublimes feitos
Entoa a fama com dobrado espanto :
Gravae, gravae nos peitos
Em letras d'oiro com igual porfia
A brilhante memoria d'este dia.

De um anonymo amante da patria

[1] A capitania de Santa Catharina.

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador — Mello d'Azevedo

(VOLUME LVIII)

HISTORIA
TRAGICO-MARITIMA

COMPILADA POR

Bernardo Gomes de Brito

COM OUTRAS NOTICIAS DE NAUFRAGIOS

VOL. XII

ESCRIPTORIO

147=Rua dos Retrozeiros=147

LISBOA

1909

NOTICIA

DO

LAMENTAVEL NAUFRAGIO

DO

VAPOR PORTO,

Que teve lugar
Na noite de 29 de Março
Na barra do Douro.

3.ª Edição, correcta e augmentada.

PORTO:

Typographia de Braz Tisana.

1852

Vende-se na rua das Hortas, loja
de livraria n.º 144

O Naufragio

O MEDONHO quadro de que nos propomos a dar noticia excede quanto se pode imaginar de mais aterrador e horrivel nos annaes das grandes catastrophes.

Por mais negra e triste que seja a pintura, que d'elle se faça, muito áquem ficará da horrorosa realidade...

O dia 29 de Março de 1852 já não pode deixar de ser tristemente memoravel, na historia da humanidade...

....

O terror, a magoa que em todos os rostos apparecem, que assoberbaram toda a cidade do Porto... Os gritos, os lamentos de viuvas, orphãos, e pais, que na mente atterrada retraçam o angustioso transe e morte horrivel d'aquelles, que inda pouco antes apertaram nos braços cheios de vida, e de esperanças, o luto que a tantas familias alcança, o desespero, as lagrimas d'estas, a narração de uma e outra scena medonha que de boca em boca corre, levando o terror a toda a parte, a dôr mais pungente a todos os corações...

Oh! tudo nos diz que o horrivel naufragio, é um

d'aquelles factos, que a historia regista nas suas mais lutuosas paginas...

Era o dia 28 de Março, seriam perto de 9 horas da manhã, e o barco de vapor Porto, largou do seu ancoradouro para seguir víagem para Lisboa, conduzindo a seu bordo, segundo se afirma 74 pessoas, sendo 50 passageiros.

Pouco depois da sahida da barra, foi o vapor batido pela proa d'um forte vendaval, que apenas lhe permittia fazer pouco mais de uma milha por hora, de modo que no dia 29 ás 7 e meia da manhã ainda se achava a tres legoas do Sul da Figueira, soffrendo continuos golpes de mar.

O vapor ia commandado pelo piloto Antonio Pinto de Oliveira, por ter dado parte de doente o capitão Costa.

Vendo alguns passageiros que o temporal crescia. dírigiram-se ao piloto commandante, e o obrigaram a que retrocedesse, e arribasse ao ponto da partida.

O piloto assim o ordenou, e o vapor voltou. Eram 5 e meia da tarde quando foi visto proximo á barra, não deixando a nevoa que fosse visto antes.

Como elle fazia bem as manobras, decidiu a maioria dos pilotos da barra, que não obstante não poder ser pilotado que podia entrar, e neste sentido se lhe fez signal do castello. O mar na embocadura da barra era muito, quebrando-se em grandes escarceos nas pedras.

O vapor aproximou-se eram 6 horas, tinha já passado as lages, e quasi transposto a barra; porém ou pela força da corrente, ou porque o leme não governasse, deo uma guinada no Cabedello, e conseguio ainda assim metter a proa ao Norte, porém atravessando uma restinga d'areia perdeu o leme, e foi encalhar na pedra chamada do Teiro. Alli o resaque da

agua voltava-lhe a proa, ora ao rio, ora ao mar. Lançaram ferro, e conseguiram sustentar-se perto de uma hora.

Aqui principiou a confusão, e a scena horrorosa.

Principiava a anoitecer, fortes aguaceiros, soprados por um vento impetuoso, o mar encapelado, quebrando com violencia contra o vapor, e trepando soberbo pelos rochedos, os passageiros que agrupados no convés bradavam por socorro, com vozes de angustia, que mais pungentes se tornavam no meio da tormenta das ondas e dos ventos—tudo contribuio para dar áquelle quadro o mais sinistro e aterrador aspecto.

Na terra a confusão e a consternação eram inexplicaveis. Todo o empenho se poz em estabelecer communicação de bordo para terra, por um meio de *vai-zem*—o que decerto se conseguiria, se não fôra a confusão produzida pela afflição e desespero, que reinava a bordo, onde todos em desordem com os mais enternecidos brados pediam socorro, de joelhos e com as mãos erguidas. Esta scena alumiada de quando em quando pelos palidos reflexos da lua, era de partir o coração!...

As catraias não podiam sahir, sem o perigo certo de soçobrarem, ou irem de encontro ás pedras—o escuro—da noite augmentava o perigo, e difficultava os meios de soccorro.

Cinco ou seis marinheiros do vapor lançaram-se ao mar, e poderam salvar-se.

O intrepido piloto da barra Manoel Francisco, deliberado a tudo arriscar para salvar os infelizes, que em lamentosos gritos chamavam o auxilio de Deus e dos homens, arrojou se a sahir n'uma catraia com 12 remadores, chegando com inauditos esforços a aproximar-se do vapor, que estava a pouco mais de 20 braças distante da terra. Pedio para bordo um cabo,

que lhe lançaram, mas mal a gente da catraia o tinha agarrado, os passageiros em montão correram todos a puxar a catraia para o vapor com intento de se lançarem todos n'ella. Vendo o piloto Manuel Francisco que deste modo se perderia a catraia, sem poder salvar-se ninguem largou o cabo, e toda a esperança se perdeu.

O vapor fazia muita agua já, o mar trazia-o em contínuo giro, o costado rangia estalando—a agua que entrara pelo rombo tinha já apagado as fornalhas e inutilizado a maquina, a corrente estalou, e o vapor foi levado pela corrente d'agua de encontro á lage da Forcada, a 50 braças da terra.—A catastrophe era já inevitavel. A confusão e os gritos em terra onde acudiu immensa gente da cidade e da Foz, e onde se achavam pessoas de familia dos desgraçados que estavam a braços com uma morte horrorosa, augmentavam ainda mais as difficuldades.

As mulheres e filhos dos catraeiros agarrados nelles, rogavam-lhes chorando, que se não votassem a uma morte certa.

Por outro lado as familias dos desgraçados que estavam a bordo, e todas as pessoas empenhadas em salval-os, pediam, rogavam, offereciam grossas sommas, mas tudo foi sem fructo. Alguns individuos se offereceram até a hir tambem nas catraias para animar, porém o aspecto de uma morte quasi certa, os gritos de suas mulheres e filhos, tolhiam a resolução aos mais ousados maritimos.

Eram 7 horas pouco mais quando o vapor desgarrou da pedra do Toiro. Accenderam-se em terra algumas fogueiras para se poder ver, e para servirem de guia aos naufragos que andassem a nado. Do paredão do castello, gritava-se por um porta-voz para o vapor, exhortando os infelizes a terem animo, esperan-

do-se que na baixa mar da madrugada se lhe poderia levar soccorro.

Porém o vapor ao bater na lage da Forcada, abrio-se-lhe na popa outro rombo, e principiou a mergulhar do lado da ré.

Neste momento os gritos de desesperação echoavam horriveis pelos ares.

Fizeram-se novas tentativas para resolver as catraias a sahir, mas tudo em vão—tentou-se lançar para bordo um fio por meio de foguetes para se lhe prender um cabo, porém os foguetes já porque tinham pouca força, já porque o vento lhe mudára a direcção, não venciam o espaço.

Alguns marinheiros portuguezes, e inglezes offereciam-se para remeiros, querendo afrontar todo o risco, mas não havia piloto para o leme, porque os praticos viam que era augmentar o numero das victimas.

Os passageiros tinham sido mandados para a ré, ficando na proa só os que trabalhassem; porém poucos minutos depois do vapor ser lançado sobre a Forcada, foi partido por um golpe de mar, resvalando todos os passageiros para a voragem das ondas, que separava as duas metades do barco, para nunca mais serem do numero dos vivos.

O piloto Antonio Pinto d'Oliveira, o contra-mestre, e mais oito homens da equipagem ficaram uns no mastro, outros no bôjo da prôa, unica parte do navio que ainda se via fóra da agua, luctando com os tremendos escarceos. Um golpe de mar arrojou sete destes desgraçados, que nadavam sem poder vencer a corrente, e sem que se lhes podesse acudir.

Pelas 10 horas rendeu o mastro, arrastando os infelizes que a elle estavam agarrados.

Os gritos lastimosos de *soccorro*, que até ali eram constantes, cessaram. A' meia noite, de meio cento de

vidas, apenas duas existiam agarradas a um lenho...

Pelas duas horas da noite, ouviu-se do lado da praia dos inglezes a voz d'um homem que nadava para terra; acudiram-lhe e foi soccorrido, chegando a terra pouco maltratado. Tinha sido dos tres que se conservaram no bôjo da prôa, tendo visto desapparecer os outros dois companheiros, que eram o dispenseiro Francisco, e o criado da 2.ª camara Ignacio. Teve a feliz lembrança de não demandar a praia mais proxima, que não teria vencido por causa da corrente, e nadou para a praia dos inglezes.

O piloto commandante chegou a nado a duas ou tres braças de terra, mas o resaque do mar arrastou-o outra vez. Tinha casado ha tres mezes.

A catraia do piloto Manuel Francisco conservou-se no mar até depois da meia noite, mas infelizmente não pôde salvar ninguem.

Uma das victimas desta horrivel catastrophe foi o sr. José Allen, director da Banco, que abraçado com as suas filhas, uma de 18 annos, outra mais nova, pedia na mais consternada afflicção aos marinheiros que lhas salvassem...

Porém a sua ultima hora estava marcada pelo dedo de Deus, e os homens nada podem contra os decretos da Providencia.

Os nove naufragos salvos são:—João Gaeiro, Antonio do Candal, e Lejos, fogueiros — Antonio José dos Santos, Manuel Fernandes Arrot, e Antonio Pinheiro Branco, fragateiros—e mais tres marinheiros.

Passageiros que iam a bordo do vapor e pereceram

Antonio Martins d'Oliveira.
Manuel José Rezende.
Anna Antonia.
Antonio José Placido Braga, negociante.
Dr. José Augusto da Silveira Pinto, delegado da 1.ª vara do Porto.
Antonio Acurcio da Silva.
Antonio de Pinho Branco.
José Maria d'Oliveira.
João de Pinho Alho.
Antonio José dos Santos.
José Gomes de Pinho.
Francisco d'Oliveira Gomes.
Padre Bernardo Antonio Pereira Leite de Carvalho, primo e capellão dos srs. Pintos Bastos.
Manuel d'Oliveira Novo.
Antonio Francisco Cançado de Brito.
Custodio Maria d'Oliveira.
Antonio José Moreira.
Pedro João Lafargue, mestre do cuter de guerra Andorinha.
João José da Costa Rezende.
João Manuel Vaz.
Joaquim Bernardes.
José de Freitas Oliveira.
Francisco Vieira de Sousa Oliveira, Director do Banco.
Francisco Luiz Pinto.
Bernardo Calverie, Commissionado de M. Mars6.
Antonio Pinto Teixeira.
Mr. Destrées, Consul Francez.

Francisco José Soares.
Antonio Soares Ribeiro.
Francisco Rodrigues Pereira.
Domingos Machado.
José Dias.
José Allen e duas filhas.
James Anderson, e seu sobrinho.
James Elmsly, negociante de Londres.
Uma Commissionada de Mademoiselle Elysa.
Dez carpinteiros.
Dois italianos, que andavam com um realejo e um macaco.
Um criado e uma criada do sr. José Allen.

Relação da parte da equipagem que pereceu

Piloto Commandante, Antonio Pinto d'Oliveira.
Um contra-mestre.
Piloto da barra, Joaquim Martíns Costa.
Dous Engenheiros, João Pedro e Domingues.
Tres dispenseiros e serventes, José Maria, Francisco e Ignacio.
Uma criada do camarim por nome Carolina.
Tres Fogueiros.
Dous Cosinheiros.
Tres marinheiros.

Soccorro! pedindo em vão,
Foram estes desgraçados,
Entre o rigor da tormenta,
No abismo sepultados!...

Ao contemplar o horrivel transe porque passou o negociante José Allen, que foi uma das victimas do naufragio, com duas filhas suas.

Triste pai quanto soffreste.
Quando da furia do mar,
As filhas caras salvar,
A esp'rança alfim perdeste!
N'aquelle transe são triste,
Que funda magoa sentiste!...
Ai quantas vezes morreste!!

Tua pungente agonia,
D'horriveis anciedades,
Entre duas tempestades,
Tão atrozmente crescia;
Uma que o mar açoutava,
Outra que não menos brava,
Dentro d'alma te bramia!?

Que estalar d'alma profundo,
Não sentiste oh! desgraçado,
Quando ás filhas abraçado,
Sem esp'rança já do mundo,
Sem apiedar os Ceos,
Mortalhado d'escarceos;
Rolaste do mar no fundo!!...

Reuniu horrores a flux,
Teu medonho passamento,
Pintando-o no pensamento,
Dos olhos nos foge a luz!!...

Oh como tu só sentio,
Aquelle que o Filho vio,
Tão martyr morrer na cruz !...

Um coração sensivel.

O *Periodico dos Pobres* de 30 de Março de 1852 relata a tremenda catastrophe pela seguinte forma:

«O vapor tinha sahido a barra domingo pelas 9 horas da manhã; mas levantando-se depois um fortissimo temporal do sul o vapor apenas fazia milha ou milha e meia por hora; estando hontem pelas 7 e meia da manhã a 3 legoas ao sul da Figueira, alguns passageiros, obrigarão o piloto que commandava a que arribasse outra vez ao Porto; erão 5 e meia da tarde quando a nevoa o deixou avistar já proximo á barra. O Piloto mór convocou os Pilotos, e decidiram unanimemente que se fizesse signal para que entrasse, o mar estava chão, e só desde o cabedello e na embocadura do rio picava bastante.

Pelas 6 horas, quando se julgava já ter salvado a barra, pois havia passado as ultimas lages, uma má direcção do leme, talvez a corrente, que era muita fez-lhe dar uma guinada para o sul sobre o cabedello; e conseguindo voltar a proa ao norte, atravessou uma lingua d'areia, onde perdeu o leme, foi bater a umas pedras, vindo encalhar á pedra do Toiro, em frente da casa que foi salva-vidas.

Ali quatro vezes o resaque da agua lhe voltou a prôa ao rio, e outras tantas ao mar, continuando todavia sem desgarrar do cachopo durante uma hora.

Nesta occasião o piloto de n.º o sr. Manoel Francisco Moreira numa catraia remada por 12 homens

fez todos os esforços por se aproximar do vapor, (que estava apenas a 20 braças da terra), mettendo a catraia por entre as pedras do salva-vidas; pediu para bórdo um cabo, e de lá conseguirão passar-lhe um delgado, mas alando com elle a catraia, e havendo muitas pedras entre o vapor e esta, vendo que era infallivel a perda da catraia, largarão-o. Os passageiros e a tripulação pedião soccorro, e Mr. Déstrées, consul francez, já despido, chamava pelo sr. Manuel Francisco, para que se aproximasse a recebê-lo; não foi porém possivel, tendo por duas vezes este ousado piloto corrido risco de vida e a sua gente, tendo-se-lhe quasi por duas vezes mergulhado a catraia.

A agua que entrava pelo rombo havia já apagado as fornalhas, e o vapor achava se sem leme e sem motor: a corrente levou-o sobre a lage da Forcada em frente do paredão do Castello, a umas 40 ou 50 braças de terra: do paredão se fallava por uma bozina para bordo, exhortando-os a terem animo, esperando que na baixa-mar, das 3 horas da madrugada o mar, que se havia levantado, cahiria, e poderião ser soccorridos: o sr. Capitão Machado, chefe da fiscalisação do contracto do tabaco, havia feito conduzir ás costas d'homens dois pequenos barcos para junto do paredão, com cabos e boias, para aproveitar o primeiro ensejo de lhes prestar auxilio, e não faltavam maritimos que se offerécessem para remeiros, e até alguns barqueiros portuguezes e marinheiros inglezes, querião affrontar todo o risco, se houvesse um piloto que fosse ao leme; mas os practicos viam que era uma temeridade sem proveito, e só iria augmentar o numero das victimas, e não se prestarão a guiar a catraia.

Os passageiros havião sido mandados para a ré, ficando só á proa os que trabalhassem; e poucos mi-

nutos havião passado depois do vapor ser lançado sobre a Forcada, erão pouco mais de 7 horas, quando um golpe de mar partiu o vapor pelo meio, e todos os passageiros, quasi que sem terem tempo de presentirem os seus ultimos momentos, resvalarão para a voragem d'agua que separava as duas metades do vapor, e ficarão sepultados nas ondas.

O piloto commandante, o contra-mestre, ao todo 10 homens da tripulação, ficarão no mastro da prôa em quanto não tombou e pelo bojo da prôa, unica parte do navio que a final se levantava da agua; assim estiveram até que um golpe de mar lançou fóra 7; viam-se nadar, mas sem se lhe poder valer.

Das 7 e meia ás 8 horas conseguiram ganhar a nado o paredão do castello e a praia proxima, com ajuda d'alguns cabos e boias, 6 homens e a catraia pôde receber mais 2.

Pela meia hora depois da meia noite, já havia total silencio nos restos do vapor, e já pouco delle se via fôra d'agua; recolheu então o muito povo que havia acudido ás praias, tanto da Foz como da cidade, donde, apenas se soube o risco em que se achava o vapor, partiram muitas pessoas em sege, a cavallo, a pé, e até em barco: mas alguns sugeitos, entre os quaes o sr. José Mendes de Carvalho, que se achavam ainda na praia dos Inglezes, pelas 2 e meia, ouviram a voz dum homem que nadava para terra e dizia ser do vapor; soccorreram-o, e o conduziram á hospedaria do Silvestre, cedendo-lhe para mais promptidão a sua cama o sr. abbade de Santo Ildefonso que havia hido á Foz logo que soube do conflicto. Foi tratado, e posto que viesse alguma coisa ferido, era de uma tal robustez que o trabalho do mar não o havia prejudicado sensivelmente, nem enfraquecido a voz.

Tinha sido dos 3 ultimos que se conservaram no bojo da proa, e tinha visto perecer a seu lado os outros 2 companheiros, o dispenseiro Francisco e o criado Ignacio: depois vendo que o unico refugio era nadar, teve a boa lembrança de não demandar a praia mais proxima, pois não teria vencido a corrente, e nadou apegado a uma taboa para a praia dos Inglezes.

O sr. abbade de Santo Ildefonso, e outros cavalheiros que alli se achavam, quotisaram-se numa subscripção, para soccorrer com alguma roupa e dinheiro o naufrago.

O capitão Costa não tinha hido commandar nesta viagem o vapor, porque se ficara preparando para na volta o levar á Inglaterra onde hia receber caldeiras e concertar a machina: hia a commandar em seu logar o piloto da barra que trazia a bórdo, Joaquim Martins de Carvalho, com um marinheiro sobrinho do capitão Costa; é a ser governado o leme por este piloto, e não pelo contra-mestre que era mais entendido, mas que sendo medroso e vindo com dores de cabeça vinha na proa, que se attribue o sinistro na entrada.

O piioto commandante suppõem-se que foi um dos que chegou a nado a 2 ou 3 braças da terra, mas que no resaque desappareceu. Pelas 3 horas tinha de todo desapparecido o casco e mastros do vapor.

Geralmente se suppõe que teria sido mui facil salvar todos os passageiros em quanto o vapor esteve varado na pedra do Toiro em frente da casa que foi salva-vidas, se houvesse, como já houve, um obuz que lançasse de terra cabos para o navio; mas estes aprestes que existiam com muitos outros, e uma casa para soccorrer os afogados, tudò se vendeu e se extraviou durante e depois do cerco!

Esta manhan o mar tem lançado á praia muita madeira do casco; os mastros, um bordo inteiro, com o cobre que o forrava; alguns bahus de passageiros, e outros objectos.

O sr. guarda mór da alfandega, que hontem á noite ali compareceu, fazia pôr tudo isto em cautella, para o que alli estavam guardas da alfandega e alguns municipaes. Ainda nenhum cadaver appareceu.

O sr. governador civil, secretario geral, director da alfandega, tambem estiveram á noite na Foz.

Os 9 homens salvados são—3 fogueiros João Gaeiro, Antonio do Cardal, e Lejos; os 3 vareiros fragateiros Manoel Fernandes Arrot, Antonio José dos Santos, e Antonio Pinho Branco—3 marinheiros, um delles, do Candal, que é o que se acha na hospedaria do Silvestre.

Entre os passageiros falleceu o sr. José Allen (director do Banco) com 2 filhas, sendo a mais velha de 18 annos, em cuja educação se havia esmerado, havendo-a tido 4 annos em França num collegio, e outros 4 em Inglaterra; e outra de pouca edade — o consul da França, Mr. Déstrées, que por suas maneiras e acçoens cavalleirosas havia ganhado a estima dos portuenses, a alguns dos quaes valeu em occasiões criticas de commoção; o sr. José Augusto da Silveira, delegado do Porto; o sr. Vieira Oliveira, director do banco; e o sr. padre Bernardo, capellão dos srs. Teixeiras Pintos. Hiam tambem os dois commissionados do sr. Marsóo nesta cidade, e a commisionada de mademoiselle Eliza.

Não pode ser maior a consternação que a noite d'hontem veio causar ao Porto; sendo para a cidade este dia já de tristes recordaçoens, por ser o anni-

versario da entrada dos francezes, em que tantos de seus filhos pereceram na ponte do rio Douro.

Na Foz, numa barra tão perigosa não ha uma casa para prestar auxilios aos naufragos; não ha cabos nem meios de os mandar ás embarcações em perigo; não ha meios alguns de prevenção! «*Tudo havia, e nada existe; vendeu-se e se extraviou.*»

O *Portugal* de 30 de Março de 1852 publicou o seguinte soneto:

29 de Março de 1852

Quando recebi a noticia da perda do vapor, onde morreu o meu chorado amigo José Augusto da Silveira Pinto.

Senhor! Vós que sopraes a tempestade,
Cavando abysmos sobre o mar irado,
Ouvide os roucos sons do afogado,
Que geme nos humbraes da eternidade!

Nesses trances crueis d'anciedade,
Rolando contra a rocha espedaçado,
A prece, que murmurou o desgraçado,
E' grito de perdão!... meu Deus!—piedade!

Perdoai-lhe, Senhor! Ouvi, piedoso,
O brado d'afflicção, que manda aos ceus,
O filho, o amigo, o irmão mais carinhoso!

Ouviu-lhe o seu clamor entre escarceus;
Pois, naquelle morrer angustioso,
Bradou-lhe o coração—«Perdão, meu Deus!»

Camillo Castello Branco.

NAUFRAGIO
DO
BRIGUE DE GUERRA MONDEGO

NO OCEANO INDICO A 22 DE JANEIRO DE 1860

Excerpto do livro do Sr. D. Antonio da Costa — «José de Castilho o Heroe do Mondego»

Lisboa — 1909

Naufragio

Finalmente o *Mondego* levantou ferro. Era o dia 1.º de dezembro de 1859.

Tendo salvado á terra com 21 tiros, largava das aguas da China depois da prolongada estação de quatro annos e seis mezes. Com as quatro mestras e os joanetes corria ligeiro, impellido pelo vento rijo da monção sempre favoravel, que rasgando o mar n'uma carreira veloz de nove milhas os deitou para alem dos parceis, chegando em seis dias ás alturas da Singapura. Parecia que o *Mondego* ia alegre como os seus tripulantes, e que levava tambem, como elles, o alvoroço de rever a patria.

Se o vento o favorecia, a queda de um grumete ao mar, onde se afogou, e o fallecimento do facultativo agouraram fatalmente a expedição.

Arribando no dia 10 a Singapura para reparo de uma pequena avaria na costado, fizeram-se á vela no dia 20. Logo no estreito lhes principiou o vento ruim.

Seguiu a viagem sem contras durante um mez. Ia, porem, peiorando o tempo.

A 19 de janeiro levantou-se um temporal de leste.

O brigue começou a fazer agua, por se terem sol-

tado a bombordo algumas tabuas do forro exterior.

Estavam no oceano indico.

O vento continuava de temporal e no dia seguinte havia muito mar. Tinha-se soltado todo o forro de bombordo e augmentava a agua no porão.

A's 8 horas da noite abriram a escotilha de prôa, para irem tirando, a baldes, a agua invasora. Desde essa hora o estado do navio foi considerado perigoso. Todos os officiaes se lançaram a trabalhar com os marinheiros.

No dia 21 a agua principiou a penetrar por outros logares alem d'aquelles por onde entrava até ali.

Não cessavam um instante os esforços para o estancamento. As complicações augmentavam de hora para hora. Crescia a difficuldade de dar vasão á immensa quantidade de agua que invadia o brigue. O sangue frio era geral, mas era geral tambem a inergia no trabalho, que o amor á vida inspirava.

Não havia ainda a imminencia do perigo, mas havia já a solemnidade d'elle.

Nenhum o dizia aos companheiros, mas cada um no meio da sua fadiga lançava a vista até onde ella se podia estender.

Nem uma véla!

A noite de 21 para 22 foi já afflictiva. Estavam todos apprehensivos como homens, mas serenos e dignos como maritimos portuguezes. Esperança de se salvarem não restava nenhuma; a guarnição toda empregada nas bombas, nem sequer conseguia já conservar a agua na mesma altura; crescia, crescia sempre. Terra onde arribassem, nem pensar n'ella. Navio que os viesse salvar, menos ainda, porque em alturas taes do oceano indico, raro é o encontrarem-se. Salvação do proprio *Mondego*, impossibilidade igual.

O navio estava perdido.

Que noite a de 21 para 22!

Era-lhes cada vaevem da bomba um aperto doloroso do coração. Cada balanço mais forte os fazia estremecer.

Rompia a madrugada de 22 havendo muita agua no porão; mais rombos no costado deixavam-a entrar a jorros pelas táboas podres que successivamente iam caindo. Os officiaes e os marinheiros já trabalhavam descalços.

A' agua que invadia o navio por todo o longo do costado veiu juntar-se a tempestade, que tinha principiado a desencadear-se nos dias anteriores, e desencadeada se ia conservar em todo aquelle dia tremendo. Horrorisava descer ao porão e ouvir o rugido ameaçador da agua que se precipitava de um lado para o outro com os balanços agitados pela tormenta.

A desesperança era geral.

Se o navio, porem, se estava irremediavelmente perdido, não estava separado da vista de Deus; e que os naufragos ergueram para elle o pensamento provam-o as cartas que depois escreveram a suas mães.

Por sobre a perda do brigue, impossibilidade de terra a que aportassem, e desesperança em navio estranho que lhes acudisse, velava a Providencia.

A's cinco horas da madrugada quando a tripulação se julgava desamparada de Deus e dos homens, divisou-se uma sombra na extrema do oriente.

Era uma véla.

Foi uma electricidade geral. Os nossos irmãos abraçaram-se. Pelo pensamento de todos correu-lhes instantemente uma saudação a Deus, e um sorriso á lembrança de suas mães.

A barca precedia-os no mesmo rumo com as gaveas nos ultimos rizes. Levava uma distancia immen-

sa. Chegaria o navio a vê-los? e, vendo-os, quereria retroceder para os vir salvar?

Reanimaram-se, porem. Largaram o panno todo, içaram a bandeira portugueza ao som de um tiro de peça, e levantaram no lais da gavia o signal de: «*Estamos em grande perigo*».

Eram nove horas e meia.

O navio avistou-os. Ouviu o tiro de peça, que é a voz dos mares, e apesar tambem da anciedade propria pelo estado em que navegava no meio da tormenta, poz-se á capa, no intento de que o navio em perigo se approximasse.

A's onze horas e meia o *Mondego* pôde passar por diante da barca, e foi então que esta o reconheceu por um navio de guerra portuguez. A barca era americana. Dentro em pouco nos vae ser conhecida a grande alma que o commandava.

A barca perguntou: «*Que desejam?*»

O brigue, decidido o abandono, vista a inutilidade dos esforços quasi sobrehumanos empregados até ali para o salvar, e perigando a vida de todos com qualquer demora, respondeu: *Salvar a minha tripulação*».

Mas ao mesmo tempo que respondia isto, e por uma contradicção apparente, correu logo com a maior velocidade para longe da barca. No interior do navio a anciedade geral era extrema, e Castilho declara n'uma carta posteriormente escripta á mãe, que tendo de mostrar todo o sangue frio para exemplo da guarnição, a lembrança da familia lhe opprimia a alma pelo desgosto que lhe daria se se não tivesse podido salvar.

O *Mondego* vira-se obrigado a afastar-se, porque, cheio de agua, sossobraria immediatamente se não corresse com o vento.

O capitão da *Uriel* não desanimou. Vendo diminuir o *Mondego* e continuar a fugir, foi elle então que se apressou a correr para o brigue. Era entre ambos um desafio, não de morte, mas de vida.

O brigue tinha alijado a artilheria, as balas e metralha. O capitão americano redobrou de esforços para o seguir. Finalmente, meia hora depois os dois navios conseguiam approximar-se um do outro, guardando todavia uma distancia necessaria.

Surgiu então novo obstaculo As ondas revoltavam-se com furia tal, que os do *Mondego* não sabiam como as houvessem de vencer para facilitar a passagem, e comtudo os momentos eram preciosos. Cada instante de demora podia custar as vidas.

Não havia que hesitar. O *Mondego* appelou para os escaleres, apesar de se não poderem suster, com o horroroso temporal. O mar levantava-se em montanhas e ameaçava engulir os que se lançassem sobre elle. Com difficuldade extrema arrearam o escaler pequeno e a lancha.

Todos os officiaes se tinham sempre havido dignamente n'aquelles dias de transe, mas n'este momento principia o grandioso papel de José de Castilho.

O commandante, dirigindo-se a elle, encarregou-o de conduzir as mulheres e os doentes, perguntando-lhe se se atrevia a conduzi-los no escaler pequeno.

Castilho respondeu-lhe que immediatamente cumpriria a commissão, duvidando todavia do bom resultado.

Saltou para o escaler.

A muito custo e com muito perigo desceram as mulheres e os doentes. Elle mesmo tinha ficado algum tempo dependurado de uma das talhas.

O escaler largou e seguiu por entre montanhas de agua, que encobrindo os dois navios, pareciam que-

rerem-se fechar sobre elle. A lancha, commandada pelo segundo tenente Santa Barbara, largou em seguida.

Quando aquelles dois pontos negros atravessavam o oceano, aprumavam-se as vagas a vinte e cinco pés de altura! A lancha, momentos depois de chegar á *Uriel*, despedaçou-se de encontro ao costado.

Castilho, chegado depois da lancha de Santa Barbara, largou de novo e antes d'elle para o *Mondego*. Santa Barbara, apoderando-se do terceiro escaler, que chegára, partiu para o *Mondego* tambem.

A meia distancia dos dois navios, e posto que empregados esforços supremos, Castilho não podia romper com o seu escaler.

Os quatro remadores, apesar de vigorosos e affeitos á dureza d'aquelles trabalhos, banhados em suor, peitos arquejantes, respiração comprimida, exhaustos de forças e de animo, declaravam-lhe que já não tinham braços para vencer aquella tormenta. Castilho via os navios cada vez mais distantes e os remadoses n'aquelle estado. Animava-os, e sempre ao leme, era forçado a aproar de espaço a espaço ás vagas maiores que se erguiam quasi a prumo, como uma extensa muralha, na frente do escaler. Estava a duas milhas, e no perigo mais eminente. A *Uriel*, vendo-o perdido, pôde marear para elle, e salvou-o milagrosamente, recebendo-o quasi sem sentidos. Eram quatro horas.

O *Mondego* ia diminuindo cada vez mais. A agua tapetava-lhe já a coberta. Em cima do tombadilho içavam e arriavam a bandeira, e acenavam com os lenços.

Castilho fôra salvo pela *Uriel*, mas o seu coração estava no *Mondego*. Momentos depois de entrar na barca viu despedaçar-se o escaler, mas não pãctuou

ainda, e apesar de extenuado vae tentar o impossivel pela terceira vez.

Achava-se já sem escaler e sem lancha. Dirigiu-se então ao capitão da *Uriel*, e pede-lhe o seu primeiro escaler.

O capitão recusa-lh'o, advertindo-lhe (palavras textuaes): «Que era um acto de suprema loucura sacrificar vidas por aquelle mar.»

Castilho insiste, lavado em lagrimas, e implorando em nome de Deus. O capitão sente a alma n'um combate; quer e não quer; por fim cede internecido, mas só com equipagem de remadores voluntarios.

Castilho abraça-o, e agradece-lhe.

A tempestade continuava tremenda. No céu amontoavam-se nuvens sem fim, umas esbranquiçadas e alastrando-se em toldo immenso, outras em negrumes que se diriam castellos a despenharem-se. Os vagalhões verde-escuros ennovelando-se uns sobre os outros, parecendo ameaçar as nuvens, vinham depois desfazer-se ruidosamente em mares de espuma, de que renasciam novos vagalhões. Açoitava as aguas um violento furacão em escorcéus enormes, assoviando a ventania com sons variados e em todas as direcções. O movimento do mar tornára-se tão forte, que a propria *Uriel* por vezes mergulhava completamente a prôa. A claridade não passava de um crepusculo; e no centro d'aquelle mundo de desolação, esquecido e separado do nosso mundo, dois navios em convulsões, o *Mondego* cada vez descendo mais e pedindo entre agonias soccorro aos seus irmãos, a *Uriel* querendo acudir-lhe e extorcendo-se como uma serpente do oceano. A tempestade rugia toda ao mesmo tempo.

José de Castilho, no portaló, quasi descalço, quasi despido, com o braço apontando para o *Mondego*, convidava os seus marinheiros, já salvos por elle, para

o acompanharem a ir tambem salvar os que restavam. Todos os olhos de portuguezes e americanos se fitavam n'elle espantados. Não era o moço lymphatico e franzino que ali se achava no meio da propria tempestade; era um heroe.

Quando acabou de convidar os seus, já estava saltando para o escaler. Os marinheiros portuguezes ouviram fascinados aquella voz. Cinco filhos de Portugal, com os remos nas mãos, saltavam após elle.

O escaler, porém, não resistiu á tormenta. Despedaçou-se, despenhando todos os reis nas aguas. Tres afundiram-se immediatamente. Derrame Portugal sobre a memoria d'aquelles martyres uma lagrima de honra. Dois salvaram-se a custo. Castilho pôde suspender-se ás talhas, ficando meio afundido. Quando o navio inclinava, chegava-lhe a agua até acima da cintura. «Foi n'esse momento (escrevia elle depois a sua mãe) que pensei verdadeiramente na morte; já sem alento, fraquejavam-me os braços, sentia-me desfallecer, mas tive um momento nervoso, que me deu forças para subir, e salvar-me.»

Salvo outra vez, cahia desfallecido nos braços da guarnição. Tinha sido entalado entre o escaler e o costado do navio.

Reanimando-o a idéa em que labutava, bem que exhausto quasi de forças, e mal podendo suster-se em pé, tornou-se ao capitão, e implorou-lhe o seu segundo escaler.

O capitão estava absorto.

«Por mais que pedisse a Castilho (refere elle textualmente) e o persuadiu, a sua unica resposta era que não podia, nem devia, abandonar o seu commandante e os seus camaradas.»

— «Pois sim, lhe respondeu, porque já não sabia dizer que não áquelle valente, cedo o segundo esca-

ler á vossa loucura, mas só com voluntarios vossos: não tenho direito de arremessar a minha gente para morte certa.»(1)

Arreou-se o outro escaler da *Uriel*, o qual cahiu precipitado; mas d'esta vez já voluntario nenhum se atreveu a seguir Castilho.

Chegava n'esse momento o terceiro escaler do *Mondego*, commandado pelo tenente Santa Barbara. Castilho, apesar do estado em que se achava, tratou ainda de reconduzir o escaler do *Mondego*, mas este foi tambem macerado de encontro á galera.

Esvaira-se o ultimo raio de esperança áquelle moço. Tinha despedaçado a seus pés a lancha e os escaleres em que havia salvado uma porção dos seus compatriotas, e diligenciado salvar a todos, com perigo imminente de vida, durante umas poucas de horas. Já lhe não restava para onde appellar.

Então, como sempre acontece, quando após os esforços de uma extrema luta se perde a esperança, o espirito desalentou-se-lhe, as faces empallideceram-lhe, todo elle estremeceu, os pulmões comprimidos expelliram a primeira golfada de sangue, o martyrio que alem estava trespassando as almas de todos aquelles paes, filhos e esposos, sentiu-o elle concentrado na sua, cairam-lhe os braços, e fixando os olhos no *Mondego*, como n'um ente querido que se vê nos extremos da agonia, assim ficou a olhar para o seu brigue sem poder arrancar os olhos d'elle!

Dentro do *Mondego* a agua crescia sempre de uma maneira espantosa. Desde as cinco horas que as bombas, por deterioradas, tinham cessado de trabalhar.

(1) Carta do capitão da *Uriel*, de 14 de fevereiro de 1864, publicada no *Diario official* do imperio brazileiro de 27.

Não se havendo podido concluir a jangada, a canôa acabava de chegar á *Uriel*, trazendo o commandante e officiaes no intento de virem renovar as diligencias para voltarem a salvar o resto da tripulação. Infelizmente foi já sem resultado esta ultima tentativa. A canôa despedaçou-se logo tambem. Estava já cheia de agua a coberta do *Mondego*.

Os balanços demorados indicavam os ultimos momentos do moribundo.

Depois oscillou, foi adornando para bombordo, e sumiu-se no oceano, sepultando comsigo quarenta e quatro irmãos nossos...

Eram seis horas e um quarto. A guarnição portugueza deu instantaneamente um grito de horror e de afflicção. Via succumbir os companheiros de quatro annos de alegrias, de tres dias de trabalho mortal, e de algumas horas de esperança. Pelas faces bronzeadas dos nossos maritimos começaram então a correr as lagrimas.

O capitão da *Uriel* mandou navegar para o sitio da catastrophe, accender as lanternas de bordo, e collocar vigias em differentes pontos do navio.

Castilho permaneceu no couvés toda a noite, a vêr se poderia ainda acudir a algum naufrago. Cada ruido do mar lhe parecia uma voz conhecida que lhe pedia a mão. Traziam-lhe gemidos aquellas ondas.

A madrugada rompeu, e nem sequer um cadaver! O mar das Indias guardara o seu segredo.

Grande alma: O capitão Walker

O dia como que os despertou de um sonho.

Cessara a ventania, tinha-se desannuveado o céu, já se não encapellavam as ondas, o sol derramava os raios brilhantes sobre todas aquellas aguas. A' tempestade dos dias anteriores succedia a bonança.

A transformação benefica em circumstancias taes, era ainda mais sinistra para os naufragos do que a propria tormenta. Quando padece o coração, a alegria da natureza afigura-se-nos uma gargalhada, em quanto que, se o astro se véla entre nuvens, as gotas que d'ellas cáem temo-las pelo pranto amigo que vem carinhoso fazer companhia ás nossas lagrimas.

Quem os tinha recolhido?

O que ia ser feito d'elles?

Estavam na barca americana *Uriel*, e viam diante de si, dirigindo a tripulação, o capitão Walker e dois pilotos.

O capitão Walker, moço de trinta e um annos, era uma alma nobre, como havemos de ver.

No primeiro piloto Thomás Henrique Griffin encontram um homem franco, jovial e destemido, um maritimo na força do termo.

O segundo piloto, Agostinho Hall, estreára-se n'uma companhia de cavallinhos, passára a ferreiro, carpin-

teiro e engenheiro de locomotivas e vapores, subira a policia na Australia, transformára-se em tocador de sanfona na America, fôra ainda depois soldado de cavallaria ingleza na India, onde ficára crivado de ferimentos, e n'aquelle momento achava-se até nova transfiguração, segundo piloto da *Uriel*.

Pelo correr da manhã fez-se á véla a *Uriel*, para desembarcar os naufragos na ilha Mouricia, desviando-se do destino que levava, pois que vinha de Calcutá e se dirigia a Boston. Além de serem tratados pelo capitão Walker como verdadeiros irmãos, acharam em ambos os pilotos acolhimento sincero.

Com o exemplo dos seus superiores, a guarnição americana recebêra os naufragos bondosamente. Haviam perdido tudo: fato, economias de quatro annos, livros e até as recordações indias e chinezas, que traziam ás familias. A barca bemfazeja, que ia ali cortando os mares, fôra para todos elles mãe salvadora e carinhosa.

Fundeando em Porto-Luiz, capital da ilha Mauricia, no dia 31 do mesmo mez de janeiro, desembarcaram a 3 de fevereiro, apenas com o que tinham no corpo na occasião do naufragio.

Encontravam uma ilha formosa, uma cidade de aspecto grandioso, luxo quasi sem límites, os homens e as senhoras trajando á pariziense, e um incessante formigar de carruagens.

Desembarcada que foi, a officialidade do *Mondego* dirigiu uma carta ao capitão da *Uriel*, Thomás Walace Walker, pedindo-lhe que «recebesse os mais ardentes testemunhos de reconhecimento e de eterna gratidão pela maneira como os livrou da morte, e pelas attenções incessantes que lhes liberalisou desde que tiveram a fortuna de entrar como naufragos a bordo do seu navio.»

Em consideração ao procedimento exemplar do capitão Walker, mal chegou a Portugal a uoticia do horroroso successo, assignava el-rei o decreto de 2 de abril do mesmo anno de 1860, dictado com expressões honrosas para aquelle nobre maritimo, e condecorando-o com a ordem da Torre e Espada.

Os dois immediatos, Griffin e Hall recebiam a medalha de distincção para recompensa do merito, philantropia e generosidade, e o nosso governo pedia ao dos Estados Unidos que patenteasse áquelles homens benemeritos o agradecimento da nação portugueza.

A 6 de fevereiro, tres dias depois de desembarcarem os naufragos na ilha Mauricia, a barca *Uriel* largava para o seu destino.

Capitão Walker: seguieis o vosso rumo; pede-vos a vida uma embarcação moribunda, e mesmo com perigo do vosso proprio navio, correis sem hesitar em soccorro dos infelizes que appelavam para vós. Um official destemido implora-vos os vossos escaleres, e deixa-los despedaçar em nome só da esperança de um heroe. E em qualquer dos pontos do risco imminente em que n'aquelle dia horroroso se encontram sobre as lanchas os pobres portuguezes, voaes a salva-los. Déstes a vida a sessenta e seis moribundos que, sem vós, teriam perecido todos, e a vossa barca hospitaleira, de braços abertos, foi-lhes a arca santa onde nasceram pela segunda vez. Desviastes o vosso rumo, para os levar a porto de salvamento. Estavam famintos, despidos, descalços, e vós, homem do evangelho, agasalhastes os pobres naufragos, déstes-lhes toda a vossa roupa, todo o vosso calçado, quando já não tinheis mais que lhes dar, ainda déstes o exemplo á vossa tripulação, que vestiu e calçou a nossa. Não mandastes só que os vossos inferiores tratassem dos nossos doentes, era pelas vossas proprias mãos que

elles recebiam carinhosamente o curativo e o alimento. Chega a hora da despedida, e abraçaes a um e um os infelizes com uma commoção attestada por todos elles. Já vinham no mar a meia distancia para a cidade, e ainda por tres vezes os cumprimentastes com a bandeira da vossa briosa nação. Não vos era possivel já abraçá-los, e ainda vos achaveis ao vosso portaló, cessando só de acenar com o lenço quando os não podieis avistar, e ficaste considerado por cada um d'aquelles a quem salvastes «um dos homens raros no mundo, o anjo bom que lhes appareceu». Não fostes só um maritimo arrojado, fostes tambem um coração admiravel.

Se algum dia, capitão, chegarem estas pobres linhas ao vosso conhecimento, e se vossa mãe ainda viver, dizei-lhe que as mães portuguezas lhe enviam os seus sorrisos, como a vós vos cobrem com as suas benções.

RELAÇAM

DA

Prodigioza navegaçam da Nao chamada

S. PEDRO, E S. JOAM

Da Companhia de Macao,

Por merce da milagrozissima Imagem

DE

N. S. DE PENHA DE FRANÇA

Venerada Protectora das Naos de Comercio deste Reino, e singular amparo de todos os Navegantes nas suas viagens.

Com a cxemplificaçam, e pintura da grande Cobra, que se achou na dita Nao, e se criou dentro em huma pipa de agoa; a qual Cobra veyo tranquillamente na sua companhia, e se matou dentro na mesma Nao anchorada uo porto desta Cidade de Lisboa, onde foi vista, e admirada por monstruozo bicho; o que tudo se atribuhio a prodigio, e merce da mesma milagroza Senhora.

Nella se dá huma rara, e exacta noticia da criaçaõ do mundo, e produçaõ de todas as Cobras, e Serpentes desde a sua criaçaõ, ou dia quinto, em que Deos Senhor nosso criou todos os animaes, e primeiro, que todos aos animaes reptis.

Dasse tambem nella noticia de dois prodigios da mesma Senhora no mar, e da gratulatoria festa, que lhe fizeraõ na terra, e na sua Igreja os seus devotos navegantes de Macao.

Escrita por hum devoto domestico da mesma Senhora

RICARDO FINEÇA FASCUNH.

LISBOA:

Na Officina de Jozé da Silva da Natividade, anno de 1743.

Com todas as licenças necessarias

Criou Deos Senhor nosso esta admiravel fabrica do mundo cheia do varias especies, e singulares producções; e para maior variedade do mundo, e melhor formuzura do universo, criou nelle, tudo quanto podia ser util, e deleitavel, variavel, e vizivel. No primeiro dia a empenhos da sua Divina Omnipotencia, e desempenhos do seu grande poder, criou este mundo todo; e nelle se divizou logo a terra, e admirou o Ceo. Para nelle tudo ser vizivel, e se ver nelle o variavel, logo Deos, como Divina luz, dividio as sombras das luzes, para se ver tambem neste mundo hum assombro da Omnipotencia Divina. Fez logo nelle a luz generica, de que logo criou as tres species de luzes, Sol, Lua, e Estrellas, collocando logo todas essas luzes nos logares mais proprios dos seus resplandores; não só para ornato dos Ceos, mas para divizão dos tempos, e medição dos dias.

Esta foi logo a primeira fabrica, ou factura singular do primeiro dia.

No segundo formou Deos o firmamento, onde collocou as luzes, e logo dividiu nelle tambem as agoas superiores das inferiores Elementais, e fabricando assim o Ceo Cristalino, criou tambem o cristalino espelho das mesmas agoas. Este como fabrica muito grande no vastissimo elemento das agoas, foi só o seu unico empenho do segundo dia.

No terceiro ajuntou as aguas todas, que tinha criado debaixo do Ceo, e as collocou em hum lugar da terra, que logo appareceu firme, e estavel, seca, e arida. Assim apellidou Deos logo a terra, e á Congregação das aguas chamou mares; equivocando logo o seu nome proprio de «maria», ao soberano nome de «Maria» Senhora mais poderosa das agoas. Para singularizar este poder da Senhora com o titulo da «Penha», na divisão do Ceo a terra, do firmamento das agoas do Ceo, ao firmamento no meio das agoas, pôs logo no mundo huma Penha figura da Senhora, para ensinuar nella, e na sua Imagem da Penha o seu poder; e para mostrar, que o nome «maria» ou «Maria» era proprio da Senhora da «Penha», logo na criação do Ceo, e da terra, pôs a Penha na sua Imagem no meio dessa sua fabrica, como medianeira dos homens da terra, para conseguir os empenhos do Ceo; foi contemplação do veneravel Beda: «Posuit Dominus altissimam Rupem tanquam inter Coelum & terram. Maria virgo, ut durissima Rupes» disse hum Douto da Religião de S. Agostinho Carlos Wanhoru, no seu celebrado «Marial», e literaria Cornucopia, que como a esta Religião, por ser proprio das Aguias pertence a Penha da Senhora; só della, e de um seu escriptor de França, havia ser tão singular esta authoridade, que he a unica para a Senhora da Penha o

que não descobriu para a sua Polynthea Moriana a vastissima indagação, e devoção aos singulares titulos da Senhora, o grande seu escriptor Marracio. Na terra, despois de vista aquella Penha natural Imagem da soberana Penha da Senhora, criou logo Deos toda a variedade singular de flores, arvores, pomos, e frutos para regalo dos homens, e delicia do seu gosto; e porisso tudo produziu logo a terra a gosto de Deos, e mais dos homens; este foi o empenho, e desempenho do terceiro dia.

No quarto para maior formozura do mundo, e distincta variedade das suas formozas partes, fes Deos aquellas duas tão grandes luzes, ou aquelles dois Luminares a todas as luzes grãdes, o sol, e mais a lua; a lua para lus da noite, o sol para resplandor do dia; formando tambem logo com esse globo brilhante das estrellas, ou as estrellas, que collocou no mais luzido globo; e assim luzio essa brilhante obra de Deos no quarto dia.

No quinto porem, e antes de todas as mais criaçoens terrestes, e volateis; antes de criar as aves do Ceo, e aparecerem na terra os animais e tantos, que produs, e andão tanto na terra; as primeiras couzas, ou produçoens, que andam aparecerão nella forão logo as sevandijas todas, que assim se chamão a todos os bixos da terra, criando Deos, e aparecendo nella primeiro, que tudo os animais reptis, ou os bixos, que reptam sobre a terra toda; assim o pode ver no genesis todo o escripturario, ou coriozo.

Chamão-se reptis esses bixos, ou animais, porque não lhe dando Deos pés para andar, tanto andão de rastos na terra, e arrastão tantos, não só animais, mas homens com a força da sua natural crueldade, e violencia. Este nome reptil, que se diriva de reptar, he nome generico a todos os animais, e sevandijas, que tan-

tos andão na terra, não sem pés, nem cabeça, mas alguns com cabeça, mas essa má, e sem pés, nem maos, nem bons.

O Doutissimo P. Nieremberg coriozo investigador das naturalidades, fallando desses reptis diz assim. Nao criou Deos os reptis na terra sem uzo da natureza, nem elles engradecem menos a Magestade de Deos, ou a grandeza do Senhor com a sua humildade, nem ainda com a mesma peste dos seus venenos deixão de ostentar a bondade de Deos; porque o mesmo Omnipotente Senhor sabe calcinar essas pestes, e permitir esses pessimos, porque não só ao Divino, mas ao humano servem os mesmos venenos de remedios, servindo o mesmo veneno mortifero da melhor triaga para a medicina. Quiça por isso diga o commum proloquio fundado, em que Deos não cria couza má que não ha no mundo couza tão má que não tenha tambem alguma cousa boa; não fallando só da bondade transcendente, que se acha em toda a entidade, ou ente, que Deos cria; e ainda nesses sevandijas da terra de tão pouca entidade.

Desses animais propriamente reptis, porque sem pés são quatro as mais vulgares, e sabidas species nas suas produçoens, serpentes, viboras, cobras, ou cobrinhas, a que chamamos anguilas.

Serpentes, que no latim se chamão serpens, nome proprio de quem serpa, ou separa a terra sem pés, e anda derastos. A cobra segunda specie tem este nome, que no latim he coluber, porque he muito amante das sombras, e escuridades, e porisso ordinariamente vive nos bosques, buracos, ou covas subterraneas.

A cobrinha pequena, a que damos propriamente o nome de anguila, e no latim se chama anguis. Tem assim este nome, porque é toda anguloza, ou consta

de varios angulos, com que anda sempre enroscada; porisso habita ordinariamente nos angulos, ou cantos da terra, e das cazas, quando são manças, e domesticas, ou nos cantos, e recantos do mar, e dos rios. A vibora finalmente, que sendo mais pequena, e couza mais redicula, como redicula, que he, he mais pessonhenta, e por pequena, que he, he mais animoza. No latim se chama vipera, ou vivipera, porque produz, ou pare as suas viboras com muita força; ou porque sempre vivo, e muito vivo pare o parto, que lança, e porisso he tanto, e mais, que das outras cobras a sua viva produção.

Da terra, e na mesma terra criou logo Deos no principio do mundo toda essa produção, e quantidade de sevandijas, de que estão cheas as terras todas. Porem não só da terra, mas de tanta sevandejaria, que se cria nella, fórma a mesma natureza estas, e semelhantes produçoens. Do sangue de muitas aves, e de outros animais, e bichos afirma Democrito, e confirma Plinio a sua produção. Tambem se gerão, ou criam de cadaveres humanos, e principalmente da medulla do espinhaço corrupto; e assim o mostra a experiencia nas covas, e cemiterios, e o afirma Plinio, Plutarcho, Eliano, Camerario, e outros muitos, a que alludio Ouvidio, quando assim o decantou no livro 15 dos seus Methamorphozes.

Sunt, quoe cum clauso putrefacta estspina sepulchro
Muttari credant humanas angue medullas.

Da podridão da materia terrestre, ou da corrupção da mesma terra nascem nella semilhantes sevandijas, animais, ou bichos, no seu mundo subterraneo assim o afirma o P. Kircher, e tambem de muitas plantas, principalmente da salva seca, ou podre, e de outras muitas ervas, e cousas estercorais.

Avicena afirma, que dos cabellos das mulheres se podem gerar sapos, e lagartos, e criar cobras, ou bichos; porque para semilhantes produçoens, são mais humidos por natureza. Supposto isto, não parecerá já fabula, que Medusa tivesse cabellos de cobra, ou que por castigo da Deoza Minerva se lhe convertessem em peçonhentas cobras os seus cabellos loiros, que tanto namorarão ao Deos Neptuno, e erão os mais famozos laços, e amantes prizoens de quem admirava na sua formozura rara a singularidade dos seus cabellos.

Por causa da sua humidade, porque della se crião, e podem criar estes bichos, são estas produçoens mais proprias, e mais comuas nas terras alvas, que nas pretas; porque como o temperamento da terra preta he mais solido, e seco, o temperamento da terra branca he mais frio, e humido, porisso as serpentes, cobras, lagartos, anguillas são por natureza frias. Tambem por accesso ou coito das mesmas sevandijas, cobras, ou bichos se produzem as suas species na terra; e por serem alguns ajuntamentos de animais de diversa specie se produzem, e aparessem na terra as monstrozidades, que todos admirão no mundo. Não só a natureza produz estes bichos, mas tambem na opinião do mesmo P. Kircher se podem formar por arte; pois como afirma o mesmo douto, das mesmas serpentes, e cobras assadas no fogo, ou torradas no forno, e feitas ou desfeitas em partes muito pequenas, e diminutas, e lançadas em terras muito humidas, oleadas ou bituminozas se produzem, e nascem os mesmos bichos.

A maior admiração dos auctores nesta produção das serpentes, e cobras he serem tão prolificas, ou generativas, que até produzem nas mesmas pedras duras, e grandes penhas; porisso das roturas das penhas, e concavidades dos penhascos ordinariamente sahe

uma multiplicidade prodigiosa, e geração continua das serpentes, e das cobras.

Tambem ha serpentes milagrozas, como a de Moyzes exaltada na sua vara, e da mesma sua vara, e de Aram convertidas em serpentes, que devoraram as varas dos Egypcios.

Muitas vezes por milagre do ceo como chuva tem aparecido na terra quantidade de cobras e serpentes; assim tem succedido muitas vezes nas Indias occidentaes de Hespanha nos suburbios da cidade de Quito, pois quando naquelle calido paiz, o sol está mais intenso, e cor de fogo, costumão cahir do ceo serpentes, e cobras, que tem pouco mais de hum palmo de tamanho, e de largura de hum dedo, todas rodeadas de escamas brancas, e tão resplandecentes, que paressem ser de prata, quando luzem ; tem esta admiravel produção de cobras duas cabeças, huma na parte superior, em lugar proprio, e outra na parte inferior, ou na sua cauda.

Logo, que Deos criou no mundo, e nelle se produzirão as cobras e serpentes, as criou logo o mesmo Deos com mas sympathias a humas terras, e a muitas couzas terrestes, e tambem anthipatias a muitas couzas, e terras.

Tem sympathias as cobras na terra com rapozas, gatos, ratos, enguias e folhas de hera. Tem anthipathia grande, primeira e maior com homens e mulheres e principalmente com a sua saliva.

Tambem tem a mesma anthipathia com muitos animais, como aguia gaviam, aranha, bazilisco, sapo, azor, corça, cabra montes, porco espinho, caranguejos, viado, chamaleam, cegonha, rato da India, elephante, ouriço cacheiro, andorinha, sanguexugas, bibes e gallos, lontra, lagarticha, doninha, gafanho-

tos, furão, lagarto, pavão, porco, rato de campo, tartaruga e buytre etc.

Tambem tem suas anthipathias com algumas terras, provincias e reinos, onde não naseem nem se acham serpentes, cobras ou animais venenozos. São estas felices terras, a ilha de Creta, a ilha de Sardanha, a ilha e reino de Inglaterra, Hybernia, e ilha de Malta.

Tambem com muitas arvores, plantas, e ervas, e as mais dellas muito celebres, e singulares, outras adoriferas, e peregrinas tem tambem natural antipathia as mesmas serpentes e cobras; são ellas o freixo, carvalho, galbano planta odorifera semelhante a canafrexa, plantas de rozeiras, e outras plantas semelhantes a ellas, legaçam erva, ou como outros lhe chamam alegra campo, salsa parrilha, erva de feijcens, e trepadeiras, beiço de asno, huma planta assim chamada, planta do cordeiro, chamada agno casto, erva aneveda, erva campana, ou ala, alecrim, arruda, alho tripholeo erva de tres folhos chamada trevo, abrotea, erva de lombrigas, flor da vide betonica e alcaparia.

A anthipathia com que Deos Senhor nosso, como author da natureza criou no mundo as cobras, e as serpentes, foi a mulher, a qual disse logo o mesmo Deos, que ella lhe havia armar siladas, e fulminar traiçoens; mas com a virtude superior da mesma mulher, que huma lhe havia quebrar a cabeça, e fazer a todas andar de rastos na terra. No sentido literal do mesmo texto, e natural inteligencia esta mulher tão prodigioza, ou poderoza tanto foi a Senhora, e singularmente com o titulo da Penha; e porisso debaixo da sua mesma Penha, e dos seus pes, como triumpho de seu poder, e diviza da sua Imagem, tem a mesma Senhora ao seu grande lagarto, e agora

terá mais esta prodigiosa cobra, que apareceo, e se matou no navio de Macáo, e que da mesma cidade para esta corte navegou na companhia dos devotos navegantes da mesma senhora, sendo toda a sua navegação feliz até este porto, e nelle a aparição desta cobra, tudo prodigio, e milagre da Senhora, sendo na singular divisa destes bixos a milagrosa Senhora de Penha de França aquella verdadeira Minerva, e melhor Deoza Fortuna está venerada pelos antigos patrona do mar, e das navegaçoens, e viagens, aquella singularizada no seu templo com a insignia de cobras e lagartos.

A Deoza Minerva celebravão antigamente os Romanos, e sendo Deoza, que se presudião chymericos, que dava saude nas infermidades do seu povo, e por isso lhe ofertavam dadivas, e ofereciāo sacrificios, como dizem os escriptores romanos, Rosino e Cartario: «Offerebant dona ac Sacrificia pro solute populi»: tambem a pintavão como al magem da Senhora da Penha, huma imagem muito formoza com hum sceptro na sua mão, insignia do seu poder, porque ao lado do seu Templo tinha a divisa de huma serpente, ou de hum lagarto; «Pingebant pulchram manu dextra tenentem Sceprum, & ad lattus erat serpens.»

Qual aquella Penha singular da natureza, e que lá refere Claudiano a que se guia a prodigiosa, e innata geração das feras nas suas pedras, quando disse.

«Te lapis, & montes innataque Rupibus altis»
«Rabora te seva progenuere fera.»

Ou aquella misterioza Penha, que servindo não só de hospicio mas, de sepulchro de S. Paula como elogiou S. Hieronimo.

«Aspicis augustam precisa Rupe Sepulchrum».
«Hospium Paula celestia regna tenentis».

Nessa mesma Penha, sympathica com os animaes reptis, ainda hoje como disse o mesmo santo, se vêem nella lagartos, cobras, ou serpentes: «visuntur, etiam nunc serpentes ibi», disse o Santo; na qual como no Tribu de Dan ha cadeas da mesma Senhora, e nos seus escravos, para prender a furia dessas feras, sem que haja algum humano Perseo, que possa soltar as andromedas ferinas, que a mesma Penha liga ao poder, e remora dos seus penhascos, e iman das suas pedras, como do poder do antigo Perseo nas penhas do Tribu de Dan, refere Adrichonio no Itinerario, ou Theatro da terra Santa, quando disse: «In cujus litore monstrantur saxa, ad qua catenis alligata fuisse dicitur Andromeda bellua marina: nisi Perseus illam liberasset».

A Deoza Fortuna, que tambem veneravão os romanos, e nella representava a Imagem da Senhora da Penha, pintavão os mesmos romanos, elevada em hum alto throno sobre huma pedra, ou huma penha com hum scptro tambem na sua mão, e huma corôa na cabeça; «Pingebatur in saxi vertice, montisque Cacumine Matrona pulchra sedens in throno radiata corona tenens manu Sceptrum»; era o Sceptro da Deoza Fortuna para a insinuarem patrona dos mares e dos navegantes, como verdadeiramente o he a Senhora da Penha, o gubernaculo, ou timão, e em bom portuguez, o leme das embarcações, assim afirmou Carthario, que refere o Alapide: «tenens manu gubernaculum Hispanice el timon».

Como melhor, e verdadeira fortuna, para fortuna das suas viagens he a Senhora da Penha patrona dos navegantes; assim o publicarão na sua tão devota, como tão grandiosa acção de graças, que dedicarão á

mesma Senhora os navegantes de Macáo para esta cidade no dia 27 deste mes de Outubro, ofertando á Senhora não só o seu amante coração todo devoto, e obzequiozo, mas trazendo-lhe por oferta propria do poder da mesma Senhora, e da fortuna da sua navegação, huma custoza, e formoza Nao, que fica guardada no mesmo templo para publica, e eterna cõfição da merce da mesma Senhora. He ella verdadeiramente a mais prodigiosa Minerva filha do maior, e verdadeiro Jupiter, que he Deos com a insignia, e diviza do seu antigo lagarto, e com a publicidade agora desta prodigiosa cobra da mesma Nao 55 species de animaes reptis, serpentes, ou cobras criou Deos, e produs a natureza, de que tratão os auctores naturalistas; o que referirei aqui brevemente, para pela sua semilhança, ou propriedade dellas sabermos, ou conjecturarmos qual destas era aquella grande cobra, que se achou dentro de uma pipa neste navio de Macáo, que com tanta fortuna da sua feliz viagem chegou a este porto de Lisboa neste mez de Setembro, que tudo se attribuhio com grande fé na Senhora da Penha de França a prodigio singular da mesma soberana Senhora, que tanta antipathia tem com estes bixos, como o mostra assim a diviza antiga do seu lagarto, e agora o ostenta mais a novidade dessa cobra.

Da produção, e nomes dellas formaremos aqui hum curiozo catalogo pelo abecedario para maior clareza, e para novidade dos curiozos.

Acoati, ou como lhe chamão outros Miocaoti he uma serpente, ou cobra aquatil, que na sua cor imita a espiga de Maizio tem dentes pequenos. De comprimento tem sinco palmos, e de largura uma polegada grossa. Criase nas lagoas, e agoas de tanques, ou estagnadas em charcos, nas regioens mais temperadas.

Acontias, serpente, que por ter aparencia de huma seta aguda, e ter azas se chama no latim Jaculum; Serpens volans, Chersydrus; acoran sagitarius, he esta cobra escura, ou de cor de cinza no lombo, e cor branca no ventre.

A natureza para a armar com escudos, a fórma toda de escamas na sua aparencia; e pelo ventre a adorna, e fortalece como laminas de bronze.

Da cabeça discorrendo pelo lombo até a cauda tem duas riscas, ou linhas brancas, e toda ella chea de pintas negras, ou matisada de manchas pretas.

Achão-se estas cobras, e muitas, na Lybia, e no Egyptho, tambem se virão já muitas na Noruega. O seu commum sustento he carne humana, e de todos os animaes. He tão manhoza, e astuta esta cobra, que se enrosca, e esconde entre as folhas, e as arvores junto aos caminhos, e a modo de huma ligeira seta fere os passageiros, e animaes, que passão. He tão ligeira para o emprego do seu jaculo, ou sibilo venenozo, que salta de repente 20 covados, sendo a sua mordedura mais pestilente, que a da vi·bora.

Ammodites, ou como outros dizem Centrias, ou Centitres pela dureza da sua cauda. No latim se chama Vipera cornuta por ter semelhanças de vibora, e ter na cabeça humas pontas, como xifres. Tambem Illyiica, e Monoceros.

He huma serpeente côr de area, tem a cabeça muito grande, e a pelle toda matizada com manchas pretas, e tem a cauda mui dura. Achase em muitas terras da Italia, e especialmente na terra Illirica. He tão venenoza esta cobra, que com o seu veneno mata muito depreça.

Na mordedura que faz cauza huma dor muito grande, e faz hum maior tumor, com elle cauza

tambem hum fluxo de sangue, e logo na parte mordida produz uma corrupção, inflige huma insoportavel dor de cabeça, a que se segue por effeito hum desmaio grande, que he muitas vezes mortal. O veneno desta fera sendo femea, he muito mais activo, que quando é de especie masculina.

Amphisbena, que no latim tem o mesmo nome, ou tambem Amphicephalos, Amphiselene, e Armena, he hnma cobra prodigioza, que a natureza singularizou com a monstruozidade de duas cabeças, a sua côr he da mesma terra, onde nasce.

Chamase cobra cega, porque a mesma natureza lhe formou tão groças as faces, ou tão grandes as genas, que mal se vêm nella os olhos, e por cauza tambem dellas não vê ella bem. He tão contraria e opposta ás mulheres prenhes, que a sua vista faz logo degenerar em infelices abortos os seus felices partos, e persegue a todas, correndo atraz dellas. A sua mordedella, ou mordedura, he tambem tão venenoza, como a de hum Javali, ou huma vibora.

Anguis, que sendo nome generico de qualquer cobra pequena, he nome proprio de huma cobra chamada esculapio, e porisso no latim se chama Anguis Aesculapií ou Pareas, e Paria, ou Pogerina. He huma cobra de duas castas, ou species; huma he toda palida, ou amarella, a outra he de côr preta. He huma cobra muita comprida côr de lodo escuro, que para a parte do lombo tem mais viva a sua côr preta, pela parte interior he mais branca e mais para baixo he de cor verde. He toda formada de escamas, e cada uma dellas tem a forma, ou semelhança de uma cruz.

Ha muitas destas cobras em muitas partes, como na Italia, Alemanha, Polonia, Hespanha, na Azia, em Africa, e na America. Ainda que esta cobra por singularidade he mais mança, que todas as mais, e tam-

bem vive domestica, como por natureza he como ellas, irritada fere, e maltrata como as mais todas.

Epachycoatl, de huma serpente, ou cobra, que tem de comprimento 5 covados, e toda ella formada de escamas negras, e brancas; e só se acha nos povos pariminenses. A sua mordedura he tão nociva, e venenosa como as mais.

Aspide, que no latim se chama Aspis, dizem huns, que pela aspereza desse animal; outros que de aspersar com o seu veneno, quando o lança; e outros que pela grande aspiciencia ou esperta, e expedita potencia viziva, he uma serpente azulada, ou cobra de cor azul; tem os seus dentes fóra dos labios, e á imitação dos javalins; o tamanho he de huma cobra pequena, criâo-se ordinariamente em paizes calidos, e terras quentes, e porisso produzem muito em Africa, e nas orilhas do Rio Nillo; e porisso assiste em lugares humidos, e sombrios.

Gosta tanto do fumo do incenso, que com elle se embebeda, e perde a sua força natural.

Tão amante he a cobra masculina da outra cobra feminina, como sua consórte, que nunca sae da sua gruta huma sem outra, e tão irascivel, e raivosa he qualquer dellas, que impacientes para o envenenarem buscão o matador de qualquer, que primeiro se mata. A sua ferida he muito subtil, e tão forte, que logo causa sono, a quem a vê, cega-lhe os olhos, e transfórma a todos palidos, ou macilentos.

Aquaseo, he huma serpente, ou cobra, que vive nas penhas, montes, e lugares secos.

He de côr fusca, tem a cabeça grande, mas toda xata e tão envenenada, e nociva, que mata dentro em meia hora, fazendo cahir a pedaço, e pedaço a carne contigua á mordedura, que logo apodrece.

Bambas, que no latim se chamam Bamba, ou ser-

pentes magnas natratices; são huns bichos muito horrendos, serpentes, ou cobras de extraordinario comprimento das quaes escrevem alguns autores, que tem 25 covados de comprimento, e 5 de largura, porisso tem hum ventre tão grande, e disforme, que devorão hum javalim, e um boi, sendo as maiores, as que vivem nas lagoas. Achão-se muitas destas na Ethiopia, e comem toda a casta de animaes, que com as suas siladas, ou emboscadas apanhão, pois de tudo o que cassão se sustentão, saem da agua, onde nascem a buscar pasto á terra. Sobem astutas, e manhosas ás maiores arvores, e nellas como em atalayas estão sempre á vigia, para verem os animaes, e fazerem as suas prezas.

Mudão varias vezes a sua pelle, e são muito golozas, e regaladas, e gostando muito das melhores delicias do gosto.

Bitia, he huma cobra assim chamada, toda he cor de terra salpicada de pintas negras, encarnadas e brancas; tem a cabeça, como de hum veado grande, e assim o seu focinho até os olhos, que são muito pretos, e luzidios a maneira de hum vistozo Iris, habita nas penhas, ou nas montanhas, apanha os bois e javalis, que póde. Ha muita quantidade dellas na ilha de Cuba; tambem he tão sagás, e ardiloza, que sóbe ás arvores, e se enrosca nellas para vigiar, e acometer todo o bicho, e animal, que póde engulir.

Boa, serpente assim chamada, sendo bem má, e não tendo nada de boa mais, que o seu nome.

A esta costumão todos chamar cobra de agua porque no latim se chama Anguis caprimulgus, e Cervonedictus. He serpente, ou cobra de agua muito grande; tem seis ordens de dentes, quatro na parte mais interior, e dois na parte mais exterior; os olhos são tão videntros, ou resplandecentes, que parecem de vidro.

Gosta muito de leite de vacas, come todo o gado, que apanha, e gosta de toda a casta de carnes, até devorar os homens, que mata; persegue todos os rebanhos, que vê, e bebe, ou chupa tanto leite, que de o chupar todo mata tudo, e mama até morrer.

Boigaucu, a que os portuguezes chamam Giboya ou cobra de veado; entre todas as cobras, ou serpentes he a maior de todas, pois tem o peito tão grosso como o de hum homem muito gordo, e no tamanho, e grossura se equivoca no Brazil com os mais famozos, e frondozos troncos das mesmas arvores do Certam; toda ella he de varias cores, sobre sahindo nella mais a cor de cinza, ou a cor de castanha, e baya, he muito voras, ou voradora, sustenia-se de todas as carnes, e tão forte que até póde devorar corças inteiras, e cabras, mais mamando, ou chupando o que apanha, do que comendo, ou mastigando.

Achão-se muitas domesticas nas mesmas casas, onde bebe ou sorve os ovos das galinhas. He tão animoza, e forte nas grandes forças, que tem, que só com uma enroscadura sua, ou com hum abraço mata os homens, quando os aperta, não tem porém veneno algum, e a sua carne he deliciosa para o gosto, e a come no Brazil muita gente, que gosta dellas, que para tudo ha gosto nos homens, sendo alguns bem depravados.

Boiobi, a que os mesmos portuguezes chamão cobra verde, he do tamanho de um braço, e de grossura de huma polegada; he huma cobra muito bonita, e toda resplandecente, sendo a sua cor toda verde.

Achão-se muitas no nosso Brazil, e folga muito viver nos edificios, ou nas cazas; a ninguem faz mal, se a não perseguem, ou irritão, porem a sua mordedura he venenoza.

Boiquira ou tambem no latim Boicininga, Theutlacocabqui chamada cobra de cascavel, ou tangedor, a

quem o erudito P. Nieremberg chama Domina Serpentum. Muitos authores com grande variedade explicão a figura, ou reprezentação desta cobra. He da grossura de um braço, e de comprimento tem cinco pés, e tem a lingua bisulsa, ou de dois cortes, todos os annos cresce na cauda, e nella se augmenta o seu veneno; tem as costas, ou o lombo ao modo de uma cadea palida, amarela, ou cor de oiro, e toda ella tem figura cubica de anzois pequenos, como cascaveis, com os quais, quando anda, ou raspa sobre a terra faz hum estrondo grande como hum som de campainhas, que se ouvem muito ao longe, e porisso lhe chamão cobra de cascavel, ou tangedor. Nas mais remotas provincias, regioens da India se ouvem, e vêm estas prodigiosas cobras, e nas terras mais quentes, ou provincias mais calidas; habitão mais frequentes nos lugares mais remotos, invios, e sem caminhos. He tão ligeira no reptar sobre a terra esta prodigioza cobra, que mais parece que voa, do que anda; todos os annos formão hum novo som os seus cascaveis, servindo-lhe a sua cauda, como de corda de sino, ou rabo de campainha; e pelo diverso toque de cada anno se conhece a sua idade. Quanto mais se enfurece e raiva mais, mais toca, e melhor tange. He muito venenoza a sua mordedura, fas logo nella aparecer podridam, de que nascem erpes.

Boitiapo, a que tambem os portuguezes chamão cobra de cipó, he huma serpente, ou cobra, que tem 7 ou 8 pés de comprido, tem a grossura de hum braço, e he giboza, ou corcovada no lombo, que o tem todo a cuminado, e erguido.

A sua cor he verde negro, cor de oliveira; o ventre cor de oiro, mas toda formada de galantes e vistozas escamas, em forma de triangulo, ou em figura triangular. Vesse esta cobra nas regiões mais remotas

e peregrinas da India, sustenta-se de rans, e bixos, e he muito venenoza.

Borobi, he uma serpente, ou cobra do nosso Brazil; toda ella he cor de ferro, e no ventre branca e verde; de comprimento tem tres pés, e hum dedo de largura; tem huma boca muito grande, e he muito venenoza. He cobra domestica, que muitas vezes vem e vive nas mesmas cazas e nellas gosta muito de ovos de galinha.

Bazilisco, a que alguns authores chamão Serpens Nilliáca, he o animal mais terrivel e venenozo, que cria Deos, e produz a natureza; pois não só mata com o seu mortifero veneno em hum sopro, ou sibilo, mas até com a sua maligna vista, em huma vista de olhos.

He observação porem de alguns phisicos naturalistas, que não mata o baziliisco, a quem só para admirar a sua galanteria, e esperteza olha para as suas cores pelas costas, mas sim a quem olha diante delle, e diviza nelle, ou emprega os seus olhos; por cauza, e medo desta qualidade tão maligna fogem delle, e elle mesmo afugenta as outras feras.

O seu halito he tão nocivo, e o seu vapor tão envenenado, que até com elle inficiona o ar, e o mesmo ceo.

Outros phisicos afirmão, que se algum animal, ou homem vê primeiro o bazilisco, do que ella o veja, elle morre, e não quem o vê, porem se elle o vê primeiro mata a tudo, quanto vê.

Admiravel em tudo foi a invenção dos espelhos, para com elles tambem pilharem este tão venenozo animal, pois lançando no mesmo espelho o seu venenozo halitò, com elle reververando no mesmo espelho, que se lhe põem á vista, se mata elle a si proprio, e fica livre o dono do espelho com a sua artificiosa invenção.

Cecilia, he uma cobra assim chamada pela sua ce-

gueira, e porisso fallando della os latinos dizem assim «Cecilia acecitate nomen habet» ; tambem elles lhe chamam Cacula Carialla. A sua cor he muito fusca, ou escura, mas tem nella algumas pintas, que tem alguma cor de oiro ; varia estas cores pelos lados, que se misturão com manchas pretas, e cor purpurea ; he singular tambem n sua lingua, porque tem nella duas pontas.

Sam muitas em toda a Germania, e assistem entre os espinheiros. He muito velós no seu reptar ; e tambem á maneira de viboras produzem muito vivas as suas produçoins ; a sua pesonha he mais venenoza para os bois.

Caninana, he uma serpente, ou cobra de 8 palmos de comprido, pelas costas he toda verde, e pelo ventre cor de oiro. Ha muitas na Africa, e na America, sustenta-se de aves, e dos seus ovos. He menos venenoza, que as mais, e tirada a cabeça e a cauda onde só tem a pesonha, tudo o mois se come, e gostam della os povos de Africa, e Americanos.

Cenchrus, que outros chamam Milliaris, porque nasce entre os milharais, he huma cobra que só aparece no tempo do milho, pois quando elle florece, ou cresce, então he mais venenoza. A sua estatura he muito grossa, mas finalisa em partes muito delgadas.

Tem a cor verde, mas degenerando em cor de lodo, e tem dois covados de comprimento. Achão-se na Ilha de Lemos, e na terra de Samia ; aperta a todos os animaes com a sua cauda, e fazendo-lhe arrebentar as veas lhe chupa todo o sangue, pelo estio anda sempre pelos montes, e he tão venenoza, que a sua mordedura he mortal á maneira da vibora, que formando hum tumor aquatil no ventre cauza huma obstrução, ou hydropezia, que mata.

Cerastes, que no latim se chama Coluber Thebanus, ou Cristallis, Ceristalís, firtalis, e Triscalis, he huma

cobra, que tem de comprimento hum covado, e todo o corpo he de cor de aréa, e cheio todo de escamas, mas muito mais para a cauda; na cabeça tem duas pontas, como xifres.

Acha-se na Lybia, e ordinariamente anda ou repta pelos caminhos de carros e carretas e a tudo, o que encontra acomete, e mata. He huma cobra muito amante de agoa, e porisso não póde nunca tollerar a sede.

Com as suas pontas acomete as aves, e as cassa, e come. A' maneira de viboras produs os seus fetos; e anda ou repta com passos nunca rectos, mas sempre tortos.

Nas suas mordeduras cauza logo um tumor preto, ou huma corrupção nigrante, fas enlouquecer a gente, que aliena os sentidos, tira a vista, ou causa nella grande falta, e deixa umas grandes dores de olhos.

Cumcoali, he huma cobra, que tem quatro covados de comprimento, e a largura de um braço, e vive, ou nasce ordinariamente na America; resplandece muito de noite, porque he muito especular a sua aparencia, e a sua mordedura he lethal.

Cuilcahuila, que significa o mesmo, que quem pelleja com sinco homens, he uma das cobras mais fortes e mais posantes, que ha; com grande impeto acomete os homens que encontra, e com tal força os oprime, que huma só ves, que se enrosque com qualquer homem o fas logo em pedaços, e o mata; tanto se aperta a si mesmo com a sua forte cauda, quando lhe escapa algum, que se mata a si mesmo. Quem pois lhe sabe esta qualidade da nartueza, para se defender della lhe lança hum madeiro, ou huma arvore, e cuidando ella, que he um homem com que se abraça, tanto aperta o mesmo madeiro, que a si propria se mata.

Cuba, serpente ou cobra assim chamada, porque na

ilha de Cuba nascem muitas, e muito prodiosas; tem o comprimento, de uma lebre, e he semelhante a ella; tambem tem sua especie de rapoza, porque tem a cauda, como ella, mas he ainda muito maior. A cabeça he como a de huma doninha, o pelo ou cabelo, que tem he como de um texugo, e os pés a modo de hum coelho; comem ordinariamente huns animais terrestes.

Chiapa, he o nome de uma vibora assim chamada, e por isso no latim se chama Vipera Chiappe, nome da mesma terra, onde ha quantidade dellas.

São humas todas pretas, e outras matizadas de varias côres; tão venenozas são, que tudo aquillo que mordem matão logo; pois como dizem os naturalistas, ainda ao mais feroz cavallo matão no espaço de hum dia, fazendo-lhe derramar o sangue por todas as juntas, ou junturas, que tem o seu corpo; tendo ellas quatro, como janellas da natureza, ou partes distinctas, por onde lanção ou vomitão o seu veneno.

Tanta e tal dependencia, como maiores sublunares, tem estes bichos com a lua, que na lua chea, ou quarto crescente são mais brandas, e mais terriveis no minguante da lua.

Tem tambem outra singularidade da natureza, que fazem lançar sangue pela mordedura, e matão logo, se mordem pela manhã; porem se mordem de tarde, não são mortaes, ou mortiferas as suas mordedelas.

Tanta he a quantidade de pessonha, que tem dentro de si, que se a maltratão ou pizão com hum pao, salta o veneno ao brrço de quem a maltrata, e o mata logo.

Dypsas, a que S. Izidoro, chama Situla, he huma cobra do tamanho de hum covado, o corpo todo al-

veja com malhas brancas, das quaes humas inclinão para côr amarella, e outras para cor preta. Andão muitas destas por Africa, Lybia, Arabia, e pella Syria; são muito venenozas, e os sinaes do seu veneno são huma dor vehemente, huma insaciavel sede, huma abundancia de suor e huma expulção grande de ourinas; fazem no ventre um grande tumor no seu redenho, como uma especie de hydropezia.

Drisnus que no latim se chama Querculus Illyricus, Andrias, Brymus, Durissos, Glandolosa, etc. He huma serpente, ou cobra muito grossa, e com o corpo muito obcsso; tem muitas escamas, e muito asperas, e taes, que dentro nellas formão as moscas os seus ninhos, ou enxames. Tem a cor algum tanto denegrida, a cabeça como de hydra, e igual a ella; porem a parte posterior muito mais larga.

Nas montanhas, e logares mais interiores de Africa se achão muitas; buscão para viver os paus, vargens, lizirias ou prados humidos, comem todas as sevandijas da terra, como gafanhotos, e rans, etc. chamão-se quercus, porque esta cobra habita ordinariamente nos sotos de carvalhos; quando anda por entre elles, ou por qualquer outra parte, he com tal estrondo, e violencia, que levanta a area, e pó da terra, que parece huma nuvem de fumo.

O seu veneno he tão maligno, que cauza tumores negros, exalta a melancolia e faz cegueira nos olhos, ocaziona tristezas, dores e tomores dos nervos; quando morde faz gemer a gente, e, animaes, como gemidos ou ballidos das ovelhas, e excita a vomitos biliozos, e sanguineos.

Elaps, Elops, ou Elapis, he huma cobra, que tem o ventre cor de lodo, e as costas cor de leivas da terra com tres riscas, ou linhas pretas desde a cabeça até a cauda.

Acha-se esta cobra em muitas partes e diversas regioens, principalmente na provincia de Apulia no reino de Napoles; não he muito venenoza, porem quando morde faz chagas, que corrompem a carne.

Hemorrhous, que pello fluxo do sangue, que causa como de Hemmoroidas he huma serpente ou cobra assim chamada, e até no mesmo latim se chama Hemmorrhois Afrodios, Asudius e Thonias, he huma cobra de pequeno corpo, mas muito viva, e esperta nos olhos, que não só são cor de fogo, mas cada hum delles parece o mesmo fogo natural que scientilla e lança faiscas; tem a pelle toda muito vistosa e resplandecente com muitas manchas, ou malhas pelo lombo que todo he matizado de preto, e branco; tem a cervis muito pequena, a cauda muito tenue.

Nascem muitas destas na India, e no Egypto; tão natural, e amante he das penhas, que só nellas vive dentro dos seus buracos mais escondidos, e roturas mais reconditas. He muito vagaroza no seu reptar ou andar sobre a terra, mas he muito venenoza a sua mordedura, que logo fica cor de sangue, e cauza muito fluxo de sangue, não só onde morde mas tambem pellas varizes; nas chagas, que faz quando morde, faz logo huma grande excrecencia da carne, e a enerva muito, que fica como morta, e faz tambem grandes faltas de respiração.

Hermorrhois, outra cobra semelhante a outra deste nome, que tambem se chama assim pella cor de sangue, que fas lançar, quando morde; tem quatro palmos de longa, tem a sua cor fusca com manchas encarnadas.

A sua mordedura he tão pestilenta, que dentro em huma hora comessa hum homem a exvair-se em sangue, e dentro em hum dia o lança de toda a parte do corpo até morrer exhaurido de todo elle, e stitico.

Ha muitas destas cobras nos campos de Lucas ou Lucatenses.

Hyena, serpente, ou cobra hemaphordita, porque como dizem os naturalistas participa de ambos os sexos, e com tal singularidade, ou singular providencia da natureza, que em hum anno mostra um sexo, e em outro ostenta outro diverso; esta he só a raridade que referem della os naturalistas.

Hyarus, que tambem no latim se chama Natrix, e coluber aquatilis, he huma cobra, que tem semelhança de hum Aspide, excepto na cabeça, que não he tão larga.

He toda cor de cinza com muitas escamas, ou manchas, e tem dois sibilos, ou pontas na sua lingoa, e em tudo mais he como as mais cobras; produzem muito na ilha de Corfu e no lago Mycleo junto a Tarracina no fim do estado Ecclesiastico, e raia do reino de Napoles; no mesmo reino todo e principalmente no lago de Pozuolo e na lagoa Aymani junto a elle.

Vive muito, e assiste nas agoas calidas, e sulphureas, e porisso gosta das aguas thermais, ou de banhos. He muito vorás e guloza come muitos peixes do mar e dos rios, lagoas e xarcos. He muito venenoza, e mais cruel na terra, do que na agoa; tem pessonha tão pernicioza que é mortal.

Hydro marinho, ou no latim hydrius marinus, he huma cobra de extraordinaria grandeza, e desmarcado tamanho, semilhante em tudo ás mais serpentes, e cobras; e sendo por natureza aquatil, não gosta de agoa doce, mas vive na agua salgada. Quando se quer apanhar esta cobra, pretende e consegue com o rasto levantar tanto pó, e area, que cega a gente.

Ibiboboca que no Brazil chamão cobra formoza, bonita ou linda, e porisso no latim se chama Anguis

pulcher, os mesmos portuguezes lhe chamão coral ou cobra de corais; he cobra da casta das cobras mais peregrinas, e admiraveis, tem dois pés de comprido, e uma polegada de largo; toda ella he de cor branca com manchas negras, e pintas rubicundas; na cabeça tem muitas escamas brancas, mas cubicas. Ha muitas no nosso Brazil, e na India; terrivel e maligna he a sua mordedura, e tão funesta, que logo mata, e quando não mata logo, a sua pessonha he tão mortal, que vae matando lentamente, a quem morde.

Iraraca, he huma pequena cobra, que rara vez passa de meio covado de tamanho; toda he cor de terra, e toda ella chea de manchas pretas; he cobra muito especial e peregrina, que só vive nas regioens mais calidas, e terras quentes. He muito envenenada, e a sua mordedura tem os mesmos efeitos, e simptomas, que a da vibora.

Lagarto, Lagarta ou Lagartilha, nomes são de animais venenozos, mas continuos, e conhecidos em todas as terras, e em todo este reino, pella prodigioza multiplicidade, e grande abundancia, que em toda a terra ha de semilhantes bixos; no latim se chama Lacertum, ou Lacerta; sendo bem celebre neste reino, e visto nesta corte o grande, e prodigioso lagarto de Penha de França singular e propria divisa de tão celebrada Imagem, e de tão prodigiosa Senhora.

He commum proloquio nas continuas romagens, ou romarias, que fazem os seus devotos a sua Santa Caza a ver aquella milagrozissima Senhora, sanctuario mais celebre, e mais frequente desta corte, onde nunca acabou desde o seu principio a sua grande devoção, nem ao menos se intibiou por algum tempo, como a devoção, e romaria de outras milagrozas imagens.

Costumão pois huns aos outros dizerem com devoção mas por graça: «Oh Mana fostes á Penha, vistes o lagarto, feio bicho».

A noticia da sua aparição, que dizem foi neste citio, ou lugar da sua igreja, e convento Augustiniano, que como filhos primogenitos, e em tudo legitimos da grãde Aguia da igreja, e dos doutores seu Pai, e primeiro fundador S. Agostinho, como Aguias buscarão, e só se lhe devia dar o sitio daquella Penha; porque só nas Penhas, como disse Job, he onde habitão, e vivem as Aguias.

Antigamente era huma Penha, ou penhasco inculto chamado cabeça de Alperche. A incuria, e pouca coriozidade dos nossos antigos, que só tratavão mais da sua sincera devoção a tão prodigioza Senhora, do que da noticia, e historia singular de tão milagroza imagem, e de tão prodigiozo lagarto, fas com que só ficasse em pia tradição huma historia certa, e verdadeiro milagre do seu lagarto; sendo tambem comua tradicção, que acometendo para matar e comer ao hermitão da mesma Senhora, este implorando o grande poder, e singular patrocinio de tão milagroza imagem, ouvio della huma voz, que lhe dizia: tem animo contra esse bicho, e matao com essa navalha, que tens comtigo; o que tudo sucedeo assim, collocando-se logo o mesmo lagarto na igreja da mesma Senhora, para vizivel despojo do seu triumpho, e insignia especial, que quis ter na sua igreja a mesma milagroza imagem.

Até ao anno de 1739, se conservou na dita igreja, e na casa que nella tem, e se chama ainda casa do lagarto o mesmo monstruozo bicho com a sua pelle desde o pescoço até a cauda, todo formado, e organizado com os seus pes, e mãos, echeio por dentro de palha; mas como se hia já corrõpendo por cauza da humidade, e do muito tempo se tirou, e se vio de

novo, a que concorreu muita gente por devoção, e curiozidade, não só desta corte, mas de todos os seus redores, e de muitas terras e distantes villas deste reino; sendo tal a sua sincera devoção e grande fé na Senhora, que pedião delle pedaços, como se fossem reliquias, furtando humas, e cortando outras, persuadidos da mesma fé e devoção, que erão antidoto, e remedio para cezoens, e febres; pois sei de algumas pessoas, que fazendo os mesmos pedaços em pos de lagarto, sem serem esses da botica, mas da Apotheca Medicinal da mesma prodigioza Senhora, a quem S. Bernardo chama Apotheca, ou Botica Medicinal.

Maria est Apotheca Medicinaria; sendo nella Christo seu filho o melhor, verdadiro e Divino Medico, e a Senhora a melhor Botica e singular Apotheca, nella formou a medicina specifica, e singular triaga, para curar todo o mundo enfermo pello mortal veneno da primeira culpa original, que originou a serpente, cobra, ou lagarto, que logo no paraizo terrial tentou, e enganou a Eva nossa Mãi, que como mulher enganadora, curioza e guloza até se tentou logo com hum bicho, ou com uma horrenda serpente, e a todos os homens transfuzos na cabeça de Adam, enganou, perdeo e envenenou, a todos, e porisso disse fallando da Senhora, Richardo de S. Lourenço: «Maria est Apotheca Christi Medici, qui per Mariam venit sanare mundum languidum qui per Evam œgrotabat morsu Serpentis».

Sendo a Senhora da Penha de França, Penha verdadeiramente da saude de todos, como na gentilidade veneravão Penha da saude aquella Penha ou monte de Arnon de quem disse Ambrozio Tarvisinu: «Mons Arnon, qui in fustigiatam protenditur Rupem», a que elle especializou este lemma. «Te pereunte salus».

O comprimento do prodigiozo lagarto da Penha de

França mostrava ser de 14 palmos da cabeça até á cauda todo elle cor verdenegro, e em partes mais claro formado de escamas tão duras, e groças, que o não passariam tiros de balas, mas antes poderião servir de escudos para rebater as balas, tiros, ou golpes; a sua grossura de mais de hum homem bem gordo.

Para rebater o grande concurso de gente, que o vinha ver, ou admirar, e não o cortarem de todo, e o levarem comsigo, para assim se não perder a sua aparencia, e conservar-se a tradição do milagre do lagarto da Penha, se pendurárão na sua antiga caza muitos pedaços delle, ou muitas postas, que ainda hoje se conservão, e paressem postas de toucinho, ou pespernas, pas, ou prezuntos, que estão pendurados.

Da outra parte, e onde estava antigamente na sua mesma caza do lagarto se collocou outro de madeira entalhada, e pintada, que reprezenta o seu tamanho, e figura, para memoria eterna do prodigiozo cazo do lagarto da Penha, insignia que tanto quer, e com que se conhece nesta Corte, e neste reino a prodigioza e milagrozissima Imagem de N. Senhora da Penha de França. Ha muitos destes lagartos no nosso Brazil, a que lhe chamão jacareos.

Maripeto, que no mesmo latim se chama Maripetus Anguis he huma cobra aquatil, que não aparesse sempre, mas só em algum tempo, e quando aparesse he só na India; para enganar a gente da terra se mete no mar, e com a sua cauda abre as ondas, e corta os mares, paressendo as suas escamas a modo de Polypos, ou Polvos em qne se transmutão.

Macacoati, he huma serpente, ou cobra de 20 pés de comprimento, na gordura, ou grossura tem a quantidade de hum homem; a cabeça, he como hum veado, e porisso em latim se chama coluber Cervinus; quando envelhece se lhe divizão de novo humas pontas, ou

xifres. Achão-se muitas na America, e especialmente no Mexico.

Prophirio, e no latim Prophyruis, he uma cobra do tamanho de hum só palmo tem a cabeça branca, mas não tem dentes.

Achão-se nos montes da India contra a parte do meio dia, e nellaa chão os seus cassadores a precioza pedra Sardio, ou Rubim, e porisso he muito procurada, e estimada de todos. Não morde esta prodigioza e precioza cobra, porque não tem dentes; mas o seu vomito cauza podridão, e tem tanto veneno, e tão activo, que faz lançar fora da cabeça o mesmo cerebro.

Polpoch, serpente, ou cobra pequena que tem de comprimento tres palmos, e he da grossura de um braço; he em partes de cor fusca, da cabeça até ao meio he preta, tem a cabeça pequena, e os olhos grandes, e muito resplandecentes; a cauda quasi tão grossa como o corpo, e tem muita semilhança com o Scorpiam.

Não só de hum modo, mas de dois, todo he malefico este animal, pois com a cauda aperta, e com a boca morde, e todo elle he pessonhento. Veem-se nas arvores estas cobras enroscadas, para verem quem passa, e pilharem tudo, a sua mordedura he tão pestilencial, que mata dentro em tres dias, apodrece logo a carne, descarna os ossos, tira a cor do rosto, que fica palida, exhala um fedor horrendo; não he muito grande a dor, quando pica, ou morde, mas a pouco, e pouco vai debilitando as forças, enfraquece, ou prende os nervos, e mata aos homens com hum tremor; achão-se estas cobras nas Indias, e nas provincias de Jucatá.

Podalitza, nome de huma cobra, que se acha no Reino de Polonia, onde he muito nociva. He muito grande, e chea de muitas pintas, ou manchas muito vistozas, e porisso em tudo he muito formoza nos campos; os camponezes a conhecem todos, e fogem della,

quando ouvem o seu sibilo, ou assobio; mata todos os cains, que morde.

Prester, assim no latim he o nome de huma cobra, que tem muito prestimo, para fazer mal, pois para algum bem não presta, como tambem muita gente, que o podião fazer. He tão venenoza, que a couza, ou pessoa a quem morde, logo fica estupido, e immovel, louco, e alheo do discurso; caem-lhe logo os cabellos da cabeça, e cauzando uma evacuação de vomitos pella boca, ao mesmo tempo forma uma diarrhea que mata.

Rubetaria que no latim se chama rubetaria natrix, e os polacos a apellidão Podalica, he huma cobra muito chea de maculas, ou manchas; e he cobra, que vive muito, e dura muito tempo; com o grande sibilo, com que grita, ou assobio ella mesma se entrega aos rusticos, que a acham. Acha-se no reino de Polonia, e em outras muitas partes; o seu sibilo he como vós sonora, que imita a vós suave de hum pintarroxo.

Serpente grande da India, que até no latim se chama serpens magnus Indiae Orientalis; tem mais de 25 pés de comprimento, a que chamão rainha das serpentes. A' sua grandeza extraordinaria correspondem as suas desmarcadas forças; mata toda a casta de homens, animais, bois, veados, javalis, que tudo devora inteiro, e assim consta de muitas experiencias; cinge ao que apanha com o corpo, e com maior força com a sua cauda, pegada para maior violencia a huma arvore, e de tal sorte os abraça, e com elles se enrosca, que quando aperta lhe quebra os ossos, e faz tudo, ou os desfas em polme.

São muito luxuriosos estes monstruozos bichos, e até com as mulheres castição, e propagão; pois como escreve D. Andre Cleyoro nas noticiosas ephemeri-

das da Germania, na cidade de Ambona nas ilhas Molucas, se achou uma mulher pejada de uma destas serpentes. O seu corpo he todo branco mas todo rodeado de escamas pretas á maneira de redes, ou cadeas.

Serpen au Chaperon, que assim se chama em frances a cobra de capello, no latim he coluber capillatus, aut pilosus. Tem este nome assim, porque tem huma capa, ou um veo pella cabeça, e quando o alarga paresse uma freira com toalha, e com patas á antiga.

Nella nasce huma pedra como triaga, que lançada em agoa, e bebida, com a virtude da mesma pedra he singular contraveneno. Ha muitas em Africa, Melinde, Mosambique, India e China. Tambem se aplica esta pedra, que chamamos de cobra a qualquer mordedura venenoza, e posta sobre ella pega tanto, que não se tira até ella não tirar o veneno de todo; he experiencia continua, e eu a fis, não ha muito tempo.

Scorpio, ou escorpiam, he huma serpente, ou cobra, que vive nas penhas. He muito manhozo este animal, e muito enganador na cabeça, ou face, que dizem he tão agradavel como de mulher, pois sempre mostra agrado a quem o vê; e para sinal do seu agrado fingido abraça a gente, e lhe cinge os braços; na cauda, que he muito aguda, he onde tem o seu ferrão pessonhento e nocivo, e tanto, que logo é mortal; e só lançado em agoa perde o veneno.

Sacro, e no latim sacrum, assim se chama uma serpente, ou uma cobra. He ella muito pequena, mas sendo assim fogem della as mais serpentes grandes, porqne só com uma mordedura sua a qualquer dellas logo lhe apodrece tcdo o corpo. Della se conta, que matando um homem, e só com uma mordedella,

até fez apodrecer logo os proprios vestidos do mesmo homem morto.

Scoloprendra, a que se dá o titulo de cobra marina he semilhante á scolopendra da terra. He assinalada, ou singularisada da natureza, pois na ultima parte da cauda tem uma ponta aguda, como um xifre, e pela parte eminente tem um ferrão mui sutil, e muito agudo.

São de duas maneiras ou de duas castas estas cobras, porque humas se chamão nuas, porque não tem pés reptis, e outras que tem huns peszinhos muito enteriçados; mas todas são de cor de amethisto.

A cobra marinha sempre anda no mar, pesca-se com um anzol, e devorando-o, ou engulindo-o lança tudo quanto tem no seu ventre; torna despois a comer o vomito, lança hum fedor horrendo, e horrivel fetido. A sua mordedura pica, e arde, como de hum molho de ortigas.

Seps que tambem no latim he Patrio, Sepes, Sepedo, e Selsie, he huma serpente ou cobra com huma cabeça grande, pescoço pequeno, e cauda curta; tem de comprimento dois covados, e he toda variegada, ou matizada de varias cores. Achão-se ordinariamente estas cobras na Syria, e na Arcadia.

He muito venenoza, e tanto, que a carne que morde logo se corrompe.

Tetrauhcoatl, he huma serpente, ou cobra de três palmos de comprido, e tem só um dedo de grosso; o lombo he todo negro, o ventre branco, mas tambem mesclado de loiro, e a cauda para o fim he encarnada, e a cabeça he negra, e pello pescoço a cinge huma cadea cor de oiro. Produzem na America, e nas regioens calidas, onde se achão. O seu icto, ou mordedura he pestilente; o remedio para curar, e impedir o seu veneno he mamar.

Thecoatl, que no latim se chama ignitus serpens, serpente que paresse fogo, he huma cobra, que tem seis palmos de comprido, e de largura tres dedos; pello lombo toda he cor de oiro, e pello ventre cor de cinza; criasse nas penhas, ou nas montanhas, e principalmente nos montes Tepertlanios, sempre anda enroscada para todas as partes, e he tão venenoza, que a sua mordedura he mortal.

Theoa, que tambem no latim se chama ignis coluber, he huma cobra longa de seis palmos, e da grossura de hum dedo, he muito vistoza pelas cores, e toda matizada de pintas, humas brancas, outras negras, outras fuscas e outras cor de oiro; a cabeça he de vibora, a cauda he muito terrivel, e finaliza em campainha. Ainda que he peregrina na vista porque resplandece de noite como fogo; he hospeda na America, onde vive domestica com todos; anda muito devagar, e sempre luz como hum cagalume. Não obstante ser muito mansa, a sua mordedura he mortal, quando he irritada ou perseguida.

Torquata, que no latim se chama Turquata natrix, e pellos circulos, que forma como cadeas, quando anda, ou repta sobre a terra, tem nella tambem o nome de Torques. Tambem no latim se chama Nerophis, serpens niger Carbonarius.

He huma serpente, ou cobra muito gorda, ou mui grossa, mas vaisse atenuando mais para a cauda; tem o lombo negro, e entre algumas cor de lodo, e verde negro, tem humas linhas ou riscas totalmente pretas.

Nasce nos prados, vargens, ou lizirias; costuma andar nas agoas dos xarcos, e lagoas, e assistir nos estercos; o seu manjar commum são ratazanas, ratoens, ratos, ratinhos; he muito amiga de leite de vacas, e lhe chupa todo até lhe tirar o sangue.

Quando dormem os homens, ou os animais, entra-

lhe muito subtilmente pella boca dentro; porem com o cheiro, ou vapor do leite, que se beba, sahe ella logo para fóra; aos que ella apanha descuidados, ou dormindo entra tambem pella boca, e os incita logo a cantar.

Tarantula, que no latim se chama Phalangium, ou Stellio, he huma cobra na aparencia de lagarto.

Tem este nome, porque toda ella he matizada de malhas brancas, que paressem estrellas, que muda todos os annos. Debaixo de tão luzido engano tem ella em si o mais refinado, e mais esquipatico veneno, he de si tão maligno, que sendo a sua pelle medicinal para a epilepsia, como quem sabe este remedio até devora a sua mesma pelle, para não ficar esse seu remedio na terra.

A sua mordedura cauza estupores, fraqueza de nervos, e tremores de corpo. Sustenta-se de orvalho do ceo, e das aranhas da terra.

Para se evitar o seu veneno, dizem os naturalistas, o melhor, e mais suave remedio he cantar-lhe, e tanger lhe huma flauta, ou huma cithara, porque gosta muito de muzica.

Vive ordinariamente nos buracos das pedras, e das penhas, e quando o sol está mais intenso na Apulia, sahe das tocas, e quando morde e envenena, inquieta a todos de tal sorte, e com tal esquipação rara da natureza, que a huns faz cantar, e a outros bailar, e a outros chorar,e a muitos até endoidecer, ou atarantar, nome que no nosso portuguez se diriva da palavra, e nome da tarantula; cauza estupores, e fas apodresser os nervos até matar.

Vibora, ou vipera e vivipera, que assim se chama no latim porque como dizem os naturalistas Vipera, quia Vipárii out quod semper vivum pariat faetum, commummente he como uma cobra do tamanho de hum

covado; tem a sua cor flava, como cor de oiro matizada com muitas pintas, a que he mais maligna tem cabeça muito pequena, e aguda, o pescoço mais grosso, mas o corpo mais tenue, e mais comprida no corpo.

A femea he mais agil, ou ligeira, tem o pescoço mais estendido, e a cauda mais pequena. São muitas as diversas partes, onde se achão, como na Italia, Hespanha, India, Chypre, Chio, Malta, até que São Paulo foi á dita Ilha, e vendo-se rodeado de tantas, as converteo todas em pedras,c ujas linguas assim enpedernidas são milagrozas e celebres em toda a Europa por contra veneno espifico para os venenos; e ha tambem muitas no nosso reino de Portugal, e especialmente na provincia da Beira.

Habitam ordinariamente nas penhas e lugares montuozos, nas agoas e nas arvores, que chamamos choupos, e alemos, e sahindo dellas se escondem nos penhascos, pedras, e seixos; comem todas as ervas, escaravelhos, bufoens, scorpioens e os filhos das pegas; he tambem a vibora muito amiga de leite, e vinho, que he o seu regalo.

Tem algumas virtûdes, mas muitas malignidades; a sua mordedura he tão maligna, ou nociva, que cauza flatos, folucos, convulsoens, tumores no corpo, e fazem chagas similhantes a queimaduras, cauzão sedes e fluxos de sangue pellas gingivas, inflamaçoens do baço e figado, provoca a vomitos, cauza vertigens, tremor dos nervos, e retençãc de ourinas, dores neufriticas e colicas, fas purificar, e avivar mais a vista, restituhir a prezença de menor idade, e maior gentileza e formozura.

Estas são as mais conhecidas species de animais reptis, e venenozos, que Deos Senhor criou para credito da sua Omnipotencia, e formozura do mundo, serpentes, ou cobras, que nelle andão, ou reptão sobre

a terra; sendo muitas mais as varias species, que criou o mesmo Deos, cujas produçoens aparessem continuamente na terra, e em humas mais, do que em outras, e porisso não ha tão exacta noticia dellas, nem dellas tratão os naturalistas, porque, ou se ignorão as suas species diversas, e diversos nomes, ou porque em huns reinos, provincias, ou terras tem diversos nomes, que não sabem todos.

Segundo as especies mencionadas, e referidas nenhuma dellas era aquella grande cobra, que se achou dentro desta nao da companhia de Macao, e se criou dentro em huma pipa de agoa; porque paresse quis a milagroza Senhora de Penha de França, e assim o premetio o mesmo Deos, que ella fosse em tudo; e por tudo prodigioza, para ser maior, e mais publico o prodigio de tão soberana Senhora, e tão milagroza imagem.

Para noticia delle exporei brevemente o successo milagrozo, e prodigiozo cazo: Navegava do porto de Macao para este porto de Lisboa a nao S. Pedro, e S. João, e como já não era tempo opportuno da sua navegação, porque era fóra da monção a sua viagem; tão preciza e necessaria circumstancia para viagem tão grande; logo ao sahir do porto de Macao a impulsos da sua grande devoção, e maior fé no auxilio e favor de N. Senhora de Penha de França persuadio o capitão da dita nao, que vindo a ella a salvamento, e trazendo felis viagem, todos os seus navegantes verião agradecer á mesma Senhora o seu felis arribo, e publicar com uma grandioza festa o seu beneficio; para o que todos lhe fizerão publicamente hum voto, e promessa solemne, e de lhe trazerem por sinal da sua felis viagem a mesma nao na reprezentação de hum pequeno navio; que de facto trouxerão em huma devota procissão cantando o rozario da Senhora no

dia 27 de outubro deste prezente anno; e per, publico sinal do prodigio da Senhora, muitos dias esteve exposto a todo o povo, que concorreo a vello, e admirar a sua galantaria, custo e perfeição na igreja da mesma Senhora, despois se collocou, e está pendurado como triumpho publico da mesma imagem na caza anterior á sachristia do mesmo convento.

Não pareceo acazo, mas novo prodigio da milagroza Senhora de Penha de França, que estando o tempo havia muitos dias muito tempestuozo com muitos ventos, e cupiozas chuvas, e amanhecendo o dia da sua custoza festa, ou grandioza acção de graças dos mesmos navegantes devotos, e agradecidos á Senhora, muito mais medonho e carrancudo até as nove horas da manhã, prometendo, e com ella a universal, e espessa nevoa, que cobria a terra, e que se desfes em muita agoa, que todo o dia seria hum universal diluvio, que não só impediria assistir á festa da Senhora toda esta corte, que desejosa, e devota a tão milagroza imagem desejava, que a seu templo fosse toda esta corte, e ainda muito maior o seu exceço para entrarem nelle, e louvarem a Senhora, e prezenciarem o publico louvor dos seus devotos; mas nem elles poderião vir e assistir a ella pella grande distancia das suas cazas, á caza Sanctuario, Templo, e Convento da mesma Senhora, nem os mesmos muzicos, que sendo os mais distinctos, e os melhores da corte poderião concorrer a cantar os seus applauzos, quazi como milagrozo acazo, ou cazo prodigiozo; logo que sahio a procissão por seus devotos cantando á Senhora o seu agradavel rozario, trazendo nella o seu prodigiozo navio na companhia dos seus devotos da companhia de Macao, que dezejavão por maior devoção, e fineza virem por bacho de agoa do Ceo, pois tambem escaparão por mercê da mesma Senhora não ficarem to-

dos debacho da agoa do mar, serenou o tempo logo de tal sorte, e com tão prodigiozo acazo, e misteriozo sucesso, que nunca mais choveo no dito dia, até que nelle ao sol posto finalizou a festa e se pos no seu sacrario o melhor e verdadeiro sol do Sacramento, que exposto todo o dia no throno real da sua Penha, onde luzio sempre na companhia singular, e poderoza mão da melhor aurora da Senhora, a quem o mesmo Santo Agostinho Aguia da Penha da Senhora, e Dono tambem da sua caza chamou Penha da melhor aurora, e aurora da mais prodigioza penha, quando a admiração dos anjos do ceo, vendo nelle a Senhora dizião assim na sua admiravel assumpção, e nascimento prodigiozo: «Que est ista, que progreditur,» quasi aurora confurgens, disse o mesmo santo na terra: «Quasi aurora in Rupe.»

Foi tanta a gente, que concorreo nesse grande dia da Penha a sua igreja, e a sua festa, que receando-se haver nesse dia hum diluvio de agoa em Lisboa apareceo na Penha hum diluvio de gente; e a não haver a acertada providencia no convento em pedir ao illustrissimo e excellentissimo Senhor Marquez de Marialva Governador das Armas vinte e quatro soldados de cavallos para evitar algumas desordens de semelhantes concursos, não se farião todas as funçoens plauziveis da festa sem algum cazo infausto.

Até na capella mór para atemorizar a muita gente, e impedir, pois nem todos, os que entravão na egreja, podião hir á capella mór, e ver, ou admirar a linda fabrica, e singular estructura do naviozinho de Macao, estavão a vista do Senhor dos exercitos, e na sua prezença, muitos soldados, com aquella exacta singularidade, ou exação, com que os soldados da terra estão publicamente nas suas guardas, e sentinelas no corpo da guarda, quanto mais na guarda, e sentinela

diante do Corpo de Deos, ou do Corpo de Christo Sacramentado.

A Tribuna do mesmo Senhor, e da Senhora estava toda riquissimamente ou primorozamente armada; a igreja toda, com aquella mesma magnificencia, ou culto magnifico, com que no mesmo templo se fas, e se tributa, á mesma milagroza Senhora, o seu celebrado, e aparatozo triduo.

Para maior solemnidade, e declamação continua do seu prodigio houve sermão de manhã, e de tarde nas singulares circunstancias, e sucessos prodigiozos de toda a navegação felis, e misteriozo cazo, ou acazo raro da prodigioza cobra.

Sahida a nao S. Pedro, e S. João do porto de Macao com voto, e promessa de tão plauzivel festa á Senhora; quiz ella logo mostrar aos seus devotos navegantes, que só ella como verdadeira estrella do Norte, e Senhora do mar, que essa he a ethimologia do soberano nome de Maria: «Maria, idest, Domina maris; interpetratur stella maris;» especialmente a Senhora com o titulo prodigiozo da Penha, singular patrona dos navegantes deste reino, qual aquella singular de que lá falla o poeta Statio, que estando no meio das agoas, e com universal imperio no mar, não só não teme as suas furias, e tempestades do ar, mas com o seu poder, e patrocinio, ou grande força domina as ondas, sucega os mares, nelles ninguem teme, mas o mesmo mar a teme a ella; assim o disse o poeta fallando ao prophano, e o podem dizer todos os navegantes falando ao Divino.

Ceu fluctibus obvia Rupes
Cui neque de coelo metus, & fracta oequora cedunt
Stat cunctis immota minis, timet ipse rigentem
Pontus, &c. Hic mole teuet, se
Robore sic proprio grand stat imperium.

Este soberano imperio de tão Magestoza Senhora, e grande poder de tão prodigioza Penha, experimentarão duas vezes na sua viagem os seus devotos navegantes de Macao, tendo nella duas horrendas, ou horrorozas tempestades, onde destituhidos de todo o remedio humano, pois quazi sempre hindo já a nao a pique, e dando á costa, o Divino amparo da Senhora de Penha de França, a que só recorrião, e em quem só confiavão, os livrou de todo o perigo. Foi o primeiro vendo-se quazi dar a costa em huma ilha desconhecida habitada de homens silvestres, ou humanas feras, a que chamamos papagentes, e se chamão negros bravos, onde serião lastimozo despojo das suas vidas, e deliciozo manjar do seu depravado gosto.

Foi o segundo aportarem por instantes a outra terra dezerta de homens, e só habitada de feras, onde a escaparem de serem sustento dos peixes do mar, não escapavão por instantes a serem pasto dos bichos da terra, das serpentes, e das cobras.

Estes foram os dois prodigios, que experimentarão no mar, e de que os livrou a Senhora na dilatada navegação de oito mezes a hida, e de perto de outros oito na vinda.

Para ella se prepararão de novo as pipas, e se encherão de agoa, para elemento da sua viagem.

Na agoada, que fizeram no porto de Macao cazualmente, como só assim se pode conjecturar, entrou na dita pipa huma então pequena cobra, a qual criando-se mais, e crescendo nella chegou ao comprimento de quatorze palmos, tendo de grossura mais de hum de circunferencia, cabeça comprida, a cauda farpada, ou dividida em duas pontas; a sua cor fusca com malhas amarelas, e por algumas partes verdenegra. Este famozo, e horrorozo bicho se foi criando na dita pipa, e depois augmentando-se na mesma nao.

Ao principio da viagem, e quando hia tirar agoa da pipa, para se fazer o sustento aos navegantes, e para elles beberem, lá deu fé della um rapaz da mesma nao, ou hum gurumete pequeno, pois como elle referio ao capitão do navio, sentia movimento de algum bicho, quando tirava agoa da pipa, e pello suspiro da mesma pipa lá vio de algum modo que era bicho grande.

Paresseu incrivel o cazo, ou o dito do rapaz, pois de ditos de rapazes, e ainda de muitos homens se não deve fazer cazo algum, e não se acreditou pellos passageiros da nao aquelle dito, paressendo incrivel a afirmação do rapaz.

Beberão todos da agoa da pipa, ou da agoa da cobra, ou da cobra de agoa, e quando esta se acabou, sahio, mas sem ninguem a ver pella portinhola da pipa a mesma cobra, e metendo-se no convés da nao lá se escondeo, e nunca deu sinal de si com o seu sibilo, ou cam o seu assubio.

Chegou ao porto desta cidade a nao no dia 12 de Setembro, e passados muitos dias, quando se descarregou a nao apareceo a cobra.

Foi grande então o medo dos navegantes, vendo na sua companhia um hospede, ou tal bicho, que não só o não quererião vello, e muito menos trazello comsigo; e acreditarão então com a experiencia, e com a vista a sincera afirmação do rapaz inocente.

A cobra se mostrou tambem inocente com todos, pois não fez, nem cauzou mal a ninguem.

Pertenderão matalla com espadas, tiros, e paos, e finalmente lançando-lhe huns arpeos da mesma nao, e pegando nella a ferirão, sangrarão, e assim morreo, e veio finalizar nas mãos dos rapazes de Lisboa, que são piores, que as cobras; porque a lançarão na praia,

e tomando logo posse della os rapazes a arrastarão, e trouxeram como em procissão pelas ruas, e praças desta cidade com grande admiração de todos, que atribuhiráo a produção, inocencia, vida, e morte da mesma cobra a prodigio singular de N. Senhora de Penha de França para dar nesta horrivel cobra, huma tambem horrenda companheira ao seu horrorozo lagarto.

Sobre estes bichos deu Deos Senhor nosso poder aos seus Santos, quando lhes disse por S. Lucas:

«Ecce dedi vobis potestatem calcandi supra serpentes, e scorpiones, e super omnem virtutem inimici, e nihil vobis nocebit;» e por S. Marcos tambem lhe deu poder sobre as cobras, e serpentes, para não nos fazer mal o seu veneno quando o beberem, os homens, e quando lhes disse. «Serpentes tollent, e si morti ferum, quid biberint non eis nocebit;» mas muito mais singular, e primeiro, que a ninguem o deu á Senhora, logo primeira figura da Senhora de Penha, quando fallando o mesmo Deos com a primeira cobra, ou serpente, que criou, lhe disse logo: «inimicitias ponam inter te, & mulierem, tu insidiaberis calcaneo ejus, ipsa conteret caput tuum;» seja tudo para maior gloria de Deos, e da milagroza imagem da Senhora de Penha de França de Lisboa.

FIM

FIM DA HISTORIA TRAGICO MARITIMA

INDEX

Tratado das batalhas e successos do galeão Santiago com os olandezes na ilha de Santa Elena, no anno de 1602, e da nau Chagas com os inglezes entre as ilhas dos Açores, vol. 7.º, pag. 5.

Memoravel relação da perda da nau Conceição que os turcos queimaram á vista da barra de Lisboa, etc. vol. 8.º, pag. 5.

Tratado do successo que teve a nau S. João Baptista, vol. 9.º, pag. 5.

Relação da viagem e suceesso que teve a nau Capitania Nossa Senhora do Bom Despacho, no anno de 1630, vol. 9.º, pag. 97.

Naufragio da nau Nossa Senhora de Belem, na terra do Natal, no Cabo da Boa Esperança, no anno de 1633, vol. 10.º, pag. 5.

Relação do naufragio das naus Sacramento e Nossa Senhora da Atalaya, no Cabo da Boa Esperança, no anno de 1647, vol. 10.º, pag. 75.

Relação da viagem do galeão S. Lourenço e sua perdição nos baixos de Moxincale em 3 de Setembro de 1649, vol. 10.º, pag. 159.

Relação do successo do patacho Nossa Senhora da Candelaria, no anno de 1693, vol. 11.º, pag. 5.

Naufragio Carmelitano, no anno de 1749, vol. 11.º, pag. 17.

Relação da infeliz viagem na nau Nossa Senhora da Ajuda e S. Pedro d'Alcautara, no anno de 1778, vol. 11.º, pag. 37.

Naufragio do vapor Porto, no anno de 1852, vol. 12.º, pag. 5.

Naufragio do brigue Mondego, no anno de 1860, vol. 12.º, pag. 23.

Relação da prodigiosa navegação da nau S. Pedro e S. João, vol. 12.º, pag. 39.